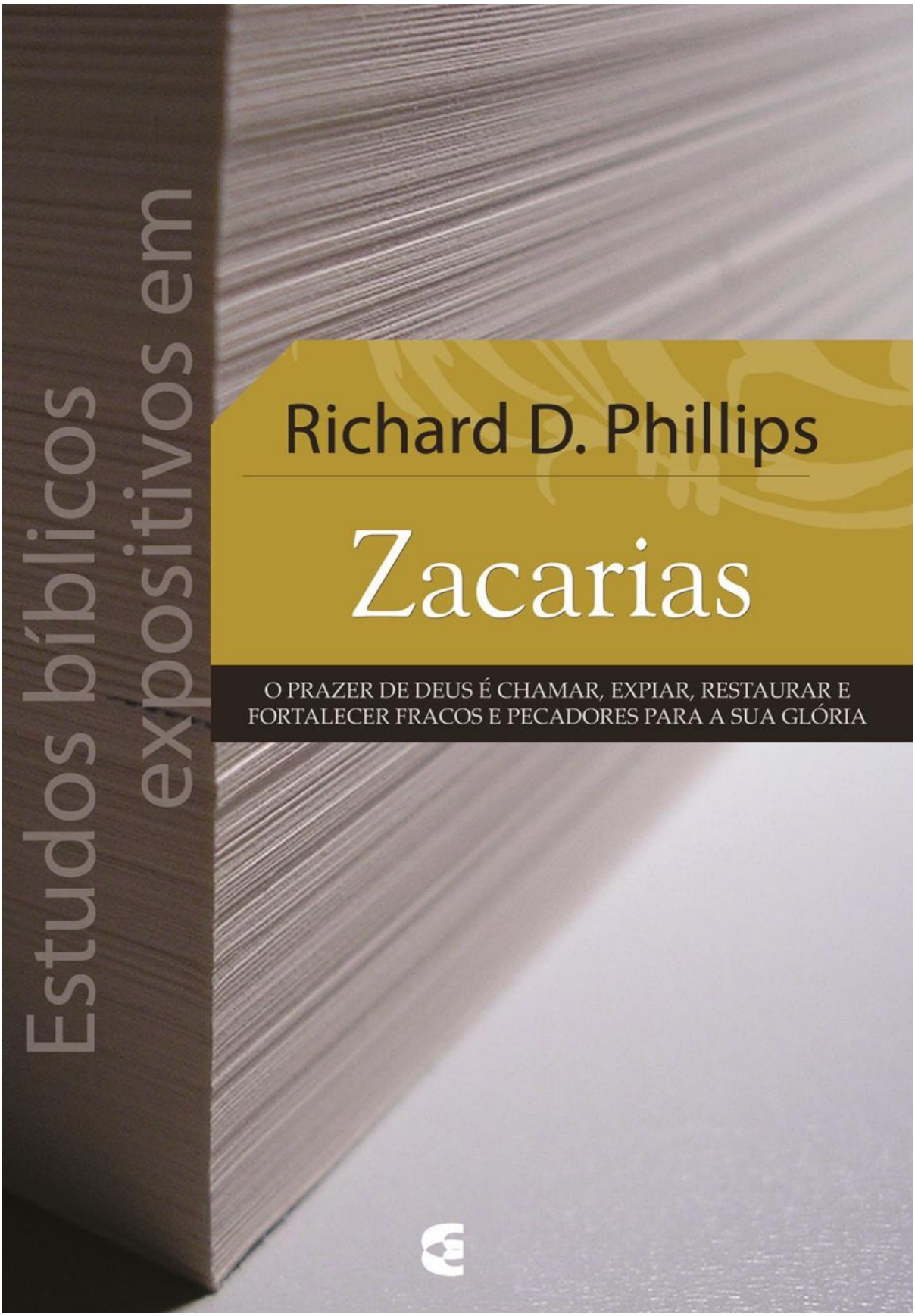
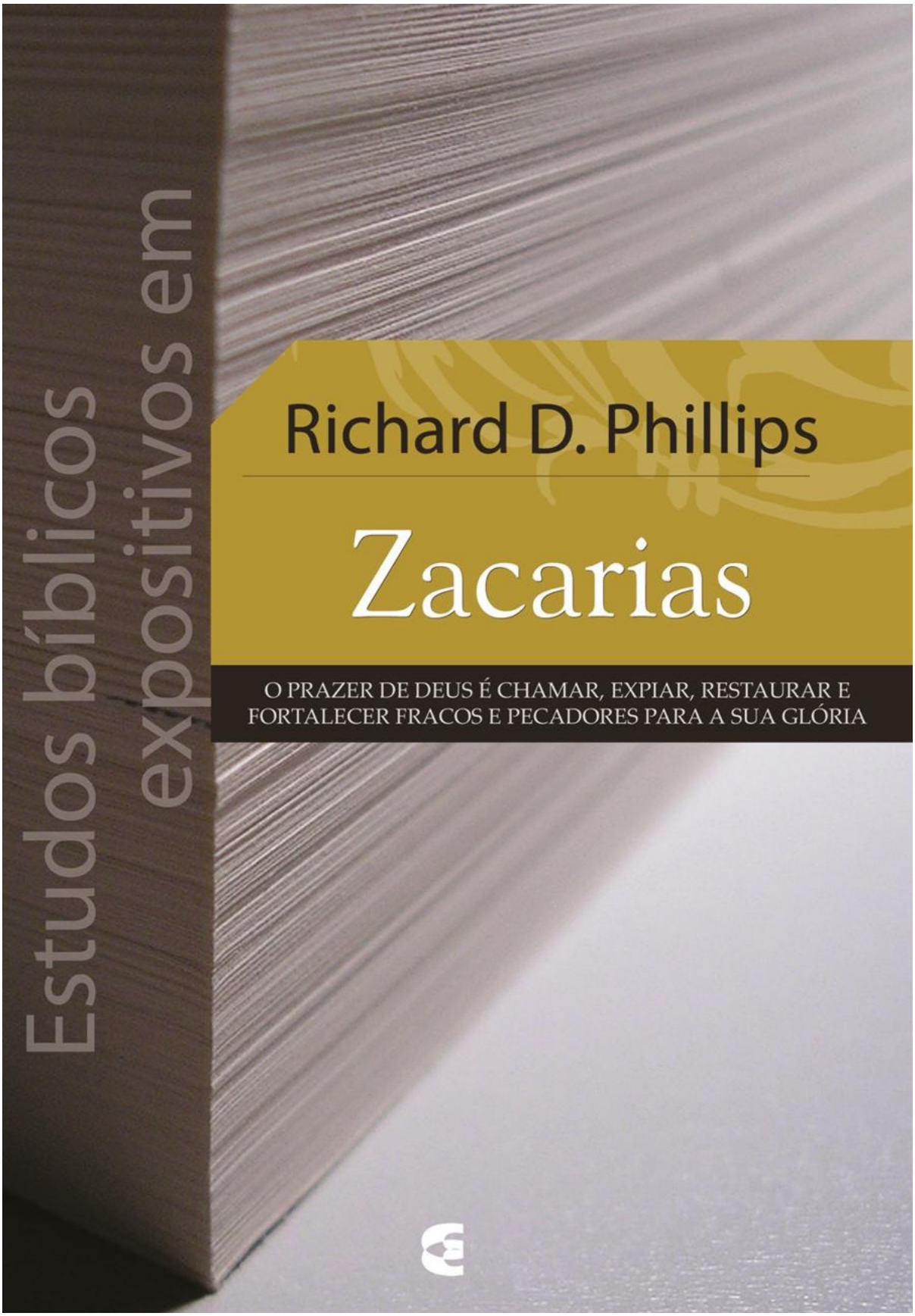
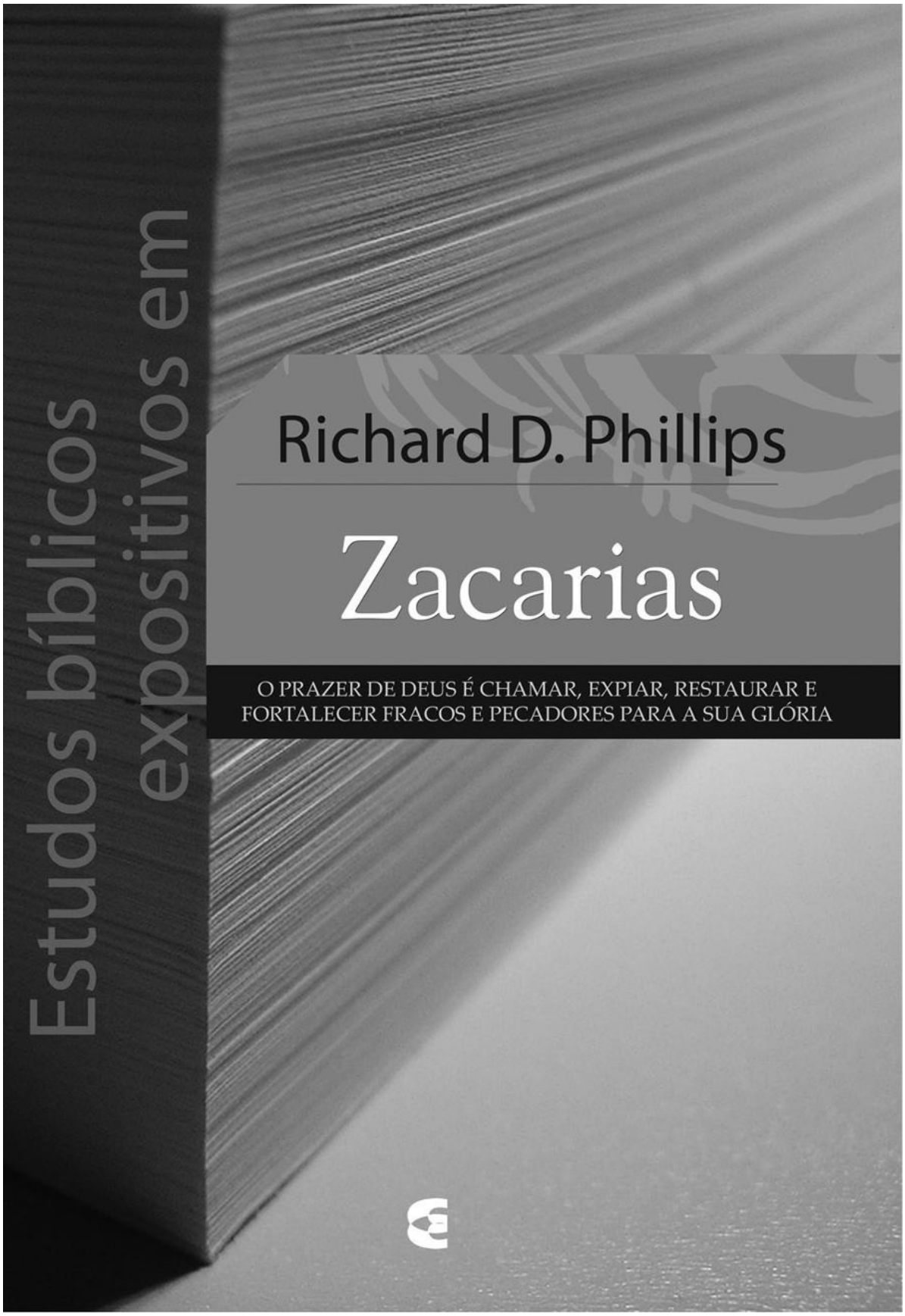

Estudos bíblicos expositivos em
Richard D. Phillips
Zacarias
O PRAZER DE DEUS É CHAMAR, EXPIAR, RESTAURAR E FORTALECER FRACOS E PECADORES PARA A SUA GLÓRIA


Estudos bíblicos expositivos em
Richard D. Phillips
Zacarias
O PRAZER DE DEUS É CHAMAR, EXPIAR, RESTAURAR E FORTALECER FRACOS E PECADORES PARA A SUA GLÓRIA


Estudos bíblicos expositivos em
Richard D. Phillips
Zacarias
O PRAZER DE DEUS É CHAMAR, EXPIAR, RESTAURAR E FORTALECER FRACOS E PECADORES PARA A SUA GLÓRIA

Estudos bíblicos expositivos em Zacarias, de Richard D. Phillips © 2017 Editora Cultura Cristã. Título em inglês Zechariah de Richard D. Phillips. Copyright © 2007 by Richard D. Phillips. Publicado por P&R Publishing Company, P.O. Box 817, Phillipsburg, New Jersey 08865–0817. Todos os direitos são reservados.

Conselho Editorial Antônio Coine Cláudio Marra (Presidente) Heber Carlos

P558e Phillips, Richard D. Estudos bíblicos expositivos em Zacarias / F

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus "símbolos de fé", que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a Confissão de Fé de Westminster e seus catecismos, o Maior e o Breve. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.




EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

SUMÁRIO

Prefácio

Parte 1: As oito visões da noite

1. Tornai-vos para mim

2. Os Cavaleiros do Senhor

3. Eu me tornarei para vós

4. A cidade sem muros

5. As duas cidades

6. As novas vestes do pecador

7. Um servo, um renovo, uma pedra

8. O candelabro de ouro

9. O dia dos humildes começos

10. As duas oliveiras

11. O rolo voante

12. Os quatro carros

13. O sacerdote entronizado

Parte 2: A delegação de Betel

14. O verdadeiro jejum

15. Uma promessa de bênção

16. Do jejum à festa

Parte 3: Os oráculos de Zacarias

17. A sentença do Senhor

18. Eis, o vosso rei

19. O bom pastor

20. O segundo êxodo

21. Duas varas quebradas

22. Força no Senhor

23. Pranto por aquele que foi traspassado

24. Uma fonte de purificação

25. O pastor ferido

26. O Senhor reinará

27. Santo ao Senhor

A

Sinclair B. Ferguson, Richard B. Gaffin, Jr.,William S. Barker, William Edgar e os meus outros mestres de ministério eclesiástico e pastoral do Westminster Theological Seminary, Filadélfia, com gratidão por seu zelo pela verdade, reverência pela Palavra de Deus e amor por Cristo.

E ao Senhor Jesus Cristo, "O Renovo... [que] edificará o templo do SENHOR" (Zc 6.12).

PREFÁCIO

Comecei a me entusiasmar por estudar e ensinar Zacarias por causa da estreita ligação entre o contexto pós-exílico de Israel e a situação dos cristãos no mundo pós-moderno. Em ambos os contextos, olhamos para trás em busca de um legado que foi ao mesmo tempo glorioso e tragicamente desolador. Temos plenas razões para reconhecer a fidelidade e o poder de Deus, bem como as preocupações com o mundanismo e as fraquezas do povo de Deus. Muitos de nós passamos por isso individualmente. O que pensamos de nossas vitórias e fracassos? Como nos achegamos a Deus e encaramos o futuro com confiança, ao mesmo tempo em que confiamos nele e nos mantemos realistas a respeito de nós mesmos? Para os fiéis da época de Zacarias e da atualidade, Deus chama por meio de sua graça: "Tornai-vos para mim ... e eu me tornarei para vós outros" (Zc 1.3).

As pessoas a quem Deus enviou Zacarias como profeta não são geralmente consideradas heroínas da Bíblia. Este livro não apresenta o vigor de um homem como Moisés, ou a fidelidade de um Josué, ou até mesmo o coração de um rei como Davi. Zacarias não relata nenhuma batalha famosa em que o povo de Deus derrota seus inimigos e conquista a sua Terra Prometida. Pelo contrário, Zacarias apresenta um povo cuja reputação foi humilhada pelo pecado e cuja aliança com Deus foi quebrada – uma realidade plenamente ilustrada pelas ruínas de Jerusalém com seu templo destruído, para onde eles voltaram. É por isso que a mensagem de Zacarias é tão importante para a atualidade. As pessoas que decepcionaram a Deus – pessoas rodeadas não pelas cenas de progresso espiritual, mas, antes, assediadas pelo colapso espiritual – têm um livro na Bíblia para elas? Naturalmente, a Bíblia é destinada a todos. Mas as pessoas que desejam começar de novo seu relacionamento com Deus e uma geração que se pergunta se a chama de uma época remota pode ser reacendida encontram no livro de Zacarias uma mensagem particularmente relevante às suas necessidades.

Na verdade, embora este livro reivindique poucos heróis épicos, os fiéis da época de Zacarias eram muito parecidos com os grandes líderes anteriores da Bíblia. Eles eram como Moisés, quando se ajoelhou diante da sarça ardente, duvidando de sua capacidade de servir como redentor de Israel. Como Josué, quando seguiu os passos de Moisés, eles precisavam do encorajamento de uma ordem divina. Como o rei Davi, foi por amor a Deus que eles foram levados a

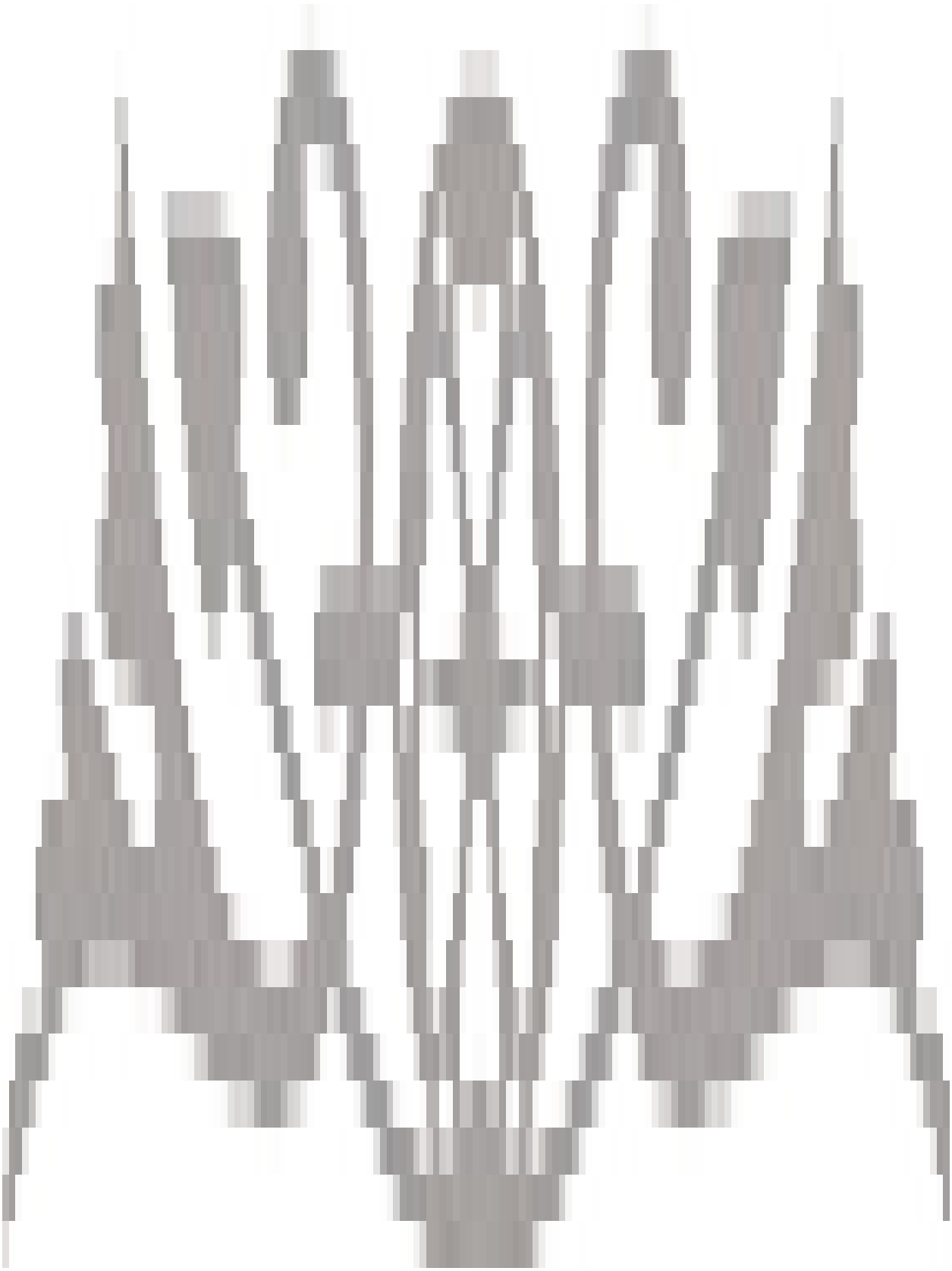
enfrentar diversas dificuldades. Suas lutas de fé foram em tudo tão importantes quanto as conquistas dos heróis anteriores. A cidade destruída que eles se esforçavam para reconstruir era tão amada de Deus quanto Jerusalém sempre foi. E o templo que eles reconstruíram, embora não fosse exteriormente tão majestoso quanto o original da época de Salomão, serviria da mesma forma para trazer as pessoas à presença de Deus para a adoração. A realidade é que Deus sempre usa o fracasso para realizar o seu propósito: o seu gracioso prazer é chamar, expiar, restaurar e fortalecer os fracos e os pecadores para a sua própria glória. Isso é verdadeiro porque o herói de Zacarias não é outro senão Jesus Cristo, cuja figura preenche essa profecia com profundidade e vitalidade incomparável a qualquer passagem do Antigo Testamento.

Esta é uma mensagem que todos nós precisamos ouvir: pela graça de Deus em Cristo, o papel que ele nos designou não é menos importante do que as maiores obras já realizadas por santos escolhidos de Deus. Como aconteceu com a geração de Zacarias, Deus levantará nossas cabeças com uma nova visão de sua antiga mensagem: “Não por força, nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR” (Zc 4.6). Que Deus abençoe com renovada esperança na sua graça e com força para o trabalho que ele confiou a cada um de nós e a todos que lerem estes estudos.

Estas mensagens foram primeiramente pregadas nos cultos vespertinos da Décima Igreja Presbiteriana em Filadélfia, de novembro de 2000 a julho de 2001, e novamente como uma série na Primeira Igreja Presbiteriana de Coral Springs/Margate, Flórida, em 2005 e 2006. Agradeço a estas maravilhosas igrejas, com gratidão especial aos seus respectivos conselhos pelo tempo que me concederam para dedicação ao estudo e preparação. Também sou grato a Philip Ryken e Iain Duguid, cujo trabalho editorial melhorou consideravelmente a qualidade desta obra. Este comentário é dedicado ao corpo docente e administrativo do Seminário Teológico Westminster na Filadélfia, com gratidão pelos inestimáveis anos de estudo ali e pela influência que esta grande instituição tem exercido ao longo da vida no meu ministério.

Além disso, eu louvo a Deus pelo ministério dedicado de minha querida esposa, Sharon, não apenas pelo seu apoio incansável, mas também pelo prazer que proporciona à minha vida e pela divina alegria de nossos filhos: Hannah, Matthew, Jonathan, Ellie e Lydia. Por fim, dou graças ao Senhor dos Exércitos, cuja graça em Cristo verdadeiramente se renova a cada manhã e a cada geração. A ele seja a glória eternamente.

PARTE 1

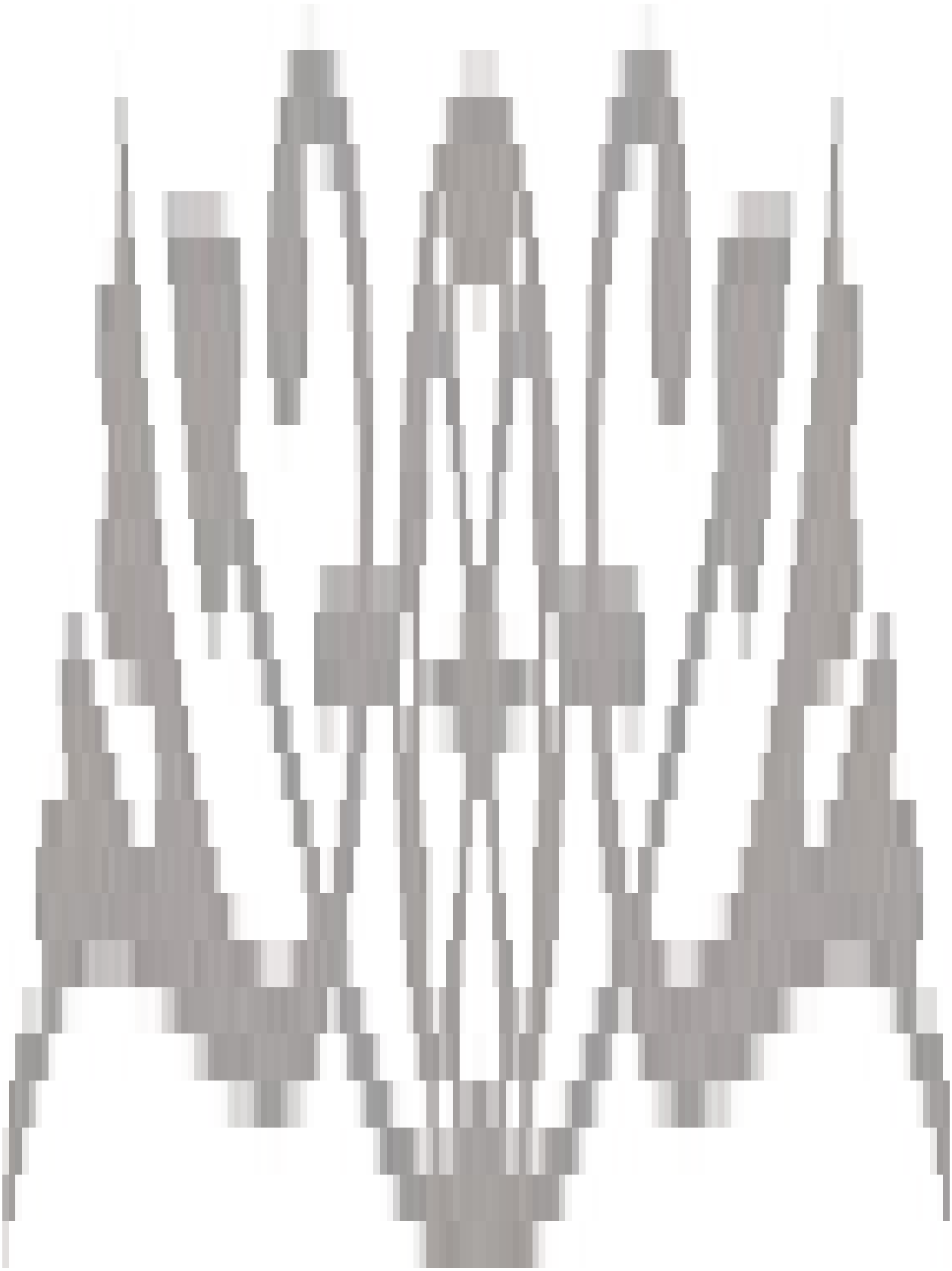


As oito visões da noite

1

TORNAI-VOS PARA MIM

Zacarias 1.1-6



O SENHOR se irou em extremo contra vossos pais. Portanto, dize-lhes: Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Tornai-vos para mim, diz o SENHOR dos Exércitos, e eu me tornarei para vós outros, diz o SENHOR dos Exércitos (Zc 1.2-3).

Uma das grandes perguntas da vida é: “Como vamos recomeçar tudo do zero?” Esta é uma pergunta que todo pecador enfrenta em algum momento da vida. Pessoas com casamentos desfeitos enfrentam a pergunta, assim como pessoas com amizades quebradas e sonhos frustrados. Era uma pergunta que os moradores de Judá faziam na época de Zacarias, o profeta pós-exílico, o qual foi comissionado para pregar em nome de Deus a um povo que procurava recomeçar tudo do zero. O relacionamento do povo com Deus tinha sido quebrado, a aliança tinha sido transgredida. Depois de voltar da opressão da longínqua Babilônia, aquela geração estava se perguntando: “Como podemos recomeçar tudo do zero?”

A passagem inicial deste livro nos mostra como o profeta aborda a questão. Começando com o versículo 2 do capítulo 1, Zacarias aponta as pessoas para o Senhor. Três vezes em dois versículos ele os confronta com o nome “Senhor dos Exércitos”. Para tratar do passado e, portanto, do presente e do futuro, ele diz que as pessoas precisam voltar-se a Deus. Isso sempre foi verdade. O poder de restaurar o que está quebrado, começar de novo o que está acabado e reerguer o que está em ruínas sempre e somente é possível no Senhor. “Como podemos nos corrigir perante Deus, e o que isso significará para nós se o fizermos?” É aí que Zacarias inicia, e esta era a questão que enfrentavam aqueles que retornavam do exílio para recomeçar tudo outra vez com o Senhor.

Abordagens ao estudo de Zacarias

Devemos começar nosso estudo de Zacarias especificando as abordagens que nos possibilitarão interpretar corretamente este livro das Escrituras. Primeiro, vamos abordar Zacarias historicamente. Sempre devemos levar em conta a perspectiva histórica em nosso estudo das Escrituras, uma vez que os livros da

Bíblia foram dados por Deus por meio de homens reais no contexto de verdadeiras circunstâncias e realidades. Consequentemente, nosso estudo de Zacarias aumentará nosso conhecimento da história do Antigo Testamento. Vamos nos familiarizar com importantes figuras desconhecidas de muitos cristãos: Sesbazar, príncipe de Judá; Zorobabel, filho de Salatiel, da dinastia de Davi e ancestral de nosso Senhor Jesus; o sumo sacerdote Josué, da linhagem de Zadoque; assim como Zacarias e seu companheiro de profecias, Ageu.

Segundo, vamos tratar do livro na perspectiva doutrinária. Apesar de este livro, assim como todo livro das Escrituras, chegar a nós a partir de um contexto histórico, ele também faz parte de toda a Bíblia dada por Deus para nossa instrução com vistas à salvação. O livro de Zacarias apresenta diante de nós muitas verdades maravilhosas, doutrinas de fé que se encontravam em um estágio particular de desenvolvimento no progresso da obra redentora de Deus. Desejamos inventariar seu ensino tanto à luz de como foi apresentado naquela época quanto como diversos assuntos seriam, em última instância, reunidos no cânon total das Escrituras.

Terceiro – e, particularmente, referente ao livro de Zacarias – abordaremos este material na perspectiva cristológica. Mostraremos a linha de pensamento que conduz a Jesus Cristo, o Messias aguardado no Antigo Testamento e o Salvador que cumpre suas promessas e responde suas perguntas. Os indicadores que apontam para Cristo em Zacarias são tão frequentes e dramáticos que o livro pode ser intitulado O Evangelho segundo Zacarias. Frequentemente se diz que, no Antigo Testamento, o evangelho está oculto e, no Novo Testamento, revelado. Quando chegamos ao livro de Zacarias, Cristo dificilmente está oculto, pelo contrário, está muitas vezes ostensivamente revelado aos olhos daqueles capacitados pelas revelações posteriores do Novo Testamento.

Quarto, abordaremos o livro na perspectiva prática, objetivando aplicar sua mensagem ao nosso próprio contexto e vida a fim de extrair seu pleno benefício. Apesar de estarmos separados pelo tempo e pelas circunstâncias do profeta e sua geração, as questões de fé e fidelidade não se alteraram. Tudo o que Deus revela neste livro para os indivíduos e para a nação de Israel como um todo se aplica aos cristãos e à igreja contemporânea.

O contexto histórico de Zacarias

Primeiro, é importante levar em conta o contexto histórico de onde se origina este livro das Escrituras. Um bom ponto de partida é o ano de 586 a.C., quando o conquistador babilônico Nabucodonosor subjugou e destruiu a capital israelita, Jerusalém. Este foi um acontecimento prognosticado há muito tempo pelos escritos proféticos, mais especificamente pelo profeta Jeremias, cujo título de "profeta que chora" lhe foi atribuído devido à sua participação nesses terríveis acontecimentos. No início de sua profecia, Jeremias explica tudo o que haveria de se suceder, e por quê:

Disse-me o SENHOR: Do Norte se derramará o mal sobre todos os habitantes da terra. Pois eis que convoco todas as tribos dos reinos do Norte, diz o SENHOR; e virão, e cada reino porá o seu trono à entrada das portas de Jerusalém e contra todos os seus muros em redor e contra todas as cidades de Judá. Pronunciarei contra os moradores destas as minhas sentenças, por causa de toda a malícia deles; pois me deixaram a mim, e queimaram incenso a deuses estranhos, e adoraram as obras das suas próprias mãos (Jr 1.14-16).

Apesar de repetidas advertências, de um profeta e outro, o dia finalmente chegou quando o Senhor executou juízo contra seu povo por seus pecados, particularmente o pecado da idolatria, ao qual estavam tão afeitos. No fim, a situação se cumpriu conforme anunciara o livro inconformado das Lamentações de Jeremias: "Como jaz solitária a cidade outrora populosa!... o SENHOR a afligiu, por causa da multidão das suas prevaricações; os seus filhinhos tiveram de ir para o exílio, na frente do adversário" (Lm 1.1, 5).

Jerusalém jazia em ruínas, desolada, muros destruídos e as edificações queimadas. Foi assim que se encerrou um estágio importante da história do povo de Deus, uma história que começou brilhantemente com o êxodo, avançou majestosamente sob o rei Davi, mas foi levada à ruína pelos pecados de seu obstinado povo. Apesar de sua posição como povo de Deus, apesar da presença de Deus em seu meio, apesar das instituições da teocracia, do templo e do palácio real e apesar do santo monte Sião, onde Israel adorava a Deus, nem mesmo os israelitas foram poupados do julgamento por seus pecados. A queda de Jerusalém permanece como testemunho perpétuo da insensata presunção e das consequências do pecado.

Os israelitas foram ao exílio para prantear às margens dos rios da Babilônia enquanto a Terra Prometida era ocupada por outros povos (Sl 137.1). Contudo, Deus prometeu conceder graça a seu povo em meio às suas tristezas. Por intermédio de Jeremias, ele disse:

Assim diz o SENHOR: Logo que se cumprirem para a Babilônia setenta anos, atentarei para vós outros e cumprirei para convosco a minha boa palavra, tornando a trazer-vos para este lugar. Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o SENHOR; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que desejais. Então, me invocareis, passareis a orar a mim, e eu vos ouvirei. Buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração. Serei achado de vós, diz o SENHOR, e farei mudar a vossa sorte; congregar-vos-ei de todas as nações e de todos os lugares para onde vos lancei, diz o SENHOR, e tornarei a trazer-vos ao lugar donde vos mandei para o exílio (Jr 29.10-14).[1]

Outras profecias de esperança encontram-se nos últimos capítulos de Isaías, escritos cerca de duzentos anos antes. As predições de Isaías foram tão específicas que ele até cita o nome do governante que restauraria a sorte de Israel: “Eu, na minha justiça, suscitei a Ciro e todos os seus caminhos endireitarei; ele edificará a minha cidade e libertará os meus exilados” (Is 45.13).

Os críticos das Escrituras usam essa profecia para argumentar que os últimos capítulos de Isaías são do período pós-exílico, pressupondo que é praticamente impossível haver prenúncios como este. Mas o propósito manifesto de Deus foi dar confiança ao seu povo em um tempo em que muitos duvidavam de sua capacidade de salvar. Quando essa predição específica se cumpriu, foi uma prova surpreendente da soberania de Deus. “Eu sou Deus”, ele insiste, “e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade” (Is 46.9-10).

Ciro, o Grande, foi o imperador medo-persa que conquistou a Babilônia e ordenou que os israelitas retornassem à sua terra (veja Ed 1.1-4). Consequentemente, em 538 a.C., 48 anos após a queda de Jerusalém, Sesbazar

recebeu de Ciro os utensílios do templo e comandou o retorno do primeiro grupo de exilados de volta às ruínas de Jerusalém. Foi um episódio de memorável importância e muito dramático.

Sesbazar, filho de Joaquim, o último legítimo rei de Judá antes e durante o exílio, já estava muito idoso nessa época. Não há muita informação sobre ele nas Escrituras, exceto que ele foi bem-sucedido em lançar os alicerces para a reconstrução do templo no monte Sião (Ed 5.16).

O segundo capítulo de Esdras, que, juntamente com Neemias, é o principal registro histórico desse período, nos diz que o primeiro grupo que retornou a Jerusalém era formado de 42.360 israelitas. Apesar de Ciro ter designado Sesbazar para estar no comando, parece claro que desde o início o líder em ação era o jovem e supostamente mais hábil Zorobabel, filho de Salatiel, irmão mais velho de Sesbazar, juntamente com Josué, o sumo sacerdote. Esses dois representavam as linhagens real e sacerdotal que remontavam a Davi e Zadoque, seu fiel sacerdote.

Um dos indivíduos em meio a essa multidão era Zacarias, que provavelmente era bem jovem ou menino na época do retorno do exílio. No versículo 1 ele é identificado como filho de Baraquias e neto de Ido. No registro de Neemias 12, Zacarias está relacionado como chefe da casa de Ido, por isso, muitos comentários sugerem, logicamente, que o pai de Zacarias deve ter morrido ainda jovem, deixando-o como herdeiro principal da casa de Ido. Zacarias era de família de sacerdotes, algo que tinha em comum com os profetas Jeremias e Ezequiel.

O Novo Testamento acrescenta mais um detalhe à informação biográfica relacionada à morte de Zacarias. Em Mateus 23, quando Jesus proferia seus ais contra os fariseus e contra Jerusalém, ele relembra o histórico do povo de matar profetas. “Para que sobre vós” ele clama, “recaia todo o sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre o santuário e o altar” (v. 35). Os críticos consideram isso um erro na Bíblia, uma vez que 2Crônicas 24.20-22 registra a morte de outro Zacarias morto no pátio do templo, muito tempo antes deste profeta. Supõe-se que não houvesse dois profetas diferentes com o mesmo nome (ainda que Zacarias seja um nome muito comum nas Escrituras), de modo que Jesus tivesse se confundido. Em vez de pressupor a falibilidade de Jesus, é melhor aceitar sua palavra e concluir que este Zacarias, o profeta pós-exílico,

perdeu sua vida pelas mãos do povo no próprio templo em favor do qual Deus o usou de forma magnífica para ver concluído. Como tal, ele foi o último profeta assassinado no Antigo Testamento, uma sucessão iniciada fora do jardim do Éden com o assassinato de Abel por seu irmão Caim.

Dezesseis anos se passaram desde o primeiro retorno de Israel para o lançamento dos alicerces do templo em 536 a.C. e o início do ministério de Zacarias. Sua profecia, conforme nos é informado, começa “No oitavo mês do segundo ano de Dario” (1.1) – isto é, no ano 520 a.C. Dario foi um general que tomou o trono persa depois de uma conspiração que resultou no suposto suicídio de Cambises, filho e sucessor de Ciro, que havia se ausentado, empenhado em sua conquista do Egito. A essa altura, uma comunidade desanimada com a restauração em Jerusalém já se afundava espiritual e materialmente. Um autor diz:

Se os exilados que retornaram esperavam a manifestação do reinado universal de Yahweh, com os judeus e gentios afluindo a Jerusalém, suas esperanças desfaleceram. Os judeus não deixaram os centros populacionais da [Babilônia] em grandes números, e a interferência dos antigos habitantes da terra frustravam os esforços de reconstrução, causando a paralisação da construção do templo.[2]

Dois meses antes que Zacarias recebesse a primeira visão da parte de Deus, o profeta Ageu quebrou o silêncio e convocou o povo a agir: “Subi ao monte”, ele disse, “trazei madeira e edificai a casa; dela me agradarei e serei glorificado, diz o SENHOR” (Ag 1.8). Enquanto Ageu enfatizava a necessidade de as pessoas virem construir o templo do Senhor, Deus veio a Zacarias e o orientou à reconstrução do povo e sua fé.

Voltai para mim

As primeiras declarações de Zacarias ressaltam um tema doutrinário importante em todo o livro: arrependimento. Zacarias explica a situação: “O SENHOR se irou em extremo contra vossos pais. Portanto, dize-lhes: Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Tornai-vos para mim, diz o SENHOR dos Exércitos, e eu me

tornarei para vós outros, diz o SENHOR dos Exércitos” (Zc 1.2-3). Somos lembrados aqui do ensino do Senhor Jesus quando começou a proclamar o evangelho, 500 anos depois do profeta: “Arrependei-vos”, Jesus pregava, “porque está próximo o reino dos céus” (Mt 4.17).

A partir desta passagem, é possível destacar pelo menos quatro aspectos sobre o arrependimento. O primeiro é a necessidade do arrependimento. Essa necessidade é estabelecida pelo fato de que Deus julga todo pecado. O problema dos ancestrais dos israelitas é que eles duvidavam do juízo de Deus e, portanto, negavam a necessidade de seu arrependimento. Uma vez que eles eram o povo escolhido de Deus e uma vez que possuíam instituições divinamente estabelecidas, como o templo, eles achavam que Deus nunca os castigaria. É por isso que desprezavam e muitas vezes perseguiam os profetas que Deus lhes enviava. A queda de Jerusalém e o cativeiro babilônio foram a resposta dada por Deus à obstinação do povo em resistir ao arrependimento. A geração de Zacarias perguntava: “Como podemos recomeçar, uma vez que nosso relacionamento com Deus está manchado pelo pecado?” Esta é uma pergunta que muitos fazem hoje. A resposta é começar com arrependimento.

Zacarias exigia de sua própria geração a necessidade de arrependimento, recordando a recente história de sua nação. Ele advertiu: “Não sejais como vossos pais, a quem clamavam os primeiros profetas, dizendo: Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Convertei-vos, agora, dos vossos maus caminhos e das vossas más obras; mas não ouviram, nem me atenderam, diz o SENHOR” (Zc 1.4). Em seguida, ele levantou perguntas-chaves a fim de ressaltar seu argumento: “Vossos pais, onde estão eles? E os profetas, acaso, vivem para sempre?” (Zc 1.5). A resposta era óbvia para quem estava diante das ruínas de uma cidade outrora magnífica. Seus antepassados foram levados à escravidão e exílio, e até mesmo os profetas já não existiam. Finalmente, Zacarias concluiu com a realidade da palavra profética de Deus: “Contudo, as minhas palavras e os meus estatutos, que eu prescrevi aos profetas, meus servos, não alcançaram a vossos pais?” (Zc 1.6).

Apesar de esses acontecimentos estarem no passado, a Palavra do Senhor prevaleceu e se manifestou no presente. Como Isaías havia declarado, “toda a carne é erva... seca-se a erva, e cai a sua flor, mas a palavra de nosso Deus permanece eternamente” (Is 40.6-8). Se há algo que nunca se perderia era a Palavra de Deus, e Zacarias a estava proclamando para essa nova geração. O nome de Zacarias significa “o Senhor se lembra”; de um lado, Deus lembra-se de

seu povo, mas, do outro, ele se lembra de suas palavras e decretos, os quais precisam sempre ser levados em conta, tanto naquela época quanto agora.

O versículo 1 diz: “Veio a palavra do SENHOR ao profeta Zacarias”. Se há uma única mensagem que caracterizava a missão profética – apenas uma “palavra do Senhor” – é esse chamado ao arrependimento. Apesar de os profetas da antiguidade não estarem mais vivos, Deus levantou um novo profeta para realizar a mesma tarefa e comunicar a mesma mensagem. Os antepassados descobriram isso no exílio, quando já era tarde demais, arrependendo-se e dizendo: “Como o SENHOR dos Exércitos fez tenção de nos tratar, segundo os nossos caminhos e segundo as nossas obras, assim ele nos fez” (Zc 1.6). Daniel 9 contém uma clara expressão de oração de arrependimento de, pelo menos, alguns dos exilados, na qual o profeta no exílio explica essas mesmas palavras. O desejo de arrependimento, dele e de outros, deixou aquela geração posterior de seus descendentes sem desculpas para se negarem a fazer o mesmo.

Se a primeira lição consiste da necessidade do arrependimento, a segunda diz respeito à definição de arrependimento. Arrependimento implica tanto deixar o pecado quanto voltar-se a Deus. Deus tinha dito a gerações anteriores: “Convertei-vos, agora, dos vossos maus caminhos” (Zc 1.4). Isso não é nada diferente do que se requer hoje. O arrependimento implica abandono do pecado, tanto do caminho ao pecado quanto das obras do pecado. O arrependimento diz respeito tanto às nossas ações quanto às nossas atitudes. Temos a tendência de pensar que nos arrependemos se apenas moderamos ligeiramente nosso comportamento, mas o arrependimento envolve nosso coração e desejos, como Zacarias explica: “Convertei-vos, agora, dos vossos maus caminhos”. Além de abandonar o pecado, somos chamados a voltar-nos a Deus. Zacarias 1.3 expressa claramente: “Tornai-vos para mim, diz o SENHOR dos Exércitos, e eu me tornarei para vós outros, diz o SENHOR dos Exércitos”.

Esses dois elementos são inseparáveis – abandonar o pecado e voltar-se para Deus. De um lado, não podemos voltar para Deus sem abandonar o pecado, que ele odeia; do outro, até que voltemos para Deus, simplesmente não temos forças para vencer o pecado que nos escraviza. Somente a sua luz pode lançar fora as trevas em nós.

As palavras de Zacarias são particularmente impressionantes à luz do público específico a quem ele se dirigia. Essas eram as pessoas que tinham retornado à terra. A maioria de seus compatriotas tinha permanecido confortavelmente

instalada na Babilônia, onde os judeus tinham se tornado prósperos. Contudo, como a profecia de Ageu deixa claro, o coração dos que retornaram não estava totalmente dedicado ao Senhor. Eles tinham caminhado de volta pela longa jornada até a cidade de Deus, contudo, não chegaram até o próprio Deus. Em parte devido à oposição dos inimigos ao redor e, em parte, devido às suas próprias indiferenças, a comunidade da restauração tinha perdido interesse na reconstrução do templo de Deus. T. V. Moore descreve a situação anterior a Zacarias nos seguintes termos:

Ele tinha testemunhado o crescimento daquele desejo egoísta de seus próprios interesses particulares e o desprezo pelos interesses da religião, que era tão lamentavelmente uma característica desse período ... Agora, uma vez que o templo representava o grande sinal da religião revelada, a indiferença para com o templo era sintoma inegável de apostasia e declínio espiritual.[3]

“Voltai para mim!”, diz o Senhor, e esta é a ordenança que nós também precisamos observar. Não basta nos denominarmos cristãos e frequentarmos os lugares onde Deus é adorado e cultuado. Precisamos, de fato, adorá-lo e servi-lo de coração. “Voltai para mim” foi o que Deus disse a esse povo que já havia chegado à cidade, porém, seus corações haviam se esfriado em relação a ele. “Voltai para mim e eu voltarei para vós outros”. Esta é a regra permanente da vida e bênção espiritual.

Isso nos leva ao terceiro aspecto do arrependimento: Deus graciosamente acolhe todos os que se voltam a ele. “Eu voltarei para vós outros”, ele promete. Quão abençoadoras essas palavras devem ter soado para os filhos de uma geração idólatra, filhos de uma geração adúltera a quem Deus poderia muito bem ter repudiado definitivamente! Contudo, esta é a graça que sempre caracteriza o coração de nosso Deus Redentor. Mesmo antes do exílio, ele tinha dado inúmeras oportunidades para o povo se arrepender, convidando-o a voltar-se a ele com fé:

Vai, pois, e apregoa estas palavras para o lado do Norte e dize: Volta, ó pérfida Israel, diz o SENHOR, e não farei cair a minha ira sobre ti, porque eu sou

compassivo, diz o SENHOR, e não manterei para sempre a minha ira. Tão somente reconhece a tua iniquidade, reconhece que transgrediste contra o SENHOR, teu Deus, e te prostituíste com os estranhos debaixo de toda árvore frondosa e não deste ouvidos à minha voz, diz o SENHOR (Jr 3.12-13).

Este é o grande incentivo ao arrependimento, a saber, que não importa quão graves sejam nosso pecado e nosso afastamento, Deus está pronto para receber aqueles que vêm a ele mediante arrependimento e fé. Este é o evangelho segundo Zacarias, a boa-nova de grande alegria de que Deus receberá alegremente aqueles que se voltem a ele em arrependimento e fé.

Jesus ensinou esta parábola do filho pródigo. O filho pródigo tomou sua parte das posses do pai, as quais desperdiçou com sua vida promíscua, até se ver em apuro desesperador. Desesperado, mas tomado de juízo, resolveu voltar ao seu pai, suplicando por misericórdia. Mas Jesus disse:

Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou, e, compadecido dele, correndo, o abraçou, e beijou. E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho. O pai, porém, disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa, vesti-o, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés; trazei também e matai o novilho cevado. Comamos e regozijemo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado. E começaram a regozijar-se (Lc 15.20-24).

Este é o nosso Deus; por que alguém haveria de rejeitar seu bondoso amor?

Isto nos leva ao quarto e último aspecto sobre o arrependimento: é somente por meio do sangue de Jesus Cristo que Deus perdoa aqueles que se arrependem. Mencionamos que nossa abordagem ao livro de Zacarias é cristológica, e este é o caso de como os primeiros versículos apontam para Cristo. O chamado de Deus ao arrependimento estava diretamente relacionado à reedificação do templo. Há uma razão para isso, pois era no templo que os sacrifícios de sangue eram oferecidos a fim de tratar o problema do pecado. Deus é Deus santo; por isso ele sempre condena o pecado. Portanto, Deus não podia aceitar aqueles pecadores a

não ser que houvesse expiação em favor deles. Na época de Zacarias, exigia-se que o sangue de cordeiros fosse derramado no mesmo templo que eles estavam reconstruindo, mas, por fim, foi preciso Jesus Cristo morrer sobre a cruz. Jesus é o verdadeiro cordeiro de Deus, e foi o seu sangue que foi derramado para remissão do nosso pecado. O teólogo J. I. Packer explica: “Entre nós, pecadores, e a ameaça da ira divina está a cruz do Senhor Jesus. Se pertencemos a Cristo mediante a fé, então somos justificados por meio de sua cruz, e a ira não nos atingirá mais, nem no presente nem na vida futura. Jesus ‘livra-nos da ira vindoura’ (1Ts 1.10)”.[4]

Portanto, quando nos arrependemos, precisamos vir por meio da fé em Jesus Cristo e em seu sangue, o qual transforma a ira justa de Deus em alegre aceitação e amor. Uma vez que Jesus foi morto sobre a cruz por nós, Deus nos reveste de sua justiça e se alegra em nos acolher com braços abertos em abundante graça à medida que retornamos em fé penitente.

Um apelo urgente

Nossa abordagem a Zacarias é histórica, doutrinária, cristológica e também prática. Portanto, precisamos aplicar essas palavras à nossa própria situação: “Tornai-vos para mim, diz o SENHOR dos Exércitos, eu me tornarei a vós outros” (Zc 1.3).

A geração anterior de israelitas pensava que Deus não os julgaria por seus pecados; as ruínas de sua cidade serviam de testemunhas eloquentes de sua insensatez. Nossa geração também amontoa ruínas por causa de sua insensatez, mesmo dentro da igreja. “Não vos enganeis”, Paulo escreve, “de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna” (Gl 6.7-8).

Se você é cristão, mas se afastou por causa do pecado e de declínio espiritual, lembre-se da lição da história que Zacarias expôs à sua geração. O seu pecado não trará bênção, mas ruína, por mais encantador que seja aos seus ouvidos o som de seu engano. Se persistir no pecado, você, no mínimo, trará sobre si mesmo o castigo de Deus, e, pior ainda, provará que nunca creu verdadeiramente e, no fim, colherá a destruição que agora está semeando com a semente do

pecado. Na verdade, esse convite de Deus manifesta a graça a todo cristão, todos os dias – afastados ou não! Nos altos e baixos de nossa vida espiritual, quão maravilhoso é ver Deus de braços abertos encorajando contínuo arrependimento e confiança!

Se você não é cristão, essas palavras se destinam especialmente a você. Se Deus odeia tanto o pecado a ponto de castigar seu próprio povo, o que você acha que acontecerá com você? Se Deus permitiu que seu povo escolhido, Israel – a nação eleita por seu próprio amor e propósito – fosse derrotado, levado acorrentado e visse sua cidade e templo ser reduzidos a ruínas, qual será o seu destino se resolver permanecer em rebeldia, você que não tem direito de reivindicar a sua afeição? A lição é clara: Você precisa se arrepender imediatamente, abandonar o pecado e voltar-se a esse Deus da graça que oferece a todos a salvação por meio do sangue do Salvador Jesus Cristo. Se você se arrepender e voltar-se a ele com fé, seus pecados serão perdoados imediatamente e você terá a vida eterna.

“Voltai para mim”, diz nosso Deus, “e eu voltarei a vós outros”. “Volte-se a mim” ele propõe, “Volte!”. Aqueles que se converterem encontrarão Deus pronto a perdoar por meio de Jesus Cristo, pronto a restaurar e pronto a abençoar no profundo de sua graça abundante. Não importa como você tem vivido ou o que você tem passado, ao voltar-se a Deus você poderá verdadeiramente começar de novo, porque Deus se voltará a você.

1 Essa profecia foi cumprida mais claramente quando o templo foi reconstruído, em 515 a.C., setenta anos depois de os exilados chegarem à Babilônia. Foi somente então que o retorno foi plenamente cumprido.

2 McComiskey, Thomas E. The Minor Prophets: An Exegetical and Expository Commentary. Vol. 3. Grand Rapids: Baker, 1998, p. 1004.

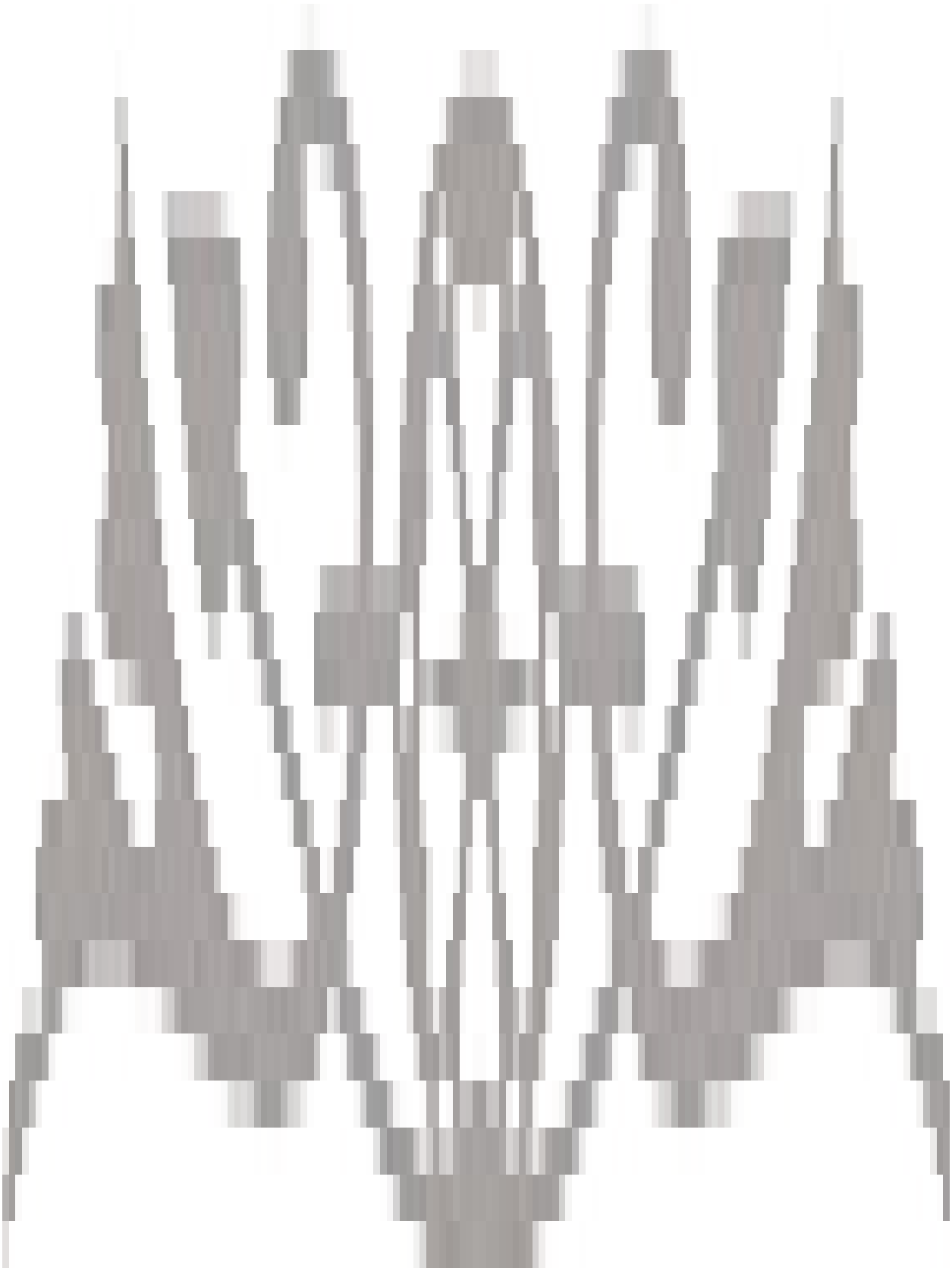
3 Moore, T.V. Haggai, Zechariah, & Malachi. Edimburgo: Banner of Truth, 1979, p. 118-119.

4 Packer, J. I. Knowing God. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1978, p. 141.

2

OS CAVALEIROS DO SENHOR

Zacarias 1.7-17



Tive de noite uma visão, e eis um homem montado num cavalo vermelho; estava parado entre as murteiras que havia num vale profundo; atrás dele se achavam cavalos vermelhos, baios e brancos. Então, perguntei: meu senhor, quem são estes? Respondeu-me o anjo que falava comigo: Eu te mostrarei quem são eles (Zc 1.8-9).

Na conhecida história de Charles Dickens, A Christmas Carol [Um conto de Natal], Ebenezer Scrooge recebe a visita de espíritos do Natal Passado, do Natal Presente e do Natal Futuro. Essas visões transformam a vida de Scrooge; ele deixa de ser o herói da trapaça e se torna a referência de caridade e alegria.

O livro de Zacarias nos conta sobre uma noite que nem mesmo Dickens poderia imaginar, na qual o profeta recebeu não três, mas oito visões, não visitas fantasiosas de espíritos, mas revelações reais do Deus dos céus. Veio uma após a outra, todas numa mesma inquietante noite, e o registro dessas visitações forma os primeiros seis capítulos deste livro. Como aconteceu com Scrooge, aquela noite de visões transformou para sempre a vida de Zacarias. Ele se tornou um profeta, e um mensageiro de boas-novas ao povo.

A primeira visão de Zacarias

A propósito deste assunto, convém esclarecer algo sobre visões. Normalmente imaginamos o profeta recebendo palavras do Senhor, porém não era raro eles terem também visões. Desde os primórdios da história de Israel, lemos a respeito de "videntes" que eram tão importantes na tradição profética quanto os "ouvintes" (2Rs 17.13). Na verdade, são poucos os profetas que não contaram visões que receberam do Senhor, e todos os profetas maiores – Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel – relatam grande quantidade de revelação a partir de visões. Burke Long diz: "O profeta não é só um mensageiro de Yahweh, o qual transmite a mensagem que recebeu, mas ele também relata o que viu, o que lhe foi revelado em um estado extraordinário da consciência".[1]

Normalmente, um profeta era confrontado por uma visão extraordinária – ou por

um objeto fixo ou por uma cena dramática se desdobrando diante dele. Em geral, a visão exigia alguma forma de interpretação, normalmente por um guia angelical. Às vezes, havia diálogo em meio à visão; algumas vezes, ocorria uma série de perguntas e respostas entre o anjo e o profeta. A primeira visão de Zacarias é um caso destes. Long a classificou como uma “palavra-visão dramática”, isto é, uma ação dramática na região celestial contendo seu próprio diálogo e que fornece o sentido da visão.[2]

As visões estão intimamente associadas à literatura apocalíptica. A apocalíptica é um gênero caracterizado por figuras impressionantes (às vezes bizarras), e um extremo dualismo entre o bem e o mal. A obra mais famosa é o livro de Apocalipse, também conhecido por Revelação. Visões apocalípticas apresentam uma perspectiva celestial dos acontecimentos terrenos e revelam a soberania de Deus a um povo oprimido. O contraste entre a palavra profética e a visão apocalíptica pode ser generalizado nestes termos: enquanto a palavra profética convida um povo pecador ao arrependimento, as visões apocalípticas convidam um povo oprimido à esperança e à fé. Deus enviou sua palavra profética para afligir os acomodados, mas deu visões de esperança para consolar os aflitos. As visões de Zacarias são semelhantes às do livro de Apocalipse, as quais foram entregues para mostrar a vitória de Cristo à enfraquecida e perseguida igreja primitiva.

Na noite do vigésimo quarto dia do décimo primeiro mês, Zacarias teve sua primeira visão: “Tive de noite uma visão, e eis um homem montado num cavalo vermelho; estava parado entre as murteiras que havia num vale profundo; atrás dele se achavam cavalos vermelhos, baios e brancos” (Zc 1.8).

Quatro características compõem esta visão: o homem montado no cavalo, as murteiras, o vale profundo e os cavalos atrás do primeiro cavaleiro. A figura de um cavaleiro é conhecida do leitor do Antigo Testamento. Uma cavalaria é frequentemente usada para mostrar as legiões angelicais do exército celestial de Deus (veja Dt 33.2; 2Rs 6.17; Sl 68.17). Além do mais, cavaleiros são associados a poder e riqueza real. A glória de Salomão foi exibida por seus 1.400 carros e 12 mil cavaleiros (1Rs 10.26).

O que dizer das murteiras? Murteiras são uma espécie de arbustos sempre verdes que crescem bem em Israel. Isaías usa a figura delas para representar a salvação restauradora de Deus. Isaías 55.13 diz: “Em lugar do espinheiro, crescerá o cipreste, e em lugar da sarça crescerá a murta; e será isto glória para o SENHOR

e memorial eterno, que jamais será extinto". Aparentemente, das murtas tiravam-se tipos de ramos usados para armar as tendas para a Festa dos Tabernáculos (Ne 8.15). Por isso, alguns estudiosos consideram que elas simbolizam o povo da aliança, de modo que representam a assembleia do povo de Deus, na qual as figuras angelicais se manifestaram. Outros entendem que as árvores escuras simplesmente oferecem um cenário sombrio para dar um caráter de presságio à visão. O fato de estarem num vale profundo contribui para esse ambiente ominoso. Pelo menos um estudioso, Meredith Kline, vê nessa vala uma representação de poderes mundanos e espirituais hostis.[3]

As cores dos outros cavalos, aparentemente, não representam sentido específico. São vermelhos, baios (um marrom avermelhado como avelã) e brancos. Pode ser que haja uma intenção de criar a impressão de chamas, mantendo a sintonia com a frequente figura bíblica de cavalos divinos de fogo. Ou, talvez, as diferentes cores reflitam uma organização militar dentro da hierarquia angelical, da forma como regimentos modernos se orgulham das distintas cores de suas fardas. Mas o texto hebraico fornece simplesmente uma descrição geral: atrás do cavaleiro do cavalo vermelho estão cavalos vermelhos, baios e brancos.

Ao ver tudo isso, Zacarias manifestou a necessidade de ajuda para compreender a visão. "Então, perguntei: meu senhor, quem são estes? Respondeu-me o anjo que falava comigo: Eu te mostrarei quem são eles" (Zc 1.9).

O relato dos cavaleiros

O significado da visão encontra-se no drama que se desenrola em três atos, cada um dos quais tem algo a nos ensinar. O primeiro é o relatório dos cavaleiros:

> Então, respondeu o homem que estava entre as murteiras e disse: São os que o SENHOR tem enviado para percorrerem a terra. Eles responderam ao anjo do SENHOR, que estava entre as murteiras, e disseram: Nós já percorremos a terra, e eis que toda a terra está, agora, repousada e tranquila (Zc 1.10-11).

Considero esta visão particularmente encantadora. Como jovem oficial do

exército, tive o privilégio de comandar uma unidade de reconhecimento não muito diferente dessa que é retratada nesta visão. Há dois tipos de batalhões de cavalaria: pesado e leve. Hoje, o batalhão pesado é formado de tanques. Sua missão é concentrar o poder de combate a fim de esmagar as forças inimigas. Estas forças não são fundamentalmente diferentes dos batalhões de carros da época de Zacarias, um tipo de batalhão de cavalaria que veremos em visões posteriores. O outro tipo de batalhão de cavalaria é a cavalaria leve, que aparece aqui. Hoje essas unidades são equipadas com armamentos mais leves, cuja missão é se espalhar no campo de batalha – praticamente atrás da linha adversária de combate – para oferecer aos comandantes informações precisas sobre o inimigo.

Desse modo, os cavaleiros apresentam uma imagem vívida da onisciência e onipresença de Deus. A tropa de reconhecimento angelical de Deus "percorre a terra" (Zc 1.10). Eles vão por toda parte, em todas as direções, sem impedimento, representando seu conhecimento exaustivo sobre tudo o que acontece em todos os lugares. Eles chamam a atenção de Zacarias e da inexperiente comunidade de Jerusalém para o fato de que Deus conhece todas as coisas que acontecem na terra e a sua presença é sentida em toda parte.

Mas, além da onisciência, esses cavaleiros retratam a onipresença do Senhor. Até mesmo a mais esquemática história militar mostrará que um comandante cuja cavalaria age livremente por toda a terra tem distinta vantagem. Essa foi a marca peculiar de famosos generais, como Napoleão, Robert E. Lee e Erwin Rommel: eles assumiram controle do campo de operações, com conhecimento de tudo o que acontecia, por causa da superioridade de suas tropas de cavalaria.

O efeito conjunto da onisciência, onipresença e onipotência resulta em absoluta soberania. Muito mais do que qualquer conquistador terreno jamais sonhara, Deus é soberano sobre a terra. Jonathan Edwards diz: "A vontade de Deus é manifestar sua soberania. E sua soberania, como seus demais atributos, se manifesta no exercício dela. Ele glorifica seu poder no exercício do seu poder. Ele glorifica sua misericórdia no exercício de sua misericórdia. Por isso, ele glorifica sua soberania no exercício de sua soberania".[4]

Os cavaleiros representam o exercício e a revelação da soberania de Deus. Isso confronta diretamente uma visão comum a respeito de Deus. Muitas pessoas supõem que Deus está apenas parcialmente interessado nos problemas da terra. Nisto, a vontade do homem assume o poder; o cetro dos líderes repousa nas

mãos dos príncipes terrenos, donos de indústria, e líderes da moda. Nos dias de Zacarias, era o imperador persa que dominava o cenário. Mas o que Deus mostra a Zacarias, ele também mostra a nós. Os reis podem ser poderosos, mas Deus é Todo-Poderoso. As forças de Deus controlam a terra de leste a oeste. Sua soberania se manifesta no controle dos negócios humanos. Os cavaleiros de Deus percorrem a terra como demonstração de seu irrestrito reinado.

Esta não é uma ideia comum hoje – nunca foi – mas a Bíblia afirma isso vigorosamente. O texto de Salmos 47.8 diz: “Deus reina sobre as nações; Deus se assenta no seu santo trono”. Isto é um grande consolo para o povo aflito de Deus. Deus está presente em nossas famílias, nossos lares, no trabalho, na cidade, na nação e entre as nações. Ele vê todas as coisas, de modo que nada está fora do alcance de sua visão. Ele sabe o que está acontecendo com todos os seus filhos e está presente conosco em todo lugar, ainda que não sejamos capazes de reconhecer isso. E onde ele está, ele é soberano, uma verdade que traz esperança para os que choram e força para as mãos trêmulas.

Sempre que vemos anjos nas Escrituras, precisamos nos lembrar do que esta visão revela: a onipresença, onisciência e onipotência soberana de Deus, tudo cooperando para permitir o bondoso cuidado de Deus. Hebreus 1.14 diz: “Não são todos eles [os anjos] espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que hão de herdar a salvação?” Os anjos manifestam o terno cuidado de Deus por sua igreja. João Calvino escreve:

A Escritura toda está repleta de evidências que confirmam que os anjos são guardiões destinados a servir e cuidar dos santos; pois o Senhor, para cujo serviço eles estão sempre prontos, os encarrega; e nisso também vemos o genuíno amor de Deus por nós; pois ele encarrega seus anjos especialmente para o seu propósito, para mostrar que nossa salvação é muitíssimo importante para ele.[5]

As Escrituras não revelam o ministério dos anjos para que nós os adoremos nem para que oremos a eles – ambos os atos são expressamente proibidos na Palavra de Deus (veja Ap 19.10). Antes, nos são mostrados os poderosos anjos de Deus a fim de fortalecer nossa confiança nele. Os anjos incorporam seu cuidado

amoroso e poder celestial. Como deve ter sido confortador a Zacarias ver os anjos de Deus! De igual forma, Deus deseja que saibamos que, mesmo que pareçamos estar sozinhos, Deus está conosco e seus anjos estão cuidando de nós.

A data atribuída por Zacarias a essa visão é significativa. Foi o ano 520 a.C. Dois anos antes, iniciou-se um período turbulento no império persa. Cambises, filho e sucessor de Ciro, o Grande, foi destituído do reinado por uma rebelião, após a qual ele cometeu suicídio. Um de seus oficiais, Dario, reuniu as forças imperiais e derrotou o usurpador, estabelecendo-se como rei. Esse conflito interno durou dois anos, período durante o qual devem ter sido despertadas as esperanças de independência de Jerusalém. Muitos devem ter se lembrado das promessas de Deus sobre a restauração nacional e visto a mão de Deus por trás desses acontecimentos, esperando que o enfraquecimento do poder estrangeiro pudesse abrir caminho para a restauração da independência política. Mas não foi isso o que aconteceu. Em 520 – o ano em que o profeta teve essa visão – tudo estava calmo. Dario mantinha tenazmente seu poder, e a Pérsia se mantinha invencível em seu domínio sobre o antigo Oriente Próximo.

Isso representava um desalento para essa comunidade de restauração, que desejava o retorno da glória anterior. Eles tinham voltado do exílio para resgatar a herança do passado, voltando sua atenção ao templo que pretendiam reconstruir no monte Sião. O fato de perderem interesse nesse projeto mostra o quanto as promessas se tornavam tênues para eles. Neste contexto, o relato do cavaleiro estava longe de ser encorajador: “Nós já percorremos a terra, e eis que toda a terra está, agora, repousada e tranquila” (Zc 1.11). Isso não significa boa notícia para quem esperava um distúrbio de uma força estrangeira e uma oportunidade de se livrar das amarras da dominação.

Portanto, vemos a importância da soberania de Deus. Esta verdade é central à mensagem que Zacarias foi encarregado de proclamar. Vemos essa ênfase nos versículos iniciais do livro, que diz: “Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Tornai-vos para mim, diz o SENHOR dos Exércitos, e eu me tornarei para vós outros, diz o SENHOR dos Exércitos” (Zc 1.3). Já que o hebraico não possui ponto de exclamação, ele usa a repetição para denotar ênfase: Senhor dos Exércitos [...] Senhor dos Exércitos [...] Senhor dos Exércitos”. Essa expressão (heb. Yahweh Sabaoth) é frequentemente traduzida por “Senhor Todo-Poderoso”. A visão nos mostra o sentido da expressão. Ela apresenta os exércitos dos céus, e Yahweh como seu Senhor. Sua bravura e poder retratam a onipotência do Senhor soberano aos olhos de nossa fé.

Zacarias se dirigiu a essa comunidade que tinha se sacrificado tanto para voltar a Jerusalém, porém, ao que parece, recebia muito pouco em retorno. Apesar de terem firme esperança, estavam agora enfraquecidos. Uma geração após o retorno continuava sob o domínio dos reis persas. Eles continuavam na condição de vassalos, dependentes do domínio das grandes potências, por isso perderam o interesse de reconstruir o templo de Deus. Foi a esse tipo de pessoas que o profeta falou sobre o Senhor Todo-Poderoso, o rei soberano cujo cavaleiro percorreu toda a terra. Como afirma Meredith Kline, "essa manifestação pessoal do Senhor da glória em meio ao povo da aliança na terra constituía a realidade principal".[6]

O apelo agoniado do anjo

A segunda cena desse drama está em 1.12, onde ouvimos o apelo agoniado do anjo: "Então, o anjo do SENHOR respondeu: Ó SENHOR dos Exércitos, até quando não terás compaixão de Jerusalém e das cidades de Judá, contra as quais estás indignado faz já setenta anos?" Até mesmo o anjo do Senhor – o cavaleiro do cavalo vermelho que recebeu este relato – ficou espantado com a tranquilidade do mundo em rebeldia contra Deus. Ele pergunta por que Deus permitiu que os opressores de Israel desfrutassem de seu despojo a bel prazer, enquanto retinha a misericórdia de Israel.

O anjo nos ensina muito sobre a visão da Bíblia sobre oração. À primeira vista, pode parecer que ele está irreverentemente acusando Deus. Mas Deus não se opõe: "Respondeu o SENHOR com palavras boas, palavras consoladoras, ao anjo que falava comigo" (Zc 1.13). Não há nenhuma inconsistência com a fé em clamar ardorosamente a Deus. Ele não se ofende quando você derrama suas lágrimas sobre seu peito. Deus convida seu povo a entregar-lhe suas ansiedades, pois ele é afetuoso no cuidado genuíno que tem para com todos os seus filhos.

Observe também que o anjo compõe sua oração com promessas do próprio Deus. Ele sabia que Deus tinha prometido apenas 70 anos de dominação e que o tempo já estava chegando ao fim. Isto é realmente um modelo para nossas orações. Se desejamos orar com eficácia, precisamos conhecer as Escrituras. Temos de conhecer o que Deus prometeu e, então, pedir que ele cumpra o que prometeu. Quando nossa fé se enfraquece e somos tentados, devemos orar para que Deus envie seu Santo Espírito, porque ele prometeu fazê-lo. Quando nos

sentirmos distantes de Deus, lembremo-nos de Tiago 4.8, que praticamente cita Zacarias 1.3: “Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós outros”. Quando estamos enfrentando a morte, suplicamos pela promessa de uma vida futura e a ressurreição do corpo, fortalecendo-nos na promessa de Deus.

Que consolo é saber que os anjos intercedem pelo povo de Deus. E como é ainda mais consolador saber que Deus nos convida a clamar a ele como esse anjo, lembrando-lhe de tudo que ele prometeu realizar. Depois de orar, precisamos esperar no Senhor. Filipenses 4.6-7 diz: “Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o vosso coração e a vossa mente em Cristo Jesus”.

A resposta consoladora de Deus

Nessa visão, tudo começou com o relato dos cavaleiros, seguido do apelo agoniado do anjo. A visão termina com a resposta consoladora vinda do Senhor:

E este me disse: Clama: Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Com grande empenho, estou zelando por Jerusalém e por Sião. E, com grande indignação, estou irado contra as nações que vivem confiantes; porque eu estava um pouco indignado, e elas agravaram o mal. Portanto, assim diz o SENHOR: Voltei-me para Jerusalém com misericórdia; a minha casa nela será edificada, diz o SENHOR dos Exércitos, e o cordel será estendido sobre Jerusalém. Clama outra vez, dizendo: Assim diz o SENHOR dos Exércitos: As minhas cidades ainda transbordarão de bens; o SENHOR ainda consolará a Sião e ainda escolherá a Jerusalém (Zc 1.14-17).

Deus respondeu com uma mensagem de consolo à suplica do anjo por sua graça. Primeiro ele diz: “Com grande empenho, estou zelando por Jerusalém e por Sião” (Zc 1.14). Essa afirmação ressalta o zelo do Senhor por seu povo e sua ira contra as nações que vivem confiantes. É verdade que Deus permitiu que a Babilônia e outras nações oprimissem os judeus, como condenação da idolatria.

Mas as nações se exaltaram. Elas foram cruéis na conquista e dominação, por isso a ira de Deus se volta contra toda impiedade.

O que isso diz sobre suas próprias lutas, quando você olha para o mundo incrédulo e parece que todos estão felizes? As pessoas se entregam ao pecado, zombam de sua piedade e, muitas vezes, o povo de Deus é severamente perseguido por aqueles que ostentam maldade. Como devemos entender isso? “Estou zelando por meu povo”, diz o Senhor, “mas irado contra aqueles que vivem confiantes”. Devemos entender o que o autor do salmo 73 disse em relação à sua frustração sobre a felicidade do ímpio. “Em só refletir para compreender isso, achei mui pesada tarefa para mim”, ele diz, “até que entrei no santuário de Deus e atinei com o fim deles” (Sl 73.16-17). No final, o pecado não terá vitória.

Esta passagem mostra a insensatez de se buscar paz e felicidade longe do relacionamento restaurador de Deus. Calvino estava correto quando disse:

Apesar de as pessoas se acharem felizes, se gabarem e vangloriarem de sua condição, elas estão em um estado ainda pior; pois toda felicidade que não procede da fonte do amor imerecido de Deus é destrutiva; em suma, quando Deus não é nosso Pai, quanto mais abundam todas as formas de bênçãos, mais nos afundamos em todo tipo de miséria.[7]

A abundância vertiginosa da atualidade é um testemunho trágico deste princípio: sem Deus não há bênção. De fato, ninguém em sã consciência diria que nós, nesta sociedade materialista ocidental, somos realmente abençoados hoje, apesar de toda a ímpia felicidade na qual nos deleitamos.

Mas aqueles que desfrutam do favor de Deus são abençoados, mesmo que possuam poucos bens e por maiores que sejam as dificuldades que enfrentam. Deus disse ao seu próprio povo: “Voltei-me para Jerusalém com misericórdia; a minha casa nela será edificada” (Zc 1.16). Deus falou de crescimento, prosperidade e edificação: “O cordel será estendido sobre Jerusalém” (Zc 1.16). Ele fala de abundância que se sucederá de acordo com seu desígnio e como sua própria obra, a qual, portanto, será garantida por ele: “As minhas cidades ainda transbordarão de bens; o SENHOR ainda consolará a Sião e ainda escolherá a

Jerusalém” (Zc 1.17).

Deus conosco

Esta é a mensagem de Deus a Zacarias por meio desta visão. O profeta ouviu o relato dos cavaleiros, o qual atestava a soberania de Deus mesmo que o inimigo estivesse seguro. Zacarias ouviu a oração do anjo, implorando a Deus conforme as suas promessas, depois ouviu palavras de consolo do Senhor. A mensagem pode se resumir ao seguinte: “O Deus soberano está com você, em seu poder, glória e amor, por isso não tema”.

Este episódio representa praticamente a cerimônia de ordenação de Zacarias como profeta do Senhor Todo-Poderoso. O anjo disse: “Proclame esta mensagem”. Esta mensagem haveria de moldar todo o seu ministério. A visão foi o encargo dado a Zacarias com uma mensagem de esperança, boas-novas de grande alegria: “Voltei-me para Jerusalém com misericórdia... As minhas cidades ainda transbordarão de bens” (Zc 1.16-17).

A mensagem de Zacarias comunica que Deus estava com seu povo, para que ele pudesse ter esperança. A palavra hebraica para “Deus conosco” é Emanuel, o mesmo nome dado a Jesus Cristo. O anjo disse a José: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel” (Mt 1.23). Há uma forte razão para entender que o anjo do Senhor em Zacarias 1 é o Senhor Jesus em forma pré-encarnada, uma vez que “o anjo do Senhor” é como normalmente se manifesta a segunda pessoa da Trindade no Antigo Testamento. “Anjo” significa “mensageiro”, e Jesus é o mensageiro absoluto que revela Deus aos homens (veja Jo 8.28-29; Hb 1.2). Ele comanda os exércitos do céu (veja Mt 26.53). Ele intercede por seu povo (veja Jo 17; Hb 7.25), que é o que o anjo do Senhor faz. Isso explica por que Deus responde à oração do anjo com uma promessa de redenção: o anjo que intercedeu era o próprio Redentor a quem Deus enviaria. Paulo escreve: “Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, o qual a si mesmo se deu em resgate por todos” (1Tm 2.5-6). Ele é o “príncipe do exército do Senhor” que Josué encontrou quando precisava de coragem (Js 5.14) e aquele que Isaías viu no alto e sublime trono em tempo de desânimo (Is 6.1; veja Jo 12.41). Este é o mesmo que João viu na visão inicial do livro de Apocalipse, uma visão muito semelhante a estas visões de Zacarias. Essas ligações sugerem convincentemente

que o anjo que se manifestou a Zacarias com esta visão de salvação era o próprio Jesus no seu estado pré-encarnado.

O que Jesus disse a Zacarias ele também diz a todos que confiam nele. Conforme ele disse aos seus discípulos antes de ir assunto ao céu: “E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século” (Mt 28.20). Jesus é Emanuel, Deus conosco. “Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros”, disse ele aos discípulos. “Porque eu vivo, vós também vivereis” (Jo 14.18-19). Charles Spurgeon, por isso, exulta:

Eis um homem cavalgando sobre um cavalo vermelho... Isso é para mostrar a sua rapidez. Ele voa rápido como o vento para defender o seu povo... Cavalgar sobre o cavalo é um símbolo de zelo. Ele vem com todo poder e força, voando com toda velocidade, para que ninguém dentre o seu povo pereça. Ele se mostra forte em favor daquele que o serve e é zeloso por eles com fervoroso zelo... Regozije-se, ó povo de Deus, pois Jesus está entre os seus santos com sua espada presa à cintura.[8]

A vida cristã não é diferente da experiência da peregrinação de Zacarias ocupando as ruínas de Jerusalém. Temos maravilhosas promessas e uma impressionante esperança de salvação – até mesmo de glória. Contudo, nossa situação presente está longe de assemelhar-se à nossa esperança. Então Cristo aparece, montado em um cavalo vermelho. Provavelmente a cor do cavalo não se refere ao sangue que ele derramaria, mas a leitura cristã de Zacarias à luz de toda a Bíblia não pode deixar de considerar essa ideia, pois a intercessão de Cristo a Deus por nós está marcada de vermelho com o seu sangue. Suas mãos e pés feridos rogam orações eficazes por seu povo diante de toda a turbulência da vida. Se Deus recebeu sua oração no tempo de Zacarias – muito antes de Jesus nascer da virgem, cumprir a lei e derramar seu sangue sobre a cruz – quanto mais rápido Deus manifestará seu amor quando convocado pela intercessão de nosso Salvador crucificado, ressurreto e exaltado.

Apesar de parecermos sós, Deus está conosco, pois Cristo intercedeu por nós. É isto que Hebreus 13.5-6 nos diz, a mesma mensagem que Deus dera a Zacarias muito tempo antes: “Porque ele tem dito: De maneira alguma te deixarei, nunca

jamais te abandonarei. Assim afirmemos confiantemente: O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem?”

Você pode dizer isso? Você é capaz de dizer que Deus está com você, que o Senhor é o seu auxílio? Você pode dizer que Jesus Cristo não o abandonará – nesta vida ou na futura? Se você não consegue, então você precisa confiar nele a partir de agora, pois ele é o Salvador todo-suficiente. O seu sangue é tudo o que você precisa para ser redimido. Se você confiou nele, então creia nas palavras que Deus disse ao profeta muito tempo atrás em resposta a Cristo: “Sou zeloso por você. Virei com misericórdia, para edificar, abençoá-lo para que você transborde de bens”.

1 Long, Burke O. “Reports of Visions among the Prophets”. JBL 95/3, 1976, p. 353.

2 Ibid, p. 359.

3 Kline, Meredith G. “The Rider of the Red Horse”. Kerux 5.2, 1990, p. 2-3.

4 Edwards, Jonathan. The Works of Jonathan Edwards. Vol. 2. Peabody, MA: Hendrickson, 1998, p. 850.

5 Calvino, J. The Minor Prophets. Vol. 5. Edimburgo: Banner of Truth, 1986, p. 38.

6 Kline, 1990, p. 4.

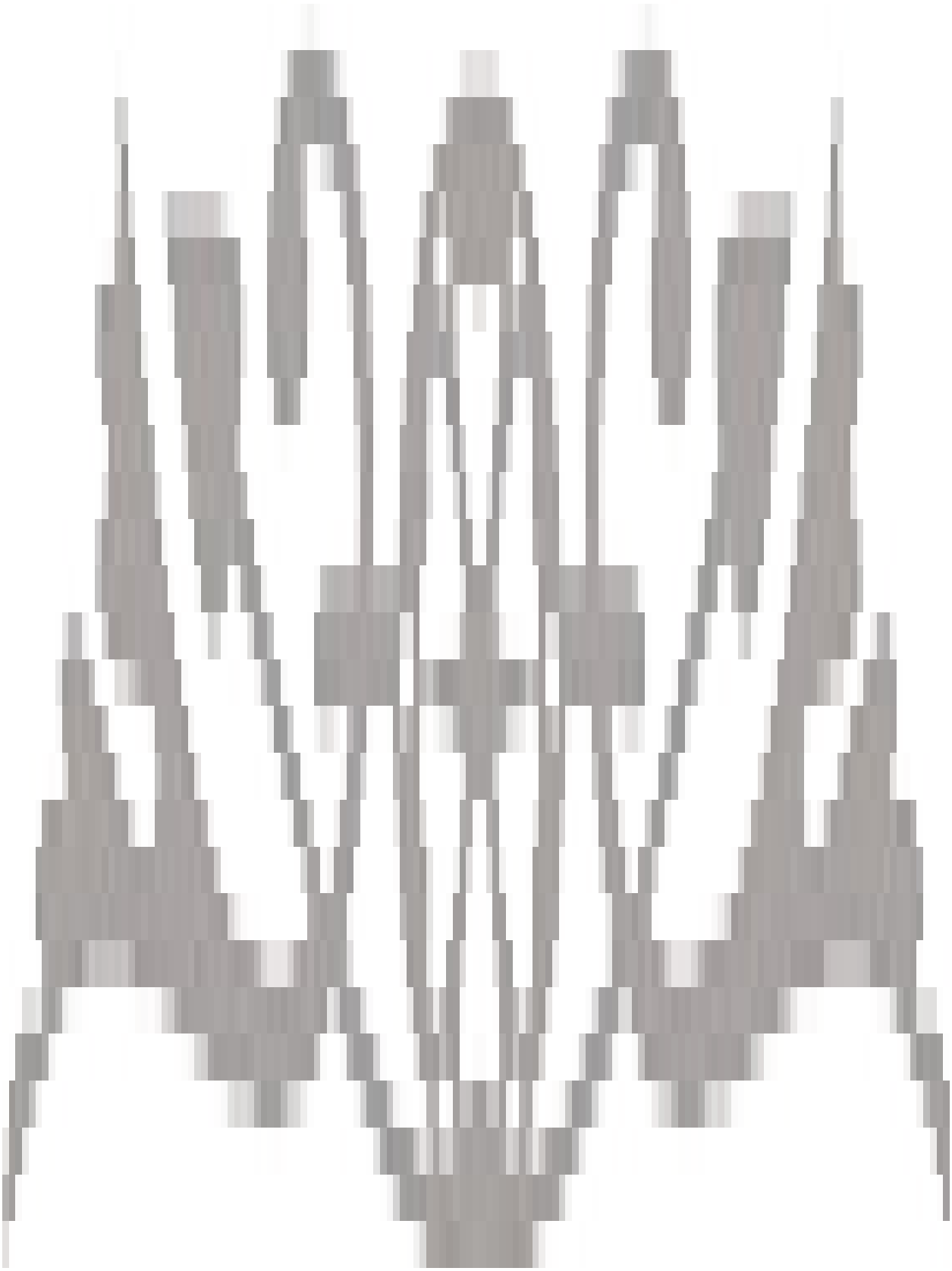
7 Calvino, 1986, p. 46.

8 Spurgeon, Charles Haddon. Metropolitan Tabernacle Pulpit. Vol. 10. Edimburgo: Banner of Truth, 1973, p. 781-783.

3

EU ME TORNAREI PARA VÓS

Zacarias 1.16-21



Portanto, assim diz o SENHOR: Voltei-me para Jerusalém com misericórdia; a minha casa nela será edificada, diz o SENHOR dos Exércitos, e o cordel será estendido sobre Jerusalém (Zc 1.16).

“S e você sente que nunca consegue acertar, está enganado”. Estas palavras estavam em um outdoor da diocese local da Igreja Católica Romana com a figura de uma jovem tristonha. Podemos não concordar com toda a teologia católica por trás desta mensagem, mas o fato é que todo cristão recebe com entusiasmo esta ideia central: sempre haverá possibilidade de se voltar a Deus.

Esta é a mensagem da profecia de Zacarias: “Tornai-vos para mim, diz o SENHOR dos Exércitos, e eu me tornarei para vós outros” (Zc 1.3). Esta profecia no começo do capítulo também se encontra no fim do capítulo como promessa de esperança para Zacarias e sua geração: “Diz o SENHOR: Voltei-me para Jerusalém com misericórdia” (Zc 1.16). Uma vez que Deus deseja voltar a nós, sempre poderemos retornar para ele. E se achamos que ele não resolverá, então estamos realmente equivocados.

Com misericórdia voltarei

Esta profecia não só proclama a disposição de Deus de receber de volta todo pecador inconstante e todo filho seu caído em pecado como também serve de orientação sobre como é efetuada a salvação. O Senhor anuncia cinco coisas que ele realizará e cinco coisas que podemos esperar quando nos voltamos a ele. A primeira é uma oferta de misericórdia. O versículo 16 declara: “Voltei-me para Jerusalém com misericórdia”.

Para que um pecador se aproxime do Senhor, Deus precisa manifestar sua misericórdia. Deus é santo e justo, por isso, fora de sua misericórdia só resta a ira de Deus contra o pecador. Antes de acontecer qualquer coisa, antes de qualquer bênção ser recebida, precisamos receber misericórdia do Senhor. Esta é a primeira promessa feita por Deus aos israelitas que retornaram do exílio, e trata da disposição dele de encerrar seu julgamento. Deus castigou seus antepassados,

mas agora ele diz: “Voltei-me com misericórdia”. O efeito da misericórdia de Deus é o fim do juízo sobre seus pecados.

A misericórdia do Senhor é a primeira coisa que o pecador recebe. Como pastor, de vez em quando, alguém me procura para tratar de alguma questão relacionada ao pecado. Há dois tipos principais de pessoas assim. Algumas reconhecem o erro – seja de um caso amoroso ou de algum ato desonesto no trabalho – mas, apesar disso, não estão dispostas a abandonar o erro. Elas podem até professar a fé em Jesus como Salvador; podem reconhecer que o que estão fazendo é errado; podem admitir que Deus não se agrada do que estão fazendo; mas a questão principal é que elas não se afastarão nem desejarão se afastar do seu pecado. Biblicamente, a mensagem que comunico a esse tipo de gente é de advertência de que sua vida corre o risco de cair no inferno. O apóstolo João explica: “Todo aquele que permanece nele não vive pecando; todo aquele que vive pecando não o viu, nem o conheceu” (1Jo 3.6). João está falando de alguém endurecido pela obstinação do pecado, e tal atitude é tão incompatível com a fé salvadora que nenhum pastor tem o direito de assegurar a paz de Deus a uma pessoa assim.

Esse é um tipo de pecador, mas há outro, aquele que se enredou no pecado, que talvez esteja muito preso nas amarras de certa cobiça ou tentação, porém deseja sinceramente se livrar dele e voltar para Deus. Esse tipo de pessoa é como os forasteiros da época de Zacarias, aqueles que voltaram a Jerusalém. Deus havia julgado seus antepassados pela mesma obstinação de que falei. As gerações anteriores dos israelitas tinham se prostituído ao mundo e seus deuses. O Senhor os havia repreendido com a destruição de Jerusalém, a ruína do templo do monte Sião e permitido que fossem totalmente derrotados pelos seus inimigos. Mas essa nova geração ouviu suas palavras de consolo. Eles sabiam que a salvação vinha do Senhor e, como muitas pessoas com quem todo pastor se encontra, desejavam retornar a Deus a fim de serem salvos.

Se o pecador contumaz precisa ser advertido da ameaça da ira de Deus, o que este tipo de pecador precisa ouvir – aquele que deseja corrigir-se, mas sente que não consegue? A resposta se encontra em Zacarias 1.16: “Voltei-me para Jerusalém com misericórdia”. A nova vida com Deus começa com sua compaixão, seu dom gratuito de perdão em Jesus Cristo. A palavra usada para misericórdia (heb. racham) fala da manifestação da graça de Deus. Representa o sentimento de um pai por um filho ferido. Jeremias empregou essa palavra em Lamentações 3.22 quando viu a catástrofe da ruína de Jerusalém e o futuro desta mesma graça: “As misericórdias do SENHOR são a causa de não sermos

consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim". Este é o primeiro passo para um relacionamento restaurado com Deus: damos um passo de fé para os seus braços de misericórdia, a fim de receber o acolhimento de sua compaixão.

O principal resultado da misericórdia de Deus é o perdão de nossos pecados. Misericórdia e perdão se unem, sendo que o perdão é a expressão da misericórdia (veja Dn 9.9). Calvino estava certo quando comentou sobre Zacarias 1.16: "Foi preciso oferecer esperança de perdão e reconciliação ao povo para que pudessem olhar adiante com confiança".[1] Isso é verdade para todos aqueles que voltam a Deus do exílio do pecado. Muitas pessoas já estão enfatuadas com seu pecado. Elas estão cansadas da imundície da iniquidade, contudo, o pecado já faz parte delas, que estão profunda e habitualmente mergulhadas no erro e que simplesmente não sabem por onde começar. O ponto de partida é a misericórdia de Deus.

Isso significa que, antes de mais nada, precisamos aceitar a graça que Deus nos oferece e descansar nela. Essa graça encontra sua maior manifestação no dom na morte do único Filho de Deus em nosso lugar para levar sobre si a condenação do pecado: "Aquele que não conheceu pecado, ele [Deus] o fez pecado por nós; para que, nele fôssemos feitos justiça de Deus" (2Co 5.21). A primeira coisa que precisamos saber, o ponto de partida, é crer que, em Cristo, Deus nos revestiu de sua perfeita justiça e removeu a culpa de nosso pecado. James Montgomery Boice explica como o evangelho nos traz salvação:

O evangelho nos diz que Deus nos ama e nos alcançou para nos salvar por intermédio da obra de Jesus Cristo. Não conseguiríamos alcançar Deus, porque nossos pecados nos separam dele. Mas Deus removeu nossos pecados por meio de Cristo e construiu uma ponte sobre as águas tão turbulentas. Antes, ansiávamos por Deus, mas não podíamos encontrá-lo. Agora cantamos louvores àquele que nos encontrou.[2]

Não tente construir um relacionamento com Deus na força de seu próprio arrependimento ou sua própria determinação de melhorar. Sua incapacidade e fracasso são o que o levaram ao desespero. A única rocha sobre a qual você poderá edificar firme fundamento é a obra redentora de Jesus Cristo, que

procede do amor leal do Deus Pai. Portanto, o primeiro passo para qualquer retorno a Deus é dado por meio de palavras como estas do salmista: “Venha, pois, a tua bondade consolar-me... Baixem sobre mim as tuas misericórdias, para que eu viva” (Sl 119.76-77). Como Deus declarou a Israel, ele certamente declarará a você: “Por breve momento te deixei, mas com grandes misericórdias torno a acolher-te” (Is 54.7).

O Espírito de Deus que habita em nós

Segundo, o Senhor fala a respeito de habitar em meio ao seu povo. Depois de falar do retorno a Jerusalém, Deus acrescenta: “Minha casa nela será edificada, diz o SENHOR dos Exércitos, e o cordel será estendido sobre Jerusalém” (Zc 1.16). Isso significa que as pessoas reconstruiriam o templo. Certamente, isso as animaria e lhes daria um senso de realização, assim como uma ligação com os saudosos dias da antiguidade. Naturalmente, dificilmente o templo seria tão majestoso quanto a versão original, da época de Salomão; na realidade, lemos em Esdras que, quando a edificação do segundo templo foi terminada, os mais velhos, que tinham visto o primeiro templo, choraram à vista da modéstia do templo que estava sendo edificado em seu lugar (Ed 3.12).

O verdadeiro cumprimento da promessa de Deus sobre o templo diz respeito à habitação do Espírito de Deus entre o seu povo. Quando nos aproximamos de Deus em fé, quando somos recebidos por sua misericórdia, ele vem habitar em nós pelo poder de seu Santo Espírito. Paulo declara isso categoricamente: “Não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” (1Co 3.16).

Esta é a melhor notícia que aquele que se afasta do pecado e volta para Deus pode ouvir. Deus não só manifesta a sua misericórdia, mas vem habitar em nós por meio de seu Espírito. Portanto, os cristãos obtêm exatamente o que precisam: um novo poder vindo de Deus para uma vida nova e santa. O Novo Testamento oferece inúmeras descrições do que isso significa. Filipenses 2.13 diz que Deus efetua em nós “tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade”. O Espírito nos guia (Rm 8.14); ele ilumina nossa mente com o conhecimento de Cristo (Jo 16.13-14); e ele renova nosso interior (Tt 3.5). Talvez a maior afirmação da obra de Deus por meio do Espírito esteja em 2Coríntios 3.18: “E todos nós... somos transformados, de glória em glória, na sua [de Cristo] própria

imagem, como pelo Senhor, o Espírito".

Então, você consegue voltar para Deus? Você pode andar em novidade de vida? Se depender de você mesmo, a resposta é "não". O máximo que conseguimos fazer é gerenciar a corrupção do nosso coração e, no mínimo, clamarmos como Paulo: "Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?" (Rm 7.24). Mas Deus diz que virá habitar em nós – ele estabelecerá o seu trono em nosso coração – com seu poder e vida para nos guiar e transformar. Esta é a melhor dádiva de Deus – a habitação do seu próprio Espírito em nós. "Edificarei a minha casa dentro de vós", ele diz, por isso recebemos poder e paz como nunca.

A importância vital disso é devidamente ensinada pelo próprio exílio, que forma o contexto do livro de Zacarias. Uma das cenas mais alarmantes do Antigo Testamento está registrada em Ezequiel 10 e 11, quando a glória de Deus abandona o templo original, no monte Sião. Por meio de uma visão, o profeta viu anjos vindo em carros de fogo a fim de retirarem a glória do Senhor. Deus capacitou Ezequiel a ver e registrar a impactante verdade de como a presença de Deus saiu do templo, a glória de Deus atravessou as paredes e depois abandonou a cidade.

Depois de a glória do Senhor sair, o templo não passou mais de uma construção, por mais esplendoroso que fosse externamente. O mesmo ocorre conosco. Jesus disse: "Sem mim, nada podeis fazer" (Jo 15.5). A intenção de Deus foi que Israel compreendesse essa verdade na época de Zacarias; por isso, ele transferiu sua presença da cidade para a Babilônia, onde daria força e protegeria seu povo no exílio. Depois disso, Jerusalém estava livre para ser destruída, como de fato foi. Mas agora Deus diz a Zacarias que ele retornará a Jerusalém com misericórdia. O povo tinha se voltado a ele, e ele retornaria para eles. Com isso, eles veriam grandes coisas. Não só terminaria o castigo, mas Deus diz: "A minha casa nela será edificada". Ezequiel tinha anunciado a vinda desse retorno: "A glória do SENHOR entrou no templo pela porta que olha para o oriente. O Espírito me levantou e me levou ao átrio interior; e eis que a glória do SENHOR enchia o templo" (43.4-5).

A mesma glória divina está presente quando o Espírito Santo vem habitar naquele que olha para Cristo com fé. Sabendo da realidade do retorno de Deus, assim como Zacarias e seus companheiros de fé, podemos afirmar com o apóstolo Paulo: "Tudo posso naquele que me fortalece" (Fp 4.13).

Edificar e abençoar

Como conhecemos o que o Novo Testamento diz sobre a habitação do Espírito em nós, podemos compreender a progressão da promessa de Deus de edificar e abençoar. Estes são o terceiro e quarto aspectos da obra de Deus de restaurar seu povo penitente, começando com a promessa de edificar: “E o cordel será estendido sobre Jerusalém. Clama outra vez, dizendo: Assim diz o SENHOR dos Exércitos: As minhas cidades ainda transbordarão de bens; o SENHOR ainda consolará a Sião e ainda escolherá a Jerusalém” (Zc 1.16-17).

A figura do cordel indica um futuro com muita edificação e expansão. O cordel será estendido porque os arquitetos farão o planejamento, o preparo para o trabalho dos construtores e o serviço dos marceneiros. Semelhantemente, Deus tem um plano para cada indivíduo dentre o seu povo. Ele tem um modelo em mente para a edificação de cada cristão: o modelo estabelecido por Jesus, o primogênito da nova raça humana. Romanos 8.29 nos diz que a todo o povo de Deus ele “predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho”. Portanto, cada um de nós pode ter certeza que Deus está estendendo seu cordel sobre nosso caráter, nossos pensamentos de vida e nossos desejos e afeições: ele tem para nós um projeto de construção de conformação a Cristo.

Neste sentido, a vida cristã é a mesma para cada um de nós. Mas também é verdade que Deus tem um plano especial para cada cristão. Ele conferiu dons individuais a cada um e planejou boas obras específicas quando nascemos e, depois, quando nascemos de novo em Cristo. Paulo diz: “... somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Ef 2.10). Quando nos achegamos ao Senhor, podemos esperar que ele molde nossa vida e ministério, muitas vezes de forma radical e decisiva, sempre nos moldando para ocupar um lugar em sua grande obra que é a igreja.

Além da promessa de Deus de edificação, aqueles que se achegam a Deus podem esperar um quarto benefício: a bênção da prosperidade. Deus declara: “As minhas cidades ainda transbordarão de bens” (Zc 1.17). Observe que a visão da edificação foi além da cidade para incluir as cidades circunvizinhas, e há abundância de bens. Não só a cidade é ampliada, mas toda a terra se torna frutífera.

Semelhantemente, Deus torna todo cristão próspero com bens materiais que lhes serão uma bênção para si assim como para os outros. Embora Deus não deseje que todos os cristãos possuam as riquezas do mundo – dinheiro, poder ou bens materiais – aqueles que andam com Deus têm abundância de uma vida próspera em santidade. Os cristãos se tornam ricos em amizade leal, serviço útil, matrimônio saudável, firmeza de caráter e desfrutam da provisão paternal de Deus para atender a todas as suas necessidades.

Deus especialmente deseja a prosperidade espiritual de seu povo e, para isso, ele concede o conforto da segurança. O anjo declara: “O SENHOR ainda consolará a Sião e ainda escolherá a Jerusalém” (Zc 1.17). O conforto oferecido aqui é o conhecimento do favor de Deus; o povo de Deus é consolado quando é assegurado de seu amor. É por isso que a ideia de consolo está associada à escolha de Deus ou à sua eleição soberana.

Quando Deus diz que escolherá novamente Jerusalém, a ideia não é que a eleição de Deus seja temporária e passageira, dependendo de nossos méritos. Essa ideia dificilmente seria motivo de consolo. De acordo com a doutrina da eleição da Bíblia, Deus “nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade” (Ef 1.4-5). O eterno decreto de Deus para nossa salvação não está sujeito à revisão.

Portanto, a ideia não é de que seu povo tenha sido escolhido, rejeitado e novamente escolhido, mas, antes, que Deus manifestará novamente os benefícios da eleição, os quais tinham permanecido ocultos durante o período da disciplina. Deus assegura aos judeus que eles não foram abandonados, ainda que tivesse enviado uma geração ou mais de seu povo à opressão. Ele os aguardava do outro lado com os braços estendidos a fim de escolhê-los novamente, por assim dizer. Assim também Deus esconde seu rosto de nós quando nos desviamos para o pecado. Nem mesmo o povo eleito de Deus não conhecerá os benefícios da salvação se permanecer no pecado. Contudo, ele aguarda pronto para abraçar todos os seus como o pai abraça o filho pródigo da parábola de Jesus (Lc 15.11-32) e para nos assegurar do amor indestrutível que une todos os cristãos a ele.

Se unirmos o verso 17, vemos que, quando Deus se compromete a edificar algo, o projeto prospera com imensa abundância: “Assim diz o SENHOR dos Exércitos: As minhas cidades ainda transbordarão de bens; o SENHOR ainda

consolará a Sião e ainda escolherá a Jerusalém". Isso mostra que a pessoa não perde nada na vida ao se tornar cristã. Principalmente aqueles agraciados com o consolo da segurança espiritual são verdadeiramente ricos. Que maravilhosa promessa para os cristãos que se afastaram da fé e, por isso mesmo, viram sua vida ruindo da mesma forma como Jerusalém foi destruída pelos babilônios. A palavra-chave é "ainda", que aparece quatro vezes no texto hebraico deste versículo. Deus é capaz de refazer o que foi desfeito. Ele diz, "Proclame ainda, minhas cidades ainda transbordarão de bens, o SENHOR ainda consolará a Sião e ainda escolherá a Jerusalém". É difícil imaginar um convite mais enfático, aos que se afastaram, de retornar às misericórdias de Deus e receber novamente sua presença, a fim de serem novamente edificados e abençoados.

Quatro chifres e quatro ferreiros

O quinto e último elemento do grande chamado de Zacarias ao povo para voltar para Deus é o que termina apropriadamente com a oferta de Deus da salvação. Vejamos o que Deus prometeu até aqui: primeiro, Deus concede misericórdia para acolher pecadores arrependidos; segundo, ele promete habitar entre o seu povo, vivendo em seu coração por meio do Espírito Santo da mesma forma como o templo restaura sua presença em Jerusalém; terceiro, Deus diz que nos edificará em fé; e, quarto, a bênção da prosperidade será concedida àqueles que nele confiam, trazendo-lhes não só provisões materiais, mas também o inestimável consolo da segurança espiritual. Que mais poderíamos desejar, exceto que ele nos assegurasse sua proteção, seu poder de nos proteger contra todo inimigo? É com esta quinta bênção – a promessa de Deus de proteção – que uma segunda visão encerra a mensagem do capítulo 1. Zacarias nos informa: "Levantei os olhos e vi, e eis quatro chifres. Perguntei ao anjo que falava comigo: que é isto? Ele me respondeu: São os chifres que dispersaram a Judá, a Israel e a Jerusalém" (Zc 1.18-19).

As visões de Zacarias frequentemente envolvem figuras estranhas e difíceis de entender. Isso também se aplica a esta segunda visão, contudo, a mensagem não está tão obscura, motivo pelo qual o anjo não precisa dar a interpretação.

A figura de um chifre simboliza poder terreno. A ideia, aparentemente, deriva do rebanho doméstico em que os animais mais fortes são aqueles cujos chifres são maiores. Assim, a expressão levantar o chifre se tornou símbolo de orgulho

arrogante e autoafirmação. Na visão de Daniel 7, esse tipo de figura representava as nações levantando-se contra Deus e os seus propósitos (Dn 7.15-28). A segunda visão de Zacarias encaixa-se nesse padrão, e faz sentido que esses chifres também representem reis e outras potências. Pode ser que representassem governantes específicos ou que, como nas visões de Daniel, os chifres resumam a história dos impérios do mundo. Entretanto, provavelmente, o mais correto é entendê-los como representando os quatro pontos cardeais de onde viria oposição e opressão para dispersar os judeus.

Podemos ver como essa interpretação enquadra-se na lógica do capítulo 1, porque os judeus lembrariam suas derrotas anteriores diante dessas forças. Isso é algo de que os cristãos também precisam se preocupar. “Sim”, você poderá argumentar, “Deus pode me conceder misericórdia quando retorno a ele, poderá habitar em mim pelo seu Espírito e poderá me edificar e abençoar – mas tudo isso pode se desfazer se eu for vencido por fortes inimigos – o mundo, a carne, e o diabo – como fui anteriormente!” Foi isso que foi dito a Zacarias por meio dessa visão: Como declarou o anjo, estes “são os chifres que dispersaram a Judá, a Israel e a Jerusalém” (Zc 1.19).

Qual é o remédio de Deus para as ameaças e perigos que se levantam contra seu povo? A resposta é a seguinte: “O SENHOR me mostrou quatro ferreiros. Então, perguntei: que vêm fazer estes? Ele respondeu: Aqueles são os chifres que dispersaram a Judá, de maneira que ninguém pode levantar a cabeça; estes ferreiros, pois, vieram para os amedrontar, para derribar os chifres das nações que levantaram o seu poder contra a terra de Judá, para a espalhar” (Zc 1.20-21).

Apesar da estranha figura, o sentido é claro. Certamente existem chifres assim, aqueles poderes que derrotaram Judá no passado e que agora assombravam Israel. Mas Deus tem sua própria solução: os quatro ferreiros cujos martelos aterrorizam os chifres e os reduzem a pó.

Em todo este capítulo o tema dominante é o poder soberano de Deus. Nove vezes Deus é chamado de “SENHOR dos Exércitos”. Os cavaleiros da primeira visão retratam perfeitamente o significado desse nome: ele é o Senhor dos exércitos montados dos céus. Esta segunda visão demonstra outro aspecto de seu poder, a saber, que Deus tem a resposta para todo tipo de ameaça que possa surgir contra seu povo.

O termo traduzido por “ferreiro” inclui todo tipo de artesão: carpinteiros,

pedreiros e ferreiros. A ênfase não está na habilidade específica, mas na força destrutiva de demolir algo. Isso me faz lembrar a brincadeira de infância de papel, tesoura e pedra. “Sim”, Deus diz, “vocês são como papel, e estas tesouras podem cortá-los a qualquer momento. Mas eu tenho em minhas mãos a pedra, e é um martelo que despedaça seu inimigo para que ele não o incomode mais”. É isto que Deus está dizendo a Zacarias e a nós: ele é capaz de derrotar todo inimigo que afronta a nossa salvação.

Isto é o que acontece em toda a história. Deus sempre proveu o que foi necessário para proteger e preservar a sua igreja. Quando surgiram grandes heresias, ele levantou valentes defensores da verdade. Quando vieram perseguições, ele tornou o sangue dos mártires a semente de futuros convertidos. O mesmo acontece com cada um de nós. Os ferreiros da visão nos lembram do que Deus disse por intermédio de Jeremias: “Não é a minha palavra fogo, diz o SENHOR, e martelo que esmiúça a penha?” (Jr 23.29). A Palavra de Deus, a Bíblia, é nossa poderosa arma de batalha, tanto coletivamente, para igreja, quanto individualmente, para cada cristão, capaz de despedaçar todo chifre que se levantar. Paulo escreve: “Porque as armas da nossa milícia não são carnais, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo” (2Co 10.4-5). Esta mesma palavra – este martelo – tão útil para nos edificar espiritualmente é igualmente proveitosa na batalha contra todo adversário espiritual.

Deus pode acertar isso

O outdoor do início deste capítulo diz: “Se você sente que nunca consegue acertar, está enganado”. Este anúncio convida pecadores desobedientes a voltarem a Deus, embora a igreja que pagou pelo anúncio entenda que você foi chamado para a igreja, os sacerdotes e os sacramentos. Realmente, é muito importante entender isto corretamente. De um lado, você não é capaz de acertar depois de cair em pecado. Neste sentido, nem mesmo a igreja é capaz de acertar, tampouco o sacerdote e os sacramentos por si só poderão lhe ser úteis. Nenhum desses poderes, instituições e pessoas pode realmente restaurar o que nosso pecado destruiu. Mas há uma pessoa que pode acertar isso. Realmente poderíamos melhorar os dizeres do outdoor, dizendo: “Você não é capaz de acertar as coisas, mas o Deus da graça é”. Ele é rico em poder para salvar por

meio da fé em Jesus Cristo, o Salvador.

Alguns poderão argumentar que o que vemos nesta passagem de Zacarias não diz respeito a nós, que se apenas refere a um programa para uma cidade distante e de muito tempo atrás. A resposta a esta indagação pode ser encontrada em Romanos 8, onde Paulo aplica os cinco princípios de salvação de Zacarias ao cristão, e o faz precisamente na mesma sequência.

O argumento de Romanos 8 começa justamente com a misericórdia de Deus que foi prometida a Zacarias: “Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8.1). A razão dessa liberdade da condenação do pecado é a misericórdia de Deus por meio da cruz, que tira o nosso pecado. Paulo passa a uma longa discussão sobre a habitação do Espírito de Deus em nós, resumida em Romanos 8.9: “Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se, de fato, o Espírito de Deus habita em vós. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (Rm 8.9). Mas onde fica a edificação? Romanos 8.28 diz: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito”. E onde está a bênção da prosperidade? Romanos 8.32 diz: “Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?” Como Zacarias, Paulo considera a certeza da salvação a maior prosperidade de todas. Ele pergunta: “Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós” (Rm 8.34). Finalmente, para que não nos preocupemos com a segurança de todas essas abundantes bênçãos, Paulo termina com as palavras que praticamente traduzem a mensagem da proteção prometida por Deus encontrada na segunda visão de Zacarias:

Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? Como está escrito: Por amor de ti, somos entregues à morte o dia todo, fomos considerados como ovelhas para o matadouro. Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor (Rm 8.35-39).

Esta é a mesma salvação que Deus coloca diante dos olhos do profeta Zacarias e a salvação que a Bíblia nos apresenta hoje. Consiste de uma oferta da misericórdia de Deus a todo pecador arrependido, a qual conduz à salvação perfeitamente segura repleta de toda forma de bênção espiritual.

Você deseja vir a Deus por meio de Cristo, que morreu por você? Você quer voltar a ele, se você o abandonou e está sobrecarregado pelo pecado? Se voltar, Deus dirá: “Voltarei com misericórdia; edificarei a minha casa em você, vou construir e abençoar. E protegerei tudo o que é meu para que você não tenha mais medo. O que você não consegue acertar, eu consigo”. Isso não significa que você não terá mais dificuldades – você certamente as terá. Mas se permanecer firme em Deus por meio da fé em Cristo, você possuirá a salvação que começa sem condenação, por causa de sua misericórdia, e termina sem separação, por causa do amor eterno e vitorioso de Deus.

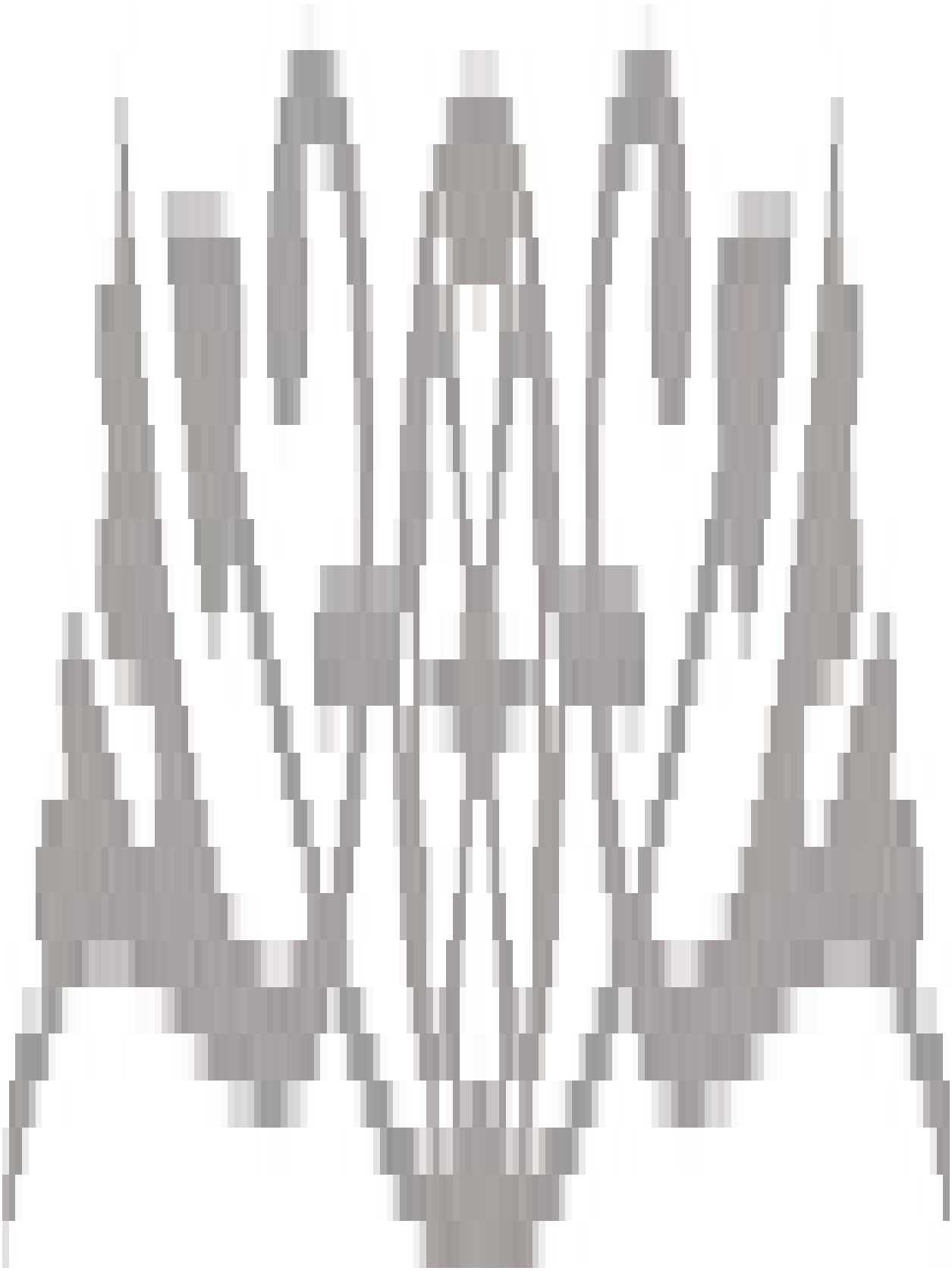
1 Calvino, João. The Minor Prophets. Vol. 5. Edimburgo: Banner of Truth, p. 48.

2 Boice, James Montgomery. Romans. Vol. 1. Grand Rapids: Baker, 1991, p. 30-31.

4

A CIDADE SEM MUROS

Zacarias 2.1-5



Eis que saiu o anjo que falava comigo , e outro anjo lhe saiu ao encontro. E lhe disse: Corre, fala a este jovem: Jerusalém será habitada como as aldeias sem muros, por causa da multidão de homens e animais que haverá nela. Pois eu lhe serei, diz o SENHOR, um muro de fogo em redor e eu mesmo serei, no meio dela, a sua glória (Zc 2.3-5).

O livro de Zacarias enfatiza principalmente a cidade de Jerusalém. O profeta estava entre aqueles que retornaram a Jerusalém em 538 a.C. a fim de restaurar a cidade, depois de ser destruída sob o poder de Nabucodonosor, da Babilônia, aproximadamente 50 anos antes. Eles não voltaram para restabelecer a nação de Israel ou a monarquia davídica, mas, antes, para restaurar o que durante 400 anos era o centro da vida dos israelitas: a cidade de Jerusalém.

A importância de Jerusalém vem dos primórdios do Antigo Testamento. Desde o estabelecimento da cidade por Davi como capital de Israel e sede da arca da aliança no século 10º a.C. e, principalmente, depois da construção do templo de Salomão sobre o monte Sião, a cidade se transformou no centro espiritual do povo de Deus. Deus habitou em Jerusalém, e ali o povo vinha para adorá-lo. Mas como mostram os registros dos profetas, como Isaías e Jeremias, com o passar do tempo, surgiu um falso sentimento de segurança. As pessoas passaram a acreditar que não importava quão graves fossem seus pecados, Jerusalém – a cidade de Deus – nunca seria destruída. Os acontecimentos de 586 a.C. mudaram tudo isso. Deus permitiu que os muros de Jerusalém fossem violados e as enormes pedras do templo tombassem enquanto a cidade e seu povo caíam ao fio da espada.

Essa experiência pode ter provocado o declínio da importância espiritual da cidade. Um estudioso diz:

Os acontecimentos da história tinham demonstrado plenamente a falsidade de qualquer convicção da invulnerabilidade [de Jerusalém], e os profetas já tinham explicado a insuficiência dessa convicção... Se algo novo houvesse de surgir daquela experiência devastadora, presumivelmente precisava ser uma teologia e prática que desse menos ênfase a Jerusalém, uma vez que ela foi o local do

grande fracasso do povo.[1]

Mas os profetas se esforçaram para evitar que o povo perdesse interesse na cidade de Deus. Isaías, por exemplo, falou à geração que retornaria do exílio com palavras como estas: “Desperta, desperta, reveste-te da tua fortaleza, ó Sião; veste-te das tuas roupagens formosas, ó Jerusalém, cidade santa” (Is 52.1).

Na perspectiva do Novo Testamento, vemos por que o tema da cidade santa é tão importante, a saber, porque ela apontava para algo ainda maior que estava por vir: a igreja do Novo Testamento e a cidade eterna de Deus, que está no céu. Por isso, Abraão é um modelo de fé porque “aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador” (Hb 11.10). Hebreus 12.22 diz aos cristãos primitivos: “(...) tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo” (Hb 12.22). A cidade de Jerusalém não era um fim em si mesmo, mas foi um importante meio que Deus quis restaurar e um modelo para a obra futura de Deus na igreja.

A perspectiva de Deus sobre a igreja

Deus falou a Zacarias sobre a cidade de Jerusalém na terceira visão dada ao profeta em 520 a.C. A primeira visão é registrada em 1.7-17, por meio da qual Deus promete voltar a Jerusalém para edificá-la e abençoá-la. A segunda ocorre em 1.18-21 e é uma garantia da capacidade de Deus de vencer aqueles que ameaçam atacar e dispersar o seu povo. A primeira é uma visão de bênção; a segunda diz respeito à segurança.

A terceira visão retoma uma declaração feita na primeira visão sobre os planos de Deus de edificar a cidade: “O cordel será estendido sobre Jerusalém” (1.16). No capítulo 2 encontramos o homem com o cordel: “Tornei a levantar os olhos e vi, e eis um homem que tinha na mão um cordel de medir. Então, perguntei: para onde vais tu? Ele me respondeu: Medir Jerusalém, para ver qual é a sua largura e qual o seu comprimento” (Zc 2.1-2).

Há opiniões variadas sobre a identidade desse homem com o cordel na mão. Boa parte dos comentaristas entende que ele era um dos inúmeros mensageiros

angelicais que ocupavam as visões de Zacarias. A questão sobre o cordel é que Jerusalém, desolada e arruinada no tempo de Zacarias, seria reedificada a fim de ser habitada.

Entretanto, há outra interpretação que faz mais sentido no contexto da terceira visão. Elizabeth Achtemeier vê nessa figura do cordel um símbolo visionário das expectativas humanas em relação à cidade, uma medida da largura e comprimento de Jerusalém de acordo com o cálculo humano. Ela escreve: “Este homem creu na mensagem do profeta de que Jerusalém será reedificada, mas espera que a nova Jerusalém não seja diferente da primeira, por isso, ele ajustaria suas medidas às que a cidade tinha antes da destruição”.[2]

Essa interpretação faz sentido pelo que vem em seguida: “Eis que o anjo que falava comigo se apresentou, e outro anjo lhe saiu ao encontro. E lhe disse: Corre, fala a este jovem: Jerusalém será habitada como as aldeias sem muros, por causa da multidão de pessoas e animais que estão nela” (Zc 2.3-4). Aqui a perspectiva humana é corrigida pela perspectiva de Deus sobre a cidade. O anjo é enviado urgentemente para impedir o homem de medir o muro que ele pensava que seria construído.

Isto aponta para uma questão que deve ser levada em conta por nós hoje. De onde deve proceder nossa compreensão sobre a igreja e sobre nós mesmos como cristãos? O que deve formar nossa visão, aspirações e expectativas em relação a nós mesmos como povo de Deus? Realmente só há duas opções: obter nossa compreensão ou dos homens ou de Deus.

Se formos basear nossa compreensão sobre a igreja no que dizem os homens, podemos estar dando ouvidos às medidas do mundo – talvez às pesquisas sociológicas, tão comuns hoje. Essas pesquisas mostram quantos de nós estamos nos divorciando, quais crenças são mais populares, assim por diante. No máximo, elas nos dizem o que ocorre, mas não o que deve ocorrer. Olhando para essas pesquisas, muitas vezes, sentimos o que Zacarias sentiu ao observar as ruínas de uma Jerusalém outrora gloriosa. A situação parece pior a todo o momento, com pouca esperança de melhora. Realmente, sempre que vemos a igreja por padrões humanos, como o homem com o cordel fazia com Jerusalém na visão de Zacarias, acabamos limitando Deus à nossa mísera avaliação terrena do que pode ser possível.

A visão de Zacarias nos lembra de que precisamos garantir que nosso cordel seja

aferido e controlado pelos padrões de Deus. É a ele que devemos nos voltar para entender a igreja, tanto em termos do que deve ser quanto do que será. É especificamente da Bíblia que aprendemos o que a igreja realmente é, quais devem ser as suas expectativas e o que Deus pretende fazer em e por intermédio da igreja. A igreja é "o renovo que plantei", diz Deus, "a obra das minhas mãos, para que eu seja glorificado" (Is 60.21). A igreja é a noiva amada de Cristo (Ap 21.9), o corpo de Cristo (1Co 12.12), o rebanho cuidado por Deus, precioso para ele e adquirido por meio do sangue de Cristo (At 20.28), na qual Deus quer manifestar sua multiforme sabedoria nas regiões celestiais (Ef 3.10).

O que se aplica à igreja também se aplica aos indivíduos. Nossas expectativas em relação a nós mesmos, procedentes dos padrões humanos, são muito inferiores às de Deus. Queremos viver de modo confortável, feliz e seguro. Mas Deus deseja que reflitamos sua glória para sempre, e é por isso que ele aperfeiçoa nosso caráter e fé por meio de provações e tribulações.

A visão de Deus para a igreja

Se esta profecia nos diz que a perspectiva humana devia ser dominada pela perspectiva de Deus, ela também fornece a visão de Deus para a cidade. Sabemos disso por meio do anjo que dá instruções ao anjo que serviu de intérprete para Zacarias: "Corre, fala a este jovem: Jerusalém será habitada como as aldeias sem muros, por causa da multidão de pessoas e animais que estão nela" (Zc 2.4).

Esta é uma ótima descrição da igreja: "uma cidade sem muros". O sentido mais imediato disso tem a ver com a simples abundância de pessoas e provisões que Deus pretende conceder à cidade. Ele não vislumbra um empreendimento modesto, facilmente contido entre os muros. Literalmente, o anjo diz que a cidade será como um "vilarejo sem muros", por causa da extensão de seu povo e dos animais. A ideia é a de um constante crescimento urbano, assim como nossas cidades modernas estão sempre se expandindo.

Alguns comentaristas defendem que essa profecia nunca teve seu cumprimento literal terreno, portanto, sinaliza para algum acontecimento futuro, talvez na nação de Israel ou no milênio, depois do retorno de Cristo. Eu responderia dizendo que a ideia básica se cumpriu nos anos subsequentes a Zacarias, pois a

reconstrução de Jerusalém realmente levou ao restabelecimento da nação, que cresceu e prosperou como Zacarias nem podia imaginar. Mas essa visão da expansão se cumpre em última instância na igreja.

Pense na época dos apóstolos. Jesus os mandou primeiro pregar em Jerusalém, mas ele os enviou para fora de lá para serem suas testemunhas “em toda Judeia, Samaria e os confins da terra” (At 1.8). Isto é exatamente o que aconteceu; o livro de Atos registra a expansão do evangelho de entre os judeus para os gentios tementes a Deus, depois aos samaritanos e, finalmente, aos gentios pagãos, passando pelo mundo antigo, até alcançar a própria Roma. Foi justamente isso que o anjo mostrou a Zacarias – uma cidade de Deus em constante expansão – e hoje essa cidade se espalhou para todos os continentes da terra.

Esta visão confronta vigorosamente nosso pessimismo sobre o sucesso do evangelho. É fácil imaginarmos a igreja sitiada, nos vermos como cidade enfraquecida e subjugada, e, portanto, olharmos só para dentro de nós mesmos e sermos até pessimistas. Mas Deus nos diz, como disse a Zacarias, que essa cidade será ampla por causa das multidões trazidas a ela. Estamos envolvidos na obra do evangelho, em um enorme empreendimento divino destinado, como Deus disse a Abraão, a abençoar a todos os povos da terra (Gn 12.3). Provavelmente, para Zacarias, que fazia parte de um pequeno e vulnerável grupo de remanescentes que retornaram para restabelecer a cidade destruída, essa mensagem tenha sido surpreendente. Como nós, o profeta precisava que Deus o fizesse olhar para além das dificuldades presentes a fim de enxergar a própria visão de Deus sobre sua cidade. Elizabeth Achtemeier escreve: “Poucas pessoas parecem levar a palavra a sério, e o corpo de Cristo parece muito frágil diante das potências e propagandas do mundo. Mas aqui está outra figura: os redimidos de Deus ocupando as ruas de Jerusalém, rompendo para além dos limites da cidade e ocupando os montes em redor como a areia cobre a praia”.[3]

O sentido mais óbvio desta descrição é a expansão numérica, mas certamente essa ideia de uma cidade sem muros também fala sobre o caráter da própria igreja. Somos uma cidade, sim – temos certa sociedade com nossa própria cultura, nosso próprio modo de falar e agir. Não devemos nos perturbar com isso. Contudo, nossa cidade não tem muros, isto é, sem barreiras desnecessárias, aberta a todos que quiserem vir, acolhedora de todos que a buscam. A igreja deve estar longe de ser uma sociedade secreta ou fechada; pelo contrário, somos uma cidade sem muros, que compartilha livremente seus segredos e convida todos a entrarem.

Não é isto que vemos na época dos apóstolos? Israel foi uma cidade com muros. Era sobre isso que versavam as restrições alimentares, a circuncisão e as proibições relativas à comunhão à mesa. Quando lemos Atos e as Epístolas, vemos como todas essas regulamentações temporárias foram abolidas à medida que a igreja se expandia no mundo ao acolher todos que se achegassem a ela. No grande contraste com o Judaísmo fechado, Paulo escreve: “No qual [Cristo] não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre; porém, Cristo é tudo em todos” (Cl 3.11).

É assim que deve ser hoje. Todos devem se sentir livres para vir, serem acolhidos e se sentirem amados. Sim, eles devem ouvir a mensagem de Deus de Jesus Cristo como único Salvador do pecado, mas não deve haver barreira, exceto a de sua própria incredulidade, a qual deve ser vigorosamente confrontada tanto com a Palavra de Deus quanto com a graça de Deus, conforme se encontram na igreja.

A presença de Deus na cidade

Essa visão demanda uma pergunta cuja resposta seria óbvia no tempo de Zacarias. Se a cidade não tinha muros, o que a protegeria das forças exteriores hostis a ela? A resposta surpreende por sua simplicidade e eficácia. Deus diz: “Eu lhe serei um muro de fogo em redor” (Zc 2.5).

Jerusalém já teve um enorme muro em seu redor, porém, ele não foi suficiente para evitar sua destruição. Os muros apenas não oferecem verdadeira proteção. Isto não se dá só espiritualmente, mas também militarmente. Conforme Genghis Khan observou, não é a corpulência dos muros, mas o espírito dos defensores que determina a força de uma cidade. Essa realidade não se perdeu com Zacarias. A respeito dessa visão, Achtemeier escreve: “Diante dos pés do jovem estavam as pedras e ruínas dos velhos muros, que não forneciam qualquer proteção. Zacarias projeta essa figura como lição para o futuro: a única defesa segura para Israel é o próprio Deus, que será como um muro de fogo em torno de seu povo”.[4] Isso pretende nos fazer lembrar da coluna de fogo que guiava Israel no êxodo; assim também Deus sempre será para sua igreja; ele a protege com sua poderosa presença.

É por isso que a maior insensatez dos cristãos é depender de fontes terrenas de

proteção e força. O Antigo Testamento ensina isso repetidamente. Sempre que o rei de Israel buscava se apoiar em forças terrenas em vez de no favor de Deus, ele era normalmente derrotado. Mas quando o povo se humilhava diante de Deus em oração, o Senhor mesmo os defendia. Deus sempre diz ao seu povo o que ele disse a Josafá, um rei fiel: “Ficai parados e vede o salvamento que o SENHOR vos dará... Não temais, nem vos assusteis... O SENHOR é convosco” (2Cr 20.17).

Pense em quantos muros nós, cristãos, erigimos em nosso redor, nenhum dos quais oferece o tipo de segurança que somente Deus pode dar: dinheiro, posição, relacionamentos amorosos ou influência política. Quanto ao último exemplo, certamente, nos é permitido participar do processo político. Mas em vez de bombardear os políticos com correspondências, faríamos melhor se vivêssemos nossa fé ousadamente perante o mundo enquanto buscamos a ajuda de Deus em fervorosa oração. Toda a história da igreja reflete isso, pois, como Jesus disse a Pedro, as portas do inferno não prevalecerão contra a sua igreja (Mt 16.18).

Alguns, porém, dirão que o mundo poderá perseguir a igreja. Sim, e Deus sustentará sua igreja na perseguição. Pense na igreja sofredora no Sudão. Um dos vilarejos destruídos lá chama-se Chali, o qual também foi uma das primeiras bases missionárias naquele país, de onde a tribo Uduk se converteu completamente ao cristianismo. Em 1996, Chali foi atacada pelas forças islâmicas do governo nacional. A igreja foi partida ao meio, Bíblias foram euforicamente destruídas e as suas páginas, usadas para enrolar cigarros. A maioria dos homens foi assassinada, alguns por crucificação, enquanto as mulheres eram capturadas e violentadas. Tudo isso por causa da fé em Cristo. Isso pode levar alguns a indagar sobre a capacidade de Deus de proteger seu próprio povo. Mas os próprios Uduk não questionam Deus nisso. Depois que os rebeldes recapturaram Chali, em 2000, os cristãos voltaram, e a primeira coisa que fizeram foi reconstruir sua igreja. Ali se reuniam diariamente para orar e adorar a Deus. O pastor Simon Mamud falou sobre a suficiência de Deus para eles: “Não temos nada, mas temos tudo”.[5]

Deus é capaz de proteger e fazer prosperar a sua igreja em face à oposição. Mas, o que dizer sobre a oposição escrita? Deus pode preservar a igreja dos ataques de intelectuais e da incredulidade sofisticada? Um que achava que Deus não era capaz de defender sua igreja foi o ateu francês Voltaire, cujos escritos se tornaram muito populares durante o Iluminismo. Ele dizia que 50 anos depois de sua morte ninguém mais se lembraria do Cristianismo. “Em 20 anos”, disse,

“não haverá mais Cristianismo. Minha própria mão destruirá o edifício que exigiu doze apóstolos para edificar”. Mas depois de 20 anos o Cristianismo ainda existia. Voltaire, porém, morrera e, na morte, até ele lembrou-se do Cristianismo. O médico que o atendeu relatou que as suas últimas palavras foram: “Fui abandonado por Deus e pelos homens! Eu lhe darei metade do que possuo se me deres mais seis meses de vida. Depois irei para o inferno; e você irá comigo. Ó Cristo! Ó Jesus Cristo!” Cinquenta anos depois da famosa ostentação de Voltaire, a casa de onde ele desferiu os ataques contra a igreja de Deus por meio de sua escrita se tornou sede da Sociedade Bíblica de Genebra, de onde a igreja imprimia e disseminava Bíblias em massa.[6]

O que Deus promete para sua igreja, ele também promete para cada indivíduo de seu povo. É por isso que o salmo 121 é um conforto para todo cristão. Os versículos finais dizem: “O SENHOR te guardará de todo mal; guardará a tua alma. O SENHOR guardará a tua saída e a tua entrada, desde agora e para sempre” (Sl 121.7-8).

A presença de Deus significa, primeiramente, proteção, mas Zacarias 2.5 diz muito mais: “Serei para ele um muro de fogo em redor, diz o SENHOR, e serei a sua glória em meio dela”. Certamente Zacarias pensaria no retorno do Espírito de Deus, sua glória, ao templo que o povo estava reedificando em Jerusalém. Quão motivadora foi essa mensagem para o povo de Deus, a saber, que Deus viria a ser a glória em meio à sua igreja! Olhemos adiante, para a consumação final, revelada ao apóstolo João no final do livro de Apocalipse:

E me transportou, em espírito, até a uma grande e elevada montanha e me mostrou a santa cidade, Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, a qual tem a glória de Deus, radiante como uma pedra preciosíssima, como pedra de jaspe cristalina... A cidade não precisa nem do sol, nem da lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada (Ap 21.10-11, 23).

Devido a tudo o que ainda há por vir, como é trágico quando a igreja exulta nas riquezas meramente terrenas. Como o homem da visão de Zacarias, muitos hoje adotam um padrão terreno de medir a igreja. Ouvi essas medidas serem

sagazmente chamadas de “O ABC do sucesso da igreja”: frequência, construção e finanças.* Não é verdade que a primeira pergunta que normalmente se faz sobre uma igreja é “Qual é a frequência? Quantos membros tem a igreja?” O que devemos perguntar é do que trata esta visão. “Deus está presente em sua igreja? Ele é a sua glória? Ele é a fonte do seu poder e sua proteção? Sua palavra é proclamada e adorada? O próprio Deus é sua glória e sua força?” É assim que a Bíblia avalia a igreja, e esta deveria ser a maneira como nós também pensamos. Thomas V. Moore expressa muito bem:

Aprendemos aqui a verdadeira glória da igreja. Ela não consiste de nenhuma pompa ou força exterior, do tipo que for; não se define por muralhas carrancudas, sejam pretensões temporais ou espirituais; não se resume a ritos e cerimônias, por mais veneráveis e antigas que sejam; nem por majestosas catedrais e suntuosas vestimentas, e a intensidade da música, e o resplendor da eloquência, mas pela habitação da glória do Deus invisível.[7]

Isto se aplica tanto a nós como indivíduos quanto à igreja. Jeremias adverte: “Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem o forte, na sua força, nem o rico nas suas riquezas; mas o que se gloriar, glorie-se nisto, em me conhecer e saber que eu sou o SENHOR” (Jr 9.23-24).

O convite de Deus

Procuramos compreender a perspectiva de Deus sobre a igreja; vimos a visão de Deus sobre a igreja; e nos foi mostrada a presença de Deus na igreja como nossa proteção e glória. Para concluir, voltamos nossa atenção para o convite de Deus para fazer parte da igreja, o qual é a aplicação do texto que o próprio profeta dá. Vemos isso nos versículos 6 e 7: “Eh! Eh! Fugi, agora, da terra do Norte, diz o SENHOR, porque vos espalhei como os quatro ventos do céu, diz o SENHOR. Eh! Salva-te, ó Sião, tu que habitas com a filha da Babilônia”.

Na próxima seção, vamos examinar estes versículos que compõem a conclusão do capítulo 2, mas, como aplicação de nossa passagem, seu significado é claro.

Depois de todas as coisas maravilhosas que Deus disse sobre sua igreja, esta cidade que não tem nem precisa de muros, ele convida todos para encontrarem ali a salvação. Com isso, ele não quer dizer simplesmente que você deva procurar se tornar membro de alguma igreja em particular, apesar de ser recomendável fazê-lo, mas que você vá a ele e, portanto, à sua cidade. Ali você se unirá em comunhão eterna com todos os remidos por meio da fé no Salvador que Deus enviou.

Se você não é cristão, se ainda não tem fé em Deus, ele o convida a se afastar do mundo e entrar em sua cidade. Sim, ele reconhece que este mundo e tudo que ele representa parece muito poderoso de acordo com as medidas humanas, com sua glória tão resplandecente, suas recompensas tão atraentes. Entretanto, como Paulo escreve em 1Coríntios, “a aparência deste mundo passa” (7.31), mas a cidade de Deus durará para sempre. De fato, no dia do juízo de Deus, tudo o que é exaltado será abatido; toda iniquidade, tudo o que se opõe a ele, será julgado. Deus o convida a vir, tendo enviado seu Filho, Jesus, para morrer sobre a cruz para que seus pecados sejam perdoados e tendo-o ressuscitado da morte para ser a pedra angular da nova cidade de Deus. Jesus Cristo o convida a entrar nessa cidade de refúgio, onde ele é Pastor, Salvador e Rei.

O convite de Zacarias 2.6-7 é especialmente dirigido àqueles israelitas que ainda viviam na Babilônia, que haviam se estabelecido confortavelmente no exílio e talvez tivessem se esquecido de sua verdadeira cidadania. Que perigo isso representa aos cristãos secularizados de hoje! Se você é cristão, então deve amar a igreja de Deus, a cidade na qual você possui cidadania eterna. Você precisa tornar somente Deus a sua glória, a alegria do Senhor deve ser a sua força. Você deve oferecer tudo o que você é e possui a ele e à sua maravilhosa obra redentora por meio do evangelho de Jesus Cristo. É isso que permanecerá eternamente, muito depois de todas as fortalezas terrenas terem caído, por isso nos oferecemos a Deus para a edificação de sua cidade.

Por meio da fé em Cristo, fazemos parte da cidade que há de vir, a verdadeira igreja de Deus. Apesar de vermos essa cidade apenas pela fé, virá o dia em que a veremos diante de nossos olhos e habitaremos nela para sempre. A respeito disso, nos é dito:

Nela, estará o trono de Deus e do Cordeiro. Os seus servos o servirão,

contemplarão a sua face, e na sua fronte estará o nome dele. Então, já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do sol porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos. Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras [no sangue do Cordeiro], para que lhe assista o direito à árvore da vida, e entrem na cidade pelas portas (Ap 22.3-5,14).

1 Gowan, Donald E. Eschatology in the Old Testament. Edimburgo: T&T Clark, 1986, p. 8.

2 Achtemeier, Elizabeth. Nahum – Malachi. Atlanta: John Knox, 1986, p. 116.

3 Achtemeier, 1986, p. 117.

4 Achtemeier, 1986, p. 117.

5 “We Have Nothing but We Have Everything”, World 15.24, (17/junho/2000), p. 46-48.

6 Citado por Boice, James M. Psalms. Vol. 1. Grand Rapids: Baker, 1994, p. 101.

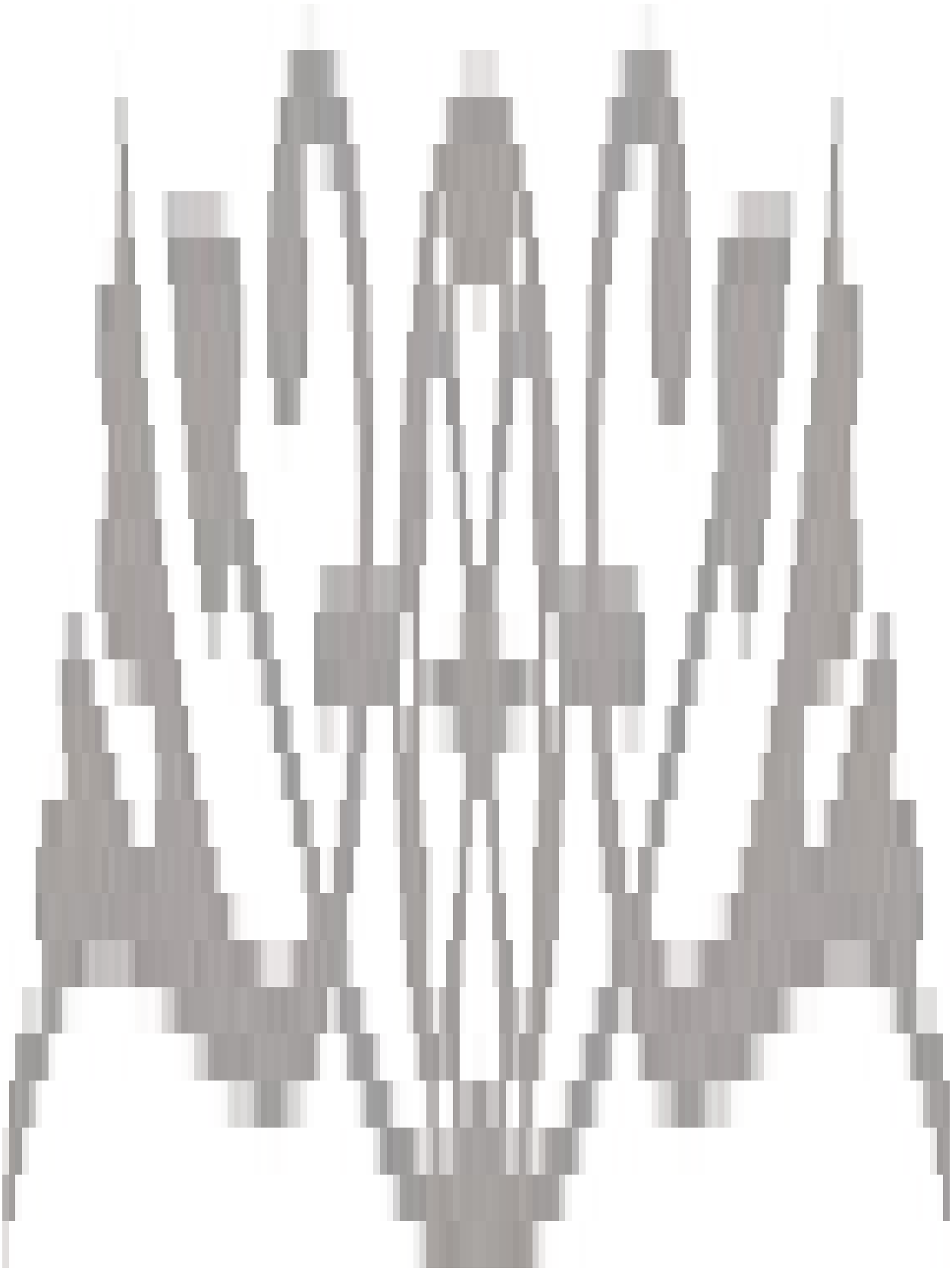
* Em inglês, Attendance, Buildings, Cash (N. do T.).

7 Moore, T. V. Haggai, Zechariah and Malachi. Edimburgo: Banner of Truth, 1979, p. 141.

5

AS DUAS CIDADES

Zacarias 2.6-13



Canta e exulta, ó filha de Sião, pois eis que venho e habitarei no meio de ti, diz o SENHOR. Muitas nações se ajuntarão ao SENHOR naquele dia, e serão meu povo. Eu habitarei no meio de ti, e saberás que o SENHOR dos Exércitos me enviou a ti (Zc 2.10-11).

Uma das obras literárias mais magníficas na história da igreja é a Cidade de Deus, de Agostinho. Nessa obra, Agostinho descreve o mundo e a história como duas grandes cidades, a Cidade do Homem e a Cidade de Deus. Ele escreve: "Duas sociedades surgem de dois tipos de amor. A sociedade secular floresceu do amor egoísta que ousa desprezar o próprio Deus, enquanto a comunhão dos santos se fundamenta no amor de Deus, a ponto de abnegação... O primeiro eleva a cabeça arrogantemente; o outro diz a Deus: 'Tu és a minha glória, tu elevaste a minha cabeça' (Sl 3.3)". [1] As sociedades humanas são muito diversas, assim como há muitas línguas, culturas, vestuário, assim por diante. No entanto, Agostinho observou: "Existem não mais do que dois tipos de sociedades, as quais, de acordo com as Escrituras, chamamos de duas cidades. Uma é a cidade dos homens que vivem segundo a carne. A outra é a dos homens que vivem segundo o espírito". [2]

A análise de Agostinho é totalmente bíblica. A Bíblia apresenta duas cidades, ou reinos, em conflito: uma destinada à condenação e destruição eterna, e a outra destinada à glória e à vida eterna. Este é o contexto para a mensagem visionária de Zacarias ao falar da Babilônia e de Jerusalém. O profeta escreve: "Eh! Eh! Fugi, agora, da terra do Norte, diz o SENHOR... Salva-te, ó Sião, tu que habitas com a filha da Babilônia" (Zc 2.6-7).

Estas duas cidades – Jerusalém e Babilônia – simbolizam as realidades espirituais de que Agostinho tratou. Uma representa a cidade do favor de Deus, e a outra, a cidade da ira de Deus. Em toda a Bíblia, Jerusalém representa a Cidade de Deus, e Babilônia, a cidade do mundo. O livro de Apocalipse, especialmente, usa Babilônia como símbolo da ordem mundana pecaminosa que se opõe a Deus e que é destruída por ele no juízo final (veja Ap 14–18).

Juízo sobre a Cidade do Homem

As visões de Deus manifestadas a Zacarias são seguidas de um mandamento para o povo de Deus fugir da terra do norte – isto é, da região da Babilônia, onde o povo habitava. Deus mandou os israelitas ao exílio como castigo pelo pecado, mas agora ele pretendia levá-los de volta para sua terra. Portanto, o povo deveria deixar o conforto que tinham alcançado na Babilônia para abraçar os desafios de reconstruir a cidade de Deus. Zacarias 2.6-9 nos diz por quê: a vinda de um severo juízo sobre a Babilônia e as nações. Há duas grandes cidades, a Cidade de Deus e a Cidade do Homem, e esta será julgada e destruída. Portanto, o mensageiro de Deus diz: “Eh! Eh! Fugi, agora, da terra do Norte, diz o SENHOR, porque vos espalhei como os quatro ventos do céu, diz o SENHOR. Eh! Salva-te, ó Sião, tu que habitas com a filha da Babilônia” (Zc 2.6-7).

As primeiras palavras hebraicas do versículo são classificadas como exclamação interrogativa: “Hôy! Hôy!” Este é o tipo de expressão que se usa para chamar atenção, assim como em nossa língua dizemos: “Ei!” A expressão é seguida de uma ordem para o povo fugir da terra do norte para onde Deus o tinha enviado anteriormente. Deus julgaria a Babilônia golpeando-a, e o povo tinha de sair de lá antes de isso acontecer. Há dois motivos para esse juízo. Primeiro, Deus julgará a Babilônia a fim de obter glória para si e, segundo, Deus agirá para vingar e defender seu próprio povo.

Deus julgará a Babilônia, em primeiro lugar, por amor à sua própria glória. Essa ideia está expressa em Zacarias 2.8, um versículo que contém um dos mais difíceis problemas de tradução do livro de Zacarias. A versão English Standard Version diz: “Porque assim diz o SENHOR dos Exércitos: Após sua glória, ele me enviou às nações que vos despojaram”. A frase em questão é “após sua glória, ele me enviou”. A New International Version traduz “depois de me honrar”. Literalmente, o texto diz simplesmente “depois da glória” (hebr. A~h~r K~B"D).

Essa frase é interpretada de diversas maneiras pelos autores de comentários. Alguns entendem que “glória” esteja se referindo à reconstrução do templo. Outros acham que o termo se refira ao próprio Deus. Esse parece ser o entendimento da English Standard Version, que se refere a Deus dizendo “sua glória”. O sentido é que Deus é “o glorioso”. Meredith Kline defende essa compreensão mostrando que, na passagem anterior, Deus referiu-se a si mesmo como “a glória em seu meio” (Zc 2.5). A ideia, nesse caso, seria que Deus, em sua glória, acompanharia o anjo na luta contra os babilônios.[3] Outra explicação é que kabod, a palavra hebraica para “glória”, também significa “pesado”,

podendo dar o sentido “com grande peso ou urgência ele me enviou”. Mas a melhor explicação é a apresentada por H. C. Leupold e Thomas McComiskey, que argumentam que “após” deve ser traduzido por “em busca de”. Essa interpretação da passagem também se enquadra bem com o contexto: “Em busca da glória ele me enviou às nações”.

Essa ideia é coerente com o ensino de outras passagens da Escritura, nas quais Deus fere seus inimigos em busca de sua própria glória ou por amor a ela. O juízo de Deus contra Faraó é um exemplo disso. Deus lhe disse, enquanto feria o Egito com pragas terríveis: “Para este propósito foi que eu o levantei, para mostrar-lhe o meu poder, a fim de que meu nome seja proclamado em toda a terra” (Êx 9.16). Essa é exatamente a explicação dada pelo anjo nesta visão: “Então saberás que o SENHOR dos Exércitos me enviou a ti” (Zc 2.9). No passado, Deus glorificou seu poder derrotando o poderoso Egito, agora ele glorifica sua santidade com seu justo juízo sobre a Babilônia e demais nações que despojaram os judeus.

A segunda razão para o juízo de Deus é o seu amor por seu povo. O anjo de Deus visitaria os babilônios com ira porque “aquele que tocar em vós [os judeus] toca na menina do seu [de Deus] olho” (Zc 2.8). Lembramos que Deus enviou os judeus em cativeiro na Babilônia e outros lugares; ele permitiu a destruição de Jerusalém sob o poder de Nabucodonosor como juízo por seus pecados. Mas isso não significa que ele toleraria aqueles que brutalizaram Jerusalém e seus cidadãos. Longe disso! Antes, o próprio Deus buscará vingança por todo dano vingativo contra o seu povo.

Na Escritura, o juízo é frequentemente apresentado como reverso da sorte para o ímpio. Aqui também é assim. A acusação contra a Babilônia e as nações é que elas despojavam os povos. Portanto, ao julgá-las, Deus diz: “Eis aí agitarei a mão contra eles, e eles virão a ser presa daqueles que os serviram” (Zc 2.9). Esse é o mesmo tipo de juízo sobre o qual lemos no livro de Apocalipse, quando o juízo final de Deus vem sobre os ímpios da terra. Lá, os anjos o louvam por sua justiça: “Porquanto derramaram sangue de santos e de profetas, também sangue lhes tens dado a beber; são dignos disso” (Ap 16.6). O juízo de Deus nos dias de Zacarias significava um grande reverso da sorte daqueles que causaram dano a seu povo e significará o mesmo no retorno de Jesus Cristo.

É maravilhoso ler que o próprio Deus vindicará seu povo, e muito mais, ver como o povo é retratado como “a menina dos olhos” de Deus. Os israelitas

foram enviados para o exílio por causa de seu pecado, foram lançados para fora da cidade santa e espalhados entre as nações, contudo, durante todo tempo Deus se lembrava deles. Ele os estimava, mantinha seus olhos sobre eles e, durante todo esse tempo, eles foram “a menina dos olhos” de Deus.

Essa frase aparece em outras passagens do Antigo Testamento, sempre como expressão da terna e ardente afeição de Deus pelo povo da aliança. “A porção do SENHOR é o seu povo, Jacó é a parte da sua herança”, escreveu Moisés. Em referência a Jacó, ele disse: “Rodeou-o e cuidou dele, guardou-o como a menina dos olhos” (Dt 32.9-10). Que declaração maravilhosa da graça fiel de Deus de que, apesar de ser enviado ao exílio por causa do pecado, Israel não deixou de ser a menina dos olhos de Deus. Deus permitiu que as nações subjugassem seu povo amado, contudo, durante todo o tempo, ele preparou o dia da vingança e da libertação. O anjo explica a Zacarias a razão disso: “aquele que tocar em vós toca na menina do seu olho” (Zc 2.8). David Baron aplica isso para nós:

No terno amor e fidelidade de Jeová ao seu indigno Israel, é possível ver o retrato do imutável amor e fidelidade de Deus a você também; pois se você aprendeu a colocar sua confiança sob a sombra de suas asas e em Cristo firmou um relacionamento de aliança com ele, então você é amado dele com o mesmo amor com que ele amou seu Filho unigênito, e é tão querido e indispensável a ele como o membro mais importante do seu corpo é para você. Portanto, você poderá aplicar essa figura também a si mesmo individualmente e orar com Davi: “Guarda-me como menina dos teus olhos; esconde-me sob a sombra de tuas asas” (Sl 17.8).[4]

Como ocorrerá esse juízo do ímpio? O anjo explica: “Eis aí agitarei a mão contra eles” (Zc 2.9). O modo como virá o juízo provará ser obra de Deus. H. C. Leupold explica:

O anjo do Senhor não precisará se esforçar para subjugar seus inimigos. Será apenas questão de sacudir a mão. Ele simplesmente indicará com um gesto o que ele deseja e será feito. Esta é sua onipotência. Consequentemente, aqueles que foram vitoriosos agora servirão de despojo aos que foram subjugados por eles,

como Israel o foi. Se a condição das nações for radicalmente alterada com tanta facilidade, certamente, isto é “glória”.[5]

Salvação para a cidade de Deus

Estamos refletindo sobre a natureza e o destino destas duas cidades diferentes, uma das quais foi separada para juízo. Em seguida, a visão volta-se para Jerusalém e nos diz sobre a grande salvação para a Cidade de Deus. A Jerusalém derrotada dos tempos de Zacarias cantará e regozijará por suas bênçãos espirituais, a mais importante das quais consiste da renovação da presença do Senhor em seu meio. Esta é a exortação do anjo ao povo à luz da vinda de Deus: “Canta e exulta, ó filha de Sião, porque eis que venho e habitarei no meio de ti, diz o SENHOR” (Zc 2.10).

Geralmente, a maior e principal bênção não é uma dádiva de Deus, mas o próprio Deus. A promessa do retorno de Deus certamente pretendia reavivar os esforços de reconstruir o templo de Deus, o qual representaria novamente a presença de Deus em meio ao seu povo.

Todavia, o alcance dessa bênção se estendia muito além do povo de Israel. O anjo prossegue: “Naquele dia, muitas nações se ajuntarão ao SENHOR e serão o meu povo” (Zc 2.11). Aqui vemos a visão profética indo adiante, além do horizonte do tempo de Zacarias, àquele dia em que a cidade sem muros se espalharia pela terra, à medida que as nações fossem atraídas pelo evangelho a Deus e à sua salvação.

O versículo 12 acrescenta maravilhosamente que, depois disso, “o SENHOR herdará a Judá como sua porção na terra santa e, de novo, escolherá a Jerusalém”. Isto ocorrerá quando Deus colher o que ele sempre buscou em seu trato com os judeus. Sempre foi sua intenção receber como parte de sua herança não só uma tribo dentre tantas nações, mas as próprias nações, em submissão voluntária diante de seu trono. “Naquele dia, muitas nações se ajuntarão ao SENHOR e serão o meu povo” (Zc 2.11), disse o anjo, e isso acontecerá quando a porção de Deus for entregue. Então Jerusalém se tornará o que deveria ser desde o início: o lar dos que creram de entre todas as nações, todos os que foram lavados e tornados limpos pelo sangue do Cordeiro e amado de Deus. Por causa desta união das nações, os anjos celebrarão isso para sempre no céu, dando

glória a Deus: “Pois só tu és santo; por isso, todas as nações virão e o adorarão” (Ap 15.4). O Senhor recebe as primícias desta promessa à medida que a igreja cristã atrai pessoas de todas as tribos, línguas e nações para adorá-lo mesmo agora. Paulo disse que Jesus derrubou as divisões do mundo por meio da cruz, “para que dos dois criasse, em si mesmo um novo homem” (Ef 2.15). Como Deus é glorificado hoje quando homens e mulheres com poucas coisas em comum se unem como um só povo na igreja para adorar e servir o Senhor por meio de Jesus Cristo!

Cristo, o Senhor

É impossível continuar estudando estes versículos e levar a sério as afirmações específicas que eles contêm sem notar que no centro desta visão está o Senhor Jesus Cristo.

À medida que seguimos o percurso deste segundo capítulo de Zacarias, parece evidente que o mensageiro desses oráculos é o anjo do Senhor que encontramos na primeira visão (1.11). O capítulo 2 inicia com a visão de um homem com o cordel na mão. O anjo intérprete é chamado por outro anjo e recebe ordem de intervir. Este outro anjo que começa a falar, certamente, é o anjo do Senhor que apareceu anteriormente montado no cavalo vermelho e o chefe dos exércitos dos céus. Ele começa falando em Zacarias 2.4 e faz mais sentido entender que é ele mesmo quem ainda está falando nestes versículos que vão até o final do capítulo. Afinal, quem mais enviaria Deus para executar sua vingança a não ser o comandante dos exércitos montados de guerra?

No estudo da primeira visão, declarei minha opinião de que esse anjo do Senhor é o Cristo pré-encarnado, a segunda pessoa da Trindade antes de assumir forma humana e receber o nome Jesus. Estes versículos do capítulo 2 apoiam essa interpretação de forma contundente.

Observe, por exemplo, a maneira como a ação e fala do anjo se tornam essencialmente as mesmas que as do Senhor nesta visão. “Agitarei a mão contra eles”, diz o anjo, “e eles virão a ser presa daqueles que os serviram” (Zc 2.9). Essa deificação do anjo do Senhor se intensifica ainda mais, quando se fala do retorno do Senhor ao seu povo: “Canta e exulta, ó filha de Sião, porque eis que venho e habitarei no meio de ti, diz o SENHOR... habitarei no meio de ti, e

saberás que o SENHOR dos Exércitos é quem me enviou a ti" (2.10-11). Aqui, o que vem habitar no meio do povo é o "Senhor", contudo, ele também é aquele a quem "o SENHOR dos Exércitos enviou". A mesma situação se aplica à reunião das nações: "Naquele dia, muitas nações se ajuntarão ao SENHOR e serão o meu povo" (Zc 2.11). O mensageiro é aquele que foi enviado pelo "SENHOR dos Exércitos", isto é, o anjo do Senhor que fala na visão de Zacarias. Os povos que se unirem ao Senhor serão seu povo.

Aqui temos um exemplo de como o Antigo Testamento não pode ser compreendido sem que se leve em conta a Trindade. Temos dois personagens, ambos os quais são mencionados e exercem os direitos de "Senhor" – aquele que envia e aquele que é enviado. Isso confirma mais fortemente a identidade do anjo com o Jesus Cristo pré-encarnado. Os dados desta passagem praticamente requerem duas figuras capazes de serem chamadas "SENHOR dos Exércitos". De acordo com o Novo Testamento, Jesus Cristo é o único enviado por Deus e também o próprio Deus. Ele é Jeová Jesus, Cristo "o Senhor".

Além disso, esta visão antecipa o plano redentor que Cristo cumpre em favor do Pai. Ele diz: "Habitarei no meio de ti" (Zc 2.10). Foi justamente isso que aconteceu na encarnação de Jesus Cristo: "O Verbo se fez carne", João nos diz, "e habitou entre nós" (Jo 1.14). Foi exatamente essa mesma legião angelical que vimos montada em Zacarias 1 que, certamente, irrompeu no céu noturno sobre os pastores dos campos de Belém para anunciar o nascimento do Senhor deles e nosso (Lc 2.13-14). Foi no nascimento do menino Jesus, um acontecimento infinitamente mais excelente do que a construção do templo, que Deus veio habitar em meio ao seu povo.

A promessa de Zacarias 2.11 também se cumpre na vinda de Cristo. O fruto do seu trabalho é que "naquele dia, muitas nações se ajuntarão ao SENHOR e serão o meu povo". De fato, somente Cristo e sua igreja têm qualquer semelhança com o cumprimento desta promessa. Foi em Pentecostes, depois da morte e ressurreição de Cristo, que as nações falaram em uníssono por meio do ministério do Espírito Santo. Foi através das viagens missionárias dos apóstolos que os gentios se tornaram herdeiros da promessa e membros da aliança redentora de Deus. E é ainda por meio da obra missionária contínua da igreja que muitas nações se unem ao Senhor para se tornarem povo de Cristo.

O anjo prossegue com uma promessa de que Deus se tornaria conhecido por meio de sua salvação: "Habitarei no meio de ti, e saberás que o SENHOR dos

Exércitos é que me enviou a ti" (Zc 2.11). É isso que a obra redentora de Cristo faz, assim como ele declarou em João 5.36: "As obras que o Pai me confiou para que eu as realizasse, essas que eu faço testemunham a meu respeito de que o Pai me enviou".

A visão culmina com a ideia das nações se unindo ao Senhor e se tornando seu próprio povo: "O SENHOR herdará a Judá como sua porção na terra santa e, de novo, escolherá a Jerusalém" (Zc 2.12). O leitor no Novo Testamento dificilmente deixará de se lembrar também da visão da igreja cristã retratada no livro de Hebreus: "Tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembleia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados, e a Jesus, o Mediador da nova aliança" (Hb 12.22-24). Se Zacarias se maravilhou com a visão revelada por esse divino anjo-Salvador, quanto mais nos maravilharemos de ver seu cumprimento muito mais glorioso na vinda daquele que foi chamado Emanuel – "Deus conosco" – Jesus Cristo (Mt 1.23).

Três mandamentos para o povo de Deus

A magnitude dessas promessas deve ter causado perplexidade a Zacarias, ao estar em meio às ruínas da Jerusalém terrena. Entretanto, a ênfase deste oráculo não era meramente inspirativa, mas também motivacional, por isso, deixamos de entender a ideia central se não levarmos em conta os três conjuntos de imperativos inclusos no oráculo – três mandamentos para a geração do profeta e para a nossa.

O primeiro mandamento encontra-se no início da visão: "Eh! Eh! Fugi, agora, da terra do Norte, diz o SENHOR... Salva-te, ó Sião, tu que habitas com a filha da Babilônia" (Zc 2.6-7). O povo de Deus precisa fugir da cidade terrena, Babilônia, uma vez que não pode habitar lá sem correr o risco de ser julgado junto com ela.

A obra O Peregrino, de John Bunyan, mostra essa realidade de forma clássica. Ao ler a Bíblia, "Cristão" aprende sobre o grande juízo futuro contra a Cidade da Destruição, onde ele vivia. Ele procurava um modo de escapar do juízo quando se encontra com um homem chamado "Evangelista". Ouvindo a respeito do

medo do juízo de Cristão, Evangelista lhe perguntou por que ele ainda não tinha partido: “Se essa é a sua situação, o que está fazendo parado aqui?” Cristão respondeu: “Porque não sei para onde ir”. Evangelista lhe entregou um versículo bíblico que diz “Fugi da ira vindoura” (Mt 3.7). O Evangelista mostrou ao Cristão o caminho para a Cidade Celestial, a cidade onde há segurança e salvação, e Cristão começou a correr para lá. Sua mulher e filhos gritaram para ele voltar, então ele “tapou os ouvidos e começou a correr, gritando: ‘Vida! Vida! Vida eterna!’” (cf. Lc 14.26).[6] Nós também precisamos fugir da Cidade do Homem, a Cidade da Destruição. Precisamos rejeitar seus padrões, repudiar seu estilo de vida e abraçar o modo de vida da Cidade de Deus, para onde estamos fugindo, a fim de sermos salvos. Martyn Lloyd-Jones explica: “Não devemos ter a ambição de ser o mais parecido possível com os outros, apesar de sermos cristãos, mas, antes... devemos ter a ambição de querer ser como Cristo, quanto mais parecido com ele melhor, e quanto mais nos tornamos como ele, mais nos tornaremos diferentes dos outros que não são cristãos”.[7]

O segundo e mais positivo mandamento é dirigido àqueles que já se encontram na cidade de Deus: “Canta e exulta, ó filha de Sião” (Zc 2.10). Foi por amor a este segundo mandamento que as grandes promessas de bênção foram anunciadas – e certamente foram grandes o suficiente para inspirar esse regozijo. O povo de Deus, o destinatário de tão grande salvação, deve ser caracterizado por uma alegria igualmente maravilhosa diante do mundo.

Uma das maiores mentiras do mundo é dizer que, se você se afastar do pecado, sairá perdendo e será infeliz. Mas fugir dos prazeres do pecado não o tornará infeliz. Muito pelo contrário: a vida na Cidade de Deus é mais agradável do que todas as alegrias carnais que deixamos para trás. Os que creem têm a alegria de conhecer o Deus vivo e verdadeiro. A nossa alegria é a redenção: a consciência de que somos tratados com amor muito mais poderoso do que a morte. Temos a alegria de sermos usados por Deus para as coisas que realmente são importantes e duram para sempre. É sobre esta alegria que o profeta Sofonias fala em linguagem semelhante à do nosso texto:

Canta, ó filha de Sião; rejubila, ó Israel! Regozija-te e, de todo coração, exulta, ó filha de Jerusalém. O SENHOR afastou as sentenças que eram contra ti e lançou fora o teu inimigo. O Rei de Israel, o SENHOR, está no meio de ti; tu já não verás mal algum. Naquele dia, se dirá a Jerusalém: “Não temas, ó Sião, não se

afrouxem os teus braços. O SENHOR, teu Deus, está no meio de ti, poderoso para salvar-te" (Sf 3.14-17).

Os cristãos enfrentarão problemas, mas não há nenhum problema para o qual Jesus Cristo não seja a resposta. Sofreremos provações, mas Cristo é o bálsamo sobre nossas feridas. Derramaremos lágrimas, mas Cristo é o Salvador que enxuga nossos olhos e responde à morte com a promessa de vida. Por isso, o apóstolo Paulo pode escrever da cela da prisão: "Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo, alegrai-vos" (Fp 4.4).

Este capítulo de visões termina com um último mandamento, o qual é dirigido a toda a criação. É expresso por meio de uma única palavra em hebraico: "Cale-se". Isto marca um contraste, pois o versículo 10 nos fala para cantar de alegria, entoando ao Senhor hinos de vitória. Sim, mas nossa alegria não é como a felicidade impetuosa e rude do mundo. Antes, nossa alegria é compatível com um espírito tranquilo e suave, com reverência em adoração diante do trono sagrado. "Cale-se toda carne diante do SENHOR", ordena o anjo, "porque ele se levantou da sua santa morada" (Zc 2.13).

Certamente isso diz respeito ao caráter da verdadeira adoração. O Senhor é o foco do que estamos fazendo, e estamos atentos a ele. Ainda estamos diante do Senhor porque sua atividade é o que importa, não a nossa; sua palavra é o que precisamos ouvir e compreender, não a nossa; sua presença acalma nossos temores e tranquiliza as torrentes de nossa alma como nenhuma terapia humana é capaz de fazê-lo. "Cale-se diante do Senhor", diz o anjo, assim como Jesus ordenou às ondas agitadas do turbulento mar: "Paz! Aquietai".

A geração de Zacarias, como a nossa, precisava escolher entre duas cidades e dois amores. Para eles, era Babilônia ou Jerusalém; não podia ser ambas. Esta é uma escolha que também precisamos fazer. A visão nos diz: "Fuja da ira vindoura!" Fujamos da cidade deste mundo e de tudo o que ela ama. Vamos, ao contrário, à Cidade de Deus, exultando com cânticos em nosso coração. E ali, no templo construído não por mãos humanas, mas pela morte e ressurreição de Jesus Cristo, aquietemo-nos diante do Senhor, adorando-o no descanso de contentamento e paz. Por meio de Jesus Cristo, Deus "se levantou da sua santa morada" (Zc 2.13) para viver entre nós e nos tornar o seu povo para sempre.

1 Agostinho, City of God. Trad. Walsh, Zema, Monahan, Honan. Nova York: Doubleday, 1958, XIV.28.

2 Ibid. XIV.1

3 Kline, Meredith G. Glory in Our Midst: A Biblical-Theological Reading of Zechariah's Night Visions. Overland Park, KS: Two Age Press, 2001, p. 79-80.

4 Baron, David. The Visions and Prophecies of Zechariah. Grand Rapids: Kregel, 1972, p. 75.

5 Leopould, H. C. Exposition of Zechariah. Grand Rapids: Baker, 1981, p. 59-60.

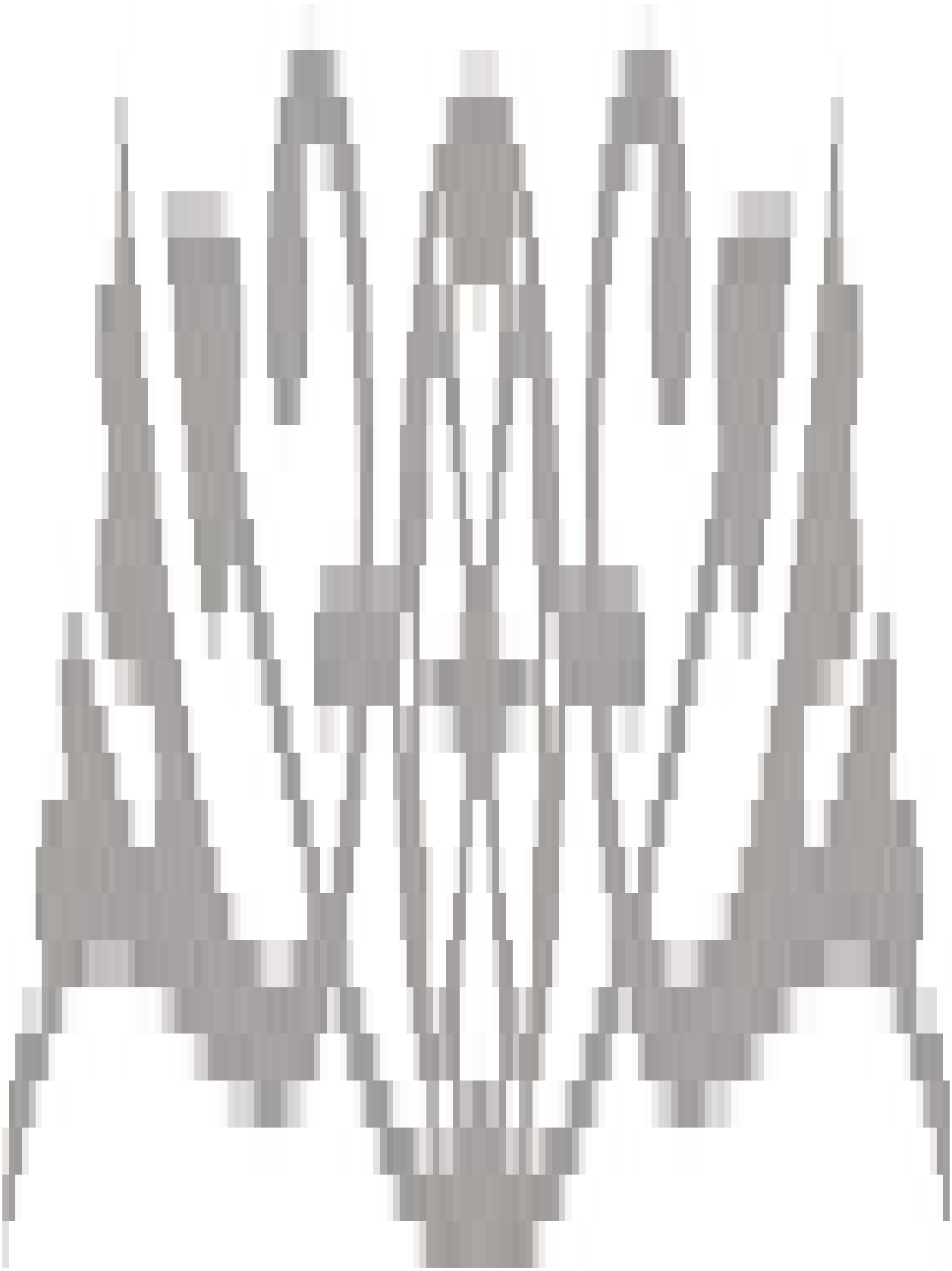
6 Bunyan, John. Pilgrim's Progress. Nashville: Thomas Nelson, 1999, p. 11.

7 Lloyd-Jones, D. Martyn. Expositions on the Sermon on the Mount. Vol. 1. Grand Rapids: Eerdmans, 1959, p. 37.

6

AS NOVAS VESTES DO PECADOR

Zacarias 3.1-5



Ora, Josué, trajado de vestes sujas, estava diante do Anjo. Tomou este a palavra e disse aos que estavam diante dele: Tirai-lhe as vestes sujas. A Josué disse: Eis que tenho feito que passe de ti a tua iniquidade e te vestirei de finos trajes (Zc 3.3-4).

Há um grande obstáculo no caminho de todo sonho utópico. Ele distorce todos os nossos programas, condena todos os nossos planos e confunde nossas promessas. O obstáculo chama-se pecado. O pecado é a infecção que contamina a humanidade e corrói toda a nossa visão e destrói toda esperança. O pecado também é a culpa que macula nosso esplendor, como grafite em um muro recém-pintado, ou como uma veste nova arrastada pelo esgoto aberto.

O problema do pecado afeta não só o programa do homem, mas também o de Deus. Deus, também, tem um programa. Ele tem planos, fez promessas e, para cumpri-las, terá de tratar do nosso pecado. É isso que vemos na situação dos judeus que retornaram a Jerusalém no tempo de Zacarias. Deus estabeleceu providencialmente um regente benévolo no trono da Pérsia e os trouxe de volta à cidade santa. Nas visões que o profeta teve até agora, Deus falou de reconstrução, de retornar em sua glória e de reunir as nações. Seria a concretização de tudo aquilo para o qual Israel foi formado. Mas, ao nos voltarmos para essa quarta visão, descobrimos que Deus tem de contender com o grande problema do pecado de Israel. Mesmo Deus não pode ignorar ou deixar de lado o pecado, mas precisa encontrar a solução para que essas visões se cumpram.

Satanás, o acusador

O problema do pecado de Israel é representado nesta visão por um homem chamado Josué, que, na época, era o sumo sacerdote. Josué é julgado em um tribunal muito solene: “Deus me mostrou o sumo sacerdote Josué, o qual estava diante do Anjo do SENHOR, e Satanás estava à mão direita dele, para se lhe opor” (Zc 3.1).

Muitos comentaristas bíblicos situam esta cena na corte celestial de Deus ou no templo inacabado do monte Sião, apesar de o texto não especificar. Josué está "diante" do Anjo do Senhor, expressão usada frequentemente para aquele que está no cumprimento dos deveres sacerdotais. Contudo, esta mesma expressão também é usada para descrever um processo judicial em que um indivíduo é julgado. Faz sentido pensar que Josué estava cumprindo seu ofício sacerdotal quando, de repente, foi confrontado por esta acusação do diabo. O que iniciou com serviço terminou em julgamento.

Como sumo sacerdote, entendemos que Josué represente o sacerdócio que caiu em descrédito na época do exílio. Mas, uma vez que o ofício do sumo sacerdote representava não só os demais sacerdotes como também o povo todo, fica claro que Josué estava ali também em favor de toda a nação. A acusação contra Josué é outra forma de mostrar o desmerecimento de todo o povo o qual Deus prometeu salvar de modo tão extraordinário, conforme as visões anteriores. Howard Vos resume isto nos seguintes termos: "O sumo sacerdote está diante de Jeová em favor do povo e, se ele for repreendido e lançado fora, consequentemente, significa que o povo de Israel será lançado fora".[1]

Esta cena representa uma indagação presente na mente das pessoas em Jerusalém. A nação caiu em pecado. As pessoas foram profanadas pela permanência na Babilônia e desonradas pela derrota do exílio. Que enorme peso de culpa acumulada tiveram de suportar coletivamente! Elas estariam pensando em seu pecado, coletivo e individual, de modo que tinham interesse particular no destino de Josué.

Esta visão apresenta, em primeiro lugar, um retrato de Satanás como nosso acusador. Josué estava diante do Anjo, e Satanás "estava à mão direita dele, para se lhe opor" (Zc 3.1). A palavra hebraica Satan significa adversário, e esse nome deixa muito claro o propósito do diabo em relação tanto a Deus quanto ao homem.

A Escritura diz muitas coisas a respeito do diabo. Ele é o enganador (Gn 3.4), o tentador (Mt 4.3), um leão que ruge e devora (1Pe 5.8), perseguidor do povo de Deus (Ap 2.10) e assassino (Jo 8.44). Mas um dos papéis mais insidiosos dele é o de acusador do povo de Deus. Aqui Satanás se coloca ao lado do povo escolhido de Deus, o mesmo que ele se empenhou em tentar; agora Satanás se mostra horrorizado ao apontar as manchas do pecado do povo. Devo acrescentar ainda mais um aspecto de seu currículo: Satanás é um grande ator, e é o que ele

faz melhor, interpretando o injuriado promotor no tribunal da lei de Deus.

A acusação é uma arma potente. Ela nos detém em nossa obra espiritual, e certamente este é um dos principais objetivos de Satanás. Ele nos desencoraja, assim como desencorajou Josué aqui, com a ideia de que Deus rejeitará nosso serviço por causa de nosso pecado. Satanás, naturalmente, quer principalmente romper as cordas de nossa fé. “Vocês não são santos”, ele nos diz. “Outros podem ser dignos de Deus, mas certamente vocês não são. Por que não admiti-lo e deixar de tentar viver de forma piedosa? Por que vocês não desfrutam os prazeres do pecado enquanto podem, abandonando a esperança de salvação?” Satanás sabe que é nossa fé que nos dá força e salvação, então, assim como Dalila cortou o cabelo de Sansão, o diabo direciona suas acusações contra nossa fé. Martinho Lutero, que sabia muito bem o que significava ser afligido pelo diabo, escreveu: “É assim que o diabo age: ele enaltece demais e aumenta o pecado do indivíduo e faz o juízo de Deus parecer horrível, assim como Apocalipse 12.10 nos diz que o velho dragão acusa os santos dia e noite perante nosso Deus”.[2]

A visão continua: “Josué, trajado de vestes sujas, estava diante do Anjo” (Zc 3.3). Imagine o enorme senso de culpa e vergonha que Josué deve ter tido. Conhecemos um pouco sobre ele. Ele era um legítimo sumo sacerdote da linhagem de Zadoque, da casa de Arão. Foi um dos principais líderes do grupo que voltou para restabelecer Jerusalém e reedificar o templo. Foi ele quem estabeleceu o altar para que se oferecessem novamente os holocaustos (Ed 2.2; 3.2). Portanto, Josué era um homem de alta posição, então, deve ter levado muito a sério esse senso de humilhação. Todo verdadeiro ministro sabe como é isso, aproximar-se do púlpito muito consciente – sem dúvida, com a ajuda de Satanás – de sua inaptidão para um chamado e ofício tão nobre.

Satanás parece ter tido evidência suficiente para sustentar sua acusação. Satanás pode ser um mentiroso, mas, quando se trata de nos acusar, ele está coberto de razão. É lamentável que muitos estudiosos procurem imaginar que tipo de pecado Josué teria cometido – talvez algo que cometeu lá na Pérsia e que foi agora descoberto, assim como candidatos políticos hoje se tornam vítimas de escândalos quando são investigados criteriosamente. Mas não há motivo para procurar um pecado escandaloso que acaba de se tornar público. Certamente, havia muitos pecados dos quais Josué era culpado, assim como ocorre com todos nós.

Josué não diz nada em defesa própria. Sua boca permanece calada, e o Anjo do Senhor também não procura negar as acusações feitas contra ele. Spurgeon diz acertadamente:

Verdadeiramente, caro amigo, se Satanás deseja nos acusar, qualquer página de nossa história, qualquer hora do dia lhe servirá de material para as acusações. Ontem você foi impaciente, no dia anterior você se orgulhou, outro dia você foi indolente, no outro, irritado. Ó, que antro de aves imundas é o coração humano!... Se o velho acusador quer motivos para acusação, ele realmente encontrará o quanto quiser e continuará a encontrar tanto quanto quiser, pois somos completamente imundos.[3]

"O Senhor te repreende"

Josué pode não ter nada a dizer, mas outra pessoa tinha o que dizer naquela situação, a saber, o Anjo do Senhor. Já defendi nos capítulos anteriores que este Anjo não é outro senão a segunda pessoa da Trindade, o Filho de Deus em forma pré-encarnada. Esta é mais uma passagem que descreve o Anjo como "o Senhor". Enquanto o Anjo do Senhor fala, lemos: "O SENHOR disse a Satanás" (Zc 3.2). Pode ser que nós, pecadores, não tenhamos nada a dizer diante das acusações de Satanás, mas esse Anjo do Senhor, que sabemos ser Jesus Cristo, pode responder em nosso favor. Assim, ele disse a Satanás: "O SENHOR te repreende, ó Satanás!" (Zc 3.2).

Que conforto ver Jesus Cristo nos defender! Ele é o que rebate as acusações de Satanás e as volta contra ele – o qual, como foi profetizado, esmaga a cabeça do diabo e lhe dá de comer pó da terra em frustração (Gn 3.14-15). "O SENHOR te repreende", ele diz, não porque somos inocentes, mas por dois motivos dados aqui, o primeiro dos quais é este: "O SENHOR que escolheu a Jerusalém te repreende".

Cristo repreende Satanás, primeiro, com base na eleição de Deus. A acusação de Satanás difama a integridade de Deus por se associar com pecadores como este homem Josué. O anjo responde com a eleição de Deus, porque a posição de Israel em relação a Deus – a prometida afeição dele para com o povo – nunca foi

firmada na dignidade do próprio Israel. Deus restauraria e abençoaria seu povo simplesmente porque ele escolheu fazê-lo, baseado em seu próprio soberano propósito e graça. Foi isso que Deus sempre enfatizou a Israel, como explica Moisés: “Não vos teve o SENHOR afeição, nem vos escolheu porque fôsseis mais numerosos do que qualquer povo, pois éreis o menor de todos os povos, mas porque o SENHOR vos amava e para guardar o juramento que fizera a vossos pais” (Dt 7.7-8). David Baron comenta: “Se a posição de Israel como povo peculiar do Senhor dependesse de sua fidelidade, então a nação tinha sido extinta há muito tempo; mas a esperança e segurança de Israel repousam sobre o imutável caráter e fidelidade do Deus eterno, em quem não há mudança, e isso faz toda a diferença”.[4]

Nunca foi em sua própria justiça que o povo foi aceito por Deus, mas por seu próprio amor e graça. Que imenso conforto é isto para nós! Efésios 1.4-6 diz aos cristãos: “Em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito da sua vontade, para louvor da glória de sua graça”. Cristo repreende as acusações de Satanás contra os que creem justamente com base nisto: “Ele os escolheu por causa de seu amor por vocês; e ele os amou porque os escolheu”.[5]

Isto nos mostra a diferença que as doutrinas da graça, como a eleição, faz na vida de um pecador arrependido. Em vez de nossa boca se calar por causa da culpa, são os lábios acusadores de Satanás que são calados. Spurgeon realmente não estava errado em mostrar que, quando Deus deseja calar a boca do diabo, ele prega as doutrinas que hoje chamamos de calvinistas. Ele acrescenta:

Se Deus tinha escolhido seu povo, então era inútil a Satanás tentar subjugá-lo. Cristo não confronta Satanás com nenhum “se” ou “mas”... Contudo, ele o confronta com a grande misteriosa verdade estabelecida antes da fundação do mundo. Ele lança, por assim dizer, essa corrente em seus dentes e pede para que ele a mastigue até quebrar os dentes. “Deus escolheu a Jerusalém; que esta repreensão seja suficiente”.[6]

Podemos usar essa mesma doutrina para repreender nossas próprias dúvidas, temores e inseguranças sobre a salvação. Se Deus nos escolheu – e se nos

voltamos a Jesus Cristo em fé, é somente porque ele nos escolheu – então, esta resposta é suficiente.

Há um segundo motivo para a repreensão do Anjo do Senhor: “Não é este um tição tirado do fogo?” (Zc 3.2). Que descrição maravilhosa e prática da igreja e de todo cristão liberto da condenação. Sempre que vemos alguém decaído, desprezível ou perverso, devemos pensar nisto: Deus nos salvou como um tição tirado do fogo.

Deus trouxe seu povo de volta da opressão da Babilônia, tirado do fogo do seu juízo contra o pecado. Qual foi sua intenção com essa redenção, a não ser que ele os salvaria por completo? Se Deus manifestou sua misericórdia a Josué, então certamente pretende salvá-lo. Thomas McComiskey comenta: “Se desejasse deixá-los perecer por causa de seu pecado, o Senhor os deixaria na Babilônia; mas, ao arrancá-los das chamas do exílio, ele revela que sua graça era maior de que a culpa deles”.[7] Como isso deve ter sido frustrante para Satanás, apesar de seu sucesso em fazer Israel cometer pecado. E quão confortador deve ter sido para Israel. O apóstolo Paulo oferece também o mesmo conforto aos que creem em Cristo: “Aquele que iniciou a boa obra em vós há de completá-la no dia de Jesus Cristo” (Fp 1.6). Deste modo, o diabo é efetivamente repreendido.

A figura da remoção do pecado

Com base em que Deus pode aceitar um pecador como Josué e aqueles que ele representa? A primeira resposta é que eles são escolhidos e já foram retirados do fogo. Mas isso ainda deixa uma enorme questão a ser resolvida, a saber, como Deus aceitará um pecador como este. Afinal, como o livro de Êxodo deixa claro, sacerdotes tinham de ser impecavelmente limpos para entrar na presença de Deus; somente homens em vestes limpas e consagradas podiam servir como sacerdotes (veja Êx 28–29). Então, como Deus pode receber esse sacerdote com roupas manchadas? A visão de Zacarias responde com uma figura da remoção do pecado.

O problema de Israel foi sucintamente resumido na situação do sumo sacerdote: “Ora, Josué, trajado de vestes sujas, estava diante do Anjo” (Zc 3.3). Alguns comentaristas interpretam a sujeira como a negridão da fuligem do fogo do qual ele foi tirado ou da contaminação cerimonial devido ao tempo passado na

Babilônia. Mas a palavra hebraica empregada aqui (Ts"!m) descarta essa modesta perspectiva, retratando, antes, o pior tipo de contaminação física e total imundice. É o pecado que Josué carregava. Josué não está simplesmente com manchas aqui e ali, mas é um verdadeiro esgoto de poluição. Esta é a mesma ideia que Isaías teve ao declarar: “Todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças, como trapo da imundície; todos nós murchamos como a folha, e as nossas iniquidades, como vento, nos arrebatam” (Is 64.6). É assim que Josué representa o povo de Deus e é assim que cada um de nós realmente está em nosso pecado quando nos colocamos diante do Senhor.

Quão maravilhoso é, então, ler o que acontece em seguida. O Anjo do Senhor volta-se aos outros anjos presentes e ordena: “Tirai-lhe as vestes sujas. A Josué disse: Eis que tenho feito que passe de ti a tua iniquidade e te vestirei de finos trajes” (Zc 3.4). Dificilmente há palavras mais preciosas ou visão mais sublime do que a que nos é apresentada aqui. Cristo tira o pecado de Josué, e esta é a figura de nossa própria redenção em Cristo.

Essa visão não oferece uma teologia completa da redenção – por exemplo, ela não retrata o derramamento do sangue do sacrifício. Mas sua impressionante representação do perdão e da purificação deve ter despertado indagações maravilhadas nos dias de Zacarias. A resposta às indagações não é outra senão Jesus Cristo. O sumo sacerdote era quem oferecia sacrifícios pelo pecado do povo de Deus. Jesus é o verdadeiro sumo sacerdote de quem Josué em seu ofício era apenas representação. Hebreus 9.11-12 explica: “Quando, porém, Cristo veio como sumo sacerdote dos bens já realizados... não por meio de sangue de bodes e de bezerros, mas pelo seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção”. Um detalhe fascinante é, que em hebraico, o nome Jesus é Josué. Ele era o Josué que havia de vir, que purificou esse primeiro Josué por meio de sua própria futura vinda para morrer como expiação pelo pecado.

Esse Anjo do Senhor podia declarar “eis que tenho feito que passe de ti a tua iniquidade” (Zc 3.4) porque, na sua vinda como Salvador encarnado, ele tinha firmado cumprir justamente isto, tomar sobre si mesmo na cruz o pecado do povo. O Novo Testamento explica o que aconteceu quando Cristo finalmente veio e carregou a cruz: “Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus” (2Co 5.21). Jesus tomou nossas vestes encardidas e as colocou sobre si mesmo, recebendo em nosso lugar o castigo que aqueles pecados mereciam. Cristo diz a todos que creem: “Eis que

tenho feito que passe de ti a tua iniquidade". Como Paulo explica: "[Jesus], perdoando todos os nossos delitos... removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz" (Cl 2.13-14). Esta é a resposta de Cristo às acusações de Satanás. E quando nossa consciência recebe pela fé o testemunho de Cristo, Satanás não tem mais nada de que nos acusar.

Uma mancha escura na parede de um castelo na Alemanha é um testemunho eloquente dessa verdade. O castelo de Wartburg foi o lugar onde Lutero se refugiou após sua heroica defesa no Concílio de Worms. Lutero foi extremamente produtivo durante aquele período, mas ele também sofreu nas mãos do diabo. Ele escreveu ao amigo Philipp Melanchton, em 24 de maio de 1521, a respeito de uma depressão espiritual que teve quando sonhou que Satanás apareceu com um longo rolo no qual estavam registrados detalhadamente muitos de seus pecados, os quais foram lidos um a um. Ao mesmo tempo, Satanás zombava de Lutero por seu patético desejo de servir a Deus, garantido que depois de tudo ele acabaria no inferno. Lutero se contorceu em agonia espiritual, até que saltou e gritou: "É tudo verdade, Satanás, e muitos outros pecados que cometi na minha vida que só Deus conhece; mas escreva isto no fim da sua lista: 'o sangue de Jesus Cristo, o Filho de Deus, nos purifica de todo pecado'". Depois, pegando o tinteiro de sua mesa, Lutero lançou-o contra o diabo, que fugiu em seguida, deixando a mancha escura na parede que atesta esse livramento.[8]

É assim que devemos reagir aos nossos temores, aos nossos sentimentos de culpa e às acusações do diabo: com o sangue de Cristo, que nos diz: "Eis que tenho feito que passe de ti a tua iniquidade".

Justiça de Deus

A Bíblia ensina que não basta ter nossos pecados perdoados: também precisamos ser justos para comparecer diante de Deus. Jesus falou disso em sua parábola das bodas. Quando o rei veio saudar os seus convidados, "notou ali um homem que não trazia veste nupcial" (Mt 22.11). Ele mandou amarrá-lo e lançá-lo fora na escuridão, onde "haverá choro e ranger de dentes" (Mt 22.13). John Owen explica a importância dessas vestes:

Não basta dizer que não temos culpa. Também precisamos ser perfeitamente justos. A lei precisa ser cumprida em perfeita obediência para entrarmos na vida eterna. Isso encontramos somente em Jesus (Rm 5.10). Sua morte nos reconciliou com Deus. Agora somos salvos por sua vida. A perfeita verdadeira obediência a qual Cristo cumpriu na terra é aquela justiça pela qual somos salvos. Sua justiça nos é imputada para que eu seja considerado como se eu mesmo tivesse obedecido perfeitamente a lei.[9]

Os teólogos fazem distinção entre a justiça que é imputada e a que é infundida. Muitas pessoas argumentam que esse tipo de distinção é inútil e apenas causa discórdias, mas a distinção é realmente indispensável. A justiça infundida descreve a justiça que está em nós, de modo que, seja como for que sejamos induzidos pela graça de Deus, somos justificados por sermos justos. Esse é o ensinamento da Igreja Católica Romana, embora cada vez mais essa visão seja aceita em círculos protestantes. Mas observe que esse não é o tipo de justiça que o Anjo do Senhor proveu para o sumo sacerdote Josué.

O anjo do Senhor não infundiu justiça – ou qualquer coisa que seja – em Josué. Ele não lhe ofereceu graça por um período de tempo para que ele pudesse colocar sua vida em ordem. Antes, as Escrituras retratam uma justiça imputada, uma veste gloriosa que é dom de Deus, conferida por graça abundante sem mérito ou anterior a todo aperfeiçoamento moral do indivíduo. O que o Anjo conferiu não foi uma justiça alcançada por Josué, mas a justiça de outro – o que teólogos reformados chamam de justiça do outro – a justiça de Jesus Cristo em toda sua gloriosa perfeição.

A doutrina da justiça imputada, como necessária ao ensino bíblico da justificação, não se limita a Zacarias. Isaías celebrou essa justiça imputada com grande alegria quando contemplou o dom de Deus: “Regozijar-me-ei muito no SENHOR, a minha alma se alegra no meu Deus; porque me cobriu de vestes de salvação e me envolveu com o manto de justiça” (Is 61.10). O apóstolo Paulo explicou isso no Novo Testamento escrevendo: “Ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, sua fé é atribuída como justiça... Deus atribui justiça independente das obras” (Rm 4.5-6).

Quando unimos estes dois elementos – a remoção do pecado e recepção da justiça – vemos os benefícios que todos os pecadores recebem por meio da fé em

Jesus Cristo. Donald Grey Barnhouse ilustra esse conceito colocando a Bíblia na sua mão direita. “Esses são os seus pecados”, diz,

que o levam à condenação. Na minha outra mão está Cristo, que não tem este peso do pecado. Na cruz, ele tomou os seus pecados; pela fé tudo isso se transfere à conta dele, para ser destruído por sua morte. Semelhantemente, podemos dizer isso quando coloco a Bíblia na minha mão esquerda. Aqui está a justiça de Cristo, da qual você não possui nada. Quando você confia nele, Deus imputa em você a justiça de Cristo e cobre você com sua própria veste perfeita e gloriosa. Não há nada mais que você necessite ou queira. Portanto, assegure-se de que você não esteja se apoiando, no todo ou em parte, em alguma justiça, exceto naquela que é suficiente para satisfazer as exigências de Deus, a justiça perfeita de Cristo, que ele oferece livremente a todos os que creem.[10]

Santo ao Senhor

Quão maravilhoso é contemplar esta alegria, a remoção de nosso pecado e o dom da perfeita justiça! Surpreendentemente, Zacarias interrompe esta visão, clamando espontaneamente quando vê as vestes purificadas colocadas sobre os ombros de Josué. Mais uma coisa era necessária: “Ponham-lhe um turbante limpo sobre a cabeça. Puseram-lhe, pois, um turbante limpo e o vestiram com trajes próprios; e o Anjo do SENHOR estava ali” (Zc 3.5).

Muitos comentaristas procuram entender o significado disso, entendendo como um toque final no glorioso traje. Mas Êxodo 28 nos fala sobre a proteção da cabeça usada pelo sumo sacerdote, com uma característica importante de uma lâmina de metal afixada nela. Na lâmina eram gravadas as palavras: “Santo ao Senhor”. Deus disse: “Sempre estará sobre a testa de Arão, para que eles sejam aceitos perante o SENHOR” (v. 38). A peça do vestuário que Zacarias esperava ver colocada, portanto, era a que proclamava o sacerdote (e, assim, o povo) santo e aceito. Sem esse santo turbante, Josué não poderia esperar oferecer sacrifícios em favor de Zacarias e das demais pessoas que estavam na presença do Senhor.

Essa visão nos mostra Satanás como acusador, apesar de ser repreendido pelo Anjo do Senhor, despenseiro da graça. Em segundo lugar, vimos um quadro do

pecado removido e, em terceiro, a atribuição da graça. A visão termina com esses trajes sacerdotais, que simbolizam tanto a certeza de nossa aceitação quanto o chamado a uma vida prática de fidelidade.

Estes dois elementos – certeza e fidelidade prática – sempre caminham juntos. Se você foi perdoado, você também é chamado para conduzir uma nova vida. Depois de sermos livres do pecado, devemos, portanto, andar em justiça. Jesus ensinou isso à mulher pega em adultério, que em muitos sentidos se assemelha ao sumo sacerdote Josué desta visão. Assim como Josué foi acusado por Satanás, ela foi acusada pelos fariseus, a quem Jesus repreendeu e despediu. Depois de mostrar que seus acusadores não estavam mais presentes para condená-la, Jesus acrescenta: "Nem eu te condeno; vá e não peques mais" (Jo 8.11). Depois de perdoados, devemos fazer o mesmo. Como Paulo comenta: "Que diremos pois? Permaneceremos no pecado para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?" (Rm 6.1-2).

Não há maior conforto e mais forte incentivo para fugirmos dos prazeres do pecado do que saber que fomos perdoados e salvos pela infinita graça de Deus em Cristo. Deus inscreve na fronte de seus redimidos "Santo ao Senhor" tanto para nos confortar nessa segurança quanto para nos ordenar a viver, como declara Paulo, de maneira "digna do evangelho de Cristo" (Fp 1.27).

Grande Salvador

Talvez Satanás tenha tentado derrubar Josué outra vez. Ele pode ter esperado outra oportunidade quando Josué estivesse desanimado, quando tivesse cedido ao pecado ou quando as provações o fizessem duvidar do amor de Deus. Satanás faz isso contra nós: ele fica à espreita, como leão no mato. Mas Josué certamente sabia o que fazer dali em diante. Depois deste grande confronto com o Salvador, as flechas de Satanás seriam desperdiçadas com Josué.

O mesmo pode ser dito de nós. Podemos ter certeza que Satanás nos encontrará quando estivermos fracos, sozinhos, desanimados depois de um fracasso ou orgulho pelo sucesso. Ele virá nos acusar e dizer: "Você é um grande pecador". É verdade, embora ele não indique qualquer evidência da graça de Deus em nossa vida. "Você é um grande pecador!", ele dirá, apontando o dedo em contundente

ofensiva.

O que você responderá? Você negará? Você se defenderá com reivindicações vazias de sua própria justiça? Ou você se voltará ao evangelho proclamado por Zacarias, ao Salvador enviado de Deus para redimir seu povo de seu pecado? “Você é um grande pecador!”, Satanás acusará. E, por meio da fé em Cristo, você tem o privilégio de responder: “É verdade, sou grande pecador. Mas Jesus Cristo é, também, grande Salvador. Olhe para a cruz, onde seu sangue precioso foi derramado por mim, e para sua vida perfeita, que é creditada em minha conta perante Deus. Agradeço por me lembrar de que daqui em diante devo viver para ele, que me amou. Pois ele colocou o seu nome em mim e eu sou enaltecido em Cristo: ‘Santo ao Senhor’”.

1 Vos, Howard F. Zechariah. Texto não publicado, p. 17.

2 Lutero, Martinho. Luther’s Works. Vol. 20. St. Louis: Concordia, 1973, p. 205.

3 Spurgeon, Charles Haddon. Metropolitan Tabernacle Pulpit. Vol. 11. Carlisle, PA: Banner of Truth, 1973, p. 67.

4 Baron, David. The Visons and Prophecies of Zechariah. Grand Rapids: Kregel, 1972, p. 92.

5 Ibid, p. 93.

6 Spurgeon, Vol. 11, p. 67.

7 McComiskey, Thomas E. The Minor Prophets: An Exegetical and Expository Commentary. Vol. 3. Grand Rapids: Baker, 1998, p. 1070.

8 Apud Baron, Zechariah, p. 93-94.

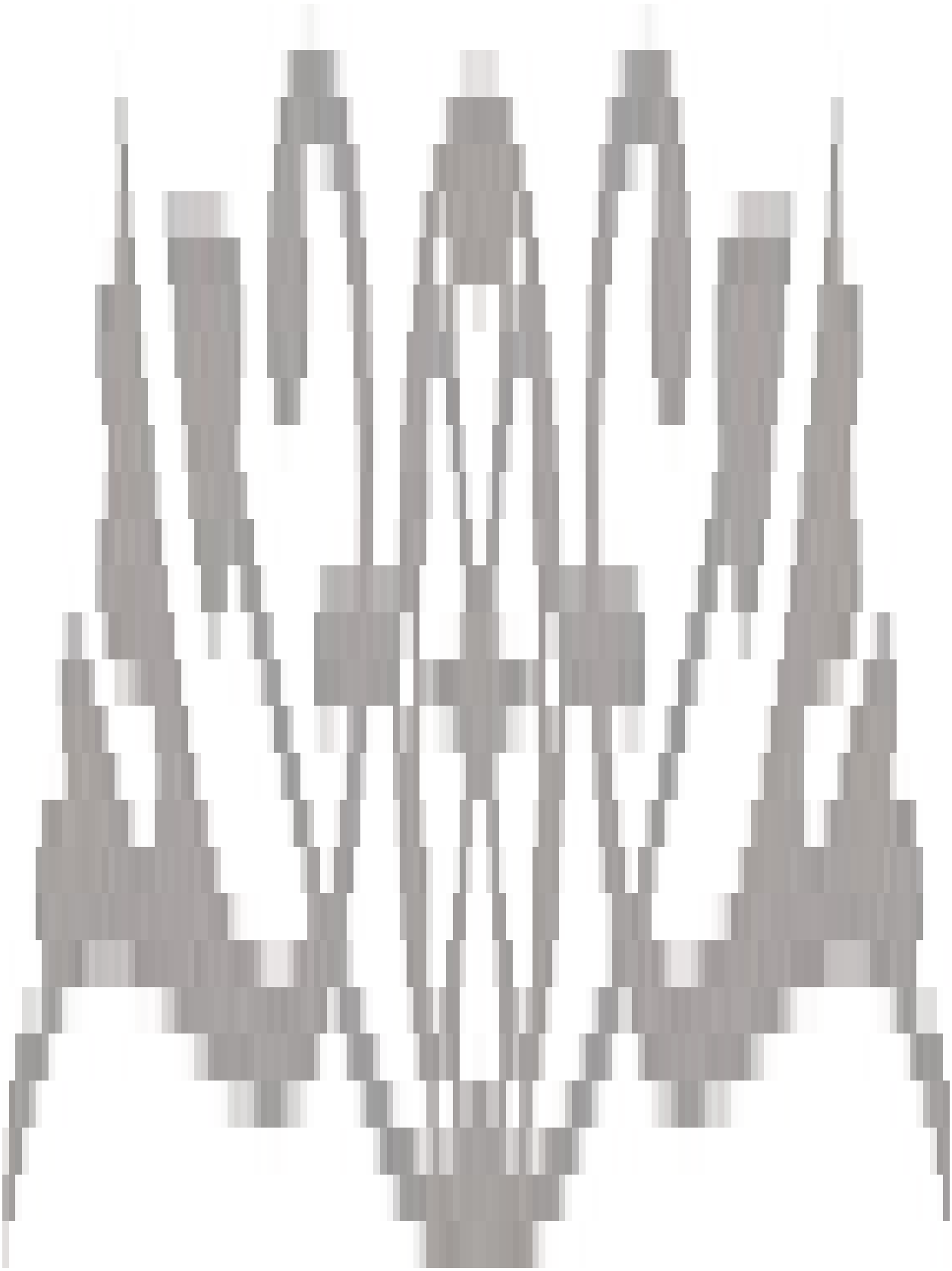
9 Owen, John. Communion with God. Edimburgo: Bannner of Truth, 1991, p. 94-95.

10 Barnhouse, Donald Grey. Expositions of Bible Doctrines Taking the Epistle to the Romans as a Point of Departure. Vol. 5. Grand Rapids: Eerdmans, 1959, p. 88-89.

7

UM SERVO, UM RENOVO, UMA PEDRA

Zacarias 3.6-10



Ouve, pois, Josué, sumo sacerdote, tu e os teus companheiros que se assentam diante de ti, porque são homens de presságio; eis que eu farei vir o meu servo, o Renovo. Porque eis aqui a pedra que pus diante de Josué; sobre esta pedra única estão sete olhos; eis que eu lavrarei a sua escultura, diz o SENHOR dos Exércitos, e tirarei a iniquidade desta terra, num só dia (Zc 3.8-9).

Uma das distinções teológicas mais importantes é a da justificação e santificação. É fundamental que não se confunda nem misture as duas ideias. A justificação é "um ato da livre graça de Deus, segundo o qual ele perdoa todos os nossos pecados e nos aceita como justos em sua presença". [1] Isto marca o início da vida cristã. A santificação é "a obra da livre graça de Deus, segundo a qual somos renovados inteiramente segundo a imagem de Deus e capacitados mais e mais a morrer para o pecado e viver para a justiça". [2] Este é o modo como a vida cristã prossegue.

É importante não confundir nem misturar justificação com santificação. Na justificação a fé é passiva, pois recebe e descansa na obra acabada de Cristo de nos reconciliar com Deus. Somos justificados pela fé, sem qualquer obra de nossa parte. Paulo escreve: "Ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça" (Rm 4.5). É vital que nossa vida cristã esteja fundamentada não em nossas próprias obras em qualquer grau, mas somente na obra salvadora de Jesus Cristo. J. C. Ryle comenta a respeito da desastrosa tendência de tantos cristãos de apoiarem a aceitação de Deus, pelo menos em parte, no aperfeiçoamento de sua alma ou nas mudanças realizadas em sua vida – isto é, em sua santificação. Ele observa:

Eles parecem se embebedar com a ideia de que sua justificação seja, até certo ponto, afetada por algo que está dentro deles. Eles não reparam exatamente que a obra de Cristo, não sua própria obra – no todo ou em parte, direta ou indiretamente – é o único fundamento de nossa aceitação por Deus: que a justificação é algo que não depende de nós, para a qual absolutamente nada é necessário de nossa parte exceto simples fé, e que o cristão mais fraco é tão plena e completamente justificado quanto o mais forte.[3]

Por mais desastroso que seja o erro de não se distinguir entre justificação e santificação, não é nada menos perigoso pensar que um possa existir sem o outro. Portanto, é necessário reconhecer que o novo nascimento que nos confere a fé sempre produzirá tanto justificação quanto santificação. R. C. Sproul mostra a ligação necessária entre as duas: “Se a regeneração é real, sempre e constantemente produzirá fé. Se a fé for genuína, sempre e constantemente produzirá justificação. Se nossa justificação for autêntica, sempre e constantemente produzirá santificação. Não pode haver verdadeira justificação sem real santificação”.[4]

Condições necessárias

Poucas porções das Escrituras distinguem e relacionam tão habilmente as questões da justificação e santificação quanto o terceiro capítulo de Zacarias, que trata de Josué, o sumo sacerdote de Israel no tempo da restauração de Jerusalém. Primeiro, vemos que ele está diante do Senhor com roupas manchadas pelo pecado, tendo, ao seu lado, o diabo, acusando-o. A experiência de Josué ilustra maravilhosamente a obra de Cristo tanto em remover o pecado quanto em revesti-lo com imputação de justiça. “Eis que”, o anjo do Senhor lhe diz, “tenho feito que passe de ti a tua iniquidade e te vestirei de finos trajes” (Zc 3.4).

Esta é uma figura maravilhosa de como a justificação é efetuada. Em todo esse tempo, Josué não faz nada. Ele recebe a salvação, enquanto Cristo (representado aqui como o Anjo do Senhor) efetua sua justificação. Contudo, à medida que os acontecimentos se desdobram, passamos imediatamente à santificação. Ouvimos esta ordenança dita a Josué: “Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Se andares nos meus caminhos e observares os meus preceitos, também tu julgarás a minha casa e guardarás os meus átrios, e te darei livre acesso entre estes que aqui se encontram” (v. 7). Isto é coerente com tudo o que a Bíblia diz sobre a salvação. Josué é salvo pela graça e, em seguida, recebe instrução sobre mandamentos que deve guardar. Ele é justificado e imediatamente chamado a seguir os caminhos de Deus para a santificação.

O chamado de Josué para santificação é expresso em termos de duas obrigações: “andares nos meus caminhos e observares os meus preceitos” (Zc 3.7). A

primeira se refere à santidade pessoal. Andar nos caminhos de Deus significa seguir o seu padrão, de acordo com seu caráter manifestado em sua Palavra. O segundo diz respeito à fidelidade do ofício no ministério; a palavra usada para "ordenança" (heb. m!shm"r) está especificamente associada aos deveres rituais e à guarda da correta religião. Se Josué e os profetas cumprirem isso, Deus promete bênção em recompensa.

A exigência de obediência por parte de Deus não é novidade na Bíblia. É o imperativo que Davi deu a Salomão quando lhe transferiu o reinado: "Guarda os preceitos do SENHOR, teu Deus, para andares nos seus caminhos, para guardares os seus estatutos, e os seus mandamentos, e os seus juízos, e os seus testemunhos, como está escrito na Lei de Moisés, para que prosperes em tudo quanto fizeres e por onde quer que fores" (1Rs 2.3). No Novo Testamento, encontramos a ordem de Paulo ao seu jovem discípulo Timóteo: "Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina", diz Paulo, e mais uma vez isso corresponde à fidelidade tanto pessoal quanto do ofício. "Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes" (1Tm 4.16).

Devemos aplicar primeiramente essas condições a quem está envolvido no ministério. Deus é a fonte de toda verdadeira bênção espiritual, como Paulo declara: "De Deus não se zomba" (Gl 6.7). Portanto, ministros, como Josué, devem ser fiéis tanto em sua vida pessoal quanto ministerial, a fim de obterem a contínua aprovação de Deus. Calvino comenta muito lucidamente: "Em suma, pastores divinamente designados devem governar de tal modo a igreja sem exercer seu próprio poder, mas de acordo com o que Deus prescreveu e de tal maneira que o próprio Deus possa sempre governar pela instrumentalidade dos homens".[5]

As grandes cidades estão repletas de magníficos edifícios eclesiásticos construídos por cristãos prósperos de gerações passadas. Agora boa parte deles está vazia por causa da infidelidade das gerações posteriores. Escrita neles em letras de decadência espiritual e irrelevância social está a condição conferida ao sumo sacerdote Josué: "Se andares nos meus caminhos e observares os meus preceitos". Um exemplo pungente encontra-se na esquina das avenidas 22 com Walnut, no centro de Filadélfia, na Pensilvânia. Muito tempo atrás havia ali uma adorável igreja episcopal, mas agora ela foi substituída por algo aparentemente mais útil: um posto de gasolina com loja de conveniência. A única lembrança do antigo ministério é uma nebulosa silhueta da igreja pintada no edifício adjacente – assim a igreja permanece apenas como sombra contra a parede, e um alerta a

todas as igrejas a que prestem atenção a esta exortação.

Tudo isso se aplica não apenas ao ministério ordenado, mas a todos que desejam ministrar no nome de Deus – e isso deve incluir todos os cristãos. Se desejarmos produzir frutos na igreja, se quisermos ser úteis a Cristo, se pretendermos ser o que o Novo Testamento diz que devemos ser – um reino de sacerdotes – então precisamos nos submeter à condição de andar nos caminhos de Deus e guardar a sua palavra. Como Josué, precisamos medir nosso sucesso não em termos de popularidade ou prosperidade financeira, não por números, entusiasmo ou poder, mas por nossa fidelidade nos aspectos pessoais e coletivos aos caminhos de Deus conforme nos são revelados em sua Palavra.

Há duas recompensas associadas à obediência a essas condições. A primeira tem a ver com Josué permanecendo em sua posição de autoridade: “Julgarás a minha casa e guardarás os meus átrios”. Isso provavelmente sugere que o templo seria reconstruído sob a direção de Josué. O segundo privilégio é ainda maior, a saber, o acesso aos átrios celestiais de Deus: “E te darei livre acesso entre estes que aqui se encontram” (Zc 3.7). “Estes que aqui se encontram” parecem indicar os anjos que estão a serviço nesta cena. Aonde vão os anjos, Josué poderia andar em oração e em favor de Deus, se cumprisse as condições estabelecidas aqui.

Zacarias 3.7 conclui os procedimentos graciosos de Deus para restaurar Josué e o sacerdócio israelita. Todo o quadro de Zacarias 3 oferece um esboço resumido da salvação que Deus oferece, em que justificação e santificação são distintas, porém, sempre caminham juntas. “Eis que tenho feito que passe de ti a tua iniquidade e te vestirei de finos trajes” (Zc 3.4) – isto retrata a doutrina da justificação. “Se andares nos meus caminhos e observares os meus preceitos, também tu julgarás a minha casa e guardarás os meus átrios, e te darei livre acesso entre estes que aqui se encontram” (Zc 3.7) – isto retrata a doutrina da santificação. A justificação é imediata, enquanto a santificação é um processo da vida toda pelo qual somos transformados por Deus e progressivamente conduzidos a uma vida de obediência. A fé justificadora é passiva, assim como Josué permanece ali imóvel enquanto o Anjo tira seus pecados e o purifica, enquanto a fé santificadora é dinâmica na luta contra o pecado e afirmação da santidade.

Sinais daquele que vem

Josué não só nos ensina princípios de salvação, mas ele e seus companheiros também anunciam uma profecia a respeito do futuro Salvador. A visão continua: “Ouve, pois, Josué, sumo sacerdote, tu e os teus companheiros que se assentam diante de ti, porque são homens de presságio” (Zc 3.8). Josué e seus companheiros de sacerdócio eram tipos; isto é, eram sinais de algo ainda por vir da parte de Deus. De fato, a palavra usada os qualifica como sinais de maravilhas (heb. m''Ph#T); o que eles representam é algo maravilhoso de se contemplar. Isso é certamente verdade na experiência de Josué nesta visão. Ele é maravilhosamente purificado do pecado e maravilhosamente chamado à obediência: isso representa a obra daquele que haveria de vir.

Esta declaração é seguida de uma grande promessa do que Deus há de fazer em resposta à necessidade que Josué tem da graça: “Eis que eu farei vir meu servo, o Renovo” (Zc 3.8). O versículo 9 acrescenta uma referência à “pedra que pus diante de Josué”. Estas são descrições do Antigo Testamento sobre o Messias: o Servo, o Renovo, a Pedra. Na verdade, o uso desses termos mostra toda uma teia de promessas bem conhecidas nos dias de Zacarias. Eram frases que dominavam a expectativa messiânica conforme foram anunciadas principalmente nos livros de Isaías, Jeremias e Ezequiel, todos os quais profetizaram especificamente sobre a situação e geração de Zacarias.

Vejamos primeiro a promessa do envio do “servo de Deus”. O Servo do Senhor é uma figura que domina a última parte da profecia de Isaías, a porção que trata mais diretamente da promessa da salvação. O Servo é aquele que estabelecerá finalmente a justiça de Deus sobre a terra. Isaías o apresenta: “Eis aqui o meu servo, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem a minha alma se compraz; pus sobre ele o meu Espírito, e ele promulgará o direito para os gentios” (Is 42.1). Ezequiel usa essa mesma linguagem para identificar o servo com a linhagem real de Davi: “Suscitarei para elas um só pastor, e ele as apascentará” (Ez 34.23).

O Novo Testamento aplica tudo isso ao Senhor Jesus Cristo. No batismo de Jesus os céus se abrem e a voz de Deus é ouvida com palavras que ecoam deliberadamente Isaías 42: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3.17). Mateus cita frequentemente os cânticos do Servo de Isaías para explicar o ministério de Jesus (veja especialmente Mt 12.17). Jesus manifesta seu caráter de servo quando se abaixa para lavar os pés dos discípulos em João 13. “O Filho do Homem”, ele disse, “não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20.28). Estas passagens dos

Evangelhos tornam explícito o que já foi anunciado nas profecias do Antigo Testamento: Jesus Cristo é o Servo Salvador.

Que promessa maravilhosa para Josué, que Deus enviaria este servo ao mundo: um servo de Deus para estabelecer seu reinado e um servo humano para morrer pelos nossos pecados. Isaías 53.5, que Mateus 8.17 aplica explicitamente a Jesus, nos diz que o servo "foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados".

Este servo é também chamado de "o Renovo", outro título messiânico prometido em Isaías. Isaías 11 explica que, quando a linhagem de Davi parecer totalmente extinta, dela sairá o Renovo, o rei de origem humilde cujo reino se estenderá em glória e cumprirá toda a vontade de Deus, até aquele estado final de consumação sonhada por todos os profetas:

Do tronco de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes um renovo. Repousará sobre ele o Espírito do SENHOR... A justiça será o cinto dos seus lombos, e fidelidade, o cinto dos seus rins. O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um pequenino os guiará... Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte. Porque a terra se encherá do conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar (Is 11.1-9).

O renovo surgirá da obscuridade, mas alcançará a plenitude da salvação e restauração da glória de Deus. Jeremias, semelhantemente, fala do renovo, associando-o também com o estabelecimento da justiça de Deus: "Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, rei que é, reinará, e agirá sabiamente, e executará o juízo e a justiça na terra. Nos seus dias, Judá será salvo, e Israel habitará seguro; será este o seu nome, com que será chamado: SENHOR, Justiça Nossa" (Jr 23.5-6).

A experiência de Josué em Zacarias 3 representa muito bem essa ideia, uma vez que sua salvação antecipa o envio do Renovo por Deus, o qual reinará sobre o trono de Davi. O que se diz sobre o Renovo se aplica claramente à vida e ao ministério de Jesus. Como o Renovo de Isaías, Jesus teve um humilde começo –

nascido em uma manjedoura, em pobreza e fragilidade – e pareceu ter um destino desprezível – sua morte na cruz como criminoso – contudo, foi elevado à direita de Deus, onde reina para sempre em glória. Do rebento cortado, Deus levanta um Renovo em poder. A carreira de Jesus é habilmente resumida em um hino de Timothy Dudley-Smith:

Em um berço, deitado está meu Salvador

Uma manjedoura coberta de palha...

Sobre uma cruz morre meu Salvador,

Para remir os pecadores, crucificado...

Uma coroa de vencedor recebeu meu Salvador.

Sua obra de amor e misericórdia realizou.

O Filho do Pai, assunto ao céu:

Toda glória seja dada a Jesus![6]

Uma pedra com sete olhos

O Senhor prometeu enviar seu servo, o Renovo, e também uma pedra. A profecia continua: “Porque eis aqui a pedra que pus diante de Josué; sobre esta pedra única estão sete olhos; eis que eu lavrarei a sua escultura, diz o SENHOR dos Exércitos” (Zc 3.9).

É difícil interpretar este versículo com exatidão. Vários comentaristas consideram que a pedra pode simbolizar diversos objetos: uma pérola que adorna o peitoral do sumo sacerdote, um memorial que demarca posse territorial, uma joia de uma coroa, uma pedra colocada no templo no lugar da ausência da arca da aliança ou o alicerce do novo templo. O texto diz que essa pedra foi colocada diante de Josué, o que parece indicar uma grande pedra, descartando, assim, uma joia para seu peitoral ou coroa. Além disso, deve ter um

relacionamento lógico com a afirmação feita em seguida: “Tirarei a iniquidade desta terra, num só dia”.

É mais provável, então, que a pedra esteja relacionada à reconstrução do templo, um dos principais temas de Zacarias. O fato que esse assunto se repete no próximo capítulo dá credibilidade a essa interpretação. Lembramos também que Josué e os sacerdotes são representações de acontecimentos futuros; certamente, ele aponta para o caráter sacerdotal do Messias. Este é o segundo modo de Josué servir como sinal: em seu ofício sacerdotal. Isso reforça a ideia de que essa pedra representa uma pedra angular para a reconstrução do templo. Como Isaías prediz, “eis que assentei em Sião uma pedra, pedra já provada, pedra preciosa, angular, solidamente assentada; aquele que crer não foge” (Is 28.16).

Essa pedra possui sete olhos. Novamente, há diversas maneiras de compreender isso. Os sete olhos provavelmente dizem respeito ao olhar atento de Deus à igreja ou do Espírito Santo sobre aquele a quem Deus enviará. T. V. Moore entende que é o primeiro caso, e escreve: “Como sete é o número da perfeição, os sete olhos representam os olhos de Jeová, que veem todas as coisas, e demonstram o cuidado contínuo dele sobre sua igreja”.[7] Entretanto, uma passagem paralela do livro de Apocalipse parece apoiar a segunda interpretação. Essa passagem diz que o Cordeiro assentado sobre o trono tem “sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados por toda a terra” (Ap 5.6). Sete é o número simbólico de inteireza ou perfeição, de modo que geralmente há um consenso de que a frase “os sete Espíritos de Deus” se refere ao único, perfeito e perscrutador Espírito Santo. Isso indica, para muitos, que os sete olhos da visão de Zacarias falam do Espírito Santo se manifestando sobre o Messias, conferindo-lhe poder divino e sabedoria, que é exatamente o que acontece na vida de nosso Senhor Jesus no momento de seu batismo (Mt 3.16).

O Senhor também diz que gravará uma inscrição na pedra (Zc 3.9). Isso provavelmente sugere que Deus embelezará essa pedra do modo como um entalhador o faz. Aqui vemos o caráter divino de Cristo, pois o que é mais encantador do que a piedade, revelada tão notavelmente na pessoa de Jesus? Paulo declara, portanto, que vemos a “iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2Co 4.6). Não há nada que possa ser mais belo do que isso. Certamente, os cristãos não estão equivocados quando entendem que essa promessa da pedra entalhada se cumpre especialmente na cruz, quando as marcas dos espinhos e pregos e a perfuração da lança foram feitas no corpo de Jesus. David Baron escreve: “As dádivas e a graça que Cristo recebeu como

homem foram maravilhosas; mas a beleza que está acima de toda beleza são aquelas gloriosas feridas com as quais ele permitiu que todo o seu corpo fosse fendido, para que seu amor fosse gravado em todo seu corpo”.[8]

Além disso, devemos observar que o Renovo e a Pedra referem-se, respectivamente, a dois ofícios que se unem em Jesus Cristo. Conforme vimos, o Renovo refere-se à restauração futura do reino davídico. A Pedra foi o alicerce do templo que seria construído. Ambos esses ofícios – real e sacerdotal – estão unidos no servo a quem Deus prometeu enviar. Essa união de ofícios era proibida no Antigo Testamento, mas é prometida para se cumprir no ministério do Messias. Essa importante profecia é validada no Novo Testamento, que nos diz que o rei messiânico também cumprirá as funções do sacerdócio.

O livro de Hebreus desenvolve plenamente o sacerdócio de Jesus Cristo, do qual o sumo sacerdote Josué é um símbolo. Primeiro, Jesus cumpre o chamado sacerdotal oferecendo a si mesmo como sacrifício perfeito e único. Hebreus 7.27 explica: “[O Senhor] fez isto [ofereceu sacrifício] uma vez por todas, quando a si mesmo se ofereceu”. Jesus também é aquele que oferece esse sacrifício; ele é o sacerdote que entra na presença de Deus para apresentar seu próprio sangue para a remissão de nossos pecados: “Não por meio do sangue de bodes e de bezerros, mas pelo seu próprio sangue, [Cristo] entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção” (Hb 9.12). Desse modo, Jesus completou e cumpriu o chamado sacerdotal simbolizado pelo sumo sacerdote Josué e exercido no tempo que Josué haveria de reconstruir. Com que senso de cumprimento de dever os sacerdotes zelosos como Josué entenderam a grande declaração de Hebreus, que fala da consumação de seus próprios esforços: “Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus” (Hb 10.12).

Prometida bênção de Deus

Este magnífico capítulo, que começou com um retrato sombrio de Josué e Israel em seu pecado, termina com duas grandes promessas. O Senhor anuncia a Josué duas maravilhosas bênçãos que resultam do envio do Servo, que é o Renovo real e a Pedra sacerdotal, da parte de Deus: “Tirarei a iniquidade desta terra, num só dia. Naquele dia, diz o SENHOR dos Exércitos, cada um de vós convidará ao seu próximo para debaixo da vide e para debaixo da figueira” (Zc 3.9-10).

Na perspectiva de Zacarias, as duas coisas estavam ainda por vir; eram coisas que Deus faria no futuro. Olhamos para essas promessas por outra perspectiva da história e descobrimos que pelo menos uma delas já se cumpriu plenamente: “Tirarei a iniquidade desta terra, num só dia” (Zc 3.9). Assim como o dia da expiação da antiga aliança era um único dia do ano, quando os pecados de Israel eram expiados, esta declaração, em última instância, aponta para o dia que os cristãos chamam de “sexta-feira da paixão”. Foi o pior e mais sombrio dia de todos os tempos, no sentido de que houve a morte injusta do Filho-Servo de Deus sobre a amarga cruz. Mas Deus o tornou o melhor dia para aqueles que confiam nele, pois sobre aquela cruz Jesus tirou nossos pecados de uma vez por todas. Naquele único dia, a pedra prometida lançou o fundamento do templo eterno, fazendo o sacrifício perfeito e suficiente de seu próprio sangue, que ele mesmo ofereceu a Deus como perfeito e aceitável sumo sacerdote. Aquele sacrifício lançou o fundamento sobre o qual a esperança de salvação de todo cristão está seguramente firmada: o Filho de Deus removeu nossos pecados.

A segunda promessa fala da consequente segurança e bênção do governo permanente de Cristo, simbolizados pelos vizinhos assentados em paz debaixo da vide e da figueira (Zc 3.10). Como predisse Isaías, “O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito” (Is 11.6). Esta promessa ainda aguarda seu cumprimento final, quando o retorno de Cristo em glória levará todas as coisas à consumação. Ouvimos os ecos das profecias de Zacarias, no Antigo Testamento, na promessa do Novo Testamento: “Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação” (Hb 9.28).

O que há de acontecer em escala cósmica já é uma realidade pessoal para todos os que se unem a Cristo em fé. Tendo paz com Deus por meio do perdão de nossos pecados, agora desfrutamos da paz de Deus e toda bênção espiritual em Cristo, uma vez que ele habita em nós por meio de seu Espírito (veja Rm 5.1; Fp 4.7; Ef 1.3). Mesmo em um mundo espiritualmente estéril, temos o privilégio de convidar nossos vizinhos para se unirem a nós debaixo da vide e da figueira das bênçãos redentoras de Deus por meio da fé em Jesus Cristo.

Compreender isso alivia nossa ansiedade sobre as exigências da Bíblia para se viver em obediência a Deus. Certamente há condições que devemos cumprir se desejarmos que nossos pecados sejam removidos e se quisermos descansar nas bênçãos que Deus oferece. Precisamos confiar em Cristo como Salvador para justificação e obedecer a Cristo como Senhor para a santificação. Estes dois

elementos são beneficamente verdadeiros. Mas no centro deste capítulo não estão os mandamentos de Deus, mas, antes, suas promessas a nós. Antes do imperativo vem o indicativo. Todo mandamento e exigência deste capítulo é precedido ou por um ato da graça de Deus ou por uma promessa de futura salvação. O Anjo não desafiou Josué a tirar de algum jeito sua roupa imunda, pelo contrário, ele declarou: “Eis que tenho feito que passe de ti a tua iniquidade e te vestirei de finos trajes” (Zc 3.4). Só então foi exigida obediência como condição para as bênçãos futuras: “Se andares nos meus caminhos e observares os meus preceitos, também tu julgarás a minha casa e guardarás os meus átrios” (Zc 3.7). Então, para que Josué e seus companheiros sacerdotes não pensassem que sua obediência fosse a causa das bênçãos, Deus os lembra de que eles eram meros sinais daquele que haveria de vir: “Eis que eu farei vir o meu servo, o Renovo” (Zc 3.8).

Acontece que, longe de ser um conflito, há uma complementaridade benéfica entre os atos salvíficos de Deus e nossa obediente resposta. O apóstolo João declara em suas memoráveis palavras: “Nós amamos porque ele nos amou primeiro” (1Jo 4.19). É assim que se dá a salvação. Vivemos em santidade porque Deus primeiro nos purificou. Servimos a Deus porque Deus, em Cristo, nos serviu primeiro. Obedecemos – e por meio da obediência de fé desfrutamos a plenitude das bênçãos redentoras – porque Deus veio a nós como Senhor e nos tornou dele pelo preço inestimável do precioso sangue de Cristo.

O plano de Deus para salvação não era redimir Josué e, depois, acomodar-se para ver o que ele e seus companheiros israelitas fariam. Antes, a visão nos aponta para outro Josué que haveria de vir, Jesus Cristo. Esta é a lição desta maravilhosa visão: não que a salvação dependa de nossa fidelidade, mas que Deus enviou seu Filho, Jesus Cristo, para ser o servo que viria como Renovo real e pedra sacerdotal, por meio do qual perdão e bênção alcançam aqueles que creem, para que sejamos realmente povo de Deus.

1 Breve Catecismo de Westminster, R. 33.

2 Ibid., R. 35.

3 Ryle, J. C. Holiness. Ross-shire, UK: Evangelical Press, 1979, p. 113.

4 Sproul, R. C. The Mystery of the Holy Spirit. Wheaton, IL: Tyndale, 1990, p. 123.

5 Calvino, João. The Minor Prophets. Vol. 5. Edimburgo: Banner of Truth, 1986, p. 93.

6 Words: Timothy Dudley-Smith. Words © 1968. Carol Stream, IL: Hope Publishing Co. Todos os direitos reservados. Usado com permissão.

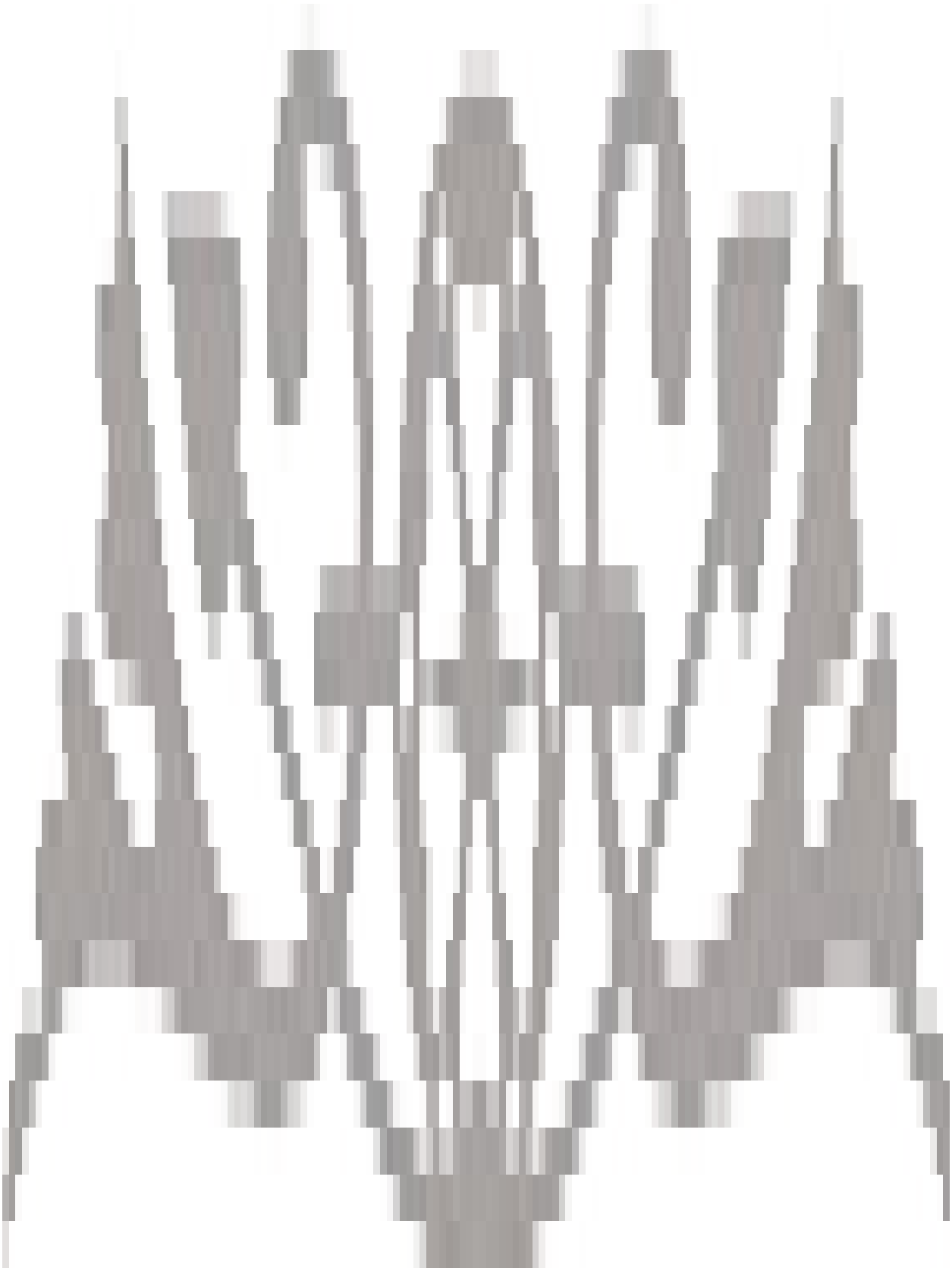
7 Moore, T. V. Haggai, Zechariah and Malachi. Edimburgo: Banner of Truth, 1979, p. 149.

8 Baron, David. The Visions and Prophecies of Zechariah. Grand Rapids: Kregel, 1972, p. 117-118.

8

O CANDELABRO DE OURO

Zacarias 4.1-6



Respondeu-me o anjo que falava comigo: Não sabes tu que é isto? Respondi: não, meu senhor. Prosseguiu ele e me disse: Esta é a palavra do SENHOR a Zorobabel: Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos (Zc 4.5-6).

O início do capítulo 4 representa mais da metade das visões noturnas de Zacarias. Por isso, faz-se oportuno refletir novamente sobre o caráter do conteúdo de visões da Bíblia. Nas primeiras quatro visões que o profeta recebeu em uma noite do ano de 520 a.C., identificamos um padrão geral. Em cada uma delas, é mostrada uma visão ao profeta, a qual é interpretada por um anjo. O profeta interage conforme o caso e, nesse processo, o significado se torna claro.

As primeiras quatro visões revelam a mensagem da promessa de Deus de proteger, abençoar, perdoar e receber o povo para o seu serviço. Essas visões foram projetadas para trazer conforto às ansiedades da geração de Zacarias, pessoas que certamente deviam indagar se Deus ainda dispensaria seu favor sobre elas como na antiguidade e que teriam ficado especialmente ansiosas sobre os antecedentes de pecado que haviam provocado o juízo de Deus no passado.

Agora, na metade dessas oito visões, o texto parece indicar uma transição para uma nova série de visões: “Tornou o anjo que falava comigo e me despertou, como a um homem que é despertado do seu sono” (Zc 4.1). Isso parece indicar um intervalo entre esta visão e as anteriores. Ou Zacarias estava tão extasiado pelos acontecimentos do capítulo 3 que teve de se distrair ou, como a maioria dos comentaristas entende, passou para um estado inferior de consciência, do qual precisou ser despertado novamente para entender as visões seguintes. Uma coisa é certa: ele não foi acordado do sono propriamente, pois se diz que ele foi despertado “como a um homem que é despertado do seu sono”. O que se diz de Zacarias se aplica também a nós de maneira geral: a não ser que o Espírito de Deus nos desperte da letargia espiritual, somos incapazes de receber a Palavra.

A visão do candelabro

Quando Zacarias foi despertado para o necessário estado profético, ele foi confrontado por uma visão surpreendente, porém maravilhosa: “E me perguntou: Que vês? Respondi: olho, e eis um candelabro todo de ouro e um vaso de azeite em cima com as suas sete lâmpadas e sete tubos, um para cada uma das lâmpadas que estão em cima do candelabro. Junto a este, duas oliveiras, uma à direita do vaso de azeite, e outra à sua esquerda” (Zc 4.2-3).

O primeiro objeto mencionado por Zacarias é o candelabro. A maioria dos antigos comentaristas entende que trata-se do candelabro de ouro descrito em Êxodo 25.31-40, também chamado pela mesma palavra hebraica utilizada aqui, m#n"r~h. Este candelabro ficava dentro do templo original e é famoso pelo modo como é retratado no Arco de Tito, em Roma. Este maravilhoso objeto consistia de uma base e um cano de ouro, de onde se projetavam seis hastes – três de cada lado – de modo que o conjunto parecesse uma árvore de luz que sustentava sete lâmpadas.

Se isto for correto, há certas características adicionais a esse candelabro imaginário que seriam desconhecidas de Zacarias. A primeira é o recipiente acima do candelabro, de onde saíam sete canais ou tubos, aparentemente para o fornecimento contínuo de azeite para as lâmpadas. O texto hebraico sugere que havia, na verdade, quarenta e nove canais, sete para cada uma das sete lâmpadas.[1] Além do mais, havia duas oliveiras, uma de cada lado do candelabro, as quais são descritas em maiores detalhes mais adiante no capítulo.

Em um estudo marcante publicado em 1970, Robert North contestou esse retrato do que Zacarias viu. Apoiado principalmente em descobertas arqueológicas, ele defendeu que essa visão apresenta não um candelabro de sete troncos, mas um tipo de candelabro com um único vaso no topo e cada uma das sete lâmpadas tinha sete mechas. Conforme essa visão, a construção formava um belo e muito bem elaborado candelabro dourado.[2]

Praticamente toda pesquisa atual aceita o argumento de North, principalmente por causa da evidência arqueológica em apoio à sua visão. Devemos ter cuidado em atribuir tanto peso às descobertas arqueológicas, que aqui (como geralmente é o caso) se apoiam em poucos exemplos. Mas North também defende sua tese com argumentos textuais. Ele mostra que o versículo 2 emprega a palavra m%Ts#q#T, traduzida por “tubos” pela Almeida Revista e Atualizada, e “canos” pela Nova Versão Internacional, e que a opinião mais antiga entendia como “tubos” para o óleo passar do vaso às lâmpadas, enquanto o versículo 12 usa

Ts~nT#r"T, que significa muito claramente “tubos”. M%Ts#q#T (Zc 4.2) é derivado do verbo “derramar” e seria traduzido mais naturalmente como “bico” ou “lugar onde flui óleo”. Com isso, parece que cada uma das sete lâmpadas tinha sete chanfros onde se encaixaria uma mecha, de modo que cada uma das sete lâmpadas brilhava com sete luzes.[3]

O que se pode afirmar é que Zacarias, em seu estado de enlevo espiritual, foi confrontado por uma cena brilhante e assombrosa centrada em torno de um maravilhoso candelabro de ouro. Se nos colocarmos em seu lugar, podemos imaginar a impressão que lhe causou, a qual é mais importante do que concordar com os seus detalhes. Em meio à escuridão da noite, Zacarias contemplou um candelabro em chamas. Sua imagem transmite majestade, beleza, valor inestimável, tudo na forma de luz brilhando no escuro.

Para entender os temas sugeridos por esse candelabro, precisamos apenas olhar para outras passagens da Bíblia em que esse símbolo ocorre. Por causa da proeminência do simbolismo da luz, temos uma riqueza de opções. Mas três opções principais se destacam como possíveis sentidos do candelabro de ouro de Zacarias: o templo de Deus, a presença salvadora de Deus e o povo de Deus.

Aqueles que entendem que o candelabro representa a menorá de sete troncos que ficava no lugar santo, naturalmente, associam a visão de Zacarias com o templo. Zacarias era sacerdote, por isso era muito familiarizado com o candelabro do templo. Parte do serviço do templo, dia e noite, consistia em entrar no lugar santo para aparar os pavios e reabastecer o azeite (Êx 30.7-8). De fato, seja como for que visualizemos o candelabro imaginário de Zacarias, o contexto do capítulo 4 requer que associemos essa visão com o templo, pois os versículos 7 a 9 nos dizem que seu propósito principal é encorajar os esforços para a reconstrução do templo.

Outra ideia provável representada pelo candelabro é a presença do próprio Deus, trazendo bênção e graça. “Tu, SENHOR, és a minha lâmpada” entoou Davi, “o SENHOR derrama luz nas minhas trevas” (2Sm 22.29). O livro de Apocalipse mostra que, na futura cidade celestial, a luz de Deus resplandecerá para sempre: “A cidade não precisa nem do sol, nem da lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada” (21.23). Isaías associa a vinda da luz nas trevas com o Emanuel (“Deus conosco”) prometido (Is 9.2), e isso está associado ao candelabro de Zacarias pela visão anterior, que se concentrou na vinda do Messias. Jesus, o Emanuel, disse a respeito de si mesmo:

“Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andará nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida” (Jo 8.12). Meredith Kline vê uma ligação explícita entre a visão de Zacarias e a referência que Jesus faz a si mesmo como luz: “Cristo, o verdadeiro Servo ungido, o verdadeiro Israel, é também a verdadeira luz menorá, a perfeita semelhança de [Deus]. E como verdadeira menorá, Cristo carrega a missão da menorá de testemunhar do Deus vivo, que o ‘deu como testemunho para os povos’” (Is 55.4).[4]

Terceiro, o candelabro pode ser facilmente entendido como representação do povo de Deus. Thomas V. Moore, explica: “Este candelabro representava a teocracia, a igreja de Deus, uma imagem maravilhosa, mostrando que sua missão era de resplandecer a luz em um mundo de trevas. O material, ouro, indica pureza, preciosidade e indestrutibilidade de tudo o que lhe diz respeito”.[5] Essa ideia é expressa de modo muito claro pela promessa de tornar Israel “luz para as nações” (Is 42.6) e por Jesus, em Mateus 5.14, em que ele retrata os cristãos como lâmpadas em um suporte, dizendo: “Vós sois luz do mundo”.

Um importante princípio espiritual

Dada a familiaridade do simbolismo do candelabro, a reação perplexa de Zacarias pode parecer estranha. Ele pergunta de modo ofegante ao anjo: “Meu senhor, o que é isso?” (Zc 4.4). Talvez seja importante notar que ele fala no plural “estas coisas”, indicando a variedade de elementos da visão. Em todo caso, somos afetados pela confusão de Zacarias, e o anjo sugere que ele devia entender: “Não sabes tu o que é isto?”, responde o anjo. “Não, meu senhor”, responde o profeta (v. 5). O anjo lhe dá a resposta. João Calvino vê nisso a evidência da disposição de Deus de tornar sua palavra clara em resposta à nossa oração. “Deus dará a todos nós entendimento”, ele escreve, “quando confessamos que seus mistérios nos são ocultos e quando, conscientes de nosso desejo de conhecimento, corremos para ele e imploramos que ele não fale conosco em vão, mas nos conceda conhecimento de sua verdade”.[6]

Esse intercâmbio nos faz lembrar de que as visões geralmente possuem manifestações incomuns e até confusas. Essa visão mostrou não meramente um candelabro simbólico, mas também as realidades espirituais associadas a ele, que normalmente não são vistas por nós. Precisamos fazer a mesma pergunta que Zacarias fez: “O que é isso?” É o templo de Deus, ou a presença de Deus, ou o

povo de Deus, ou alguma outra coisa? É digno de nota que o anjo não resolveu essa questão. As visões são livros ilustrados, não livros de charadas; o anjo deixa a figura sem solução, entretanto, aponta para a aplicação espiritual. Em outras palavras, sua mensagem não está no âmbito físico, mas no âmbito espiritual. Ele explica: “Esta é a palavra do SENHOR a Zorobabel: Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos” (Zc 4.6).

Este é o princípio que inspira essa visão e faz o anjo desviar nossa atenção da luz para o escoamento do óleo que abastece as lâmpadas. O óleo é um dos símbolos mais claros de toda a Bíblia, que aponta consistentemente para o Espírito de Deus. Assim como o escoamento do óleo mantém a luz acesa, o Espírito Santo capacita e anima toda obra espiritual. A mensagem da presença do Espírito é dirigida a Zorobabel, o príncipe e líder político da comunidade da restauração. Nosso próximo estudo examinará em detalhes a mensagem de Deus ao profeta, mas esta breve declaração a resume. Podemos considerar o versículo 6 como um mote para guiar e inspirar Zorobabel e seus companheiros construtores: “Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos”.

As palavras “força” e “poder” (heb. h~y!l e K"~h) têm praticamente o mesmo sentido. A primeira é frequentemente associada com a força quantitativa, como de um batalhão ou de um grande número de empregados, enquanto a segunda está ligada mais diretamente à força física. A ideia, entretanto, está no contraste: não é por força nem por poder, mas pelo Espírito de Deus. Este é um mote dado a Zorobabel e, portanto, a toda a comunidade, como guia a todos os seus esforços e vida espiritual. H. C. Leupold explica: “Se o sucesso devia ser obtido por intermédio das realizações do povo de Deus, ele não será garantido pelo que o homem é capaz de fazer, mas pela obra do Espírito”.[7]

Zorobabel e o projeto do templo

Uma das representações mais claras do candelabro é o templo, e este capítulo, em especial, enfatiza o projeto de reconstrução do templo no monte Sião (v. 9). Obviamente, então, a aplicação direta da visão é encorajar Zorobabel a persistir com vigor renovado, apesar da falta de ajudantes e força. Neste sentido, esta visão é uma promessa de sucesso na reconstrução do templo. Para esta obra, o versículo 6 oferece tanto um princípio quanto uma promessa: “Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos.”

Realmente havia pouca força e poder para a situação de Zorobabel, e isso provavelmente explica o quase abandono da obra do templo. A comunidade da restauração tinha chegado quase dezoito anos antes a uma cidade destruída, em meio a vizinhos desconfiados e hostis. Já era difícil manter a vida, quanto mais restaurar a construção que em outra época foi uma das maravilhas do mundo. A profecia de Ageu, que se assemelha muito à de Zacarias, deixa claro que o povo se preocupava em ganhar a vida e procurar o conforto próprio. “Minha casa”, ele diz, “permanece em ruínas, ao passo que cada um de vós corre por causa de sua própria casa” (Ag 1.9). Leupold diz a respeito da predição de Zorobabel: “Ele foi o homem que enfrentou todo tipo de obstáculo, tanto na administração civil da nação quanto na direção da obra de reconstrução do templo... Os problemas em Israel eram tão complexos e as dificuldades tão numerosas que pareciam ameaçar o próprio futuro da nação”.[8]

A disposição de ânimo devia estar em baixa. Muitas pessoas, passando por tantas dificuldades, teriam duvidado do poder de Deus ou de seu compromisso de ajudá-los. A pressão sobre Zorobabel teria sido enorme, uma vez que o fracasso de reconstruir o templo representava um escândalo crescente e um sinal do fracasso espiritual. Perdendo a esperança e o interesse, muitos caíram no pecado e decidiram aproveitar a oportunidade para se identificarem com os gentios em seu redor (veja a repreensão de Ageu). Esses sentimentos e tentações também são familiares aos cristãos, então o princípio de Zacarias 4.6 também nos oferece inspiração.

O livro de Esdras nos fala de um acontecimento específico que pode estar em vista aqui. O povo gentio em torno de Jerusalém era previsivelmente hostil à restauração da cidade, em parte, porque os judeus não queriam se misturar com eles. Esdras 5 registra uma carta escrita por um governador persa local chamado Tatenai, que provavelmente coincide bem com essa visão de Zacarias 4. Tatenai enviou seus oficiais a Jerusalém para desafiar a autorização dos judeus de construir o templo. Insatisfeito, eles enviaram um apelo ao rei Dario na Babilônia, acusando os judeus de sedição e pedindo para que ele descobrisse se em algum momento eles foram autorizados a reconstruir a cidade.

Isso trouxe uma séria ameaça a Zorobabel. Ciro, que tinha autorizado o retorno e a reconstrução, havia morrido há muito tempo. Dario, o governante da época, nem era o sucessor direto, pois subiu ao poder em decorrência de uma recente guerra civil. O que aconteceria se Dario desse ouvidos ao seu governador, como se esperava que fizesse? Os judeus não estavam na posição de defender sua

causa e, como os historiadores geralmente concordam, Dario estava, até então, realizando suas campanhas naquela região do império, portanto, estaria pronto para reprimir a obra em Jerusalém. Nem força nem poder seriam capazes de ajudar Zorobabel; ele teria de depender do Senhor.

Esdras 6 nos diz o que aconteceu. Dario reagiu à queixa de seu governador pedindo que se procurasse nos arquivos da corte real algum registro. Foi descoberto um rolo do decreto de Ciro, consequentemente, Dario deu seu apoio não a Tatenai, seu próprio governador, mas a Zorobabel e aos judeus. “Que o templo seja reconstruído”, ele determinou. Tatenai foi proibido de interferir na reconstrução e, além disso, Dario deu ordens para que ele providenciasse imediatamente dinheiro e recursos materiais necessários – até mesmo os animais necessários para restaurar os sacrifícios do templo – sob pena de morte (Ed 6.1-12). Não por força nem por poder, mas certamente pelo Espírito de Deus, que operava através de todos esses acontecimentos – e, sem dúvida, em resposta à fervorosa oração – a posição de Zorobabel se inverteu completamente. Esdras 6 conclui com este registro:

Então, Tatenai, o governador daquém do Eufrates, Setar-Bozenai e os companheiros assim o fizeram pontualmente, segundo decretara o rei Dario. Os anciãos dos judeus iam edificando e prosperando em virtude do que profetizaram os profetas Ageu e Zacarias, filho de Ido. Edificaram a casa e a terminaram segundo o mandado do Deus de Israel e segundo o decreto de Ciro, de Dario e de Artaxerxes, rei da Pérsia. Acabou-se esta casa do dia terceiro do mês de adar, no sexto ano do reinado do rei Dario (Ed 6.13-15).

A lição de todos esses acontecimentos é clara. Primeiro, Deus é capaz de vencer todos os obstáculos; pelo seu Espírito, ele é capaz de subjugar reis e dirigir os negócios dos homens para que seu povo tenha tudo de que precisa. Segundo, sendo este o caso, somos exortados à obediência devota mesmo em tempos de dificuldade, sabendo que Deus é capaz de “suprir toda necessidade de acordo com sua riqueza em glória em Cristo Jesus” (Fp 4.19).

Ministério de Cristo ungido pelo Espírito

O candelabro de ouro também representa a presença redentora de Deus. Neste sentido, a visão de Zacarias é uma promessa da vinda de Deus, especialmente como cumprida no ministério de Jesus Cristo. O apóstolo João escreve: “A verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem” (Jo 1.9). Este é, então, o princípio para o ministério de Cristo ungido pelo Espírito: “Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos” (Zc 4.6).

A verdade dessa afirmação é claramente demonstrada na vida de Jesus. Ele nunca confiou em poder terreno, mas buscou agradar ao seu Pai no céu. Assim como o candelabro dependia do óleo que fluía, de igual modo Jesus realizou sua obra no poder do Espírito Santo. Na sinagoga de Nazaré, ele inaugurou seu ministério com essa mesma ênfase: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres” (Lc 4.18).

Quando Jesus foi batizado no Jordão e recebeu o sinal do favor de Deus, ele não foi capacitado nem com um alto cargo terreno nem com riquezas ou uma legião de soldados, mas com “o Espírito de Deus descendo como uma pomba, vindo sobre ele” (Mt 3.16). Então, Jesus saiu para o deserto para lutar contra o diabo e superou três grandes tentações. Nisto também ele foi “guiado pelo Espírito” (Mt 4.1). Esse princípio é verdadeiro em toda a vida e ministério de Jesus. Seu ministério foi espiritual, não terreno, e, por causa disso, ele foi crucificado como criminoso, assassinado horrivelmente pelo povo que exercia força e poder terrenos. Mas no contexto desses dois poderes – o do Espírito de Deus e o do mundo – a ressurreição de Jesus demonstra vitória. Paulo explica que Jesus “foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos” (Rm 1.4). “Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos”. Este é o princípio da presença redentora de Deus no mundo e o meio pelo qual Jesus derrotou o pecado e a morte por nós. Por essa mesma regra ele já reina no céu como Senhor de todas as coisas.

Um mote para a igreja

A visão do candelabro de ouro também representa o povo de Deus, que no Antigo Testamento era Israel e no Novo Testamento é a igreja. A visão, neste caso, promete a capacitação espiritual do povo de Deus para a obra de resplandecer a luz de Deus. Tanto para Zorobabel e os israelitas como para nós

hoje, este deve ser o mote para o serviço de Deus: “Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos.”

Jesus concluiu o ministério de sua primeira vinda não com a cruz, nem mesmo com sua ressurreição e ascensão ao céu, mas com o derramamento do Espírito sobre a igreja em Pentecostes. Foi enviando o Espírito ao povo de Deus na terra que Jesus capacitou seus discípulos a continuarem sua obra. Meredith Kline explica:

O Filho foi ungido com o Espírito e ele é o que unge com o Espírito... O Messias ordena a [igreja] a cumprir sua missão como luz aos gentios, a missão que ele modela... isto é, Cristo promulga a Grande Comissão. E a fim de capacitar a menorá-igreja para a missão, que se cumpre não por força humana, mas pelo Espírito de Deus, o Messias, o ungido pelo Espírito, torna-se aquele que unge com o Espírito... Ele complementa a ordem da Grande Comissão com o carisma de Pentecostes.[9]

O que é que protege a igreja e a capacita a perseverar e prevalecer em um mundo hostil? A resposta é a suficiência de Deus por meio de seu Espírito. É por isso que o livro de Zacarias foi tão popular na época da Reforma Protestante. Muitos dos reformadores literalmente tiveram de fugir para se salvar, alguns dos quais escaparam por pouco de perseguição e morte. Eles foram frequentemente confrontados com oposição militante – com imperadores poderosos e reis valentes determinados a extingui-los – enquanto aqueles que desejavam restaurar a verdadeira igreja pareciam tão pobres e fracos. Calvino, portanto, escreve sentindo a força dessa verdade a partir de sua própria frágil experiência e a de muitos de seus amigos:

Quando, portanto, vemos situações desesperadoras, que nos lembremos dessa visão – de que Deus é suficientemente capaz de nos ajudar por seu próprio poder, quando não há mais ajuda de ninguém... de modo que a experiência, com o tempo, mostrará que fomos preservados de modo maravilhoso somente por sua mão... Sempre que, então, a ajuda terrena nos decepcione, aprendamos a descansar somente em Deus, pois não é por meio de um exército ou por poder

que Deus levanta sua igreja e a preserva em seu devido estado; mas isso ele faz por seu Espírito, isto é, por seu próprio poder intrínseco e maravilhoso, que ele não confunde com a ajuda humana; e seu objetivo é nos afastar do mundo e nos manter totalmente dependentes de si mesmo.[10]

Atualmente, há carência desta mensagem, quando muitas igrejas decidem que, se vão sobreviver e crescer, será pela adoção de "força e poder". Isso assume diversas formas: a redefinição do culto como entretenimento; o pacote de produtos e serviços religiosos que podem ser "vendidos" para o mercado consumidor; e esquivar-se de verdades que possam ofender o incrédulo. Certamente, poderemos procurar ser úteis ao mundo de modo apropriado e desejamos afastar qualquer ofensa desnecessária, como a que é criada por nosso próprio pecado. Mas este princípio sempre deve guiar nossas ações na igreja: "Não por força nem por poder, mas por meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos".

Se nossa dependência está no Espírito de Deus, isso será visto em nossa ousada proclamação do evangelho, que Paulo descreve como "o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê" (Rm 1.16). Paulo afirmou esse princípio aos coríntios, quando disse de sua própria indisposição de empregar os métodos da moda do momento:

Decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado. E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus (1Co 2.2-5).

Paulo falava a respeito de um testemunho franco e sincero, não enfeitado pela eloquência da retórica grega ou pelo debate formal, de modo que era pelo Espírito de Deus por meio da Palavra de Deus que os corações eram tocados, mentes eram persuadidas e convertidos eram recebidos. Posteriormente, ele disse a mesma coisa em outras palavras: "Rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes,

nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus" (2Co 4.2). Assim também deve ser nossa experiência na igreja.

Este princípio se aplica à nossa vida como cristãos individualmente. Sem a obra do Espírito não podemos sequer obter fé, muito menos obter amadurecimento cristão e santificação. Qual é a força que nos capacita a nos afastar do pecado e ter vida santa? Paulo responde: "Se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis" (Rm 8.13). A santificação não é alcançada por nosso próprio poder ou força, mas pelo Espírito de Deus, por meio de nossa confiança nos meios ordinários da graça: a Palavra de Deus, os sacramentos, e oração. O Espírito é o dom de Cristo, não um poder que possamos "ligar" à nossa vontade ou tocar de acordo com a devida tecnologia espiritual. Antes, onde há fé em Cristo e humilde dependência no poder de Deus, onde Deus é glorificado em vez do homem, onde a Palavra de Deus é fielmente ensinada e onde os cristãos se unem em fervente oração, ali Jesus envia o Espírito como provisão amorosa de Deus. Jesus explica: "Se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?" (Lc 11.13).

O que dizer da eficácia de nosso serviço e testemunho cristão? É por força? É por poder? Os cristãos devem procurar alcançar posições de poder ou riqueza ou prestígio a fim de causar boa impressão ao nome de Jesus? É assim que muitos de nós somos tentados a pensar. Mas não é por força, nem pelo poder, riquezas, glamour ou popularidade que servimos bem a Cristo. É pelo Espírito de Deus agindo em e por meio de nós à medida que confiamos e obedecemos à Palavra de Deus.

Como as estrelas, para sempre

Isso nos leva de volta à visão do candelabro, reluzente, por assim dizer, diante dos olhos maravilhados do profeta. Vimos que esta visão aponta para a edificação do templo – o símbolo da presença de Deus na terra – para o Messias, Jesus Cristo, e para a igreja. Isso significa que todo e qualquer cristão está incluído nesta visão, unido a Cristo por meio da fé e tendo entrado no corpo espiritual de sua igreja. Todo cristão é uma lâmpada sobre um candelabro, precioso para Deus, chamado como humilde luminária diante das trevas do

mundo. Jesus diz a cada um de nós: “Vós sois luz do mundo... Brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” (Mt 5.14, 16).

Estas palavras manifestam o propósito central de nossa vida, a saber, que Deus seja glorificado em nós. A visão nos diz como isso ocorre. O poder para as lâmpadas vem do óleo fornecido por Deus, seu próprio Espírito Santo. A chama é nosso testemunho diante do mundo, em palavras e ações. Somos a luz que brilha em seu poder: cumprimos nosso papel não por força nem por poder, mas pelo Espírito que Deus certamente nos dará quando cremos, obedecemos e oramos.

A questão, então, é esta: que luz desejamos refletir? Que glória desejamos exaltar? Se for a nossa própria, então, será por força e poder – riqueza, influência terrena, fama e popularidade. Estas podem ser muito atraentes aos nossos olhos, mas são luzes que, no máximo, são opacas e efêmeras. Mas se oferecermos a nós mesmos, nossa vida, como pavio para a chama eterna – não por força, mas pelo próprio Espírito de Deus – então nossa luz resplandecerá maravilhosamente agora e brilhantemente para sempre. Como o anjo disse ao profeta Daniel em outra visão, “Os que forem sábios resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas, sempre e eternamente” (Dn 12.3).

1 O texto hebraico diz “sete e sete canais”, o que deve ser entendido no modo distributivo. Veja Thomas E. McComiskey. The Minor Prophets: An Exegetical and Expository Commentary. Vol. 3. Grand Rapids: Baker, 1998, p. 1082.

2 North, Robert. Zechariah’s Seven-Spout Lampstand. Biblica 51, p. 183-201, 1970.

3 Ibid, p. 195.

4 Kline, Meredith G. Glory in Our Midst: A Biblical-Theological Reading of Zechariah’s Night Visions. Overland Park, KS: Two Ages Press, 2001, p. 143.

5 Moore, T. V. Haggai, Zechariah and Malachi. Edimburgo: Banner of Truth, 1979, p. 153.

6 Calvino, João. The Minor Prophets.Vol. 5. Edimburgo: Banner of Truth, p. 109.

7 Leupold, C. H. An Exposition of Zechariah. Grand Rapids: Baker, 1971, reimpressão, p. 87.

8 Ibid, p. 86-87.

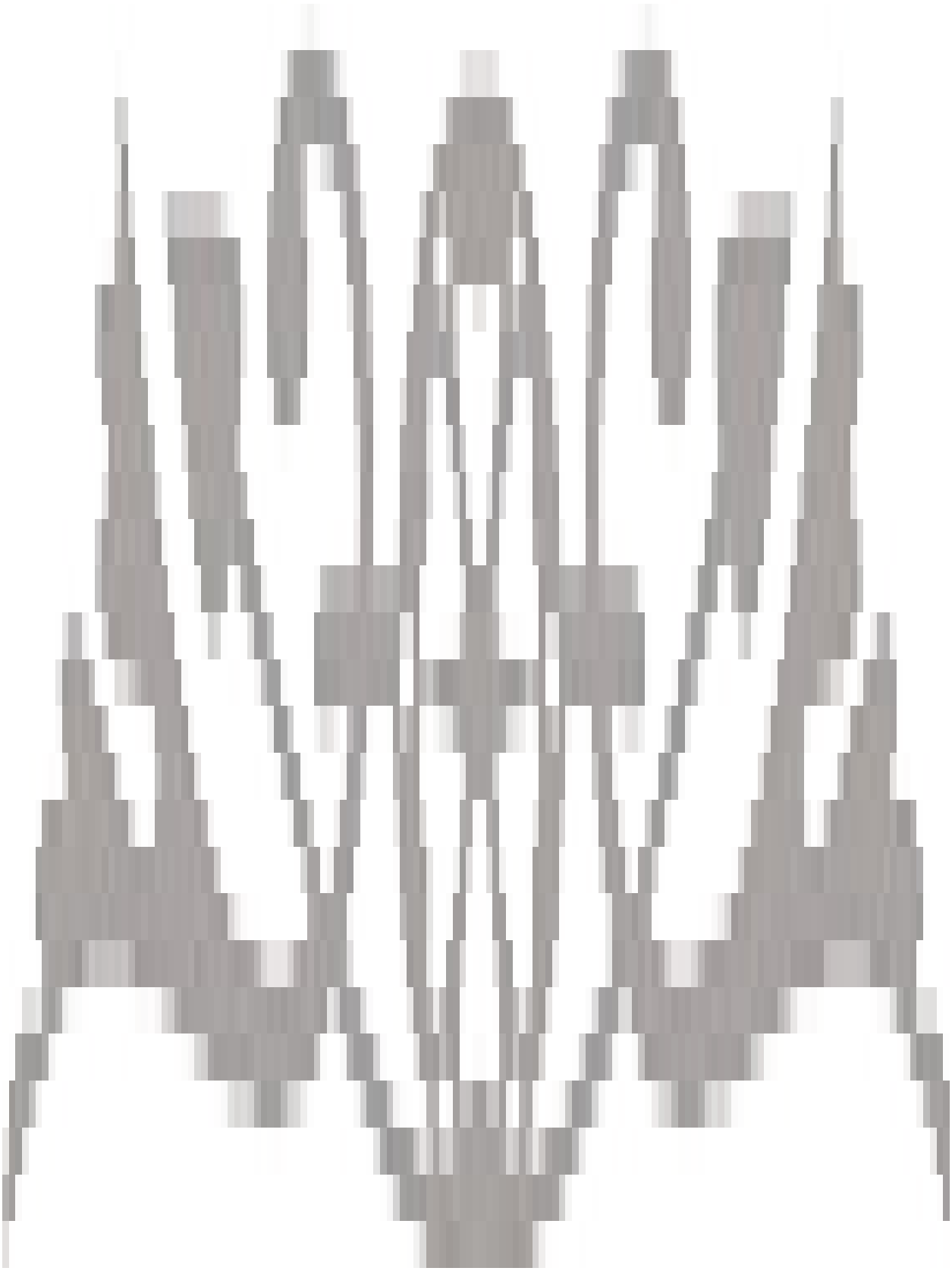
9 Kline. Glory in Our Midst. p. 142.

10 Calvino. Minor Prophets. Vol. 5, p. 111-112.

9

O DIA DOS HUMILDES COMEÇOS

Zacarias 4.6-10



Novamente, me veio a palavra do SENHOR, dizendo: As mãos de Zorobabel lançaram os fundamentos desta casa, elas mesmas a acabarão, para que saibais que o SENHOR dos Exércitos é quem me enviou a vós outros. Pois quem despreza o dia dos humildes começos, esse alegrar-se-á vendo o prumo na mão de Zorobabel (Zc 4.8-10).

Desde o início destes estudos sobre o livro de Zacarias, adotamos quatro abordagens principais de interpretação. Essas abordagens são histórica, doutrinária, cristológica e prática. A quinta visão de Zacarias apresenta ampla informação de todas essas quatro perspectivas. Na perspectiva histórica, vemos a mensagem profética de Deus, que motivou os judeus a completarem o segundo templo em 516 a.C. Como lemos em outras passagens das Escrituras, "os anciãos dos judeus iam edificando e prosperando em virtude do que profetizaram os profetas Ageu e Zacarias, filho de Ido. Edificaram a casa e a terminaram segundo o mandado do Deus de Israel" (Ed 6.14). Do ponto de vista cristológico, tanto o templo quanto Zorobabel, o príncipe davídico, apontam para Jesus Cristo e a obra de edificação do templo que ele veio realizar.

Essa passagem também possui uma mensagem extremamente prática, por isso, refletiremos sobre a mensagem do anjo a Zorobabel nessa perspectiva. Finalmente, há diversos pontos doutrinários aludidos nesta quinta visão, incluindo as doutrinas do Espírito Santo e a santificação do cristão. Mas, antes de tudo, devemos refletir sobre o que esta passagem diz sobre a graça de Deus e de sua acessibilidade a todos que se voltam a ele em fé.

Graça renovada

Se nos colocarmos no lugar de Zacarias e de todos os israelitas que o acompanharam de volta a Jerusalém, poderemos entender a mensagem desta visão numa perspectiva muito promissora. Quais eram os questionamentos e temores daquela geração? Certamente, eles se perguntavam se tinham sido excluídos da graça de Deus por causa de seus próprios pecados e, além do mais, pelos pecados de seus antepassados. Jerusalém estava em ruínas. As ruínas eram

testemunhos explícitos do juízo de Deus sobre o pecado, pois, quando os israelitas se desviaram do Senhor e se recusaram a dar ouvidos ao chamado de arrependimento dos profetas, a ira de Deus veio sobre eles. Davi havia estabelecido a cidade em torno do ano 1.000 a.C. e, depois de 400 anos de constante decadência em depravação e idolatria, a cidade foi destruída por determinação de Deus, em 586 a.C. A destruição da cidade santa pelo próprio Deus foi um testemunho explícito do perigo da presunção e pecado. O povo foi levado para a Babilônia como cativo e até os utensílios sagrados do templo destruído foram levados para serem distribuídos nas salas do tesouro dos deuses da Babilônia.

Esses colonos voltaram pela fé nas palavras de Deus dadas aos profetas – encorajamento sobre esperança de um novo futuro. Deus disse a Isaías: "Consolai, Consolai o meu povo... Falai ao coração de Jerusalém, bradai-lhe que já é findo o tempo da sua milícia, que a sua iniquidade está perdoada" (Is 40.1-2). Em outro momento: "Assim voltarão os resgatados do SENHOR e virão a Sião com júbilo, e perpétua alegria lhes coroará a cabeça; o regozijo e a alegria os alcançarão, e deles fugirão a dor e o gemido" (Is 51.11). Porém, por mais nobres que fossem essas promessas, elas não foram exatamente vividas por esse grupo de restaurados. Não é de se surpreender que eles duvidassem do favor de Deus, questionassem a amplitude de sua restauração e a validade do direito de receber a graça de Deus.

Essa situação é parecida à experiência cristã. Nós também viemos a Deus de um cativeiro babilônico de pecado. Viemos em resposta ao chamado de Deus, tendo ouvido grandes promessas. Contudo, vivemos no que foi chamado de "o intervalo entre promessa e realidade".[1] A Bíblia nos diz que, em Cristo, somos filhos reais, sobre quem o Senhor dos céus manifestou generosamente seu amor e afeição. Sim, como diz Paulo, tudo isso está "oculto juntamente com Cristo, em Deus" (Cl 3.3). Nossa filiação real é basicamente invisível nesta vida, irreconhecível mesmo por nós, exceto por meio dos olhos da fé. Somos instruídos sobre a comunhão com Deus e sua grande família, contudo nossa experiência frequentemente é solitária. A nós são prometidas imensas riquezas, guardadas para nós por Deus, porém nossa realidade é, muitas vezes, de pobreza. A nós é prometido amplo poder, acessível a nós por intermédio de Cristo, porém nos sentimos muito fracos e despreparados para enfrentar as demandas da vida.

Em suma, sentimos o que Zacarias e seu povo devem ter sentido, esperando o cumprimento de grandes e excelentes promessas, ao mesmo tempo em que

experimentamos uma vida longe de ser gloriosa. É aqui que está a importância das visões de Zacarias. Elas colocam diante dos olhos da fé manifestações do que é real, porém invisível, o que é espiritualmente verdadeiro ainda que não seja aparente pelas circunstâncias exteriores.

Essas visões revelaram ao profeta e aos seus primeiros ouvintes que Deus não mudou. Ele ainda é o Deus da graça, o Deus cujo favor se estende a todos que vêm a ele em fé, como fizeram voltando para reedificar Jerusalém. “Tornai-vos para mim”, ele lhes disse, “e eu me tornarei para vós outros” (Zc 1.3). Esta é também a nossa esperança; essas visões de graça, perdão e poder renovado do alto mostram que a bênção é acessível a nós somente se nos voltarmos ao Senhor em fé. Esta é a fonte de nossa esperança e confiança: apesar de as circunstâncias mudarem, o caráter de Deus nunca muda. J. I. Packer explica:

Nada poderá alterar o caráter de Deus. No curso da vida humana, gostos, opiniões e humor podem mudar radicalmente: uma pessoa equânime e bondosa pode se tornar amarga e extravagante; uma pessoa de boa vontade pode se tornar cínica e calejada. Mas nada disso acontece com o Criador. Ele nunca se torna menos verdadeiro, misericordioso, justo e bom do que foi. O caráter de Deus é hoje e sempre exatamente o que foi nos tempos bíblicos.[2]

Isso significa, por exemplo, que Deus é santo, assim como foi antes e sempre será. O pecado sempre resultará em juízo, e rebeldia sempre causará desgosto. Mas também significa que Deus hoje é amoroso e gracioso tanto quanto vemos na Bíblia. Sendo assim, arrependimento e fé sempre resultarão em perdão e restauração; aqueles que se voltam ao Senhor perceberão que ele os aguarda ansiosamente. A graça de Deus é nova em toda circunstância, porque é fundada não nas próprias circunstâncias, mas no caráter imutável de Deus. Isso é o que Jeremias viu como fonte de esperança na sequência imediata da catástrofe que sobreveio a Jerusalém: “As misericórdias do SENHOR são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim; renovam-se a cada manhã. Grande é a tua fidelidade” (Lm 3.22-23).

É esse grande amor e misericórdia do Senhor que gera tudo isso que lemos neste quarto capítulo de Zacarias. A visão do candelabro diz aos israelitas que o

templo seria reconstruído, que a presença e o poder de Deus habitariam entre eles e que aquela geração conheceria e veria a manifestação da luz de Deus novamente. O mote de Zacarias 4.6 – “Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos” – assegurava-lhes que eles não teriam de depender de seu poder nem de sua força, mas que o Espírito de Deus os impulsionaria e sustentaria muito além do que suas próprias forças seriam capazes de fazê-lo.

Quem és tu, ó grande monte

Tudo isso explica por que a passagem de Zacarias 4.6 é tão estimada do povo de Deus. Os versículos 7 a 10 prosseguem em aplicar essa mensagem, estimulando Zorobabel e os judeus a renovarem seus esforços. A teologia sempre é extremamente prática, e essa mensagem da ajuda poderosa de Deus contém pelo menos três aplicações. Primeiro, ela nos mostra que, apesar de haver obstáculos, Deus é suficiente para superá-los. Este é o sentido da exclamação do anjo: “Quem és tu, ó grande monte? Diante de Zorobabel, serás uma campina” (Zc 4.7).

Zorobabel, aparentemente, ficou intimidado pela enormidade da obra que estava diante dele e da insignificância de sua própria posição. Esta passagem fala de uma montanha de obstáculos, apesar de, no emprego do Antigo Testamento, seja mais correto pensar especificamente em forças terrenas investidas contra o povo de Deus. Deus falou desse modo sobre a Babilônia em Jeremias 51.25: “Eis que estou contra ti, ó monte que destróis, diz o SENHOR, que destróis toda a terra”. Era sobre os montes que os templos eram erigidos, e eles representavam as forças espirituais; são estes, personificados nos inimigos políticos dos judeus, que o versículo 7 descreve de modo particular como sendo derrotados. Sim, enfrentar e derrotar esses obstáculos – esses poderes – estavam além da capacidade de Zorobabel, mas Deus diz ao seu servo que, diante dele, o monte será aplainado.

Nós também enfrentamos muitos obstáculos em nossa luta contra o pecado, o mundo e o diabo. Alguns de nós enfrentamos inimigos e opressores reais – talvez um chefe, um vizinho ou um poder governamental – e Deus não nos promete sucesso imediato contra todo tipo de ameaça terrena. Mas o que esse monte representa – os poderes espirituais que nos oprimem por meio do pecado

e tentação e toda forma de ataque espiritual – será, em última instância, abatido diante daquele que confia no Senhor. De fato, o versículo expressa como Deus abaterá o monte diante dos pés de Zorobabel, dando testemunho ao seu servo de seu grande poder.

Devemos aplicar esta declaração ao ministério cristão, tanto individual quanto coletivamente na igreja. Sempre encontraremos oposição no ministério; poderes terrenos e espirituais têm a intenção de impedir o avanço do reino de Deus. Entretanto, Deus nos ordena a prosseguir com insistência diante de tais obstáculos. Observe que Zorobabel devia deixar a derrubada do monte para Deus, enquanto ele continuava com o trabalho que Deus lhe confiou. De igual forma, Deus aplainará os caminhos do ministério que ele deseja que realizemos.

Em 1970, Jack Miller deixou, de repente, tanto seu trabalho como professor de seminário como de pastor de uma pequena igreja. O motivo era a frustração pelo sentimento de fracasso em ambas as áreas. Apesar de todo seu esforço, ele não achava que estava causando impacto na vida das pessoas. Ele estava aborrecido não só consigo mesmo, mas com seus alunos e congregação, todos os quais pareciam que conspiravam contra sua ambição de ser um bem-sucedido servo de Deus. No período de depressão após seu pedido de demissão, Miller diz que foi confrontado com as palavras de João 7.38, em que Jesus promete: “Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva”. Ao perceber que ele estava confiando em esforço – poder e força – ele começou, então, a confiar na graça de Deus. Ele parou de tentar manipular o sucesso e confiar no Espírito de Deus para eliminar os obstáculos e fortalecer o seu ministério. Ao descrever a diferença que fez, Miller declara: “Eu me apeguei a essa promessa, e agora em minha fraqueza eu convidava os outros a fazerem o mesmo. Eu estava dizendo que a vida cristã normal era repleta de graça, obtida por pessoas fracas à medida que confiavam nas promessas de Deus”.[3]

“Quem és tu, ó grande monte?” É isto que Deus declara em nosso ouvido, quando nós, apesar de fracos, damos um passo adiante em obediência à sua palavra mediante a fé. O versículo 7 continua: “Ele colocará a pedra de remate, em meio a aclamações: Haja graça e graça para ela!” De certa forma, isso declara o princípio de toda realização espiritual – a obra da graça de Deus – enquanto, de outra forma, busca o favor de Deus à obra de Zorobabel feita em obediência a ele.

Este é o princípio que o apóstolo Paulo encontrou em sua fraqueza, depois de

suplicar a Deus por auxílio espiritual: “A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2Co 12.9). A isso Paulo responde: “Mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo... Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte” (2Co 12.9-10). Sim, todo cristão enfrentará obstáculos e oposição, mas o poder de Deus é ainda maior.

A segunda lição prática resulta desta, a saber, que o poder de Deus em nosso favor nos estimula à ação e não à inércia. É dito a Zorobabel que o monte cairá diante de seus pés, tornando o caminho plano, portanto, ele deve colocar a pedra principal. A palavra hebraica no versículo 7 refere-se a “pedra principal” ou “pedra angular” (#b@n h~r"sh~h). Provavelmente refere-se à pedra no alto do edifício que marca sua conclusão. Por isso, é dito a Zorobabel que ele verá isso acontecer, em meio a aclamações a Deus. Por isso, o anjo diz: “As mãos de Zorobabel lançaram os fundamentos desta casa, elas mesmas a acabarão” (Zc 4.9).

Este é um princípio pelo qual devemos viver como cristãos. É-nos mostrado o fim desde o começo, e isso nos encoraja a agir. Foi mostrada a Zorobabel uma visão da cerimônia que marcaria a conclusão do templo, como de fato ocorreu quatro anos depois, em 516 a.C. Portanto, ele sabia que não havia lançado os fundamentos em vão, pois sua obra haveria de dar frutos. De igual forma, nada que seja feito pela fé é em vão. É o poder de Deus que garante o êxito e motiva o esforço, mas o povo de Deus precisa mesmo fazer a obra. Observe que são as mãos de Zorobabel que colocam a pedra. É assim que acontece com toda empreitada espiritual. Deus nos dá a força mediante a fé e depois nos chama para empregá-la. Paulo aplica esse princípio à nossa vida espiritual, dizendo: “Desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2.12-13).

Terceiro, o anjo conclui descrevendo o objetivo de Deus nisso tudo: “Para que saibais que o SENHOR dos Exércitos me enviou a vós” (Zc 4.9). O objetivo de Deus em nossa obra é o crescente conhecimento dele. A vida cristã diz respeito ao crescente conhecimento de Deus, de sua graça e da veracidade de sua palavra.

Certa vez um velho cristão mostrou sua Bíblia marcada com as iniciais “TEC” em um versículo após o outro. Quando perguntado sobre o significado daquelas iniciais, aquele fiel de longa data disse: “Significa ‘testado e comprovado’. Escrevo isso toda vez que testei e comprovei a veracidade daquilo, por isso minha Bíblia está cheia dessas marcas”.

É isso que Deus quer fazer em nossa vida. Jesus orou ao Pai: “E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17.3). É assim que medimos o progresso da fé, pelo nosso conhecimento de Deus: de seu caráter, fidelidade, presença e graça em nossa vida. Esse conhecimento é adquirido por meio de experiências como a que Zorobabel e os judeus tiveram, à medida que confiamos em Deus diante das ameaças e obstáculos e reconhecemos a salvação que ele opera em nossa vida. Foi assim que Pedro concluiu sua segunda e última epístola: “Crescei em graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória, tanto agora quanto no dia eterno” (2Pe 3.18).

O dia das pequenas coisas

O anjo comenta sobre a situação de Zorobabel com uma maravilhosa afirmação de sabedoria para a vida de fé: “Quem despreza o dia dos humildes começos, esse alegrar-se-á vendo o prumo na mão de Zorobabel” (Zc 4.10). Esta é uma exortação para que comecemos a obra que Deus preparou para nós, seja por meio de uma mudança necessária de estilo de vida, um chamado a um ministério específico ou um compromisso de estudar e crescer na Palavra de Deus.

Somos tentados a perguntar, “A partir de onde uma pessoa como eu começa um desafio tão grande assim?” A resposta é que devemos começar no início: confiar no Senhor, fazer o que está diante de nós para fazer, sem desprezar o dia das pequenas coisas. Foi isso que Zorobabel demonstrou quando lançou os novos fundamentos do templo – um pequeno começo que levou a coisas maiores e melhores. Certamente essa exortação foi dada como estímulo para motivar os judeus na obra do templo. Pequenos começos, somos lembrados, levam a grandes conclusões quando são realizados por meio da fé em Deus. Isso é verdade quando estamos lutando contra o pecado. É verdadeiro para igrejas quando Deus coloca diante de nós desafios espirituais ou oportunidades ministeriais. O dia das pequenas coisas requer fé para crer que aquilo que ousamos iniciar será executado pelo poder de Deus. Paulo escreveu: “Tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4.13). Este é o tipo de fé que parte de coisas pequenas, aguardando Deus fazer grandes coisas.

Podemos aplicar esta afirmação às questões de crescimento espiritual e santificação. Onde começa a vida de fé? Começa a partir de onde nos

encontramos, dando pequenos passos de obediência como expressão tangível de nossa fé. Paulo escreve: “Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna” (Gl 6.7-8). Isso significa que cada um de nossos atos – mesmo nossos pensamentos – tem significado real, por menor que seja. Já se disse “semeie um pensamento e você colherá uma ação; semeie uma ação e colherá um hábito; semeie um hábito e colherá um estilo de vida; semeie um estilo de vida e colherá um caráter; semeie um caráter e colherá um destino”. Quem, então, desprezará o dia das pequenas coisas, as quais abrigam em si coisas muito maiores?

Isso também se aplica ao discernimento de nosso chamado de vida. Muitos cristãos procuram saber o que Deus deseja que eles façam e, portanto, buscam direção específica. Alguns de nós teremos um senso dramático de chamado, até mesmo quando ainda bem novos, e seguiremos aquele curso a partir daquela experiência. Mas, para a maioria, um chamado acontece por meio do princípio do versículo 10 – isto é, não desprezando o dia das pequenas coisas.

Isso significa que, se temos um dom ou habilidade, devemos começar a empregá-los a serviço de Deus. Se soubermos ensinar, devemos ajudar na condução de um estudo bíblico. Se gostamos da hospitalidade, devemos usar nosso lar para servir – talvez para acolher um pequeno grupo ou ajudar pessoas com necessidades. Se Deus nos deu o dom do encorajamento, devemos começar a procurar pessoas que precisem se lembrar da graça e do amor leal de Deus; estão todos ao nosso redor. Alguém poderá objetar: “Mas eu não sei onde começar!” Deus, porém, diz: “Quem desprezará o dia dos humildes começos?”

Naturalmente, há pessoas que desprezam o dia dos humildes começos. Essa declaração sugere que havia pessoas zombando das ambições de Zorobabel sobre o templo de Deus, escarnecendo de seus tímidos esforços e desprezando o dia dos humildes começos. Nós também podemos encontrar situações assim. Talvez queiramos nos dedicar mais seriamente ao Senhor fazendo verdadeiras mudanças no nosso estilo de vida. Mas as pessoas dirão: “Quem o fez santo?” A resposta é: Jesus Cristo, e ele nos chama para segui-lo, começando com pequenas coisas. Ou, talvez, entendamos que Deus nos chamou para mudar de direção em resposta a algum chamado ministerial. Podemos esperar que as pessoas indaguem por que achamos que somos tão importantes e o que nos torna tão comprometidos e ambiciosos. Contanto que confiemos no Senhor, deixemos

que as pessoas desprezem o dia das pequenas coisas.

Foi essa a experiência de Hudson Taylor quando começou a sonhar grandes coisas para o serviço de Deus como missionário na China, em meados do século 19. Dentre os diversos obstáculos estavam a dificuldade de aprender mandarim, a falta de recursos financeiros e o fato de que ele tinha recentemente se apaixonado por uma moça. Contudo, convicto de que Deus o havia chamado, Taylor prosseguiu com seus planos. Um pastor lhe perguntou como ele achava que ia chegar tão longe sem dinheiro. Taylor respondeu que não sabia. “É provável”, ele escreveu, “que eu tenha de fazer como os Doze e os setenta discípulos fizeram na Judeia, partir sem bolsa nem sacola, dependendo totalmente daquele que me enviou para suprir todas minhas necessidades”. Sem conseguir encontrar uma organização missionária apropriada para sustentá-lo, Taylor conclui: “Então, Deus, somente Deus, é minha esperança, e não preciso de outro”. Alertado por um missionário experiente de que com seus cabelos claros e olhos azuis ele seria rejeitado pelos chineses, Taylor também confiou seus problemas ao Senhor.[4]

Os registros históricos mostram que Hudson Taylor foi à China e fundou a Missão para o Interior da China, uma importante organização missionária que foi eficaz em alcançar milhões de pessoas pelo evangelho de Jesus Cristo. Um dos motes de Taylor se assemelha ao nosso texto: “Uma pequena coisa é uma pequena coisa”, afirmou, “mas ser fiel em algo pequeno é uma grande coisa!” Isso reflete o próprio ensinamento de nosso Senhor Jesus. Na parábola dos talentos, o senhor diz ao servo que fez de tudo com o que recebera: “Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor” (Mt 25.21). Portanto, o mais importante não é o grau, a abrangência ou objeto do trabalho, mas a fé que está disposta a começar e responder ao nosso Senhor com confiante obediência.

Não deveríamos nos surpreender em saber que esse princípio, como o princípio de Zacarias 4.6, está presente na vida de Jesus. Conforme vimos na exposição do capítulo 3, Jesus aparece como um pequeno ramo, um rebento que cresce do tronco da casa de Jessé. Ele nasceu numa manjedoura, em pobre obscuridade. Cresceu em uma cidade isolada como simples trabalhador. Mas dessas pequenas coisas, não por força nem por poder, mas pelo Espírito de Deus, surgiu nosso Salvador e Redentor e Rei dos reis. A própria vida e ministério de Jesus provam que pequenas coisas executadas pela vontade de Deus produzirão grandes resultados por meio de seu poder.

Sabendo que isso se aplicou ao próprio Jesus, devemos esperar o mesmo de nós. Certamente essa é a ideia do anjo quando continua, dizendo: “Pois quem despreza o dia dos humildes começos, esse alegrar-se-á vendo o prumo na mão de Zorobabel” (Zc 4.10). O prumo é o cordão com um peso usado para garantir a edificação de paredes retas. A ideia é que, quando outras pessoas observarem a obra de fé de Zorobabel, elas se alegrarão e se animarão pelo seu “reto” exemplo. Isso nos faz lembrar de que, nesta passagem, Zorobabel não representa, primeiramente, a nós, mas Jesus Cristo, o construtor do verdadeiro templo de Deus. De igual modo, quando vemos Jesus construindo pelos princípios espirituais de Zacarias 4, somos encorajados a apanhar ferramentas. O prumo nas mãos de um habilidoso construtor nos mostra que, com o tempo, veremos grandes coisas que estão apenas vagamente visíveis. João Calvino escreve: “Apesar de o Senhor começar com coisas pequenas e, por assim dizer, em fraqueza, contudo, o prumo finalmente será visto nas mãos do arquiteto com o propósito de completar a obra”.[5]

Se isso encoraja nossa fé por meio do retrato de Cristo, o príncipe davídico em ação, a passagem conclui com uma lembrança da presença de Deus por meio do Espírito Santo: “Aqueles sete olhos são os olhos do SENHOR, que percorrem toda a terra”. Alguns comentaristas associam isso às sete lâmpadas do candelabro, embora pareça pouco provável, uma vez que a passagem passa, agora, para a pedra colocada diante de Zorobabel. No capítulo 3, lemos a respeito de uma pedra em que havia sete olhos (Zc 3.9). Ao comentar sobre essa passagem, eu disse que se referia ao Espírito Santo habitando e capacitando o futuro Messias, a pedra fundamental do templo. Agora somos lembrados de que esse mesmo Espírito Santo representa a onisciência de Deus à medida que observa todo o seu povo em todos seus esforços por ele. Portanto, o versículo 10 nos encoraja a refletir que, uma vez que Cristo realizou a sua obra, podemos ter certeza de ter êxito, principalmente por causa do vigilante cuidado e prazer de Deus.

Fé que move montanhas

Que maravilhoso encorajamento nos traz esta passagem! Como os antigos judeus, descobrimos que o Deus imutável certamente manifestará sua graça aos que nele confiam. Não somos abandonados em nossas fraquezas, nem deixados para procurar forças de nossa própria imaginação, nem largados para recorrer a

métodos terrenos a fim de realizar a obra que Deus nos confiou. Nós, também, somos capazes de depender do Espírito de Deus para prover nossas necessidades, na força de Deus para vencer obstáculos em nosso favor e no Messias de Deus, que nos dirige.

Então, quem desprezará as pequenas coisas? Pelo contrário, cada um “alegrar-se-á vendo o prumo na mão de Zorobabel” (Zc 4.10). Quão maravilhoso para nós, também, é ver cristãos se envolverem em grandes coisas pela fé, no poder de Cristo, que edifica sua igreja por meio de nosso trabalho.

Nada disso aconteceria sem a fé. Esta visão foi dada justamente para despertar fé – fé de que o que ousamos começar para Deus não será em vão. É pela fé que também nos colocamos diante de montanhas e as vemos caírem. Sobre isso temos as palavras do nosso Senhor Jesus, que disse aos discípulos: “Em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível” (Mt 17.20).

1 Veja Duguid, Iain M. Living in the Gap Between Promise and Reality. Phillipsburg, NJ: P&R, 1999.

2 Packer, J. I. Knowing God. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1978, p. 69.

3 Miller, C. John. A Faith Worth Sharing. Phillipsburg, NJ: Presbyterian & Reformed, 1999, p. 95.

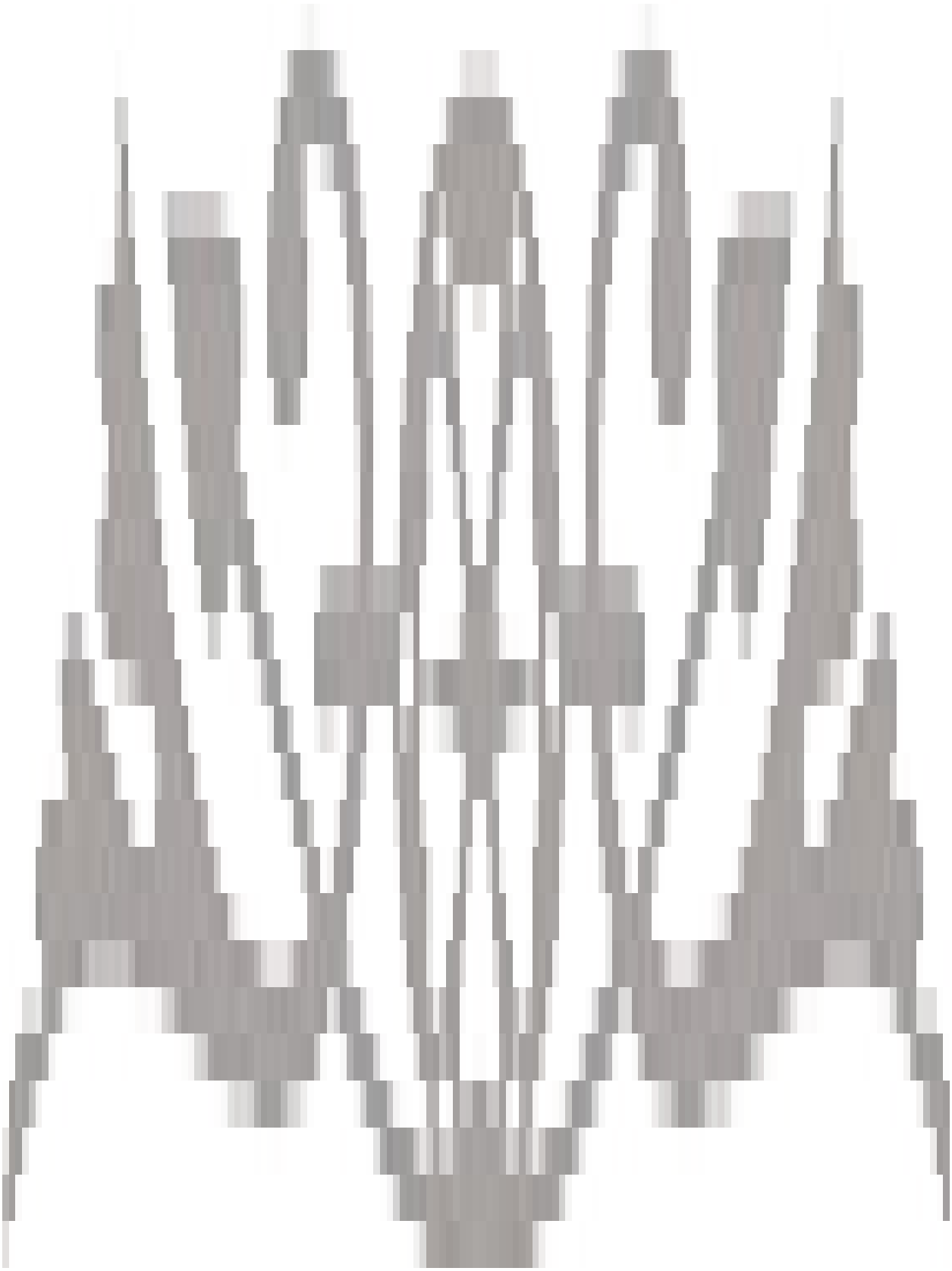
4 Citado por Broomhall, Marshall. The Man Who Believed God. Chicago: Moody Press, 1929, p. 41-52.

5 Calvino, João. The Minor Prophets.Vol. 5. Edimburgo: Banner of Truth, 1986, p. 120.

10

AS DUAS OLIVEIRAS

Zacarias 4.11-14



Ele me respondeu: Não sabes que é isto? Eu disse: Não, meu senhor. Então ele disse: São os dois ungidos, que assistem junto ao Senhor de toda a terra (Zc 4.13-14).

Os autores bíblicos frequentemente empregam um recurso literário chamado quiasma . Uma estrutura quiástica, cujo nome é derivado da letra grega chi (X), interliga ideias por meio de paralelismo simétrico. Por exemplo, quando há quatro versículos formando um quiasma, a sequência pode ser a, b, b', a' , sendo que as letras correspondentes formam pares. Contudo, o mais importante é a ideia de um clímax central. Uma estrutura quiástica desenvolve as ideias em direção ao centro e, depois, para fora. O par central é o destaque principal da mensagem, e a estrutura expressa isso aos leitores familiarizados com esse recurso literário.

As oito visões noturnas de Zacarias estão aparentemente organizadas em um padrão ligeiramente quiástico. A primeira visão, por exemplo, destaca os cavaleiros que vieram dos quatro cantos da terra. A oitava e última visão destaca os quatro carros. A ligação entre os outros pares de visões não é tão óbvia, mas fica claro que há um clímax entre a quarta e quinta visões – as passagens centrais se encontram em Zacarias 3 e 4. Essas duas visões formam o cerne da sequência de visões, as quais tratam dos dois principais líderes de Jerusalém: o sumo sacerdote Josué e o governador Zorobabel, e, por meio deles, das instituições religiosas e política da cidade. Essas duas visões respondem a questões vitais sobre a restauração do sacerdócio e da corte real. Elas também marcam a transição da esperança para a ação. As primeiras quatro visões diziam aos judeus que Deus estava pronto para estender sua graça em resposta à sua fé renovada. A segunda série de quatro visões os desafia a responder por meio da construção e serviço do templo. Isso coincide com a vida cristã; recebemos a salvação como dom, mas depois somos ordenados a viver e servir para a glória de Deus.

As duas oliveiras

Outra razão para considerarmos a quarta e quinta visões como par é o modo

como ambas formam um resumo de Zacarias 4. Esse capítulo começa com uma mensagem para Zorobabel construir o templo. Mas agora, antes de prosseguir, o profeta interrompe o anjo com uma pergunta que nos leva de volta à visão. Ele descobre que há um elemento que ainda não se explicou, a saber, as duas oliveiras em cada lado do candelabro. Essas oliveiras fornecem o óleo para as sete lâmpadas, significando, assim, a suficiência do Espírito para a obra de Deus.

Agora Zacarias se volta à visão e pergunta: “Que são as duas oliveiras à direita e à esquerda do candelabro?” (Zc 4.11). Sem resposta, o profeta é mais específico: “Que são aqueles dois raminhos de oliveira que estão junto aos dois tubos de ouro, que vertem de si azeite dourado?” (Zc 4.12). Como ocorreu anteriormente, o anjo responde como se o profeta devesse entender: “Não sabes que é isto?” (Zc 4.13). Zacarias responde: “Não, meu senhor”. “Então, ele disse: São os dois ungidos, que assistem junto ao Senhor de toda a terra” (Zc 4.14).

Esta não é uma explicação completamente direta, contudo não há dúvida sobre o significado desta passagem. Zacarias vê duas oliveiras, e em cada uma delas há um ramo, ou mesmo um cacho de frutos, sob os quais saem canos e tubos. Desses ramos escorre óleo dourado – isto é, azeite, o qual, como vimos, simboliza o Espírito Santo – dentro dos tubos que levam o óleo para alimentar as chamas do candelabro. Zacarias pergunta sobre as árvores, mas, sem receber a resposta, fala sobre os rebentos. “São os dois ungidos, que assistem junto ao Senhor de toda a terra” (Zc 4.14), responde o anjo.

Alguns autores entendem que os rebentos são os dois grandes profetas da época, Ageu e Zacarias. Outros acham que representam as duas dispensações, da lei e do evangelho. Mas não há fundamento para nenhuma dessas interpretações, exceto uma predisposição de desvendá-las. O que faz mais sentido para o contexto da passagem e que é aceita pela grande maioria dos comentaristas, é que esses dois ramos representam os dois sujeitos dessas visões, a saber, o sumo sacerdote Josué e o príncipe Zorobabel.

A linguagem usada pelo anjo deixa isso claro: “[Estes] são os dois ungidos”. O original hebraico diz: “Estes são os dois filhos do óleo”, o que pode ser razoavelmente traduzido por “os oleosos”. A ARA interpreta corretamente ao afirmar que estes são os dois ungidos para o ofício. Quando investigamos o Antigo Testamento, encontramos três tipos de pessoas ungidas para o respectivo ofício: profetas, sacerdotes e reis. Dos três, dois eram ofícios estabelecidos, ordenados por Deus como instituições permanentes da teocracia: o sacerdotal e o

real. Os sumo sacerdotes e os reis eram ungidos para mostrar que, em seu ofício, eram mediadores do Espírito de Deus. Era pelo fiel cumprimento de seu ofício que a bênção de Deus sobrevinha ao povo. Josué e Zorobabel são ramos da oliveira; em suas respectivas atividades, eram extensões e aplicações desses dois ofícios mediatórios.

Com isso encerra-se a visão. O sacerdócio e a realeza, ordenados por Deus, mediavam o Espírito de Deus, assim como o óleo escorria pelos tubos às chamas do candelabro. O óleo é o Espírito, que alimenta as chamas, faz brilhar a luz e dá poder a toda obra espiritual.

Dois ofícios ungidos

Baseados nesse simbolismo, devemos gastar um tempo refletindo sobre esses dois ofícios. Os sacerdotes serviam para representar o povo pecador perante o Deus santo, oferecer sacrifícios para expiação dos pecados e interceder em oração a fim de obter o favor de Deus. Os reis regiam em favor de Deus, governavam o povo e estabeleciam sua justiça sobre a terra.

Quando pensamos no sacerdócio, devemos pensar especificamente no sumo sacerdote, uma vez que Josué ocupava esse ofício. Todo ano, no dia da expiação, o sumo sacerdote entrava na presença do Senhor para fazer expiação pelos pecados do povo. Primeiro ele oferecia um sacrifício por seus próprios pecados e, em seguida, se purificava. Depois disso, entrava no santuário interior – o Santo dos Santos, onde o próprio Deus habitava – levando o sangue do sacrifício pelos pecados da nação. Ali ele via a arca da aliança, com seus querubins e suas asas apontadas para cima, o escabelo do trono de Deus e propiciatório do Senhor. Dentro da arca estavam as tábuas dos Dez Mandamentos, depositadas à vista do Senhor, enquanto o sumo sacerdote, representando o povo pecador, colocava-se diante dele. O povo havia transgredido aqueles mandamentos, e o sumo sacerdote entrava para oferecer o sangue de um substituto do povo. Ele derramava o sangue sobre o propiciatório, a tampa que cobria a arca, de modo que, em vez de ver a transgressão da lei, Deus via o sangue do sacrifício. Por isso, sua ira era propiciada por meio da expiação pelo pecado do povo.

Ao remover a barreira do pecado, o sumo sacerdote abria o canal da bênção, o derramamento do Espírito Santo. Foi isso o que aconteceu quando Salomão

inaugurou o primeiro templo. Depois de a arca ser levada para o templo e os sacrifícios serem oferecidos, “uma nuvem encheu a Casa do SENHOR... porque a glória do SENHOR enchera a Casa do SENHOR” (1Rs 8.10-11). Por meio da obra dos sacerdotes de oferecer sacrifícios e interceder pelo povo é que o Espírito de Deus vinha sobre o povo.

O outro ofício ungido representado nesta visão é o do rei. O rei também era ungido como mediador. O povo devia obedecer ao rei, e o rei devia obedecer a Deus. De acordo com a lei estabelecida por Moisés:

Quando se assentar no trono do seu reino, escreverá para si um traslado desta lei num livro, do que está diante dos levitas sacerdotes. E o terá consigo e nele lerá todos os dias da sua vida, para que aprenda a temer o SENHOR, seu Deus, a fim de guardar todas as palavras desta lei e estes estatutos, para os cumprir (Dt 17.18-19).

O rei deveria, portanto, ser modelo de fidelidade – o principal defensor da aliança e estudioso da Palavra de Deus, da qual deveria fazer uma cópia pessoal de próprio punho, reverente em adoração e zeloso em obediência. Desse modo, ele garantiria o favor de Deus não só para si mesmo como também para todo o povo.

Davi foi o rei exemplar, cujo nome significa “amado” e que foi chamado de “homem segundo o coração de Deus” (1Sm 13.14): “Ele os apascentou consoante a integridade do seu coração e os dirigiu com mãos precavidas” (Sl 78.72). Por intermédio de Davi, o favor de Deus se manifestou sobre o povo. Deus disse:

Encontrei Davi, meu servo; com o meu santo óleo o ungi. A minha mão será firme com ele, o meu braço o fortalecerá. O inimigo jamais o surpreenderá, nem o há de afligir o filho da perversidade. Esmagarei diante dele os seus adversários e ferirei os que o odeiam. A minha fidelidade e a minha bondade o hão de acompanhar, e em meu nome crescerá o seu poder (Sl 89.20-24).

Portanto, não era pequena monta para Zorobabel representar o trono davídico.

Alguns estudiosos acreditam que o livro de Zacarias registra uma transferência de ênfase do reinado para o sacerdócio, principalmente pelo fato de Zacarias 6.11 falar de uma coroa sendo colocada sobre a cabeça do sumo sacerdote. Antes do exílio, os reis eram o principal destaque, motivo pelo qual a principal história daquele período é chamada de Livro dos Reis. Depois do exílio, porém, não havia reis. Jeconias, também conhecido como Joaquim, foi o último rei legítimo. Ele morreu no exílio. Zorobabel era herdeiro do trono, mas nunca realmente governou como rei. Antes, ele servia como governador sob o imperador persa, embora tenha, de fato, exercido governo real em Jerusalém. Depois de Zorobabel, a linhagem real caiu em obscuridade. Isso cumpria a maldição que Deus impôs sobre o ímpio Jeconias: “Registrai este como se não tivera filhos; homem que não prosperará nos seus dias, e nenhum dos seus filhos prosperará, para se assentar no trono de Davi e ainda reinar em Judá” (Jr 22.30).

Se Zorobabel era neto de Jeconias, podemos entender por que alguns pensam que a linhagem real foi interrompida. Mas isso levanta um problema quando descobrimos que Jeconias, assim como Zorobabel, também aparece na genealogia de Jesus Cristo apresentada por Mateus. Se nenhum herdeiro de Zorobabel podia ser entronizado, o reinado de Cristo estaria em jogo.

A resposta ao problema parece se encontrar na diferença entre as genealogias de Mateus e de Lucas, cujas discrepâncias, ao que parece, estão na ascendência de Zorobabel (e de Sealtiel, que às vezes é mencionado como seu pai). Discrepâncias aparentes ocorrem nas genealogias tanto do Antigo Testamento quanto do Novo. Em diversas passagens, Zorobabel é chamado de “filho de Sealtiel” (Ed 3.2,8; 5.2; Ne 12.1; Ag 1.1,12,14; 2.2,23). Mas, em 1Crônicas 3.19, vemos que ele era, na verdade, sobrinho de Sealtiel. Semelhantemente, Sealtiel é frequentemente mencionado como filho de Jeconias, mas a genealogia de Lucas o menciona como filho de um homem chamado Neri.

O que parece ter ocorrido é que, com o colapso da corte real por causa da conquista e exílio, os relacionamentos familiares se tornaram compreensivelmente complicados. Sabemos, pelas Escrituras, que a grande maioria dos judeus foi morta. Os sobreviventes foram levados para o exílio, com certeza tendo muitas famílias separadas à força. Devem ter ocorrido muitas

adoções, formal ou informalmente. Muitos moços devem ter assumido o lugar do patriarca mais velho da família estendida, os quais, posteriormente, foram mencionados como seus “filhos” independentemente da relação sanguínea.

A genealogia dos Evangelhos é, reconhecidamente, difícil. Entretanto, J. Gresham Machen está certo quando argumenta que a genealogia de Mateus, sendo mais judaica, registra a linhagem do descendente legítimo. Mateus responde à pergunta: “Quem é o legítimo herdeiro do trono?” Nessa genealogia, Sealtiel foi o parente mais próximo da linhagem para o trono depois de Jeconias, embora não fosse de sua descendência direta. A partir dele, a linhagem real passava para seu sobrinho, Zorobabel, prosseguindo para as gerações de José, que se casou com Maria e conferiu o direito real ao seu filho adotivo, Jesus. Nesta perspectiva, o Evangelho de Lucas registra a linhagem sanguínea em resposta à pergunta: “Quem nasceu de quem?” Nesta genealogia, descobrimos que Sealtiel e Zorobabel não procederam da linhagem amaldiçoada de Jeconias, mas vieram de um ramo diferente da dinastia de Davi. Sua linhagem sanguínea seguiu até José, de modo que, biologicamente, ele pertenceu à família de Davi, portanto, era o legítimo herdeiro.[1] Incidentemente, sabemos de Romanos 1.3 que Maria também era descendente de Davi.

A questão disso tudo é que não há razão para pensar que a profecia de Zacarias despreza o reinado, ainda que historicamente seja verdadeiro que os sacerdotes passaram a estar em primeiro plano nas gerações que se seguiram. Longe de deixar de lado a dinastia real, a visão encoraja grandemente o ofício real de Zorobabel. O mesmo se aplica à mensagem de Ageu: “Tomarte-ei... e te farei como um anel de selar, porque te escolhi, diz o SENHOR dos Exércitos” (Ag 2.23). Zorobabel era o ocupante atual do ofício real e, por meio de seus descendentes, viria, no devido tempo, o verdadeiro rei messiânico.

O duplo ministério: sacerdote e rei

Em nosso estudo de Zacarias 4, vimos na visão do candelabro de ouro um modelo de bênção espiritual. Há duas oliveiras, uma representando o sacerdócio e a outra, a realeza, ambas mediando o Espírito para o candelabro, de modo que sua chama queime e brilhe, lançando calor e luz nas trevas. Quando lembramos que os dois ramos de onde o óleo-Espírito flui representam o Israel caído e os líderes fracassados – Josué com suas vestes imundas e Zorobabel com seu

templo inacabado – vemos como a graça de Deus é a principal força motivadora da esperança do povo. Um autor afirma: “O padrão é sempre o mesmo. O Senhor retira os pecadores do fogo, purifica-os e perdoa-os, e, pelo poder do Espírito Santo, capacita-os a serem sua luz brilhando no mundo escurecido pelo pecado”.[2]

Anteriormente, quando examinamos o candelabro, consideramos que há três principais opções prováveis de seu simbolismo: o templo, a presença de Deus no ministério de Jesus Cristo ou o povo de Deus como servo no mundo. Conforme vimos, não há necessidade de decidir entre uma das interpretações, uma vez que elas estão organicamente ligadas. Tanto Jesus quanto a igreja são representados pelo templo, e há uma ligação muito próxima entre Cristo e seu povo. Devemos, agora, voltar-nos para cada um destes símbolos e ver o que as oliveiras têm a dizer sobre cada um deles.

Se o candelabro representa o templo – o que, em certo nível representa, conforme a mensagem deste capítulo – como os dois ofícios, de sacerdote e rei, servem de meios para sua bênção? Não é difícil responder. O templo é o lugar onde se ofereciam os sacrifícios para a expiação de pecados, e esta era a tarefa dos sacerdotes. Portanto, se o templo deveria resplandecer sua luz para fazer proclamação de Deus e da salvação, seria por meio da restauração da ordem dos sacerdotes. É por isso que a visão da purificação de Josué do capítulo 3 é tão importante. Somente mediante a aceitação da obra sacerdotal por Deus é que o Espírito Santo podia retornar ao templo.

A importância da liderança real, ou política, é evidente no capítulo todo. Como Salomão anteriormente, Zorobabel devia construir o templo. Isso significa que ele devia reunir recursos, organizar a força de trabalho e oferecer proteção contra inimigos potenciais. Realmente, nessa visão vemos o quanto o sacerdócio e a realeza estavam interligados no Antigo Testamento. Os reis regiam em favor de Deus, implementavam leis e defendiam a nação, enquanto os sacerdotes faziam o trabalho espiritual de conduzir o povo à comunhão com Deus. Era por meio da união de forças desses dois ofícios que o Espírito Santo vinha ao templo e, consequentemente, à nação.

Quando vemos o ministério de Jesus Cristo, esses dois ofícios se cumprem plenamente. Como o candelabro representa a presença de Deus em Cristo, assim as duas oliveiras representam a união desses dois ofícios no seu único ministério. No versículo 14, o anjo descreve Josué e Zorobabel como “filhos do óleo”, o que

significa seus ofícios ungidos. Jesus Cristo é o verdadeiro “Filho do Óleo”. Este é o sentido literal do termo “Messias” ou “Cristo” – aquele que é ungido. Ele é o ungido que verdadeiramente medeia o Espírito Santo, por meio de quem se manifesta a bênção e poder da salvação.

Essa ligação nos oferece uma percepção chave, a saber, que o efeito pretendido do ministério de Jesus era enviar o Espírito Santo. Historicamente, essa era a culminação de sua primeira vinda: ele nasceu, viveu, morreu por nós, ressurgiu dos mortos e subiu ao céu. Mas sua obra não se cumpriu até o Pentecostes, quando o Espírito veio sobre a igreja. Como resume Paulo, “Cristo nos resgatou... a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido” (Gl 3.13-14).

A vida cristã é a vida no Espírito Santo. Era isso que Paulo estava falando quando declarou: “Já não sou em quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2.20). Isso significa que não basta simplesmente conhecer as verdades da Bíblia; precisamos ter o poder de viver de acordo com o que a Bíblia diz. Temos a tendência de pensar em termos de nosso perdão como se fosse um fim em si mesmo, quando, na verdade, é o meio para este fim: que Deus nos encha com seu Espírito por fazer a sua vontade. João 3.34 diz que o Pai concedeu a Cristo o Espírito sem medida. A razão disso é que “todos nós [recebamos] da sua plenitude e graça sobre graça” (Jo 1.16). Cristo foi cheio do Espírito para que nos encha, assim como esta visão das oliveiras retrata tão vividamente. A graça de Deus flui por seu Espírito, por causa do duplo ministério de Jesus Cristo, nosso sacerdote e rei.

Quando pensamos sobre o ministério de Jesus como sumo sacerdote, lembramos que o sacerdote era mediador entre o homem e Deus. O sacerdote representava os pecadores diante de Deus, oferecendo sacrifícios pelo pecado. Deus deve nos julgar por nosso pecado: este é o principal empecilho entre nós e a salvação de Deus, e o grande obstáculo ao derramamento do Espírito. Jesus, como sumo sacerdote, remove essa barreira. Hebreus 9 nos diz que todo o sistema sacrificial do Antigo Testamento aponta para esse grande e verdadeiro sacrifício. Quão eficaz, quão suficiente foi o sangue de Cristo, “pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!” (Hb 9.14). O apóstolo Pedro escreve: “Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito” (1Pe 3.18).

Como nosso sumo sacerdote vivo, Jesus nos conduz a Deus e remove todo pecado. Além disso, como nosso sacerdote vivo, Cristo intercede continuamente por nós. Suas feridas evocam intercessões eficazes, lembrando ao Pai sua aliança de graça e garantindo a nós as riquezas do Espírito de Deus. Como é essencial esse ministério sacerdotal! Se não fosse por sua obra mediadora, Cristo como profeta só promulgaria juízo, e Cristo como rei só regeria com cetro de ferro.

Mas como Cristo veio como sacerdote, ele reina como rei para nossa salvação e, por meio de seu ofício, também envia o Espírito Santo de Deus. Sua primeira vinda significou a vinda do reino de Deus, uma vez que, por meio do Espírito, ele fez retroceder o reino da morte, do pecado e de Satanás. Isso é tão verdadeiro quanto o fato de Jesus reinar hoje nos céus, tendo declarado: “Toda autoridade me foi dada no céu e na terra” (MT 28.18). É em Jesus Cristo que o que foi dito a Zorobabel se cumpre plenamente. Depois de Zorobabel, o reinado definha até ser reduzido a um tronco cortado. Mas Jesus é o rebento, o ramo que brota desse tronco e se torna a árvore completa.

O que faz um rei? A resposta é que ele reina, e Jesus reina em nós por meio do Espírito de Deus. Assim como Josias enviou seus oficiais para derrubar os postes de Aserá e destruir os altares a Baal, assim Cristo, o rei, envia seu Espírito para arrancar nossos ídolos. Um rei conquista e, por meio de seu Espírito, Cristo conquista nosso coração, concedendo-nos fé. Um rei provê armas, guarnece e capacita seus servos, e Cristo faz tudo isso por nós por meio do Espírito Santo. João Calvino escreve: “Dele fluem abundantemente riquezas das quais temos tantas necessidades. Os cristãos permanecem invictos por meio da força de seu rei, e suas riquezas espirituais neles transbordam”.[3]

O grande propósito do ministério de Cristo é enviar o Espírito, e isso acontece mediante o canal de nossa fé, assim como as oliveiras da visão de Zacarias conduzem óleo por meio dos tubos até o candelabro de ouro. O papel de Cristo é reconciliar-nos com Deus como sacerdote e reinar e conquistar como rei. Nosso papel é receber essas imensas bênçãos por meio da fé, como são bem retratadas por esses tubos vazios que ligam as oliveiras, e receber de Cristo os benefícios vitais de sua obra redentora. Desse modo, somos, como Paulo diz, “a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas” (Ef 1.23).

As oliveiras e a vida cristã

Finalmente, isso nos leva a aplicar a visão a nós, povo de Deus – isto é, a nossa própria santificação e testemunho no mundo. Apocalipse 1.5-6 diz que Cristo "nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados, e nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai". Fomos feitos reino e sacerdotes. Pedro também se refere a nós como templo de Deus: "Sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo" (1Pe 2.5). Pedro acrescenta, em palavras que lembram muito a visão de Zacarias: "Vós sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" (1Pe 2.9).

Como os cristãos exercem o sacerdócio e o reinado? Primeiro, fazemos isso na nossa luta contra o pecado. Augustus Toplady afirma corretamente sobre a dupla natureza do pecado em seu maravilhoso hino "Rock of Ages": "Tenha o pecado cura dobrada, purifica-me de sua culpa e poder." Dependemos da dupla obra de Cristo para obter essa cura dobrada. Dependemos de seu ofício sacerdotal para nos purificar da culpa do pecado e dependemos de seu ofício real para nos libertar do poder do pecado. Mediante a fé no Sacerdote-Rei Jesus Cristo, os cristãos devem viver como santos justificados – aqueles que foram purificados e equipados para a batalha espiritual por meio do ministério de Cristo capacitado pelo Espírito.

O mesmo deve ser dito sobre nosso testemunho. Como os sacerdotes de Israel, sustentamos diante do mundo o evangelho do sangue remidor de Cristo. Deus nos confiou o ministério sacerdotal da reconciliação: "Somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus" (2Co 5.20). Nossa mensagem ao mundo é a cruz, onde o sangue de Cristo foi derramado para reconciliar os pecadores com Deus. Nosso testemunho requer que também participemos do ofício real de Cristo. Fazemos isso quando oramos: "Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu". Servimos como oficiais reais de Cristo neste mundo, estendendo seu reino por meio das obras de justiça, misericórdia e verdade. Como uma luz num candelabro, Jesus disse: "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus" (Mt 5.16).

É assim que os cristãos vivem no mundo: sendo reconciliados por um sacerdote e chamados para o serviço do rei, somos agentes do duplo ministério de Cristo no poder do Espírito que ele envia. João Calvino corretamente conclui:

Portanto, é assim que passamos pacientemente por esta vida com toda a sua miséria, fome, frio, luta, reprovação e outras dificuldades – contentes com isto: que nosso Rei nunca nos abandonará, mas suprirá nossas necessidades até que, depois de terminar nossa luta, sejamos chamados para o triunfo. Esta é a natureza de seu reinado, a saber, que ele compartilha conosco tudo o que recebeu do Pai. Agora ele nos guarnece e equipa com seu poder, nos adorna com sua beleza e magnificiência, nos enriquece com sua abundância. Esses benefícios, então, nos dão a ocasião mais promissora para glorificar, e também nos dão confiança para lutar destemidamente contra o diabo, o pecado e a morte.[4]

Que Jesus Cristo, nosso sumo sacerdote e rei, envie a cada um de nós seu Espírito em abundância, para nos conduzir a Deus e reinar em nós à medida que olhemos a ele com fé.

1 Veja a impressionante discussão de Machen em The Virgin Birth of Christ. Nova York: Harper & Bros., 1930, p. 202-209.

2 Hartman, Fred. Zechariah: Israel's Messenger of the Messiah's Triumph. Bellmawr, NJ: Friends of Israel, 1994, p. 54.

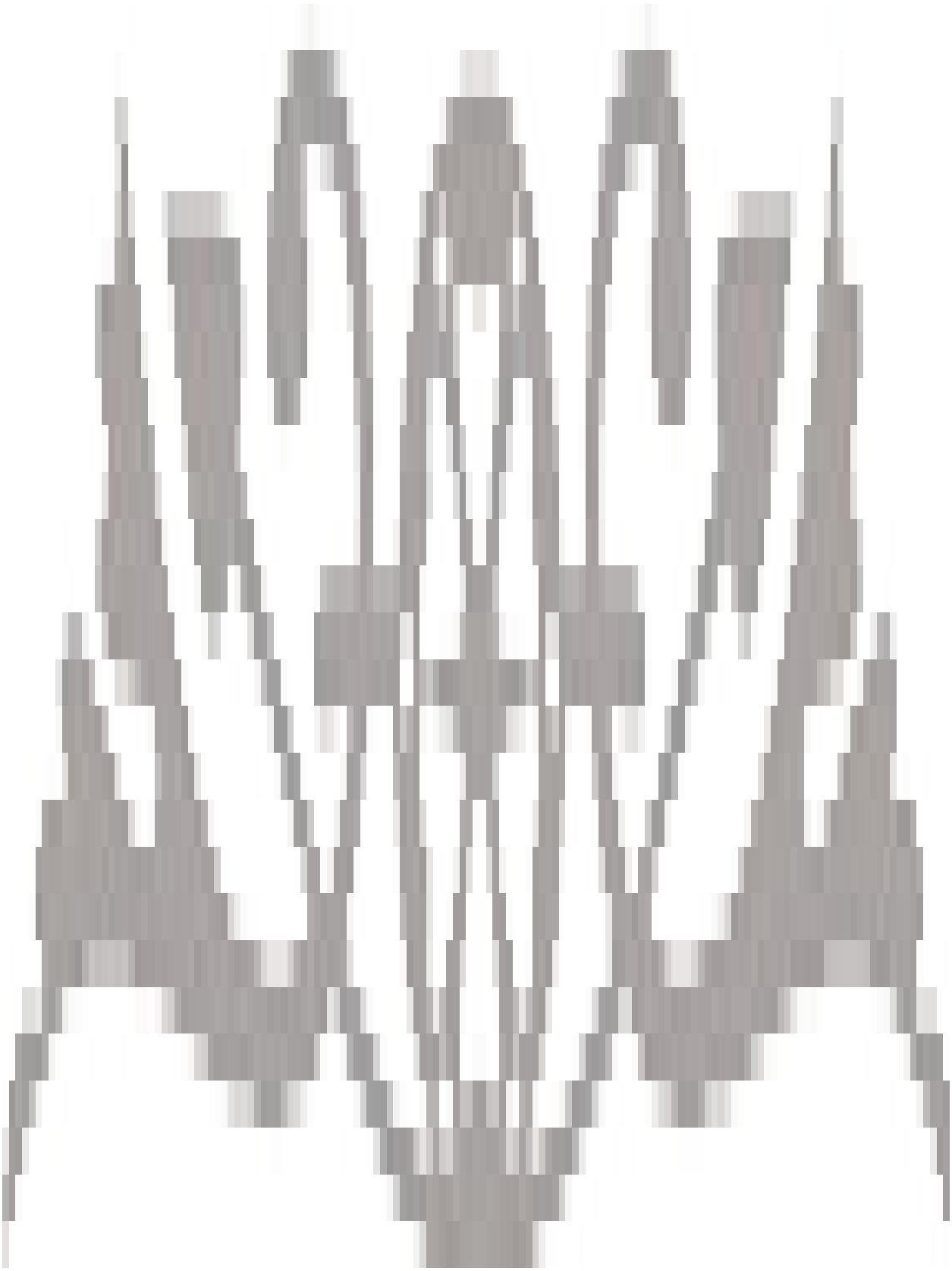
3 Calvino, João. Institutes of Christian Religion. John T. McNeill (org.). Filadélfia: Westminster, 1960, II.xv.5.

4 Calvino. Institutes, II.xv.4.

11

O ROLO VOANTE

Zacarias 5.1-11



Perguntou-me o anjo: Que vês? Eu respondi: vejo um rolo voante, que tem vinte côvados de comprimento e dez de largura. Então, me disse: Esta é a maldição que sai pela face de toda a terra, porque qualquer que furtar será expulso segundo a maldição, e qualquer que jurar falsamente será expulso também segundo a mesma (Zc 5.2-3).

Em seu romance A Peste , Albert Camus conta a história de um grupo de pessoas afligidas pela peste bubônica e depois mantidas em quarentena a fim de não escaparem. Todas as personagens são confrontadas com a realidade inevitável do sofrimento e morte e, nesse contexto, precisam lidar com a realidade e o sentido da vida, tudo de acordo com a filosofia existencial de Camus. Camus escreveu A Peste na França ocupada, durante a Segunda Guerra Mundial, com soldados nazistas sobre o controle incontestado de sua própria existência como que em quarentena, uma situação que certamente influenciou seus pensamentos sobre a inevitabilidade do mal e da morte.

O retrato sombrio de Camus a respeito desse mundo está, até certo ponto, de acordo com o retrato bíblico. A Bíblia também retrata um reino sinistro do mal e uma doença em nossa raça que nos leva à morte. As visões de Zacarias 5.1-11 tratam dessa realidade. Mas enquanto o mundo de Camus sem Deus era de uma determinação sombria, carente de esperança, o do profeta era de determinação sóbria de plena esperança, por causa de um Deus que é mais poderoso que o mal.

Zacarias 5 apresenta duas visões, a sexta e a sétima, que estão tão intimamente ligadas que poderíamos considerá-las uma só. Enquanto Camus retratava o mal como algo do qual não se podia escapar, as visões de Zacarias 5 defendem que, onde Deus habita, a peste do pecado precisa ser removida. Elas apresentam três argumentos sobre o pecado: pecado descoberto, pecado julgado e pecado removido.

O rolo voante: pecado descoberto

Como nas demais visões noturnas de Zacarias, nesta visão a figura também é

grotesca, mas o significado, não obstante, é muito claro. O capítulo 5 começa com o profeta nos dizendo o que ele viu nessa visão:

Tornei a levantar os olhos e vi, e eis um rolo voante. Perguntou-me o anjo: Que vês? Eu respondi: vejo um rolo voante, que tem vinte côvados de comprimento e dez de largura. Então, me disse: Esta é a maldição que sai pela face de toda a terra, porque qualquer que furtar será expulso segundo a maldição, e qualquer que jurar falsamente será expulso também segundo a mesma (Zc 5.1-3).

Para se entender o simbolismo dessas visões, precisamos examinar outras passagens das Escrituras. Na literatura profética, e principalmente nos profetas do período do exílio, rolos aparecem como mensagens de Deus aos líderes ou ao povo. O Senhor ordenou Jeremias a preparar um rolo para o perverso rei Joaquim, para alertá-lo sobre a catástrofe iminente por causa de seu pecado (Jr 36.1-3). Semelhantemente, uma das visões iniciais de Ezequiel também incluía um rolo com “lamentações, suspiros e ais” (Ez 2.9-10). Diante desses precedentes, o aparecimento de um rolo provavelmente fez com que o coração de Zacarias saltasse uma batida. Como um profeta representando uma geração que voltava do exílio julgada, um símbolo do castigo de Deus deve ter sido muito alarmante.

A informação chave sobre esse rolo aparece no versículo 3, que faz duas referências aos Dez Mandamentos. De um lado está o oitavo mandamento, contra o furto, e, de outro, o nono mandamento, contra o falso testemunho. Esses pecados específicos – furto e falso testemunho – são especificamente enfatizados como problemas predominantes no período de Zacarias, especialmente uma vez que, mais adiante, ele exorta: “Eis as coisas que deveis fazer: Falai a verdade cada um com o seu próximo, executai juízo nas vossas portas, segundo a verdade, em favor da paz; nenhum de vós pense mal no seu coração contra o seu próximo, nem ame o juramento falso, porque a todas estas coisas eu aborreço, diz o SENHOR dos Exércitos” (8.16-17).

Meredith Kline observa que a descrição do versículo 3 de “um lado” e “outro lado”* pode ser uma alusão às duas tábuas dos Dez Mandamentos. Além disso, as acusações específicas falam de uma violação do primeiro grande mandamento

– amar a Deus – e do segundo grande mandamento – amar ao próximo. “Jurar falsamente em meu nome” desonra a Deus, e furtar prejudica nosso próximo.[1] Devemos observar também que ambos estes pecados são pecados mercantis. Naquela época, como agora, o modo como o povo de Deus conduzia seus negócios demonstrava o caráter de sua adoração. Kline explica: “Eles repudiam Yahweh, Rei de Glória, prostituindo-se ao amor da glória do mundo, à adoração de Mamom... [Esses pecados] transformariam a comunidade santa em algo indistinguível deste mundo. Eles transformariam Jerusalém na Babilônia. Portanto, o rei de Sião envia o rolo da maldição sobre toda a face da terra a extirpá-los”.[2]

O rolo voante da lei mostra que o pecado será descoberto. Ele percorre a terra, em busca daqueles que pecaram. Eles podem se esconder em suas casas, mas o rolo entrará ali e os achará. O pecado será descoberto, diz a visão, e essa ideia é impressionante. Poucas pessoas hoje realmente creem nisso, talvez porque a vasta maioria de nossos pecados pareça passar despercebida. Mesmo que descobertos, provavelmente serão tolerados por outras pessoas e pela sociedade. Entretanto, mesmo que não sejam tolerados, não esperamos ser realmente castigados pela maior parte das coisas que a Bíblia chama de pecado. Vivemos uma existência tolerante com o pecado.

Mas essa experiência nos prepara mal para a situação quando se trata de Deus, pois ele declara que todo pecado será descoberto. Nenhum deles passará despercebido. Como os mísseis modernos guiados, pelo calor, essa visão mostra o rolo da lei atingindo todo transgressor e transgressão. Nas últimas palavras de Eclesiastes, Salomão alerta: “Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más” (Ec 12.14). Arthur Pink observa:

Quão misterioso é este fato: nada se pode esconder de Deus!... Apesar de ele ser invisível a nós, nós não o somos para ele. Nem mesmo a escuridão da noite, as cortinas mais fechadas, nem a masmorra mais profunda podem esconder qualquer pecador dos olhos do Onisciente. As árvores do jardim não foram capazes de esconder nossos primeiros pais. Nenhum olho humano viu Caim assassinar seu irmão, mas seu Criador testemunhou o crime. Sara pode ter rido zombeteiramente no interior de sua tenda, porém, foi ouvida por Jeová. Acã roubou uma barra de ouro e a enterrou cuidadosamente na terra, mas Deus a

trouxe à luz. Davi teve trabalho para encobrir sua iniquidade, mas, pouco depois, o Deus que vê todas as coisas enviou um de seus servos para repreendê-lo: “Tu és o homem!” Para o autor e o leitor também é dito: “Sabei que o vosso pecado vos há de achar” (Nm 32.23).[3]

Os pecadores têm razão de se sentirem constrangidos com os olhos de Deus sobre eles. É como estar em uma sala com a fotografia de um velho e austero guerreiro na parede atrás de nós; onde quer que formos, seus olhos parecem nos seguir. As pessoas sempre querem sair dessa sala. De igual forma, os pecadores ficam constrangidos com a onisciência de Deus.

Outro detalhe nos é dito a respeito das dimensões do rolo: “Tem vinte côvados de comprimento e dez de largura” (Zc 5.2) – isto é, dez metros de comprimento por sete metros e meio de largura. Parece mais uma placa de propaganda do que um rolo; obviamente, tinha o propósito de ser notado e lido. A propósito, essas eram as mesmas dimensões do lugar santo dentro do templo, o recinto adjacente ao véu que cobria o Santo dos Santos, o santuário interior de Deus em Israel. O lugar santo era onde os sacerdotes serviam ao Senhor. Este detalhe é, certamente, significativo. O lugar santo é onde Deus se comunicava regularmente com o homem; ali ele revelava a si mesmo por meio do candelabro e da mesa dos pães.

Este rolo perscrutador de pecado, contendo a lei de Deus e refletindo as dimensões do lugar santo, nos lembra de que o que determina o pecado é a revelação de Deus. Nós não somos os que criam a realidade moral, por mais que tentemos. Não podemos revisar a verdade moral decidindo por nós mesmos o que é certo e errado. Esse rolo sai com a lei de Deus, não com a opinião humana; suas dimensões não são aquelas da última pesquisa de opinião, mas do caráter santo de Deus. Nosso juízo moral está fatalmente distorcido, como um espelho torcido de um parque de diversões. O que está certo nosso coração mostra como corrompido, e o que está corrompido, como certo. Então, Deus nos dá a sua lei como espelho pelo qual podemos ver a nós mesmos como realmente somos – conhecer o pecado e a nós mesmos como pecadores do modo como Deus vê.

Esta mensagem é importantíssima para esta geração de relativismo moral. O que era errado anteriormente é tolerado hoje e será aprovado no futuro. Substituímos a palavra “pecado” por “disfunção” e deixamos sua definição ser resolvida por sociólogos, psicólogos e legisladores. À medida que nossas teorias e preferências

mudam, também mudam os códigos morais. Mas essa visão declara que Deus determina o que é certo e errado. Seus padrões se fundamentam não em nossos estudos, tendências ou pretensões de progresso, muito menos em nossas habilidades, mas em seu caráter santo, conforme é revelado em sua lei. Ele fixou as dimensões do pecado e da retidão; ele as revelou a nós, e elas são tão imutáveis e invariáveis quanto ele.

Se você quiser conhecer o certo e o errado, o ponto de partida é o Decálogo, que esse rolo apresenta em letras grandes; revelação de Deus clara, sem ambiguidade e totalmente obrigatória. O que você vê ser condenado pela lei de Deus pode não parecer tão ruim para você. As outras pessoas podem até fazê-lo. O governo pode permitir. Os guardiões da cultura popular podem até aplaudi-lo. Mas é por sua lei que Deus identifica o pecado, e todo pecado será certamente descoberto.

A maldição do rolo: pecado julgado

A visão do rolo proclama que o pecado será descoberto, e as palavras do anjo contam a história do pecado julgado: “Fá-la-ei sair, diz o SENHOR dos Exércitos, e a farei entrar na casa do ladrão e na casa do que jurar falsamente pelo meu nome; nela, pernoitará e consumirá a sua madeira e as suas pedras” (Zc 5.4).

O que acontece quando a lei de Deus desvenda o pecado? A resposta é que a maldição de Deus é lançada. Ao promulgar sua lei, Deus disse: “Eis que, hoje, eu ponho diante de vós a bênção e a maldição: a bênção, quando cumprirdes os mandamentos do SENHOR... a maldição, se não cumprirdes os mandamentos do SENHOR, vosso Deus” (Dt 11.26-28). O pecado recebe a maldição de Deus. O rolo revela a hostilidade ativa de Deus contra o pecado e o pecador. É como o anjo da morte que visitou o Egito em sua última e principal praga, entrando em cada casa tirando a vida de todo primogênito. Esse foi o juízo vigoroso de Deus, manifestando a ira sobre os que foram encontrados em pecado. “Fá-la-ei sair, diz o SENHOR dos Exércitos, e a farei entrar na casa do ladrão e na casa do que jurar falsamente pelo meu nome; nela, pernoitará e consumirá a sua madeira e as suas pedras” (Zc 5.4). Elizabeth Achtmeier comenta acertadamente:

Nós sentimentalizamos tanto a divindade que não cremos que ela possa amaldiçoar ninguém nem nenhum estilo de vida. Mas os profetas sabem muito bem. Deus exige obediência aos seus mandamentos e ele não se contentará com nada menos. Quando lhe é apresentado menos do que o exigido, ele realmente consome as estruturas de uma vida desobediente, como uma infecção de pele (Lv 14.34-35), um mofo invisível ou uma podridão seca penetrante (Os 5.12); e nossas enfermidades e ansiedades, nossos relacionamentos distorcidos e famílias quebradas, nossa servidão e sociedades de assassinos são sintomáticos de sua presença invisível, porém julgadora.[4]

O pecado é amaldiçoado porque Deus é santo. Deus abomina o pecado, e ele não pode ignorar o pecado sem comprometer sua santidade. Podemos tentar escondê-lo em casa ou nos defender com a opinião pública ou uma contestação intelectual, mas certamente Charles Feinberg está certo quando comenta sobre esta visão: “O próprio Deus trará a maldição, e ela cumprirá sua obra devastadora. Os pecadores não poderão se esconder em suas casas para se proteger contra a maldição; ela entrará apesar de seus esforços. A destruição será completa, sem deixar rastro da casa... e a destruição da casa inclui aqueles que nela residem”.[5]

A mulher no cesto: o pecado removido

Os versículos 5 a 11 prosseguem para a sétima visão, a qual forma claramente uma só mensagem com a visão anterior. Depois de descoberto e julgado, o pecado é retratado como uma mulher em um cesto, a ser removido da terra:

Saiu o anjo que falava comigo e me disse: Levanta, agora, os olhos e vê que é isto que sai. Eu perguntei: que é isto? Ele me respondeu: é um efa que sai. Disse ainda: Isto é a iniquidade em toda a terra. Eis que foi levantada a tampa de chumbo, e uma mulher estava sentada dentro do efa. Prosseguiu o anjo: Isto é a impiedade. E a lançou para o fundo do efa, sobre cuja boca pôs o peso de chumbo (Zc 5.5-8).

Foi mostrado a Zacarias um efa, provavelmente algo como um barril. O anjo diz que dentro dele estava “a iniquidade em toda a terra”. Quando a tampa é levantada, aparece uma mulher e, para que ela não escape, a tampa é colocada de volta com toda a força.

O sentido desta passagem não é que todos os nossos problemas podem ser atribuídos às mulheres. Entretanto, mostra-nos que o mal tem rosto. O pecado não é algo que simplesmente acontece “lá fora”. O pecado é cometido por pecadores: por pessoas com as quais cruzamos na rua, por pessoas com quem trabalhamos e vivemos e ao lado de quem nos sentamos na igreja. O pecado é cometido por nós: por você e eu. Os pecados do povo de Deus colocados em um cesto não eram apenas angústias sociais abstratas. Eles não são resultado de um ambiente ruim, educação deficiente ou pobreza. São obras das próprias pessoas. Todo israelita que ouvisse esta visão deveria ver seu próprio rosto naquela mulher do cesto. Quando lê esses versículos, você deve entender: “Eis que foi levantada a tampa de chumbo, e dentro do cesto estava alguém que parecia comigo!”

Esta visão ensina algo que as pessoas não gostam de ouvir hoje. Frequentemente ouvimos que Deus odeia o pecado, mas ama o pecador. Isso é verdade porque nos lembra de que, apesar de o pecado não escapar o juízo, os pecadores podem escapar por meio da fé em Cristo. Mas há um perigo em dizer que Deus odeia o pecado, mas não os pecadores: a não ser e até que você se arrependa, a ira de Deus se dirige não só contra o pecado, mas também contra você. O inferno não está ocupado pelo pecado, mas por pecadores. Esta visão mostra o pecado sendo removido – não no sentido abstrato, mas como personalizado. A visão nos mostra que haverá rostos de pessoas reais no inferno.

Zacarias 5.9-11 completa a visão:

Levantei os olhos e vi, e eis que saíram duas mulheres; havia vento em suas asas, que eram como de cegonha; e levantaram o efa entre a terra e o céu. Então, perguntei ao anjo que falava comigo: para onde levam elas o efa? Para edificarem àquela mulher uma casa na terra de Sinar, e, estando esta acabada, ela será posta ali em seu próprio lugar.

A cegonha era uma ave comum no antigo Oriente Próximo, conhecida por suas fortes asas e distantes migrações. Duas mulheres com asas de cegonha levantam o cesto de iniquidade e, auxiliadas pelo sopro de Deus, o vento, elas o removem da terra do povo de Deus e o levam para a Babilônia. O texto hebraico, na verdade, identifica o lugar como Sinar, o lugar da torre de Babel em Gênesis 11, local da primeira rebelião organizada do mundo contra Deus. H. C. Leupold explica: “Sinar representa o mundo, de modo geral, em contraste com a igreja. Sinar segue os princípios da iniquidade; ela obterá cada vez mais iniquidade”.[6]

Apocalipse 17 retoma esta figura mostrando uma mulher “vestida de púrpura e de escarlata, adornada de ouro, de pedras preciosas e de pérolas, tendo na mão um cálice de ouro transbordante de abominações e com as imundícias da sua prostituição. Na sua fronte achava-se escrito um nome, um mistério: BABILÔNIA, A GRANDE, A MÃE DAS MERETRIZES E DAS ABOMINAÇÕES DA TERRA” (v. 4-5). A Babilônia é o lugar para onde o pecado foi levado e colocado em um templo, longe do domínio de Deus. Apocalipse passa a mostrar o julgamento do mundo pecaminoso: “Caiu! Caiu a grande Babilônia e se tornou morada de demônios, covil de toda espécie de espírito imundo... e será consumida no fogo, porque poderoso é o Senhor Deus, que a julgou... E a sua fumaça sobe pelos séculos dos séculos” (Ap 18.2,8; 19.3).

Com isso, encerra-se a mensagem de Zacarias 5, que mostra o pecado descoberto por causa da onisciência de Deus, o pecado julgado por causa da santidade de Deus e o pecado removido por causa do poder de Deus.

Pecado removido

Por mais impressionante que seja esta visão, ela parece não ter se cumprido até o presente. O pecado não é descoberto, julgado e removido, pelo contrário, parece prosperar muito bem neste mundo. Isso, no entanto, não retrata toda a verdade. A história mostra como o ímpio é, em última instância, humilhado e o soberbo, abatido. Albert Camus, vivendo sob domínio nazista, pode não ter conseguido enxergar essa realidade, mas o registro dessa mesma guerra confirma esta verdade. O motivo é declarado pelo salmista: “O rosto do SENHOR está contra os que praticam o mal, para lhes extirpar da terra a memória” (Sl 34.16). Mesmo

assim, é verdade que Deus ainda há de colocar um fim em todo pecado. A iniquidade ainda não foi colocada em um cesto e removida, tampouco foi erradicada de Jerusalém nos dias de Zacarias.

Como, então, havemos de compreender o cumprimento desta visão? Primeiro, a visão nos fornece informações sobre os princípios de Deus. O reino de Deus é incompatível com o pecado. O capítulo 4 promete a conclusão do templo de Deus em Jerusalém e, agora, o capítulo 5 nos informa que o pecado precisa, portanto, ser tratado. A esse respeito, esta visão retrata a purificação do povo de Deus. “Vós sereis santos, porque eu sou santo”, diz Deus, tanto para o Israel do Antigo Testamento (Lv 11.45) quanto aos seguidores de Cristo, no Novo Testamento (1Pe 1.16). Deus não habitará com o pecado; um dos dois tem de partir. Se desejarmos ser povo de Deus, então, como ele, precisamos ser radicalmente comprometidos com a remoção do pecado e a busca da santidade.

Segundo, esta visão nos conta como se sucederão as coisas no final. A remoção do pecado do mundo de Deus é uma predição consistente nas Escrituras. Apocalipse 21.27 nos fala da cidade celestial: “Nela, nunca jamais penetrará coisa alguma contaminada, nem o que pratica abominação e mentira, mas somente os inscritos no Livro da Vida do Cordeiro”. A cidade de Deus, no final, estará livre não só dos pecadores e do pecado, mas até mesmo dos princípios do pecado, os quais Deus eliminará definitivamente, como a mulher dentro do cesto. Isso significa que, no fim, todos nós precisamos comparecer diante de Deus e tratar dos nossos pecados. Se não lidarmos com o pecado antes do dia de juízo, seremos lançados longe de Deus no inferno, para a condenação eterna. É isto que esta visão da mulher no cesto prefigura em última instância: os pecadores lançados do céu para o inferno, buscando desesperadamente escapar, como a mulher tentando sair do cesto, apenas para ser presa novamente dentro dele.

Como, então, nosso pecado pode ser removido antes do dia do juízo? A Bíblia responde que é por meio da fé em Jesus Cristo. Paulo escreve: “[Ele] vos deu vida juntamente com ele, perdoando todos os nossos delitos; tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz” (Cl 2.13-14). O rolo da lei de Deus, que nos ameaça tanto, foi pego em fuga por Jesus Cristo, o homem que nunca transgrediu sua letra nem seu espírito, a fim de que somente ele fosse livre de sua condenação. Jesus cumpriu a lei e, ao ser crucificado, a lei também foi, a fim de não mais condenar aqueles que lhe pertencem por meio da

fé e cujos pecados foram pagos por seu sangue.

A visão que Zacarias tem do rolo evoca uma maldição sobre os pecadores, mas Cristo eliminou e dissipou essa maldição por nós. Gálatas 3.13 diz: “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar”. Se fomos unidos a Cristo mediante a fé, nossos pecados foram removidos por ele, os quais carregou sobre a cruz em nosso lugar, para que sejamos perdoados, em vez de amaldiçoados: “Quanto dista o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões” (Sl 103.12).

Duas visões distintas

Estas duas visões comunicam uma mensagem austera, que envolve maldições e julgamento. É o tipo de coisa que Camus retrata em A Peste como destino inevitável daqueles entregues a um mundo de pestilência e morte. Todos os pecados serão descobertos, depois julgados, e, finalmente, removidos com o pecador, que é lançado nas trevas. Como todos nós somos pecadores, isso desenha um quadro muito sombrio, como aquele que Camus não conseguiu evitar enquanto assistia aos soldados de Hitler dominarem com poder cruel e inconteste.

Mas há algo especialmente notável sobre o livro de Camus. Ele escreveu A Peste no contexto de um vilarejo na França chamado Le Chambon, uma comunidade de cristãos reformados huguenotes que viviam e ainda vivem na França. Os cristãos de Le Chambon não compartilhavam da resignação de Camus sobre o domínio do pecado e a vitória final da morte. Em meio à sua vida rural sossegada, enquanto Camus usava sua lúgubre pena entre eles, esses cristãos arriscavam sua vida para proteger dos nazistas judeus refugiados. Depois da guerra, soube-se que os huguenotes de Le Chambon receberam, abrigaram e ajudaram milhares de refugiados judeus a escaparem. Os nazistas procuravam judeus para enviá-los ao leste, em Auschwitz, e a outros destinos hoje reconhecidos como infames. Mas os cristãos de Le Chambon não se curvaram ao que parecia inevitável. Eles agiram sob o princípio de que o mal está destinado a ser lançado fora e que, mesmo agora, aqueles que servem ao reino de Deus pela fé podem presenciar a derrota do pecado, tanto em sua própria vida quanto em sua esfera de influência.

Os cristãos de Le Chambon salvaram a vida de mais judeus do que sua própria população, mesmo diante do risco iminente de serem descobertos e das mais severas represálias nazistas. Durante todo o tempo que Camus estava escrevendo sobre os absurdos da vida e sobre aceitar a enfermidade humana e tentando encontrar alguma aparência de sentido pessoal, ele estava literalmente rodeado pelo exato oposto daquilo: evidência de luz sobre as trevas e pela vitória alcançada mediante a fé em Jesus Cristo. É inconcebível que Camus não tivesse conhecimento direto dos esforços dos cristãos de Le Chambon, contudo, de alguma maneira, ele deixou de reconhecer que o pecado não é a última palavra quando se fala da obra redentora de Deus por meio de Jesus Cristo.

Isso nos leva a uma questão crucial. Onde você se situa em relação a Deus e ao pecado? Você ainda carrega os seus pecados, de modo que se ressente com a ideia de Deus estar olhando para você? Tenha certeza de que Deus está presente e que seus pecados serão descobertos. Se eles não forem retirados de você por meio da cruz de Cristo, você será julgado pela maldição de Deus. Você será expulso da presença de Deus para o reino das trevas para sempre. A santidade de Deus está diante de você e, se morrer em pecado, você estará perdido. Jesus disse: “Se não crerdes que EU SOU, morrereis nos vossos pecados” (Jo 8.24).

Mas não há motivo para isso. A Bíblia diz: “Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios... Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rm 5.6, 8). O próprio Jesus disse: “Em verdade, em verdade, vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida” (Jo 5.24).

Seus pecados não serão escondidos de Deus e não escaparão do julgamento. Mas se confessá-los, se os descobrir e considerar-se um pecador e voltar-se para Cristo em fé, então seu pecado será removido e cravado na cruz. Assim, você será conduzido a Deus para conhecer seu amor e viver no presente como membro amado de sua família e, posteriormente, entrar na cidade onde não habitará mais o pecado, para sempre. Lá estaremos completamente limpos e santificados. Que pensamente maravilhoso: seremos livres do pecado.

* A versão usada pelo autor diz: “Qualquer um que furtar será expulso segundo o que está de um lado, e qualquer que jurar falsamente será expulso segundo o que está do outro lado” (N. do R.).

1 Kline, Meredith. The Glory in Our Midst: A Biblical Theological Reading of Zechariah’s Night Visions. Overland Park, KS: Two Age Press, 2001, p. 178.

2 Ibid, p. 181.

3 Pink, Arthur W. The Attributes of God. Grand Rapids: Baker, 1975, p. 17-18.

4 Achtmeier, Elizabeth. Nahum-Malachi. Atlanta: John Knox, 1986, p. 128.

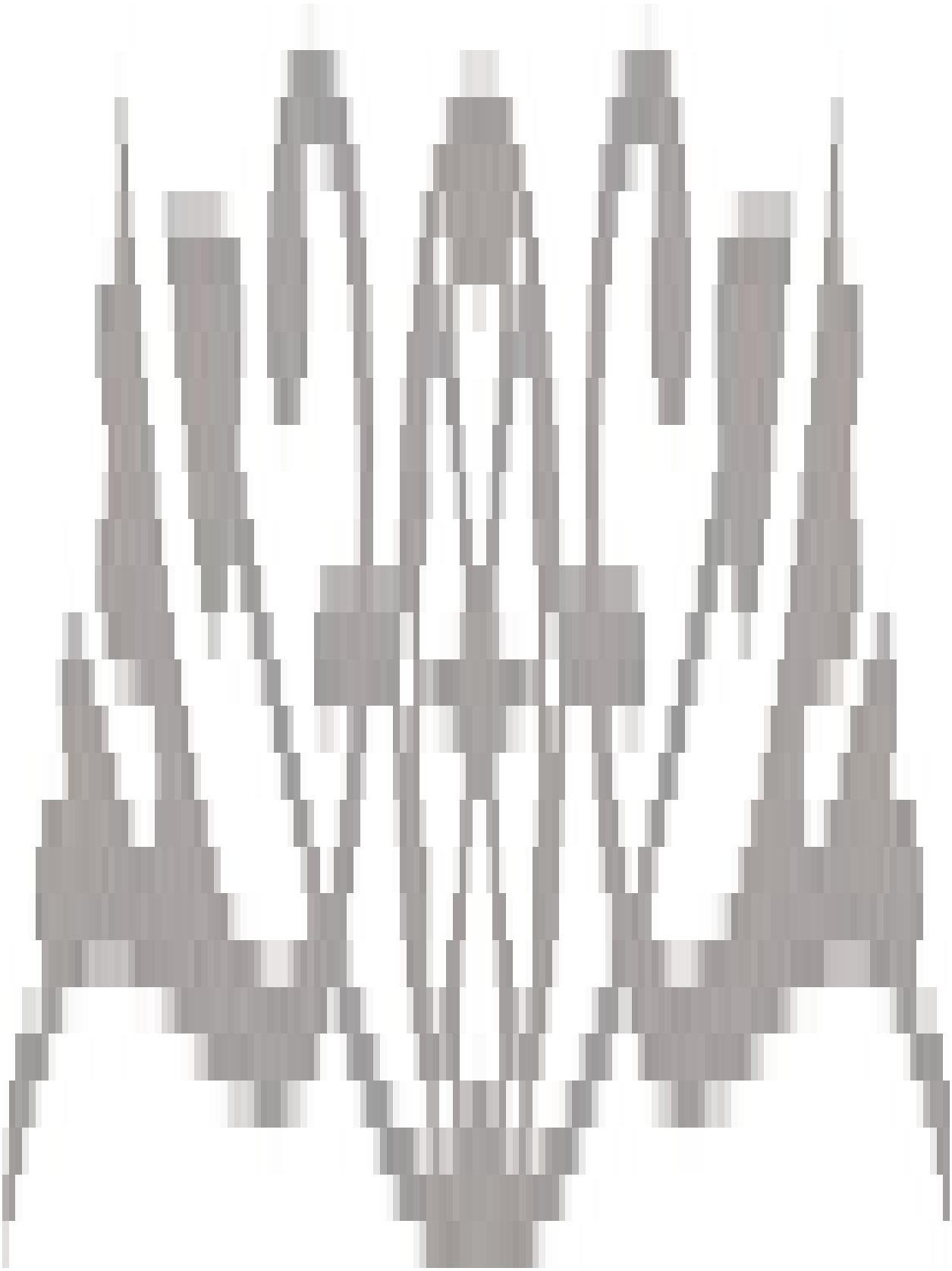
5 Feinberg, Charles. The Minor Prophets. Chicago: Moody Press, 1990, p. 294.

6 Leupold, H.C. An Exposition of Zechariah. Grand Rapids: Baker, 1971, p. 108.

12

OS QUATRO CARROS

Zacarias 6.1-8



Outra vez, levantei os olhos e vi, e eis que quatro carros saíam dentre dois montes, e estes montes eram de bronze. No primeiro carro, os cavalos eram vermelhos, no segundo, pretos, no terceiro, brancos e no quarto, baios; todos eram fortes. Então, perguntei ao anjo que falava comigo: que é isto, meu senhor? (Zc 6.1-4)

O profeta Eliseu teve um livramento assombroso. Eliseu usava seus poderes proféticos para frustrar os planos militares do rei de Aram contra Israel. Por isso, o rei direcionou seus cavaleiros e carros contra este único homem, encurralando-o, com seu servo, na cidade de Dotã. “Tendo-se levantado muito cedo o moço do homem de Deus e saído, eis que tropas, cavalos e carros haviam cercado a cidade; então, o seu moço lhe disse: Ai, meu senhor! Que faremos? Ele respondeu: Não temas, porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles” (2Rs 6.15-16).

Podemos imaginar o quanto o servo ficou confuso com essa resposta serena. Certamente, deve ter esfregado o rosto e colocado a cabeça para fora para olhar mais uma vez. Outra vez ele não viu nada além do exército ameaçador de Aram. Portanto, o profeta clamou: “SENHOR, peço-te que lhe abras os olhos para que veja. O SENHOR abriu os olhos do moço, e ele viu que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu” (2Rs 6.17).

Deus interveio provocando cegueira nos cavaleiros de Aram, de modo que Eliseu pôde conduzi-los ao cativeiro. Foi um livramento impressionante que ainda testifica ao povo de Deus do seu poder de livrar e salvar.

Este relato dos tempos antigos deve ter sido bem conhecido dos judeus da época de Zacarias. Diante disso, uma visão dos carros de Deus traria grande encorajamento ao povo cansado e fraco de Deus. É assim que começa a visão de Zacarias 6: “Outra vez, levantei os olhos e vi, e eis que quatro carros saíam dentre dois montes, e estes montes” (v. 1).

Zacarias 6 nos leva à última das visões que o profeta recebeu naquela noite de insônia em 520 a.C. Daqui podemos olhar de volta para todas as oito visões e entender melhor sua organização. A primeira e a última visão contêm cavaleiros divinos e falam da relação de Jerusalém com as nações. A primeira fala de um

mundo em paz, em que os opressores de Israel descansam seguros. Esta última visão mostra Deus perturbando aquela falsa paz com o juízo contra as nações. Entre essas duas visões, Deus trata do povo judeu e de seus problemas internos. O resultado de toda a série de visões é uma mensagem de encorajamento, junto a uma exortação para edificar o templo e renovar espiritualmente a nação.

Os quatro carros

Zacarias 6.1-8 concentra-se em uma visão de quatro carros saindo entre dois montes de bronze: “Outra vez, levantei os olhos e vi, e eis que quatro carros saíam dentre dois montes” (Zc 6.1). Como vimos nas visões anteriores, apesar da dificuldade de identificar essas figuras com exatidão, sua mensagem espiritual não é difícil de compreender.

Primeiro, refletimos sobre o significado dos dois montes de bronze. O bronze era uma liga valiosa naqueles dias, mais valiosa naquela época do que hoje, portanto, representava poder. O bronze adicionava firmeza a uma arma ou escudo. Jeremias foi chamado de muro de bronze para representar sua invencibilidade contra ataques (Jr 1.18). Aqui temos dois montes que parecem assustar Zacarias, porque são montes inteiros de bronze. João Calvino os interpreta como o conselho oculto de Deus, o qual não pode ser rompido. Outros entendem que são muros espirituais de proteção que Deus coloca em torno de seu povo. Alguns comentaristas compreendem que os montes representam o monte Moriá e o monte das Oliveiras, em Jerusalém, e outros, ainda os consideram como colunas de proteção do templo celestial. Uma vez que os montes da visão de Zacarias servem como portão para os carros celestiais, a última sugestão é a que faz mais sentido. O texto de 1Reis 7.13-22 nos diz que o templo de Salomão tinha duas colunas de bronze escarranchadas nas portas; essa visão parece expandi-las exponencialmente para retratar as portas da residência celestial do Senhor.

Saindo de entre os montes estão quatro carros movidos por cavalos. Somos lembrados da primeira visão, com seus quatro cavaleiros que vieram dos cantos da terra para dar seu relatório. Observamos lá que aquela leve cavalaria significava a onisciência e soberana onipresença de Deus. Em comparação, os carros são a cavalaria pesada, as tropas de choque, não muito diferentes das unidades de tanques de combate modernas. Os carros saíam não para patrulhar,

mas para esmagar as forças do inimigo.

Esses carros eram puxados por cavalos de diferentes cores: “No primeiro carro, os cavalos eram vermelhos, no segundo, pretos, no terceiro, brancos e no quarto, baios; todos eram fortes”. Assim como no capítulo 1, o profeta pergunta: “Que é isto, meu senhor?” (v. 2-4). Na primeira visão, concluímos que não era possível atribuir um sentido claro às cores dos cavalos, mas aqui as cores são um pouco diferentes e podem ter maior importância. O livro de Apocalipse, em particular, oferece um paralelo convincente.

Apocalipse 6 fala da abertura dos selos no céu. À medida que cada um dos quatro selos é aberto, surge um cavaleiro de certa cor. Primeiro, o cavaleiro do cavalo branco “saiu vencendo e para vencer” (Ap 6.2). O cavaleiro do cavalo vermelho veio, então, com uma espada para derramar sangue na guerra, enquanto o cavaleiro do cavalo preto falava de aflição e morte. O último cavalo era descorado e seu cavaleiro trazia todo tipo de peste (Ap 6.3-8). Esses cavalos correspondem ligeiramente aos carros da visão de Zacarias, apesar de a ordem ser diferente e o último cavalo aqui ser baio ou várias cores. Independentemente de haver um paralelo intencional entre as duas passagens, Apocalipse nos mostra que ligação essas cores têm em passagens apocalípticas semelhantes.

A providência de Deus

O que, então, são esses carros? Como os cavaleiros do capítulo 1, eles são certamente parte do exército angelical de Deus. O avanço deles significa a iniciativa de Deus no mundo – o que os teólogos chamam de providência de Deus. Os cavaleiros do capítulo 1 mostram a onisciência e controle soberano de Deus no cenário terreno. Ora, esses carros, tropas de choque ofensivas, saem do trono de Deus como agentes para cumprir sua vontade. O salmo 68.17 diz: “Os carros de Deus são vinte mil, sim, milhares de milhares”. Armado desse modo, Deus é capaz de garantir que todos os seus inimigos sejam subjugados e que sua vontade seja feita em todos os cantos do universo.

Hoje as pessoas falam de sorte, mas outras gerações agradeciam a Deus por seu cuidado providencial. Os cristãos acreditam que Deus esteja ativamente envolvido nos afazeres das pessoas e das nações, mas, além disso, que sua vontade prevalece sobre a vontade dos homens. R. L. Dabney escreve:

“Acreditamos que as Escrituras ensinem não só que Deus criou todo o universo, mas que ele possui uma relação perpétua e dinâmica com o universo; e que essas obras da providência são ‘a preservação e governo totalmente santo, sábio e poderoso sobre todas as suas criaturas e suas ações’”.[1]

O termo “providência” está, naturalmente, relacionado à provisão de Deus para seu povo. Ela expressa o envolvimento de Deus não simplesmente com as grandes questões do estado, mas com a vida e os problemas dos indivíduos. Paul Helm explica:

Parte importante de nossa fé como cristãos é que Deus cuida de nós e que o detalhe e direção de nossa vida estão sob o controle poderoso de Deus. Somos confortados com o fato de que nada é pequeno demais para escapar à sua atenção, nem insignificante demais para que ele se importe. Nos inspiramos pelo fato de Deus ter o poder de fazer as dificuldades desaparecerem.[2]

A providência de Deus se estende aos detalhes de nossa vida. Jesus ensinou que não devemos estar ansiosos por nada, porque nem mesmo um pardal cai no chão sem o consentimento do Senhor. “Não temais, pois!”, ele disse, “Bem mais valeis do que muitos pardais” (Mt 10.31).

O que é verdade a respeito da nossa vida também é verdade sobre os grandes acontecimentos do mundo. Paulo escreve que “todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8.28). Isso somente é verdade porque Deus age em todas as coisas para o bem de seu povo. É por isso que Deus podia revelar profecias e garantir que elas se cumprissem. As profecias são mais confiáveis do que previsões; elas demandam a obra da providência de Deus para fazer com que todas as coisas cooperem conforme a sua vontade.

Zacarias olhou para esta visão dos carros e perguntou: “Que é isto, meu senhor?” A resposta reforça nossa visão da providência de Deus. Conforme fizera anteriormente, o anjo intérprete define um símbolo por outro. Ele diz: “Respondeu-me o anjo: São os quatro ventos do céu, que saem donde estavam perante o Senhor de toda a terra” (Zc 6.5).

O vento é outro agente divino. Isaías 11.15 fala de Deus estender sua mão

através da Babilônia como um ardente vento. A primeira visão de Ezequiel começa com a vista de um vendaval saindo do norte, acompanhado da glória de Deus (1.4). Portanto, não é uma brisa suave de verão que o anjo identifica com esses carros, mas uma ventania forte que destrói as barreiras humanas. O salmista diz: “Tomas as nuvens por teu carro e voas nas asas do vento. Fazes a teus anjos ventos e a teus ministros, labaredas de fogo” (Sl 104.3-4). Anjos, carros, forte vento e chamas ardentes – todas essas figuras são usadas na Bíblia para mostrar os agentes invencíveis, porém invisíveis de Deus para cumprir sua vontade soberana.

Os cavalos da visão de Zacarias avançam “donde estavam perante o Senhor de toda a terra” (Zc 6.5). Quão maravilhosa é esta figura da soberania de Deus! Ele está entronizado, o Senhor de todo o mundo, e esses carros poderosos estão diante dele, prontos para seguirem adiante com a rapidez e o poder do vento para cumprir a sua ordem, apertar seus arreios, mordendo o freio para se soltar: eles estão “forcejando por andar avante, para percorrerem a terra” (Zc 6.7). E, como mostra a visão, Deus está disposto a enviá-los. Sua soberania não é meramente hipotética, mas real, pois esses carros saem de acordo com sua ordem.

O juízo de Deus sobre as nações

O restante da visão fornece detalhes sobre o cortejo desses carros: “O carro em que estão os cavalos pretos sai para a terra do Norte; o dos brancos, após eles; o dos baios, para a terra do Sul. Saem, assim, os cavalos fortes, forcejando por andar avante, para percorrerem a terra” (Zc 6.6-7).

Primeiro é mostrado o carro com os cavalos pretos, que significam luto e morte, indo para o Norte – isto é, em direção à Mesopotâmia e à Babilônia. Esta é a direção de onde a maior desgraça veio sobre o povo de Deus. Os assírios vindos do Norte conquistaram o Reino do Norte. Posteriormente, a Babilônia veio a destruir Jerusalém. Zacarias e seus compatriotas tinham voltado do cativeiro babilônico a fim de reconstruir a cidade, mas a ascensão dos dominadores atuais do Norte, o império persa, ofuscou o seu trabalho. Imagine a emoção de Zacarias diante da visão que mostrava os cavalos pretos indo em direção Norte para levar a morte aos inimigos de Deus.

De acordo com a Nova Versão Internacional da Bíblia, os carros com os cavalos

brancos saíram para o ocidente. Isso reflete uma tradição de pensamento que altera o texto hebraico para ajustar suas próprias expectativas. Parece lógico que os quatro carros saíssem para as quatro direções da terra, mas não é isso que o texto diz. Primeiro, porque o primeiro carro, o dos cavalos vermelhos, não é sequer mencionado. O que o texto hebraico diz claramente (conforme expressa corretamente a Revista e Atualizada) é que o carro dos cavalos brancos, que significa conquista, segue após o dos cavalos pretos, para as terras do Norte: “O carro em que estão os cavalos pretos sai para a terra do Norte; o dos brancos, após eles” (Zc 6.6). Finalmente, o carro dos cavalos baios vai para o Sul – isto é, para o Egito, a outra grande ameaça ao povo de Deus.

Essas manobras mostram o juízo de Deus contra aqueles que se opõem ao seu povo e o oprimem. C. F. Keil explica:

Dois carros saem em direção Norte, lugar em que se encontra um representante do poder secular pagão: primeiramente os cavalos pretos levam fome para lá, como uma das grandes pragas de Deus pelas quais a impiedade é castigada... Depois seguem os cavalos brancos, indicando que o juízo redundará em plena vitória sobre o poder do mundo. Para a região Sul, isto é, o Egito, outro representante do poder secular pagão, vai o carro dos cavalos baios, carregando o múltiplo juízo de morte pela espada, fome e peste.[3]

Esta visão, então, mostra que Deus defenderá seu povo julgando aqueles que o oprimem e levantando-se com poder para destruir aqueles que se lhe opõem. Esta não é simplesmente uma profecia restrita ou específica sobre a Babilônia e o Egito, mas, esta visão mostra o que podemos considerar um princípio permanente de que Deus castiga aqueles que afligem seu povo e julga os inimigos de sua igreja.

A visão conclui com o anjo chamando Zacarias; literalmente, ele está gritando para o profeta, talvez por causa do estrondo: “Eis que aqueles que saíram para a terra do Norte fazem repousar o meu Espírito na terra do Norte” (Zc 6.8). O Espírito de Deus se perturbou pelas aflições de seu povo naquele lugar. Até que o carro dos cavalos pretos enviasse desgraça e morte e os cavalos brancos chegassem para destruir os inimigos de Deus, seu próprio Espírito ficava

inquieto. Mas, vendo esses carros saindo, Deus fala de seu Espírito repousando sobre aquele lugar, tendo sua forte ira cessado com o conhecimento de que eles levavam a vingança.

O povo de Deus e o mundo

As oito visões de Zacarias transmitem uma mensagem sobre o governo providencial de Deus executado pelos cocheiros divinos, tendo seu juízo se cumprido sobre aqueles que maltrataram seu povo. Certamente esta visão, que conclui as oito visões noturnas de Zacarias, tem o objetivo de causar boa impressão no profeta e sua geração, tornando-os cientes de certas realidades espirituais.

A primeira dessas realidades tem a ver com o relacionamento entre o povo de Deus e o mundo. Lembre-se da situação dessa comunidade de remanescentes na cidade de Jerusalém em ruínas. Eles eram um grupo pequeno, eram fracos em todos os sentidos – militar, econômico e político – e absolutamente sem nenhuma importância no cenário mundial daqueles dias. Enquanto isso, voltamo-nos ao norte e vemos as grandes cidades-estado da Mesopotâmia, agora organizadas sob a força imperial da Pérsia. A comparação é risível. O povo de Deus é tão pequeno, fraco e insignificante; as forças do norte tão grandiosas, poderosas e importantes. O mesmo pode ser dito ao olharmos para o sul e vermos o grande Egito, com suas pirâmides e vastas cidades ao longo do Nilo.

Não é este um retrato perfeito da igreja no mundo? Os cristãos não são numerosos e, quando se trata dos elementos que compõem o poder secular, estamos infortunadamente de mãos vazias. Em muitos lugares, hoje, os cristãos são uma pequena minoria. Eles se reúnem em galpões em lugares remotos, casas secretas, para fugir de autoridades hostis. O Estado tem poder, dinheiro e meios de comunicação. Comparada a essas coisas, a igreja é fraca e vulnerável.

Mas Deus ordena seu povo a enxergar algo só perceptível aos olhos da fé. Aqui está algo que só Eliseu foi capaz de ver, até que Deus abrisse os olhos de seu servo: os carros de Deus. Eles estão ao redor de nossos inimigos. Eles rodeiam nossos inimigos como agentes protetores da parte de Deus. Esta é a situação da igreja no mundo: sim, a igreja é fraca e o mundo é forte, mas Deus tem poder sobre todas as coisas e não está distante dos nossos problemas. O salmo 121 diz:

“Ele não permitirá que os teus pés vacilem; não dormitará aquele que te guarda... O SENHOR te guardará de todo mal; guardará a tua alma. O SENHOR guardará a tua saída e a tua entrada, desde agora e para sempre” (Sl 121.3, 7-8).

Nisto há uma mensagem para o mundo – à Babilônia e ao Egito e a todos os seus representantes modernos: eles serão castigados pelo que fazem contra a igreja. Como disse o Senhor, no capítulo 2: “Aquele que tocar em vós toca na menina do seu olho” (Zc 2.8). Deus presta atenção quando zombeteiros incrédulos afligem homens e mulheres que confiam no Senhor; seu Espírito não repousará até que eles sejam julgados por ele.

Isto é algo que o mundo tem dificuldade de acreditar. A visão de Zacarias não provocaria nenhum medo aos poderosos do Norte, que confiavam em seu poder. Mas eles estavam errados. T. V. Moore reflete sobre as circunstâncias em que esta visão foi dada, quando o povo de Deus estava tão fraco e o mundo tão forte:

Se os nobres arrogantes da Babilônia, na suntuosidade de sua pompa e no orgulho de seu poder, pudessem ouvir as ameaças desse obscuro judeu, em meio às ruínas de Jerusalém, certamente tratariam essa ameaça com escárnio e desdém! O anátema promulgado tão discretamente contra a cidade mais poderosa e rica do mundo, à primeira vista, parecia o delírio de um lunático. Contudo, aquele tímido sussurro era nada menos que a própria voz de Jeová, e os elementos de ruína nos recônditos mais remotos ouviram a ordem e começaram a vir... até que a glória daqueles magníficos palácios diminuísse, e a magnificência daqueles jardins e templos fosse coberta, e então os ventos soprassem pelos juncos do Eufrates, onde a Babilônia permanecia em sua soberba; e a solidão, desolação e morte estavam colocadas – ali a sentinela testemunha da verdade de que a sua palavra não retorna para ele vazia e que seu espírito repousa na terra do Norte.[4]

Os cristãos não são juízes de seus vizinhos incrédulos, mas é importante saber que Deus os julgará em nosso favor: Deus nos vingará, transformando nossa vergonha em glória, nosso distúrbio em paz e nossa perda em recompensa. Isso nos possibilita amar aqueles que nos odeiam, confiando o julgamento ao Senhor. Paulo, por isso, diz: “Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à

ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor. Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem" (Rm 12.19-21).

Portanto, os cristãos e as igrejas não devem temer o mundo. Não devemos nos intimidar por suas zombarias. Não devemos recuar por sermos diferentes. Não podemos nos acovardar diante do poder do mundo. Antes, como Eliseu, somos chamados para ver os carros de fogo de Deus; como Zacarias, aprendamos desta visão que os agentes de Deus percorrem a terra para apoiar secreta, mas poderosamente, o seu povo, quebrando o arco que está apontado contra nós. Como Deus encorajou o rei Asa: "Quanto ao SENHOR, seus olhos passam por toda a terra, para mostrar-se forte para com aqueles cujo coração é totalmente dele" (2Cr 16.9). Em vez de temer o mundo, precisamos temer a Deus, que governa esses carros impetuosos. Em vez de dar ouvidos à opinião pública, precisamos guardar a Palavra de Deus. Não podemos permitir que nossas igrejas se secularizem – tornem-se cada vez mais parecidas com o mundo e seus apetites carnais, sua soberba e suas ideias de sucesso. Não devemos adotar as ideias, ambições nem o estilo de vida do mundo. Não precisamos, mesmo que soframos, porque Deus é poderoso para nos guardar. Os cristãos não devem temer o mundo, apenas a Deus.

Além do mais, esta visão reforça um princípio para as batalhas espirituais da igreja. Uma visão anterior continha este mote: "Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR" (Zc 4.6). Como isto é reforçado intensamente nesta última visão! Se os carros de Deus saem para ferir as forças terrenas deste mundo, então, nossa tarefa, com toda certeza, não será buscar esse mesmo tipo de poder terreno. A segurança de Jerusalém não se baseava em espadas, cavalos e carros que pudesse obter para si, mas em carros que saíam daqueles montes de bronze. Isso é igualmente verdadeiro hoje. Nossa segurança como igreja de Jesus Cristo – nossa prosperidade e sucesso – vem não de vencer eleições, aprovar leis nas principais cidades, obter controle da mídia ou obter sucesso na arrecadação de recursos financeiros. Antes, a igreja avança pela graça de Deus, com o poder da verdade e a autoridade convincente da santidade. Como Paulo resumiu: "Embora andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnais, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de

Cristo” (2Co 10.3-5).

O povo de Deus e a história

A segunda perspectiva pela qual devemos refletir sobre esta visão é a do povo de Deus e a história. O que esta visão disse a Zacarias e aos judeus sobre o futuro e, consequentemente, sobre o significado de sua própria vida? Com base nesta visão, qual deveria ser a ambição de sua vida? Quais seriam as coisas importantes? E o que deveria permanecer?

Certamente o profeta, apesar de estar com a vista embaçada depois dessas visões noturnas, teria saído de seu aposento para olhar o lugar em que o templo esteve erigido e começa a ser novamente erigido. Com sua visão natural, não havia nada para ver além de um discreto alicerce, paredes começadas, porém, inacabadas, talvez com material de construção ainda espalhado. Parecia algo que não ia dar em nada. Contudo, ele se lembrava das visões que recebera naquela noite em revelação de Deus. O que aquele monte significava era o templo eterno, não um templo com colunas de bronze, mas montes de bronze, de onde saíam os carros de Deus para cumprir sua vontade na terra. Certamente, o profeta deve ter prosseguido para dizer aos outros: “Vejam, é para lá que tudo isso está indo. O plano de Deus está sendo cumprido. Não falhará. Ele prosseguirá de uma geração para a próxima até que a história alcance o destino divinamente ordenado”. Como Paulo escreve posteriormente aos efésios, Deus está cumprindo seu misterioso propósito na história, “de fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu como as da terra” (Ef 1.10).

Na escuridão daquela noite, Zacarias deve ter resolvido: “Eu não cederei às pressões do mundo. Eu não me entregarei à sua visão, na qual a Babilônia é forte e Jerusalém é fraca. Eu oferecerei a mim mesmo e o meu trabalho a este reino que Deus está realizando no meu tempo de modo tanto pequeno quanto grande, mas que um dia encherá toda a terra. Eu me dedicarei a este plano da história sobre o qual ele é Senhor. Mesmo diante das tristezas e lutas presentes, eu me regozijarei para que, naquele grande dia futuro, eu tenha a minha parte na cidade sem muros e esteja lá para ver com meus próprios olhos a glória de Deus, que nela habita”.

As visões que Deus revelou a Zacarias tinham a intenção de moldar a sua visão sobre a vida e a história, e devem fazer o mesmo conosco. O ímpio pode prosperar por um tempo, mas ele será abatido. As torres dos homens serão todas derrubadas, “porque a aparência deste mundo passa” (1Co 7.31). É isto que a história revela: primeiro, Babilônia e Egito, depois, a Grécia, em seguida, Roma, até que um dia os impérios modernos cairão, principalmente quando se virarem contra Deus e sua igreja.

Certamente, como antes, nós, como todas as fiéis gerações, devemos fixar nossos olhos e corações não no esplendor desta era, mas na cidade futura, a Jerusalém de Deus, “a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador” (Hb 11.10). Trabalhemos, então, por um galardão celestial, procurando o tesouro que se encontra lá. Dediquemos a nós mesmos – tempo, talentos, recursos – ao serviço de Cristo e à cidade que ele está edificando, com o prumo em suas mãos. Olhemos em redor para o mundo em que vivemos, sem temer, por causa da presença de Deus, que nos salva, mas vendo seus carros de fogo e vivendo para ele por meio da fé em Jesus Cristo.

1 Dabney, Robert Lewis. Systematic Theology. Edimburgo: Banner of Truth, 1985, p. 276.

2 Helm, Paul. The Providence of God. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1994, p. 18.

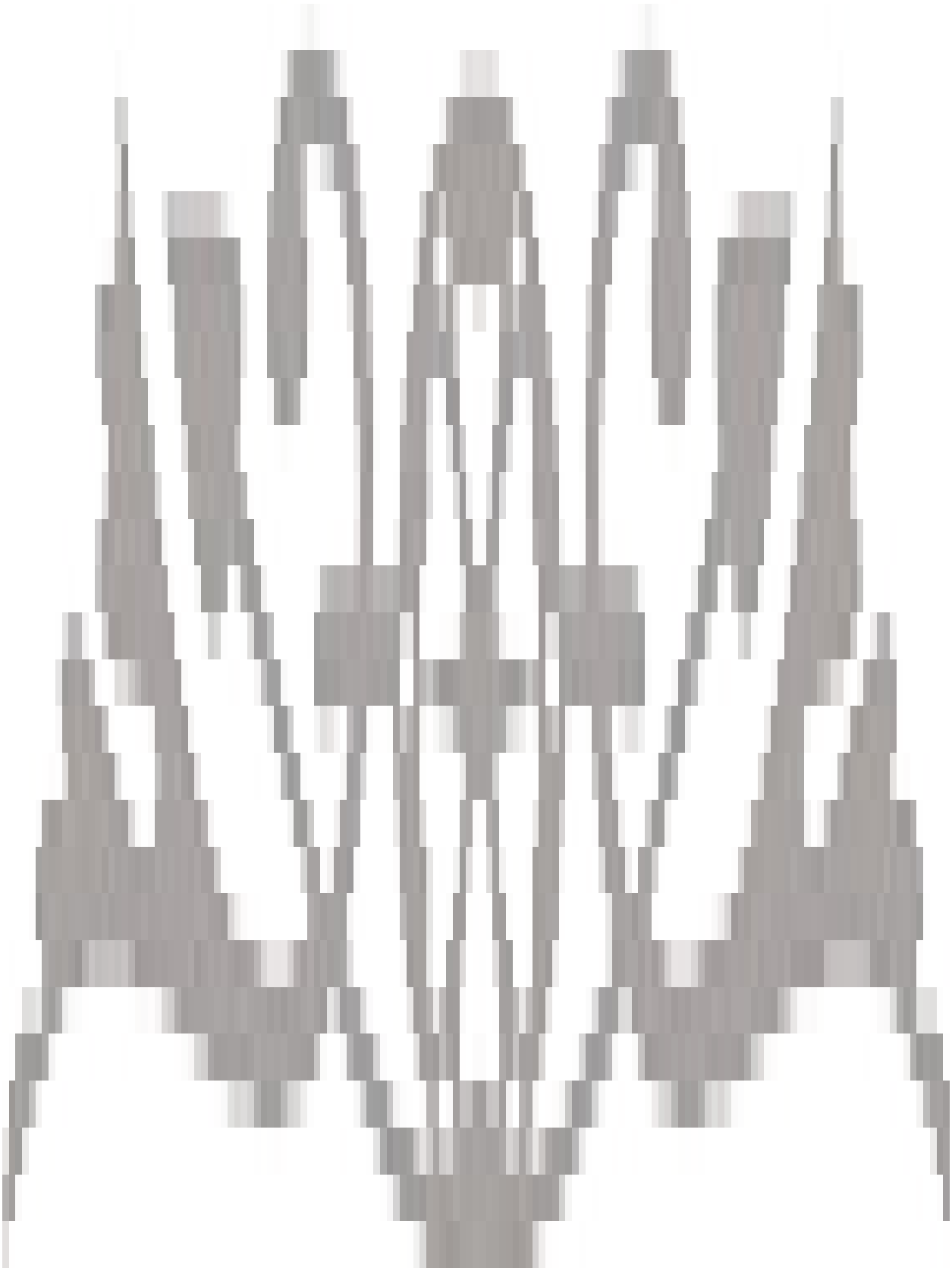
3 Keil, C.F.; Delitzsch, F. Commentary on the Old Testament. The Minor Prophets. Vol. 10. Peabody, MA: Hendrickson, 1996, p. 552.

4 Moore, T. V. Haggai, Zechariah, & Malachi. Edimburgo: Banner of Truth, 1979, p. 171-172.

13

O SACERDOTE ENTRONIZADO

Zacarias 6.9-15



Ele mesmo edificará o templo do SENHOR e será revestido de glória; assentar-se-á no seu trono, e dominará, e será sacerdote no seu trono; e reinará perfeita união entre ambos os ofícios (Zacarias 6.13).

Chegamos a um ponto de transição do estudo de Zacarias, uma transição marcada pela declaração do profeta: “A palavra do S ENHOR veio a mim” (Zc 6.9). Nas passagens anteriores, a frase “levantei os olhos e vi” servia como frase de transição. Isso sinaliza que as visões terminaram e que as palavras que se seguem consistem de uma revelação verbal da parte de Deus, mais convencional.

Os primeiros seis capítulos consistiram de visões que o profeta recebeu em uma única noite. Agora encontramos uma revelação que serve como um apêndice àquelas visões; o ato simbólico que ocorre aqui é uma conclusão pertinente às visões que o profeta recebeu.

Uma coroa para Josué

Este episódio foi desencadeado pela chegada de um contingente da Babilônia. A essa altura, a grande maioria dos judeus não tinha retornado à terra de seus ancestrais, mas permanecia nas terras para onde tinham sido exilados, onde muitos viviam confortavelmente. A delegação chegou com uma oferta, provavelmente para a reconstrução do templo. O nome dos representantes eram Heldai, Tobias e Jedaías, e eles estavam desfrutando da hospitalidade da casa de Josias, filho de Sofonias (Zc 6.9-10). Zacarias é orientado a ir ao encontro deles, pegar uma oferta e usá-la para fazer uma coroa: “Recebe, digo, prata e ouro, e faze coroas, e põe-nas na cabeça de Josué, filho de Jozadaque, o sumo sacerdote” (Zc 6.11).

Não está claro que tipo de coroa era esta, em parte, porque a palavra “coroa”, no texto hebraico, está no plural, embora o verbo ao qual ela está associada esteja no singular.* A explicação mais lógica para isto é que Zacarias devia fazer uma coroa formada por um trançado de fios de prata e ouro e, portanto, entendida como múltipla. É possível que haja uma ligação desta passagem com a visão de

Apocalipse 19.12, em que o Senhor montado é visto com “muitos diademas” sobre sua cabeça. A ideia em ambas as passagens provavelmente é a mesma: uma coroa de múltiplas camadas, a qual, no caso de Zacarias, era feita de prata e ouro.

Até aqui este mandamento é claro e encorajador. Os exilados tinham voltado com recursos para promover a obra, e Deus recebe a dádiva deles e estabelece um memorial com um símbolo de soberania e sucesso. Era de se esperar que a coroa fosse colocada sobre a cabeça de um príncipe real, Zorobabel, mas, em vez disso, Zacarias é dirigido a Josué, o sumo sacerdote.

Isto é tão surpreendente que, muitas vezes, os estudiosos críticos propõem a alteração de Josué para Zorobabel. Mas não há evidência textual em apoio a essa mudança. Além disso, há problemas com a ideia de Zorobabel receber a coroa. Isso teria sido entendido como um ato de rebeldia contra o trono persa. A implicação disso seria que Zorobabel se tornara rei, no lugar de sua mera posição como governador imperial. Mas Josué não reivindicava ofício real. Colocar a coroa sobre sua cabeça não representava um gesto político, mas uma ação simbólica – um ato profético.

Há cinco razões para considerar esse ato como simbolismo profético em vez de uma declaração profética. Primeiro, os reis de Israel tinham de pertencer à linhagem de Davi. Josué não o era, por isso, era inelegível ao ofício de rei. Segundo, o versículo 12 associa essa coroa com aquele “cujo nome é Renovo” – uma designação bem reconhecida para o Messias – e Josué não era o Messias. Terceiro, a coroa não é entregue a Josué para usá-la e mantê-la, mas é colocada sobre sua cabeça e depois levada para o templo como memorial. Quarto, a visão do capítulo 3 apresenta primeiro Josué e seus companheiros como “homens de presságio” das coisas futuras, portanto, ele ainda tinha essa função simbólica aqui.

A quinta e última razão para considerar esse ato simbólico é que Josué era o sumo sacerdote, um ofício revestido de um simbolismo visual. O sumo sacerdote era um mediador, aquele que representava os homens perante Deus e Deus diante dos homens. Seu traje resplandecente representava o povo em retidão diante de Deus e Deus em sua santa glória diante do povo. O sumo sacerdote representava o Deus-homem, retratando visualmente o verdadeiro Mediador que haveria de vir. Portanto, faz sentido que essa cerimônia de coroação servisse a uma função correspondente; ela retratava visualmente o Messias em seu ofício e

obra.

O sacerdote entronizado

Uma coroa real é colocada sobre a cabeça do sumo sacerdote. O versículo 13 continua: “[Ele] será revestido de glória; assentar-se-á no seu trono, e dominará”. Isso não era possível sob a constituição de Israel como nação daquela época, portanto, apontava para uma nova era, uma nova constituição. A antiga aliança mantinha uma separação rigorosa entre sacerdote e rei. Nenhum rei podia exercer funções sacerdotais. Aliás, um rei que ousou transgredir essa regra foi imediatamente atingido por lepra (2Cr 26.16-20). Mas, agora, uma união dos ofícios é retratada simbolicamente. Zacarias prediz um novo tipo de sacerdote: um sacerdote real assentado em majestade e poder, portanto, uma nova administração para o povo de Deus.

O principal registro histórico do período que antecede o exílio, impressionantemente chamado de o Livro dos Reis, nos faz perceber a tensão existente na ocasião em que um rei morria e era substituído por outro. No século 9º a.C., Asa foi um rei correto que trouxe bênçãos (apesar de, mais tarde, ter se tornado arrogante). Depois de sua morte, seu filho Josafá assumiu o trono e foi um rei ainda mais correto, o que, sem dúvida, aliviou o medo de muitas pessoas. Mas o grande erro de Josafá foi casar-se com a filha de um rei infiel do norte, de modo que seu filho e sucessor foi criado por uma filha de Acabe e Jezabel. A Bíblia fala que este homem, Jeorão, sucessor de Josafá no trono, “fez o que era mau perante o SENHOR” (2Rs 8.18). Isto foi um desastre absoluto, um tempo quando muito do que foi conquistado subsequentemente se perdeu.

Isso mostra a importância do rei. O ato de Zacarias fala a respeito do Messias como rei que também é sacerdote. Que bênção absoluta! Em vez de servir aos seus sonhos dinásticos, promovendo guerra e acúmulo de riquezas, os objetivos deste soberano são, primeiro e principalmente, espirituais. O principal propósito do sacerdote era conduzir o povo a Deus, e esse sacerdote ministraria com autoridade real, um rei cujos objetivos fossem os objetivos sagrados de Deus.

Um verdadeiro sacerdote-rei é o verdadeiro líder. Um sacerdote tem compaixão de seu rebanho; ele serve e ministra às suas necessidades. Seu domínio não se baseia na espada que ele empunha contra o rebanho, mas no sacrifício que

oferece em favor dele. Este é o rei que morre por seus súditos, como Jesus se referiu a si mesmo: “O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas” (Jo 10.11). Alexander Maclaren escreve: “Seu domínio é exercido em bondade... Seu cetro não é o cassetete de um guerreiro, nem uma vara adornada de ouro, mas a vara – o emblema da humildade de seu coração, e de autoridade guiada por amor”.[1]

É óbvio para o cristão que o simbolismo de Zacarias prefigura o ministério do Senhor Jesus Cristo. O livro de Hebreus nos informa que Jesus inaugura um novo tipo de sacerdócio, simbolizado pela figura misteriosa de Melquisedeque, de Gênesis 14, que era simultaneamente sacerdote e rei. O significado do nome Melquisedeque é “rei de justiça” e, como governante de Jerusalém, ele era “rei da paz” (Salem significa “paz”). Hebreus 7 mostra que essa união de ofícios, rei e sumo sacerdote, se cumpre no ministério de Jesus Cristo. Como sacerdote, Jesus ofereceu o sacrifício para satisfazer o juízo de Deus contra nosso pecado e, tendo ressuscitado dos mortos e subido ao céu, apresentou esse sacrifício no próprio trono de Deus. Deus, por causa disso, o entronizou como nosso rei, um sacerdote agora sobre seu trono nas alturas, reinando para sempre com vida eterna. Hebreus 8, então, abre com palavras que podiam praticamente ser escritas como um comentário sobre a passagem de Zacarias: “Possuímos tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus, como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem” (Hb 8.1-2).

É isto que a coroação do sumo sacerdote Josué anuncia em meio às ruínas da antiga Jerusalém. Um soberano governaria sobre o povo de Deus, mas, como sacerdote, seu ministério naquele trono seria uma obra espiritual de conduzir o povo à bênção de Deus. De fato, a ordem determinada aqui não é insignificante. Não se trata de um rei que entra para uma ordem sacerdotal, mas de um sacerdote que se assenta no trono real. É desse modo também que Paulo descreve a ordem do ministério de Jesus: “A si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome” (Fp 2.8-9). É assim que a multidão de adoradores no céu, mesmo agora, entende o reino glorioso de Cristo. O apóstolo João olhou e, em um trono no céu, viu um Cordeiro que tinha sido morto. Ele nos diz: “E entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação” (Ap 5.9). O Cordeiro simboliza o ofício sacerdotal; na verdade, ele é o sacrifício para cujo sangue os sacerdotes existiam. E é como o Salvador que

morreu por nós que Cristo recebe aclamação como nosso rei entronizado.

Tudo isso é predito por Zacarias: “Será sacerdote no seu trono; e reinará perfeita união entre ambos os ofícios” (Zc 6.13). Os estudiosos debatem sobre quem são os dois que se unirão em harmonia, mas a maioria concorda que se refira a esses dois ofícios de rei e sacerdote.* Não se trata meramente de Cristo unir os dois ofícios de forma harmoniosa, mas de que, dessa união, ele estabelece a paz, a sh~l"m de Deus, para aqueles que entram no seu reino. Assim se cumprem as palavras de Isaías 9.6: “Seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz”.

Assim como vimos a visão das duas oliveiras no capítulo 4, é a partir da harmonia de sua obra como sacerdote e rei – como ministro e soberano, como servo e Senhor – que Cristo envia o Espírito de Deus sobre o povo de Deus, redundando em paz. T. V. Moore escreve:

Isso é realizado por Cristo no exercício desses dois ofícios, por um dos quais ele obtém a redenção, e, pelo outro, a aplica; por um ele expia o pecado e pelo outro ele o extirpa; desse modo, ele reconcilia o homem com Deus, promove a paz sobre a terra e bondade aos homens. Então, temos nessas palavras uma descrição completa da obra expiatória do Messias e a aplicação dessa obra no desenvolvimento da igreja.[2]

O construtor do verdadeiro templo

Este episódio não só retrata o duplo ofício do Messias como também fala sobre sua pessoa e obra. Zacarias foi instruído a dizer a Josué: “Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Eis aqui o homem cujo nome é Renovo; ele brotará do seu lugar e edificará o templo do SENHOR. Ele mesmo edificará o templo do SENHOR” (Zc 6.12-13).

No capítulo 3, examinamos a expressão “o Renovo”, a qual fala a respeito das origens humildes e da fragilidade do Messias no mundo. Aqui no capítulo 6 há um jogo de palavras: ele é o Renovo que brotará (Zc 6.12). A ideia é que ele prosseguirá e terá êxito ao realizar a sua obra, apesar da aparente obscuridade.

Isso se confirma em Jesus Cristo, representado aqui por Josué. Ele não surgiu expondo sua glória e poder, contudo, estes dois elementos se fizeram presentes no seu progresso. Da mesma forma, sua igreja começou como um pequeno rebento de Israel e, pelo poder de Deus, desdobrou-se por toda a terra. Assim também se dá com nosso coração. Cristo é plantado pelo Espírito Santo em nossas afeições e em nossos pensamentos, um pequeno Renovo em meio à selva de nossos desejos pecaminosos. Mas ele cresce e se divide até que, um dia, nos enche com toda a sua gloriosa plenitude.

Este é o modo como o Messias age, mas nós também encontramos aqui em que consiste sua obra: “Ele mesmo edificará o templo do SENHOR” (Zc 6.13). Esta declaração é impressionante. Afinal, o propósito das visões era motivar as pessoas a reconstruírem o templo de Jerusalém, apesar dos obstáculos e problemas. No capítulo 4 vimos a profecia a respeito de Zorobabel, o líder civil, supervisionar a conclusão do projeto. Em um contraste óbvio com ele e com o templo cujas paredes subiam lentamente em Jerusalém, este que haveria de vir, o Renovo, edificará outro templo, completamente diferente: o verdadeiro templo do Senhor. Com o intuito de reforçar essa ideia, o Senhor diz a Zacarias para designar Josué em sua função simbólica e dizer: “Eis aqui o homem... Ele mesmo edificará o templo do SENHOR” (Zc 6.12-13). Isto se refere a um templo futuro a ser edificado pelo Messias em dias vindouros. Ageu, contemporâneo de Zacarias, também profetizou sobre o templo, dizendo: “As coisas preciosas de todas as nações virão, e encherei de glória esta casa, diz o SENHOR dos Exércitos” (Ag 2.7). Um novo e mais glorioso templo será construído, diferente do templo de Jerusalém. Assim como esse novo templo unirá os ofícios de rei e sacerdote – tendo sido edificado por um rei-sacerdote que reinará sobre ele – assim também o templo não será exclusivamente dos judeus, mas também de todas as nações reunidas que vêm adorar a Deus.

Isso nos leva de volta aos três homens que voltaram da Babilônia trazendo prata e ouro. A sua chegada aponta para acontecimentos vindouros ainda maiores e provoca este gesto simbólico: “As coroas serão para Helém, para Tobias, para Jedaías e para Hem, filho de Sofonias, como memorial no templo do SENHOR. Aqueles que estão longe virão e ajudarão a edificar o templo do SENHOR” (Zc 6.14-15). O sentido desse memorial – a colocação da coroa no templo que os judeus estavam construindo – era anunciar um templo mais importante, para o qual não só alguns israelitas da Babilônia, como também pessoas de todas as nações confluirão. A coroa será um memorial ao zelo desses cativos que trouxeram suas riquezas e aos homens que os receberam em seu lar com genuína

hospitalidade, mas também estabelece um memorial da promessa de que, assim como Josias, filho de Sofonias, recebeu esses visitantes em sua casa, também o povo de Deus traria as nações para formar a verdadeira casa espiritual na qual a glória de Deus resplandecerá.

Esta passagem é significativa porque especifica a obra final de Cristo como construtor do verdadeiro templo de Deus. Esta era a maior realização a que todo rei podia aspirar. Davi pediu permissão para construir o templo de Deus, mas lhe foi dito que esta honra caberia ao seu filho, um homem que não tinha lutado na guerra, mas era da paz. Salomão construiu o primeiro templo, alcançando, assim, a sua maior glória. Mas a promessa de Deus a Davi envolvia outro Filho, ainda mais importante, que construiria o verdadeiro templo do Senhor. A promessa de 2Samuel 7.13-14 inclui palavras que não poderiam ser aplicadas a Salomão ou a qualquer outro sucessor, exceto àquele que fosse tanto descendente de Davi quanto o Filho do próprio Deus: “Este edificará uma casa ao meu nome, e eu estabelecerei para sempre o trono do seu reino. Eu lhe serei por pai e ele me será por filho”.

A obra de Deus consiste em construir o templo onde Deus habita em glória entre seu povo. Jesus iniciou essa construção em sua encarnação, quando Deus veio habitar em carne humana: “O Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1.14). Jesus também falou de sua morte e ressurreição como reconstrução do templo de Deus: “Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei” (Jo 2.19). Como explica Alexander Maclaren:

Cristo mesmo é o verdadeiro templo de Deus. Tudo quanto ele representa, Cristo é ou oferece. Nele habita a plenitude de Deus. “A glória que outrora habitava entre os querubins, ‘tabernaculou entre nós’ em sua carne.” Como lugar de sacrifício, como lugar em que os homens se encontram com Deus, como trono da revelação da vontade divina, o verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu se manifesta na humanidade de nosso Senhor.[3]

O Novo Testamento também fala da igreja como o templo que Cristo prosseguiu em construir. Ao edificar a igreja, ele se fez a pedra angular sobre a qual suas

dimensões se fundamentam. Agora nós “como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais a Deus por intermédio de Jesus Cristo” (1Pe 2.5). Paulo diz a mesma coisa em Efésios 2.19-22 dirigindo-se a gentios que foram unidos aos judeus para formar o povo de Deus: “[em Cristo] também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito” (Ef 2.22).

Somos templo de Deus em e por meio de Cristo. Isto é verdade sobre os cristãos individualmente, uma vez que Cristo faz o Espírito de Deus habitar em nós. Mas é particularmente verdade para nós, juntos, como igreja, onde Deus se encontra e é conhecido e adorado no mundo. Essa edificação do templo, a verdadeira casa espiritual de Deus, é o sentido e finalidade da história. Apesar de muito pouco de sua glória final poder ser vista atualmente, pela fé devemos vir à congregação do povo de Deus com reverência, pois Deus está ali, e a obra a qual ele nos convida a participar na igreja é aquela que resplandecerá no céu para sempre.

Quando tudo isso ocorrer, se diz a Zacarias, então, “sabereis que o SENHOR dos Exércitos me enviou a vós outros. Isto sucederá se diligentemente ouvirdes a voz do SENHOR, vosso Deus” (Zc 6.15). Isso não significa que pela desobediência os judeus poderão frustrar os propósitos prometidos de Deus, antes, trata de sua própria participação nessas bênçãos e sua própria comunhão com Deus no verdadeiro templo que ele edificará. A mesma asserção foi feita quando foi prometida a conclusão do templo físico: “Para que saibais que o SENHOR dos Exércitos me enviou a vós outros” (Zc 4.9). O sentido é que a constatação do cumprimento das promessas de Deus comprova a Palavra de Deus. Agora vemos que a manifestação final da revelação divina será dada quando a casa espiritual de Deus estiver completa e estabelecida em glória. Então, todo joelho se dobrará “e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai” (Fp 2.11).

Eis o homem!

As visões de Zacarias mostram que Deus tinha interesse em que o templo fosse reconstruído em Jerusalém. Agora, no apêndice dessas visões, pelo ato simbólico que conclui esta porção do livro do profeta, Deus mostra algo que seu povo não pode deixar de observar. Por mais importante que fosse o templo, ele não era a fonte da esperança de Israel. Muito mais importante que o templo era o

Sacerdote-Rei que vem para edificar o verdadeiro templo, não só um templo de pedras, mas uma casa espiritual para Deus. Deus desvia os olhos de Israel do material para o espiritual, da construção do templo para o construtor do templo, a fim de depositarem nele a sua esperança. Agindo em nome de Deus, Zacarias coloca uma coroa sobre a cabeça do sumo sacerdote. Em seguida, apontando para aquele ao qual ele representava simbolicamente, o profeta clama, “Eis aqui o homem” (Zc 6.12).

Estas palavras ecoam por toda a Bíblia como cerne da mensagem de Deus sobre a salvação dos pecadores: “Eis aqui o homem”. Primeiro, ele foi conhecido como simplesmente descendente da primeira mulher, Eva. No jardim do Éden, Deus falou a seu respeito para Satanás: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu ferirás o calcanhar” (Gn 3.15). Ouvimos “eis aqui o homem”, e a primeira coisa que conhecemos sobre ele é que ele será um homem, filho de mãe humana. Posteriormente, Deus o identifica como semente de Abraão, consequentemente, descendente do homem de fé. As gerações se passaram, até que, nos dias de Moisés, Deus diz mais uma vez: “Eis aqui o homem!” Desta vez ele é um profeta, alguém como Moisés, que falaria ao povo em nome de Deus. Deus disse: “Suscitar-lhes-ei um profeta do meio de seus irmãos, semelhante a ti, em cuja boca porei as minhas palavras, e ele lhes fará tudo o que eu lhe ordenar” (Dt 18.18). Mais tarde ainda, é mostrado a Davi um rei que se assentará sobre seu trono para sempre (veja 2Sm 7). Estas são as linhas que percorrem as páginas das Escrituras, no tecido da história redentora de Deus. “Eis aqui o homem”. Deus assim declara a fim de termos fé, acrescentando cores e distintivos no uniforme de nosso Salvador. Em Isaías 53, ele é o Servo sacerdotal: “Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si... foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades” (Is 53.4-5).

Essas figuras são tão variadas que alguns aguardavam diversos Messias, não imaginando que todas essas representações pudessem se reunir em um só. Mas as visões de Zacarias alcançam isso e, com elas, chegamos à descrição mais completa do Antigo Testamento do aguardado Messias. Uma coroa é colocada sobre a cabeça do sumo sacerdote para acompanhar as vestes de justiça recebidas anteriormente. “Eis aqui o homem”, diz o Senhor. Este é o que será entronizado, vestido em majestade, para edificar a casa espiritual que será o templo eterno de Deus.

Quantos judeus nos tempos de Zacarias puderam contemplar em fé este

Sacerdote-Rei – certamente, o próprio profeta o contemplou. Eles indagavam sobre quando ele viria e como seria; seu coração ansiava por ver o dia em que esse Messias fosse revelado aos olhos do povo de Deus. “Eis aqui o homem”.

Aquele dia chegou, finalmente, quando o Sacerdote-Rei foi apresentado diante das multidões de Jerusalém. Assim como Zacarias colocou uma coroa de fios entrelaçados sobre a cabeça de Josué, uma coroa foi colocada sobre a fronte do verdadeiro Messias de Deus. Um manto de púrpura foi colocado sobre seus ombros e um cetro foi colocado em suas mãos. E com palavras que ressoavam a revelação de Deus de tempos remotos, o clamor foi levantado diante da multidão reunida: “Eis aqui o homem”. Tudo conforme Zacarias tinha prefigurado, contudo, muito diferente.

Jesus Cristo foi coroado não com uma coroa entrelaçada de prata e ouro, mas com uma coroa entrelaçada de espinhos a fim de representar a maldição de Deus sobre o pecado humano. O manto de púrpura foi oferecido não para honrá-lo, mas para zombar dele, a quem açoitaram e abusaram até que não pudesse ser reconhecido. João diz: “Saiu, pois, Jesus trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. Disse-lhes Pilatos: Eis o homem! Ao verem-no, os principais sacerdotes e os seus guardas gritaram: Crucifica-o! Crucifica-o!” (Jo 19.5-6).

Fico imaginando o que Zacarias teria pensado se visse o horrível cumprimento do que Deus prometera através de sua escrita. Mas os autores do Novo Testamento nos mostram claramente como entendê-lo. Aqui é onde o verdadeiro templo de Deus é edificado; aqui é onde o homem pode se encontrar com Deus. Por quê? Porque o sofrimento de Cristo até a morte atendeu as nossas necessidades, para que, como pecadores, pudéssemos ser perdoados por Deus e para que, como rebeldes, pudéssemos ser restaurados ao seu amor. Foram nossos pecados que colocaram a coroa de espinhos sobre a cabeça de Jesus e cravaram suas mãos e pés na cruz. Pois este sacrifício sofredor é obra do Sacerdote de Deus, o qual ministra paz entre o Deus santo e o homem condenado, o Cordeiro que tira nossos pecados; este é o reinado do Rei de Deus, que, por amor a nós, se entregou à morte. Este é o templo que Deus edificou para nós; se você não vier ao seu encontro aqui, confessando que Cristo morreu por você, então você poderá nunca chegar a Deus.

Portanto, quando comparamos o cumprimento do que o profeta prefigurou, não nos decepcionamos, mas ficamos extasiados e nos prostramos em reverente espanto. O profeta teceu uma coroa de prata e ouro, mas como a coroa de

espinhos é tão mais preciosa! Quem dera pudéssemos reconhecer muito mais a beleza nesta coroa do que em toda prata e ouro que o mundo possa oferecer. Zacarias falou sobre honras reais conferidas ao sacerdote. Mas em Cristo está uma majestade muito mais sublime do que qualquer mente humana jamais poderia inventar. O sacerdote sobe ao seu trono pela cruz, sobre a qual foi pregada uma placa, anunciando: “JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS” (Jo 19.19). Assim ele foi entronizado, Sacerdote e Rei. Este é o homem, esta é a resposta aguardada há muito tempo, e Deus o ressuscitou para que todos o contemplassem, cressem e fossem salvos.

1 Maclaren, Alexander. Expositions of Holy Scripture. Vol. 4. Grand Rapids: Eerdmans, 1959, p. 318.

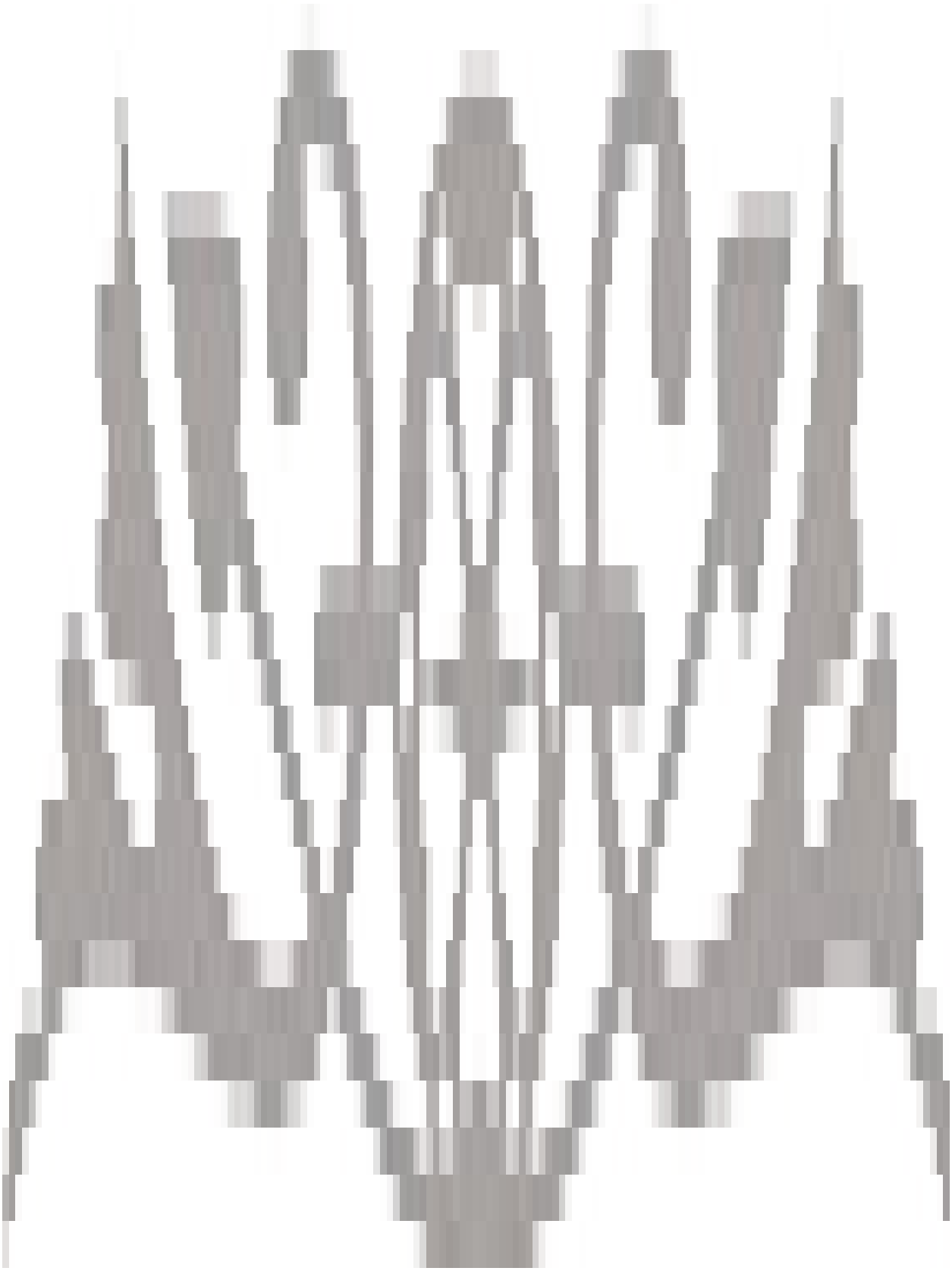
* “Os ofícios” não está presente no original hebraico. Na ARA, este complemento foi inserido como interpretação (N. do R.).

2 Moore, T. V. Haggai, Zechariah & Malachi. Edimburgo: Banner of Truth, 1979, p. 179.

3 Maclaren. Expositions. Vol. 4, p. 319.

* O verbo da frase “faze coroas” está na 2ª pessoa do masculino singular (no heb., é o perfeito consecutivo seguido de um infinitivo absoluto com função imperativa, v. 10a) por se referir ao profeta como agente da ação, não a “coroas”, que é o seu objeto direto. Não há inconsistência na concordância verbal do texto hebraico. A estranheza está no fato de “coroas” serem colocadas na cabeça de um só indivíduo (N. do T.).

PARTE 2

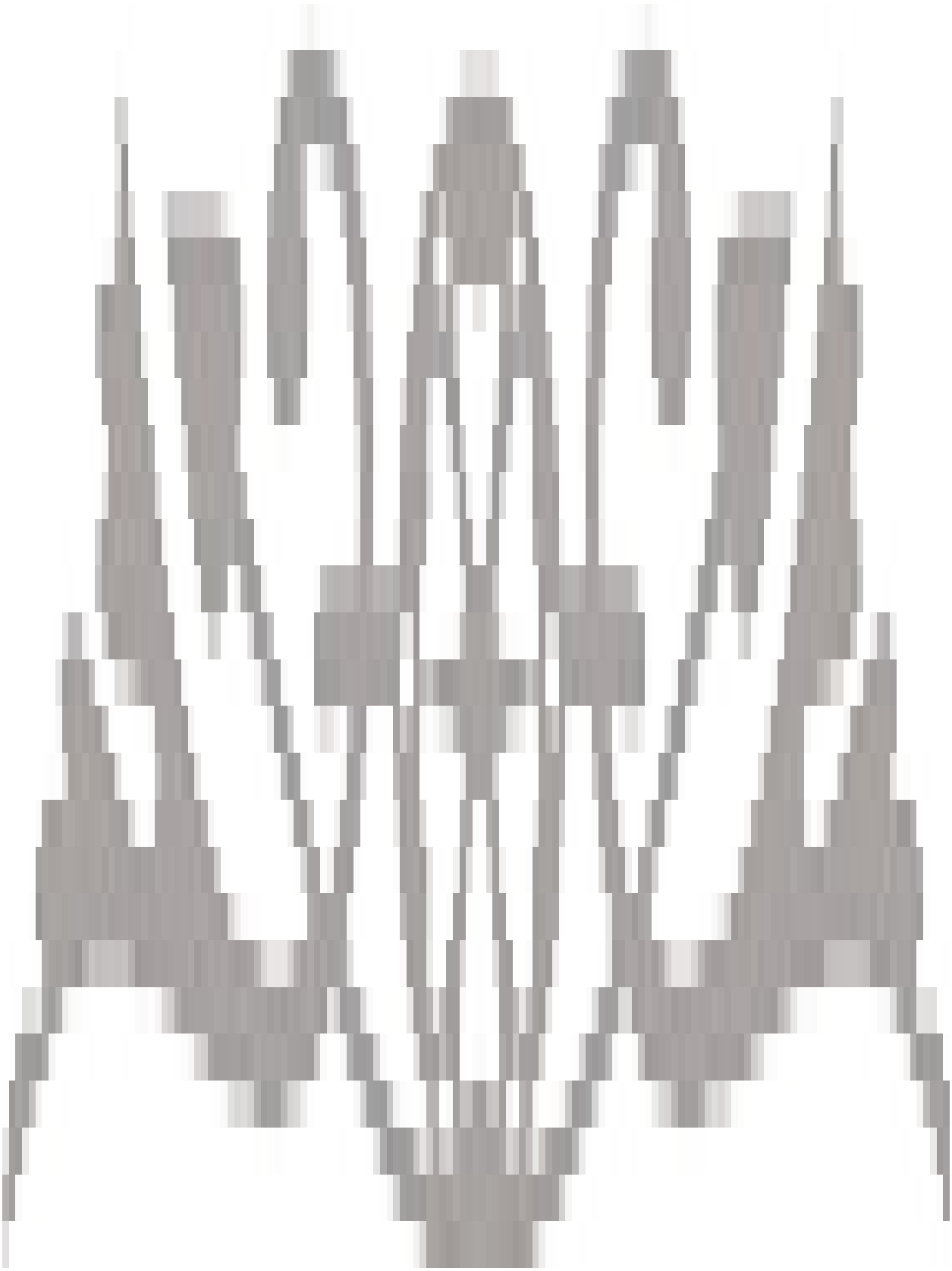


A delegação de Betel

14

O VERDADEIRO JEJUM

Zacarias 7.1-14



Então, a palavra do SENHOR dos Exércitos me veio a mim, dizendo: Fala a todo o povo desta terra e aos sacerdotes: Quando jejuastes e pranteastes, no quinto e no sétimo mês, durante estes setenta anos, foi para mim que jejuastes, com efeito, para mim? Quando comeis e bebeis, não é para vós mesmos que comeis e bebeis? (Zc 7.4-6)

O que é verdadeira espiritualidade? Ou, em outros termos, o que é verdadeira religião e como a distinguimos da falsa? Como ela se parece? Em que ela consiste?

As pesquisas mostram que estamos vivendo tempos de intensa religiosidade. Livros sobre temas espirituais vendem surpreendentemente; a Bíblia, principalmente, é um best-seller constante. Nos Estados Unidos, quando perguntada, a grande maioria da população professa crer em Deus e na vida após a morte; as igrejas estão repletas de pessoas e, frequentemente, cheias de dinheiro também. Contudo, se perguntarmos qual é o grau de influência da Bíblia e do cristianismo em nossa sociedade, a resposta deve ser "o mínimo possível". O problema é que as pessoas professam uma fé que mal influencia sua própria vida, uma religião cuja prioridade é menor do que muitos itens de suas listas de compras.

Rejeição da falsa religião

A questão da falsa e da verdadeira religião no tempo de Zacarias foi provocada por uma delegação que chegou a Jerusalém vindo de Betel, uma cidade não muito distante ao Norte. Em outros tempos, Betel foi centro de idolatria e rebeldia contra o Senhor. Mas, depois de levantadas diversas acusações associadas ao exílio, os habitantes da época voltaram-se novamente a Jerusalém e ao Senhor. O versículo 3 indica que eles perceberam que havia profetas novamente em Jerusalém; isto, juntamente com a reconstrução do templo, anunciava o retorno do favor de Deus e fez surgir a questão sobre o jejum: "Continuaremos nós a chorar, com jejum, no quinto mês, como temos feito por tantos anos?" (Zc 7.3).

O Antigo Testamento ordenava um único jejum, o do dia da expiação (Lv 23.29), mas, depois da queda de Jerusalém, diversos outros jejuns foram instituídos. Na verdade, a religião judaica do exílio estava obsessivamente concentrada em jejuar e lamentar pela catástrofe que lhe sobreviera. O salmista registra as palavras de seu lamento: “Às margens dos rios da Babilônia, nós nos assentávamos e chorávamos, lembrando-nos de Sião” (Sl 137.1).

Os judeus do exílio instituíram quatro jejuns principais associados com os acontecimentos da queda de Jerusalém. No nono dia do quarto mês, lamentavam a quebra dos muros da cidade. No oitavo dia do quinto mês, jejuavam pelo incêndio da cidade e do templo. No terceiro dia do sétimo mês, lembravam-se do assassinato do governador Gedalias. Finalmente, no décimo dia do décimo mês, jejuavam para lembrar o dia em que Nabucodonosor sitiou a cidade.

Dois anos tinham se passado desde que as visões de Zacarias exortaram o povo a renovar seus esforços na construção do templo, e não há dúvida de que houve significativo progresso. Dentro de mais dois anos, o segundo templo seria concluído, e todos devem ter se dado conta de que a restauração de Jerusalém seria um sucesso. Isso, então, explica o questionamento sobre o jejum do quinto mês, que tinha referência específica à destruição do templo. “Agora que um novo templo será inaugurado, devemos continuar lamentando pelo antigo templo?” A pergunta colocava em jogo todo o calendário do jejum, juntamente com toda a atitude de prantear, que prevaleceu durante todo o período exílico. O questionamento parece indicar um anseio por deixar tudo aquilo para trás.

Quão surpresa deve ter ficado a delegação de Betel ao receber a contundente repreensão do Senhor. Zacarias diz que a palavra do Senhor veio a ele. Sua resposta beneficiava todo o povo, não apenas os sacerdotes que eram indagados sobre essa questão. Sua reprovação condenou a falsa espiritualidade dos jejuns de três modos. Primeiro, ele perguntou: “Quando jejuastes e pranteastes, no quinto e no sétimo mês, durante estes setenta anos, foi para mim que jejuastes, com efeito, para mim? Quando comeis e bebeis, não é para vós mesmos que comeis e bebeis?” (Zc 7.5-6).

Isso reforça o aspecto imprescindível de que a verdadeira espiritualidade deve ser dirigida a Deus. No hebraico, isso fica muito mais claro: “Jejuastes para mim, para mim mesmo?”, pergunta o Senhor. Seu jejum não era para o Senhor, mas para si mesmos. Eles jejuavam como um fim em si mesmo, como prática religiosa; no máximo, o jejum era motivado por autocomiseração pelas aflições

que sofreram.

Hoje em dia, esse tipo de espiritualidade egoísta é o que predomina. As pessoas acham que podem fazer uso de algumas práticas religiosas. Essas práticas podem fortalecer a imagem delas, talvez até tirem algum proveito de ir à igreja, ler a Bíblia, envolver-se nessa ou naquela cerimônia ou boa ação. Contudo, não têm quase nada a ver com o próprio Deus. As pessoas me perguntam por que devem frequentar a igreja, e a primeira resposta que dou é que Deus é digno de louvor. Ele merece e exige nossa adoração. Mas, frequentemente, essa é a última coisa que as pessoas pensam nessa época de autosserviço, narcisismo e autolatria. Deus condenou o jejum daqueles judeus porque era feito para eles mesmos: o jejum se destinava às suas próprias necessidades emocionais e experiências espirituais. Pior ainda era a ideia de que por meio do jejum se pudesse manipular Deus a fim de obter novamente as antigas bênçãos. Agora que as coisas estavam melhorando, eles queriam encerrar a prática do jejum.

Quando Deus estabeleceu a aliança com seu povo, ele se uniu a eles. “Eu serei o teu Deus”, ele prometeu. É disso que se trata o relacionamento libertador com Deus, pelo qual recebemos não só dons de Deus – suas bênçãos de prosperidade, paz ou alegria – mas o próprio Deus como maior dádiva. A dádiva do próprio Deus encontra sua maior expressão em nosso Senhor Jesus Cristo, que “a si mesmo se deu por nós, a fim de redimir-nos” (Tt 2.14). A dádiva de Deus é ele mesmo. Portanto, seu povo pode declarar com o salmista: “Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra... Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre” (Sl 73.25-26). Os cristãos devem dizer, diante de todas as riquezas deste mundo: “O que eu realmente desejo é Deus: ele é a minha porção e, se eu o tenho, tenho todas as coisas”.

O que, então, Deus deseja em retorno? O que mais o amor espera a não ser amor em troca? Deus, que nos fez e que é nosso dono como o oleiro é dono do barro, não obstante deseja a dádiva voluntária de nosso coração a ele. “Dá-me, filho meu”, ele diz em Provérbios 23.26, “o teu coração”. Deuteronômio 32.9 nos diz: “A porção do SENHOR é o seu povo”. Portanto, o que o Senhor deseja não é uma observância religiosa sem importância, não é jejum nem festa que importam para ele, mas a entrega de nosso coração em tudo o que fazemos. “Quando jejuastes e pranteastes”, Deus pergunta, “foi para mim que jejuastes, com efeito, para mim?”

Isso significa que qualquer prática ou ato religioso que ofereçamos, seja

frequentar a igreja, doar dinheiro, fazer boas obras, ler a Bíblia ou orar – até mesmo jejuar e prantear – não tem nenhum valor para Deus, a não ser que seja feito para o seu agrado, sua glória, seu serviço e seu amor. A não ser que dediquemos nosso culto com sinceridade, Deus o rejeitará. “Aborreço, desprezo as vossas festas e com as vossas assembleias solenes não tenho nenhum prazer” (Am 5.21), ele diz. Apesar de toda a elaborada demonstração desses jejuns judaicos, com todos os seus ruidosos lamentos e ostentosas lágrimas, Deus simplesmente pergunta: “Foi para mim, com efeito, para mim?”

Esta questão, naturalmente, condena toda religião hipócrita, mas também enobrece tudo o que fazemos que seja realmente para Deus. Certamente significa que Deus se agrada quando adoramos motivados pelo anseio por ele, por ouvir sua Palavra e oferecer-lhe o louvor do nosso coração. Também significa que a mãe que se afadiga no trabalho esgotante de criar os filhos, sem ser notada nem elogiada pelo mundo, se ela o faz para Deus com gratidão e um desejo de agradá-lo, então, isso é aceito com a mais alta aprovação de Deus. O mesmo se aplica ao homem ou mulher que se esforça na obscuridade, tratando as pessoas com dignidade e trabalhando além das responsabilidades simplesmente porque o faz ao Senhor. Isso é verdade para todo cristão que se afasta do pecado não só pelo desejo de uma bênção pessoal, mas por amor a Deus. “Tudo quanto fizerdes”, escreve Paulo, “fazei-o de todo coração, como para o Senhor e não para homens” (Cl 3.23). Sempre e onde quer que Deus diga “foi para mim”, esta é a verdadeira religião que ele deseja.

Esta é a primeira condenação contra esses jejuns. Mas há um segundo problema levantado na pergunta da delegação de Betel: a superficialidade de seu pensamento. Agora que o templo estava restaurado, eles desejavam suspender o jejum. Mas, como a resposta de Deus revela, eles estavam preocupados com as consequências dos pecados do passado – a queda da cidade, a destruição do templo e o exílio do povo – e não com o pecado em si. Deus queria que o povo lamentasse não só a catástrofe provocada pelo pecado, mas o próprio pecado:

Eles, porém, não quiseram atender e, rebeldes, me deram as costas e ensurdeceram os ouvidos, para que não ouvissem. Sim, fizeram o seu coração duro como diamante, para que não ouvissem a lei, nem as palavras que o SENHOR dos Exércitos enviara pelo seu Espírito, mediante os profetas que nos precederam; daí veio a grande ira do SENHOR dos Exércitos (Zc 7.11-12).

O povo de Jerusalém não deu ouvidos a Deus quando ele os repreendeu, por isso Deus não deu ouvidos aos seus clamores quando veio a catástrofe: “Visto que eu clamei, e eles não me ouviram, eles também clamaram, e eu não os ouvi, diz o SENHOR dos Exércitos. Espalhei-os com um turbilhão entre todas as nações que eles não conheceram; e a terra foi assolada atrás deles, de sorte que ninguém passava por ela, nem voltava; porque da terra desejável fizeram uma desolação” (Zc 7.13-14).

Os jejuns observados durante o exílio apontavam para os vários dias em que a calamidade lhes sobreveio; num determinado dia de certo mês eles jejuavam porque algo aconteceu naquela data. Mas havia pouco jejum pelos pecados que afligiam o coração de Deus e provocavam o seu juízo. Agora eles queriam abolir completamente o jejum, quando os problemas sobre os quais deviam estar lamentando continuavam ainda muito presentes.

Isso nos dá um critério para avaliar nossa própria espiritualidade. Estamos preocupados com o pecado ou com as consequências do pecado? Estamos contentes se as coisas parecem estar tranquilas, ainda que o pecado esteja plenamente evidente? Se este é o caso, então nossa atitude é muito diferente da de Deus. É sempre o caso de que “o homem vê o exterior, porém, o SENHOR, o coração” (1Sm 16.7).

Zacarias acrescenta ainda uma terceira resposta, lembrando ao povo que, se está procurando a verdadeira religião, precisava apenas consultar a Palavra de Deus. “Não ouvistes vós as palavras que o SENHOR pregou pelo ministério dos profetas que nos precederam?”, ele pergunta (Zc 7.7). É isso o que sempre encontramos na falsa espiritualidade. As pessoas estão procurando uma nova perspectiva, um novo programa, experiência ou algo superior, enquanto a Palavra de Deus nos apresenta uma instrução clara sobre nossa responsabilidade para com ele.

Então o que é verdadeira religião? Como é a verdadeira espiritualidade? Primeiro, é um anseio pelo próprio Deus, para o seu prazer e glória; segundo, preocupa-se com as realidades interiores do pecado e da justiça e, somente então, com as consequências e bênçãos exteriores; terceiro, a verdadeira espiritualidade é a que se fundamenta na Palavra de Deus, que ouve, crê e age conforme o que Deus falou por intermédio da Bíblia. Como tal, a resposta de Deus por

intermédio de Zacarias nos alerta contra o culto formalista, egoísta e inventado pelos homens. James Montgomery Boice explica: “Deus não está contente com meros atos cerimoniais. Pelo contrário, ele na verdade abomina esses atos se não forem precedidos e acompanhados por amor genuíno por Deus e outras pessoas”.[1]

Esta é uma questão séria. Dificilmente há algo mais prejudicial do que uma falsa espiritualidade que nos diz que estamos indo bem quando, na verdade, Deus não está contente. Uma religião dessas é uma ameaça à nossa alma, porque não nos alerta contra o perigo; ela nos afirma que estamos indo para o céu quando, na verdade, estamos propensos a ir para o inferno. Contudo, isso é muito comum. Martyn Lloyd-Jones escreveu:

Podemos adorar religião e podemos ser muito religiosos sem Deus. O que quero dizer com isso é que podemos ser muito meticulosos na observância de dias, tempos e estações. Podemos jejuar, podemos nos abster de certas coisas, e todo o tempo nos concentrar em nós mesmos pensando em como nos aperfeiçoar e nos tornar pessoas melhores... Podemos nos tornar muito religiosos, mas pode não sobrar lugar para Deus; ou, mesmo que ele entre, ele estará ali simplesmente como alguém que poderá nos ajudar. Somos o centro de nossa religião; nossa religião é realmente uma religião sem Deus. E isto é, creio eu, o último e absoluto pecado.[2]

Um chamado à verdadeira religião

Este foi o perigo que ameaçava aquela geração de israelitas, por isso, conseguimos entender por que foram repreendidos tão veementemente. Mas, em seguida, há uma exortação à verdadeira religião, baseada nos ensinos dos antigos profetas, em que se destacam quatro preceitos que refletem a própria espiritualidade de Deus: “A palavra do SENHOR veio a Zacarias, dizendo: Assim fala o SENHOR dos Exércitos: Executai juízo verdadeiro, mostrai bondade e misericórdia, cada um ao seu irmão; não oprimais a viúva, nem o órfão, nem o estrangeiro, nem o pobre, nem intente cada um em seu coração o mal contra o seu próximo” (Zc 7.8-10).

Estes versículos contêm um breve catálogo dos atributos de Deus quando fala de justiça, misericórdia e compaixão. Salmos 98.9 diz sobre Deus: “Julgará o mundo com justiça, e os povos, com equidade”. A palavra hebraica para misericórdia é h#s#D, a importante palavra para descrever o amor pactual de Deus, a qual também se encontra em Salmos 23, em que o fiel diz: “Bondade e misericórdia certamente me seguirão todos os dias da minha vida” (Sl 23.6). Lamentações 3.22 liga o amor de Deus à compaixão, dizendo: “As misericórdias do SENHOR são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim”.

Quando o profeta fala de verdadeira espiritualidade, ele aponta para as coisas que se encontram no próprio Deus. A verdadeira religião, portanto, é uma questão de piedade. O objetivo explícito de Deus é que nos tornemos como ele. “Sede santos”, diz o Senhor, “como eu sou santo” (Lv 11.44). Isso também pode ser dito sobre suas demais qualidades: Sede justos como Deus é justo, misericordiosos e compassivos, porque é assim que ele é. Se realmente amarmos a Deus, nos tornaremos mais parecidos com ele, pois o amor sempre segue os passos do seu objeto.

O objetivo de Deus deve ser o nosso objetivo, por isso os cristãos devem estudar a vida e os ensinos de Cristo. Mas, antes de mais nada, é preciso um alerta. Há um grande engano em pensar que podemos ser justificados imitando Jesus, pois, ao contrário de Jesus, somos condenados pela culpa de nosso pecado e precisamos ter fé em sua morte para obter o perdão. Jesus é, primeiramente, o objeto de nossa fé e, somente depois disso, torna-se exemplo de fé. Mas é também um grande equívoco nos esquecermos de que, depois de sermos salvos pela fé em Cristo, somos chamados para segui-lo e imitá-lo por meio da fé. Martinho Lutero estava certo quando afirmou: “Certamente, somos chamados por Cristo não porque ele tenha se ausentado de nosso meio, mas porque ele habita em nós, isto é, porque cremos nele e somos Cristo uns para com os outros e fazemos ao nosso próximo o que Cristo faz por nós”.[3] Sendo justificados pelo sangue de Cristo, os cristãos são chamados à justiça; sendo abrigados pela misericórdia de Cristo, nutrimos e protegemos naturalmente os fracos; sendo servidos pelo amor de Cristo, oferecemos amor ao mundo.

O amor sempre nos transforma e nos molda. Um adolescente que idolatra um astro do esporte vestirá o seu uniforme. O uniforme de Cristo é verdade e amor, conforme a Bíblia ensina. Além do mais, quando amamos alguém, ficamos ansiosos por nos dedicar a ele ou ela. Contudo, indagamos: “O que posso dar a

Deus, que não precisa de nada? Como posso demonstrar amor a Deus?" A resposta é: dando e demonstrando amor ao nosso próximo. Deus não precisa de justiça, misericórdia ou compaixão de nossa parte, mas nosso próximo, sim. Porque amamos a Deus, protegeremos o fraco e defenderemos a causa do pobre, tudo em seu nome (veja Zc 7.9-10).

O que encontramos nessa delegação de Betel é exatamente o oposto ao amor de Deus. Eles pensavam apenas em si mesmos. As coisas pareciam estar melhorando, então eles queriam festa, em vez de jejum. Mas Deus queria que eles demonstrassem interesse pelas verdadeiras questões da religião. Como escreve Tiago: "A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar o órfão e as viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo" (Tg 1.27). O mesmo é verdade hoje. Podemos usar joias de símbolos cristãos e erigir figuras cristãs em nossas construções, mas qualquer verdadeiro cristão e qualquer verdadeira igreja devem andar no mundo em verdade e amor, se realmente desejarem carregar os verdadeiros sinais de Cristo.

Se aqueles sacerdotes de Betel tivessem apenas lido as Escrituras, eles poderiam ter antecipado a resposta de Zacarias. Isaías disse: "Porventura, não é este o jejum que escolhi: que soltes as ligaduras da impiedade, desfaças as ataduras da servidão, deixes livres os oprimidos e despedaces todo jugo?" (58.6). Em um texto mais conhecido, Miqueias disse: "Ele te declarou, ó homem, o que é bom e o que é que o SENHOR pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus" (Mq 6.8). Esses homens chegaram a procurar novo direcionamento, mas Zacarias os indicou aos profetas: "Vocês têm a resposta, na palavra de Deus". Ele simplesmente repetiu a mensagem daqueles antigos profetas. Portanto, a verdadeira espiritualidade vem da Bíblia à medida que é estudada, crida e aplicada de modo prático.

Zacarias 7.12 fornece uma das afirmações mais contundentes do Antigo Testamento sobre a inspiração das Escrituras. O profeta relembra a incredulidade dos antepassados e fala de "palavras que o SENHOR dos Exércitos enviara pelo seu Espírito, mediante os profetas que nos precederam". Isso nos diz por que a verdadeira espiritualidade está baseada na Bíblia: ela não é apenas um livro contendo boas ideias, mas a Palavra de Deus comunicada pelo Espírito Santo. Por meio de sua palavra, o Espírito de Deus age em nós. Uma vez que Deus fala a nós pela Bíblia e, por meio da Bíblia, o Espírito age em nós, a verdadeira espiritualidade requer um estudo fiel da Bíblia. Donald Grey Barnhouse

escreveu: “Há somente um meio de encontrar justiça e verdadeira santidade, e este é pela Palavra de Deus, e a aplicação de seus princípios à vida pelo Espírito Santo... É por meio do poder santificador da Palavra de Deus que a vida espiritual é comunicada ao que crê”.[4]

Este é o chamado de Zacarias para a verdadeira espiritualidade: uma vida de imitação de Deus, uma vida de verdade e amor pelos outros, uma vida de fé na Bíblia, aplicando seus princípios de maneira prática à medida que o Espírito de Deus age em nós.

Advertência contra a incredulidade

Isto nos leva ao terceiro e principal argumento desta passagem, que é a advertência encontrada em Zacarias 7.11-14. Já falamos sobre a reprovação da falsa religião, uma exortação à verdadeira religião e, agora, temos uma advertência contra a incredulidade e a dureza de coração.

Esta advertência contém duas partes, e a primeira vem por meio da recordação dos esforços determinados do povo de rejeitar a Deus, os quais, não obstante, não foram capazes de eliminar Deus de cena. Primeiro, eles “não quiseram atender” (Zc 7.11). Esta foi a primeira estratégia para evitar Deus: simplesmente ignorar o ensino de profetas como Isaías e Jeremias, como estudantes em uma sala de aula indisciplinada. Em seguida, eles “deram as costas” (Zc 7.11). A linguagem usada neste texto vem do contexto agrário: literalmente, eles “puxaram os ombros para trás”, como um boi que se recusa a carregar o jugo, em resposta aos mandamentos de Deus à fé e obediência. Terceiro, eles “ensurdeceram os ouvidos, para que não ouvissem” (Zc 7.11). Quarto, eles “fizeram o seu coração duro como diamante, para que não ouvissem a lei, nem as palavras que o SENHOR dos Exércitos enviara pelo seu Espírito, mediante os profetas que nos precederam” (Zc 7.12). Isto é, na realidade, oposição deliberada contra o chamado de Deus. Contudo, não tiveram êxito. Deus não se afastou, mas respondeu condenando os pecados não arrependidos do povo.

A condenação se aplica a todos quantos não são ainda cristãos. Você não quer que digam o que você deve fazer; você não gosta da ideia de Deus dirigir sua vida. Então, você simplesmente não lhe dá atenção. Você tem consciência, ou pela sua própria consciência ou pelo testemunho de um cristão, de que Deus

requer algo de você, que ele requer sua adoração, que ele o chama para viver para ele e se desviar de práticas egoístas e pecaminosas. Mas você dá de ombros, evitando facilmente esse tipo de jugo. Se alguém fala de Deus a você ou você ouve um pregador no rádio, logo fecha os ouvidos ou muda de canal. Caso alguma mensagem o alcance, você rapidamente preparará os mecanismos de defesa de seu coração e lutará para garantir que nada penetrará em um ponto fraco de sua defesa.

É possível fazer tudo isso. É possível rejeitar Deus e negá-lo durante toda sua vida. Mas não é possível fazê-lo ir embora. Por esse motivo, simplesmente, não é possível evitar as consequências da falsa religião e autolatria. Zacarias 7.12 conta a história como se fosse o fim para os israelitas pré-exílicos e como será no fim para todos que se negam a voltar-se a Deus em fé: “Daí veio a grande ira do SENHOR dos Exércitos.” Isto trata da ira de Deus, que no fim atingirá todos aqueles que não se arrependeram, assim como os muros de Jerusalém foram destruídos e as construções incendiadas. Você pode perguntar: “Por que devo prestar atenção? Por que preciso de salvação?” A resposta é esta: Deus não irá embora, e sua ira aguarda aqueles que o rejeitam. Como a bonança do mar é interrompida por uma repentina tempestade, assim a ira de Deus vem sobre todos que não derem ouvidos aos seus chamados.

Todo cristão, tendo confiado na obra redentora de Cristo, está livre da ira de Deus, mas o princípio ainda é válido. Se você crê, não poderá rejeitar a Palavra de Deus. Não deve levantar os ombros para evitar o que a Bíblia diz sobre aspectos práticos da vida. Os cristãos podem realmente endurecer seu coração contra a Palavra de Deus. Isso acontece em relação a finanças, lazer, relacionamentos amorosos e trabalho. Mas o ensino de Zacarias mostra que as tentativas mais determinadas para escapar do governo soberano de Deus são fúteis. Deus nos salvou para a santidade, e ele é um pastor que vigiará seu rebanho até que chegue ao seu destino. Se nossa negligência obstinada de seus mandamentos exigir que ele use o cajado ou vara, então ele o fará, pois “o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe” (Hb 12.6).

Esta é a primeira advertência: a rejeição mais deliberada de Deus jamais obterá êxito. A segunda advertência está nos últimos dois versículos do capítulo: “Visto que eu clamei, e eles não me ouviram, eles também clamaram, e eu não os ouvi, diz o SENHOR dos Exércitos. Espalhei-os como um turbilhão por entre todas as nações que eles não conheceram” (Zc 7.13-14).

O povo do Antigo Testamento não deu ouvidos a Deus quando ele os chamou. Quando lhe sobrevieram as consequências, Deus fez o mesmo em resposta. Este é o juízo mais horrível – não ter Deus quando se está em necessidade. É natural que precisemos de Deus. Do mesmo modo, as pessoas hoje não querem Deus em sua vida, e estão recebendo o que pediram para si. Elas desejam viver uma vida sem Deus, portanto, não têm Deus em sua vida, não têm Salvador, nem Senhor, portanto, as consequências de seus pecados são inevitáveis, assim como Jerusalém sofreu as ameaças do cerco da Babilônia. Que Deus nos livre da insensatez de semelhante incredulidade.

O mal dos males

O famoso puritano Jeremias Burroughs escreveu um livro chamado The Evil of Evils [O mal dos males]. É com esta ideia que Zacarias 7 termina. Qual era o verdadeiro mal pelo qual o povo devia lamentar e jejuar? Era a lembrança de uma cidade devastada? Era sua peregrinação para o exílio? Era o sofrimento nas mãos dos babilônios? Esse era o tipo de coisa pelas quais aquelas pessoas lamentavam em seu jejum, por isso, depois de eliminados esses motivos, elas queriam interromper o jejum. Mas nenhuma dessas simples consequências é o verdadeiro mal dos males, sobre o qual devemos lamentar mais gravemente. Como Zacarias deixa claro, o mal que está por trás e causa todos os outros males é nosso próprio pecado. É sobre isso que devemos lamentar e prantear: não só as consequências, mas o próprio pecado.

Foi por causa do pecado que Deus se afastou de seu povo. Foi pelo pecado que o Todo-Poderoso espalhou Israel entre as nações. Foi o pecado que tornou a agradável terra uma desolação, como Zacarias 7.14 coloca, deixando-a escoriada e desolada depois da guerra e profanação. Esta é a mensagem: Que odiemos o pecado. O pecado nos destrói, consome nossos anos, corrompe nosso coração e, se não expiado pelo sangue de Cristo, condena nossa alma. Que odiemos o pecado por causa de suas consequências, sim; porém, muito mais, odiemos o pecado por causa de sua natureza maligna, porque é abominável a Deus, porque a ira de Deus está sobre ele e porque o pecado se opõe à vontade de nosso bondoso Senhor.

O que é o verdadeiro jejum, a não ser odiar o pecado, ter aversão ao mal e um lamento pelas transgressões que se colocam entre nós e Deus? Então, o

verdadeiro jejum é uma resolução de se opor ao pecado com toda força que Deus nos dá. Um excelente exemplo da história da igreja é a coleção de resoluções escritas por Jonathan Edwards como um adolescente cristão:

Resolvi nunca fazer qualquer coisa, seja na alma ou no corpo, menor ou maior, exceto o que leve à glória de Deus...

Resolvi nunca abandonar, nem sequer afrouxar, minha luta contra minhas fraquezas, mesmo que não obtenha tanto êxito.

Resolvi nunca fazer nada de que tenha receio, se pensar que estou a menos de uma hora de ouvir o toque da última trombeta.[5]

Toda a busca pelas coisas que Zacarias escreve – especialmente justiça, misericórdia e compaixão, em vez de um espírito de opressão e maldade em nosso coração (Zc 7.9-10) – está no poder do Espírito Santo por meio da fé em Jesus Cristo. Este é o verdadeiro jejum em um mundo de pecado.

A verdadeira religião também consiste do amor à resposta de Deus ao problema do pecado, o próprio Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus, que tira o nosso pecado. A verdadeira espiritualidade é uma sede para que o Espírito de Deus habite em nós por meio de sua Palavra para a novidade de vida. É isto que nos liberta completamente do pecado: o sangue de Cristo para remoção da culpa e o Espírito de Deus para vencer a força do pecado. A verdadeira religião nos motiva a perseverar contra o pecado neste mundo e servir à causa da verdade, justiça e amor à medida que Deus nos dá a oportunidade. Que Deus nos conceda tal espírito, como verdadeira religião, por sua Palavra e por meio da fé em Jesus Cristo.

1 Boice, James Montgomery. The Minor Prophets.Vol. 2. Grand Rapids: Zondervan, 1986, p. 184.

2 Lloyd-Jones, D. Martyn. Sanctified through the Truth. Wheaton, IL: Crossway, 1989, p. 85.

3 Lutero, Martinho. “The Freedom of a Christian”. In: Martin Luther’s Basic Theological Writings. Minneapolis: Fortess, 1989, p. 620.

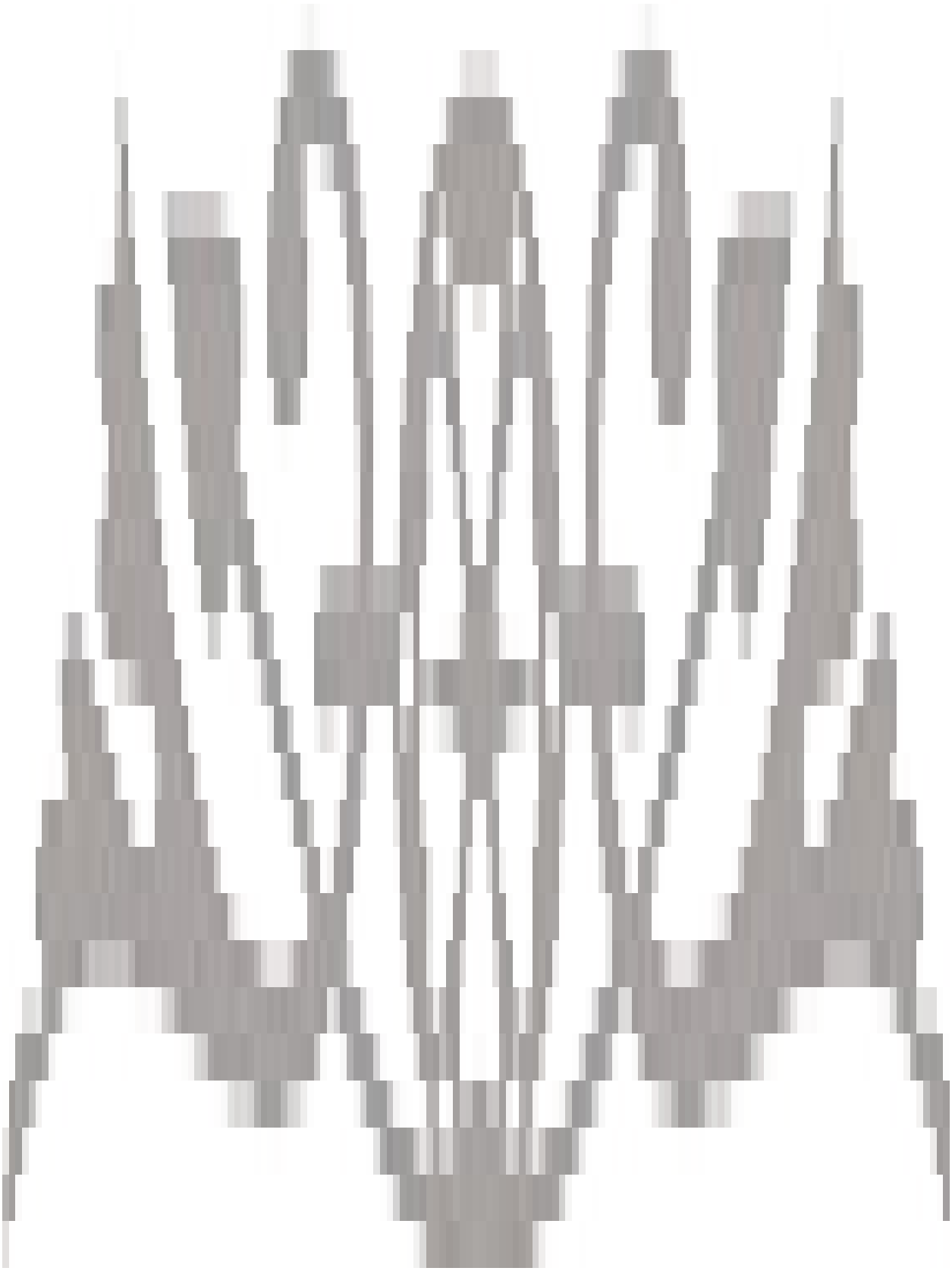
4 Barnhouse, Donald Grey. Expositions of Bible Doctrines Taking the Epistle to the Romans as a Point of Departure. Vol. 3. Grand Rapids: Eerdmans, 1959, p. 346-347.

5 Edwards, Jonathan. The Works of Jonathan Edwards. Vol. 1. Londres: Westley, 1834, p. xx-xxii.

15

UMA PROMESSA DE BÊNÇÃO

Zacarias 8.1-17



Assim diz o SENHOR: Voltarei para Sião e habitarei no meio de Jerusalém; Jerusalém chamar-se-á a cidade fiel e o monte do SENHOR dos Exércitos, o monte santo (Zc 8.3).

Os capítulos 7 e 8 de Zacarias estão intimamente ligados; juntos, fornecem a resposta do Senhor à pergunta da delegação de Betel: “Agora que o templo será reconstruído, precisamos manter o jejum?” O Senhor respondeu primeiro mostrando em que consiste a verdadeira religião. O aspecto central do capítulo 7 foi a indagação de Deus no versículo 5: “Foi para mim que jejuastes?” Deus repreendeu a religiosidade ritualista deles, porque não era motivada por amor a ele nem destinada a uma preocupação com o próximo. O capítulo 7 confronta o povo com a responsabilidade de primeiro refletir sobre Deus e o bem-estar dos outros, os quais, juntos, compõem o elemento essencial da verdadeira religião.

Mas alguém pode indagar: “Esta visão não é um tanto unilateral e tendenciosa negativamente?” Naturalmente, devemos ser motivados pelo amor ao Senhor, a aversão ao pecado e um senso de dever para com outros. Mas o Senhor não nos chama para receber bênçãos? A Bíblia muitas vezes fala a respeito da dádiva de riquezas espirituais para aqueles que se aproximam de Deus em fé. Onde está esta ênfase? A resposta se encontra em Zacarias 8, que apresenta o restante do cenário. O capítulo 7 contém a reprovação de Deus da falsa religião de Israel, enquanto o capítulo 8 traz o incentivo positivo em termos de bênçãos da verdadeira fé.

Uma promessa de bênção

Quando Zacarias lembrou ao povo o juízo de Deus em permitir a destruição de Jerusalém e o cativeiro dos israelitas sobreviventes, os israelitas podem ter muito bem se perguntado se as afeições de Deus não foram transferidas para outro lugar. Muito pelo contrário, o capítulo 8 começa com uma declaração de amor fervoroso: “Tenho grandes zelos de Sião e com grande indignação tenho zelos dela” (Zc 8.2). Esse zelo é um fervente ardor que Deus tem por seu povo. É por causa de seu amor que Deus retorna com as promessas que seguem.

Primeiro vem uma promessa do retorno de Deus à cidade: “Voltarei para Sião e habitarei no meio de Jerusalém; Jerusalém chamar-se-á a cidade fiel, e o monte do SENHOR dos Exércitos, monte santo” (Zc 8.3). Essas palavras ressoam a grande promessa dada em 1.16: “Voltei-me para Jerusalém com misericórdia; a minha casa nela será edificada, diz o SENHOR dos Exércitos, e o cordel será estendido sobre Jerusalém”. Então, a promessa do retorno de Deus inspirou a renovação do esforço para edificação do templo; agora que a obra estava em andamento, Deus volta a atenção para outras bênçãos: “Jerusalém chamar-se-á a cidade fiel, e o monte do SENHOR dos Exércitos, monte santo” (Zc 8.3).

A lição dessa promessa é que a restauração de Jerusalém será um sucesso. Deus promete que retornará ao monte do templo e que o monte será novamente chamado monte santo, porque ele estará lá. Dificilmente haverá melhor endosso da reconstrução do templo. O que foi dito em Salmos 46.5 pode ser dito novamente de Jerusalém: “Deus está no meio dela; jamais será abalada; Deus a ajudará desde antemanhã”.

Aqui vemos a relação de causa e efeito da bênção espiritual. Deus repreendeu os antepassados dos israelitas pela falta de autenticidade. Agora vemos que, ao voltar-se para eles, Deus concederá exatamente a coisa que ele deseja. Como traduz a Nova Versão Internacional, “Jerusalém será chamada Cidade da Verdade”. A presença de Deus sempre significa renovação moral e espiritual. João Calvino explica:

Deus nunca está ocioso enquanto habita em seu povo; pois ele purifica todo tipo de impureza, todo tipo de engano, para que onde ele habite seja sempre um lugar santo. Portanto, o profeta não só promete aqui bênção exterior aos israelitas, como também mostra que Deus realiza algo muito mais excelente – ele purifica o lugar onde quer habitar e a habitação que ele escolhe, e elimina todo tipo de imundície.[1]

Podemos indagar sobre como Deus opera renovação hoje. A resposta se encontra na oração de Jesus na noite de sua prisão: “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade” (Jo 17.17). Portanto, é na pregação e na fé em sua Palavra que Deus está presente. Talvez o exemplo clássico venha de Genebra no tempo de Calvino.

No início do século 16, Genebra era mal-afamada por sua imoralidade. Nada que o governo local fizesse tinha qualquer impacto, incluindo suas decisões de aderir à Reforma Protestante. Mas, como sempre acontece, mera afiliação religiosa exterior não provoca nenhum impacto sobre a situação.

Calvino chegou a Genebra em agosto de 1536 e começou a pregar a Bíblia. Depois de um início penoso, o ministério de Calvino baseado na pregação da Palavra de Deus começou a transformar a cidade. James Montgomery Boice descreve o impacto do ministério de Calvino:

Ele não tinha dinheiro, nem influência, nem armas, mas a Palavra de Deus. Mas ele pregava todos os dias com base na Bíblia e, ao fazê-lo, sob o poder de sua pregação, a cidade começou a mudar. À medida que o povo de Genebra adquiria conhecimento da Palavra de Deus e deixava que ela influenciasse sua conduta, a cidade se tornou um modelo de cidade, a partir da qual o evangelho se espalhou para o restante da Europa, Reino Unido e o Novo Mundo... Provavelmente, nunca mais houve melhor exemplo da dimensão da reforma moral e social do que a transformação de Genebra sob a liderança de João Calvino, o que foi realizado quase totalmente pela pregação da Palavra de Deus.[2]

A renovação experimentada por Genebra na esfera cívica também ocorre na vida dos indivíduos, pelo poder da Palavra de Deus.

Uma segunda promessa de bênção fala de prosperidade e paz: “Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Ainda nas praças de Jerusalém se assentarão velhos e velhas, levando cada um na mão o seu arrimo, por causa da sua muita idade. As praças da cidade se encherão de meninos e meninas, que nelas brincarão” (Zc 8.4-5). Esta bênção não seria possível sem paz e prosperidade. Certamente, naquele tempo Jerusalém não era um lugar para onde se levassem crianças nem onde se encontrassem idosos, por isso esta descrição é mais um retrato encantador da bênção prometida. Isto também é um resultado do retorno de Deus: primeiro, há verdade e santidade; em seguida, vêm paz e prosperidade, quando até o idoso e as crianças poderão se alegrar.

A terceira promessa prediz a reocupação da cidade com pessoas vindas do Oriente e do Ocidente: “Eis que salvarei o meu povo, tirando-o da terra do

Oriente e da terra do Ocidente; eu os trarei, e habitarão em Jerusalém", diz o SENHOR (Zc 8.7-8). A cidade foi desocupada depois que o Senhor a abandonou; com seu retorno, as pessoas viriam para adorá-lo ali novamente.

Esse padrão de bênção descreve como a igreja é construída hoje. Muitos cristãos medem o sucesso simplesmente em termos de bênção final – a reunião de muitas pessoas. Mas a verdadeira e duradoura bênção começa com a presença de Deus na igreja. É por isso que nossa prioridade sempre deve ser adorá-lo corretamente e ensinar fielmente sua palavra. O resultado será prosperidade e paz, de modo que o povo de Deus cresça em fé e desfrute de uma comunidade acolhedora. Quando, e somente quando, essas duas bênçãos forem desfrutadas é que o crescimento numérico será verdadeira bênção; o projeto da Bíblia para o verdadeiro sucesso da igreja começa com um foco em Deus, o gozo de prosperidade espiritual e, finalmente, o ajuntamento por Deus do povo para formar uma congregação.

Foi isto que ocorreu na antiga Jerusalém. As promessas de Deus garantiam o sucesso da empreitada dos judeus de reconstruir a cidade de Deus. Eles construíam o templo, mas seria isso em vão? Não, pois Deus haveria de habitar ali. Sua vinda teria o efeito de purificar e transformar a cidade, produzir paz e prosperidade, e Deus reuniria muitos do Oriente e do Ocidente para acrescentar ao número de pessoas de sua cidade. O Senhor conclui tudo isso com a importante promessa da aliança, que consistia em nada mais do que renovar o relacionamento com o povo: "Eles serão meu povo", ele declara, "e eu serei seu Deus, em verdade e em justiça" (Zc 8.8). Calvino escreve: "Toda a esperança do povo dependia desta única coisa, que Deus se lembrasse da aliança que fizera com eles".[3] A aliança tinha sido quebrada, e o povo no exílio tinha boas razões para achar que tinha sido abandonado por Deus. Mas essa importante promessa lhes garante o compromisso de Deus com a renovação, que fazia toda a diferença. À luz disso, o povo não deve se preocupar em abrir mão de uma refeição ocasional, mas deve se oferecer alegremente ao Senhor.

Quando se cumpre

Estas promessas são maravilhosas, então, naturalmente, surge a pergunta sobre quando e em que sentido elas se cumprem. As promessas mostram que a restauração será um sucesso. A religião dos pais será restabelecida, e a cidade e a

nação serão imensamente expandidas. Períodos de grandes bênçãos foram realmente alcançados nos anos subsequentes. Depois do período de Zacarias, Neemias liderou os esforços da reconstrução dos muros de Jerusalém, garantindo paz e prosperidade. Nos séculos que antecederam o nascimento de Cristo, a sociedade judaica passou por um reavivamento em Jerusalém. Contudo, temos de admitir que nada semelhante ao retrato desses versículos jamais se cumpriu plenamente. O próprio Zacarias, longe de chegar à idade avançada em uma cidade onde prevalecesse a verdade, foi assassinado no monte do templo que, em vez de preservar sua santidade, foi profanado. Como e quando, portanto, vemos essas promessas sendo cumpridas?

Dentre aqueles que levam a sério as promessas da Bíblia, há duas respostas para essa pergunta. Os dispensacionalistas, aqueles que acreditam que o Israel do Antigo Testamento não se cumpre na igreja do Novo Testamento, argumentam que essas promessas devem ser literalmente cumpridas no futuro, seja por meio da restauração dos judeus ainda por vir ou depois do retorno de Cristo quando, conforme creem, Cristo reinará sobre a terra por mil anos literais. Teólogos do pacto, por outro lado, afirmam que o Israel do Antigo Testamento encontra seu cumprimento na igreja do Novo Testamento. Há abundante apoio bíblico para essa visão, como a referência de Paulo à igreja como “Israel de Deus” (Gl 6.16) e seu ensino de que os cristãos foram enxertados na oliveira de Israel (Rm 11.17). De acordo com a teologia do pacto, as promessas de Zacarias referem-se à igreja de Cristo. Elas se cumprem espiritualmente na era da graça por meio daqueles que pertencem à igreja. A igreja é o verdadeiro templo no qual Deus mantém sua promessa de vir e habitar por meio de seu Espírito; é na igreja que Deus promove prosperidade espiritual e é para a igreja que mesmo agora ele arrebanha as nações. O cumprimento final das promessas de Deus ocorrerá no retorno de Cristo, quando reunirá todo seu povo no templo eterno de Deus.

A visão da Jerusalém futura que vimos no capítulo 2 apoia a visão de que essas promessas se cumprem na igreja. Aquela visão mostrava Jerusalém como uma cidade sem muros, com Deus presente como sua glória e com um muro de fogo em redor, dentro da qual “naquele dia, muitas nações se ajuntarão ao SENHOR e serão meu povo” (2.11). É difícil vislumbrar tudo isso em termos da cidade terrena de Jerusalém, mas esta visão se enquadra muito bem no retrato da igreja no Novo Testamento, a qual é frequentemente descrita no Novo Testamento como a Jerusalém verdadeira e espiritual (veja Gl 4.25-26; Hb 12.22).

A questão não é que a geração de judeus da época de Zacarias estivesse

envolvida em algo meramente simbólico. Longe disso; eles estavam envolvidos na própria obra que conduz, por intermédio da igreja, à cidade eterna celestial. Deus declara aqui sua intenção final, para a qual aqueles judeus se esforçaram na história da redenção. Há uma linha direta entre o que Zacarias e seus companheiros fizeram pela fé, a continuação da religião do Antigo Testamento no tempo de Cristo, o cumprimento, em Jesus, daquela dispensação e suas obrigações e, por meio dele, a era presente da reunião dos povos em sua igreja, até, certamente, nossa habitação gloriosa com Deus no céu. Aqui, todos nós nos unimos naquela mesma obra até o fim dos tempos, quando a cidade de Deus resplandecerá como o resplendor do céu. No momento crucial da história do tempo de Zacarias, Deus veio a Jerusalém para renovar sua aliança e, em decorrência da fiel resposta do povo a Deus, essas promessas ainda se realizarão no cumprimento glorioso.

Razões para crer

Zacarias 8.1-5 oferece maravilhosas promessas de bênçãos, mas as promessas de Deus sempre demandam resposta em fé. Esta é a ideia do versículo 6, em que Deus desafia o povo de Jerusalém a crer nessas extravagantes pretensões: “Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Se isto for maravilhoso aos olhos do restante deste povo naqueles dias, será também maravilhoso aos meus olhos? – diz o SENHOR dos Exércitos”. Em meio a essas promessas de bênçãos vem o desafio de confiar em Deus crendo em sua Palavra.

É difícil acreditarmos nas promessas de Deus, porque elas envolvem muito mais do que se pode alcançar naturalmente. Outro exemplo disso vem de Atos 12, quando o apóstolo Pedro foi preso e aguardava execução. Seus amigos se reuniram a noite toda em oração, suplicando ao Senhor que poupasse a vida de Pedro. Deus enviou seu anjo para libertá-lo, então, o apóstolo saiu da prisão e foi justamente para a casa onde o povo estava orando. É nesse ponto que a história tem uma ironia, pois, quando Pedro bateu à porta, as pessoas não queriam interromper a oração. Se tivessem realmente crido que Deus responderia suas orações, estariam aguardando a batida à porta. Finalmente, enviaram uma criada, Rode, para atender à porta. Reconhecendo que era Pedro, ela voltou para dentro, deixando-o aguardando lá fora. Ao ouvir o relato dela, os que estavam orando a repreenderam: “Estás louca”, disseram, e, finalmente, decidiram que era o anjo de Pedro. Cansado de esperar lá fora, Pedro bateu novamente. Atos 12.16 diz

que quando eles finalmente o viram, “ficaram atônitos”. Isso mostra como é difícil realmente crermos no que professamos a respeito de Deus.

Este é o tipo de incredulidade que Deus desafia em Zacarias 8.6. Ele havia feito promessas maravilhosas e reconhece que elas podem parecer incríveis – isto é, impossíveis – aos israelitas, mas só se estiverem pensando em padrões humanos. Se eles apenas refletissem sobre o que Deus é capaz de fazer, em vez de pensarem apenas no que o homem é capaz de fazer, estariam ávidos por crer. Realmente, parece que o Senhor antevê a tentação da incredulidade, porque os versículos seguintes oferecem diversas razões para crer.

Há três razões em destaque, começando com a frase repetida várias vezes no capítulo, como um toque rítmico constante anunciando cada nova promessa de bênção: “Assim diz o SENHOR dos Exércitos”. Esse título indica a ordem soberana de Deus às hostes celestiais. Podemos nos perguntar por que esta frase ocorre repetidamente: “Assim diz o Senhor dos Exércitos... Assim diz o Senhor dos Exércitos”. Certamente, a expressão visa a fortalecer nossa fé. É como se o profeta estivesse dizendo: “Antes de ouvir esta próxima promessa – uma promessa que você dificilmente achará possível – deixe-me lembrá-lo de que é o Senhor soberano, o Senhor dos Exércitos, quem está falando”.

A Palavra de Deus é sustentada por sua força soberana, um aspecto particularmente explicitado pelo profeta Jeremias. Ele orou: “Ah! SENHOR Deus, eis que fizeste os céus e a terra com o teu grande poder e com o teu braço estendido; coisa alguma te é demasiadamente maravilhosa” (Jr 32.17). Deus responde a Jeremias concordando com essa declaração: “Eis que eu sou o SENHOR, o Deus de todos os viventes; acaso, haveria coisa demasiadamente maravilhosa para mim?” (Jr 32.27). A resposta é que nada é impossível para Deus, o problema é que nós imaginamos o que é possível de acordo com os homens e não de acordo com Deus. Esta é a razão de crer: Deus não é como nós e nada lhe é impossível. Ele é o Senhor poderoso e o que ele promete ele realiza.

Uma vez que entendamos isso, as promessas de Deus se tornam grande fonte de fé e esperança. Essas promessas proveem uma segunda razão para crer. A promessa de um rei inspira homens a feitos ambiciosos; quanto mais deve a promessa de Deus inspirar maior ousadia em seu povo! Jeremiah Burroughs escreve:

Os santos de Deus têm interesse em todas as promessas que foram feitas aos nossos antepassados, desde o princípio do mundo elas são sua herança e passam de uma geração à outra... Toda vez que um fiel lê as Escrituras (lembre-se disso quando você estiver lendo as Escrituras) e encontra uma promessa, ele deve colocar a mão sobre ela e dizer: Isto faz parte de minha herança, pertence a mim, e devo viver disso.[4]

Certamente, este é o efeito que as promessas de Deus devem ter tido sobre o povo de Jerusalém, mas, para eles, Deus deu uma terceira razão para confiar: "Eu serei o seu Deus, em verdade e em justiça" (Zc 8.8). Deus estava renovando sua aliança com o povo. Normalmente isso se expressa simplesmente: "Eles serão o meu povo e eu serei o seu Deus". Mas aqui o Senhor acrescenta que ele lhes será fiel e justo. Certamente, isso visa a fornecer uma razão para crer e confiar. Deus é sempre fiel; é de sua própria natureza ser fiel à sua Palavra. O mesmo ocorre em relação à sua justiça. Deus sempre será absolvido em seu próprio tribunal, portanto, podemos ter confiança nele. O salmista diz: "Para sempre, ó SENHOR, está firmada a tua palavra no céu. A tua fidelidade estende-se de geração em geração; fundaste a terra, e ela permanece" (Sl 119.89-90). "Justiça e direito são o fundamento do teu trono; graça e verdade te precedem" (Sl 89.14). Esta também é a mensagem de um dos nossos grandes hinos:

Tu és fiel, Senhor, ó Pai celeste,

Teus filhos sabem que não falharás!

Nunca mudaste, tu nunca falhaste,

Tal como eras tu sempre serás.[5]

Estas são razões convincentes para crermos. Deus é soberano e todo-poderoso, capaz de fazer tudo o que promete. Deus fez grandes promessas a nós em sua Palavra. E essas promessas são seladas pela fidelidade de sua natureza e a necessidade de ele ser justo em tudo o que faz. Observe que todas essas razões estão relacionadas ao caráter de Deus. Fé sólida não se encontra olhando para si

mesma, mas olhando para ele e encontrando ali um Deus em quem podemos confiar, cujas promessas devem ser preciosas para todo aquele que crê.

Motivação para servir

Há um contraste entre as reprovações do capítulo 7 e as promessas do capítulo 8, mas ambas servem ao mesmo propósito. O capítulo 7 define a verdadeira religião como justiça, misericórdia e compaixão, e em 8.16-17 encontramos a mesma ênfase: “Eis as coisas que deveis fazer: Falai a verdade cada um com o seu próximo, executai juízo nas vossas portas, segundo a verdade, em favor da paz; nenhum de vós pense mal no seu coração contra o seu próximo, nem ame o juramento falso, porque a todas estas coisas eu aborreço, diz o SENHOR”. Novamente, descobrimos que a verdadeira religião é encontrada em fidelidade, tendo como padrão para nossa vida a verdade e o amor.

Além disso, entretanto, o Senhor chama para outro aspecto da verdadeira espiritualidade, a saber, serviço para o avanço de seu reino. Nos nossos dias, isso significa ajudar a estabelecer igrejas e, principalmente, apoiar seu testemunho evangelístico no mundo. Naqueles dias, significava reconstruir o templo de Jerusalém. Vemos isso nos versículos 9-11, que exortam o povo de Deus a dar continuidade àquele projeto. Isso nos faz lembrar de que a graça de Deus nunca implica indolência. Longe de nos tornarmos indolentes porque Deus prometeu sucesso, o Senhor exorta: “Sejam fortes as mãos de todos... para que o templo fosse edificado” (Zc 8.9).

Se olharmos de volta para a pergunta inicial que provocou a resposta dos capítulos 7 e 8, entenderemos o que este versículo quer dizer. Uma delegação veio de Betel perguntando se podiam encerrar o jejum visto que o templo estava sendo construído. O Senhor, primeiro, responde com uma repreensão por sua prática religiosa exterior não sincera. “Quando jejuastes e pranteastes... foi para mim?”, indaga Deus (Zc 7.5). A verdadeira religião, ele enfatizou, é dirigida a Deus de todo coração. Mas agora, no capítulo 8, depois dessas maravilhosas promessas de bênção, ele oferece incentivo para acompanhar aquela repreensão. O que é verdadeira religião? É um desejo de servir a Deus na confiança de sua promessa de abençoar. A verdadeira religião é motivada pela devoção a Deus, sim, mas também por um desejo de cumprir sua salvação.

Muitos cristãos sentem que sua fé é superficial, se são motivados por um desejo de recompensas no céu. Alguns lamentam, “Se eu não acreditasse no céu e no inferno, não tenho certeza se iria querer servir a Deus”. Mas, longe de considerá-lo falsa motivação, este é um dos motivos que a Bíblia aprova. Em 2Coríntios 5.10, Paulo lembra aos cristãos que suas obras terrenas serão apresentadas a Cristo a fim de obterem a recompensa devida. Sabendo disso, ele observa: “Nos esforçamos... para lhe sermos agradáveis” (2Co 5.9).

A Bíblia nunca condena um desejo por bênção espiritual. Voltar-se a Deus em busca de bênçãos simplesmente significa levar a sua Palavra a sério, reconhecendo que ele é o Senhor Todo-Poderoso e que ele, não os ídolos do mundo, é a fonte de salvação. Isto é que é fé salvadora. O salmo 34.8 declara: “Provai e vede que o SENHOR é bom; bem-aventurado o homem que nele se refugia”. Esta é uma expressão elevada, não de pequena monta, de um relacionamento confiante com Deus.

Esta motivação é exatamente a mesma que encontramos em Zacarias 8.9-11. Primeiro, o Senhor relembra o tempo antes de a obra do templo ter iniciado: “Antes daqueles dias, não havia salário para homens, nem os animais lhes davam ganho” (Zc 8.10). Como contemporâneo de Zacarias, o profeta Ageu revela que o motivo pelo qual o povo não prosperava naqueles dias era que eles não estavam interessados na casa de Deus, o templo. Deus retinha o seu favor, por isso aqueles dias foram caracterizados por uma crise econômica, ameaça externa e conflitos internos. “Por quê?”, pergunta Ageu. O Senhor responde: “Por causa da minha casa, que permanece em ruínas, ao passo que cada um de vós corre por causa de sua própria casa” (Ag 1.9). Isso ensina o princípio de que a desobediência causa o desagrado de Deus. Sabendo disso, devemos ser motivados a servi-lo fielmente.

Em seguida, Zacarias lembra ao povo as bênçãos que Deus pretende conceder-lhe: “Haverá sementeira de paz; a vide dará o seu fruto, a terra, a sua novidade, e os céus, o seu orvalho... assim como fostes maldição entre as nações, assim vos salvarei, e sereis bênção” (8.12-13). Esta é a salvação pela graça; tudo o que lemos aqui diz respeito à iniciativa graciosa de Deus. Mas é também verdadeira fé, pois Deus espera claramente uma resposta obediente e confiante.

Por isso, ele diz: “Não temais, e sejam fortes as vossas mãos” (Zc 8.13). Este é um chamado ao serviço fiel e corajoso ao Senhor, sempre baseado nas promessas de Deus (veja 1Sm 23.16-17). É a graça que produz fé; as promessas de Deus

eliminam nosso medo e fortalecem nossa determinação. Certamente teremos provações, mas, como o salmo 34.19 diz, “muitas são as aflições do justo, mas o SENHOR de todas o livra”. Aqui está um grande incentivo à fé obediente e verdadeira, isto é, à verdadeira religião que agrada a Deus. Refletindo a exortação de Zacarias 7, Deus diz: “Falai a verdade com o seu próximo; executai juízo nas vossas portas, segundo a verdade, em favor da paz; nenhum de vós pense mal no seu coração contra o seu próximo, nem ame o juramento falso, porque a todas estas coisas eu aborreço, diz o SENHOR” (Zc 8.16-17). Desse modo, Deus chama docilmente, com o conhecimento de suas bênçãos, em prosperidade e na necessidade, a todos os que o buscam e anseiam por fazer a sua vontade.

Os que buscam bênçãos

Toda esta conversa sobre buscar bênçãos pode suscitar preocupação de alguns por parecer narcisismo egocêntrico que simplesmente deseja receber e não dar. Nossa resposta é que a verdadeira religião envolve um relacionamento genuíno que envolve tanto dar quanto receber. O próprio Deus se entrega em favor de seu povo e recebe nosso amor em troca; entregamos nosso coração a Deus e recebemos dele vida eterna: “Eles serão o meu povo”, diz o Senhor, “e eu serei o seu Deus, em verdade e em justiça” (Zc 8.8).

Os cristãos não condenam o amor próprio, mas objetam ao culto a si mesmo, o que, no fim, é autodestrutivo. Praticamos a autonegação nesta vida não porque desejamos ser miseráveis, mas porque estamos nos preparando para a vida futura. Abraçamos a luta contra a carne, o mundo e o diabo, considerando, com Paulo, que “os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós” (Rm 8.18). C. S. Lewis estava certo quando disse que o problema com a maioria das pessoas hoje é que almejam grandes coisas, porém, conformam-se com muito pouco. O ser humano foi criado para desfrutar da glória de Deus e, quando esse conceito é corretamente compreendido, os cristãos são os maiores almejantes de glória. Ansiamos pelo peso da glória que aguarda os redimidos em Cristo e, se não pertencemos a este mundo, é porque nossa cidadania é do céu (Fp 3.20).

Por isso somos cristãos e servimos ao Senhor porque estamos em busca de bênçãos? Absolutamente! Buscamos a maior bênção imaginável: a bênção de

conhecer a Deus, andar em seu caminho e encontrar seu prazer por meio de Jesus Cristo, seu Filho e nosso Salvador. E buscamos a bênção de edificar a cidade de Deus e habitar nela, a igreja, como os fiéis construtores de Jerusalém de tanto tempo atrás, glorificando por sabermos que servimos a um rei cujo nome está acima de todo nome e cujo reino não terá fim.

1 Calvino, João. The Minor Prophets. Vol. 5. Edimburgo: Banner of Truth, 1986, p. 194.

2 Boice, James Montgomery. Romans. Vol. 4. Grand Rapids: Baker, 1995, p. 1859.

3 Calvino. Minor Prophets. Vol. 5, p. 200.

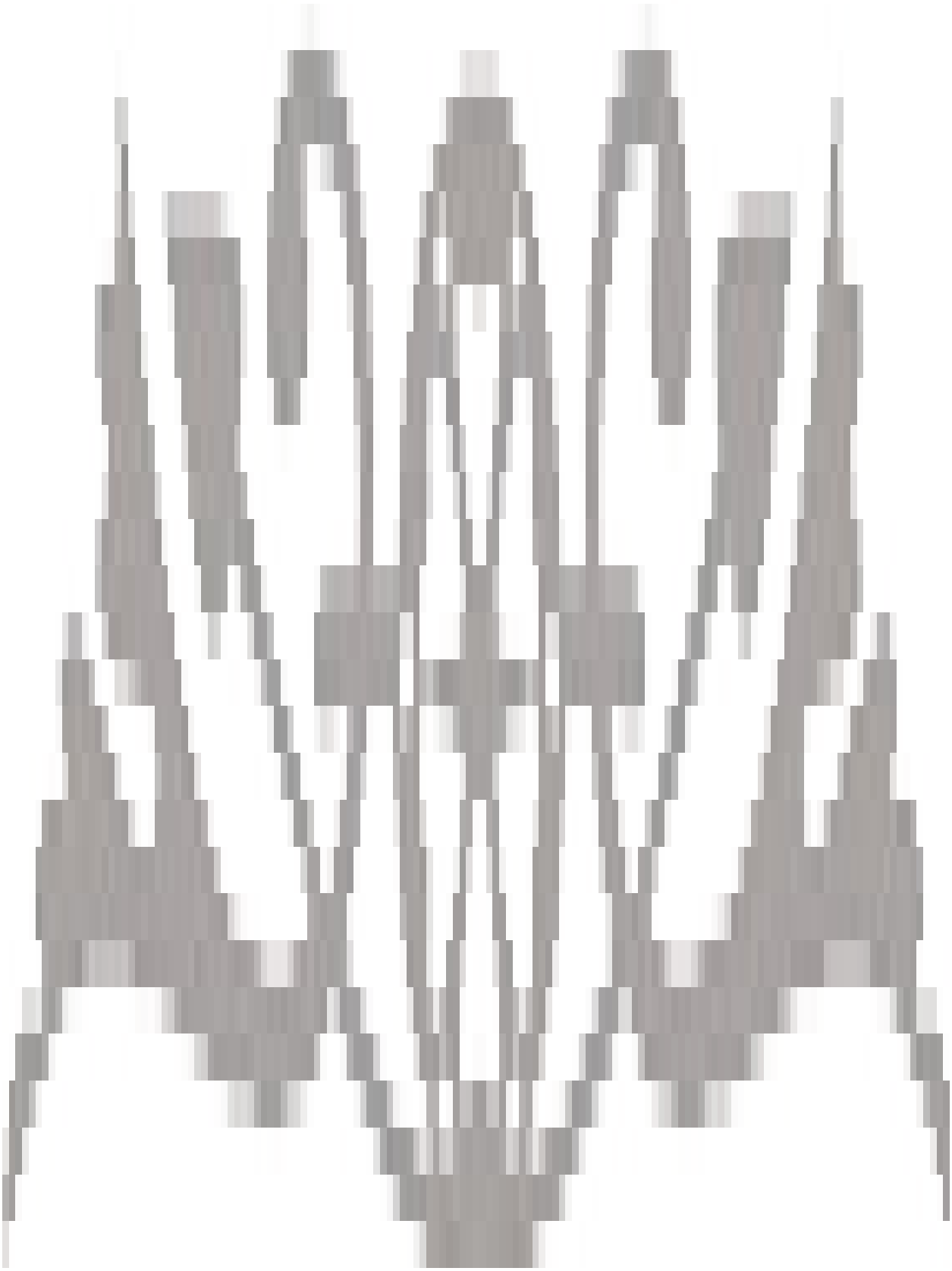
4 Burroughs, Jeremiah. The Rare Jewel of Christian Contentment. Edimburgo: Banner of Truth, 1964, p. 82-83.

5 Chisholm, Thomas O. “Great Is Thy Faithfulness”, 1923. Trad. L. Bueno e Hope G. Silva.

16

DO JEJUM À FESTA

Zacarias 8.18-23



Assim diz o SENHOR dos Exércitos: O jejum do quarto mês, e o do quinto, e o do sétimo, e o do décimo serão para a casa de Judá regozijo, alegria e festividades solenes; amai, pois, a verdade e a paz (Zc 8.19).

Uma das cenas mais marcantes nos Evangelhos encontra-se em João 4, quando Jesus conversa com uma mulher samaritana ao lado de um poço. A conversa deles apresenta três pontos que correspondem diretamente às palavras finais da resposta de Deus à delegação de Betel, em Zacarias 8.18-23. Primeiro, Jesus fala àquela mulher sobre a transformação espiritual que ele veio trazer e a oferece "uma fonte a jorrar para a vida eterna" (Jo 4.14). Segundo, Jesus se refere a uma nova era inaugurada por sua vinda, em que essa transformação se passaria. "Eu sei... que há de vir o Messias", diz ela. Jesus responde: "Eu o sou, que falo contigo" (Jo 4.25-26). O terceiro ponto é enfatizado na notável conclusão de João 4, depois de a mulher experimentar aquela transformação e se converter. Voltando à sua aldeia, ela espalha a notícia sobre aquele homem com quem ela se encontrou. O resultado foi que uma aldeia inteira de gentios samaritanos encontrou a fé salvadora em Cristo. Sua resposta a Jesus marca o início do cumprimento da profecia de Zacarias de que as nações virão "buscar em Jerusalém ao S ENHOR dos Exércitos" por meio de um salvador judeu (Zc 8.22-23). Os samaritanos exclamaram sobre Jesus: "Sabemos que este é verdadeiramente o Salvador do mundo" (Jo 4.42).

Em todo o nosso estudo de Zacarias, observamos que este livro profético está fortemente dirigido à vinda de Jesus Cristo. À medida que o profeta conclui a resposta do Senhor à delegação de Betel, ele fala de um avivamento da vida espiritual do povo de Deus – o jejum sendo transformado em festa – na era vindoura, de modo que a igreja cumpra sua missão final: reunir as multidões das nações a Deus para adorá-lo e serem salvas. Em Zacarias 8.18-23, o profeta antevê uma salvação gloriosa, salvação que não se limita aos judeus, mas se estende a todo o mundo.

Do jejum à festa

Em Zacarias 7.3, lemos a pergunta feita pela delegação de Betel: “Continuaremos nós a chorar, com jejum, no quinto mês, como temos feito por tantos anos?” A resposta mais direta a essa pergunta está nos versículos 18 e 19 do capítulo 8, mas mesmo ali dificilmente consideraríamos uma resposta direta. Alguns dizem que nunca conseguimos ouvir uma resposta direta de políticos; seja o que for que você perguntar, a resposta sempre virá com uma mensagem criptografada. De qualquer modo, a situação é pior com os profetas. Em vez de uma resposta clara, o profeta mostra um panorama teológico e escatológico.

Um profeta não é um administrador. Ele não responde com uma solução meramente processual, mas com uma grande visão da salvação. A tarefa de um profeta era predizer e “prenunciar”. Ele anunciou grande esperança para o povo de Deus; aquilo que Deus planejou para tempos distantes, o profeta traz para perto daqueles que anseiam por esse tempo. Ele também “prenunciou” as expectativas divinas para a comunidade da aliança, expondo os mandamentos de Deus para a conduta presente da comunidade. Neste sentido, os profetas do Antigo Testamento oferecem um modelo muito útil para os pregadores de hoje, cujo chamado principal não é fazer pronunciamentos sobre as questões de interesse social, mas proclamar o evangelho e fornecer instrução bíblica com respeito à vida em fidelidade. É neste sentido, tanto como predição quanto prenúncio, que Zacarias responde à pergunta sobre o jejum: “Assim diz o SENHOR dos Exércitos: o jejum do quarto mês, e o do quinto, e o do sétimo mês e o do décimo serão para a casa de Judá regozijo, alegria e festividades solenes; amai, pois, a verdade e a paz” (Zc 8.19).

Devemos entender este anúncio como nada menos que uma promessa antecipada do evangelho, que Deus fará com que o jejum seja substituído por festa. Esta é a natureza da nova aliança, com seu poder transformador articulado, por exemplo, nas importantes afirmações de Jesus chamadas bem-aventuranças: “Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados... Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos” (Mt 5.3-6). É isso que Deus promete a Jerusalém por meio dos profetas. Como expressa uma autora, “Deus vem transformar o desespero de Jerusalém em prazer, o sofrimento em júbilo, a miséria em abundância, a desolação em restauração, o abandono em presença permanente de Deus entre eles”.[1]

Zacarias está falando de um tempo ainda por vir, o qual o Novo Testamento associa à vinda de Cristo. Nosso Senhor tratou dessa questão abertamente,

nesses mesmos termos, no início de seu ministério:

Ora, os discípulos de João e os fariseus estavam jejuando. Vieram alguns e lhe perguntaram: Por que motivo jejuam os discípulos de João e os dos fariseus, mas os teus discípulos não jejuam? Respondeu-lhes Jesus: Podem, porventura, jejuar os convidados para o casamento, enquanto o noivo está com eles? Durante o tempo em que estiver presente o noivo, não podem jejuar. Dias virão, contudo, em que lhes será tirado o noivo; e, nesse tempo, jejuarão (Mc 2.18-20).

João Batista representa a antiga aliança na melhor forma, e ele possuía um ministério de jejum – arrependimento, lamentação pelos pecados e anseio pelo Salvador. A Bíblia aprova o jejum como meio de preparo espiritual para as bênçãos que aguardamos de Deus. Hoje vemos uma renovação do interesse pelo jejum, mas muito disso reflete a atitude da delegação de Betel, a qual foi repreendida por sua confiança externa nos métodos. Algumas pessoas hoje tratam semelhantemente o jejum como outro modo de obter o que desejam de Deus. O verdadeiro jejum visa não ao nosso próprio benefício, mas o de Deus, como expressão de um coração quebrantado pelo pecado ou de lamento pelas tristezas e sofrimentos do mundo. Era isso que dominava o ministério de João Batista: lamento pelo pecado e pela miséria do pecado resultante da devoção a Deus.

Jesus introduz a realidade da nova aliança, a de festa, não de jejum, de consolo para os que choram e de júbilo para quem está abatido. Ainda há pranto na era da nova aliança, mas a resposta ao pranto está acessível. Há enfermidade em consequência do pecado, mas há livramento, redenção e perdão tão próximos quanto a mensagem do evangelho. “Podem, porventura, jejuar os convidados para o casamento, enquanto o noivo está com eles?”, pergunta Jesus com respeito a si mesmo (Mt 9.15).

Esse movimento da realidade da antiga aliança para a da nova aliança é recapitulado na experiência cristã de conversão. É impossível ser salvo sem lamentar o pecado, sem o tipo de tristeza que esses jejuns representam. Sem a má notícia do juízo de Deus contra o pecado, em geral, e contra nossos pecados pessoais, especificamente, a boa-nova de Cristo simplesmente não faz sentido. É

por isso que muitas pessoas hoje têm pouco apreço pela cruz e pela ideia de expiação vicária – elas não têm nenhuma consciência de seu próprio pecado, não temem o juízo e negam a ideia da ira de Deus. Por isso, não têm motivo para prantear nem jejuar por sua alma.

Por essa mesma razão, muitos hoje não sabem nada sobre a verdadeira festa à qual se entra por meio da fé salvadora. Deixe-me colocar explicitamente: se você não tem nenhum conhecimento do temor de Deus e sua ira, sobre a aversão de si mesmo como um vil pecador e se você não sente o peso da culpa de seus pecados, inevitavelmente você achará que o cristianismo é algo superficial, talvez algo interessante, mas sem grande importância quando comparado às questões mais imediatas da vida moderna. Mas se você teve consciência de certo pavor por seu pecado, um desespero pela falta de retidão diante de Deus e se você já se quebrantou como Davi no salmo 32 – "envelheceram os meus ossos pelos meus constantes gemidos todo o dia. Porque a tua mão pesava dia e noite sobre mim, e o meu vigor se tornou em sequidão de estio" (Sl 32.3-4) – então, você também sabe da pura alegria das palavras que iniciam o salmo: "Bem-aventurado aquele cuja iniquidade é perdoada, cujo pecado é coberto. Bem-aventurado o homem a quem o SENHOR não atribui iniquidade" (Sl 32.1-2). J. C. Ryle observa:

Um sentimento de pecado, culpa e pobreza da alma é a primeira pedra colocada pelo Espírito Santo, quando ele edifica o templo espiritual. Ele convence do pecado... Não é quando começamos a nos sentir bem, mas quando nos sentimos mal é que damos o primeiro passo para o céu... Compreender nossa necessidade espiritual, sentindo verdadeira sede espiritual, é, no Cristianismo, o ABC da salvação.[2]

Todo verdadeiro cristão sabe o que significa ir do jejum da convicção de pecado para a festa da salvação mediante a fé em Cristo.

Regozijo pela ressurreição

Esta festa é o que a ressurreição de Cristo proclama. Jesus disse que ninguém pode jejuar enquanto ele estiver presente, mas, depois, ele acrescentou: “Dias virão, contudo, em que lhes será tirado o noivo; e, nesse tempo, jejuarão” (Mc 2.20). Os estudiosos discutem sobre o significado desta declaração. Jesus estava se referindo aos séculos entre sua primeira vinda e a segunda vinda, de modo que na era presente pranteamos a sua ausência? Ou ele se referia aos três dias entre sua morte e a ressurreição do túmulo? A resposta mais correta é a última, de que a morte de Jesus provocou o maior pranto – até o céu chorou, o firmamento escureceu e as rochas clamaram – mas sua ressurreição pelo poder de Deus fez o sol brilhar novamente. Por sua ressurreição Jesus não está mais longe de nós, mas, ao subir ao céu, ele está conosco por meio do Espírito Santo e nós, portanto, regozijamos. O cristianismo, em comparação aos jejuns sobre os quais lemos aqui, é uma religião de grande alegria e festa espiritual em Cristo.

É por isso que a Páscoa é a mais festiva de todas as celebrações cristãs. A Páscoa proclama que nossa grande tristeza foi transformada em júbilo por meio da ressurreição de Cristo. O que aconteceu com nosso pecado, sobre o qual tanto lamentamos? Foi tirado por meio da cruz, e, à luz do túmulo aberto, recebemos novas vestes de justiça. Como Paulo escreve, “[Jesus] foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação” (Rm 4.25). O que dizer a respeito da morte, que certamente é a maior fonte de tristeza do homem? Mas na ressurreição que Cristo adquiriu e nos oferece, nossas lágrimas se transformaram em riso. Não que não tenhamos mais lágrimas, mas elas são transformadas pela luz de seu túmulo aberto. Portanto, lemos nas Escrituras: “Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?” (1Co 15.54-55). Este é o poder que nos pertence em Cristo, porque ele morreu por nós, mas, além disso, porque ele ressuscitou por nós para novidade de vida. O jejum se transformou em festa, e nosso pranto recebe sua resposta de alegria.

É exatamente isso que encontramos nos relatos dos Evangelhos. Pense nas mulheres que foram ao túmulo de Jesus com tristeza naquele primeiro domingo da ressurreição. Em vez de um túmulo lacrado, encontraram um anjo de Deus. Ele lhes disse: “Não temais; porque sei que buscais Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito. Vinde ver onde ele jazia. Ide, pois, depressa e dizei aos seus discípulos que ele ressuscitou dos mortos” (Mt 28.5-7). O que é, então, que lemos imediatamente a respeito daquelas mulheres? “E, retirando-se elas apressadamente do sepulcro, tomadas de medo e de grande alegria, correram” (v. 8). É disso que consiste o cristianismo: jejuns

transformados em festas. Vemos a mesma coisa com os discípulos. Depois de serem dispersos como que derrotados, tendo perdido toda alegria e esperança diante da morte de Cristo, são totalmente transformados. Esses homens enfraquecidos e amedrontados revelam uma pregação com toda intrepidez diante dos mesmos líderes que crucificaram Jesus. A que isso se deve a não ser ao poder do Cristo ressurreto? O jejum da derrota na sexta-feira da paixão foi transformado pelo domingo de ressurreição na festa de Pentecostes. É a ressurreição de Jesus que transformou e transforma todas as coisas.

O cristianismo ainda consiste disso: jejum transformado em festa. Observe como Zacarias expressa isso, não que os jejuns fossem simplesmente abolidos, mas que fossem "tempos de regozijo, alegria e festividades solenes" (Zc 8.19). Em vez de lamentar aqueles dias do quarto, quinto, sétimo e décimo mês – todos os quais se referiam aos incidentes da conquista e queda de Jerusalém – os judeus vão recordá-los com gratidão. Eles dirão: "Foi bom o Senhor ter nos afligido, pois ele estava nos protegendo contra o pecado para si mesmo". Thomas McComiskey diz acertadamente: "Eles se regozijarão em seu cativeiro... Eles verão o cativeiro dos dois reinos não como golpes cruéis de um Deus indiferente, mas como a disciplina de um Deus bondoso, zangado por seu povo trocar o tesouro de seu amor pela inutilidade dos ídolos pagãos e ganho injusto".[3] É isso que encontramos na nossa experiência cristã. Muitos cristãos acabam louvando a Deus por uma grande aflição em sua vida, porque veem nela a disciplina paterna de Deus trazendo-os de volta para si mesmo. Eles são gratos por suas provações que os conduzem de volta para o Senhor.

Portanto, o cristianismo é uma religião caracterizada pela alegria. Sim, temos provações e tristezas e derramamos verdadeiras lágrimas. Mas há uma resposta para nossas aflições e, por causa dessa resposta, uma alegria espiritual transforma todas as nossas tristezas. É por isso que o apóstolo podia ordenar: "Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos" (Fp 4.4). Um cristianismo moribundo é aquele que perdeu de vista a Páscoa; os cristãos cuja expressão habitual é de rancor certamente esqueceram a promessa e a alegria do túmulo vazio.

Isso não significa que não haja espaço para jejum na vida cristã. Uma vez que Cristo trouxe toda sorte de bênção espiritual da parte de Deus, nossa fé é marcada por alegria. É por isso que o sacramento pelo qual nos lembramos da morte de Cristo é uma festa – a Ceia do Senhor. Contudo, sempre há um "ainda não" na nossa condição espiritual atual. Junto ao nosso "Aleluia!" ainda há um

“Maranata!” – “vem, Senhor Jesus!”. Todos nós teremos momentos de aflição, remorso, ansiedade ou necessidade, para os quais o jejum será um modo saudável de adorarmos a Deus. Mas mesmo nosso jejum é realizado com a certeza de que “regozijo, alegria e festividades solenes” (Zc 8.19) foram preparados por Deus para nós.

Verdadeira alegria espiritual alimenta as chamas de um novo zelo por Deus. “Amais, pois”, diz o profeta, “a verdade e a paz” (Zc 8.19). Da mesma forma como a confiança da vitória dá ao soldado coragem para lutar, a alegria da salvação é a tônica empregada por Deus para fortalecer nosso coração e nossas mãos para a sua obra. Como Paulo escreve a Tito, sempre é “a graça de Deus... educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente” (Tt 2.11-12).

As nações virão

Zacarias primeiro anuncia a transformação da religião da nova aliança como resposta de Deus à indagação sobre o jejum. Podemos pensar nisso como o efeito interior da vinda de Cristo. Mas há também um efeito exterior, a saber, o cumprimento do propósito salvador de Deus no mundo por meio da igreja.

Os últimos versículos do capítulo 8 contêm três pontos, começando com a perturbadora profecia do efeito do cristianismo no mundo: “Ainda sucederá que virão povos e habitantes de muitas cidades; e os habitantes de uma cidade irão à outra, dizendo: Vamos depressa suplicar o favor do SENHOR e buscar ao SENHOR dos Exércitos; eu também irei. Virão muitos povos e poderosas nações buscar em Jerusalém ao SENHOR dos Exércitos e suplicar o favor SENHOR” (Zc 8.20-22).

Zacarias profetiza um tempo em que as nações virão a Deus por causa de seu povo. Além disso, isso não será uma conquista militar ou o resultado de alguma legislação, mas um movimento espiritual à medida que pessoas de todas as nações e línguas se aproximam de Deus. Isto é algo que os profetas vislumbraram há muito tempo, como em Isaías 2.2-3:

Nos últimos dias, acontecerá que o monte da Casa do SENHOR será estabelecido no cume dos montes e se elevará sobre os outeiros, e para ele afluirão todos os povos. Irão muitas nações e dirão: Vinde, e subamos ao monte do SENHOR e à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos pelas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e a palavra do SENHOR, de Jerusalém.

Quando os profetas falam dos “últimos dias”, eles se referem aos dias do Messias, tanto na sua primeira quanto na segunda vinda, e essa referência diz respeito à era atual de graça, em que o evangelho está atraindo multidões à sua igreja. Este sempre foi o propósito de Deus por meio de Israel. Já no livro de Deuteronômio, lemos que, se Israel guardar a lei de Deus, as nações virão ao Senhor: “Guardai-os, pois, e cumpri-os, porque isto será a vossa sabedoria e o vosso entendimento perante os olhos dos povos que, ouvindo todos estes estatutos, dirão: certamente, este grande povo é gente sábia e inteligente” (Dt 4.6). Profetas como Isaías e Miqueias deixaram claro que essa reunião se cumpriria no tempo futuro, isto é, na nova aliança em Cristo. É exatamente isso que encontramos no Novo Testamento, demonstrado nitidamente no dia de Pentecostes, quando pessoas de todas as nações falavam como se fossem um só povo quando o Espírito Santo desceu sobre aquela primeira reunião de cristãos. T. V. Moore descreve muito bem:

Quando essa predição foi anunciada, nada parecia mais desesperadamente improvável do que o seu cumprimento. Os judeus eram pobres, desprezados, uma tribo desconhecida no coração da Síria, cuja existência só era conhecida ao mundo dos poderosos por fornecer um troféu aos braços vitoriosos da Babilônia. A Grécia estava apenas surgindo no horizonte da história humana... Roma, na época, estava na sua escabrosa fragilidade de sua infância como um lobinho que ainda amamenta e lentamente continuou a crescer até dominar a terra... Cinco séculos se passaram, porém, a profecia continuava sem se cumprir e, na verdade, parecia cada vez menos provável de se cumprir do que quando foi primeiramente anunciada.

Mas, com o tempo, chegou a hora, até que vieram a Jerusalém homens de toda nação debaixo do céu – “partos, medos, elamitas e naturais da Mesopotâmia,

Judeia, Capadócia, Ponto e Ásia, da Frígia, da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia, nas imediações de Cirene, e romanos que aqui residem, tanto judeus como prosélitos, cretenses e arábios" (At 2.9-11) – todos vieram a Jerusalém buscar a presença de Jeová e, dos lábios de um judeu, ouviram palavras que os fizeram clamar: "Que isto quer dizer?" Depois se espalharam para os seus lares, levando consigo as estranhas palavras que tocaram tão profundamente sua alma, e, seguidos por esses homens que realizavam maravilhas, logo começaram a manifestar uma nova vida entre as nações da terra, e essa vida partiu em sua origem e eficácia de um judeu... Todos depositaram suas esperanças na eternidade em um judeu; e logo receberam as palavras e escritos divinamente inspirados de homens judeus.[4]

É isto que Zacarias 8.23 mostra: numa proporção de 10 para 1, homens agarravam as vestes de um judeu e iam em busca do Senhor, que é exatamente o que aconteceu na era apostólica e continua acontecendo por intermédio das Escrituras apostólicas à medida que são pregadas, ensinadas e cridas por pessoas de todas as línguas e nações hoje: "Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Naquele dia, sucederá que pegarão dez homens, de todas as línguas das nações, pegarão, sim, na orla da veste de um judeu e lhe dirão: Iremos convosco, porque temos ouvido que Deus está convosco".

Segundo, estes versículos nos informam que a missão da igreja consiste em levar as pessoas a Deus. Tem sido corretamente afirmado que a igreja cristã é a primeira e única organização que existe para o bem daqueles que não são membros. Jesus disse que a igreja existe como luz para o mundo: "Brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus" (Mt 5.16). Não são todos que são chamados para serem pregadores, e poucos serão missionários de tempo integral, mas todos nós recebemos esta ordenança. Harry Ironside disse: "Requer-se toda a igreja para compor a epístola do Senhor, mas cada um de nós é um pequeno versículo dela".[5] Se não estamos tendo o tipo de influência no mundo ao nosso redor conforme vemos nesses versículos – coletiva e individualmente – então devemos ponderar cuidadosamente por que isso está acontecendo e pedir a Deus a graça de sermos mais úteis em sua obra de salvar pecadores pelo evangelho.

Terceiro, estes versículos apresentam um modelo para a obra evangelística da igreja. As pessoas que vêm em busca de Deus o fazem voluntariamente – e de

forma entusiástica – porque ouviram e viram algo altamente atrativo. “Vamos depressa”, dizem, “suplicar o favor do SENHOR e buscar ao SENHOR dos Exércitos; eu também irei” (Zc 8.21). O versículo 23 conclui: “Naquele dia, sucederá que pegarão dez homens, de todas as línguas das nações, pegarão, sim, na orla da veste de um judeu e lhe dirão: Deixa-nos ir convosco, porque temos ouvido que Deus está convosco”.

Isso nos faz lembrar que evangelizar é algo pessoal. A figura é de dez homens vindo a um indivíduo do povo de Deus para segui-lo no caminho do Senhor. As estatísticas mostram que a maioria das pessoas salvas hoje vem à fé por intermédio do testemunho pessoal de um amigo ou membro da família. Ainda que se convertam por meio da pregação da igreja, a razão pela qual vieram, em primeiro lugar, à igreja foi por conhecer um cristão daquela igreja.

Ademais, as pessoas desta passagem vêm pelo que ouviram: “Temos ouvido que Deus está convosco.” Portanto, evangelizar consiste em transmitir uma mensagem. Paulo nos desafia, dizendo: “Como, porém, o invocarão aquele em quem não creram? Como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam coisa boas!’” (Rm 10.14-15). É impossível evangelizar sem a proclamação da mensagem do evangelho, a saber, a morte e ressurreição do Filho de Deus para a reconciliação dos pecadores por meio da fé nele.

Além do mais, evangelizar requer um testemunho vivo. Ironside diz: “As pessoas não lerão a Bíblia, então, somos chamados a viver Cristo de tal maneira que, quando olharem para nós, vejam que o evangelho e a mensagem que pregamos são reais, por causa da mudança que ocorreu em nossa vida”.[6] Portanto, é dever de todo cristão viver de modo a confirmar o testemunho de Cristo ao mundo, principalmente em tempos de aflição e luta, a fim de mostrar o poder de Deus em transformar jejum em festa.

O que as pessoas precisam ver em nossas igrejas e em nossa vida, se desejamos ter aquele tipo de atração magnética que as fará vir à igreja? Não é que sejamos divertidos nem que causemos boa impressão conforme os padrões do mundo. Antes, elas precisam ver a presença e o poder de Deus. Elas precisam de contato com as realidades que estão muito além das deste mundo. Precisam de modelos de fé que a capacite a viver acima do nível mediano e suportar privação e sofrimento. Sua alma anseia por uma causa nobre que passe por nossa conduta e

a qual tem sua origem no ser de Deus. Deus colocou “a eternidade no coração do homem” (Ec 3.11), de modo que é como se Deus habitasse em nós como o fogo ardia dentro da sarça, é assim que homens e mulheres subirão o monte em busca de Deus. Martyn Lloyd-Jones comenta:

A glória do evangelho consiste em que, quando a igreja é absolutamente diferente do mundo, ela sempre o atrai. É assim que o mundo dá ouvidos à sua mensagem, apesar de, inicialmente, ter aversão a ela. É desse modo que surge um avivamento. Isso também deve ser verdade para nós como indivíduos. Não devemos ter a ambição de sermos o mais semelhante possível aos outros, sendo nós cristãos; mas devemos ser, o quanto possível, diferentes de todos que não são cristãos. Devemos ter a ambição de ser como Cristo, quanto mais, melhor. Quanto mais nos parecermos com ele, mais seremos diferentes de todos os que não são cristãos.[7]

Lloyd-Jones conclui com palavras muito negligenciadas desde sua época: “O que a igreja precisa fazer não é organizar campanhas evangelísticas para atrair pessoas de fora, mas começar a viver pessoalmente a vida cristã. Se assim fizer, homens e mulheres se aglomerarão em nossas igrejas. Eles perguntariam: ‘Qual é o segredo?’”[8]

Como a profecia de Zacarias antevê nosso êxito na evangelização? Primeiro, a evangelização é pessoal; segundo, a evangelização consiste em transmitir a mensagem do evangelho para que ela seja anunciada e ouvida; e, terceiro, essa mensagem precisa estar visível em nossa própria vida. O resultado será a revelação de Deus de si mesmo pelo nosso testemunho a um mundo que não o conhece. Uma vez que a igreja abandonou esses princípios, ela fracassou na missão prenunciada nesta passagem; mas uma vez que os cristãos serviram a Deus fielmente dessa maneira, a história registra exatamente a mesma coisa que vemos aqui: dez homens se aproximando de cada cristão, exclamando maravilhados: “Iremos convosco, porque temos ouvido que Deus está convosco” (Zc 8.23).

Um homem, um judeu

Zacarias fala de pessoas de todas as línguas e nações agarrando-se a um judeu pela orla de sua veste. Isso retrata uma pessoa se aproximando de Deus por intermédio do ministério e das credenciais de outra pessoa. É difícil deixar de notar como esta é uma figura precisa da fé em Jesus Cristo. De fato, a expressão hebraica neste texto diz literalmente “um homem, um judeu”, em cuja barra da veste nos agarramos.

Deus providenciou um homem como mediador entre ele e a humanidade pecadora. Paulo explica: “Há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, o qual a si mesmo se deu em resgate por todos: testemunho que se deve prestar em tempos oportunos” (1Tm 2.5-6). Ele é aquele em quem Israel encontra seu cumprimento; Jesus não é apenas um judeu, mas o judeu por meio de quem todos irão buscar e encontrar o Senhor.

O que significa confiar em Jesus senão agarrar em sua veste, isto é, sua justiça, rejeitando nosso próprio trapo encardido, e buscar sua conquista em lugar de nosso fracasso, encontrar abrigo na sua condição de Filho amado e buscar os seus méritos de acesso ao amor do Pai? É nesse sentido que esta profecia se cumpre finalmente: “Naquele dia, sucederá que pegarão dez homens” – o que significa uma multidão – “de todas as línguas das nações, pegarão, sim, na orla da veste de um judeu e lhe dirão: Iremos convosco, porque temos ouvido que Deus está convosco” (Zc 8.23).

Como os samaritanos aprenderam durante a visita de Jesus registrada em João 4, aquele homem, um judeu, é o Salvador do mundo, porque ele é o Santo enviado de Deus, o próprio Filho de Deus enviado para nos redimir do pecado. É por isso que Jesus ensinou: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6). Se você não se agarrar à orla de sua veste, se você não vier a Deus por meio dele, então, de acordo com a Bíblia, você não poderá vir jamais. Se você não veio a Deus por intermédio de Cristo, essas palavras são para você. E se você vier, esta descrição de um homem agarrando-se à veste de outro retratará a sua salvação.

Entenda que, muito tempo atrás, em meio às ruínas de Jerusalém, outrora destruída, mas agora reconstruída, veio uma delegação da cidade próxima de Betel e fez uma pergunta trivial sobre o jejum. Deus respondeu por meio do profeta. O projeto seria bem-sucedido? A reconstrução do templo seria um sucesso? O jejum cederia lugar à festa? Em resposta a essas perguntas, Deus apontou para o cristão individual de hoje, entre outros, como prova da esperança

que está sobre ele. Muito tempo atrás – de fato, antes da criação do mundo – ele planejou e anteviu o dom de seu Filho, de vir e habitar entre nós, morrer por nós e ressurgir novamente de entre os mortos para nos redimir de nossos pecados. Deus anunciou um glorioso êxito do evangelho: “Naquele dia, sucederá que pegarão dez homens, de todas as línguas das nações, pegarão, sim, na orla da veste de um judeu e lhe dirão: Iremos convosco, porque temos ouvido que Deus está convosco” (Zc 8.23). Felizes realmente são todos aqueles que ouvem, veem e seguem Jesus a fim de verem a face de Deus, pois seu jejum será transformado em festa e eles o adorarão com grande regozijo para sempre.

1 Achtemeier, Elizabeth. Nahum – Malachi. Atlanta: John Knox, 1986, p. 141.

2 Ryle, J.C. Holiness: Its Nature, Hindrances, Difficulties, and Roots. Durham: Evangelical Press, 1979, p. 257.

3 McComiskey, Thomas E. The Minor Prophets: An Exegetical and Expository Commentary. Vol. 3. Grand Rapids: Baker, 1998, p. 1154.

4 Moore, T. V. Haggai, Zechariah, & Malachi. Edimburgo: Banner of Truth, 1979, p. 203-204.

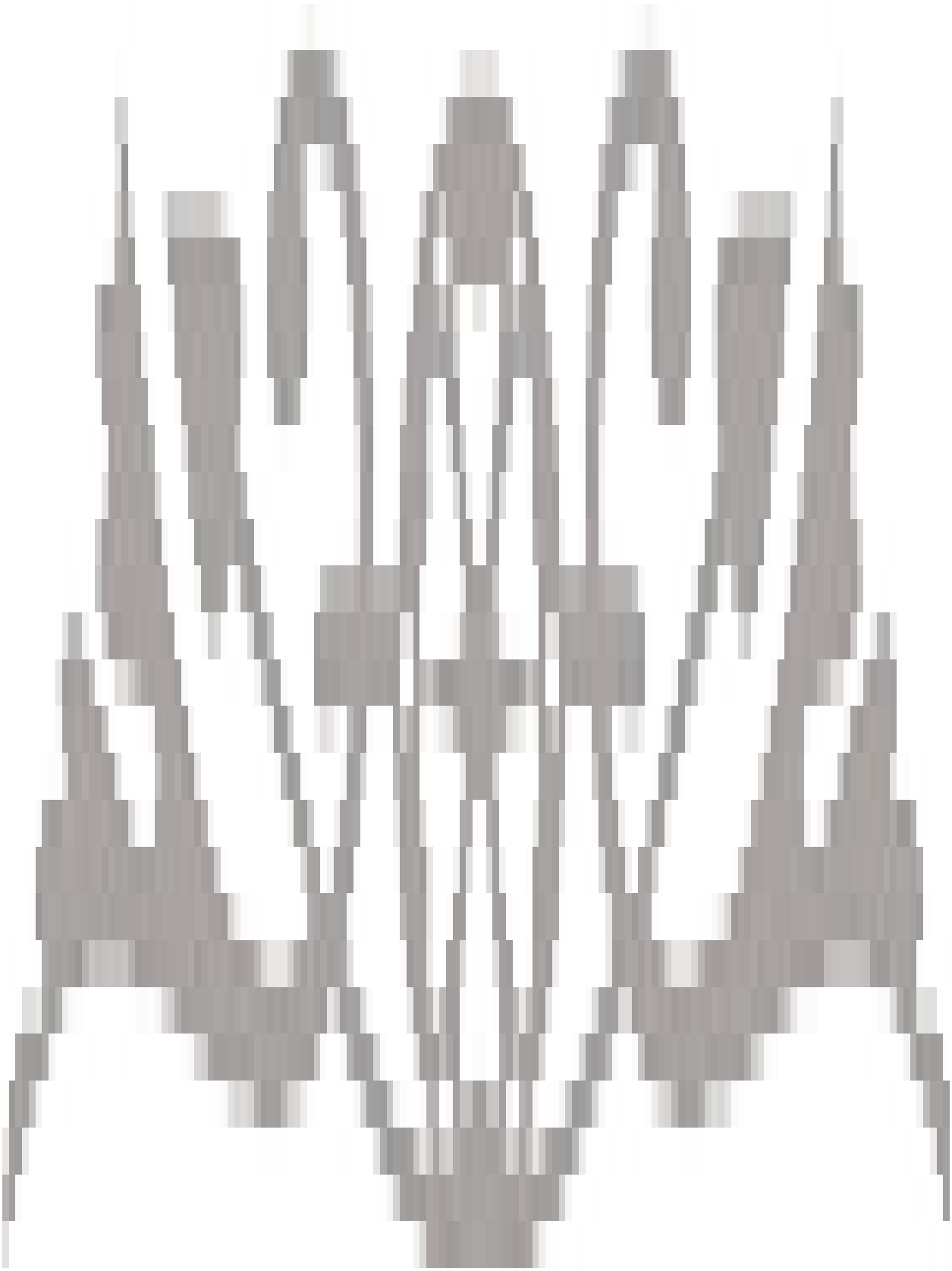
5 Ironside, Harry A. II Corínthians. Neptune, NJ: Loizeaux, 1939, p. 70.

6 Ibid., p. 71.

7 Lloyd-Jones, D. Martyn. Expositions on the Sermon on the Mount. Vol. 1. Grand Rapids: Eerdmans, 1959, p. 37.

8 Ibid., p. 18.

PARTE 3

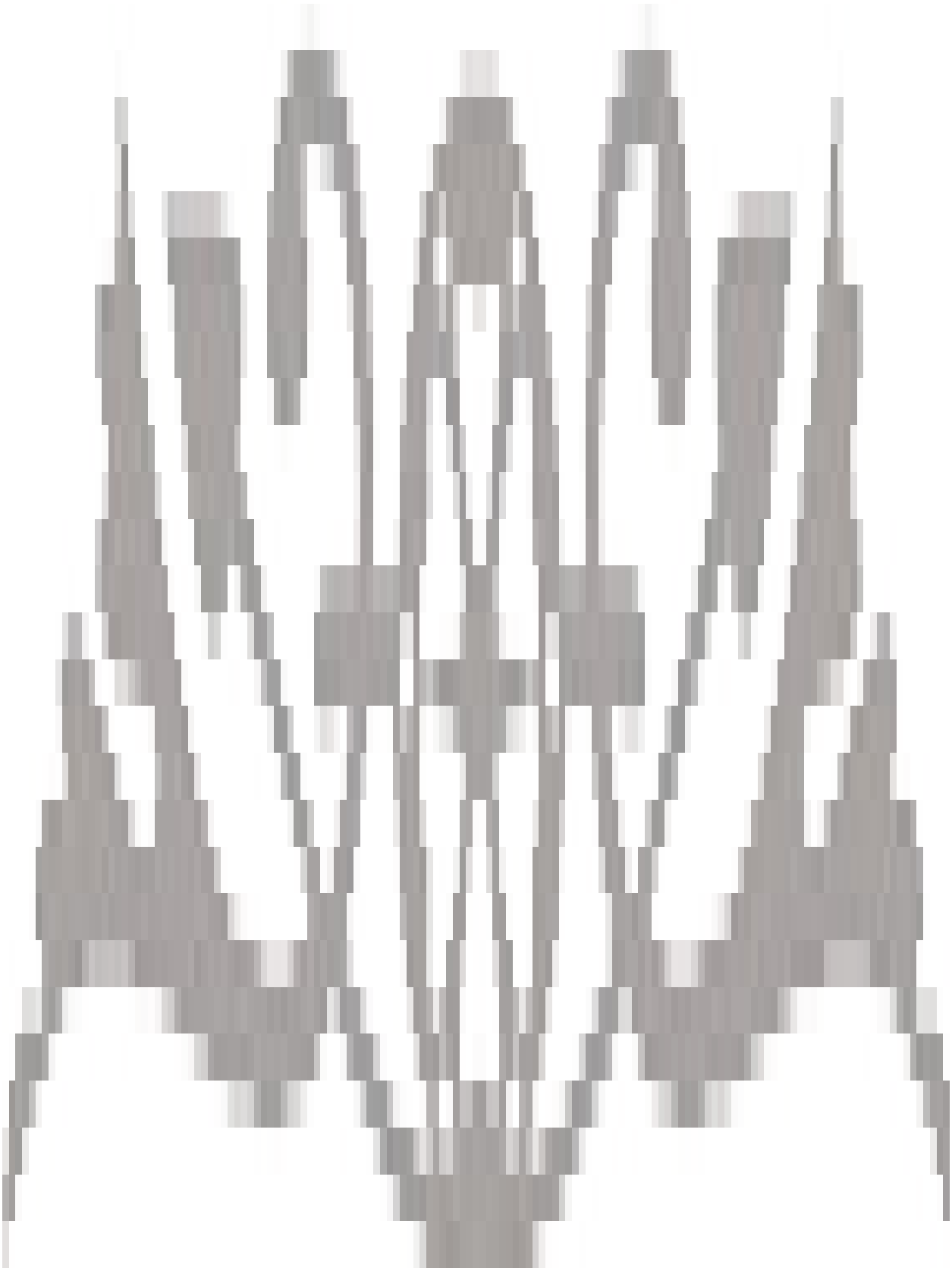


Os oráculos de Zacarias

17

A SENTENÇA DO SENHOR

Zacarias 9.1-8



A sentença pronunciada pelo SENHOR é contra a terra de Hadraque e repousa sobre Damasco, porque o SENHOR põe os olhos sobre os homens e sobre todas as tribos de Israel (Zc 9.1).

É comum nos altos arranha-céus haver um terraço na cobertura. Turistas pagam uma taxa para subir de elevador até o topo e, uma vez que chegam lá, ficam maravilhados ao verem a paisagem em redor à impressionante distância. As coisas parecem diferentes àquela altura, e as distâncias diminuem para nos oferecer uma perspectiva totalmente nova. Em muitos sentidos, os textos proféticos do Antigo Testamento oferecem esse tipo de visão do cenário da redenção. O profeta é levado às alturas e nós o acompanhamos para obter uma visão de tirar o fôlego de acontecimentos distantes. Daquela altura, o espaço diminui e a perspectiva muda. Acontecimentos separados por séculos ou mais parecem estar todos aglomerados. Por esse motivo, nem sempre é fácil relacionar claramente o que foi visto do alto com o que transparece aqui embaixo. Às vezes as profecias foram dadas de tal modo que podemos definitivamente ver seu cumprimento, enquanto outras são de tal modo que, depois de descermos do elevador, as coisas parecem diferentes do que se via do alto.

Zacarias 9 apresenta uma profecia sobre acontecimentos que estavam distantes do profeta. Ela é chamada de “sentença” do Senhor, isto é, uma revelação divina normalmente associada a juízo e imprecação (algumas versões traduzem como “oráculo” do Senhor). Ela trata da ira futura de Deus contra as nações que se opõem ao seu povo. Até este momento, Zacarias se concentrou em acontecimentos imediatos, principalmente relacionados à edificação do templo e à restauração da nação. Mas agora outras lentes são colocadas em seu livro. Agora vamos tratar de acontecimentos de séculos à frente, particularmente da célebre vinda do Messias, o verdadeiro rei do povo de Deus. Charles Feinberg corretamente afirma: “Os últimos seis capítulos desta profecia constituem um tesouro incomparável de verdade profética”.[1]

Uma questão sobre a autoria

Neste ponto de nosso estudo encontramos uma questão sobre autoria que tem ocupado os eruditos durante centenas de anos. Atualmente um grande número de estudiosos, incluindo praticamente toda a academia liberal, considera que a segunda parte de Zacarias foi escrita por outro autor. Nos comentários, portanto, você frequentemente encontrará que a primeira parte é intitulada I Zacarias e a segunda, II Zacarias. Alguns estudiosos também separam os últimos três capítulos, o oráculo sobre Israel, como tendo sido escritos por ainda outro autor desconhecido, chamado de III Zacarias.

Alguns estudiosos conservadores estão abertos à possibilidade de que Zacarias não tenha escrito esses capítulos, argumentando que esse fato não contesta a autoridade nem a inspiração do texto. Um dos motivos da aceitação é um aparente conflito com o Novo Testamento. Mateus 27.9 cita Zacarias 11.12-13, mas atribui a passagem a Jeremias. Há muito tempo isso tem intrigado cristãos ávidos por afirmar a exatidão do Novo Testamento. Realmente, um dos primeiros a levantar essa questão foi um inglês chamado Joseph Mede, no início do século 17. Sua motivação não foi atacar, mas defender a inerrância das Escrituras, tentando resolver um problema aparente.

Hoje, a maioria das contestações liberais sobre a autoria de Zacarias se fundamenta em outros fatores. Primeiro, os antissobrenaturalistas, que negam a possibilidade de verdadeira profecia, reagem a predições exatas, como esta passagem, situando-as num momento posterior da história. Outros críticos apontam para diferenças significativas de estilo entre as duas partes de Zacarias, bem como para a diferença acentuada de ênfase destes capítulos em comparação com os primeiros.

Como devemos entender isso? Primeiro, faz alguma diferença se esses capítulos devessem estar lá em Jeremias ou se foram inseridos em Zacarias por um autor posterior? Poderão ser igualmente autênticos, ainda que houvesse um erro de organização? Sim, faz muita diferença. Esses capítulos nos são apresentados como vindos da boca de Zacarias, mas, se vieram realmente de Jeremias, cerca de cem anos mais cedo, ou de outro autor centenas de anos depois, então a impressão que criam e as afirmações que fazem transmitem coisas bem diferentes. O sentido de um texto está relacionado à sua historicidade, portanto, confiamos no cuidado providencial de Deus em preservar a forma fidedigna. É digno de nota que a forma de Zacarias que temos hoje é a mesma apresentada na tradução grega usada por nosso Senhor Jesus e seus apóstolos. Esta foi a forma em que o livro entrou no cânon judaico, o qual forma nosso Antigo Testamento.

Portanto, um erro desse tipo só enfraquece nossa confiança na Bíblia que Deus preservou e deu a nós.

O que dizer, então, das objeções? Primeiro, e mais importante, é a citação de Mateus 27.9. O crucial para compreender isso é reconhecer que Mateus está, na verdade, citando duas passagens relacionadas à traição de Judas. Ele cita Zacarias 11.12-13, que menciona as trinta moedas de prata, mas também faz alusão a Jeremias 32.6-9, que acrescenta o detalhe do campo do oleiro. Como Jeremias é o mais conhecido dos dois profetas, Mateus menciona apenas o seu nome. O mesmo fenômeno ocorre em Marcos 1.2-3, em que tanto Isaías quanto Malaquias são citados, mas só Isaías, o mais conhecido, é mencionado.

As outras questões técnicas, quando submetidas a análise criteriosa, de igual forma perdem força. Argumenta-se que a ênfase da segunda parte difere notavelmente da primeira, mas isso não prova a existência de outro autor, principalmente se o gênero e propósito dos capítulos são diferentes. Parece que essas duas partes de Zacarias foram escritas em momentos bem distintos de sua vida, sendo que a segunda foi escrita bem mais tarde, por isso não é surpreendente encontrar mudanças no estilo de escrita. Na verdade, encontramos diversas semelhanças também, embora elas frequentemente deixem de ser mencionadas pelos críticos mais radicais.

Finalmente, há uma objeção real: a notável exatidão das predições de Zacarias. A suposição de que é impossível haver verdadeira profecia, uma vez que o homem não tem como conhecer o futuro, é desafiada frontalmente pela Bíblia, a qual mostra os homens recebendo revelação de Deus, que pode e conhece o futuro. Na verdade, Deus concede esse tipo de profecia, em parte, como prova de sua existência – isto é, como desafio a esses mesmos céticos escarnecedores. Como ele diz em Isaías 46.9-10: “Eu sou Deus, e não há outro; eu sou Deus, não há outro semelhante a mim, que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade”.

Com base nessas considerações, a abordagem mais razoável é aceitar o texto como está, uma palavra profética de Deus por intermédio do profeta Zacarias.

Juízo contra as nações

Mencionei que há certas semelhanças que mostram uma unidade básica de Zacarias, e uma delas ocorre na passagem introdutória da segunda parte do livro. No capítulo 1, na primeira visão noturna, o anjo montado relata que encontrou o mundo em paz. Isso foi um motivo de lamento, pois significava que os opressores de Jerusalém permaneciam seguros e protegidos. Entretanto, Deus expressou sua intenção de chacoalhar as coisas. A visão seguinte declara isso mostrando Deus vindo "derribar os chifres das nações que levantaram o seu poder contra a terra de Judá, para a espalhar" (1.21). Foi assim que a primeira parte de Zacarias começou, e a segunda parte começa mostrando o desenvolvimento deste mesmo julgamento. Zacarias 9.1-8 retrata Deus como conquistador abrindo caminho metodicamente desde o norte, derrotando cada um dos vizinhos de Israel, um de cada vez.

O oráculo anuncia o início dessa conquista no norte, dizendo: "A sentença pronunciada pelo SENHOR é contra a terra de Hadraque e repousa sobre Damasco" (Zc 9.1). Há muita incerteza sobre a correta identificação de Hadraque, com intenso debate acadêmico. Alguns consideram que seja o nome de um rei específico, outros o associam a uma cidade menor próxima de Damasco (Hatarikka). Ambas as hipóteses são improváveis, principalmente porque é descrita como "a terra de Hadraque", o que sugere um vasto território e, provavelmente, descarta uma pequena cidade também.

A melhor explicação é que o profeta se refere ao império medo persa. O capítulo 1 falou de Deus perturbar os opressores de Israel, e este era o dominador de Israel que dominava toda a costa da Palestina até o Egito. Nessa perspectiva, o nome "Hadraque" é uma combinação de dois termos que significam duro e mole (chad e rak), portanto, denota o caráter dividido da Pérsia, conhecida tanto por sua força militar e econômica quanto por sua fraqueza moral. Esse tipo de palavra-código é, às vezes, usado nas Escrituras principalmente quando designa uma nação que está no poder.[2]

Isso faz sentido para o texto, a saber, que Deus tem um oráculo de juízo contra a Pérsia, o próprio poder que dominava seu povo. O juízo prossegue em direção sul juntamente com a rota de invasão em direção a uma possessão persa após a outra, de Damasco até Hamate, depois para Tiro, ao longo da costa fenícia, depois às cidades da Filístia – Ascalom, Gaza, Ecrom e Asdode.

A impressionante exatidão dessas profecias indica a invasão pela mesma rota do famoso conquistador macedônio, Alexandre, o Grande. No ano 333 a.C.,

Alexandre conquistou importante vitória sobre os persas em Isso. Em vez de perseguir seu inimigo no interior da Pérsia, o que exporia sua linha de suprimentos à poderosa marinha persa no mar Mediterrâneo, Alexandre dirigiu-se brilhantemente ao sul, para fazer recuar as cidades persas ao longo da costa. Sua estratégia foi eliminar a marinha inimiga destruindo seus portos, marchando pela Fenícia e Filístia até o Egito e, somente então, voltar ao norte para combater as forças terrestres da Pérsia.

A rota de Alexandre seguiu o percurso exato expresso neste texto. O mais impressionante é a exatidão da descrição da queda de Tiro, uma cidade forte e poderosa na costa do Mediterrâneo. O versículo 2 fala de sua habilidade ou sabedoria, e os tiros eram famosos por sua bravura comercial e manobras políticas: “Tiro e Sidom, cuja sabedoria é grande”. Zacarias 9.3 diz: “Tiro edificou para si fortalezas”, e isso é verdade. Originalmente construída em terra, Tiro foi transferida para uma ilha a cerca de 800 metros da costa. Ali era rodeada por duas muralhas de 50 metros de altura e era ainda mais impenetrável diante da defesa de sua marinha. Quando Nabucodonosor a sitiou no início do século 6º, a cidade conseguiu resistir firmemente durante 13 anos. Essa combinação de habilidade e força inevitavelmente tornou Tiro uma cidade muito rica. A cidade “amontoou prata como pó”, lemos, “e ouro, como a lama das ruas” (Zc 9.3). Isso não é exagero! Como geralmente é o caso de nações bem posicionadas comercialmente, Tiro acumulou riquezas com tanta facilidade quanto a entrada de uma cidade acumula poeira.

O oráculo de Zacarias, não obstante, fala da destruição de Tiro: “Eis que o Senhor a despojará e precipitará no mar a sua força; e ela será consumida pelo fogo” (Zc 9.4). Diante disso, todas as nações ao redor tremerão. Foi exatamente isso o que aconteceu quando Alexandre empregou toda a sua habilidade militar para conquistar Tiro, uma vitória que assustou e aterrorizou seus inimigos. Alexandre construiu um sólido aterro, indo da costa para a ilha, usando pedras, madeira e entulho da velha cidade para construir uma ponte terrestre de 800 metros de comprimento. A cidade que parecia impenetrável caiu diante do jovem conquistador em apenas sete meses, cumprindo, assim, a profecia. Sua riqueza foi tomada, e a cidade, consumida pelo fogo. De fato, uma profecia anterior, em Ezequiel 26.12-14, foi cumprida à risca: “Derribarão os teus muros e arrasarão as tuas casas preciosas; as tuas pedras, as tuas madeiras e o teu pó lançarão no meio das águas... Farei de ti uma penha descalvada; virás a ser um enxugadouro de redes, jamais serás edificada, porque eu, o SENHOR, o falei, diz o SENHOR Deus”. Nunca mais foi reconstruída, e o aterro de Alexandre continua lá até hoje.

James M. Boice comenta que foi “um monumento à verdade da profecia e à insensatez do orgulho humano”.[3]

Em seguida estão as cidades costeiras da Filístia, as quais foram aterrorizadas pelas proezas de Alexandre. Zacarias 9.5 nos diz: “Ascalom o verá e temerá; também Gaza e terá grande dor; igualmente Ecrom, porque a sua esperança será iludida; o rei de Gaza perecerá, e Ascalom não será habitada”. Uma após outra, essas cidades caíram diante dos gregos. Uma das antigas histórias sobre Alexandre, a Anábase de Alexandre, escrita por Arriano de Nicomédia, nos diz o que aconteceu em Gaza depois de os invasores penetrarem pelos muros, confirmando a agonia desta profecia: “Os habitantes de Gaza se uniram e continuaram resistindo, embora sua cidade já estivesse sob poder dos inimigos; e todos haviam perecido ali, cada homem lutando em seu posto. Alexandre vendeu as mulheres e crianças para escravidão, ocupou a cidade com tribos circunvizinhas e a utilizou como fortaleza para a guerra”.[4]

Salvação do Senhor

A profecia de Zacarias associa o juízo de Deus contra as nações com a salvação de Israel, consolando aqueles que, no tempo do profeta, eram afligidos por aquelas cidades. Este é o tema constante deste livro, de que, por mais obscuras que fossem as circunstâncias, o povo de Deus pode voltar-se a ele em fé e encontrar proteção garantida. No capítulo 2, Deus disse a Jerusalém: “Eu lhe serei... um muro de fogo em redor” (Zc 2.5). Agora, em Zacarias 9.8, ele diz: “Acampar-me-ei ao redor da minha casa para defendê-la contra forças militantes, para que ninguém passe, nem volte; que não passe mais sobre eles o opressor; porque, agora, vejo isso com os meus olhos”. Literalmente, Deus se colocará como sentinela em torno de seu povo. Um comentário diz: “É Yahweh, o Deus da aliança de amor e lealdade, que se coloca como guarda junto ao seu povo. O que temerão? As cidades-estado que aparecem nesta seção cairão diante da força dos conquistadores, mas o povo de Deus estará seguro porque Yahweh os protege”.[5]

Há de se notar que isso se desenrolou também na época de Alexandre, especialmente se confiarmos no registro histórico de Josefo, o famoso historiador judeu do século 1º d.C. De acordo com Josefo, Alexandre se envolveu com algumas questões em Jerusalém durante o cerco de Tiro e Gaza.

Houve certa controvérsia sobre a expulsão do irmão do sumo sacerdote judeu, porque ele tinha se casado com uma gentia, e seu sogro, o governador persa de Samaria, arriscou a sorte com Alexandre e pediu sua ajuda contra os líderes judeus zelosos. Alexandre, consequentemente, avançou contra Jerusalém agressivamente.

Dizem que o sumo sacerdote de Israel, um homem chamado Jadua, agiu como deveria, pois Josefo escreve: “Ele, portanto, ordenou que as pessoas deveriam fazer súplicas e se unir a ele oferecendo sacrifícios a Deus, a quem ele implorava para proteger a nação, e livrá-los dos perigos que lhes sobrevinham”.[6] Esse é o tipo de fé de que o povo de Deus é elogiado em toda a Escritura.

Josefo nos diz que Deus respondeu em sonho, instruindo Jadua a enfeitar a cidade com grinaldas e abrir os portões. As pessoas deveriam sair vestidas de roupa branca, e os sacerdotes deveriam usar túnicas azuis e brancas correspondendo à sua ordem, e o sumo sacerdote devia usar a insígnia e couraça sobre a cabeça com a inscrição: “Santo ao Senhor”.

Alexandre observou essa procissão com espanto, prosseguiu adiante sozinho e, ao encontrar-se com o sumo sacerdote, prostrou-se em terra diante dele. As tropas de Alexandre ficaram horrorizadas com aquela cena e seu general, Parmênio, indagou sobre seu estranho comportamento. O grande conquistador explicou que estava adorando não o sacerdote, mas o Deus a quem ele servia. “Pois foi ele quem eu vi em meu sonho vestido como ele está, quando eu estava em Dior, na Macedônia. Quando refletia sobre como poderia me tornar senhor da Ásia, ele insistiu que eu não hesitasse, mas prosseguisse confiantemente, pois ele mesmo conduziria meu exército e me entregaria o império dos persas”.[7] De acordo com Josefo, Alexandre, então, acompanhou os judeus a Jerusalém, onde sacrificou ao Senhor de acordo com as instruções do sumo sacerdote. Em seguida, Alexandre saiu depois de atender ao pedido dos judeus de poder continuar observando a lei e servir ao Senhor em segurança.

Este é um registro não confirmado, e é difícil avaliar sua exatidão histórica. Mas é justamente o tipo de coisa que esta passagem sugere e se enquadra facilmente dentro da capacidade de Deus. O que é certo é que, à medida que essas cidades eram conquistadas por Alexandre, Jerusalém permanecia incólume, assim como Deus havia prometido por meio de Zacarias.

Temas doutrinais

Como passagem introdutória, estes versículos apresentam vários temas que são importantes para a mensagem geral de Zacarias e para essa segunda parte do livro. Primeiro, encontramos uma doutrina muito enfatizada em todo o livro de Zacarias, a saber, a soberania de Deus.

A soberania de Deus é demonstrada de diversas maneiras, começando com a exatidão dessas profecias. Esses versículos foram escritos pelo menos 150 anos antes de sucederem os acontecimentos, contudo, foram cumpridos com impressionante exatidão. Isso só é possível porque Deus é capaz de predizer o futuro, e ele pode predizer o futuro porque está no controle do futuro.

Outra maneira de a soberania de Deus ser expressa é por meio dessa demonstração de sua onipotência. Os homens podem construir as maiores fortalezas – e Tiro era uma cidade extremamente segura – mas nenhuma obra humana é capaz de impedir a ação de Deus. Se Deus é capaz de controlar o destino dos exércitos e nações desse modo, ele certamente é capaz de dirigir nossa vida individual. Tudo o que ele deseja se cumpre infalivelmente.

Observe que, enquanto a história atribui esses feitos a Alexandre, Deus os atribui a si mesmo. “O Senhor a despojará e precipitará no mar a sua força” (Zc 9.4). A soberania de Deus não descarta as causas secundárias, neste caso, o gênio impetuoso de Alexandre. Mas nossa passagem mostra que é a vontade soberana de Deus que, em última instância, prevalecerá.

A soberania de Deus não é meramente hipotética; nossa passagem mostra que ela se estende para além da possibilidade, para a ação. A implicação disso é expressa no versículo 1, apesar da incerteza da tradução correta dessas palavras. O versículo pode ser traduzido por “Porque o olhar do homem, e de todas as tribos de Israel, se volta para o SENHOR”, como na Almeida Corrigida Fiel, ou por “o SENHOR põe os olhos sobre os homens e sobre todas as tribos de Israel”, como na Almeida Revista e Atualizada. No primeiro caso, o texto parece dizer que, à medida que Deus entra formalmente em cena, ele será aquele para quem a humanidade deve dar atenção. As pessoas ignoravam Deus naquela época tanto quanto na atualidade, mas, uma vez que ele é soberano, devemos, em última instância, ajustar as contas com ele. Deus é aquele a quem devemos prestar contas e aquele em quem devemos confiar.

Entretanto, é igualmente correto dizer que os olhos de Deus estão sobre nós. “Agora vejo isso com meus olhos”, diz o Senhor (Zc 9.8). Deus nunca realmente dormita, mas essa linguagem reforça a ideia de seu envolvimento efetivo. Portanto, Deus é digno de nosso louvor e confiança. Ele é soberano, ativo e onipotente em seu trato com os homens.

A soberania de Deus é o primeiro aspecto que observamos, mas, em segundo lugar, esta passagem revela a certeza do julgamento sobre o soberbo e perverso. A Bíblia diz: “Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes” (Tg 4.6; 1Pe 5.5). O caso de Tiro certamente confirma essa ideia. Isaías profetizou a destruição da cidade nestes mesmos termos: “Quem formou este desígnio contra Tiro, a cidade distribuidora de coroas, cujos mercadores são príncipes e cujos negociantes são os mais nobres da terra? O SENHOR dos Exércitos formou este desígnio para denegrir a soberba de toda beleza e envilecer os mais nobres da terra” (Is 23.8-9).

O exemplo de Tiro nos lembra das profecias sobre a Babilônia no livro de Apocalipse, a qual representa toda a ordem do mundo em rebeldia contra Deus: “Caiu”! Caiu a grande Babilônia!... porque os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus se lembrou dos atos iníquos que ela praticou... será consumida pelo fogo, porque poderoso é o Senhor Deus, que a julgou” (Ap 18.2-8). Realmente, quando lemos em Apocalipse a descrição da Misteriosa Babilônia, vemos forte ligação ao que o Antigo Testamento diz sobre Tiro: “Dize ao príncipe de Tiro: Assim diz o SENHOR Deus: Visto que se eleva o teu coração, e dizes: Eu sou Deus, sobre a cadeira de Deus me assento no coração dos mares, e não passas de homem e não és Deus, ainda que estimas o teu coração como se fora o coração de Deus” (Ez 28.2).

O exemplo de Tiro lembra aos cristãos que não devem amar o mundo ou as coisas terrenas. Como Deus declara em Apocalipse 18.4: “Retirai-vos dela, povo meu, para não serdes cúmplices em seus pecados e para não participardes dos seus flagelos”. Deus julgará este mundo mau, e, apesar de parecer tão confiável agora, ele não escapará da justiça. T. V. Moore comenta sobre Tiro: “Nunca todos os aspectos da prosperidade terrena pareciam tão plenamente sob controle do que no caso dela. Contudo, todos foram levados como palha no redemoinho da ira de Deus, quando chegou o tempo do cumprimento de suas ameaças”.[8]

O materialismo e a soberba do humanismo não são capazes de se oporem ao verdadeiro Deus quando ele vier para julgar. Na verdade, é desanimador

perceber o forte paralelo entre o que é dito no versículo 2 e 3 sobre Tiro e a situação atual do Ocidente. Como Tiro, aprendemos a confiar em nossa própria habilidade, principalmente quando se trata de destreza tecnológica, riqueza e poderio militar. A confiança nessas capacidades tem nos distanciado da confiança em Deus; esses ídolos terrenos nos ensinam a desprezar Deus e sua lei. Portanto, o exemplo de Tiro nos instrui que, a não ser que nos arrependamos como nação, podemos esperar que Deus nos julgará no devido tempo. Muitos zombam disso, mas o Deus que levantou Alexandre é capaz de destruir nossa insignificante defesa.

O que é verdadeiro no nível nacional e cósmico também é verdadeiro no nível individual. Eclesiastes 12.14 nos lembra de que “Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más”. Não há como escapar da ira de Deus, seja mudando para uma ilha, construindo uma poderosa e alta fortaleza ou levantando uma fachada de refinada incredulidade. Deus levantou Alexandre para destruir Tiro de modo que Tiro parecesse praticamente indefesa. No fim dos tempos, Deus enviará o Senhor Jesus Cristo para reinar para sempre como Rei e Juiz.

A destruição de Tiro mostra a insensatez da soberba, mas, quando seguimos para a Filístia, vemos ali o juízo de Deus contra os idólatras. É disso que o v. 7 trata: “Da boca destes tirarei o sangue dos sacrifícios idólatras e, dentre os seus dentes, tais abominações”. Isso mostra Deus colocando um fim no culto falso e debochado. Os filisteus praticavam o paganismo mais grosseiro, bebiam sangue de animais e comiam carne de animais proibidos. Isso mostra que Deus colocará fim em toda idolatria, até trazer o remanescente de seus sobreviventes para junto do povo de Deus para adorá-lo em verdade.

É isso o que se prediz na segunda parte de Zacarias 9.7: “Então, ficarão eles como um restante para o nosso Deus; e serão como chefes em Judá, e Ecrom, como jebuseu”. Os jebuseus foram os primeiros habitantes de Jerusalém, os quais foram derrotados por Davi e incorporados à nação. Deus, portanto, é capaz de derrotar a idolatria e estabelecer o verdadeiro culto na terra. Em última instância, isso se cumpre na igreja. Nunca lemos no Antigo Testamento como essas coisas estão relacionadas aos filisteus e a Ecrom, mas, em Atos 8, vemos o evangelista Filipe pregando o evangelho em um desses lugares. Como de costume, é em Cristo que as promessas são finalmente expressas com um sim e amém.

Terceiro, vemos aqui que Deus é o defensor de seu povo. Isso, naturalmente, acompanha a ideia de seu juízo contra o ímpio. A vinda de Deus sempre traz essa espada de dois gumes: ira contra o ímpio e salvação para o justo. É isto que o Novo Testamento diz sobre a segunda vinda de Jesus Cristo:

Se, de fato, é justo para com Deus que ele dê em paga tribulação aos que vos atribulam e a vós outros que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem e o evangelho de nosso Senhor Jesus. Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder, quando vier para ser glorificado nos seus santos e ser admirado em todos os que creram, naquele dia (porquanto foi crido entre vós o nosso testemunho) (2Ts 1.6-10).

A passagem termina com Deus nos assegurando que ele acampará em frente aos portões de seu povo (Zc 9.8). O autor de Hebreus diz a mesma coisa: “[Deus] tem dito: De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei. Assim, afirmemos confiantemente: O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem?” (Hb 13.5-6). O salmo 121 acrescenta: “O SENHOR é quem te guarda... O SENHOR te guardará de todo mal; guardará a tua alma” (v. 5,7).

O que é verdade sobre nossa vida também é verdade sobre nossa alma. Paulo afirma: “Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?” (Rm 8.32). Deus estava tão pronto e determinado a nos salvar que enviou seu próprio Filho para levar sobre si nossos pecados sobre a cruz. Portanto, Paulo pode prosseguir dizendo: “Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada?” (Rm 8.35). Ele responde: “Estou bem certo que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8.38-39).

Então, temos aqui duas grandes verdades estabelecidas. Nenhuma cidade que se

coloque contra Deus prevalecerá. Nenhum muro o manterá de fora; nenhum oceano o impedirá. Contudo, sua própria casa permanece firme, pois ali ele mantém guarda diante do seu povo. Onde, então, você se colocará? A quem você entregará a custódia da sua alma? O salmista estava correto quando declarou: “Feliz a nação cujo Deus é SENHOR, o povo que ele escolheu para sua herança!” (Sl 33.12). Realmente sábio foi quem escreveu: “O que confia no SENHOR, esse é feliz” (Pv 16.20).

1 Feinberg, Charles L. God Remembers: A Study of Zechariah. Portland, OR: Multnomah Press, 1979, p. 117.

2 Veja Isaías 21.11; 29.1,2,7; e Jeremias 25.26; 51.41.

3 Boice, James M. The Minor Prophets. Vol. 2. Grand Rapids: Zondervan, p. 193.

4 Arriano. Anabasis of Alexander. Vol. 1. Cambridge: Harvard University Press, 1976, p. 219.

5 McComiskey, Thomas E. The Minor Prophets: An Exegetical and Expository Commentary. Vol. 3. Grand Rapids: Baker, 1998, p. 1163.

6 Josefo. Antiquities of the Jews. XI.viii.3-5.

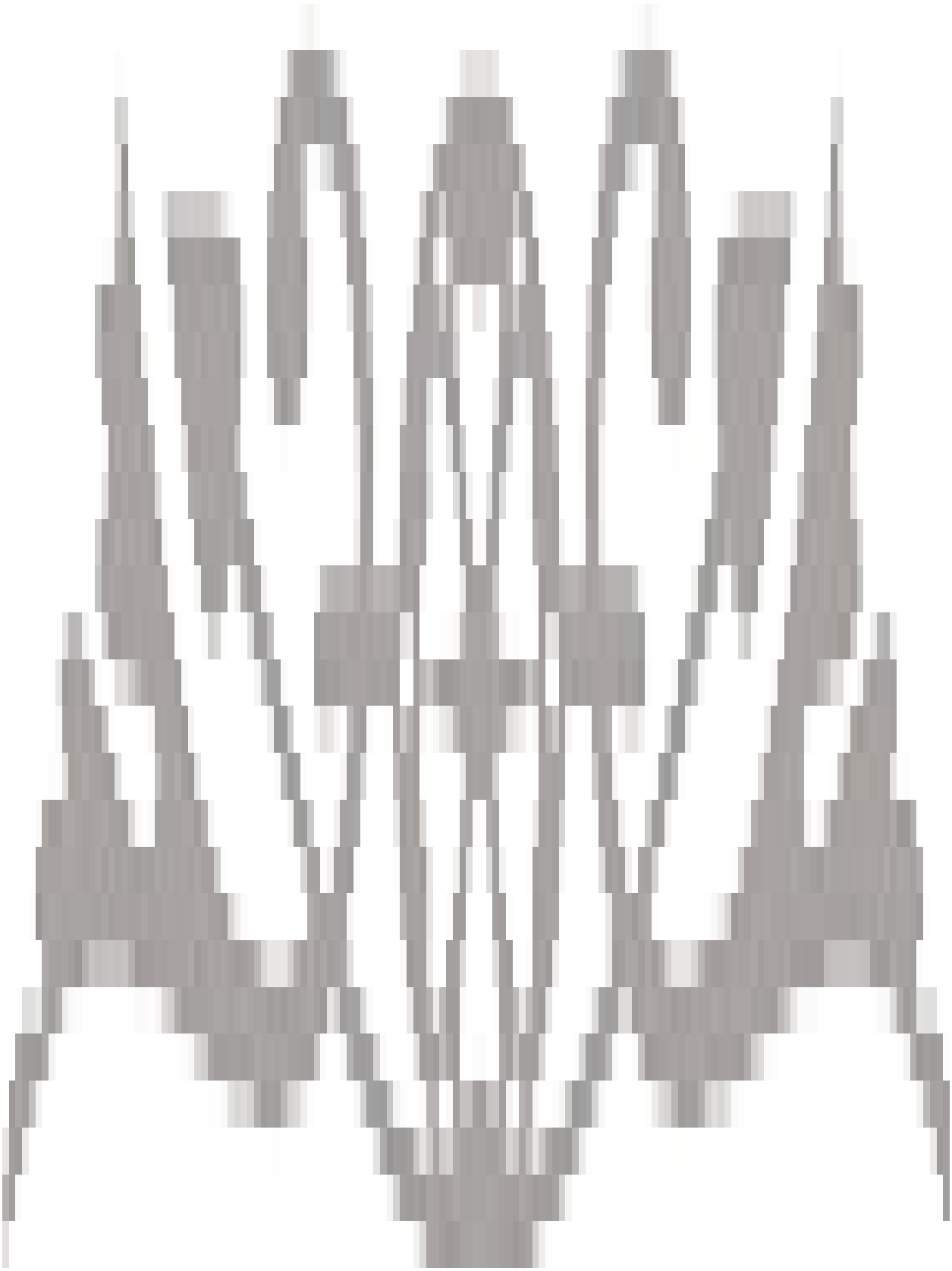
7 Ibid.

8 Moore, T.V. Haggai, Zechariah & Malachi. Edimburgo: Banner of Truth, 1979, p. 225.

18

EIS, O VOSSO REI

Zacarias 9.9-17



Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta (Zc 9.9).

Quando estudamos a primeira parte de Zacarias, mostrei várias vezes como este livro do Antigo Testamento aponta para a pessoa e obra de nosso Senhor Jesus Cristo. Quando entramos na segunda parte do livro, contendo oráculos de juízo e salvação mais contundentes, descobrimos o quanto essa tipologia se intensifica. Na realidade, Zacarias é o livro do Antigo Testamento mais frequentemente citado nas narrativas da paixão dos quatro Evangelhos, começando com a famosa profecia: "Eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta" (Zc 9.9). Mateus 21.5 e João 12.15 citam especificamente este versículo quando se cumpre na entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, no Domingo de Ramos, imediatamente anterior à sua prisão e crucificação.

O rei justo

Antes de nos voltarmos para o Domingo de Ramos, devemos observar, primeiro, como esta profecia falou aos destinatários originais da época de Zacarias. Vimos nos versículos 1 a 8 uma profecia que se cumpriu nas conquistas de Alexandre, o Grande, em 333 a.C. A Bíblia atribui essas conquistas militares ao próprio Senhor, o Soberano que está acima de todo agente humano. Agora vemos que a ação militar aponta para um cumprimento espiritual ainda maior – uma conquista espiritual e um herói vitorioso muito diferente do tipo representado por Alexandre.

Lembremos que os judeus do período de Zacarias não tinham um rei. O último membro da família real de que temos notícia foi Zorobabel, que, apesar de nunca ter sido coroado rei, não obstante, foi governador de Jerusalém. Quando os primeiros oito capítulos de Zacarias foram escritos, Zorobabel parece um participante muito ativo, mas agora ele parece ter se afastado de cena. Agora, num período em que não havia rei, espera-se que os judeus aguardem a vinda do

regente que Deus enviará, aquele que se enquadra e cumpre as expectativas messiânicas do Antigo Testamento. Eis aí um rei que é justo e salvador e que, além disso, vem em humildade e aflição. David Baron diz:

Esta profecia teve a intenção de introduzir outro reino, que se distingue das batalhas e do triunfo real terrenos, do qual o justo rei será o Príncipe da Paz, que foi humilde e modesto em seu advento, que pronunciaria paz para os pagãos e cuja influência se estenderia aos confins da terra... Se alguma vez houve uma verdadeira figura do Rei-Messias e seu reino, é esta: e se em algum momento Israel deve ter um Messias, ou o mundo, um Salvador, ele precisa ser o que está descrito nessa profecia... não só na letra, mas no espírito.[1]

A única pessoa em toda a história que se enquadra nesta descrição é o Senhor Jesus Cristo. Temos aqui um belo retrato de sua pessoa, o Messias que vem como rei. Primeiro, Jesus é justo. Muitos comentaristas entendem que isso simplesmente diz que seu reinado será justo, mas isso também o envolve como pessoa, diz respeito ao fato de que ele mesmo é justo. Há um consenso geral de que esta passagem se baseia na descrição do Servo do Senhor em Isaías, que começa com estas palavras: “Eis aqui o meu servo, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem minha alma se compraz; pus sobre ele o meu Espírito, e ele promulgará o direito para os gentios” (Is 42.1). Aquele que estabelece a justiça é o mesmo que agrada a Deus, aquele que é justo em todos os seus caminhos. Jesus cumpriu a justiça como qualificação pessoal para servir como rei justo de Deus.

Isto se refere ao que os teólogos chamam de obediência ativa de Cristo. Jesus nasceu sob a lei, viveu sob a lei por toda sua vida e cumpriu perfeitamente a lei – as exigências morais e espirituais de Deus ao homem – nos mínimos detalhes. “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas”, ele disse. “Não vim para revogar, vim para cumprir” (Mt 5.17). Jesus alcançou a justiça sob a lei de Deus para o nosso bem. Paulo escreve: “Não há justo, nem sequer... não há ninguém que faça o bem, nem um sequer” (Rm 3.10-12). Jesus é a única exceção a esta regra, pois nasceu do Espírito Santo como verdadeiro Filho de Deus. Ele alcançou uma justiça positiva a fim de concedê-la a todos que creem nele.

É por isso que Zacarias se refere a ele como “justo e salvador” (Zc 9.9). Alguns consideram isso simplesmente como afirmação de que ele será salvo e defendido por Deus em suas provações, o que certamente é verdade. Mas a ideia do versículo é que ele vem com toda justiça e salvação a nós e por nós. João Calvino diz: “Uma vez que ele veio em favor dos outros e foi para eles dotado de justiça e salvação, então a justiça e salvação referidas aqui, pertencem a todo o corpo da igreja”.[2]

O oráculo de Zacarias prossegue, descrevendo sua vinda com as palavras “humilde, montado em jumento, um jumentinho, cria de jumenta”. O jumento era uma montaria real no Israel antigo. Os juízes, assim como Davi, montavam num jumento, e Salomão, o rei da paz, montou num jumento em sua cerimônia de coroação. Portanto, isso era sinal de realeza divina, caracterizada por humildade e bondade de espírito. Comparado aos cavalos de guerra montados por reis terrenos, Thomas McComiskey escreve:

O jumento se destaca... como rejeição deliberada deste símbolo de confiança arrogante no poder humano, expressando subserviência à soberania de Deus. O rei de Jerusalém tem aparência humilde, contudo, vitoriosa, por isso desde sempre a igreja não propaga eficazmente o evangelho pela espada ou arrogância, mas por refletir o espírito humilde de seu rei e salvador.[3]

É assim que o rei messiânico toma posse, aquele que é justo, trazendo salvação, que não vem com poder terreno, mas em fraqueza e na loucura da cruz. Como essa profecia se encaixa bem com as palavras do apóstolo Paulo, que escreveu a respeito de Jesus e sua obra redentora: “Conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, por sua pobreza, nos tornássemos ricos” (2Co 8.9). Jesus disse a respeito de seu próprio ministério: “O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20.28).

Meditemos, então, no contraste entre a pessoa de Cristo e a de todo rei terreno. Enquanto reis terrenos governam em defesa de suas próprias riquezas e glória, Cristo reina para nossa salvação. Reis terrenos governam sobre as pessoas em posição de superioridade, com poder altivo, mas esse rei condescende a habitar

entre seu próprio povo. Jonathan Edwards escreve: “Sua condescendência é grande o suficiente para se tornar sua amiga, tornar companheira, unir suas almas a ele em união matrimonial... Sim, é grande o suficiente para humilhá-lo ainda mais em favor deles, a ponto de se expor à vergonha e escárnio; sim, de entregar-se a uma morte infame por amor a eles”.[4]

Na vida e ministério de Jesus encontramos um exemplo de humilde mansidão após outro. Arthur Pink escreve:

Observe aqueles a quem ele escolheu para serem seus embaixadores: Ele não escolheu sábios, eruditos, poderosos, nobres, mas, em grande parte, pobres pescadores. Testemunho disso está nos companheiros que tinha: ele não procurou os ricos e famosos, mas foi “amigo de publicanos e pecadores”. Veja isso nos milagres que ele realizou: repetidamente ele ordenou a pessoa curada a não dizer a ninguém o que lhe aconteceu. Atente a isso no seu modesto serviço: ao contrário dos hipócritas, que tocavam trombetas diante de si, ele não procurou notoriedade, evitou publicidade e desprezou a popularidade... Quando, em cumprimento à profecia, ele se apresentou a Israel como rei, entrou em Jerusalém “humilde e montado em um jumento”.[5]

Um rei como esse merece aclamação, motivo pelo qual o profeta ordena ao povo: “Exulta, ó filha de Jerusalém: eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador, humilde” (Zc 9.9). No dia em que o seu rei, de fato, chegou, quando Jesus montou no lombo de um jumento, esta profecia se cumpriu. Lucas nos diz: “Toda a multidão dos discípulos passou, jubilosa, a louvar a Deus em alta voz, por todos os milagres que tinham visto, dizendo: Bendito é o Rei que vem em nome do Senhor! Paz no céu e glória nas maiores alturas!” (Lc 19.37-38).

A salvação do rei

Quando falamos a respeito do Salvador, frequentemente distinguimos entre sua pessoa e sua obra. Jesus pode ser nosso Salvador e Senhor por causa de sua pessoa, como Zacarias 9.9 celebra de forma especial. Mas é a obra dele que

conquista propriamente a nossa salvação. Enquanto olhamos para ele em fé amorosa, confiamos, recebemos e dependemos de sua obra para nossa libertação. É disso que os versículos seguintes tratam, retratando vividamente a salvação que ele alcança para nós e em nós.

Zacarias 9.10 retoma esse simbolismo do rei humilde montado em um jumento e diz sobre sua obra: “Ele anunciará paz às nações; o seu domínio se estenderá de mar a mar e desde o Eufrates até as extremidades da terra”. O que se segue no restante do capítulo é um retrato de seu reinado e do avanço do reino, começando com a declaração: “Destruirei os carros de Efraim e os cavalos de Jerusalém, e o arco de guerra será destruído”. Isso não prediz um fim a toda disputa sobre a terra, mas, antes, que o povo de Deus voltará à fiel dependência do Senhor. Este é outro elemento de continuidade com os primeiros capítulos de Zacarias, que começaram com Deus dizendo: “Tornai-vos para mim... e eu me tornarei para vós outros” (1.3).

Crucial para a compreensão deste oráculo é saber que, desde o início, Deus proibiu Israel de empregar o tipo de armamento usado por outras nações ao seu redor. Zacarias 9.10 fala de carros e cavalos de guerra e dos arqueiros montados que cavalgavam neles. Deuteronômio 17.16 explicitamente proíbe os reis de Israel de confiarem nesse tipo de força. Deuteronômio 20.1-4 explica por quê:

Quando saíres à peleja contra os teus inimigos e vires cavalos, e carros, e povo maior em número do que tu, não os temerás; pois o SENHOR, teu Deus, que te fez sair da terra do Egito, está contigo. Quando vos achegardes à peleja, o sacerdote se adiantará, e falará ao povo, e dir-lhe-á: Ouvi, ó Israel, hoje, vos achegais à peleja contra os vossos inimigos; que não desfaleça o vosso coração; não tenhais medo, não tremais, nem vos aterrorizeis diante deles, pois o SENHOR, vosso Deus, é quem vai convosco a pelejar por vós contra os vossos inimigos, para vos salvar.

Portanto, a mensagem do v. 10 é que o Senhor eliminará as fontes terrenas de força de seu povo e o levará a confiar nele. Assim como o rei messiânico não vem por força terrena, seu reino também não será estabelecido de acordo com princípios terrenos. Isso é uma lembrança a qualquer um na igreja que queira

buscar equivocadamente poder terreno para alcançar fins espirituais. C. F. Keil comenta: “Pela destruição de seu poder militar... a nação da aliança [será] despojada de seu caráter político e terreno e transformada em uma nação e reino espirituais”.[6] Como expressa certo hino:

Não pelo estrépito estrondo das espadas,

Nem pelo rufar de tambores buliçosos –

Com obras de amor e misericórdia

O reino dos céus virá.

Este é o primeiro passo do domínio do Rei, restaurar o povo de Deus por meio da fé. O versículo 11 nos fala do segundo passo: “Quanto a ti... tirei os teus cativos da cova em que não havia água”. Por causa do seu relacionamento com o povo por meio da aliança, Deus o livrará de suas aflições. A ideia de uma cisterna seca parece aludir à condição de desolação em que a geração de Zacarias se encontrava, mas, talvez, também à cisterna em que José foi lançado por seus furiosos irmãos, em Gênesis 37. Com José, os judeus não chegaram a ponto de perecer ali, mas estavam abatidos em fraqueza vulnerável.

Os versículos 13-15 mostram que essa restauração também envolverá a renovação de destreza para batalha, à medida que o povo se volta a Deus em fé. O Senhor leva aqueles cativos que nele confiaram de volta para a fortaleza. Ele vê Judá e Efraim, as duas partes de Israel, agindo juntos, assim como o arco e a flecha; mudando a metáfora, ele diz que eles serão como a espada do herói: “Curvei Judá como um arco e o enchi de Efraim; suscitarei a teus filhos... E te porei, ó Sião, como a espada de um valente”. O versículo 14 mostra a figura de dias passados, tendo o Senhor se colocado sobre eles como um escudo, enquanto a trombeta soa e os relâmpagos lampejam e Deus marcha entre o seu povo para a batalha. “O SENHOR Deus fará soar a trombeta e irá com os redemoinhos do Sul”, diz o versículo 14, relembrando as experiências do êxodo, quando a nuvem da glória conduziu o povo em triunfo. O versículo 15 mostra a vitória do povo: “O SENHOR dos Exércitos os protegerá; eles devorarão os fundibulários e os pisarão”.

O texto hebraico diz literalmente que eles devorarão as fundas, uma arma comum usada pelas tropas daqueles dias. Isso corresponde à ideia de que eles "beberão deles o sangue como vinho" (Zc 9.15). A figura não é de deboche a uma batalha pagã. Antes, o povo que começou fraco e extenuado agora é fortalecido de tal maneira pela provisão de Deus que subjuga o inimigo. Finalmente, a descrição conclui que eles "encher-se-ão como bacias do sacrifício e ficarão ensopados como os cantos do altar" (Zc 9.15). Essas bacias eram cheias de sangue e, da mesma forma, os guerreiros de Israel ficarão cobertos com o sangue do inimigo.

Há pistas aqui sobre o cumprimento dessas profecias. Os primeiros versículos do capítulo 9 falaram das vitórias de Alexandre, o Grande, sobre a Pérsia e, embora Jerusalém fosse protegida contra Alexandre, o versículo 13 diz: "Suscitarei os teus filhos, ó Sião, contra os teus filhos, ó Grécia". Isso mostra os judeus lutando contra os gregos, algo que ocorreu durante o reinado de Antíoco IV Epifânio, o rei grego que dominou a Palestina de 175 a 163 a.C.

Depois da morte repentina de Alexandre, em 323 a.C., seu império se fragmentou em quatro partes. Um de seus generais, Selêucida, obteve controle sobre os territórios orientais, que incluíam o Oriente Médio. Antíoco foi um de seus descendentes, por isso, governou sobre os judeus. Preocupado com a ameaça crescente de Roma contra o seu reino, a qual começava expandir seus domínios no mundo antigo, Antíoco se empenhou em unir seu reinado em torno de sua cultura grega pagã. Quando os judeus resistiram, ele respondeu com brutalidade. Ele interrompeu o culto e os sacrifícios do templo, destruiu os rolos das Escrituras, proibiu a circuncisão e até cometeu o pior insulto: sacrificar um porco em um altar pagão no templo. É a isto que provavelmente se refere a "abominação da desolação" profetizada por Daniel (11.31; 12.11).

Os judeus estavam numa situação completamente vulnerável do ponto de vista militar, estavam sob ocupação. Realmente, a situação deles era exatamente como está descrita em Zacarias 9.10, sem um exército formado e havia somente o Senhor a quem recorrer. Mas Deus levantou um líder, Judas Macabeus, que levou os judeus a uma série de impressionantes vitórias que varreram os gregos para fora de Jerusalém. Os Macabeus garantiram um século de independência, até a chegada dos romanos, em 63 a.C.

A terceira fase do reinado de Deus é retratada nos versículos 16 e 17, que falam em termos maravilhosos sobre o cuidado de Deus com seu povo, resultando na

mais plena bênção: “O SENHOR, seu Deus, naquele dia, os salvará, como ao rebanho do seu povo; porque eles são pedras de uma coroa e resplandecem na terra dele. Pois quão grande é a sua bondade! E quão grande, a sua formosura! O cereal fará florescer os jovens, e o vinho, as donzelas”.

A salvação de Deus é abrangente. O povo de Deus era como ovelhas indefesas, mas ele era o seu pastor, cuidava delas. Como diz o salmo 23: “Ele me faz repousar em pastos verdejantes. Leva-me para junto das águas de descanso” (Sl 23.2). Ele os tornará formosos e prósperos, moços e moças serão fortalecidos por sua abundante provisão. O versículo 16 descreve o povo como joias da coroa de Deus. A terra é comparada à coroa, e o povo da terra, às joias da coroa. Portanto, o povo de Deus é emblema de sua soberania e sua glória real, o que nos lembra de que, em última instância, o Senhor salva o seu povo para a glória do seu nome.

Cumprimento espiritual em Cristo

Apesar de conseguir ver essas promessas parcialmente cumpridas no tempo dos Macabeus, muito do que está contido nelas não pode ser explicado dessa maneira. Aquilo do que falamos aqui vai muito além do que aquilo que Israel desfrutou naqueles dias. Portanto, aquele cumprimento local aponta para algo ainda maior, que é frequentemente como as profecias do Antigo Testamento funcionam. Pensamos nas promessas de Deus a Davi de que um filho seu construiria o templo de Deus. Realmente, Salomão, filho de Davi, construiu o templo de Deus, contudo, aquele cumprimento aproximado antecipa o cumprimento maior ainda por vir, o templo de Deus edificado por Jesus Cristo, o principal filho de Davi. O mesmo acontece aqui. Sim, estas profecias se cumprem nas vitórias conquistadas posteriormente nos campos de batalhas judaicos, mas, em última instância, apontam para a vitória sobre o pecado conquistada pela morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Isso pode ser visto no modo como esta passagem se concentra na vinda de Cristo a Jerusalém. A profecia central é que o rei messiânico virá como justo e salvador, mas também vem como afligido e humilde, montado em um jumento. Nos tempos de Jesus, os judeus esperavam um Messias militar e político, uma visão que eles devem ter justificado com uma compreensão literal da profecia de Zacarias. Mas Jesus nunca apresentou seu ministério dessa maneira e se opôs

constantemente a essa ideia de seu reinado. Como ele declarou a Pôncio Pilatos, “meu reino não é deste mundo” (Jo 18.36).

Como é, então, que um rei que não vem montado sobre um cavalo de guerra, mas em um jumento, não em poder e pompa, mas em fraqueza e humildade, pode promover o tipo de triunfo expresso em Zacarias 9.11-15? Como podemos associar essa figura humilde com a conquista sangrenta expressa aqui? A resposta é que o inimigo retratado aqui é, basicamente, o inimigo do pecado, com seu poder e pena de culpa. Na luta contra o diabo e o pecado, aqui está um conquistador muito maior e mais poderoso, de quem Isaías diz: “Quem é este que vem... com vestes de vivas cores... que é glorioso em sua vestidura, que marcha na plenitude da sua força? Sou eu que falo em justiça, poderoso para salvar” (Is 63.1).

Esse rei vem em humildade porque vem para salvar por meio da cruz, porém essa cruz é o instrumento da conquista incondicional de Deus sobre o pecado. É uma vitória espiritual, sem dúvida, contudo, um ato implacável e violento de guerra da parte do Filho de Deus contra os poderes espirituais das trevas neste mundo e seu domínio de pecado e morte. O versículo 11 fala de cativos libertos “por causa do sangue da tua aliança”. Este é o rei que derrota o pecado por meio da cruz, mediante seu próprio sangue, para cumprir a aliança da graça de Deus.

Esta não é a primeira profecia de um rei vindo montado em um jumento, e referência anterior também associa seu reinado com o derramamento de sangue. Em Gênesis 49.10-11, o patriarca Jacó falou nestes mesmos termos quando profetizou acerca da linhagem de Judá, de onde veio Jesus: “O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de entre seus pés, até que venha Siló; e a ele obedecerão os povos. Ele amarrará o seu jumentinho à vide e o filho da sua jumenta, à videira mais excelente; lavará as suas vestes no vinho e a sua capa, em sangue de uvas”.

Este, então, é o rei que triunfa por meio de seu próprio sangue, cuja vitória é alcançada mediante seu sacrifício expiatório. A salvação que ele oferece corresponde à progressão que encontramos nestes versículos. O versículo 10 fala sobre o povo de Deus restaurado a ele em fé, de modo que não confia mais em carros e cavalos, mas no Senhor, seu Deus. Do mesmo modo, Cristo converte os pecadores à fé no Senhor. A salvação começa em nossa vida quando deixamos os caminhos do mundo para confiar no Senhor. Por causa do sangue de sua aliança, Cristo liberta os cativos: somos libertos da cova da culpa, corrupção e separação

de Deus, à qual fomos lançados por causa de nosso pecado. Chamamos essa fase da salvação de justificação, quando somos perdoados e declarados justos perante Deus por causa de Jesus Cristo e, subsequentemente, somos adotados como filhos de Deus pertencentes à sua família.

A próxima fase dessa progressão mostra o povo de Deus revigorado para lutar. Cristo reuniu seu povo, mas ele precisa ser fortalecido; ele é reunido em uma fortaleza, nutrido pela Palavra de Deus e, depois, enviado ao campo de batalha para pressionar as forças do pecado em nossa vida e em nosso mundo. Isso acontece nos versículos 12-15 e se refere à nossa santificação, o tempo presente de salvação para todos os que foram salvos, no qual somos chamados a crescer em santidade. Isso exige atividade militante, como aquela que vemos em nosso texto, à medida que nos esforçamos e lutamos contra a carne, o mundo e o diabo, por meio da fé em Cristo e pelo poder que ele concede. Em termos espirituais, a luta é sangrenta e Cristo nos dá vitória ao reinar por nosso intermédio.

Tudo isso nos leva à terceira fase da salvação, que ainda está no futuro para todos nós que estamos atualmente vivendo a vida cristã. Essa fase é chamada de glorificação, pois, como estamos agora nos tornando mais santos, crescemos em glória, à semelhança de Cristo. Contudo, todos nós aguardamos o dia quando as palavras dos versículos 16 e 17 serão maravilhosamente cumpridas em nós: “O SENHOR, seu Deus, naquele dia, os salvará, como ao rebanho do seu povo; porque eles são pedras de uma coroa e resplandecem na terra dele. Pois quão grande é a sua bondade! E quão grande, a sua formosura!” O apóstolo João fala a respeito disso, inspirando-nos a batalhar hoje pela visão do que está pela frente: “Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é. E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro” (1Jo 3.2-3).

O reino de paz

Toda a nossa salvação depende da obra de Jesus Cristo e é fruto dela, esse rei que entrou tão humilde na cidade de Deus há muito tempo. A sua vinda está no centro deste capítulo, assim como sua pessoa e obra estão no centro de nossa esperança de salvação.

Uma vez que a salvação diz respeito a ele, vamos concluir olhando para as

palavras de Zacarias que descrevem o seu reinado: “Ele anunciará paz às nações; o seu domínio se estenderá de mar a mar e desde o Eufrates até as extremidades da terra” (Zc 9.10). A paz é o que Jesus traz; foi isso que os anjos cantaram em seu nascimento: “Paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem”. Foi sobre paz que Jesus falou aos seus discípulos pouco antes de morrer: “Deixo-vos a paz”, ele disse, “a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (Jo 14.27). A paz é o que o Cristianismo conquista: paz vinda de Deus à paz com Deus.

Zacarias fala da paz de Cristo saindo por todo mundo, de mar a mar, e é isso o que acontece quando o evangelho alcança o coração de homens e mulheres. Não há outra verdadeira paz além daquela que Jesus dá. Somente a paz de Deus pode trazer paz sobre a terra, pois somente ele acalma as tempestades de nossa alma e nos dá amor para nós e para os outros.

Por causa de Jesus, os cristãos podem enfrentar as dificuldades ou provações não montados em um cavalo de guerra, não em um carro de guerra, mas humildes e mansos sobre um jumento, confiantes em nosso Senhor para nos dar vitória total por meio da fé em seu nome. Mesmo em meio a imensas ansiedades, ele nos oferece “a paz de Deus, que excede todo o entendimento” (Fp 4.7). Benjamin B. Warfield escreveu:

Jesus Cristo é o Príncipe da Paz porque ele tira o pecado; e você e eu somos promotores da paz quando pregamos seu evangelho, que é o evangelho da paz, só porque é o evangelho da libertação do pecado. Pecado significa guerra, e, onde está o pecado, também haverá guerra. Justiça significa paz, e nunca poderá haver paz onde a justiça não foi primeiro realizada.[7]

É por isso que a paz de Deus só pode vir quando temos paz com Deus. O pecado nos torna inimigos de Deus. Ele nos impede de alcançar sua paz, coloca-nos sob sua condenação e nos conduz à guerra contra a vontade de Deus. Portanto, precisamos ser levados a um relacionamento correto com ele, precisamos ter paz com ele, e esta passagem nos diz que é por meio do sangue da aliança, o sangue precioso de Cristo, que podemos ter paz com Deus.

Se você nunca veio a Deus por meio da fé em Cristo, em sua dádiva do perdão e

justiça de Deus, então você não tem paz com Deus. Seus pecados estão no caminho entre você e Deus; eles testificam ainda da sua inimizade com Deus e da ira dele contra você. Portanto, você precisa fazer o que ordena o profeta a fim de ser salvo, a fim de ter paz: olhe para ele, atente para esse rei que vem, justo e salvador, vindo em bondade para ser seu Salvador. O apóstolo Paulo explica: “Aprouve a Deus que... havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz...” (Cl 1.20). Olhe para ele, receba-o em fé e você será salvo.

1 Baron, David. The Visions and Prophecies of Zechariah. Grand Rapids: Kregel, 1918, p. 303-304.

2 Calvino, João. A Commentary on the Twelve Minor Prophets. Vol. 5. Edimburgo: Banner of Truth: 1986, p. 253.

3 McComiskey, Thomas E. The Minor Prophets: An Exegetical and Expository Commentary. Vol. 3. Grand Rapids: Baker, 1998, p. 1166.

4 Edwards, Jonathan. Altogether Lovely: Jonathan Edwards on the Glory and Excellency of Christ. Morgan, PA: Soli Deo Gloria, 1997, p. 18-19.

5 Pink, Arthur W. Comfort for Christians. Grand Rapids: Baker, 1993, p. 75.

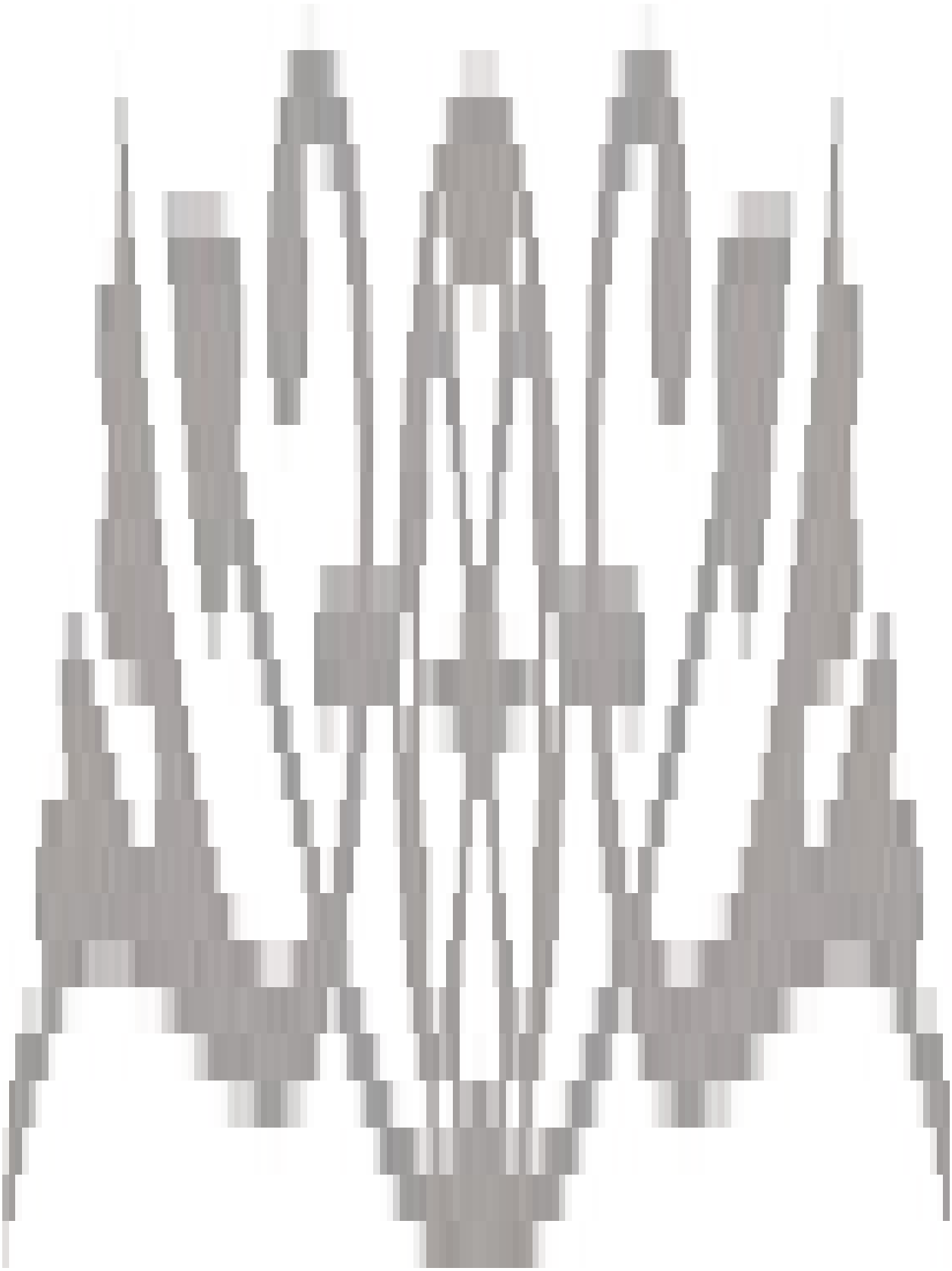
6 Keil, C. F.; Delitzsch, F. Commentary on the Old Testament. Vol. 10. Peabody, MA: Hendrickson, 1996, p. 577.

7 Warfield, Benjamin B. Faith and Life. Edimburgo: Banner of Truth, 1990, p. 30-31.

19

O BOM PASTOR

Zacarias 10.1-5



O SENHOR dos Exércitos tomará a seu cuidado o rebanho, a casa de Judá, e fará desta o seu cavalo de glória na batalha. De Judá sairá a pedra angular; dele, a estaca da tenda; dele, o arco de guerra; dele sairão todos os chefes juntos (Zc 10.3-4).

Uma das reclamações mais comuns que os pregadores ouvem é que sua pregação não é suficientemente prática. Ela se concentra demasiadamente em questões de doutrina, teologia e outros assuntos muito além da realidade de nosso viver diário. “Pare de falar coisas muito elevadas”, reclamam as pessoas, “e ajude-nos com os problemas que estamos enfrentando agora.”

Ao ler os primeiros versículos de Zacarias 10, não posso deixar de imaginar que o profeta estivesse respondendo a esse tipo de reclamação. No capítulo 9, Zacarias olhou maravilhosamente para o futuro e falou de um grande dia de salvação, repleto de típico simbolismo profético. Ele falou de o Senhor aparecer como relâmpago e sobre o povo como joias brilhando na coroa de Deus. Ele deve ter ouvido algo como: “Tudo isso é muito bom, mas e nós? Como vamos lidar com as dificuldades que nos perturbam não só num futuro distante, mas aqui e agora?” Contudo, o profeta fala não só a pessoas distantes como nós, mas à sua própria geração, com uma mensagem que é tanto prática quanto transformadora. Aqui, como em outras passagens, ele os leva a ter fé no Salvador que Deus enviará, notícia que sempre é a mais relevante e valiosa que um pregador pode dar.

Um chamado à fé e à oração

Uma das coisas que sabemos sobre a geração de Zacarias, os israelitas fiéis que tinham voltado a Jerusalém, é que eles foram acossados por uma colheita fraca. Anos antes, Ageu começou sua atuação profética chamando atenção para o problema: “Tendes semeado muito e recolhido pouco” (Ag 1.6). Para se obter uma colheita bem-sucedida era crucial não só o trabalho árduo, mas a chuva, e a chuva não podia ser produzida pelas pessoas. Para se desfrutar de uma colheita abundante, era preciso bastante chuva nos meses de outono, as chamadas

“primeiras chuvas”, que permitiam que as sementes brotassem e crescessem, e também era preciso bastante chuva nos meses da primavera, chamadas de “últimas chuvas”, que faziam o milho e os grãos incharem dentro da palha. As últimas chuvas da primavera eram especialmente importantes, por causa da seca que invariavelmente ocorria nos meses subsequentes do verão.

Portanto, podemos imaginar a situação. O povo estava diariamente verificando a previsão do tempo, todos ansiosos por causa da falta de chuva, colocando as esperanças nas poucas nuvens que apareciam. Diante da situação emergencial, Zacarias falava de um dia futuro quando Deus abençoaria o povo. Ele tinha em mente o Messias, o rei que viria salvar. Mas o capítulo 9 termina com palavras que seriam dolorosamente relevantes para seu próprio povo, a promessa de uma abundante colheita. Ele falou sobre grãos e vinho novo, tempo de abundância e alegria.

“É nisso que estamos interessados, pastor”, disseram ao profeta. “Diga-nos como conseguir o que desejamos, mostre-nos como fazer as chuvas colaborarem com a colheita!” Provavelmente, esta é a transição que encontramos entre o capítulo 9 e o primeiro versículo do capítulo 10.

Como todo bom ministro, Zacarias não só deu ao povo o que desejava. Como podemos ver, ele aplicou sua pregação à situação presente. Mas ele o fez de tal modo a chamá-lo à fé e ao arrependimento. Zacarias 10.1-2 é um chamado à verdadeira religião – um chamado à fé e à oração – em contraste com a falsa religião para a qual muitos haviam se desviado.

O versículo 1 começa com a resposta direta de Zacarias ao problema das chuvas. Ele disse: “Pedi ao SENHOR”. As pessoas dependiam de algo de que não tinham controle. Sem chuva do céu, suas plantações simplesmente não produziriam, entretanto, elas não podiam fazer nada para chover. Portanto, deviam voltar-se a Deus em oração, suplicando àquele que podia fazer chover, o Deus cujo poder controla todas as coisas. É o Senhor “que faz as nuvens de chuva”, escreve o profeta, então por que vocês não lhe pedem chuva?

Este é o modo de Zacarias aplicar o ensinamento deste oráculo, que abrange desde o capítulo 9 até o 11. Nestas passagens, ele explora o horizonte profético, mostrando a decadência daqueles que ameaçaram o povo de Deus, o triunfo dos judeus sobre os gregos e a vinda do verdadeiro rei enviado por Deus. Em tudo isso, ele retrata um novo livramento nas dimensões do êxodo. São todos

acontecimentos maravilhosos de salvação, embora distantes. “Mas o que isso significa para nós?”, indagava o povo. Eis a resposta: “Confiem todas as suas necessidades a esse Deus”.

É assim que o povo de Deus deve reagir à notícia das grandes obras de salvação de Deus, quer sejam do passado ou do futuro. Depois do magnífico milagre da abertura do mar Vermelho, Moisés reuniu o povo do outro lado e proclamou sua fé em Deus. Êxodo 15 registra o cântico escrito para o povo: “O SENHOR é a minha força e o meu cântico; ele me foi por salvação; este é o meu Deus; portanto, eu o louvarei; ele é o Deus de meu pai; por isso, o exaltarei” (Êx 15.2). Quando a geração seguinte se preparava para entrar na Terra Prometida, Moisés relembrou todos os maravilhosos atos de salvação de Deus e lhes disse: “A ti te foi mostrado para que soubesses que o SENHOR é Deus; nenhum outro há, senão ele” (Dt 4.35). Por essa mesma razão foram mostradas aos judeus as maravilhosas profecias de Zacarias e, pela mesma razão, elas nos são contadas na Bíblia – para que confiemos no Senhor e o reverenciamos como nosso próprio Deus. Aos judeus, ansiosos que estavam por uma chuva para o crescimento da colheita, o profeta, portanto, diz: “Pedi ao SENHOR chuva no tempo das chuvas serôdias, ao SENHOR, que faz as nuvens de chuva” (Zc 10.1a). Ele é o Senhor da chuva e, além disso, ele é o Deus bondoso e gracioso que responde às orações: “[Ele] dá aos homens aguaceiro e a cada um, erva no campo” (Zc 10.1b).

Oração e trabalho

O versículo 1 oferece uma perspectiva útil sobre a relação entre oração e trabalho. Os judeus tinham necessidade de alimento o ano todo. Portanto, estavam corretos em se dedicarem ao trabalho. Eles preparavam os campos, retirando árvores e entulhos. Aravam a terra e, depois, plantavam as sementes que tinham reunido. Tudo era trabalho árduo e completamente necessário. Deus não previu manutenção para eles sem o trabalho árduo e, provavelmente, exaustivo. A vida neste mundo significa trabalho, assim como Deus disse a Adão depois que o primeiro pai caiu no pecado e a terra foi amaldiçoada: “No suor do rosto comerás o teu pão” (Gn 3.19).

O trabalho é necessário, até indispensável. Contudo, como mostra o versículo 1, somente trabalho não é suficiente para garantir nossa provisão. Isto se deve ao

fato de o homem se ver confrontando forças que estão muito além de seu controle. Não há nada que o homem possa fazer para que a chuva caia. Apesar de todo seu trabalho, os israelitas não conseguiam garantir a colheita. Da mesma forma, a humanidade, apesar de sua vasta aptidão tecnológica, apesar de tudo o que é capaz de fazer, ainda está diante de forças que estão muito além de sua compreensão e controle, muitas das quais estão relacionadas ao clima e à natureza. Sempre que nos tornamos orgulhosos e negligentes, algumas novas enfermidades parecem surgir, alguns desastres naturais ocorrem e seca abate nossas lavouras e, consequentemente, nossa economia se desintegra. Não somos fundamentalmente diferentes dos antigos judeus; precisamos trabalhar, mas não podemos garantir a colheita.

Portanto, precisamos não só trabalhar, mas também orar. Precisamos suplicar humildemente àquele que não está preso nem limitado como nós, que é capaz de suprir todas as nossas necessidades, que é maior do que toda força do universo. A oração é um apelo a Deus por nossas necessidades e uma confissão de nossa fraqueza, nossa dependência e nossa confiança nele. A oração declara que ele é Deus, e não há outro.

Mas quantos de nós pensamos e agimos como se não precisássemos da ajuda de Deus? Temos a tendência de ser autoconfiantes em vez de confiar em Deus, e a evidência disso é manifesta na nossa falta de oração. Não suplicamos pelo Espírito de Deus no início do dia, e a razão só pode ser que estamos confiantes em nossa própria espiritualidade. Não pedimos sabedoria quando estamos para tomar decisões, e isso demonstra orgulho de nosso intelecto. Não suplicamos a ajuda de Deus em um relacionamento difícil, porque pensamos que podemos resolver tudo sozinho.

Mas, como se percebe plenamente em nossa vida, tal autoconfiança é totalmente equivocada. Temos necessidade clara da ajuda de Deus e, portanto, de oração. Precisamos desesperadamente do Espírito de Deus se quisermos viver de maneira santa; precisamos encarecidamente da sabedoria de Deus para vencer a terrível insensatez; e precisamos da graça atuante de Deus em nosso coração e no coração de outros se quisermos amar e desfrutar de harmonia divina. Realmente, as palavras do apóstolo Tiago são um enobrecido epitáfio sobre boa parte de nossa morte espiritual e moral: “Nada tendes, porque não pedis” (Tg 4.2). Quanto menos dependemos de nós mesmos e quanto maior for nossa percepção do poder e da bondade de Deus àqueles que pedem em fé, mais oraremos as palavras que o Senhor nos ensinou: “O pão nosso de cada dia dá-nos

hoje” (Mt 6.11).

Oposição à falsa religião

As pessoas da época de Zacarias podiam não estar orando ao Senhor, mas certamente não eram espiritualmente inativas. Elas careciam do auxílio divino e o buscavam – embora o buscassem no lugar errado.

Enquanto o versículo 1 é um apelo à verdadeira religião por meio da fé e da oração, o versículo 2 expõe e condena a religião falsa e idólatra: “Porque os ídolos do lar falam coisas vãs, e os adivinhos veem mentiras, contam sonhos enganadores e oferecem consolações vazias; por isso, anda o povo como ovelhas, aflito, porque não há pastor”. Ídolo é qualquer coisa em que colocamos nossa confiança em lugar de Deus. Zacarias menciona dois principais ídolos de sua época e, em seguida, os condena. Os primeiros são os terafins, que eram pequenos ídolos portáteis do lar, do tipo que Raquel levou da casa de seu pai, Labão (Gn 31.19). Faziam-se oferendas a eles a fim de garantir o seu favor, e eles eram usados para obter revelação sobre o futuro. Ezequiel descreve o rei da Babilônia consultando esse tipo de médium: “Porque o rei da Babilônia para na encruzilhada, na entrada dos dois caminhos, para consultar os oráculos: sacode as flechas, interroga os ídolos do lar, examina o fígado” (21.21). Os terafins davam uma vaga confiança a pessoas que estivessem procurando acalmar seus temores, algo muito parecido com os charlatães ocultistas da atualidade, os quais prometem aos clientes a conquista imediata de um amor e muitas riquezas. Como ocorre hoje, tudo isso era uma grande decepção e um grave pecado contra o verdadeiro Deus. “Os ídolos do lar”, ele diz, “falam coisas vãs” (Zc 10.2).

Em seguida, lemos sobre os adivinhadores, pessoas que diziam ter visões e revelações por meio de sonhos. Balaão, a figura repugnante que aparece no livro de Números, era um deles. Balaão impressionava com suas manobras místicas, porém, suas visões eram leiloadas ao maior arrematador e zombavam daqueles que confiavam em seus assim chamados poderes. Pessoas como ele contavam mentiras que achavam vantajosas e falavam de sonhos que nunca tiveram.

Como esse pecado se manifesta na atualidade? Certamente, em toda abordagem à religião ou à espiritualidade em que tentamos manipular forças divinas para nossos próprios propósitos. Em vez de orar a Deus e confiar em sua graça, a

idolatria procura tomar em suas próprias mãos o poder divino. Idolatria inclui coisas como ocultismo, misticismo da Nova Era, certas formas de experiências carismáticas supostamente cristãs, porém evidentemente pagãs. Todas elas dizem oferecer acesso ao poder divino, porém, fornecem somente um misticismo enganador e carnal. Estudiosos liberais se envolvem em idolatria quando torcem o ensino claro das Escrituras para servir ao seu deus do humanismo e da cultura. A religião farisaica é outra forma de idolatria, pois coloca nossos méritos no lugar da graça de Deus e nos diz que Deus está conosco porque nós merecemos. Além do mais, os evangélicos praticam a idolatria sempre que exigem que seu cristianismo sirva aos interesses de um estilo de vida afluente e egoísta.

Como a verdadeira religião contrasta com esses aspectos? A verdadeira religião, a de que Zacarias está tratando em todo o seu livro, é a que olha para Deus com grande senso de sua própria necessidade e fraqueza. “Pedi ao SENHOR” é seu mote, pelo visto, de mãos vazias em fé. “Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito”, diz o Senhor em 4.6, e a verdadeira religião é aquela que busca a salvação somente pela graça, por meio da fé no Salvador que Deus enviou. Em todo o livro de Zacarias, o profeta está apontando para esse Salvador; a verdadeira religião pede a Deus por ele e sua obra redentora em nossa vida. A verdadeira religião reconhece nosso pecado e pede que Deus o remova. Ela professa nossa necessidade e busca sua graça, tudo em louvor ao seu nome. Enquanto a falsa religião dá ouvidos a ídolos feitos por ela mesma, a verdadeira religião ouve a voz de Deus em sua revelação e depois crê nessa palavra e obedece a ela.

O veredito sobre os ídolos encontra-se no v. 2: “[Eles] falam coisas vãs”. Há poucas coisas mais prejudiciais do que falso consolo. O falso consolo nos diz que estamos bem, quando Deus diz que somos pecadores sujeitos à sua ira. O falso consolo diz que Deus está certamente contente com nossa adoração, quando, na verdade, ele rejeita a adoração que não tenha sido ordenada por ele. O falso consolo supõe que, uma vez que o mundo aplaude, devemos estar indo muito bem, quando, na verdade, o povo está “como ovelhas, aflito, porque não há pastor” (Zc 10.2). Em vez de verdadeiro consolo – o consolo que vem de Deus quando ele perdoa nossos pecados e nos dá a paz em Jesus Cristo – a falsa religião oferece meras distrações para corações insensatos, um consolo passageiro que é tanto irreal quanto vão. Isso certamente nos diz que é muito importante que tipo de religião buscamos, que tipo de ajuda divina estamos procurando e se estamos ou não obedecendo à Palavra que Deus graciosamente revelou.

Nosso pastor celestial

O versículo 2 termina com a compaixão de Deus pelas ovelhas desgarradas, porque ele sabe que elas foram basicamente vítimas de líderes fraudulentos. É assim que Jesus via as multidões de seus dias. Mateus diz: “Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor” (9.36).

Portanto, o Senhor continua: “Contra os pastores se acendeu a minha ira, e castigarei os bodes-guias” (Zc 10.3). Estas palavras são sensatas para qualquer um que procura fama e poder, pois Deus cobra responsabilidade dos líderes de seu povo. A palavra traduzida por “líderes” na Nova Versão Internacional é a palavra hebraica para “bode”; a ideia sugere que aqueles líderes eram ilegítimos, que surgiram simplesmente por serem os mais ameaçadores do rebanho e não verdadeiros pastores. Isso nos lembra dos fariseus e outros falsos líderes dos dias de Jesus. “Ai de vós!”, Jesus clamou contra eles. “Serpentes, raça de víboras!”, ele disse. “Como escapareis da condenação do inferno?” (Mt 23.33). Estas são palavras duras que devem assustar qualquer um que anseie liderar com motivações hipócritas ou em benefício próprio.

Deus prossegue dizendo que ele fará mais do que castigar os pastores: “O SENHOR dos Exércitos tomará a seu cuidado o rebanho, a casa de Judá” (Zc 10.3). Esta é uma promessa maravilhosa – de que, quando os líderes se afastam, o próprio Deus cuida e guia sua verdadeira igreja.

Uma das coisas que a Bíblia registra repetidamente é que Deus afasta falsos pastores e intervém em favor das pessoas. Na verdade, muitas vezes este é o seu primeiro passo para abençoar o povo – oferecer verdadeiros líderes no lugar dos falsos. Um exemplo notável disso é o caso de Saul, o primeiro rei de Israel. Deus enviou Samuel a retirar o reinado dele. “Já agora não subsistirá o teu reino” Samuel lhe disse. “O SENHOR buscou para si um homem que lhe agrada e já lhe ordenou que seja príncipe sobre o seu povo, porquanto não guardaste o que o SENHOR te ordenou” (1Sm 13.14). O homem segundo o coração de Deus era Davi, o mais importante rei de Israel, pois “ele os apascentou consoante a integridade do seu coração” (Sl 78.72). A história da igreja revela o mesmo cuidado de Deus pela igreja. A Reforma Protestante oferece um exemplo inspirador de como Deus provê novos líderes para tirar o povo da corrompida

igreja medieval e voltar ao evangelho.

Observe o motivo de Deus levantar novos líderes. É seu “rebanho, a casa de Judá”, que Deus pastoreará. Então, Israel, como a igreja hoje, é o rebanho de Deus, e ele é responsável por ela. Portanto, podemos sempre buscar a ajuda de Deus, porque seu próprio nome está comprometido com o seu povo, o qual, pela eleição, é chamado de sua propriedade. É o fato de Deus ser dono da igreja que nos dá confiança de seu cuidado. Ouvi de um cristão que, em meio a aflições ou tentações, orava acertadamente: “Senhor, tu estás vendo o que estão fazendo à tua propriedade?”

Como é agradável ler que Deus descreve a si mesmo como pastor de seu povo! Isso revela uma verdade a respeito de nós, a saber, que somos ovelhas em necessidade de cuidado. Espiritualmente, somos criaturas tão fracas e autodestrutivas quanto as ovelhas. Phillip Keller, um pastor que passou muitos anos como pastor de ovelhas, escreveu: “Não é por acaso que Deus resolveu nos chamar de ovelhas. O comportamento de ovelhas e seres humanos é semelhante de diversas maneiras... Nossa mentalidade de massa (ou instinto de multidão), nossos temores e timidez, nossa teimosia e estupidez, nossos hábitos perversos são todos paralelos muito significativos”.[1] É difícil ouvir essas coisas a nosso respeito, mas são verdadeiras. Como é maravilhoso, então, que Deus cuida de nós, executando o difícil projeto de nos conduzir ao céu. A reputação de um pastor está ligada à sua ovelha; seu sucesso se manifesta na saúde, segurança e crescimento da ovelha. Assim também Deus está investindo seu tempo em nós, por isso, com ele como nosso pastor, podemos ter certeza do que Paulo escreveu em Filipenses 1.6: “Aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus”.

Um Salvador que vem de Judá

Deus assumiu o dever de conduzir seu povo, e o versículo 4 nos diz como ele o fará. Como anteriormente, no caso de Davi, ele proverá nova liderança, que sairá da tribo de Judá (que, incidentemente, era a tribo de Davi e a tribo de onde o Messias foi prometido): “De Judá sairá a pedra angular; dele, a estaca da tenda; dele, o arco de guerra; dele sairão todos os chefes juntos” (Zc 10.4). Não há dúvida de que essas declarações tiveram relevância contemporânea, no sentido de que Deus providenciaria esses tipos de líderes para Judá. Realmente, eles

provavelmente apontam para a era posterior dos macabeus, quando Israel derrotou os gregos. Mas, em última instância, apontam adiante, para o Messias, que é a interpretação de comentaristas tanto judeus quanto cristãos. O líder que viria de Judá, mencionado com tanta frequência no Antigo Testamento, foi vastamente compreendido como sendo o Cristo. Foi isso que os conselheiros de Herodes lhe disseram quando ele lhes perguntou onde o Cristo deveria nascer. "Em Belém da Judeia, responderam eles, porque assim está escrito por intermédio do profeta: E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as principais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar a meu povo, Israel" (Mt 2.4-6; citando Mq 5.2).

É o Messias, o Cristo, que é descrito no versículo 4, e aqui, como em outras passagens de Zacarias, as descrições messiânicas derivadas de profetas anteriores se fundem. Primeiro, ele diz: "De Judá virá a pedra angular" (Zc 10.4). Isso lembra Isaías 28.16: "Eis que eu assentei em Sião uma pedra, uma pedra já provada, pedra preciosa, angular, solidamente assentada; aquele que crer não foge". A pedra angular faz parte da fundação de uma construção; se for segura, toda a estrutura permanecerá firme, como uma casa construída sobre a rocha. Em Efésios 2, Paulo fala da igreja nesses termos, que ele diz ser edificada "sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor" (Ef 2.20-21).

Uma pedra angular não só firma o alicerce, mas também serve de padrão para toda a estrutura. Desse modo, a pessoa e obra de Cristo estabelecem as dimensões para a igreja; os princípios de sua vida e ministério e obra redentora são os princípios para seu crescimento, estabilidade e sucesso. À medida que a igreja repousa e depende dele, ela certamente estará segura e, à medida que segue os ensinamentos dele e dos apóstolos, com certeza será edificada corretamente. No capítulo 3, Zacarias fala de uma pedra que será lançada, da qual Deus diz: "Tirarei a iniquidade desta terra, num só dia" (Zc 3.9). Certamente isto se refere ao Cristo crucificado, cuja obra redentora é a pedra angular sobre a qual a casa dos redimidos é erigida.

Em seguida, lemos que virá "dele, a estaca da tenda" (Zc 10.4). A versão Revista e Atualizada entende que essa estaca fincada no chão serve para prender a tenda. Mas Isaías 22.23-24 usa esta palavra no sentido de uma estaca fincada na parede, onde objetos valiosos são pendurados: "Fincá-lo-ei como estaca em lugar firme, e ele será como um trono de honra para a casa de seu pai. Nele, pendurarão toda

a responsabilidade da casa de seu pai, a prole e os descendentes, todos os utensílios menores, desde as taças até as garrafas". Aqui está aquele sobre quem podemos depositar todas as nossas cargas – a culpa pelo nosso pecado, nosso cuidado e nossas necessidades – e sobre quem podemos depositar seguramente nossas esperanças de glória.

Terceiro e quarto na lista das qualidades messiânicas, lemos: virá "dele, o arco de guerra" e "dele, todos os chefes" (Zc 10.4). Estes termos falam de seu poder para conduzir seu povo em vitória; estes são termos que o descrevem como conquistador que vem derrotar todo inimigo. Foi isso o que aconteceu no tempo dos macabeus, que expulsaram violentamente os dominadores estrangeiros no segundo século antes de Cristo. Nos Evangelhos, vemos a extrema violência com que Jesus atacou o diabo e seus subalternos espirituais. De fato, sob sua liderança, as ovelhas são feitas "o seu cavalo de glória na batalha" (Zc 10.3). O versículo 5 fala da vitória do povo de Deus, que resultará de sua liderança: "Serão como valentes que, na batalha, pisam aos pés os seus inimigos na lama das ruas".

Isso nos faz lembrar a força espiritual sobre a qual Paulo escreve quando os cristãos enfrentam lutas e provações, porém, triunfam por meio da fé em Cristo. Ele escreve: "Por amor de ti, somos entregues à morte o dia todo, fomos considerados como ovelhas para o matadouro" (Rm 8.36). Isso frequentemente se aplica a nós também, mas, por causa da presença salvadora de Cristo, não somos vencidos nem temos de recorrer aos métodos do mundo. Paulo conclui: "Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou" (Rm 8.37). Zacarias 10.5 conclui: "Pelejarão, porque o SENHOR está com eles, e envergonharão os que andam montados em cavalos". Que outra conclusão podemos tirar disso, além da convicção tão bem expressa nas palavras do salmo 20.7: "Uns confiam em carros, outros, em cavalos; nós, porém, nos gloriaremos em o nome do SENHOR, nosso Deus"?

O bom pastor

Deus, como pastor, proverá ao seu povo tudo o de que precisar para perseverar e triunfar. Portanto, a imagem de um pastor vigiando seu rebanho é preciosa a todo cristão. É o retrato que nosso Senhor Jesus fez de si mesmo quando disse: "Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas" (Jo 10.11).

Mencionei Phillip Keller, que escreveu um livro sobre sua experiência como pastor. Ter o Senhor como nosso pastor, ele diz, “implica um profundo, porém prático relacionamento dinâmico entre um ser humano e seu Criador. Une um tanto de argila comum ao destino divino – significa que um mero mortal se torna o objeto estimado de diligência divina”.[2] Keller lança quatro ideias sobre Cristo como nosso pastor.

Primeiro, ele diz, as ovelhas são de propriedade do pastor. Elas são sua propriedade, pelo simples fato de que ele as comprou. Assim também Jesus diz que ele deu sua vida pelas ovelhas, pois este foi o preço que ele pagou – o preço de seu sangue – para nos redimir de nosso pecado. O apóstolo Pedro diz: “Não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo” (1Pe 1.18-19). Semelhantemente, Paulo nos diz que “Não sois de vós mesmos... fostes comprados por preço” (1Co 6.19-20).

Keller diz como foi quando comprou o seu primeiro pequeno rebanho de ovelhas com seu próprio suado dinheiro: “Por causa disso, senti de modo especial que elas faziam realmente parte de mim e eu, parte delas. Havia uma identidade íntima envolvida... que tornava aquelas trinta ovelhas extraordinariamente preciosas para mim”.[3] Uma vez que pagou por nós com seu próprio sangue, somos imensamente mais preciosos aos olhos de Cristo.

A segunda coisa que um pastor faz, depois de comprar suas ovelhas, é torná-las sua propriedade. Ele as conduz do aprisco em que se encontram. Foi isso que Jesus disse: “Ele chama pelo nome as suas próprias ovelhas e as conduz para fora... vai adiante delas, e elas o seguem, porque lhe reconhecem a voz” (Jo 10.3-4). Um pastor fura a orelha de suas ovelhas para colocar sua etiqueta auricular, a fim de distingui-las das ovelhas pertencentes a outros pastores. Keller descreve como é colocar a marca na orelha das ovelhas da maneira como os pastores geralmente fazem. É doloroso para ele e para as ovelhas, mas depois estão marcadas como sua propriedade. Jesus coloca sua marca em suas ovelhas, e isso também é doloroso, porém, necessário. Sua marca é a cruz – morte pelo pecado e nova vida com Deus, partilhando sua reprovação diante do mundo – como Jesus disse aos discípulos: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me” (Lc 9.23).

O Bom Pastor compra suas ovelhas, identifica-as como suas e, depois, tem

prazer em cuidar delas. É neste sentido também que Jesus podia dizer: “O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas” (Jo 10.11). “Ele literalmente se entrega a si mesmo continuamente por nós. Ele sempre intercede por nós; sempre nos guia por meio de seu Espírito gracioso; ele sempre está agindo a nosso favor para garantir que seremos beneficiados pelo seu cuidado”.[4] Keller conta como um pastor consciencioso deve preparar o pasto antes das ovelhas. Ele sai para percorrer o campo, retira vegetação venenosa, espanta os predadores e planeja antecipadamente a jornada. O salmo 23 fala desse cuidado em termos poéticos adoráveis: “Ele me faz repousar em pastos verdejantes. Leva-me para junto das águas de descanso; refrigera-me a alma. Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome” (v. 2-3).

Em quarto e último lugar, o Bom Pastor protege suas ovelhas e as conduz de volta em segurança. Jesus comparou o dono do rebanho ao trabalhador contratado, muito semelhantemente ao modo como Zacarias fala dos falsos pastores de seus dias. O mercenário vê o lobo se aproximando e abandona o rebanho. Jesus disse: “O mercenário foge, porque é mercenário e não tem cuidado com as ovelhas”. Mas “eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim, assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas” (Jo 10.13-15). Quão maravilhoso e confortador é ouvir Jesus, nosso Bom Pastor, dizer a respeito de nós: “Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão. Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo; e da mão do Pai ninguém pode arrebatar” (Jo 10.28-29).

Você ouve a sua voz? Você ouve o evangelho e entende que Jesus Cristo, seu Bom Pastor, que pagou um preço por suas ovelhas com seu próprio precioso sangue, está lhe chamando? Então, siga-o. Siga a voz dele e saia do aprisco do mundo para entrar no rebanho que ele reúne de todas as tribos e nações. Siga-o, como o salmo 23 coloca, para deitar em pastos verdejantes, ser conduzido junto a águas tranquilas, ser levado por caminhos de justiça.

1 Keller, Phillip W. A Shepherd Looks at Psalm 23. Chicago: Moody, 1970, p. 14.

2 Ibid., p. 11.

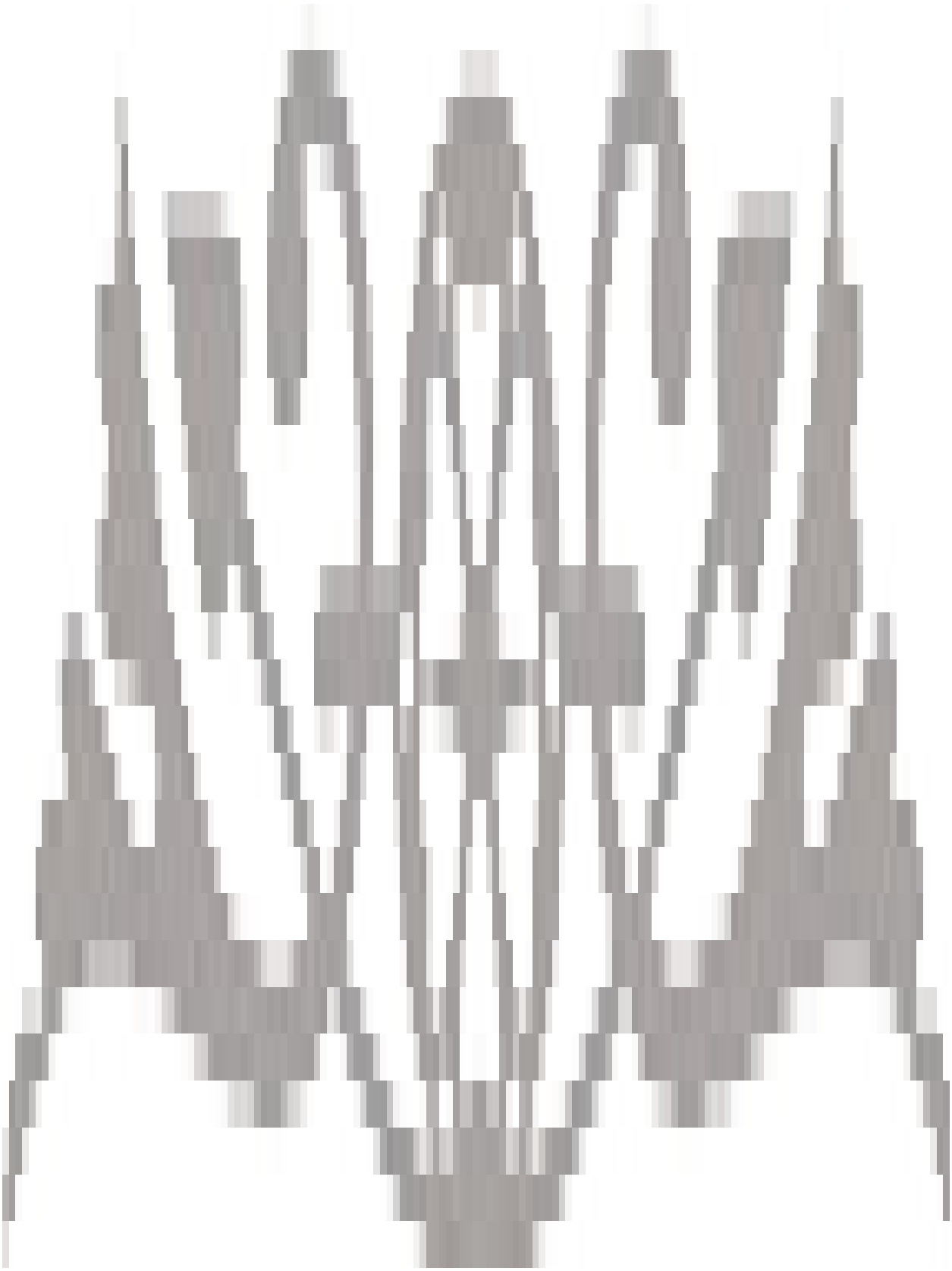
3 Ibid., p. 13-14.

4 Ibid., p. 14.

20

O SEGUNDO ÊXODO

Zacarias 10.6-12



Fortalecerei a casa de Judá, e salvarei a casa de José, e fá-los-ei voltar, porque me compadeço deles; e serão como se eu não os tivera rejeitado, porque eu sou o SENHOR, seu Deus, e os ouvirei (Zc 10.6).

Certa vez, Agostinho disse que o Antigo Testamento é o evangelho na forma de um botão, e o Novo Testamento é a flor. É isto que temos observado nos estudos de Zacarias, o qual apresenta algumas das profecias mais claras sobre Jesus Cristo – sua vinda, ministério e a salvação que trará.

É justamente na continuidade dos dois testamentos – o Antigo, que nos prepara histórica e conceitualmente para o Novo, e o Novo, que cumpre a esperança e expectativa do Antigo Testamento em Jesus Cristo – que as promessas que lemos nos profetas têm tanta relevância para nós hoje. Foi por isso que o apóstolo Paulo pôde escrever aos cristãos de Roma: "Tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança" (Rm 15.4).

Nesta seção de Zacarias, desde o capítulo 9 até o 11, concentram-se algumas das profecias mais claras a respeito de Jesus Cristo e seu reinado redentor: "Eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador; humilde, montado em jumento" (Zc 9.9). Esta promessa, que os Evangelhos associam explicitamente à primeira vinda de Jesus, liga todo este oráculo à sua obra messiânica e ao seu evangelho de salvação. Agora o capítulo 10 conclui retratando a salvação em termos de um segundo êxodo do povo de Deus. São apresentados a nós quatro aspectos: uma descrição da salvação, uma causa para salvação, um método para salvação e, finalmente, um modelo de salvação.

Descrição da salvação

Zacarias 10.6-7 associa vários verbos com a ideia da salvação:

Fortalecerei a casa de Judá,

E salvarei a casa de José.

Fá-los-ei voltar, porque me compadeço deles,

e serão como se eu não os tivera rejeitado,

porque eu sou o SENHOR, seu Deus, e os ouvirei

Os de Efraim serão como um valente,

e o seu coração se alegrará como pelo vinho.

O versículo 6 fala de salvação como fortalecimento – “Fortalecerei a casa de Judá” – e como restauração – “Fá-los-ei voltar”. Mais adiante, lemos que a salvação é a eliminação da rejeição – “e serão como se eu não os tivera rejeitado” – e Deus respondendo e atentando para sua aflição – “eu os ouvirei”. O Versículo 7 acrescenta a ideia de uma transformação poderosa – eles “serão como um valente” – e a transmissão de alegria ao espírito como o vinho faz ao corpo. Além disso, essa salvação se estenderá até o futuro, pois “seus filhos verão isso e se alegrarão”. Esses dois versículos concluem com um maravilhoso resumo do que é a salvação: “O seu coração se regozijará no SENHOR”.

É difícil imaginar uma descrição mais contundente da salvação. Primeiro, ela é retratada como livramento de aflição e servidão. Na época em que Zacarias foi escrito, tanto a casa de Judá quanto a de José – duas tribos que representam todo o Israel – estavam sob dominação estrangeira. A tribo de José era a casa real do reino do norte, Israel, que foi conquistado pelos assírios em 722 a.C. Essas assim chamadas tribos perdidas foram de tal modo dispersas entre os gentios que desapareceram totalmente da história. A casa de Judá e o reino do sul foram levados cativos para a Babilônia, em 586 a.C., e, apesar de Zacarias e seus companheiros judeus terem voltado a Jerusalém, a grande maioria de seus compatriotas tinha permanecido no exílio.

Portanto, essa declaração da salvação tem a ver com o livramento do povo da servidão do cativeiro – o tipo de salvação que Jesus Cristo oferece aos pecadores. Deus envia Israel ao cativeiro por causa de suas iniquidades e, do mesmo modo, o Novo Testamento nos considera cativos e oprimidos pelo domínio do pecado no qual caímos. Agostinho descreve assim a nossa servidão:

“A culpa do pecado domina de tal modo os homens que impede a obtenção da vida eterna, que é a única vida verdadeira, e os arrasta à segunda morte, que é penalmente eterna”.[1] Paulo fala a respeito disso simplesmente afirmando que “o salário do pecado é a morte” (Rm 6.23). Somos cativos da culpa do pecado, mas também do seu poder sobre nossa vida, de modo que a influência do pecado sobre todos os nossos pensamentos e atos é predominante. Jesus ensinou: “Todo o que comete pecado é escravo do pecado” (Jo 8.34). Por isso Paulo falou de si mesmo: “Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” (Rm 7.24). A resposta que ele deu foi Jesus Cristo.

A salvação, então, é a libertação da escravidão da culpa e do poder do pecado pela obra redentora de Cristo, assim como o versículo 6 vê as casas de Judá e José restauradas do cativeiro. Esta é a nossa boa notícia: Cristo morreu para nos salvar de nossos pecados, por meio da fé em seu sangue. A todos que nele creem, Deus diz: “Para com as suas iniquidades, usarei de misericórdia e dos seus pecados jamais me lembrarei” (Hb 8.12). João escreve: “Se confessarmos nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça... Jesus Cristo, o Justo... é a propiciação pelos nossos pecados” (1Jo 1.9; 2.1-2).

Hoje ouvimos mais sobre disfunção, necessidades sentidas e autoimagem do que sobre pecado. Mas a salvação de que realmente precisamos é a que nos livra do nosso pecado – da culpa perante Deus e seu poder sobre nossa vida. Se você ainda não entregou sua vida a Cristo, então você ainda é escravo do pecado, mas Deus oferece salvação por meio da fé em Cristo. Como diz o hino:

Ele rompe a força dominadora do pecado,

ele liberta o prisioneiro;

seu sangue purifica o mais imundo,

seu sangue me beneficia.[2]

O efeito mais grave do pecado é nos alienar de Deus. Esta foi a pior parte do exílio dos judeus, não poder mais adorá-lo em sua presença, mas terem sido

expulsos da presença do Senhor. Mas Zacarias apresenta uma solução, a segunda descrição da salvação em sua passagem: restauração. O povo foi restaurado não somente à terra, não somente à liberdade, mas a Deus, à sua presença e à sua maravilhosa bênção. O versículo 6 diz: “Fá-los-ei voltar, porque me compadeço deles; e serão como se eu não os tivera rejeitado”.

Justificação é a doutrina que nos ensina como pecadores são restaurados ao favor de Deus. Às vezes se diz que a justificação me torna “justo como se nunca tivesse pecado”. De certo modo, isso não é verdade. A pessoa justificada não é alguém que nunca pecou, mas alguém que, tendo pecado, foi redimido pelo sangue de Jesus. Depois de perder toda justificativa à nossa própria retidão, somos justificados pela justiça de Cristo, que é imputada a nós por meio da fé. Mas há um sentido em que os que creem são “justos como se nunca tivessem pecado”, e isso se refere à nossa restauração à comunhão com Deus. Quando nossos pecados são tirados, somos plenamente restaurados, de modo que não há barreira entre nós e as bênçãos do favor de Deus. Harry Ironside escreve: “Justificação é a sentença do juiz em favor do prisioneiro, é Deus dizendo: ‘Declaro este homem inocente’... A reconciliação dá um passo adiante; não é só que nossos pecados são perdoados e a justiça divina não tem nada contra nós, mas é que ele nos recebeu como sua propriedade no seu bondoso coração, por isso somos reconciliados com Deus”.[3]

O apóstolo Paulo escreve: “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação... Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus” (2Co 5.19-20). Esta é a mensagem do evangelho, e ela ainda convida pecadores a se reconciliarem com Deus.

Terceiro, a salvação é descrita em termos de a alegria do Senhor: “Seu coração se alegrará como pelo vinho; seus filhos o verão e se alegrarão; o seu coração se regozijará no SENHOR” (Zc 10.7). A sabedoria popular vê o cristianismo como empecilho a qualquer forma de alegria na vida. Mas nossa passagem afirma justamente o contrário. “Nele estava a vida”, escreve João a respeito de Jesus, “e a vida era a luz dos homens” (Jo 1.4). Jesus disse: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10.10). Que futuro jubiloso aguarda aqueles que foram reconciliados com Deus, que conhecem a realidade do seu favor e a paz interior, que veem o sorriso no seu rosto e sua mão protetora guiando seus filhos amados!

A verdade é que o resultado do pecado é a miséria, mas a salvação transforma a miséria e verdadeira alegria, livra-nos do domínio do pecado e livra-nos para o Deus de toda graça, cuja luz resplandece em nosso coração. Em vez de uma alegria que procede de prazeres carnais ou de circunstâncias meramente transitórias, os cristãos conhecem uma alegria que é pura, que vem de Deus, uma alegria em que, como nele, não há sombra de mudança.

A causa da salvação

A profecia de Zacarias não descreve apenas a salvação, mas também mostra a causa da salvação, que é a soberana graça de Deus.

A situação de Israel à qual essa passagem se refere era tão grave que era acertadamente considerada sem esperança. Deus os havia expulsado porque eles tinham quebrado sua lei e os colocado debaixo do domínio de poderosas nações. Da mesma forma, todo pecador é condenado por quebrar a lei de Deus. Como os judeus, não há nada que possamos fazer para consertar o que foi quebrado, e a força que nos domina é imensamente mais forte do que nós.

Sendo este o caso, os judeus não eram capazes de se salvar e tampouco somos nós. A razão ou causa de nossa salvação não pode ser encontrada em nós mesmos, então, terá de vir de Deus. É isso que Zacarias anuncia, a saber, que a salvação se fundamenta não em algo que o pecador possua, não algo meritório ou virtuoso da parte dos cativos, mas em Deus somente. O versículo 6 nos informa “Fá-los-ei voltar, porque me compadeço deles... porque eu sou o SENHOR, seu Deus, e eu os ouvirei”.

O profeta proclama uma salvação que se dá unicamente pela graça de Deus, uma salvação que depende e procede da própria compaixão e soberana graça de Deus. Como Paulo escreveu para Tito, “não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo a sua misericórdia, ele nos salvou” (Tt 3.5). Primeiro, precisamos nos dar conta de que não há nada em nós pelo que possamos apelar a Deus por salvação. Como Paulo, devemos exclamar: “Desventurado homem que sou!” (Rm 7.24). Mas, então, Deus nos oferece essa boa-nova, a saber, de que há algo em Deus para o que possamos apelar. Há compaixão em Deus; podemos apelar à sua misericórdia. Este é o único e verdadeiro caminho para a salvação, o caminho da compaixão de Deus, que conduz ao acesso à misericórdia de Deus.

Foi assim que Davi veio quando percebeu a culpa de seu pecado: “Compadece-te de mim, ó Deus... segundo a multidão das tuas misericórdias, apaga as minhas transgressões” (Sl 51.1).

A salvação é somente pela graça de Deus, e sua graça é soberana. Por que Deus confere sua misericórdia ao seu povo? Ele nos diz isso no versículo 6: “Porque eu sou o SENHOR, seu Deus.” Em outras palavras, ele foi gracioso para com eles porque ele os escolheu mediante a eleição; por sua escolha soberana, ele se tornou seu Deus. Foi isso que Deus falou a Israel desde o princípio. Durante o êxodo, Moisés declarou a soberana graça como a razão para a salvação do povo: “Não vos teve o SENHOR afeição, nem vos escolheu porque fôsseis mais numerosos do que qualquer povo, pois éreis o menor de todos os povos, mas porque o SENHOR vos amava e para guardar o mandamento que fizera a vossos pais” (Dt 7.7-8).

Como as pessoas hoje sabem que a soberana graça de Deus os escolheu? A eleição de Deus é conhecida mediante a fé em Jesus Cristo, a qual é um dom ao pecador. Paulo explica em Efésios 2: “Pela graça sois salvos mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (v. 8-9). Isso significa que se você confiar que Cristo o redimirá de seus pecados, você terá a certeza da graça de Deus, que se revela em você pela mesma fé que o salvou.

Alguns dirão: “Mas você não sabe quão grave pecador eu sou! Eu não sou religioso como vocês. Não sirvo a Deus. Não tenho ocupação na igreja. Eu zombei, neguei e odiei a Deus. Não sou uma dessas pessoas de quem Deus tem misericórdia!” Qual é a resposta que a Bíblia dá para aqueles que consideram ter graves pecados? Primeiro, podemos nos perguntar se nossos pecados são mais graves do que os das tribos de Judá e José. No Antigo Testamento, vemos que seria muito difícil termos pecados mais graves do que aquele povo rebelde. Segundo, aprendemos, com o Novo Testamento, que Deus é glorificado ao salvar os maiores pecadores. O apóstolo Paulo descreveu a si mesmo sinceramente como “o principal dos pecadores”, contudo, Deus o salvou e o usou para pregar o evangelho. Foi Paulo quem escreveu: “Onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5.20). A misericórdia de Deus é maior do que todos os nossos pecados, e isso para sua imensa glória. Há um hino que diz: “Há uma vastidão da misericórdia de Deus, como a vastidão do oceano”. Não é o mar que serve de parâmetro para a extensão da misericórdia de Deus, mas os braços estendidos do Senhor Jesus Cristo, o próprio Filho de Deus, quando

morreu na cruz para tirar nosso pecado. Esta é a extensão que Deus está disposto a alcançar a fim de obter nossa salvação; é uma misericórdia que está muito além de qualquer pecado cometido por alguém.

O método de salvação de Deus

Zacarias 10.6-7 apresenta uma descrição e uma causa para salvação. Os versículos 8 a 10 falam de seu método de salvação, retratando Deus como o pastor que reúne seu povo que estava espalhado.

O versículo 9 nos diz que Deus espalhou Israel entre as nações, primeiro, a casa de José para a Assíria, depois, a casa de Judá para a Babilônia: “Ainda que os espalhei por entre os povos, eles se lembram de mim em lugares remotos; viverão com seus filhos e voltarão”. Há um aparente jogo de palavras aqui relacionado à palavra hebraica z#r~, que significa tanto espalhar quanto plantar. Com o mesmo movimento que se espalha, pode-se lançar semente em um campo. Esse jogo de palavras pode estar sendo usado aqui, de modo que, mesmo quando Deus espalhava, ele estava, pela graça, plantando seu povo a fim de produzir fruto em dia vindouro. Mesmo quando os espalhou, Deus disse: “Eu os plantei entre as nações”.

Este é um exemplo maravilhoso de como Deus redime seu povo do pecado. Apesar de os espalhar em condenação, por causa de sua graça ele torna essa dispersão uma bênção, sua própria plantação entre as nações para uma salvação ainda maior. Calvino explica: “Pois os judeus habitariam em toda parte, e eram semente de Deus, portanto, eram feitos para produzir fruto abundante... Por isso o castigo do exílio... pretendia abrir as portas para o evangelho; e Deus espalhou sua semente aqui e ali para que, no devido tempo, produzisse frutos além de todas as expectativas”.[4]

O período dos apóstolos fornece inúmeros exemplos disso. Em sua segunda viagem missionária, o apóstolo Paulo chegou a Listra, na costa sul da Turquia, e o que ele encontrou ali foi justamente uma sinagoga judaica. Por quê? Porque, ao espalhar seu povo, Deus plantou essa semente do evangelho ali. As Escrituras eram lidas, incluindo os profetas, como Zacarias. Paulo, portanto, pregou a partir dos profetas em terra distante, mostrando como eles se cumpriam na vinda de Cristo. Além do mais, Paulo encontrou ali mulheres crentes, como a mãe de

Timóteo, as quais eram o cumprimento do que Zacarias 10.9 promete: “Eles se lembram de mim em lugares remotos; viverão com seus filhos e voltarão”.

Dentre essas pessoas, Paulo encontrou pregadores e pastores para a igreja. Pessoas como essas mulheres lembraram-se do Senhor e ensinaram aos seus filhos as Escrituras, aguardando, desse modo, o evangelho, que trouxe vida à semente e espalhou a boa-nova da salvação a terras distantes. O mesmo ocorreu quando Paulo levou o evangelho à Europa. A primeira pessoa que ele encontrou em solo europeu foi uma judia que se lembrou de Deus, uma semente que Deus tinha plantado: Lídia uma vendedora de púrpura. A partir de Lídia nasceu uma igreja e, daquela igreja, espalhou-se o evangelho às nações. Que testemunho incrível sobre a bondade de Deus! Apesar do severo castigo de seu povo, ele tinha um maravilhoso plano de graça!

Primeiro, Deus plantou uma semente entre os povos; depois, chamou seu povo para si. O versículo 8 nos diz: “Eu lhes assobiarei e os ajuntarei”. A palavra “assobiar” refere-se ao assobio ou apito que um pastor usava para chamar seu rebanho. Um século atrás, David Baron escreveu sobre seu encontro com um pastor beduíno em meio às suas viagens. Enquanto conversavam, as ovelhas daquele homem começaram a se espalhar entre as rochas e, quando estava pronto para prosseguir, aquele beduíno pegou o apito que elas estavam acostumadas a ouvir. Enquanto ele soprava, todas as ovelhas voltaram para ele, chegando cada vez mais perto, enquanto o rebanho era reagrupado; depois de estarem todas reunidas, o pastor prosseguiu seu caminho. Vendo isso, Baron se lembrou deste versículo de Zacarias, que retrata como Deus chama suas ovelhas para si, reunindo-as ao seu próprio aprisco antes de conduzi-las adiante.[5]

É assim que Jesus descreve a si mesmo como o Bom Pastor. As ovelhas ouvem sua voz. Desse modo, ele chama suas próprias ovelhas tanto do aprisco de Israel quanto de outros apriscos do mundo: “Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim... elas ouvirão minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor” (Jo 10.14,16).

Com que voz Cristo chama hoje? É por meio do evangelho que ele chama os seus. “Vinde a mim, todos que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (Mt 11.28), ele diz. À medida que o evangelho se propaga, os seus – aqueles que foram espalhados como semente de Deus entre os povos, cidades e locais de trabalho deste mundo – ouvem a sua voz, reconhecem a voz do Salvador, creem nele e o seguem para a salvação. Não é dando os passos de volta

a Jerusalém que seu povo retorna para o Senhor hoje, mas movendo seu coração em resposta de fé ao evangelho enquanto este é anunciado.

Esta é a maneira como Deus opera a salvação em toda a história, por todas as nações e povos e lugares: ele planta seu próprio povo, chama-o por meio do evangelho e o torna espiritualmente frutífero. Zacarias acrescenta: “Eu os farei voltar da terra do Egito e os congregarei da Assíria; trá-los-ei á terra de Gileade e do Líbano, e não se achará lugar para eles” (Zc 10.10). Desse modo, o profeta retrata a abundância da colheita das almas redimidas por Deus, uma colheita tão abundante da semente que ele espalhou que a terra prometida restaurada – isto é, a igreja – literalmente irromperá com ela.

Lembremos que esta passagem faz parte do extenso oráculo que se concentra na vinda de Jesus como Salvador. Lembrar-nos disso nos ajuda ver que essas figuras do Egito e da Assíria representam todo o mundo para onde Deus espalhou sua semente. Gileade e Líbano apontam para a terra prometida ainda mais sublime, que é a igreja do Novo Testamento. Realmente, ao examinarmos a Bíblia, descobrimos que não foram só Judá e José que foram espalhados por causa do pecado. Somos lembrados aqui do livro de Gênesis, quando Deus dividiu os povos e espalhou as nações sobre toda a face da terra (Gn 11.8). Mesmo lá ele plantou a semente entre aqueles que haveriam de crer, seguir e servir ao evangelho, de modo que, como prometeu a Abraão, “em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12.3). Ainda mais atrás na Bíblia, lembramos o dia quando Deus expulsou Adão e Eva do Jardim por causa de seu pecado. Contudo, vemos nisso o plano de Deus de reunir para si um povo que reflita a sua imagem, levando-o de volta não para o antigo jardim, mas para um reino espiritual de bênção por meio do seu evangelho, uma cidade celestial em que Cristo habita em glória.

“Ainda que os espalhei por entre as nações”, declara Deus, “eles se lembram de mim em lugares remotos; viverão com seus filhos e voltarão” (Zc 10.9). Um dos sentidos disso é que, onde quer que você vá, encontrará o povo que Deus preparou para receber o evangelho e crer nele e encontrará esse reino se expandindo entre os reinos deste mundo. Paulo descobriu isso quando chegou à dissoluta cidade de Corinto. “Tenho muito povo nesta cidade”, disse-lhe nosso Senhor (At 18.10). Em todo lugar, mesmo hoje, Deus tem um povo que se manifesta à medida que o evangelho é proclamado, uma igreja unida em fé e em espírito, apesar de espalhada por toda parte no mundo.

O modelo do êxodo de salvação

Até agora esta passagem nos apresentou uma descrição da salvação, uma causa da salvação, e o método de Deus para a salvação na história e no mundo. Os versículos 10 a 12 completam esta mensagem, referindo-se ao modelo de salvação de Deus, a saber, o êxodo de Israel, o qual a Bíblia vê como paradigma da obra salvífica de Jesus Cristo.

Zacarias sugere isso referindo-se à volta do Egito e acrescentando um retorno do segundo cativeiro do povo de Deus na Assíria: “Eu os farei voltar da terra do Egito e os congregarei da Assíria” (Zc 10.10). Ambas as nações foram muito mais causas antigas de opressão do que ameaças na época de Zacarias, por isso, representam metaforicamente a escravidão ao pecado, de onde o povo de Deus é salvo. O profeta, então, faz alusão às poderosas obras de salvação que conquistaram o livramento de Israel do Egito, as quais ele retrata como um protótipo da redenção ainda mais sublime no evangelho: “Passarão o mar de angústia, as ondas do mar serão feridas, e todas as profundezas do Nilo se secarão” (Zc 10.11). O povo passará pelo mar que obstrui seu caminho quando Deus contiver as ondas. A palavra traduzida por “Nilo” também pode se referir a rios em geral e, aqui, provavelmente, refere-se ao rio Jordão, uma vez que Deus secou o Jordão quando Israel entrou na Terra Prometida. Assim como o poder da Assíria foi derrotado, o poder do Egito também foi destruído pelo poder de Deus no tempo de Moisés. Este é o modo como Deus fortalecerá aqueles que ele chama para salvação e, assim como ele conduziu Israel uma vez pelo êxodo, assim todos eles andam em seu nome. Isto se refere claramente à salvação que o Messias trará, não o retorno da Babilônia, que já havia ocorrido, mas o segundo êxodo, que resulta da vinda do Salvador-Rei.

O Novo Testamento emprega o êxodo como modelo de salvação em Jesus Cristo. Foi por esse motivo, por exemplo, que Jesus foi sacrificado como Cordeiro Pascal, ligando sua salvação ao antigo êxodo. Como os antigos israelitas, somos salvos e enviados numa jornada para a liberdade. Somos libertos da casa da escravidão, que é o pecado, assim como Israel foi liberto da escravidão do Egito; e, como Israel, somos enviados a uma terra prometida, para a qual caminhamos como peregrinos neste mundo. Como o antigo Israel, hoje peregrinamos pelo deserto no tempo presente de provação. Neste caso, esta passagem nos aponta para o que mais precisamos saber, a saber, que, uma vez

que iniciamos essa difícil jornada de fé em Cristo, Deus nos preservará contra todo perigo. Esta é a questão: apesar de passarmos pelo mar de aflições, Deus conterá as ondas e aplainará o caminho debaixo de nossos pés.

Ainda mais importante é que o motivo de salvação do êxodo nos aponta para o Deus do êxodo e concentra toda nossa esperança nele. O que importa não é a dificuldade da jornada nem os perigos do caminho, nem mesmo nossa própria fraqueza diante do desafio que está à mão. O que importa é o Deus que nos conduz: “Eu os fortalecerei no SENHOR, e andarão em seu nome, diz o SENHOR” (Zc 10.12).

Em João 6–8, Jesus fez três importantes declarações que o identificam como o Salvador do êxodo e, portanto, o objeto de nossa esperança. Em João 6.35 ele comparou a si mesmo ao maná que Deus enviou do céu: “Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede”. O que isso significa é que todos aqueles que confiam nele encontrarão toda provisão de que precisam para os desafios espirituais desta vida. Jesus estava falando da cruz quando disse: “Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne” (Jo 6.51).

Em João 7.37-38, Jesus descreve a si mesmo em termos da água que Deus fez jorrar de uma rocha no deserto: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva”. João explica que isso se refere à provisão de Deus do Espírito Santo a todos que confiam em Cristo.

Em João 8.12, Jesus descreve a si mesmo como a nuvem de fogo e luz que guiou Israel pelo deserto. “Eu sou a luz do mundo”, exclamou. “Quem me segue não andará nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida”. Perceba. Se a vida de salvação neste mundo é análoga à peregrinação de Israel no êxodo, de modo que o tempo presente seja tempo de dificuldade e provação à medida que prosseguimos para a Terra Prometida, que está adiante de nós, então, assim como Deus foi suficiente para suprir todas as necessidades do povo naquela época, nosso Senhor Jesus nos dá tudo de que precisamos quando confiamos nele. Ele nos alimenta com o pão do céu para a vida eterna, envia o Espírito Santo para fazer jorrar de dentro de nós água viva e nos guia, como pastor e luz resplandecente à nossa frente.

Em todas essas passagens, Jesus fala do que fará. Observe, então, a frequência do verbo no futuro em Zacarias 10.6-12. O Senhor repete várias vezes o que ele "fará"; é por isso que esta passagem trata da salvação. Porque é Deus que diz o que fará, podemos confiar em tudo o que ele promete aqui. "Eu fortalecerei", ele diz aos fracos; "fá-los-ei voltar", diz ele a respeito dos perdidos; "eu ouvirei", diz ele aos aflitos e oprimidos. "Eu lhes assobiarei e os ajuntarei, porque os tenho redimido", ele diz. Nestas palavras estão as boas-novas a todos que as ouvem, para todos que são chamados pela promessa de Deus, que diz "eu farei...!" Não importa quão cruel seja a opressão, pois o poder é de Deus. Ele diz "eu farei...!" Não importa quão distante você esteja, pois esta é a voz que reúne todos que estão ao alcance dele. "Eu lhes assobiarei e os ajuntarei, porque os tenho redimido", ele declara, e assim o fará.

Esta passagem começa declarando o que o Senhor fará – "fortalecerei" –, mas termina dizendo o que eles farão: "Andarão no seu nome, diz o SENHOR" (Zc 10.12). O resultado da ação de Deus, "fortalecerei", é a ação do povo, "andarão". É assim que a salvação funciona: aqueles que são chamados andarão no nome e na força do Senhor, porque ele deseja que o façamos. Quão maravilhosa é a salvação! Por causa da promessa de um Deus poderoso, aqueles que confiam em Cristo podem conhecer o poder e a alegria de uma nova vida, uma nova esperança e uma nova força, tudo para a glória de Deus.

1 Agostinho. A Treatise on the Merits and Forgiveness of Sins, and on the Baptism of Infants. In: Schaff, Philip (org.). A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church. Vol. 5: Saint Augustine: Anti-Pelagian Writings, p. 20.

2 Wesley, Charles. “O for a Thousand Tongues to sing”, 1739.

3 Ironside, Harry A. II Corinthians. Neptune, NJ: Loizeaux, 1983, p. 150.

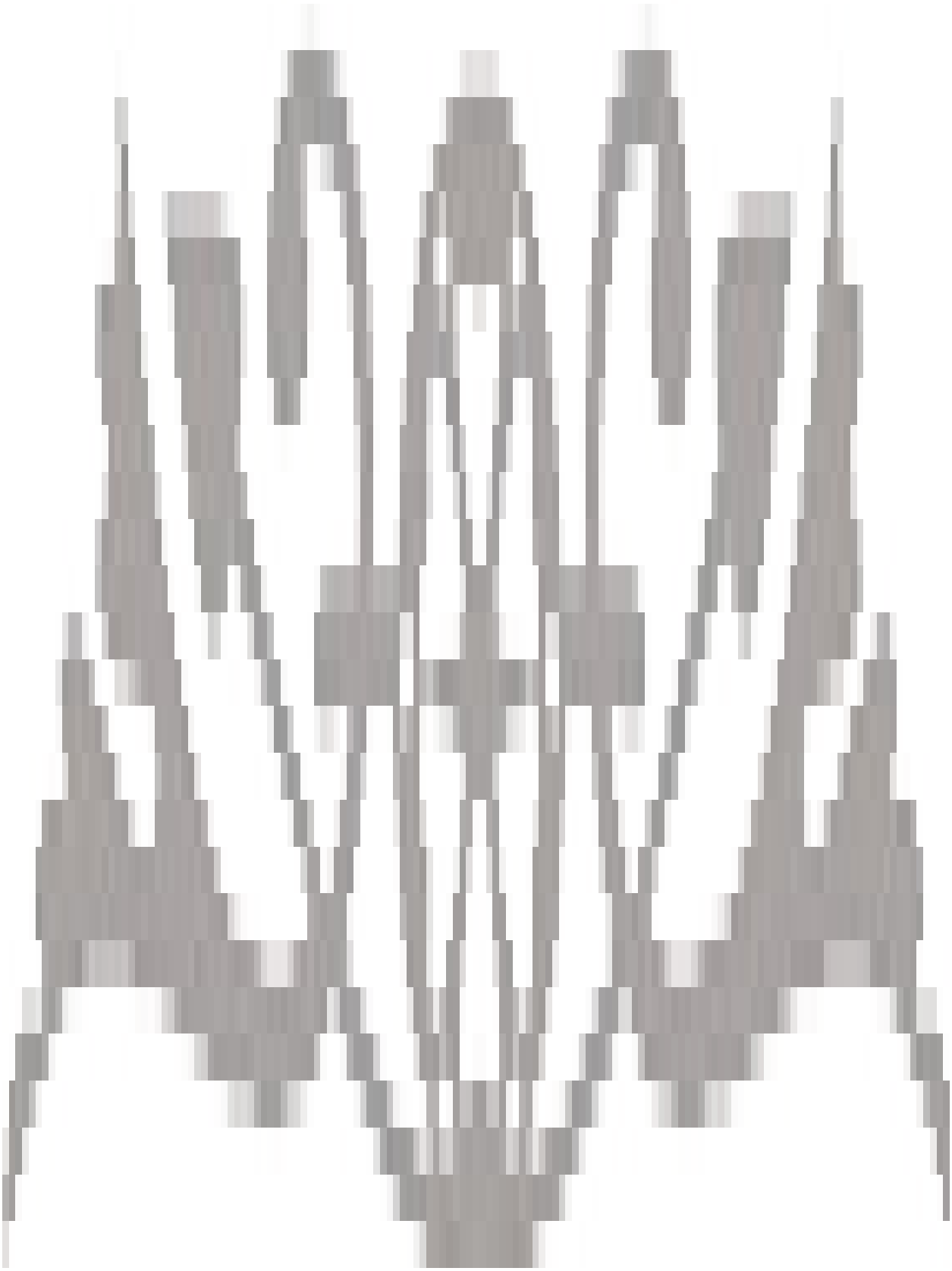
4 Calvino, João. The Minor Prophets. Vol. 5. Edimburgo: Banner of Truth, p. 296-297.

5 Baron, David. The Visions and Prophecies of Zechariah. Grand Rapids: Kregel, 1972, p. 363.

21

DUAS VARAS QUEBRADAS

Zacarias 11.1-17



Então, disse eu: não vos apascentarei; o que quer morrer, morra, o que quer ser destruído, seja, e os que restarem, coma cada um a carne do seu próximo. Tomei a vara chamada Graça e a quebrei, para anular a minha aliança, que eu fizera com todos os povos. Foi, pois, anulada naquele dia; e as pobres do rebanho, que fizeram caso de mim, reconheceram que isto era palavra do SENHOR (Zc 11.9-11).

Muita coisa pode acontecer durante a vida de um indivíduo, como se percebe pela vida do profeta Zacarias. Zacarias nasceu na Babilônia, em época de calamidade, numa família sacerdotal, aparentemente importante. Anteriormente, o Senhor havia promulgado juízo sobre seu povo, permitindo que o país fosse destruído, a nação escravizada e o povo mandado para o exílio, onde Zacarias cresceu. Foi provavelmente durante a juventude de Zacarias que o primeiro importante acontecimento de sua vida ocorreu: o decreto do imperador Ciro, em 538 a.C., ordenando a reconstrução de Jerusalém, cujo resultado foi o retorno do primeiro grupo para reconstruir o templo. Zacarias fez parte desse grupo e estaria presente para a ocasião importante em que os príncipes Sesbazar e Zorobabel lançaram a pedra angular para reconstruir o templo de Deus.

Ele já tinha testemunhado diversos importantes e dramáticos acontecimentos, mas a carreira de Zacarias estava longe de terminar. Os dois oráculos que concluem seu livro parecem ter vindo de um período bem posterior de sua vida, talvez até décadas após o término da reconstrução do templo, e retratam uma situação menos favorável. Como mostra o capítulo 11, Deus chamou Zacarias para se posicionar contra líderes incrédulos que haviam assumido o controle de Jerusalém. Isso foi algo contra o qual outros profetas se posicionaram, e, como Jesus denunciaria, quase invariavelmente resultava em perseguição do porta-voz de Deus: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedreja os que te foram enviados!” (Mt 23.37). Foi assim, realmente, que a longa e diversificada vida de Zacarias chegou ao fim. Jesus o identifica como o último dos profetas assim tratados e nos informa que ele foi “morto entre o santuário e o altar” (Mt 23.35).

Um lamento contra os falsos líderes

Zacarias 11 começa com um lamento poético. São três versículos que dão clara impressão do que estava por vir. Eles são um prenúncio de juízo e destruição. Os versículos 1 e 2 dizem: “Abre, ó Líbano, as tuas portas, para que o fogo consuma os teus cedros! Geme, ó cipreste, porque os cedros caíram, porque as mais excelentes árvores são destruídas”.

Esta é uma figura de devastação vinda do norte, e o versículo 3 mostra que os destinatários deste lamento são os falsos pastores, cuja capacidade de explorar o povo será extinta. “Foi destruída a soberba do Jordão”, diz o versículo 3, referindo-se, de maneira geral, à prosperidade de que usufruíam para o seu próprio bem; eram como leões, cuja fonte de alimento foi arruinada. A mensagem é que aqueles que foram colocados em posição de liderança sobre o povo de Deus serão responsabilizados e julgados.

Este capítulo trata do conflito de Zacarias contra os líderes incrédulos de Jerusalém, os quais são descritos nos versículos 4 e 5. Primeiro, há uma descrição do povo, “ovelhas destinadas para a matança”. Um bom pastor não matava todo o rebanho, mas o apascentava com atenção e sabedoria. Entretanto, uma atitude totalmente diferente caracterizava os dirigentes de Jerusalém, que buscavam gratificação pessoal e imediata: eles simplesmente matavam o rebanho. O povo da terra estava sendo manipulado pelos líderes, que o exploravam para proveito próprio: “Aqueles que as compram matam-nas e não são punidos; os que as vendem dizem: Louvado seja o SENHOR, porque me tornei rico; e os seus pastores não se compadecem delas” (Zc 11.5).

Parece haver duas classes de pessoas explorando o povo, os comerciantes e os líderes políticos. O cenário é de um mercado de ovelhas. Ali encontramos compradores que matam as ovelhas que adquirem, e vendedores que se alegram com o lucro. Os últimos, parece, são os comerciantes que se destacaram na cidade e que se preocupavam apenas com suas próprias riquezas, em vez de buscarem o bem público maior. Além disso, o versículo 5 fala de pastores que não poupavam o rebanho. Estes eram os chefes da cidade, que conspiravam com os comerciantes, em vez de protegerem o bem público.

Passagens como esta nos mostram os padrões de Deus para a liderança. Um líder dedicado leva em conta os interesses dos seguidores e do público geral. É verdade que todo líder tem metas e objetivos que precisam ser alcançados.

Contudo, na visão bíblica, “o pastor é o servo das ovelhas; o crescimento e provisão delas são o que definem a responsabilidade e os interesses de seu sucesso”.[1] Um líder dedicado alcança sucesso despertando seguidores fortes, capazes e motivados, em vez de explorar impiedosamente seus seguidores. Isto é essencial dentro da igreja, onde líderes são chamados para ser bons pastores. Pedro exorta: “Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho” (1Pe 5.2-3).

O versículo 5 desenha a dura realidade da liderança impiedosa no meio dos negócios, a qual impõe um claro desafio às atitudes atuais. Toma-se por pressuposto hoje que o único propósito legítimo para os negócios é o enriquecimento de seus proprietários. Praticamente qualquer coisa se justifica, desde que resulte no crescimento nas bolsas de valores, não importando quão passageiro seja o ganho ou o custo em termos humanos. “Louvado seja o SENHOR, porque me tornei rico!” é o resumo da espiritualidade de muitos profissionais hoje, incluindo alguns que se denominam cristãos. Contudo, vemos que Deus condena aqueles que se esforçam apenas para engordar seus próprios bolsos e aparelhar suas próprias casas executivas. Apesar da crescente demanda de produtividade e eficiência, líderes empresariais são advertidos contra considerar os empregados como rebanho a ser explorado e descartado. Tal atitude talvez possa evitar condenação ou até obter êxito, mas a mensagem aqui é que Deus cobrará responsabilidade dos falsos pastores.

Na perspectiva bíblica, obter lucro, certamente, é legítimo, mas o alvo maior do lucro deve ser a bênção material e, em última instância, espiritual da comunidade como um todo. Qualquer coisa que esteja aquém dessa aspiração é uma afronta contra o Senhor. Naquela época, como hoje, as pessoas colocavam nesciamente as riquezas em lugar de Deus como fonte de segurança e paz, que é o motivo pelo qual Paulo descreve especificamente a ganância como “idolatria” (Cl 3.5). Certamente, nós, ocidentais, vivemos em época de vasta idolatria, à medida que a glória e a riqueza corporativa elevaram o templo de nossa vida ao lugar devidamente reservado para Deus, exigindo compromisso e grau de sacrifício que só podem ser descritos como religião. Os cristãos precisam ouvir bem as palavras de nosso Senhor: “Ninguém pode servir a dois senhores... Não podeis servir a Deus e às riquezas” (Mt 6.24).

Quando o assunto é política, queremos ter o cuidado de como utilizamos a

Bíblia. Nem sempre é claro que partido ou plataforma é mais consistente biblicamente. Mas uma coisa que esta passagem deixa claro é que Deus condena aqueles que estão investidos de autoridade e abandonam o interesse das pessoas que deles dependem e estão sob sua autoridade. “Seus pastores não se compadecem delas”, diz o lamento do versículo 5. Isso acontece quando políticos, de direita ou esquerda, se alinham com grupos corporativos ou de interesse particular, deixando de lado o bem comum para o bem de suas carreiras. O versículo 17 conclui o capítulo anunciando o veredito de Deus contra o líder infiel: “Ai do pastor inútil, que abandona o rebanho! A espada lhe cairá sobre o braço e sobre o olho direito; o braço, completamente, se lhe secará, e o olho direito, de todo, se escurecerá”.

O retrato do bom pastor

Estes eram os líderes que governavam Jerusalém em decorrência da segurança e prosperidade que Deus tinha concedido. O que se segue é um dos grandes atos simbólicos, os quais eram ocasionalmente preconizados pelos profetas. Deus ordenou Zacarias a encenar uma situação a fim de transmitir uma mensagem publicamente ao povo de Jerusalém. Provavelmente, a mais famosa encenação profética foi realizada pelo profeta Oseias, a quem Deus mandou casar-se com uma prostituta para demonstrar o que significa para Deus viver em aliança com Israel. Outros profetas receberam instruções semelhantes, incluindo Isaías, a quem Deus ordenou andar nu e descalço durante três anos para representar o juízo, e Ezequiel, que se deitou de lado durante um ano, representando o pecado de Israel e o cerco de Jerusalém. No versículo 4, Zacarias é instruído a encenar um desses atos simbólicos. Deus diz: “Apascenta as ovelhas destinadas para a matança”.

Não está muito claro o que ocorreu em seguida. Os versículos 7 e 8 apresentam o relatório do profeta: “Apascentai, pois, as ovelhas destinadas para a matança, as pobres ovelhas do rebanho.* Tomei para mim duas varas: a uma chamei Graça, e à outra, União; e apascentei as ovelhas. Dei cabo dos três pastores num mês”. Parece que Zacarias saiu à frente do povo carregando essas duas varas de pastor como sinal profético de protesto, uma marcada “Graça”, que significa a bênção de Deus sobre o povo, e a outra, “União”, que significa a união nacional e a paz. Thomas McComiskey descreve esta ação como “um protesto profético contra os líderes corruptos da comunidade... encenado em público, provavelmente durante

um longo período de tempo”.[2] Por razões que não nos são reveladas, o profeta denunciou os líderes ímpios e conseguiu afastar os “três pastores” – provavelmente chefes de grupos adversários dele. Podemos imaginar que tipo de mensagem Zacarias teria propagado: uma denúncia contra a ganância e exploração, chamando-os ao arrependimento e cobrando mudança na liderança.

Pode-se pensar que esse tipo de protesto resultasse numa onda repentina de aprovação pública do profeta. Certamente, com o apoio do povo, o profeta seria capaz de arrumar a casa e instalar um novo e fiel regime. Afinal, o povo era quem estava sendo levado à matança e explorado pelos líderes cruéis. Mas não foi isso o que aconteceu. O profeta continua: “Também elas estavam cansadas de mim” (Zc 11.8). Não só os falsos pastores, mas também o rebanho detestava Zacarias! O povo não queria um regime fiel, apesar dos benefícios que teria. Isso é muito revelador. O povo preferia os líderes ímpios aos fiéis. Ele não queria padrões de fidelidade, porque não queria abandonar seus próprios estimados pecados. Isto é o que podemos esperar daqueles que se afastaram do conhecimento de Deus, mesmo aqueles que nasceram dentro da herança do povo de Deus. O livro de Juízes descreve um cenário anterior, o qual aparentemente se repete no tempo de Zacarias: “Outra geração após eles se levantou, que não conhecia o SENHOR” (Jz 2.10). Pessoas assim não se agradarão de propostas como a de Zacarias, por mais benéficas que sejam.

Muitos cristãos hoje se desanimam quando uma agenda conservadora é rejeitada pelo público. É necessário muito esforço para confrontar algo tão notoriamente mal intencionado e prejudicial, algo como aborto sob demanda, por exemplo, ou pornografia infantil, ou jogo patrocinado pelo estado. Os cristãos e outros grupos se organizam para denunciar tais distorções e são surpreendidos quando as pessoas se voltam contra eles. Eles são ridicularizados pela imprensa e zombados na rua. Como pode isso? A razão é o amor ao pecado, que seduz o mundo: “O homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (1Co 2.14).

Se desejarmos que as pessoas pensem e ajam de maneira piedosa, primeiro precisamos conduzi-las a um relacionamento com Deus por meio do ministério de Jesus Cristo. Os ímpios não se preocuparão com a piedade de seus pensamentos e ações. Eles odiarão Deus e as coisas e pessoas piedosas. É por isso que nosso testemunho ao mundo precisa, primeiro e acima de tudo, conter o evangelho da graça aos pecadores, para que o povo seja reconciliado a Deus e à

sua verdade e amor. Quanto menor for a lembrança da verdadeira religião de uma nação, mais as pessoas detestarão a piedade e os líderes piedosos. Como é urgente, então, que as igrejas cristãs não só se posicionem contra o pecado do mundo, mas proclame o evangelho da salvação, em vez de adotarem uma agenda meramente temporal, por mais nobre que seja! A não ser que os pecadores se reconciliem com Deus por meio do testemunho da igreja do evangelho, nunca predominará a piedade.

O rebanho rejeitado

O que acontece quando um povo rejeita Deus? Em última instância, depois de muita graça longânime, Deus os rejeita. É isto que Zacarias descreve: “Perdi a paciência com as ovelhas, e também elas estavam cansadas de mim. Então, disse eu: não vos apascentarei” (Zc 11.8-9).

O povo provavelmente ficou aliviado ao ver o profeta ir embora, mas as consequências da rejeição foram amargas. Zacarias nos diz: “Tomei a vara chamada Graça e a quebrei, para anular a minha aliança, que eu fizera com todos os povos. Foi, pois, anulada naquele dia; e as pobres do rebanho, que fizeram caso de mim, reconheceram que isto era palavra SENHOR” (Zc 11.10-11). Sem a obrigação de um relacionamento com Deus, o povo não poderia desfrutar de seus benefícios. Portanto, a restrição imposta por Deus sobre as nações seria agora removida para que elas pudessem atacar livremente os israelitas. É isso que significa sua “aliança” com as nações. Deus havia mantido as nações encurraladas, mas agora essa restrição deixaria de existir. Como sugere o versículo 11, deve ter sido com pesar que os fiéis, em massa, viram a vara quebrada cair das mãos do profeta. O versículo 14 acrescenta: “Então, quebrei a segunda vara, chamada União, para romper a irmandade entre Judá e Israel”. Agora a integridade do povo como nação seria perdida, porque desprezou a Deus, que foi e é a única fonte de verdadeira unidade de qualquer povo.

Precisamos de cautela ao aplicar esse cenário à nossa nação e contexto, pois há importantes maneiras em que o Israel do Antigo Testamento é diferente da nação israelita secular de hoje. Primeiro, precisamos aplicar essa realidade às igrejas cristãs, muitas da quais se afastaram da Bíblia e, com o tempo, tornaram-se mortas, irrelevantes ou totalmente corrompidas. Contudo, não podemos deixar de observar que situação semelhante corresponde ao que nossa nação e outras

nações ocidentais estão enfrentando. Tendo construído nossa prosperidade sobre fundamentos de princípios religiosos e tendo desfrutado de unidade baseada em valores e visão compartilhada derivada da Bíblia, não devemos nos surpreender ao encontrarmos nossa cultura ameaçada pelo nosso abandono de Deus. Podemos inscrever “Confiamos em Deus” em nossa moeda, mas essas palavras estão cada vez mais esvaziadas e hipócritas. Na realidade, passamos a confiar na própria moeda. Mas o dinheiro e as coisas que ele pode comprar substituirão muito mal o verdadeiro Deus vivo da Bíblia. Como os judeus do tempo de Zacarias, não desfrutaremos das bênçãos de Deus sem a obediência em fé e sem dobrar nossos joelhos a ele como nosso Senhor.

Este episódio deve ter sido doloroso na vida de Zacarias. Ele presenciou tantas bênçãos, mas agora a condenação aguardava o povo que tinha se afastado de Deus. Certamente, também foi doloroso para Deus, contudo, não foi surpresa para ele. Realmente, fica claro com esta passagem que, desde o início, Deus quis que este ato simbólico representasse algo que já havia ocorrido espiritualmente. O versículo 6 explica por que ele enviou o profeta: “Certamente, já não terei piedade dos moradores desta terra, diz o SENHOR; eis, porém, que entregarei os homens, cada um nas mãos do seu próximo e nas mãos do seu rei; eles ferirão a terra, e eu não os livrarei das mãos deles”. Nos versículos 15 e 16, Deus envia Zacarias de volta ao povo para representar o pastor tolo que eles escolheram em seu lugar, “o qual não cuidará das que estão perecendo, não buscará a desgarrada, não curará a que foi ferida, nem apascentará a sã; mas comerá a carne das gordas e lhes arrancará até as unhas”. Sempre que Deus dá aos pecadores exatamente o que eles querem é um juízo severo. As pessoas querem vida de pecado, um estilo de vida permissivamente degradante, e Deus as julga permitindo esse estilo de vida com salário de morte. Como cristãos, diante da propagação de densas trevas, precisamos ser ainda mais ávidos a nos colocar diante de nossa geração com o evangelho da graça e da verdade de que ela tanto precisa.

A partida do Salvador

Os versículos 12 e 13 completam esse ato simbólico profético de duas maneiras: primeiro, revelando o desprezo daqueles que rejeitaram o mensageiro de Deus: “Eu lhes disse: se vos parece bem, dai-me meu salário; se não, deixai-o. Pesaram, pois, por meu salário trinta moedas de prata” (Zc 11.12). Trinta moedas

de prata era a quantidade prescrita para pagamento de um escravo que tinha sido morto. Representava o salário de escravo – o salário mais desprezível que alguém podia receber. Portanto, Deus disse a Zacarias: “Arroja isso ao oleiro, esse magnífico preço em que fui avaliado por eles. Tomei as trinta moedas de prata e as arrojei ao oleiro, na Casa do SENHOR” (Zc 11.13). Isso mostra que Zacarias rejeitou o pagamento; não querendo contribuir com os corruptos líderes religiosos, ele lançou as moedas ao oleiro, que tinha sua oficina naqueles limites. Este é um retrato vívido do desprezo do mundo pela verdadeira religião, assim como da rejeição de Deus à sua arrogante oferta.

Estes dois versículos completam a passagem de outra maneira, ligando esses acontecimentos ao que haveria de acontecer mais de quinhentos anos depois, quando outro bom e verdadeiro pastor enviado por Deus foi rejeitado pelo povo naquela mesma cidade. Esse Pastor era o próprio Filho de Deus, o grande e último profeta de Israel. Sua vida também foi avaliada pelos líderes religiosos em trinta moedas de prata, pagas a Judas Iscariotes pela traição. Como Deus disse, este foi o “magnífico preço em que fui avaliado por eles” (Zc 11.13). Quando Judas jogou de volta as moedas para os principais dos sacerdotes, eles cumpriram o que foi escrito em Zacarias, usando as moedas para comprar o campo do oleiro, em vez de colocá-las no tesouro do santuário. No registro dos Evangelhos, isso liga o ato simbólico de Zacarias à experiência real de Jesus Cristo.

Se foi difícil a Zacarias ser rejeitado, quanto mais foi para Jesus, o Deus encarnado, ser rejeitado pelo povo a quem tanto amou. Esta era a nação a quem Deus demonstrou abundante misericórdia e longanimidade por tantas gerações. Jesus passou seu ministério ensinando e curando aquelas mesmas pessoas. Uma das cenas mais dramáticas da última semana de Jesus em Jerusalém aconteceu justamente no local daquele mesmo templo em que Zacarias foi rejeitado e posteriormente morto. Jesus sabia que seria rejeitado e morto. Ele sabia que a cruz o aguardava, que os judeus o abominavam como o verdadeiro pastor que Zacarias prognosticou. Jesus lamentou não só sua própria rejeição, mas também a salvação daquelas pessoas que estavam perdidas por causa daquilo. “Jerusalém, Jerusalém”, ele exclamou, “que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes! Eis que a vossa casa ficará deserta” (Mt 23.37-38).

A próxima passagem do Evangelho de Mateus começa dizendo: “Tendo Jesus

saído do templo". Como o ato simbólico de Zacarias previu, a paciência de Deus chegou ao fim. O Senhor da glória deixou o templo de Jerusalém. Todos que não o seguiram, aqueles que não escolheram Jesus em lugar dos falsos e perversos pastores – todos, exceto os discípulos que o seguiam em fé – foram deixados para trás por ele. Eles foram deixados para trás para receber a devida condenação por seus pecados, a condenação por rejeitarem o Salvador que Deus graciosamente lhes enviou. Alguns dias depois, quando Jesus carregava a cruz de madeira para o monte do Calvário, ele se virou para algumas mulheres judias que choravam e disse: "Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai, antes, por vós mesmas e por vossos filhos" (Lc 23.28). Jesus ressuscitaria de entre os mortos, e seus discípulos receberiam vida eterna, mas a condenação aguardava todos aqueles que o rejeitaram, o verdadeiro e bom pastor, ao qual crucificaram maliciosamente em sua indisposição de se submeterem a Deus.

Severa advertência

Esta passagem foi uma advertência clara aos judeus de que rejeitar o verdadeiro e bom pastor acarretaria um desastre sobre eles. Mas a profecia de Zacarias, relembrada por Jesus no caminho da cruz, seria cumprida com precisão absoluta. O que foi prenunciado nesta passagem se cumpriu na forma de uma terrível conquista pelos romanos após a rejeição de Jesus pelos judeus.

Já encontramos duas profecias específicas nesta seção de Zacarias, uma acerca da conquista de Alexandre, o Grande (9.1-8), e a outra acerca das guerras dos macabeus (9.12-17). Esta passagem acrescenta uma terceira profecia que se cumpriu nos mínimos detalhes. Zacarias 11.1-2 fala de uma terrível invasão vinda do norte, uma conquista aterrorizadora que deixou a terra desolada. Isso ocorreu na geração posterior à rejeição de Jesus pelos judeus, em consequência de Deus os rejeitar. No ano 66 d.C., rebeldes judeus foram bem-sucedidos em expulsar as guarnições romanas de Jerusalém, por isso, como resposta, o general romano Vespasiano invadiu com suas legiões, atravessando as terras do norte mencionadas nesta passagem. O que Zacarias mostrou quebrando suas varas se tornou tragicamente real. A mão protetora de Deus foi retirada depois da rejeição de Jesus, e, sem a presença de Deus, a unidade da nação se dissolveu em tempo de conflito civil e caos nacional.

Realmente, a profecia de Zacarias descreve sutilmente a situação de Jerusalém

na época de sua conquista e destruição, no ano 70 d.C. Houve três facções rivais na cidade quando foi sitiada, uma situação que atrasou as negociações com os romanos e aumentou muito o sofrimento do povo. Zacarias anteviu especificamente o que ocorreria: “Não vos apascentarei; o que quer morrer, morra, o que quer ser destruído, seja, e os que restarem, coma cada um a carne do seu próximo” (Zc 11.9). Esse horror sem precedentes se cumpriu durante o cerco romano, quando um grande número de pessoas foi massacrado. Enquanto a cidade passava fome, algumas pessoas realmente recorreram ao canibalismo. Finalmente, a cidade foi derrotada pela espada, e, como Jesus profetizou em Mateus 24, nenhuma pedra do templo ficou de pé. Isso aponta para uma situação dramática que precisamos avaliar. Por um lado, as Escrituras apresentam Deus como ávido a perdoar e tardio em se irar, rico em misericórdia e relutante em destruir. Contudo, quando seu juízo final ocorrer, será verdadeiramente terrível.

Esta advertência se cumpriu muito especificamente em Jerusalém, embora sua lição permaneça válida para qualquer nação que rejeita Cristo como seu Senhor. Mas também devemos, com certeza, aplicá-la ao nível pessoal. Assim como Jesus veio a Jerusalém, ele também vem a toda pessoa. Ele nos oferece a salvação – perdão para os seus pecados, pela morte dele. Mas ele também adverte contra as consequências de rejeitá-lo como Salvador e Senhor. Saiba que, se rejeitar Jesus, você provocará mais do que apenas sofrimento e tristeza ao seu estimado coração. Saiba que você terá rejeitado Deus. Você terá rejeitado a graça que ele ofereceu pelo amor. Você, como os antigos judeus, não será capaz de dar a desculpa de que Deus reteve de você a graça. Ele enviou seu próprio Filho para ser seu Salvador e Bom Pastor. Você não terá rejeitado um Deus severo, aquele que tem prazer na ira e é indigno de seu amor. Não, é o Deus revelado em graça e verdade, por meio de Jesus Cristo. É o Deus já revelado no Antigo Testamento: “SENHOR, SENHOR Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado, ainda que não inocenta o culpado” (Êx 34.6-7).

A advertência, então, é a seguinte: Se você rejeitar a graça e a misericórdia de Deus, recusando o Salvador que ele enviou, Deus, por sua vez, terá de rejeitá-lo. Se você preferir o pecado e os prazeres, você não escapará do julgamento do pecado. Zacarias relutantemente quebrou as varas que representavam a bênção de Deus, assim também todos os ímpios se encontrarão sem os benefícios da graça de Deus. Jesus falou dessa terrível prospectiva na parábola dos lavradores maus. Falando a respeito das pessoas que primeiro rejeitaram os profetas de

Deus e, finalmente, rejeitaram seu Filho e, em sua incredulidade, o crucificaram, Jesus disse: “[Deus] fará perecer terrivelmente a estes malvados” (Mt 21.41). Eu o imploro a não estar entre estes. Não se candidate a essa condenação eterna, da qual a horrível queda de Jerusalém foi apenas um breve portento, quando Deus lhe oferece tão avidamente o perdão e a vida eterna por meio da fé em Jesus Cristo. E não pense que tenha segurança para deixar essa decisão para depois, pois nenhuma rejeição do Filho de Deus é segura, e ninguém sabe qual será a sua última chance de ser salvo. “Eis, agora”, escreve Paulo, “o dia da salvação” (2Co 6.2).

Como o profeta Zacarias, Jesus foi rejeitado e morto pelos inimigos de Deus. Para eles, e para todos que ocupam os seus lugares hoje, a cruz é o emblema de sua condenação. Mas há outros, uma multidão incontável, que olha para o Bom Pastor com alegria, que ouve sua voz com prazer, que o segue para o rebanho que ele reúne para a vida eterna. Para esses, a cruz é o emblema de salvação, porque ali o Bom Pastor derramou sua vida pelo perdão dos seus pecados. “O SENHOR, seu Deus, naquele dia, os salvará, como ao rebanho do seu povo”, diz a profecia (Zc 9.16). Esta é a mensagem da cruz de Cristo, uma advertência da maior importância. Mas ela é também a mensagem de um Deus cheio de compaixão, um Salvador digno de nossa devoção e confiança, uma salvação livremente oferecida a todos que vêm em fé e um chamado que você deve atender hoje para que seja salvo.

1 Phillips, Richard D. The Heart of an Executive. Nova York: Doubleday, 1999, p. 7.

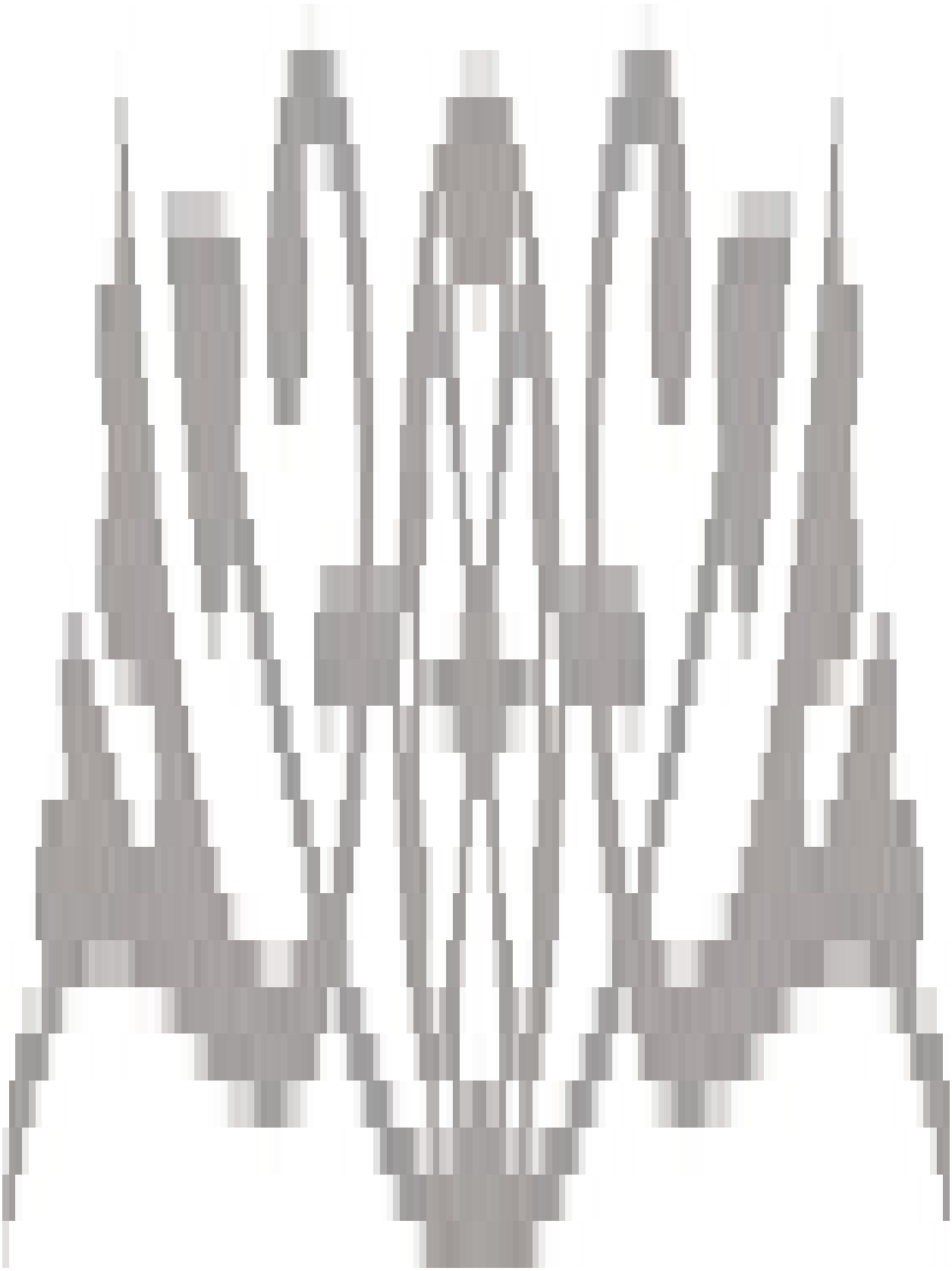
2 McComiskey, Thomas E. The Minor Prophets: An Exegetical and Expository Commentary. Vol. 3. Grand Rapids: Baker, 1998, 3:1191.

* A versão usada pelo autor diz: “Então me tornei o pastor do rebanho destinado à matança pelos comerciantes de ovelhas” (N. do R.).

22

FORÇA NO SENHOR

Zacarias 12.1-9



Sobre a casa de Judá abrirei os meus olhos e ferirei de cegueira a todos os cavalos dos povos. Então, os chefes de Judá pensarão assim: Os habitantes de Jerusalém têm a força do SENHOR dos Exércitos, seu Deus (Zc 12.4-5).

O capítulo 12 introduz a última seção de Zacarias, com o segundo oráculo que compõe a última parte deste livro. Não está claro como esses dois oráculos se relacionam entre si. O primeiro oráculo agrupa mensagens contra as nações que se opunham à Jerusalém, e este segundo oráculo contém uma mensagem contra Israel. Contudo, talvez o aspecto mais relevante diga respeito ao tempo. Nos capítulos 9–11, percebemos um avanço no tempo à medida que a mensagem se desenrola. Primeiro, houve uma profecia que tratava das conquistas de Alexandre, o Grande, as quais se sucederam no século 4º a.C.; em seguida, outra profecia, sobre o conflito entre judeus e gregos durante as guerras dos macabeus, no século 2º a.C. Esse oráculo termina com uma vívida profecia sobre a rejeição de Cristo em Jerusalém, que ocorreu no início do século 1º d.C. Parece que este segundo oráculo parte desse ponto, dando seguimento na história a partir da cruz.

Esta é uma boa-nova. Os judeus, representando todo o mundo pecaminoso, rejeitaram o Salvador que Deus enviara. Mas este oráculo mostra que a história não termina com a rebeldia humana. Os capítulos 12 e 13 formam uma só unidade, e, nela, aprendemos como Deus empregará seu povo para confundir as nações (12.1-4), dando a ele força extraordinária (12.5-9), trazendo-o ao arrependimento (12.10-14) e, finalmente, purificando-o do pecado (13.1-6). A mensagem central é de que o próprio Deus tornará eficaz o evangelho que ele ofereceu. Ele preservará, animará, reunirá e purificará a igreja a qual ordenou salvar.

Oráculo a respeito de Israel

Os primeiros nove versículos de Zacarias 12 apresentam as primeiras duas cenas, a saber, Deus emprega seu povo para confundir e destruir as nações arregimentadas contra ele e concede-lhe força extraordinária a fim de vencê-las.

Há, porém, uma série de questões que deve ser considerada: primeiro, a começar do título dessa seção como “sentença pronunciada pelo SENHOR contra Israel” (Zc 12.1).

“Sentença” é a tradução da palavra hebraica m~ss~, que também é expressa como “oráculo”. Normalmente se refere a uma ameaça de calamidade no caso de Deus agir em juízo. Isso levanta a questão sobre o sentido que este título dá a esta seção. Uma vez que se trata de uma sentença contra Israel, por que estes versículos prosseguem anunciando boas-novas para Jerusalém? Há duas maneiras principais de responder a esta questão. A primeira é oferecida por H. C. Leupold. Leupold diz que este oráculo é uma sentença contra Israel não porque Deus provocará aflição sobre a nação, mas por causa das circunstâncias pelas quais o povo de Deus precisa passar para ser liberto. Nesta passagem, a cidade de Deus é submetida a um feroz ataque e cerco e, apesar de ser libertada, é uma aflição que ela precisa suportar. João Calvino, diferentemente, nos lembra de que a maioria do povo judeu permaneceu no conforto do exílio babilônio, em vez de partilhar das dificuldades daqueles que retornaram a Jerusalém. Ele escreve: “Portanto, considero que o profeta, nesta passagem, repreende aqueles israelitas que rejeitaram... um retorno voluntário ao seu próprio país”,[1] o que era seu dever, de acordo com a palavra de Deus.

Uma segunda questão tem a ver com uma frase repetida cinco vezes nestes versículos e que recorre em todo o restante de Zacarias (16 vezes nestes três capítulos): “Naquele dia”. Esta frase é comum nos profetas, nesta ou em outras formas, como “no dia do Senhor”. Esta expressão refere-se à vinda de Deus em poder para colocar em ordem as coisas sobre a terra, tanto em juízo quanto em salvação. Um estudo minucioso mostrará que diferentes profetas usaram esta expressão para se referirem a acontecimentos diferentes. Amós 5.18-20, por exemplo, usa esta expressão para falar da conquista de Samaria pelo império assírio. Joel 2.28-31 fala do Dia do Senhor, quando o Espírito de Deus será derramado em Pentecostes (At 2.16-21). No Novo Testamento, “o dia do Senhor” quase sempre se refere à segunda vinda de Cristo e ao juízo final. Por esse motivo, muitos cristãos supõem que a expressão indique o fim, mesmo no Antigo Testamento.

O que podemos afirmar de modo geral sobre “o dia do Senhor” é que a expressão se refere à vinda de Deus para executar juízo e salvação sobre a terra. Um dia como este ocorre em vários momentos ao longo da história da redenção. A frase “naquele dia”, portanto, não se refere tanto a uma data marcada no

calendário, mas a cada uma das muitas visitações de Deus registradas nas Escrituras, sempre com manifestações de poder, santidade e graça.

Finalmente, precisamos tratar da questão do cumprimento. Quando Zacarias diz “naquele dia”, em qual visitação divina está pensando? Há uma série de declarações neste último oráculo que o situa no período posterior à primeira vinda, mas antes da segunda vinda de Cristo. Então, como isso ocorrerá e quem será o povo de Deus que será salvo da maneira como está expressa aqui?

Há duas interpretações principais. Uma sustenta que estas passagens falam da igreja cristã como verdadeiro Israel de Deus no Novo Testamento, enquanto, a outra acredita que Zacarias esteja falando do Israel étnico e mesmo nacional. Aqueles que entendem que este capítulo está se referindo à igreja argumentam que o seu cumprimento ocorre durante toda a era atual da graça, enquanto aqueles que apoiam a segunda interpretação, geralmente, sugerem um ataque futuro e literal contra Jerusalém, o qual ocasionará um novo livramento, um arrependimento geral e uma conversão em massa dos judeus por meio do evangelho. Em todo o livro de Zacarias observamos uma ênfase sobre um cumprimento espiritual na igreja cristã, e esta é a melhor maneira de entender este oráculo também. Estas profecias se referem ao povo de Deus em geral, o qual, nos dias de Zacarias, vivia em Jerusalém, mas que agora se encontra na igreja cristã.

João Calvino entendeu que as profecias de Zacarias sobre Jerusalém tinham grande importância para o que a igreja estava passando na sua própria época. Este oráculo fala das forças armadas preparadas para o ataque contra Jerusalém, e os evangélicos da Reforma estavam literalmente sujeitos a uma invasão militar de forças muito superiores que procuravam reprimir o evangelho. Calvino escreveu:

Vemos como Satanás levanta grandes potências, vemos como o mundo todo conspira contra a igreja, para impedir a expansão ou progresso do reino de Cristo... [para que] sejamos enfraquecidos e nos tornemos totalmente abatidos. Lembremo-nos... por mais ousadamente que diversos adversários resistam à obra de Cristo na edificação de um templo espiritual ao Deus Pai, todo seu esforço, porém, será em vão.[2]

Uma visão geral da história da igreja e da igreja contemporânea espalhada por todo o mundo mostrará que a igreja está realmente cercada pelo mundo e que passagens como esta de Zacarias antecipam muito bem tanto nossa necessidade quanto a fidelidade de Deus em sustentar o seu povo. Entendo, portanto, conforme a compreensão reformada geral, que esta profecia fala da poderosa provisão de Deus para salvação do seu povo em todos os tempos, especialmente para a igreja em sua posição contra um mundo hostil. Leupold escreve: “As reivindicações feitas para o futuro de Jerusalém têm seu cumprimento final no verdadeiro Sião de Deus – sua igreja – [...] Toda a passagem fala do cuidado soberano de Deus e da proteção da igreja do Antigo e Novo Testamentos ao longo dos séculos.”[3]

As nações são destruídas

Zacarias 12.1-9 se divide em duas partes; a primeira fala de Deus empregando a igreja para derrotar aqueles que se levantam contra ele, enquanto a segunda fala de Deus fortalecendo seu povo para a vitória. Primeiro, entretanto, há uma breve introdução, na qual há uma recitação da própria majestade e poder de Deus. O versículo 1 dirige nossa atenção a ele como “o SENHOR, que estendeu o céu, fundou a terra e formou o espírito do homem dentro dele”. Isso testifica da atividade soberana de Deus sobre o mundo. Este não é o Deus relojoeiro do deísta, o qual dá corda na história e a deixa funcionar sozinha, mas o Deus cujas mãos organizaram o céu acima e cuja providência rege toda a terra. Uma vez que os versículos seguintes parecem inacreditáveis, principalmente em época de fraqueza e perigo para a igreja, somos aqui lembrados, pela primeira vez, de que Deus é quem faz tais asseverações. Ele é o Deus Todo-Poderoso da criação e da providência.

Com isso em mente, os versículos 2 a 6 retratam o confronto e o avanço do mundo para destruir a cidade de Deus. Mas, em vez de a igreja ser destruída, são seus inimigos que são arruinados. Primeiro, eles são confundidos. O versículo 2 descreve Jerusalém como um cálice ou vasilha para onde as nações recorrerão a fim de saciar sua sede: “Eis que eu farei Jerusalém um cálice de tontear para todos os povos em redor e também para Judá, durante o sítio contra Jerusalém”. Leupold descreve a cena de forma bem dramática:

Que cena: uma enorme vasilha de vinho; vários homens, representantes da Síria, Amom, Moabe, Edom, Filístia e Fenícia, reunidos em torno da vasilha e colocando seus lábios na sua borda! Eles estão sedentos para engolir Israel. Mas, estranho dizer, um após outro se retira, dá uma volta e cambaleia como um bêbado, pois Deus fez isso para ser um cálice de embriaguez... Eles se tornam impotentes pelo vinho da ira de Deus e cambaleiam como bêbados tolos. A cidade de Deus permanece invencível.[4]

O versículo 3, então, mostra as nações atacando a si mesmas em sua tentativa de desalojar a igreja: “Naquele dia, farei de Jerusalém uma pedra pesada para todos os povos; todos os que a erguerem se ferirão gravemente”. A ideia é a de um fazendeiro que vai arar seu campo, mas encontra uma enorme pedra no caminho. Na tentativa de erguê-la, ele se machucará. Assim também o mundo vê o povo de Deus como empecilho contra seus planos e ambições perversas. Mas quando o mundo tentar retirar a igreja, Deus a torna pesada e quebra a coluna dos ímpios.

O versículo 4 vê os exércitos do mundo galopando contra a cidade em todo seu poder. “Naquele dia, diz o SENHOR, ferirei de espanto a todos os cavalos e de loucura os que os montam; sobre a casa de Judá abrirei os olhos e ferirei de cegueira a todos os cavalos dos povos”. Somos lembrados aqui do profeta Eliseu, que, apesar de estar rodeado pelos cavaleiros e carros da Síria, foi protegido pelos carros de fogo que Deus enviou para salvá-lo. Eliseu orou e Deus feriu o inimigo de cegueira. Essa parece ser a ideia aqui, a saber, que, ao cegar o inimigo e espalhar pânico sobre seus cavalos, o Senhor derrota todas as suas forças.

Há dois elementos que precisamos observar nestes versículos. Primeiro, há uma crescente intensidade na luta que Deus trava contra o mundo hostil. Inicialmente, Deus simplesmente os confunde e envergonha. Em seguida, ele permite que sejam feridos por causa do que estão fazendo. No versículo 4, eles são tomados por uma loucura ameaçadora. Ao fim desta passagem, lemos: “Naquele dia, procurarei destruir todas as nações que vierem contra Jerusalém” (Zc 12.9). Há uma crescente intensidade, um juízo progressivo daqueles que persistem contra o Senhor; eles terminam em total destruição.

Segundo, devemos observar que o dano é causado a esses inimigos por seus próprios instrumentos. No versículo 2, Deus não os faz beber, mas torna sua maldade um veneno. No versículo 3, aqueles que aplicam força para destruir a igreja terão suas fontes de poder comprometidas. O que os homens achavam que lhes traria vitória por sua cólera contra o Senhor se voltou contra eles mesmos; ele faz com que os ídolos que fabricaram e aos quais adoram se tornem uma maldição e ameaça contra sua própria vida.

A aplicação destes versículos é óbvia, a saber, Deus protetoramente atenta para a situação de seu povo e está pronto para se levantar em sua defesa. Deus diz: "sobre a casa de Judá abrirei os olhos" (Zc 12.4). No capítulo 2, o anjo falou em termos parecidos, observando a ligação bondosa e íntima de Deus com seu povo: "Aquele que tocar em vós toca na menina de seu olho" (Zc 2.8). O salmo 46 acertadamente diz a todo o povo do Senhor em aflição: "Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações" (v. 1).

"Afflavit Deus"

Esta expressão reflete o que indivíduos cristãos descobrem ser verdade e se apresenta como testemunho da igreja como um todo. A história mostra o mundo tentando repetidamente erradicar o evangelho. Os romanos tentaram destruir a igreja primitiva por meio de uma cruel perseguição, mas a igreja sobreviveu e prosperou. De igual forma, a Reforma Protestante foi gravemente ameaçada pela invasão armada.

Um exemplo memorável foi a Armada Espanhola, que procurou invadir e massacrar a Inglaterra protestante durante o reinado da rainha Elizabete. A Inglaterra e a Espanha estavam competindo pelos seus interesses no Novo Mundo, mas a disputa velada era pelo evangelho. A Espanha era orgulhosamente católica romana – seu rei tinha o título de "Sua Majestade Católica" – e a Inglaterra estabeleceu ousadamente sua Reforma sobre a recuperação da palavra de Deus.

A Armada foi lançada em 1588 com 130 grandes e poderosos navios, com 7 mil marinheiros e 17 mil soldados. Os ingleses não tinham mais do que 90 navios em toda a sua marinha, a maioria dos quais muito pequenos. A batalha se estendeu por diversos dias, e os protestantes, comandados por Sir Francis Drake,

lutaram heroicamente. Mas tudo teria se perdido se não fosse por uma tempestade inesperada que agitou as águas do Canal da Mancha, arrastando os navios espanhóis para o mar do Norte, onde sua frota foi totalmente destruída. Muitos na Inglaterra acreditaram, e com razão, que Deus defendeu sua igreja contra o poder do mundo hostil. O governo comemorou essa convicção cunhando moedas inscritas, Afflavit Deus, ou “Deus soprou”.

Exemplos como este mostram como o povo de Deus não deve temer o mundo. Muitos líderes de igreja e estratégias de crescimento de igreja hoje apresentam uma visão diferente daquela que encontramos nestes versículos. Eles dizem que a igreja deve se adaptar ao mundo e que, se não conformarmos a igreja ao estilo e expectativas seculares – até mesmo a uma mensagem e agenda secular – o mundo simplesmente nos arrastará para fora do caminho. Mas a verdadeira igreja cristã tem peso! Ela não será eliminada tão facilmente, uma vez que Deus está presente nela. O mundo pode não nos aprovar e pode até abominar o que proclamamos conforme a palavra de Deus, mas a verdadeira igreja, que descansa no poder de Deus, não será eliminada.

Zacarias falou essas palavras na cidade de Deus com esperança de despertar os israelitas do torpor de sua indolência espiritual. Contudo, sabemos pelos livros que seguem, principalmente Neemias, que, dentro de alguns anos, a cidade sobre a qual essas promessas foram feitas se encontrava em estado espiritual deplorável. J. I. Packer traça um paralelo entre a fraca Jerusalém daquela época e a fraca igreja cristã da atualidade. Ele diz:

Jerusalém é um retrato das igrejas cristãs, principalmente, do ocidente moderno. Fraqueza, desilusão e a diminuição de adeptos são o que se ouve em toda parte... A secularização da vida em comunidade e o vacilo dos teólogos, líderes de igreja e o clero comum deixaram a maioria das igrejas em estado deplorável... Em geral, a igreja ocidental se atrofiou e encolheu; ela deixou de ser considerada uma comunidade vigorosa; a fé que Deus a confiou é largamente desconhecida das pessoas da rua e, quando é conhecida, é amplamente ignorada; e a santidade que a igreja outrora propagou como verdadeira humanidade é taxada na cultura popular como esquisitice cômica e ultrapassada.[5]

Se isso for verdade, só pode ser porque não acreditamos na mensagem de profetas como Zacarias. Ele nos diz que nosso Deus é grandioso e, uma vez que o mundo tremerá diante dele, não devemos tremer diante do mundo. Packer mostra que um homem de fé como Neemias poderia construir Jerusalém novamente no poder de Deus. É causa muito nobre poder servir à cidade de Deus, à sua igreja, reedificando uma fé que é digna de seu Salvador. Se quisermos nos entregar a esta obra, devemos começar recuperando a visão da grandeza e poder de Deus, sua soberana e absoluta suficiência para todas as nossas necessidades, que Zacarias proclama tão ousadamente.

Força no Senhor

Os versículos 1 a 4 olham para fora de Jerusalém, mas os versículos 5 a 9 voltam-se principalmente para dentro – para a obra de Deus entre o povo que ele ama. Esta é a segunda afirmação da mensagem de salvação de Zacarias, de que Deus abençoa seu povo a fim de que ele possa prevalecer sobre todo inimigo.

O oráculo de Zacarias fala de três coisas que Deus faz por seu povo. Primeiro, ele o torna forte com a sua própria força. Os encarregados de conduzir o povo se regozijam justamente nisto: “Então, os chefes de Judá pensarão assim: Os habitantes de Jerusalém têm a força do SENHOR dos Exércitos, seu Deus” (Zc 12.5). Isto é algo que pastores fiéis sempre desejam ver: toda a igreja fortalecida pela a presença do Senhor. Isto também fala da confiança que devemos ter sobre todos que realmente vêm em fé: uma vez que o Senhor Todo-Poderoso é o seu Deus, eles certamente crescem em força espiritual.

Mas o povo de Deus olha para seus líderes com semelhante prazer. Deus diz: “Naquele dia, porei os chefes de Judá como um braseiro ardente debaixo da lenha e como uma tocha entre a palha; eles devorarão, à direita e à esquerda, a todos os povos em redor” (Zc 12.6). A Nova Versão Internacional traduz “clãs de Judá” por “líderes de Judá”, uma vez que por “clãs” Zacarias parece se referir aos chefes dos clãs de Judá. É disso que a igreja precisa, pastores ardentes que tenham firmeza diante do mundo e coloquem sua dependência em Deus, propagando sua palavra como fogo. Realmente, onde quer que a igreja se posicione ousadamente contra o mundo, há homens de Deus que se firmam na fé, e a igreja, como um todo, depende imensamente do exemplo de tal coragem. Foi assim que Paulo exortou Timóteo, um jovem pastor que ele treinou: “Não te

envergonhes, portanto, do testemunho de nosso Senhor, nem do seu encarcerado, que sou eu; pelo contrário, participa comigo dos sofrimentos, a favor do evangelho, segundo o poder de Deus... Guarda o bom depósito, mediante o Espírito Santo que habita em nós" (2Tm 1.8, 14).

O profeta fala dos líderes de Judá como braseiro que acende uma pilha de lenha ou uma tocha em chamas no meio de gravetos. A ideia é que seu fiel testemunho consome a oposição. Mas somos lembrados de quantos fiéis heróis da fé foram literalmente queimados por causa do evangelho e, ao fazê-lo, incendiaram o mundo.

Foi justamente diante de ameaça desse tipo que, em 1521, por ocasião da Dieta de Worms, Martinho Lutero se recusou a renunciar à justificação somente pela fé. "Aqui estou", ele respondeu às ameaças, "não posso renunciar". A Reforma inglesa, também, foi uma chama acesa pela morte chamejante de líderes fiéis durante a perseguição da rainha católica, Maria Sanguinária. Os mais famosos foram Nicholas Ridley e Hugh Latimer, pregadores corajosos cuja fé foi colocada a teste pelas chamas. Quando foram amarrados às estacas, Latimer disse ao seu amigo: "Tenha bom ânimo, Mestre Ridley, e seja homem. Seremos hoje, pela graça de Deus, como uma vela na Inglaterra, a qual, creio, nunca se apagará!"[6] Esta é a força que Deus evoca e oferece aos verdadeiros líderes de seu rebanho, dos quais há grande necessidade hoje.

Segundo, vemos aqui que Deus protege sua igreja e envia sua paz a seu povo. Zacarias diz: "Jerusalém será habitada outra vez no seu próprio lugar, em Jerusalém mesma. O SENHOR salvará primeiramente as tendas de Judá, para que a glória da casa de Davi e a glória dos habitantes de Jerusalém não sejam exaltadas acima de Judá. O SENHOR protegerá os habitantes de Jerusalém" (Zc 12.6-8). Hugh Martin escreve:

Frequentemente, ouvimos nas Escrituras o Senhor assegurar ao seu povo a proteção perfeita e inviolável de sua vida, a qual está oculta nele! "Nenhuma arma levantada contra vós prevalecerá"... E como é comum ver seu povo triunfar, com cânticos de exultação, na oculta segurança que desfrutam com Cristo em Deus! "Tu és meu refúgio; tu me protegerás da aflição; tu me circundarás com cânticos de salvação"... "Pois tu tens sido para mim refúgio, e uma fortaleza contra o inimigo. Habitarei em teus tabernáculos para sempre: eu

me abrigarei no esconderijo de tuas asas". "Sim, sob a sombra de tuas asas me refugiarei, até que passem as calamidades". Quão abençoado privilégio é ter uma fortaleza espiritual, secreta, como um refúgio, para a qual o justo possa ir e se proteger!... Internamente, a alma fiel está completamente segura... tão segura quanto Cristo está seguro, segura com Cristo em Deus.[7]

Finalmente, estes versículos mostram que, com a salvação, Deus proporciona unidade e concordância entre seu povo. Vemos isso na confiança existente entre líder e liderado. Vemos também no modo da salvação de Deus, pois ele reúne os grandes e os pequenos na mesma salvação: "O SENHOR salvará primeiramente as tendas de Judá, para que a glória da casa de Davi e a glória dos habitantes de Jerusalém não sejam exaltadas acima de Judá" (Zc 12.7). Os cristãos frequentemente pensam que são apenas os ilustres que contam com a ajuda de Deus de maneira extraordinária. Mas aqui, ao povo comum de Deus, não àqueles que habitam na sombra do templo e próximo ao trono, é prometido o cuidado especial de Deus. Apesar de serem humildes no mundo, não foram esquecidos por Deus. Uma das grandezas do Cristianismo é que os mais fracos podem ter mais certeza da mão protetora do Senhor.

Assim como o versículo 9 resume toda a passagem – Deus se opondo àqueles que ameaçam a sua cidade e sua igreja – o versículo 8 resume a obra de Deus na vida de seu povo: "Naquele dia, o SENHOR protegerá os habitantes de Jerusalém; e o mais fraco dentre eles, naquele dia, será como Davi, e a casa de Davi será como Deus, como o Anjo do SENHOR diante deles". Ele fala de uma capacitação sobrenatural do povo de Deus, do menor ao maior. Até o mais débil entre o seu povo será capaz de realizar proezas de fé em seu nome, como aquelas demonstradas na vida de Davi, o homem segundo o coração de Deus. Quanto aos líderes, eles se levantarão pelo poder de Deus, guiando e inspirando confiança na igreja, como fez o Anjo do Senhor às tribos de Israel.

Na época de Davi, Jerusalém era inviolável e durante o êxodo as tribos de Israel marcharam vitoriosamente porque o Anjo do Senhor, manifestado em uma nuvem de fumaça e fogo, permanecia sobre eles. No devido tempo, aquele que se representou por aquele anjo e que apareceu inúmeras vezes em Zacarias como tal veio ao mundo encarnado em humilde forma humana, para que fosse nosso conquistador e Senhor. Jesus Cristo derrotou nossos inimigos – o pecado, o diabo e a morte – sobre a cruz e, agora, reina como nosso rei para sempre.

Quando Pedro professou o evangelho, Jesus proclamou: “Sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16.18). Em seu poder, essa igreja encontrará força para enfrentar os dias que estão adiante, até o soar da última trombeta e as linhas de batalha se separarem por seu retorno em glória. Enquanto isso, em todas as nossas lutas contra o medo, a tentação e o pecado, podemos buscar confiadamente auxílio nele, reconhecendo seu desígnio de que “os habitantes de Jerusalém têm a força do SENHOR dos Exércitos, seu Deus” (Zc 12.5).

Coragem para se posicionar

João Calvino defendeu que essa passagem era, pelo menos em parte, destinada aos israelitas do tempo de Zacarias que estavam temerosos de retornar a Jerusalém. Os muros da cidade ainda não tinham sido reconstruídos, muitos eram os seus inimigos e os seus problemas eram óbvios. Contudo, descobrimos aqui que Deus protegeria e fortaleceria todos aqueles que ousassem confiar nele.

Esses versículos nos ensinam de forma semelhante. Você está relutante em abraçar a fé cristã – ser contado no mundo como um dos discípulos do Cristo crucificado? – Que isto o encoraje à fé: “O SENHOR protegerá os habitantes de Jerusalém” (Zc 12.8). Se você é cristão, você reluta em se posicionar ousadamente no meio do povo de Deus? Você teme que os companheiros de trabalho ou membros de sua família descubram que você se tornou discípulo de Jesus? É verdade que muitos rejeitarão e farão oposição à sua fé, mas Deus cuidará de você e lhe dará a sua própria força. Você é reticente em lutar contra o seu próprio pecado, trabalhar em seu próprio coração e se colocar contra as obras do diabo e as tentações do pecado? Certamente, Deus será a sua força, agindo em você com o poder que encorajou seu povo em outras gerações, para que Deus o conduza em vitória sobre todos os seus inimigos, para a glória de seu nome.

1 Calvino, João. The Minor Prophets.Vol. 5. Edimburgo: Banner of Truth, 1986, p. 339.

2 Ibid., p. 114.

3 Leupold, H. C. Exposition of Zechariah. Grand Rapids: Baker, 1981, p. 234.

4 Leupold, H.C. Exposition of Zechariah. Grand Rapids: Baker, 1981, p. 227.

5 Packer, J. I. A Passion for Faithfulness. Wheaton, IL: Crossway, 1995, p. 70.

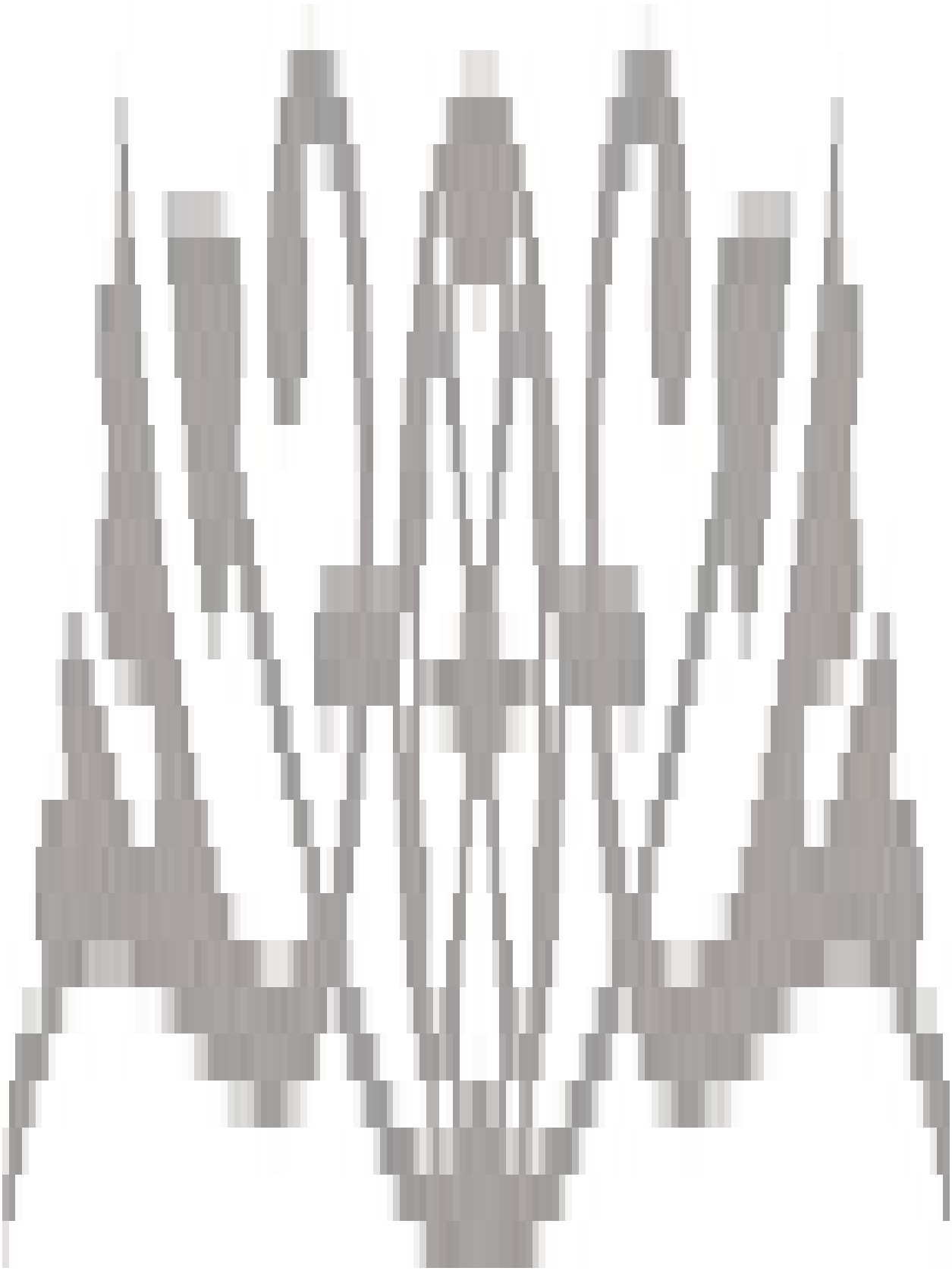
6 Loane, Marcus. Masters of the English Reformation. 1954. Reimpressão. Edimburgo: Banner of Truth, 2005, p. 165.

7 Martin, Hugh. Christ for Us. Edimburgo: Banner of Truth, 1998, p. 199.

23

PRANTO POR AQUELE QUE FOI TRASPASSADO

Zacarias 12.10-14



E sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém derramarei o espírito da graça e de súplicas; olharão para aquele a quem traspassaram; pranteá-lo-ão como quem pranteia por um unigênito e chorarão por ele como se chora amargamente pelo primogênito (Zc 12.10).

Em 1955, John Murray publicou um influente livro de teologia intitulado Redemption Accomplished and Applied. [1] O título por si só já nos ajuda refletir sobre a salvação cristã. A primeira parte do livro e do título concentra-se na realização da salvação – isto é, aqueles atos objetivos realizados na história para a salvação dos pecadores: principalmente a vida, morte, ressurreição e ascensão do Senhor Jesus Cristo. A segunda parte trata da subsequente aplicação da salvação. Refere-se às ações subjetivas de Deus nos indivíduos a fim de aplicar a obra de Cristo para serem salvos. Entre elas estão o chamado eficaz, a regeneração, a fé e o arrependimento. Esse modo de pensar é muito esclarecedor sobre o modo como Deus primeiro realizou nossa salvação em Cristo e depois aplicou pelo Espírito Santo o que foi preciso para recebermos a salvação.

O que nos faz lembrar isso aqui é a sequência apresentada no último oráculo do profeta Zacarias, dos capítulos 12 a 14. Em todo o livro, Deus está enfatizando a salvação que ele realizará tanto na época de Zacarias quanto posteriormente, por meio do Messias. Agora, nestes capítulos, vemos essa salvação aplicada ao seu povo pelo Espírito Santo. Encontramos aqui o fortalecimento interior da fé, o dom do arrependimento, a purificação e a perseverança dos crentes e, finalmente, sua glorificação em santidade, na consumação. Este oráculo começa com a cidade enfraquecida e sitiada, à beira da derrota e morte, uma descrição apropriada do pecado humano. Mas, ao final do capítulo 14, lemos que cada centímetro dessa mesma cidade foi recuperado pelo Senhor e tornado santo para ele: “Naquele dia, será gravado nas campainhas dos cavalos: Santo ao SENHOR. E as panelas da Casa do SENHOR serão como as bacias diante do altar” (v. 20).

No capítulo anterior, consideramos os versículos que falam de Deus dando ao seu povo força contra os inimigos. Agora, no final do capítulo 12, há uma vitória ainda maior diante de nós, a vitória pela qual nosso coração é conquistado por Deus. Realmente, quando refletimos sobre os muitos feitos com que o Espírito fortalecedor de Deus capacita o coração humano, nada é maior ou mais

significativo do que a contrição do verdadeiro arrependimento pelo pecado e retorno a Deus: “Olharão para aquele a quem traspassaram; pranteá-lo-ão como quem pranteia por um unigênito e chorarão por ele como se chora amargamente pelo primogênito” (Zc 12.10).

Importante profecia

Antes de refletirmos sobre esta mensagem, é preciso fazer algumas observações. Primeiro, Zacarias 12.10 é uma profecia excepcional a respeito do Senhor Jesus Cristo, que fala daquele “a quem traspassaram”. Por centenas de anos, esta profecia aguardou o cumprimento, ainda que em plena vista de todos. Chegou o tempo em que Jesus Cristo viveu, foi rejeitado em cumprimento de Zacarias 11 e, depois, foi entregue aos romanos para ser crucificado. Depois de várias horas dramáticas, os soldados romanos foram a Jesus para quebrar suas pernas, mas o encontraram já morto. Em vez de quebrá-las, um dos soldados – um romano que certamente nunca tinha ouvido a profecia de Zacarias – “lhe abriu o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água” (Jo 19.34). O apóstolo João nos diz: “Isto aconteceu para que se cumprisse a Escritura: Nenhum dos seus ossos será quebrado. E outra vez diz a Escritura: Eles verão aquele a quem traspassaram” (Jo 19.36-37).

Segundo, Zacarias 12.10 oferece um exemplo clássico da doutrina da Trindade conforme é expressa no Antigo Testamento, assim como da divindade de Cristo. Embora a plena doutrina da Trindade – o ensino de que há um só Deus em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo – seja explicitamente ensinada apenas no Novo Testamento, temos aqui uma de muitas passagens do Antigo Testamento que reflete essa realidade sobre o ser de Deus. Realmente, o versículo 10 não faz sentido sem a doutrina da Trindade. “Eles olharão para mim”, diz o Senhor, “aquele a quem traspassaram, e chorarão por ele”. Quem é traspassado é o próprio Deus, porém, Deus ainda fala “dele”, apontando para uma multiplicidade de pessoas no ser de Deus. Apenas um homem pode cumprir esta profecia sendo traspassado, contudo, vemos que o homem é o próprio Deus.

Terceiro, precisamos inquirir sobre o cumprimento mais abrangente desta passagem, que começou com Cristo sendo traspassado sobre a cruz. Um cumprimento ainda maior acontece no lamento do povo por ele. De fato, há pelo menos quatro modos em que se pode dizer que isto deve se cumprir mesmo

depois da crucificação. O primeiro foi em Pentecostes, quando Deus derramou seu Espírito em Jerusalém. Apenas algumas semanas após a morte de Jesus, Pedro apontou aos judeus aquele a quem eles tinham traspassado: “Sendo este [Jesus] entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos” (At 2.23). Por ocasião daquele primeiro sermão cristão, nos é dito que Deus cumpriu a profecia do envio do seu Espírito sobre a casa de Davi a fim de trazer arrependimento.

Outro modo possível de entender esta profecia tem a ver com o Israel étnico. Em Romanos 11.26, Paulo fala de uma conversão futura em grande escala dos judeus, dizendo que “todo o Israel será salvo”. Esta promessa será cumprida em combinação com esta profecia, que fala que os judeus chorarão por aquele que traspassaram.

Um terceiro cumprimento é expresso em Apocalipse 1.7, quando Cristo vier novamente no fim dos tempos: “Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram, e todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele”. Observando como a passagem se cumpre de todos esses modos, podemos considerá-la como paradigma para toda a história da redenção. Thomas McComiskey avalia como esta profecia “estabelece uma filosofia da história que tem seu objetivo em uma figura sofredora que representa a intervenção da redenção divina na história... Cristo é essa figura sofredora e sua presença na história humana ilumina as palavras desse antigo profeta, dando-lhes sentido e vida para as gerações subsequentes”.[2]

Contrição sincera como o centro do verdadeiro arrependimento

Há um quarto modo pelo qual esta passagem se cumpre, a saber, quando um indivíduo se chega a Deus em arrependimento para a salvação. Esse é o significado deste texto conforme se aplica a nós, em que, pelos nossos pecados, estamos completamente envolvidos na perfuração do Filho unigênito de Deus sobre a cruz. Quanto a isso, a profecia de Zacarias declara quatro aspectos principais, o primeiro dos quais é que a contrição sincera é o centro do verdadeiro arrependimento.

O livro de Zacarias começa com um chamado ao arrependimento: “Tornai-vos para mim, diz o SENHOR dos Exércitos, e eu me tornarei para vós outros” (Zc

1.3). Deus chama igualmente todo pecador a se arrepender e voltar-se para ele. Foi assim que Jesus Cristo começou a pregação do evangelho: “Arrependei-vos, pois está próximo o reino dos céus” (Mt 4.17). Frequentemente se enfatiza que arrependimento significa voltar para trás. Significa abandonar o pecado e voltar para Jesus Cristo por uma nova obediência. Isto descreve a ação de arrependimento. Mas, mais precisamente, o que encontramos aqui é o centro do verdadeiro arrependimento, uma contrição sincera pelos pecados: “Pranteá-lo-ão... e chorarão por ele como se chora amargamente” (Zc 12.10).

Deus sempre deseja nosso coração. “Dá-me, filho meu”, ele diz em Provérbios 23.26, “o teu coração”. Moisés declara a Israel: “Circuncidai, pois, o vosso coração e não endureçais a vossa cerviz” (Dt 10.16). Davi chorou em seu salmo de arrependimento: “Não te comprazes em sacrifícios, do contrário eu tos daria; e não te agradas de holocaustos. Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito não o desprezarás, ó Deus” (Sl 51.16-17).

Conhecemos uma analogia desta ênfase no coração na relação entre um homem e uma mulher, especialmente entre marido e mulher. O que é que mais desejamos descobrir depois que a ira ou o pecado rompe os laços do amor? Certamente, um conflito no casamento exige ação – expressar palavras e oferecer reparação. Mas o que realmente cura a ferida e restaura o que foi danificado no relacionamento é o coração contrito. Quão frequente é ver que longas discussões impedem a reconciliação de duas pessoas, ou até torna as coisas piores, enquanto lágrimas genuínas de arrependimento logo restauram a união!

Assim também é o nosso relacionamento com Deus. Neste caso, apenas nós pecamos. Quando são feitas acusações, ele é o único que possui uma causa justa. Mas o coração bondoso de Deus deseja não apenas ser vitorioso na discussão, mas ganhar nosso coração de volta para ele. Jesus ensinou isso em sua parábola do filho pródigo, que tomou sua parte da herança do pai e a desperdiçou numa vida desgarrada. Finalmente, ele tomou juízo e resolveu retornar arrependido em busca da graça de seu pai. Ele disse: “Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus trabalhadores” (Lc 15.18-19). O pai, vendo o filho se aproximando arrependido, recebeu-o alegremente de volta em amor. Jesus descreve isso deste modo: “Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou, e, compadecido dele, correndo, o abraçou, e beijou” (Lc 15.20). Isto é

um retrato da bondade de Deus por nós e da contrição pelo pecado que ele deseja como centro de nosso arrependimento.

Zacarias apresenta dois retratos da intensidade da contrição que Deus deseja. Primeiro estão os pais que choram a perda de uma criança: “Pranteá-lo-ão como quem pranteia por um unigênito e chorarão por ele como quem chora amargamente pelo primogênito” (Zc 12.10). É um pranto profundo e doloroso que não é aliviado tão rápido e facilmente, se é que há alívio. Charles Spurgeon fala que essa é, talvez, a missão mais difícil para a qual um ministro cristão é convocado. Ainda mais doloroso é, conforme afirma essa passagem, quando se trata da morte do único filho, o único filho que carregaria o nome da família. Em Israel, esta expressão se tornou proverbial para descrever um sofrimento de grande magnitude, como Amós 8.10 mostra, a respeito da vinda do Senhor para julgar: “Farei que isso seja como luto por filho único, luto cujo fim será como dia de amarguras”.

Em seguida, o profeta refere-se ao pranto nacional de Israel pela morte de Josias, o último dos reis piedosos de Judá, que ocorreu nas planícies de Megido: “Naquele dia, será grande o pranto em Jerusalém, como o pranto de Hadade-Rimom, no vale de Megido” (Zc 12.11). O livro de 2Crônicas 35.24-25 nos relata a respeito desse grande lamento, dirigido pelo profeta Jeremias e celebrado por todo o povo durante várias gerações. Josias foi, como expressa um comentário, “a última esperança do decadente reino judaico e, em sua morte, o último raio do pôr do sol de Judá desvaneceu-se na noite”.[3]

Os versículos 12 a 14, então, expressam a universalidade desse lamento entre o povo de Deus. Ele não se destina a apenas alguns da igreja, mas todos terão esse lamento. “A terra pranteará, cada família à parte”. Zacarias relaciona a família de Davi, o cabeça da linhagem real, à família de Natã, um de seus descendentes: “A família da casa de Davi à parte, e suas mulheres à parte; a família da casa de Natã à parte, e suas mulheres à parte” (Zc 12.12). Ele faz o mesmo em relação à linhagem sacerdotal com a casa de Levi e de seu descendente Simei, mostrando, assim, que desde o maior até o menor, do mais jovem ao mais velho, de uma geração à próxima, Deus conduzirá seu povo de volta para si através das veredas de lágrimas em contrição pelo pecado: “A família da casa de Levi à parte, e suas mulheres à parte; a família dos simeítas à parte, e suas mulheres à parte. Todas as mais famílias, cada família à parte, e suas mulheres à parte” (Zc 12.13-14).

Genuína contrição é o centro do verdadeiro arrependimento, que nos conduz a

um retorno completo e total a Deus. Paulo disse em 2Coríntios 7.10-11: “A tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação, que a ninguém traz pesar... Porque quanto cuidado não produziu isto mesmo em vós que, segundo Deus, fostes contristados! Que defesa, que indignação, que temor, que saudades, que selo, que vindita!” Tristeza segundo Deus é o jardim no qual toda sorte de bons frutos crescem, principalmente o arrependimento que conduz à salvação.

Contrição sincera como dom do Espírito

Zacarias deixa clara a causa dessa lamentação, afirmando que a contrição sincera é dom do Espírito Santo. “Derramarei o espírito da graça e de súplicas”, diz o versículo 10. Charles Spurgeon explica: “A contrição é sempre obra do Espírito Santo... Nunca houve real contrição sincera, como a que opera arrependimento aceitável perante Deus, exceto aquela que resulte da própria obra do Espírito Santo no interior da alma”.[4] Não é, afirma Spurgeon, resultado de mera consciência, que, apesar de afligida, não é capaz de alcançar alturas espirituais. Não é produzida por mero terror de juízo, sem o despertamento do Espírito de Deus. Antes:

Genuíno lamento pelo pecado é resultado de um dom da graça divina... A graça se manifesta no coração e ilumina a compreensão, de modo que o homem compreende qual é a sua culpa à vista de Deus. Então a graça de Deus opera na consciência, de modo que o homem vê o mal e a amargura do pecado que ele cometeu contra o Jeová santíssimo. Daí a mesma graça produz efeito no coração, de modo que o homem contemple o amor infinitamente gracioso e eterno de Cristo; em seguida, começa a detestar-se ao pensar como nunca deveria ter tratado Cristo tão mal. Então, pela obra da graça na alma, e não por qualquer outro processo, o Espírito de Deus faz o homem chorar pelo pecado a fim de odiar e afastar-se do pecado.[5]

Esse lamento é espiritual, razão pela qual é chamado de “espírito da graça e de súplicas”. É por isso que sempre levará à oração: “O arrependimento

desesperador não ora... Mas arrependimento sincero, que o Espírito Santo dá, sempre coloca o pecador em oração”.[6] Faraó se angustiou pelos efeitos de seu pecado quando Deus o castigou por se recusar a deixar seu povo ir. Mas, impressionantemente, ele disse a Moisés: “Rogai ao SENHOR” (Êx 8.8), mostrando que seu remorso não tinha nada a ver com a obra do Espírito de Deus, que é um espírito de graça e súplica. Judas Iscariotes se angustiou profundamente por seu pecado, mas foi angústia de desespero, sem salvação, porque lhe faltava a graça de Deus por meio da fé e do arrependimento. Mateus nos diz que ele foi “tomado de remorso”. Judas disse: “Pequei” (Mt 27.3-4). Mas, depois, deixou o templo e se enforcou, nunca se voltou a Deus em oração. O verdadeiro lamento que se eleva para ser recebido por Deus sempre lamenta pelo pecado e não só a situação pela a que nos levou.

O objeto da sincera contrição

Terceiro, esta profecia nos aponta para o objeto da contrição sincera, a saber, que olhamos para Jesus Cristo, cravado na cruz por causa de nossos pecados. Esta é a vista que faz nosso coração lamentar: o Filho perfeito de Deus cravado, crucificado por nossa causa.

O que tem Jesus que nos causa tamanha tristeza quando o vemos ferido? Primeiro, é por causa de sua amabilidade, a excelência daquele que carregou nossos pecados. Aqui está alguém totalmente puro de coração, tão santo que diante dele os anjos cobrem seu rosto. Nele nunca houve pecado e, disso, toda a sua vida é um testemunho. Além disso, Jesus é um modelo de humildade. Paulo nos diz que ele “subsistindo em forma de Deus, não julgou por usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens... se humilhou” (Fp 2.6-8). Marcos também nos diz que ele ficou “profundamente compadecido” (1.41), então colocou sua mão restauradora sobre os enfermos e os que estavam à beira da morte. Olhando para nós da cruz com olhos cheios de infindáveis misericórdias, ele exprimiu um ruído: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23.34).

Por quê, perguntamos, olhando para ele agora ferido, é ele quem carrega nosso castigo? Talvez já estejamos calejados pelo sofrimento, mas aqui está aquele que verdadeiramente não merece nada do que ele está recebendo. Nós é que

merecemos aquilo, e ele, como expressa Isaías, “foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades” (Is 53.5). Lamentamos por causa da maravilha e da excelência daquele que foi ferido.

Segundo, nos entristecemos por ver o sofrimento que ele suportou. Ele foi rejeitado e acusado falsamente. Ele foi zombado e espancado; cuspiram em seu rosto; sobre sua cabeça foi colocada uma coroa de espinhos. Seus braços foram estendidos sobre um madeiro, e cravos foram pregados através de suas mãos e pés; ele estremeceu de dor quando a cruz foi cravada na terra.

Sim, descobrimos que seu maior sofrimento não foi físico, mas espiritual. Ouvimos seu clamor na cruz: “Deus meu, Deus meu”, ele grita, “por que me desamparaste?” (Mt 27.46). O céu é escurecido, rasgado pelo estrondo de um raio, retratando visivelmente a terrível ira de Deus descendo sobre este homem. J. I. Packer escreve: “A dor física, apesar de intensa... era apenas uma pequena parte da história; os maiores sofrimentos de Jesus eram mentais e espirituais, e o que foi condensado em menos de 400 minutos foi uma eternidade de agonia – agonia tal que cada minuto por si só era uma eternidade”.[7]

Nessa luz vemos, para nossa tristeza, a gravidade de nosso pecado. É aqui, sobre seu corpo e em seu tormento espiritual sobre a cruz, que vemos o que fizemos – qual é a obra do nosso coração e de nossas mãos. Conforme diz o profeta, foram nossas iniquidades que Deus colocou sobre ele (Is 53.6); por nossos pecados Cristo foi traspassado. Se a graça e a súplica forem derramadas em nosso coração por Deus, então certamente choraremos em alta voz com o triste lamento:

Meus pecados, meus detestáveis, cruéis pecados,

foram seus principais atormentadores;

Cada um de meus erros se tornou um cravo,

e a incredulidade, a lança.

Foi tu que colocaste a vingança

sobre sua inocente cabeça,

Quebranta, quebranta meu coração! Ó, rompidos os meus olhos,

e que se derramem minhas tristezas.[8]

Esta é a lamentável lógica do coração contrito, vendo a pecaminosidade do pecado, que traspassou o coração bondoso de Deus e colocou o cálice da ira nas mãos de Jesus. J. C. Ryle observa: “Terrivelmente imunda deve ser aquela culpa pela qual nada, exceto o sangue do Filho de Deus, podia fazer satisfação. Quão pesado foi aquele peso do pecado humano, o qual fez Jesus gemer e suar sangue em agonia no Getsêmane e clamar no Gólgota: ‘Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?’” (Mt 27.46).[9]

Lamento pelo sofrimento de Cristo é um verdadeiro sinal da vida espiritual no coração de um pecador. Marca o começo da salvação, um verdadeiro retorno a Deus e traça o caminho da verdadeira espiritualidade por toda a vida cristã. “Olharão para aquele a quem traspassaram... chorarão por ele” (Zc 12.10). Isto só pode ser dito a respeito do Israel da fé – aqueles sobre os quais Deus derramou o Espírito de sua graça.

Olhando para ele em fé

O quarto aspecto apontado nesta passagem é que o arrependimento remidor resulta da fé salvadora em Jesus Cristo, como vemos no v. 10: “Olharão para aquele a quem traspassaram... chorarão por ele”. Olhar para ele é um modo de descrever a fé, como é dito em Isaías: “Olhai para mim e sede salvos, vós, todos os limites da terra; porque eu sou Deus, e não há outro” (Is 45.22). Na verdade, é olhar para a cruz em fé que faz romper as fontes do verdadeiro arrependimento; é quando vemos a graça que ofendemos e contemplamos os horrores provocados por nosso pecado sobre a cruz que nosso coração rompe em pranto.

Podemos lamentar as consequências de nosso pecado sem chorar pelo pecado e sem olhar para Jesus em fé. Uma mulher pega em pecado sexual teme engravidar e se entristece por sua imoralidade, mas, quando o perigo passa, ela volta sem pensar para suas práticas anteriores. Um homem é pego mentindo e lamenta por sua língua enganadora, mas, quando outra mentira encobre seus rastros, sua

angústia é aliviada. Condoer-se por ser pego em pecado é um lamento muito diferente daquele que nosso texto descreve; esse tipo de lamento não nos muda nem nos torna justos perante Deus. Arrependimento salvador está sempre associado à fé em Jesus Cristo.

Jesus enfatizou isso em sua discussão com Nicodemos, conforme se encontra em João 3. Ali ele associou dois importantes deveres. Primeiro, ele disse: “Importa-vos nascer de novo” (Jo 3.7), referindo-se ao derramamento do Espírito de Deus prometido em Zacarias. Mas, em seguida, Jesus acrescentou outro dever: “Do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado, para que todo o que nele crê tenha a vida eterna” (Jo 3.14-15). Isto se refere ao período do êxodo, quando Deus castigou a incredulidade de Israel mandando uma praga de serpentes peçonhentas, de modo que quem fosse picado morria. Números 21.8-9 nos diz: “Disse o SENHOR a Moisés: Faze uma serpente abrasadora, põe-na sobre uma haste, e será que todo mordido que a mirar viverá. Fez Moisés uma serpente de bronze e a pôs sobre uma haste; sendo alguém mordido por alguma serpente, se olhava para a de bronze, sarava” Arthur Pink comenta:

Ali, resumida em uma única palavra, está expressa a necessidade de todo descendente de Adão – afastar os olhos do mundo, de si mesmo, e olhar em fé para o Salvador que morreu pelos pecados. Aí está um exemplo típico do caminho da salvação. Libertação da ira vindoura, perdão de pecados, aceitação por Deus são obtidos não por mérito, não por boas obras, não por ordenanças religiosas; não, a salvação vem pela contemplação – “Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”. Assim como os israelitas picados pelas serpentes no deserto foram curados por um olhar, por um olhar para aquilo que Jeová designou ser o objeto de fé, hoje também a redenção da culpa e do poder do pecado, emancipação da maldição da transgressão da lei e do cativeiro de Satanás só são encontradas por meio da fé em Cristo.[10]

A fé por meio de olhar para Jesus é o único tipo de arrependimento que salvará. Você pode bater no peito e rasgar suas vestes, pode decidir ser uma pessoa melhor, mas a não ser que você olhe para aquele que foi traspassado você não se reconciliará com Deus. O diabo se satisfaz com uma pessoa moral que não olha

para Jesus – que não se volta para Deus em autêntica contrição – porque o arrependimento sem fé nos afasta, em vez de nos aproximar dos braços compassivos de nosso bondoso Deus.

Não há verdadeiro lamento pelo pecado que não venha da cruz. Somente lá, onde vemos o testemunho do amor redentor de Deus junto à evidência de sua terrível ira, é que qualquer um de nós pode ser sincero. Olhando para outro lugar, apegamo-nos pelo menos a um fragmento de mérito. Somente o homem ou mulher que olha com lágrimas e vê uma completa salvação como dom de Deus por meio da oferta de seu Filho pode finalmente remover os trapos espalhafatosos de autodefesa. Somente na cruz somos instruídos a cantar como cristãos:

As obras de minhas mãos não

podem cumprir as exigências da lei;

Ainda que meu zelo jamais repousasse,

minhas lágrimas sempre se derramassem,

Nada disso seria capaz de expiar o pecado;

tu deves salvar, somente tu.[11]

Se seu coração é capaz de cantar assim, só pode ser porque sua fé viu a cruz de Cristo, encontrando ali uma salvação que é somente pela graça, que tira o seu pecado e lhe oferece a justiça de Cristo.

"Todo olho o verá"

Mencionei que este texto é citado no Novo Testamento em mais de uma ocasião. João o menciona em seu relato sobre a morte de Cristo, e nós o vemos se cumprir no sermão de Pedro em Pentecostes. Mas ele também aparece no final

da Bíblia, no primeiro capítulo de Apocalipse. Ali João escreve a respeito do retorno de Cristo em glória e fala de todo olho voltado para ele, todo coração contrito pelo retorno daquele que foi traspassado: “Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram, e todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Amém” (Ap 1.7).

Esta é uma advertência grave e nos diz que, apesar de agora apenas alguns olharem para Cristo a fim de serem salvos, chegará o dia em que todos o verão – todo olho – e “todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele”. Jesus se apresenta a você como Salvador, mas depois virá como Juiz. Agora Deus concede o espírito de graça e súplica a todos que olham para seu Filho, mas, depois, haverá um espírito de terror e desespero, quando todos verão seu Filho traspassado retornando em sua ira. Apocalipse 6.15-17 retrata a angústia daquele pavoroso dia:

Os reis da terra, os grandes, os comandantes, os ricos, os poderosos e todo escravo e todo livre se esconderam nas cavernas e nos penhascos dos montes e disseram aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós e escondei-nos da face daquele que se assenta no trono e da ira do Cordeiro, porque chegou o grande Dia da ira deles; e quem é que pode suster-se?

Eles se entristecerão por seus pecados; lamentarão o Cristo traspassado, não para salvação, mas para destruição, por causa de sua incredulidade. Este é o legado do pecado neste mundo: todos lamentarão pelo pecado – alguns agora, em fé, para a salvação, outros, depois, por meio da incredulidade para a condenação eterna, em terror, quando o dia da sua ira chegar.

O que será feito de você, então? Agora Jesus fala com você palavra de graça, chama-o para olhar para ele, lamentar pelos pecados que ele suportou na cruz e encontrar nele salvação para sua alma. Como disse Jesus, “bem-aventurados os que choram, porque serão consolados” (Mt 5.4) e “bem-aventurados vós, os que agora chorais, porque haveis de rir” (Lc 6.21).

O poeta inglês John Donne captou a súplica que se eleva a Deus do coração em que o seu Espírito foi derramado e de todo olho fixo na esperança ao Salvador sobre a cruz. Suas palavras são uma oração por todos aqueles que lamentam por

aquele a quem traspassaram:

Agora que foste elevado, leva-me para junto de ti;

E em tua morte concede dádiva tão generosa,

Molha, com uma gota do teu sangue, minha árida alma.[12]

1 Murray, John. Redemption Accomplished and Applied. Grand Rapids: Eerdmans, 1955 [Publicado no Brasil pela Cultura Cristã com o título Redenção consumada e aplicada (N. do E.)].

2 McComiskey, Thomas E. The Minor Prophets: An Exegetical and Expository Commentary. Vol. 3. Grand Rapids: Baker, 1998, p. 1216.

3 Baron, David. The Visions and Prophecies of Zechariah. Grand Rapids: Kregel, 1972, p. 451.

4 Spurgeon, Charles Haddon. Metropolitan Tabernacle Pulpit. Vol. 50. Pasadena, TX: Pilgrim Publications, 1969, p. 589-590.

5 Ibid., p. 590.

6 Ibid, p. 591.

7 Packer, J. I. Knowing God. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1974, p. 176.

8 Winslow, Octavius. “Christ’s Finished Work”, s.d.

9 Ryle, J. C. Holiness: Its Nature, Hindrances, Difficulties, and Roots. Durham: Evangelical Press, 1979, p. 6.

10 Pink, Arthur W. The Seven Sayings of the Saviour on the Cross. Grand Rapids: Baker, 1958, p. 60-61.

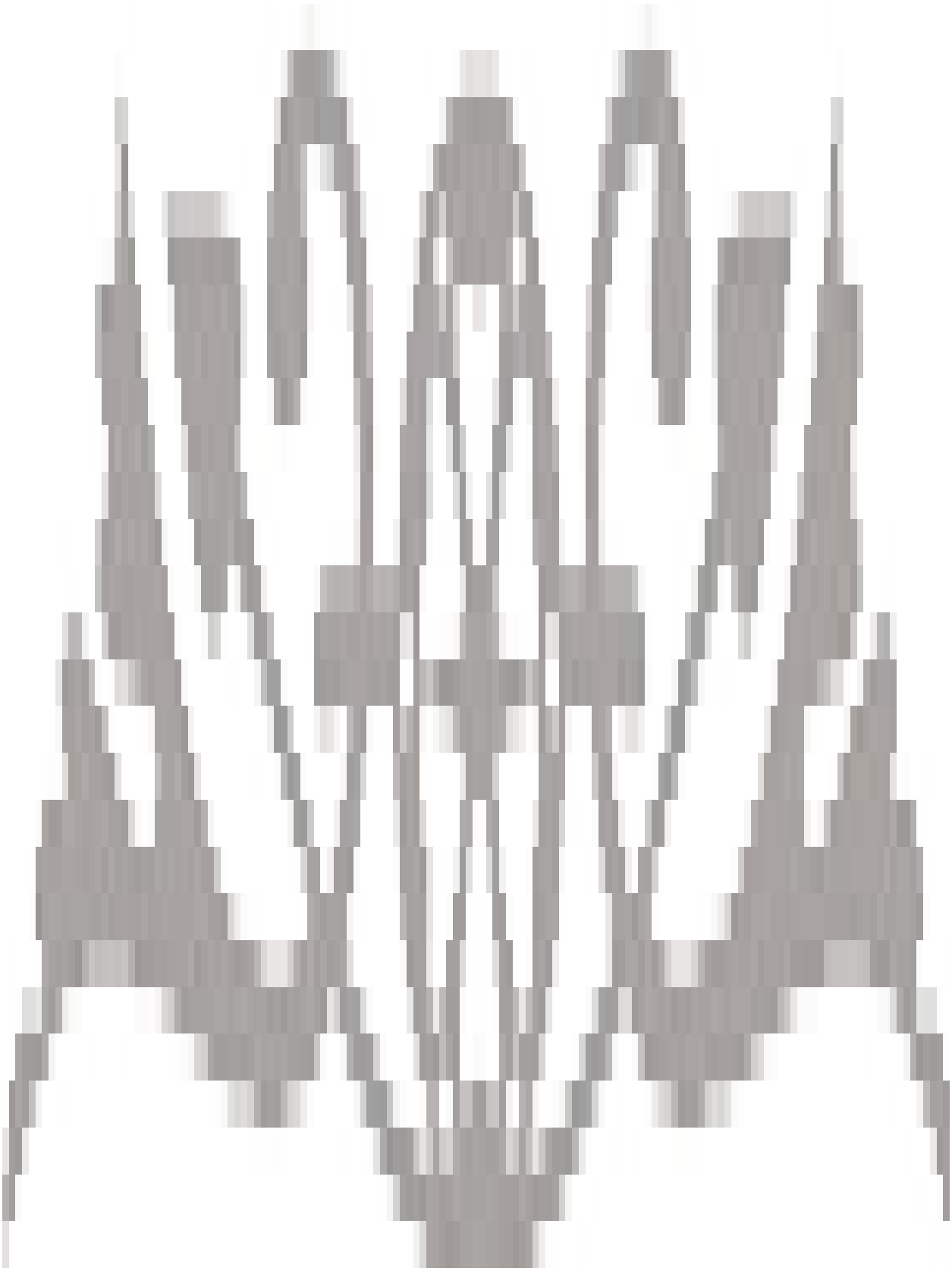
11 Toplady, Augustus. “Rock of Ages”, 1776.

12 Donne, John. “La Corona”, The Complete English Poems. Nova York: Knopf, 1985, p. 432.

24

UMA FONTE DE PURIFICAÇÃO

Zacarias 13.1-6



Naquele dia, haverá uma fonte aberta para a casa de Davi e para os habitantes de Jerusalém, para remover o pecado e a impureza (Zc 13.1).

O capítulo 13 continua sem interrupção o pensamento do capítulo 12, portanto, devemos entender que ambos têm a mesma mensagem. Isto se verifica tanto cronológica quanto tematicamente. Cronologicamente, ambos os capítulos situam os acontecimentos "naquele dia", isto é, quando Deus vier à terra a fim de reinar e salvar. Do ponto de vista temático, eles também estão intimamente relacionados. O capítulo 12 terminou com uma promessa do Espírito de Deus de produzir profundo lamento pelo pecado à luz daquele que foi traspassado. O capítulo 13 segue com outra promessa, que responde perfeitamente à necessidade de todo pecador que lamenta: "Naquele dia, haverá uma fonte aberta para a casa de Davi e para os habitantes de Jerusalém, para remover o pecado e a impureza" (v. 1). João Calvino diz: "O objetivo do profeta era mostrar que o arrependimento do qual falou não era inútil, pois será... providenciada para eles uma purificação pelo sangue do Filho unigênito, de modo que nenhuma imundície os impediria de rogar a ele com ousadia e confiança". [1]

Por que estás abatida, ó minha alma

Ao falar de lamento, como fizemos no capítulo anterior, precisamos reconhecer que muitas pessoas são oprimidas por sentimentos de inutilidade, culpa e tragédia iminente. Martyn Lloyd-Jones escreveu um livro valioso sobre esse assunto, chamado Spiritual Depression: Its Causes and Cure [Depressão espiritual: suas causas e cura]. Depressão espiritual é um fenômeno que ele encontrou em toda a Bíblia, principalmente nos Salmos, assim como na sociedade contemporânea. Quando diz respeito aos cristãos, Lloyd-Jones tem uma preocupação particular sobre a depressão espiritual tanto pelo fato de roubar dos cristãos a alegria que lhes pertence quanto porque um cristão sem alegria representa mal o evangelho perante o mundo.

Lloyd-Jones oferece várias razões pelas quais as pessoas levam uma vida de constante tristeza. Primeiro, muitas pessoas passaram por experiências terríveis,

seja destruição causada por guerra ou em consequência dos efeitos crescentemente desumanos do pecado à medida que causam destruição em nossa família e sociedade. Outros estão espiritualmente abatidos por causa de algum grave pecado do qual estão constantemente cientes; sua vida passada perversa, promíscua ou insensata as oprime no presente. Outros sofrem do que Paulo chama em Romanos 8.15 de “espírito de escravidão”, que Lloyd-Jones explica como a depressão que surge da mera dificuldade, humilhação e fadiga de lidar constantemente com a natureza humana pecaminosa. Além disso, outros estão desanimados por verem o mundo ameaçador ao seu redor do modo como Pedro viu as ondas quando andava sobre as águas e começou afundar.

Ao estudar a depressão espiritual, Lloyd-Jones tomou como tema Salmos 42.5, que diz: “Por que estás abatida, ó minha alma? Por que te perturbas dentro de mim? Espera em Deus, pois ainda o louvarei, a ele, meu auxílio e Deus meu”. Eis um homem cujo semblante, todo o seu aspecto, fala de espírito abatido. O versículo 3 resume sua vida: “As minhas lágrimas têm sido o meu alimento dia e noite, enquanto me dizem continuamente: O teu Deus, onde está?” Esta é uma situação que muitos entendem por experiência própria, cuja cura parece enganosa. Lloyd-Jones vê a saída como ilustrada no diálogo deste salmo, à medida que o cristão, como ele diz, “tem de ter controle sobre si mesmo... falar consigo mesmo. Precisa voltar para si e perguntar, ‘Por que estás abatida, ó minha alma? Por que te perturbas dentro de mim?’” Lloyd-Jones resume sua visão assim:

Sugiro que a principal dificuldade em toda essa questão sobre depressão espiritual, de certo modo, é que permitimos que nosso “eu” fale conosco, em vez de nós falarmos com nosso “eu”... Você já percebeu que boa parte de sua infelicidade na vida se deve ao fato de você dar ouvidos a si mesmo em vez de falar consigo mesmo?... Você tem de ter controle sobre si mesmo, examinar a si mesmo, pregar para si, questionar a si mesmo. Precisa falar com sua alma: “Por que estás abatida, ó minha alma?” – que negócio é esse de ficar perturbada? Você precisa repreender a si mesmo, censurar, condenar, exortar e dizer a si mesmo: “Espere em Deus” – em vez de resmungar desse modo deprimido e infeliz. Depois, deve prosseguir em se lembrar de Deus, de quem Deus é, o que Deus é, o que Deus tem feito e o que Deus prometeu fazer. Depois disso, termine neste tom: desafie a si mesmo, desafie os outros e desafie o diabo e todo o mundo, e diga com [o autor deste salmo]: “Ainda o louvarei, a ele, meu auxílio e

Deus meu.”[2]

Uma fonte de purificação

Se Lloyd-Jones está correto, se o essencial para superar a depressão é parar de ouvir nosso próprio espírito abatido e, em vez disso, começar pregar para ele, então precisamos de uma boa mensagem para proclamar. É disso que Zacarias 13.1 está tratando, uma promessa de que Deus abrirá uma fonte para nos purificar de todo pecado e impureza. O capítulo 12 terminou com uma promessa de que o Espírito de Deus possibilitará que os pecadores lamentem; o capítulo 13 começa com uma promessa de luz para as almas em trevas e consolo para aqueles que se entristecem pelo pecado.

A ideia de uma fonte de purificação não é nova para Zacarias. No código levítico do sacerdócio de Israel, vários ritos de purificação prescritos tratam da remoção do pecado, normalmente por meio da aspersão do sangue de um sacrifício. A estes se soma a purificação com água para tornar o indivíduo cerimonialmente limpo para o serviço de Deus. Um exemplo disso era o que ocorria no dia da expiação, quando o sumo sacerdote primeiro oferecia o sangue de um animal sacrificado e, em seguida, purificava a si mesmo com água antes de prosseguir (Lv 16.4-5). Sendo o próprio Zacarias um sacerdote, muito provavelmente era essa purificação que ele tinha em mente.

Vimos também que Zacarias era extremamente familiarizado com os escritos dos profetas que o antecederam, e neles também encontramos a ideia de purificação. Ezequiel 36.25, especialmente, emprega esse tema: “Aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei”. Zacarias antevê toda uma fonte de água purificadora aberta, não só uma aspersão, mas uma abundante e transbordante provisão de graça, como remédio para a grande tristeza daqueles que olham para aquele a quem eles traspassaram. A ideia é uma fonte represada que agora é rompida, de modo que as águas confinadas por muito tempo agora jorram abundantemente.

Esta é uma promessa extraordinária, porque dessa fonte sai uma purificação para “pecado e impureza”. Portanto, essa fonte é retrato particularmente adequado do sangue purificador de Jesus Cristo, derramado sobre a cruz. A purificação, diz o profeta, será acessível à casa de Davi e aos habitantes de Jerusalém. Levando-se

em consideração a afirmação anterior de que o Espírito de Deus nos fará prantear por aquele que foi traspassado (Zc 12.10), não há dúvida de que o sangue do Messias é que é derramado para a purificação.

Esta ideia está muito bem expressa no Evangelho de João. O relato de João sobre a morte de Jesus é notavelmente breve, contido em João 19.28-30. O evangelista dá mais ênfase ao que ocorreu imediatamente após a morte de Jesus; esse relato é duas vezes mais extenso, indo do versículo 31 ao 36. Na última seção, vimos que João entendeu que a profecia de Zacarias 12.10 sobre o sofrimento do Messias se cumpriu quando o soldado romano feriu o lado de Jesus com uma lança. Mas João provavelmente estava pensando também na promessa de Zacarias que acompanha essa profecia, de que uma fonte foi aberta, porque ele acrescenta que o ferimento fez jorrar de Jesus “sangue e água” (Jo 19.34). James Montgomery Boice diz assim:

Quando [João] viu o surpreendente jato de sangue e água do lado de Cristo, ele deve ter se lembrado... de que, no sistema sacrificial do Antigo Testamento, o sangue era o meio designado para purificação de pecados e que, no ritual do templo, a água era usada para a purificação cerimonial de impurezas. Além do mais, ele saberia que a passagem de Zacarias que ele citava (Zc 12.10, “Eles verão aquele a quem traspassaram”) é seguida, quatro versículos adiante do texto... “Naquele dia, haverá uma fonte aberta para a casa de Davi e para os habitantes de Jerusalém, para remover o pecado e a impureza” (13.1). Vendo o sangue e a água jorrando e juntando esses dois detalhes, João deve ter concluído que a libertação da punição do pecado e a purificação de sua contaminação se encontram somente na morte de Jesus.[3]

Vemos, portanto, que o Novo Testamento concebe os efeitos redentores do sangue de Jesus nos termos dos sacrifícios e purificação do Antigo Testamento. Ao mesmo tempo, no entanto, esse versículo fala de algo novo: é uma fonte que agora – “naquele dia” – é repentinamente aberta. O autor de Hebreus, nos capítulos 9 e 10, dá ênfase à nova e superior natureza do sacrifício de Cristo, comparando a natureza exterior e temporária dos antigos sacrifícios com os efeitos interiores e permanentes do sangue purificador de Cristo. Em Hebreus 9.13-14 ele escreve: “Se o sangue de bodes e touros e a cinza de uma novilha,

aspergidos sobre os contaminados, os santificam quanto à purificação da carne, muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo". Assim como o sofrimento de Jesus foi espiritual, assim também sua purificação foi de natureza interior e espiritual, purificando não o corpo, mas o coração, concedendo, assim, paz à alma cansada.

O autor de Hebreus enfatiza que os sacrifícios do Antigo Testamento, que tinham de se repetir constantemente, na verdade, serviram para apontar para a necessidade de um novo e eficaz sacrifício. Hebreus 10.3-4 diz: "Nesses sacrifícios faz-se recordação de pecados todos os anos, porque é impossível que o sangue de touros e bodes remova pecados". Mas o sangue remidor de Cristo nos aponta para o perdão, para a remoção definitiva do pecado; sendo eficaz para a purificação, seu sangue foi derramado uma vez por todos. Hebreus 10.10-14 resume a bênção transformadora do sangue precioso de Cristo: "Temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas...com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados".

Essa purificação foi oferecida em Jerusalém quando Pedro pregou o sermão em Pentecostes, quando, por meio do Espírito de Deus, muitos olharam para Cristo e choraram. Mediante a fé em Cristo, sua fonte de purificação foi aberta para eles, conforme predisse Isaías: "Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a lã" (Is 1.18). Se foi assim que Deus respondeu àqueles que rejeitaram e crucificaram seu único Filho, abrindo para eles uma fonte para a purificação por sua morte, como não fará o mesmo para você, que também já o odiou e que, por meio da incredulidade, crucificou seu Filho? Agora, como antes, é o dia da salvação e, por meio da fé em Cristo, você também pode se achegar, como expressa o hino:

Coloco meus pecados em Jesus,

o Cordeiro imaculado de Deus;

ele carrega todos eles e nos livra

da carga maldita:

eu trago minha culpa a Jesus,

para lavar minhas manchas carmesim

brancas em seu sangue mui precioso,

até que não permaneça sequer uma única mancha.[4]

Purificação pelo sangue

Quando tratamos do assunto do pecado em Zacarias, observamos o duplo sentido do pecado, que inclui sua culpa e sua força. A fonte que jorra de Jesus purifica ambas, seu sangue simultaneamente propicia a ira de Deus e expia nosso pecado. Zacarias 13.1 nos diz que este é nosso problema, pecado que precisa ser propiciado e impureza que precisa ser expiada.

Propiciar significa oferecer um sacrifício a fim de afastar a ira de alguém. Neste caso, trata-se da ira de Deus contra nosso pecado, que é propiciada pelo sangue de Cristo. John Stott escreve: "A ira de Deus... é seu antagonismo permanente, inflexível, incessante, intransigente ao mal em todas as suas formas e manifestações".[5] A ira de Deus surge de seu caráter santo; sendo santo, ele precisa odiar o pecado. Vemos, então, por que precisamos desesperadamente de uma propiciação a fim de afastar de nós a ira de Deus, uma vez que nosso pecado é tão ofensivo à sua santidade.

O que este versículo nos diz é que o próprio Deus oferece o sacrifício a fim de realizar essa propiciação. Porque Deus nos amou, ele enviou seu Filho para morrer em nosso lugar, para que sua santa justiça seja satisfeita no sangue de Cristo. A ira de Deus é propiciada por um sacrifício. Confiar em Cristo, então, é saber que a ira de Deus se desviou de você para a cruz. A partir disso, você pode olhar para Deus sem temer a condenação.

A fonte do sangue de Jesus também efetua a expiação, que trata da remoção de nosso pecado. Se a ira de Deus é o objeto da propiciação, a contaminação do pecado é o objeto da expiação. É isso que Zacarias 3 apresenta tão vividamente na visão do sumo sacerdote em pé com vestes imundas diante do Anjo do Senhor. O versículo 4 do capítulo 3 fornece uma clássica declaração da remoção do pecado: "Tomou este a palavra e disse aos que estavam diante dele: Tirai-lhe

as vestes sujas. A Josué disse: Eis que tenho feito que passe de ti a tua iniquidade e te vestirei de finos trajes". Calvino explica a obra expiatória do sangue de Cristo, dizendo: "O sacrifício de expiação é aquele que visa... lavar os pecados e purificá-los, a fim de que o pecador, purificado de sua imundícia e restaurado à pureza da justiça, volte ao favor de Deus".[6]

É isso que recebemos por meio do sangue purificador de Cristo – propiciação diante de Deus para que sua ira contra o pecado seja satisfeita e expiação para conosco, para que a contaminação do pecado seja removida.

Isso faz muita diferença para a alma tristonha. Esta é uma mensagem para pregarmos ao nosso coração abandonado, a saber, que Deus abriu uma fonte para nos purificar da punição e contaminação do pecado. Esta é a boa-nova para os abatidos por um sentido de culpa e desonra – uma fonte que jorra dos ferimentos de Jesus Cristo. João escreveu sobre isso em sua primeira epístola, dizendo: "Nisto conheceremos que somos da verdade, bem como, perante ele, tranquilizaremos o nosso coração; pois, se o nosso coração nos acusar, certamente, Deus é maior do que o nosso coração e conhece todas as coisas" (1Jo 3.19-20). Quando nossa alma abatida nos fala de miséria e pavor, é o testemunho do próprio Deus que é maior, o testemunho de um Salvador que morreu em nosso lugar para nos reconciliar ao amor de Deus. Em 1João 1.9, lemos: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça".

Essa verdade é maravilhosamente dramatizada na obra O Peregrino, de John Bunyan. O peregrino, chamado Cristão, fugiu da ira vindoura de Deus em busca de segurança na Cidade Celestial. Mas, em sua peregrinação, foi impedido por um fardo em suas costas, que representa o peso do pecado sobre nossa alma. No caminho, ele conheceu o Sr. Sábio-Segundo-o-Mundo, que lhe deu conselhos mundanos sobre como se livrar do peso da culpa, orientando-o sobre como se entregar aos confortos terrenos, acrescentando forte dose de moralidade, para que pudesse simplesmente se esquecer do fardo. Cristão descobriu, porém, que nem os prazeres do mundo nem a busca por virtudes morais aliviavam o fardo da culpa do pecado. Continuando a jornada, cansou de carregar aquele fardo. Finalmente, Bunyan escreve:

Ele correu até chegar ao topo de uma colina onde estava uma cruz; um pouco

abaixo, no sopé, encontrava-se um túmulo. Quando Cristão chegou à cruz, seu fardo se soltou, caiu e rolou para dentro do túmulo. Eu nunca mais vi o fardo... Enquanto ele olhava e chorava, três Resplandecentes se aproximaram e o cumprimentaram. “Paz”, disse o primeiro, “os teus pecados foram perdoados”. O segundo tirou os trapos sujos e o vestiu de roupas finas. O terceiro pôs uma marca em sua testa e lhe entregou um rolo selado. Ele disse ao Cristão... para deixar o rolo no portão [para entrar na Cidade Celestial].[7]

A fonte purificadora de Cristo é dada para falar de paz e alegria a corações pesarosos. Mas precisamos acreditar nessa boa notícia para termos nosso fardo aliviado. Lloyd-Jones comenta: “Se você não crê nessa palavra e se você continua vivendo no pecado, digo que você não está aceitando a palavra de Deus, você não está levando a sério a palavra de Deus, você não acredita no que ela está lhe dizendo, e este é o seu verdadeiro pecado”.[8]

É a indisposição de crer em Deus que é a verdadeira fonte de nossa miséria, assim como confiar em seu evangelho é a causa da verdadeira e permanente alegria. É para o pecador, purificado pelo sangue do único Filho de Deus e chamando de puro aquilo que Deus tornou puro, que estas palavras foram escritas:

Jesus, teu sangue e justiça

são meu esplendor, minhas vestes gloriosas;

em meio a intensas chamas em redor,

com alegria levantarei minha cabeça.

Com confiança, permanecerei firme naquele dia;

pois levantarás alguma acusação contra mim?

Totalmente absolvido por elas eu estou

do pecado e medo, da culpa e vergonha.[9]

Lavado mais branco do que a neve

Os versículos 2 a 6 mostram a purificação da terra e do povo como resultado dessa purificação do pecado. O pecado nos afeta por meio da culpa, mas também por meio do poder sobre nossa vida e, pela impureza, opera em nosso coração. Por isso, a fonte fornece purificação com água para limpar nosso coração para uma nova obediência e para a vida eterna. Assim como João relata que o sangue e a água jorraram do corpo de Cristo na cruz (Jo 19.34), assim também o sangue redentor e a água purificadora jorram da fonte profetizada por Zacarias 13.1.

É a profecia de Ezequiel de purificação e provisão de um coração limpo para obediência que Zacarias particularmente tem em mente. Como a água limpa o corpo, assim também o Espírito vem purificar e renovar o homem interior, concedendo poder para um novo e puro relacionamento com Deus:

Aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis. Habitareis na terra que eu dei a vossos pais; vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus. Livrar-vos-ei de todas as vossas imundícias; farei vir o trigo, e o multiplicarei, e não trarei fome sobre vós (Ez 36.25-29).

Deus sempre nos salva tanto da culpa quanto do poder do pecado, de modo que nunca podemos ser perdoados sem sermos chamados a uma nova vida de obediência. Os versículos 2-6 retratam essa situação enfatizando arrependimento da idolatria e a rejeição aos falsos profetas. Esses dois males foram a dupla ruína da existência de Israel antes do cativeiro babilônico. Agora, na era da restauração, a rejeição deles é especialmente indicada como sinal da graça purificadora de Deus.

O versículo 2 fala de idolatria: “Acontecerá, naquele dia, diz o SENHOR dos Exércitos, que eliminarei da terra os nomes dos ídolos, e deles não haverá mais memória”. Esta declaração representa total rejeição – os nomes dos ídolos removidos da terra e da mente do povo. Este é um verdadeiro sinal do poder interior e purificador de Deus, tanto agora quanto no tempo de Israel. Um ídolo é qualquer coisa que colocamos no lugar de Deus, sejam objetos religiosos ou coisas como nossas posses, emprego, popularidade, riqueza, lazer – qualquer coisa a que servimos e estimamos a ponto de se colocar entre nós e Deus, entre sua palavra e nossa prontidão em obedecer, ou entre seu amor e nossa gratidão. Na fonte purificadora da cruz de Cristo, nosso coração é renovado de modo que os ídolos são retirados e somos aproximados para adorar a Deus em espírito e em verdade (veja Jo 4.23). Em última instância, à medida que a obra progressiva da santificação cristã avança, o próprio nome de nossos ídolos será eliminado e eles não serão mais lembrados.

Os versículos 2 a 6 falam da eliminação dos falsos profetas, aqueles que falaram em nome do Senhor, mas levaram o povo à incredulidade e ao pecado. A falsa profecia sempre foi subserviente à idolatria e, onde quer que se encontrasse idolatria, também estavam presentes os falsos profetas. Agora, como resultado dessa fonte purificadora, a terra será totalmente livre de sua presença e do “espírito imundo” que o acompanha. O versículo 2 conclui: “Removerei da terra os profetas e o espírito imundo”.

O versículo 3 retrata uma devoção notável ao Senhor e rejeição aos falsos profetas. De acordo com Deuteronômio 13.6-10, era dever de todo o povo de Deus opor-se aos falsos profetas, mesmo que fossem os membros mais próximos da família. A rejeição aos falsos profetas era tão intensa que o primeiro a desferir um golpe contra ele devia ser o pai, a mãe, um irmão ou irmã. No versículo 3, lemos: “Quando alguém ainda profetizar, seu pai e sua mãe, que o geraram, lhe dirão: Não viverás, porque tens falado mentiras em nome do SENHOR; seu pai e sua mãe, que o geraram, o traspassarão quando profetizar”. A devoção daqueles que foram purificados do pecado e da impureza será tão intensa que o amor por Deus e o zelo de sua palavra subjugará as afeições naturais mais fortes. Somos lembrados das palavras de Jesus: “Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim; e quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim” (Mt 10.37-38).

Dado esse tipo de fervor, os versículos 4 a 6 vislumbram uma situação em que

aqueles que falaram falsamente em nome de Deus não estão mais dispostos a serem reconhecidos como profetas:

Naquele dia, se sentirão envergonhados os profetas, cada um da sua visão quando profetiza; nem mais se vestirão de manto de pelos, para enganarem. Cada um, porém, dirá: Não sou profeta, sou lavrador da terra, pois fui comprado desde a minha mocidade. Se alguém lhe disser: Que feridas são essas nas tuas mãos?, responderá ele: São as feridas com que fui ferido na casa dos meus amigos.

Essas feridas são as cicatrizes dos rituais pagãos de êxtase, os quais incluíam autoflagelo. Muitos comentaristas entendem que “a casa dos meus amigos” é um lugar de orgia e bebedeira, de modo que o falso profeta estava mais propenso a ser exposto como um bêbado libertino do que ser conhecido como alguém que falava falsamente no nome do Senhor.

Não pensemos que isso não tem muito a ver conosco, como que se nos dias atuais não houvesse falsos profetas. Falso profeta é qualquer um que diz falar com autoridade espiritual, mas fala contra a palavra de Deus. Esses profetas proclamam questões de fé e prática que vêm da sabedoria carnal e filosofia mundana em vez da própria revelação de Deus na Bíblia. Paulo chama atenção a isso em Colossenses 2.8: “Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo”. Em nosso tempo, esses falsos profetas incluem teólogos liberais que negam a Bíblia, professores hereges que torcem a Bíblia para transmitir mensagem de prosperidade material e consultores de crescimento de igreja que prometem sucesso a todos que adotarem os seus programas supostamente impecáveis, porém não bíblicos.

De acordo com Zacarias, uma marca inegável de alguém purificado e renovado pela fonte de Cristo é que ele ou ela anseia pela palavra de Deus, rejeitando toda mensagem não baseada na autoridade da verdade do próprio Deus. O verdadeiro homem ou mulher espiritual é como os bereanos de Atos 17, que fizeram Paulo provar que o que ele ensinava vinha das Escrituras. Sobre eles é dito: “Estes de Bereia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim.” (At 17.11). Talvez nossa maior necessidade na igreja hoje seja de cristãos como eles, que possam dizer com Davi o que está nos Salmos 119: “Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para o meu caminho... Induzo

o coração a guardar os teus decretos, para sempre, até o fim” (v. 105,112).

Uma fonte cheia de sangue

O nome que provavelmente mais bem se identifica com Zacarias 13.1-6 é o de William Cowper, um dos mais talentosos poetas ingleses. É consenso que Cowper possuía um estado de espírito sensível, e até frágil, e que a morte de sua mãe quando ele tinha apenas 6 anos de idade o deixou mentalmente instável. Lutando frequentemente contra a depressão, procurou se proteger permanecendo ocupado e mantendo sua mente entretida. Entretanto, houve uma crise em que tanto seu pai quanto sua madrasta morreram, depois seu amigo mais próximo se afogou. A consequência foi um colapso mental e emocional, de modo que Cowper acabou sendo internado num manicômio. Finalmente, ele foi confiado aos cuidados de um senhor cristão, e foi nesse período que Cowper passou a entender o significado do evangelho e o conhecimento de que Cristo morreu por ele. Ele explica: “Imediatamente recebi força para crer e todos os raios do Sol da Justiça brilharam sobre mim. Eu vi a suficiência da expiação que ele efetuou, meu perdão foi selado por seu sangue... me restou olhar para o céu em silente temor, possuído de amor e admiração”.[10]

Não demorou para que Cowper pudesse sair do manicômio, tendo seu coração sido purificado pela fonte do sangue de Cristo. Durante toda a sua vida, suas lutas mentais continuaram e ele até tentou o suicídio várias vezes, contudo, foi esse evangelho que o conduziu pelas dificuldades da vida com a luz penetrando a escuridão de sua alma. Muitos dos hinos de Cowper ainda são populares, com títulos como: “Deus age de modo misterioso” e “Como é bom caminhar mais próximo de Deus”. Mas o hino pelo qual Cowper é mais conhecido vem de Zacarias 13.1, intitulado “Há uma fonte cheia de sangue”. Neste hino ele dá seu testemunho da graça purificadora de Cristo, registrando sua própria experiência e a de inúmeras pessoas de um coração carregado que foi liberto “naquele dia” quando o sangue de Cristo foi derramado por nossos pecados:

Há uma fonte cheia de sangue,

que flui das veias do Emanuel;

e pecadores, mergulhados dentro dela,
perdem todas as manchas de sua culpa.

O ladrão na cruz se alegra em ver
aquela fonte no seu dia;
E lá eu fui, tão vil quanto ele,
lavado de todos os meus pecados.

Desde então, pela fé, vi a torrente
as suas feridas suprirem,
amor redentor é o assunto da minha vida,
e o será até a morte.

Querido Cordeiro do sacrifício, teu precioso sangue
nunca perderá sua força,
até que toda a igreja redimida de Deus
seja salva para não pecar mais.

1 Calvino, João. Minor Prophets. Vol, 5. Edimburgo: Banner of Truth, p. 377.

2 Lloyd-Jones, Martyn D. Spiritual Depression. Grand Rapids: Eerdmans, 1965, p. 20-21.

3 Boice, James Montgomery. The Minor Prophets. Vol. 2. Grand Rapids: Zondervan, 1986, p. 215.

4 Bonar, Horatius. “I Lay My Sins on Jesus”, 1843.

5 Stott, John R.W. The Cross of Christ. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1986, p. 173.

6 Calvino, João. Institutes of the Christian Religion. John T. McNeill (org.). Filadélfia: Westminster, 1960, III.xiv.13.

7 Bunyan, John. Pilgrim’s Progress. Nashville: Thomas Nelson, 1999, p. 35-36.

8 Lloyd-Jones. Spiritual Depression. p.72-73.

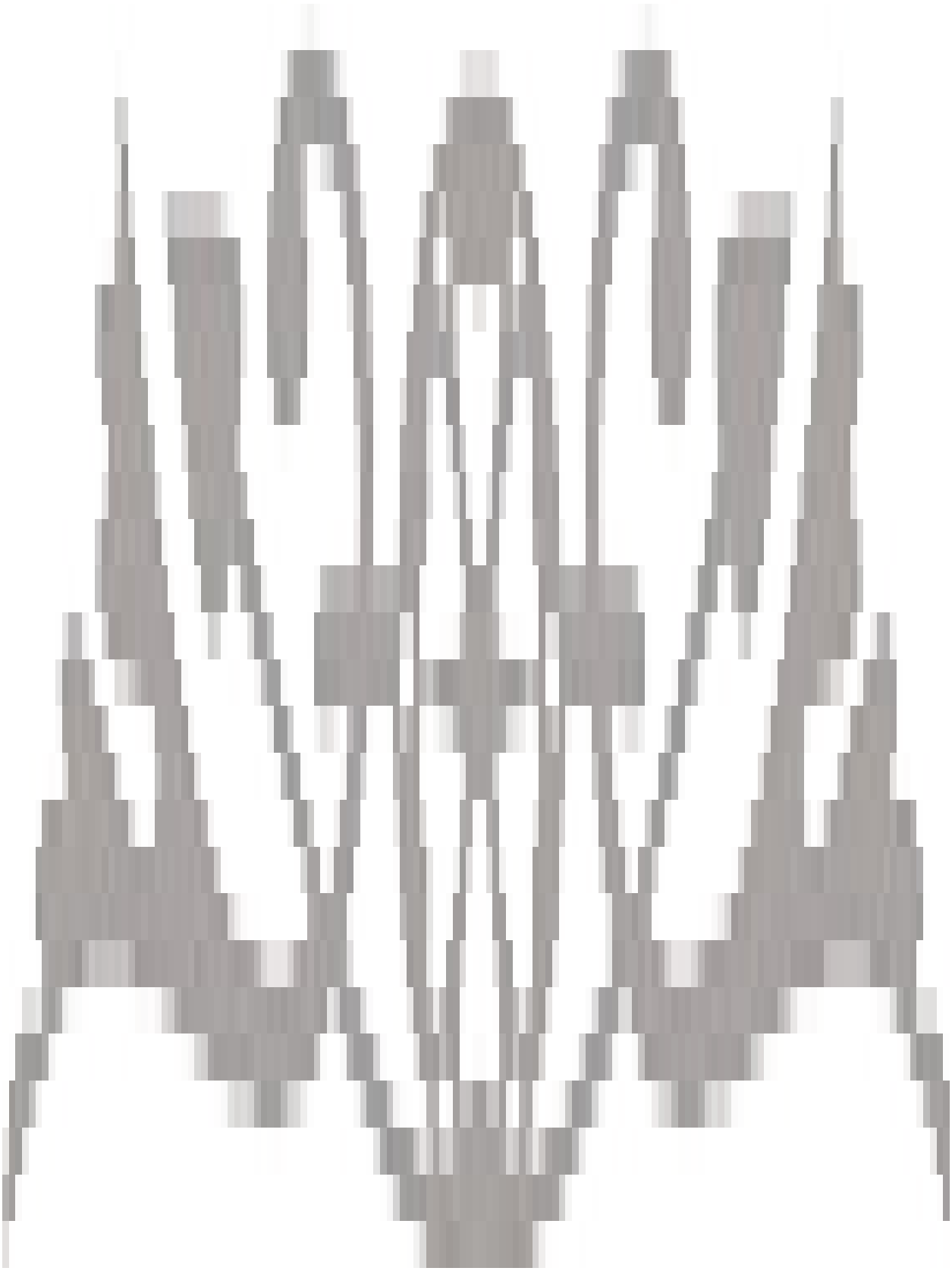
9 Von Zinzendorf, Nikolaus Ludwig. “Jesus, Thy Blood and Righteousness”, 1739.

10 Citado em Houghton, Elsie. Christian Hymn-Writers. Evangelical Press of Wales, 1982, p. 149.

25

O PASTOR FERIDO

Zacarias 13.7-9



Desperta, ó espada, contra o meu pastor e contra o homem que é o meu companheiro, diz o SENHOR dos Exércitos; fere o pastor, e as ovelhas ficarão dispersas; mas volverei a mão para os pequeninos (Zc 13.7).

Em 415 a.C., o general e estadista ateniense Alcibíades comandava as forças armadas de seu país no ataque contra a cidade siciliana de Siracusa. Alcibíades foi o líder mais brilhante de sua época, mas foi considerado por muitos como um embusteiro egocêntrico. A fim de preservar os padrões da democracia ateniense daqueles dias, assim que Alcibíades partiu, seus inimigos políticos se prepararam para julgá-lo em sua ausência, condená-lo por traição e irreverência e sentenciá-lo à morte. Ele soube disso no convés de seu navio, mas, em vez de voltar a Atenas para receber o veredito, fugiu para Esparta, a principal rival de Atenas. Ali ele desenvolveu liderança crucial à coalizão inimiga, e esse episódio foi uma de diversas calamidades que levaram à derrota de Atenas na longa Guerra do Penopoleso, que durou 27 anos. Este foi um exemplo clássico de um princípio que Jesus, certa vez, declarou, a saber, que "todo reino dividido contra si mesmo ficará deserto, e casa sobre casa cairá" (Lc 11.17).

Desperta, ó espada

Zacarias parece retratar uma situação muito semelhante, exceto que, neste caso, é a própria casa de Deus que está dividida. Encontramos aqui Deus lutando contra seus próprios companheiros, uma guerra civil dentro da própria existência divina! Esta passagem é muito dramática, seguindo, por assim dizer, no encalço das grandes promessas do Antigo Testamento. No capítulo 11, vimos o verdadeiro pastor rejeitado pelo povo, mas, no capítulo 12, Deus disse que, no futuro, eles olharão para ele e prantearão por aquele a quem traspassaram. O capítulo 13 começou predizendo que isso fará com que uma fonte de purificação do pecado e impureza seja aberta. Vemos aqui os eventos do evangelho profetizados enfaticamente.

Agora, como resposta, temos nos versículos 7-9 uma exclamação que irrompe a partir dos lábios do próprio Senhor. É uma reflexão teológica sobre o que foi

apresentado e resume o mistério do evangelho em três breves versículos. A espada da justiça de Deus foi despertada e está levantada, mas, como pergunta certo autor, “sobre quem cairá? Não sobre o ímpio e o incrédulo, mas, por misterioso que seja, cairá sobre aquele que é não só absolutamente inocente e santo, mas que se encontra no relacionamento mais próximo e íntimo com Jeová”.[1]

Não é nenhuma surpresa ao leitor de Zacarias que uma espada seja desembainhada contra o verdadeiro pastor de Deus. Mas o que há de tão impressionante aqui é que se ouve o próprio Deus clamando: “Desperta, ó espada, contra o meu pastor e contra o homem que é o meu companheiro, diz o SENHOR dos Exércitos; fere o pastor”, Deus ordena (Zc 13.7). Longe da relutância ou remorso sobre o que sabemos ser um acontecimento terrível, Deus mostra sua avidez para que chegue esse dia, para que aconteça isso, que a espada fira seu próprio pastor.

O texto é muito claro com respeito à identidade desse pastor. A palavra hebraica ~m!yT! significa “próximo” ou “companheiro” e tem a conotação de “colega”. C. F. Keil, um estudioso do Antigo Testamento, portanto, escreve: “Aquele a quem Deus chama de seu próximo não pode ser um mero ser humano, mas só pode ser alguém que participa da natureza divina, ou seja, alguém essencialmente divino”.[2] Tipologicamente, pode-se pensar que seja uma referência a Zacarias, uma vez que Deus o chamou para se colocar no lugar dos falsos pastores sobre Jerusalém. Mas a linguagem propriamente usada evoca um cumprimento que Zacarias mesmo não era capaz de realizar, um mistério em que um homem é companheiro ou colega do Deus eterno.

O Novo Testamento explica isso por meio da encarnação, Deus se tornando carne na pessoa de seu Filho, Jesus Cristo. Realmente, é dos próprios lábios de Jesus que descobrimos que isso foi dito diretamente sobre ele. Em Mateus 26.31, Jesus citou esse mesmo versículo para predizer que seus discípulos se dispersariam quando ele fosse preso: “Esta noite, todos vós vos escandalizareis comigo; porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho ficarão dispersas”.

Sendo este o caso, pode parecer que isso demonstre uma divisão dentro do ser divino, a casa de Deus dividida contra si mesma. “Desperta, ó espada”, brada o Pai, apontando para o Filho, “contra o meu pastor e contra o homem que é o meu companheiro” (Zc 13.7). Isso dá a impressão de uma guerra civil celestial, uma

guerra que só poderia colocar em risco os propósitos de Deus, assim como a destruição contra Atenas.

Na verdade, o resultado dessa aparente divisão é justamente o oposto: serviu para estabelecer, em vez de desfazer, o propósito de Deus. Esse versículo mostra o que o Novo Testamento declara: foi a vontade de Deus que Cristo fosse morto para que fôssemos purificados de nosso pecado. Foi para isso que Jesus veio ao mundo, em obediência ao que os teólogos chamam de "pacto de redenção" entre o Pai e o Filho, também conhecido como "eterno conselho" pelo qual eles prepararam nossa salvação.

Há abundante evidência no Antigo e no Novo Testamento de que Jesus Cristo veio ao mundo para realizar uma obra sobre a qual houve acordo antecipado. Na verdade, a visão que temos é que Deus, o Pai, colocou sobre o Filho uma responsabilidade a qual ele aceitou voluntariamente, junto com promessas que seriam concedidas na medida em que essa responsabilidade fosse cumprida. Assim, Jesus orou brevemente antes de ser preso: "Pai... eu te glorifiquei na terra consumando a obra que me confiaste para fazer" (Jo 17.4). De acordo com essa visão clássica desse pacto de redenção, Cristo aceitou as seguintes condições: 1) assumir corpo humano, nascendo de uma mulher, sob a lei; 2) cumprir toda a lei de Deus em favor de seus eleitos, alcançando para eles plena justiça naquilo que Adão fracassou; e 3) receber em seu lugar o castigo que seu povo merecia por seus pecados. Em troca, Deus lhe prometeu a salvação de todo eleito como irmãos adotados por ele, assim como domínio sobre todas as coisas.[3]

Hebreus 10.5-7 se refere à obediência de Cristo, colocando as palavras do salmo 40 na boca de Jesus: "Sacrifício e oferta não quiseste; antes, um corpo me formaste... Então, eu disse: Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a meu respeito), para fazer, ó Deus, a tua vontade". Em resposta, Deus Pai prometeu grande salvação por meio da obediência de seu Filho: "Também te dei como luz para os gentios, para seres a minha salvação até à extremidade da terra... para dizer aos presos: Saí, e aos que estão em trevas: Aparecei" (Is 49.6-9, NVI). Isaías também falou a respeito do Servo do Senhor, a quem Mateus 8.17 identifica com Jesus Cristo:

Ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; e a

vontade do SENHOR prosperará nas suas mãos. Ele verá o fruto penoso do trabalho de sua alma e ficará satisfeito; o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si (Is 53.10-11).

R. L. Dabney nos lembra de que isso não é um pacto contingente entre duas partes falíveis, como se uma das partes duvidasse do cumprimento pela outra. “Mas”, escreve, “sempre foi garantido, desde a eternidade, que as condições fossem efetuadas e a consequente recompensa, conferida, porque sempre houve concordância inefável e perfeita entre as pessoas da Trindade”.[4] Dabney pergunta: “O que os levou a esse [arranjo] de maravilhoso amor e graça?” e responde: “A única resposta consistente é a sua própria vontade, movida por sua própria intrínseca benevolência, compaixão e outros atributos”.[5]

Esta é a aliança entre o Pai e o Filho, que está por trás do evangelho exposto nas páginas do Novo Testamento. Foi o Deus Pai que, por amor aos pecadores, enviou o Deus Filho em uma missão que se cumpriu na cruz, onde a espada judicial da própria ira de Deus o feriu, conforme predito pelo profeta: “Desperta, ó espada, contra o meu pastor e contra o meu companheiro” (Zc 13.7).

Isso prova que a morte de Jesus certamente alcançará seu fim designado e que Deus, com certeza, aceitará seu sacrifício para nossa reconciliação. Foi para esse fim que o Pai enviou o Filho para realizar uma obra. Deus não é relutante em relação à nossa salvação; o santo juiz de todo o universo não é forçado a nos aceitar contra a sua vontade. Antes, de um modo muito caro, ele removeu a barreira entre nós e ele.

Esse preço também mostra e enormidade do horror e do problema do pecado, ao qual não damos a devida importância. T. V. Moore escreve:

Não há, em toda a extensão do conhecimento humano, nada mais terrivelmente sublime do que esse aparente cisma do ser divino. É como que se o pecado fosse um mal tão horrível que a suposição de sua culpa por um mediador sem pecado tivesse de, por um tempo, causar uma divisão até na absoluta unidade do próprio ser divino. Esta é a ilustração mais terrível do poder repulsivo e divisor do pecado que a história do universo proporciona.[6]

Contudo, ao antever a eliminação do pecado e a salvação que efetuaria, o coração do Pai salta com antecipação: “Desperta, ó espada”, ele exclama. “Fere o pastor”, ele ordena, a fim de efetuar sua mui maravilhosa obra, a justa justificação de pecadores que ele amou pela morte de seu Filho Jesus sobre a cruz.

Meu pastor, meu parente

O versículo 7 lança bastante luz sobre a pessoa e obra de Jesus, que é o foco de toda a Bíblia. Zacarias 13.7 o descreve como “meu companheiro”, um mistério elucidado somente pela encarnação. Mas por que isso foi necessário? Por que Deus Filho precisou nascer em uma manjedoura, assumir forma humana e, por meio disso, tornar-se nosso Salvador? Uma resposta, dada pelo livro de Hebreus, é que Deus Filho se uniu a nós em carne para que pudesse nos unir a si mesmo no espírito, com o resultado de nossa adoção nele como filhos de Deus: “Tanto o que santifica como os que são santificados, todos vêm de um só. Por isso, é que ele não se envergonha de lhes chamar irmãos... Eis aqui estou eu e os filhos que Deus me deu” (Hb 2.11-13).

A segunda razão pela qual Jesus era tanto Deus quanto homem, conforme predito em Zacarias 13.7, foi para que pudesse pagar o castigo pelos nossos pecados e fazê-lo sem que ele mesmo fosse vencido por aquele castigo, a saber, a morte. Hebreus 2.14-17 diz:

Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão... convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo.

A afirmação teológica clássica sobre a necessidade da encarnação de Cristo foi

dita por Anselmo de Cantuária, no século 11, em sua obra Porque Deus se fez homem. Falando a respeito da morte vicária de Cristo, Anselmo escreveu:

Ela não podia ter sido realizada a não ser que o homem pagasse o que devia a Deus pelo pecado. Mas a dívida era tão grande que, apesar de só o homem ter essa dívida, somente Deus podia pagá-la, de modo que a mesma pessoa tinha de ser tanto homem quanto Deus. Por isso, foi necessário Deus tomar forma humana na unidade da sua pessoa, para que aquele que, em sua natureza, devia pagar, porém não podia, deveria estar numa pessoa que pudesse fazê-lo.[7]

Como homem, Cristo pagou a Deus a dívida dos homens; como Deus, ele tinha as condições de pagá-la. Então, vemos que aquele que foi ferido precisava ser tanto homem quanto Deus, como sugere o versículo 7: “Meu companheiro”. Realmente, somente aquele que possui essas qualificações podia representar Deus como esse pastor sobre seu povo. Jesus deixou claro que essa profecia se refere a si mesmo em seu famoso discurso sobre o Bom Pastor, o qual faz aplicação direta da profecia do pastor de Zacarias:

Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim, assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas... dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Este mandato recebi de meu Pai (Jo 10.14-18).

Finalmente, Zacarias 13.7 mostra que a morte de Jesus foi de natureza judicial. T. V. Moore escreve:

A espada é símbolo de poder judicial... Assim, a grande doutrina apresentada aqui é que a morte de Cristo foi um ato judicial em que ele suportou o castigo da lei, cuja força penal era representada por essa espada da ira divina. A ovelha

merecia o golpe, mas o pastor expõe seu próprio peito à espada, é ferido pelos pecados de seu povo e suporta aqueles pecados em seu próprio corpo no madeiro. A natureza vicária da expiação é, portanto, distintamente implicada nesta passagem.[8]

"Desperta, ó espada, contra o meu pastor e contra o meu companheiro" (Zc 13.7). Foi assim que Deus aguardou o ato redentor tornado possível pela encarnação de Cristo, quando aplicou sua justiça contra o único que a suportaria, conforme acordado no conselho eterno de seu amor. Olhamos para trás maravilhados em louvor talvez mais bem expresso na forma do hino de Charles Wesley: "Quão grande mistério! O imortal morre: quem entenderá esse estranho desígnio?... É a misericórdia! Todos adorem, não indaguem mais as mentes dos anjos. Maravilhoso amor! Como pode ser? Que tu, meu Deus, morresse por mim?"[9]

As ovelhas dispersas

Jesus aplicou a profecia de Zacarias a si próprio, mas o que ele quis dizer também tinha a ver com os seus discípulos. Eles tinham saído para o monte das Oliveiras, logo depois de participarem da primeira ceia no cenáculo, a qual representava a sua morte por eles. "Então Jesus lhes disse: Esta noite, todos vós vos escandalizareis comigo; porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho ficarão dispersas" (Mt 26.31). No caso dos discípulos, isso significa que eles se esconderiam para salvarem sua própria vida, e Simão Pedro até o negaria no processo.

Parece, nesta passagem, que esse princípio também se aplica ao povo judeu, que seria terrivelmente afetado pela rejeição ao verdadeiro pastor: "Fere o pastor, e as ovelhas ficarão dispersas; mas volverei a mão para os pequeninos. Em toda a terra, diz o SENHOR, dois terços dela serão eliminados e perecerão; mas a terceira parte restará nela" (Zc 13.7-8).

Como vimos anteriormente, essa profecia parece ter se cumprido logo após a rejeição dos judeus a Jesus. O versículo 8 não dá percentual numérico dos que foram destruídos, mas diz, literalmente, que "dois terços" são feridos. Na

destruição de Jerusalém, no ano 70 d.C. pelos romanos e nos acontecimentos posteriores, é provável que pelo menos dois terços dos judeus que viviam na Palestina tenham perecido. Desde então, os judeus foram espalhados e experimentaram os mais intensos expurgos e perseguições, em conformidade com a profecia de Zacarias.

Se esta palavra profética se aplica aos judeus étnicos, a ideia não é apenas que eles fossem espalhados e castigados por rejeitarem o Messias, mas também que Deus preservaria um remanescente que, em última instância, retornaria a ele em fé: “Ela invocará o meu nome, e eu a ouvirei” (Zc 13.9). Deus estende sua mão outra vez para pastoreá-los em sua necessidade. Em todo caso, é claro que um remanescente de proporções consideráveis sobreviverá; Deus ainda não concluiu sua obra com seu povo Israel.

O apóstolo Paulo ensina em Romanos 11 a respeito da futura vinda dos judeus à fé em Cristo: “Todo o Israel será salvo... Quanto ao evangelho, são eles inimigos por vossa causa; quanto, porém, à eleição, amados por causa dos patriarcas; porque os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis” (Rm 11.26-29). Alguns consideram que isso já se cumpre no testemunho contínuo da igreja aos judeus, assim como a outros povos, e pode muito bem ser verdade. Mas eu acho que a profecia de Paulo fala mais razoavelmente de um arrependimento generalizado, como é visto em Zacarias 12.10 e novamente no 13.9, de modo que um retorno geral dos judeus proclama a glória de Deus.

Anos atrás fui professor assistente da Academia Militar dos Estados Unidos em West Point. Regularmente a corporação de cadetes faz desfiles e, muitas vezes, multidões de turistas vão assistir. Era comum, em especial, chegar uma grande quantidade de ônibus, despejando multidões de judeus hassídicos vindos dos arredores da cidade de Nova York. H#s#D é a palavra hebraica para “fiel”, e esses judeus hassídicos estavam empenhados em aproveitar toda tentativa para colocar em prática as normas do Antigo Testamento. Isso incluía restrições alimentares, uso de vestes apropriadas, cachos não cortados do cabelo de todos os homens, abstinência de toda forma de entretenimento popular comum hoje.

Muitas vezes, ficava observando, admirado, centenas daqueles judeus – homens, mulheres e crianças, espécimes vivas do passado. Eu me maravilhava louvando a Deus por vê-los ali, refletindo que não havia nenhum lugar em que se pudesse encontrar um babilônio da antiguidade nem um antigo egípcio, um palestino, um amorreu nem um hitita – contudo, ali, diante de meus olhos, estavam multidões

do próprio povo que Deus prometera preservar, o pequeno, fraco e, muitas vezes, perseguido povo, os judeus. “O que Deus tinha preparado para eles? Por que estavam ainda aqui? Para que grande obra eles estavam sendo preservados?”, eu me perguntava. A resposta certamente é a que é dada aqui, que Deus os reunirá, para que ele possa voltar sua mão em favor deles em sua fraqueza e trazê-los de volta para seu coração.

O rei Frederico, o Grande, certa vez abordou seu capelão da corte exigindo que ele desse provas claras da veracidade Bíblia. “Posso provar a Bíblia numa única palavra”, respondeu calmamente o capelão. Para a surpreendente dúvida do rei Frederico, ele, em seguida, explicou: “A palavra é a seguinte: Israel”. Seu argumento foi que a presença dos judeus neste mundo é uma prova viva da Bíblia e de sua profecia. O versículo 9 nos diz que Deus os trará para dentro e através do fogo, refinando e removendo, por meio das provações, a escória de sua incredulidade, até que chegue o dia que invoquem o seu nome e ele responda: “Direi: é meu povo, e ela dirá: O SENHOR é meu Deus” (Zc 13.9). De acordo com Paulo, a abundante paciência e fidelidade de Deus à palavra que ele jurou aos pais, resultando na posterior salvação abrangente dos judeus, nos ensina a confiar em suas promessas para nossa própria salvação. Certo autor judeu sugere:

Somente os judeus são incapazes de ver e ouvir o que todos os outros veem e ouvem? Os judeus são acometidos de cegueira e surdez ao que se refere ao Jesus Messias, de modo que, somente para eles, ele não tem nada a dizer?... Entenda, então, o que devemos fazer: Nós o traremos de volta para nós. O Jesus Messias não está morto para nós – para nós ele ainda não viveu: e ele não nos matará, ele nos tornará vivos novamente. Suas profundas e santas palavras e tudo o que é verdadeiro e comovente no Novo Testamento precisam, de agora em diante, ser ouvidos em nossas sinagogas e ensinados aos nossos filhos, a fim de que o erro que cometemos seja transformado em bem, a maldição seja transformada em bênção, e para que ele, pelo menos, nos encontre, o qual sempre está à nossa busca.[10]

Estas palavras foram escritas por um judeu que ainda não confiava em Jesus como Salvador pessoal. Tampouco elas dizem que os judeus estavam à beira de

se converter a Cristo. Mas mostram que há certos judeus que estão lendo e ouvindo e, conforme o querer do Senhor, logo chegará o dia em que muitos do antigo povo de Deus farão parte de seu povo da fé novamente.

Um amor digno de ser procurado

À sombra da cruz, foi que Jesus aplicou estes versículos aos seus próprios discípulos. Depois de dizer-lhes que eles se dispersariam após sua prisão, Jesus acrescentou: “Mas, depois da minha ressurreição, irei adiante de vós para a Galileia”. Mesmo que os seus tenham se espalhado, o Bom Pastor sairia para encontrá-los e conduzi-los. Em última instância, a dispersão deles serviu para espalhar o evangelho por todo o mundo.

O versículo 9 nos diz três coisas sobre o trato de Deus com seu povo que se aplicam a nós. Primeiro, começando pelo fim, vemos que Deus está interessado não só em quantidade, mas em qualidade. O objetivo dessa preciosa obra redentora é nada menos do que uma verdadeira comunhão com nosso coração: “Ela invocará o meu nome, e eu a ouvirei; direi: é meu povo, e ela dirá: O SENHOR é meu Deus” (v. 9). Esta é a antiga fórmula da união por aliança, o compromisso matrimonial entre o Deus bondoso e a noiva que ele conquistou. Por mais caro que seja superar a barreira do nosso pecado e nos redimir de seu próprio juízo, Deus está disposto a empregar medidas extremas para conquistar plenamente o nosso coração. Ele exige a devoção mais fervorosa e opera em nosso coração até que nossa maior alegria se aqueça no conhecimento de que Deus nos acolhe pessoalmente. O resultado que Deus procura e alcançará é expresso em 1Pedro 2.9: “Vós sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz”.

Para isso nos é mostrado, em segundo lugar, que, apesar dessas maravilhosas promessas de graça, intensas provações nos aguardam nesta vida. Paulo e Barnabé disseram aos primeiros discípulos: “Através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus” (At 14.22). A razão é dada pela metáfora do versículo 9, que fala do povo de Deus sendo purificado do pecado e transformado em uma nação verdadeiramente santa a Deus: “Farei passar a terceira parte pelo fogo, e a purificarei como se purifica a prata, e a provarei como se prova o ouro” (Zc 7.9). Um ferreiro esquenta o metal e forma um

minério vermelho incandescente, depois o mergulha em água fria, retirando as impurezas, conhecidas como escória. O processo é repetido várias vezes, com mais e mais escória separada e raspada, até que o ferreiro saiba que terminou, porque ele olha para o metal agora refinado e vê o reflexo de si mesmo. Este é, também, o processo que Deus empregou para nos tornar seu verdadeiro povo; seu objetivo com todas as nossas provações é fortalecer e purificar nossa fé, separando-nos dos pecados e do mundo, até que finalmente olhe para nós e enxergue sua própria imagem e nós tenhamos alcançado a excelência espiritual que ele ordenou, a beleza para a qual nossa salvação foi destinada.

Terceiro, estes versículos nos apresentam uma forma do amor de Deus que é digna de nosso inteiro amor em retorno. “Ela invocará o meu nome, e eu a ouvirei” (Zc 13.9), ele diz, como objeto final do desejo de seu próprio coração.

Toda essa maravilhosa profecia de Zacarias proclama a nós um grande Deus de amor que é superior a todo objeto, pessoas e coisas e digno de nossa mais alta devoção e amor. Eis um amor digno de ser perseguido. Não é isto que o versículo 7 nos mostra, que, quando Deus envia a espada, está ferindo com o zelo de quem ama a fim de resgatar os seus da destruição que lhes pertence, desejando assumir os sacrifícios mais custosos imagináveis – o Deus Pai ferindo o Deus Filho – para nos poupar da espada? Donald Grey Barnhouse fala eloquentemente sobre o amor precioso, paciente e gracioso de Deus que resplandece através das trevas da cruz:

Ele dará ao homem as árvores da floresta e o ferro do solo. Depois dará ao homem o cérebro para fazer um machado do ferro para cortar a árvore e construir uma cruz. Ele dará ao homem a habilidade de fazer um martelo e pregos e, quando o homem tiver a cruz, o martelo e os pregos, o Senhor permitirá ao homem prendê-lo e levá-lo à cruz; ele estenderá os braços do Filho de Deus naquela cruz e, ao fazê-lo, tomará os pecados do homem sobre si mesmo e possibilitará que os que o desprezaram e rejeitaram venham a ele e conheçam a alegria da remoção e perdão dos pecados, para conhecerem a segurança de perdão e vida eterna e para entrarem no prospecto da esperança de glória com ele para sempre. Este é o nosso Deus, e não há nenhum igual a ele.[11]

Deus está nos buscando por meio de seu amor, agindo por meio das circunstâncias, provando-nos por meio de lágrimas, para que, no deserto de nossas provações, o invoquemos para salvação. Quando a prosperidade e o sucesso afastam dele o nosso coração, Deus nos envia provações para que invoquemos o seu nome. Quando nós, como discípulos de Cristo, fugimos de sua cruz, ele nos aguarda no poder da ressurreição em lugares para os quais fugimos.

Este é o amor que nosso coração tem procurado, um amor que nos chama agora por meio de Jesus Cristo. Nunca encontraremos um amor mais intenso do que aquele que venceu a culpa do nosso pecado. Nunca receberemos um amor mais determinado do que o seu, que age ao longo de toda a nossa vida para ouvir as palavras de nossa devoção a ele. “Deus é amor”, diz a Bíblia (1João 4.8). Apesar de frequentemente evitarmos pensar nele como um romântico extasiado, contudo, no sentido mais nobre e sublime, Deus é romântico – o primeiro e o último dos apaixonados. Todas as suas grandes obras, sua dádiva mais valiosa, objetiva esse final romântico, para o qual ele nos atrai ainda mais: “Direi: é meu povo; e ela dirá: O SENHOR é meu Deus” (Zc 13.9). Nessas breves palavras, toda a história – o grande objetivo de Deus antes mesmo de existir o tempo – alcança seu verdadeiro cumprimento e realização, a troca do verdadeiro amor entre Deus e seu povo, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador e Senhor.

1 Baron, David. The Visions and Prophecies of Zechariah. Grand Rapids: Kregel, 1972, p. 475.

2 Keil, C.F.; Delitzsch, F. Commentary on the Old Testament. Vol. 10. Peabody, MA: Hendrikson, reimp. 1996, p. 617.

3 Veja Hodge, A. A. The Confessions of Faith. Carlisle, PA: Banner of Truth, 1958, p. 127; e Witsius, Herman. The Economy of the Covenants between God & Man. Vol. 1. Phillipsburg, NJ: Presbyterian & Reformed, 1990, p. 171.

4 Dabney, Robert L. Systematic Theology. Edimburgo: Banner of Truth, 1985, p. 431.

5 Ibid., p. 435.

6 Moore, T. V. Haggai, Zechariah, & Malachi. Edimburgo: Banner of Truth, 1979, p. 292-293.

7 Anselmo de Cantuária. Why God Became Man. In: Fairweather, Eugene R. A Scholastic Miscellany: Anselm to Ockham. Filadélfia: Westminster Press, 1961, p. 176.

8 Moore. Zechariah, p. 294.

9 Wesley, Charles. “And Can It Be That I Should Gain”. 1738.

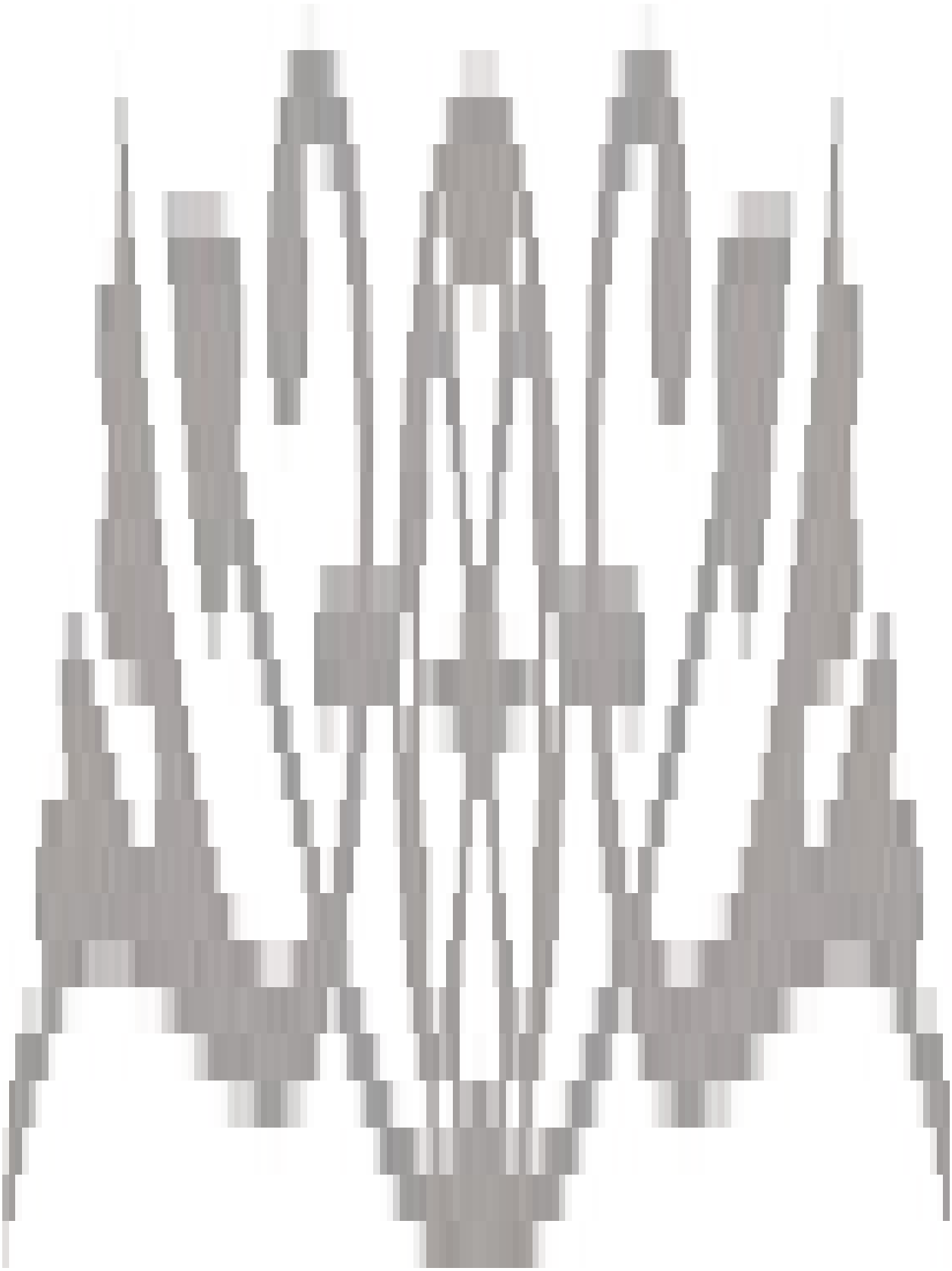
10 Brunner, Constantine. Der Judenhass und die Juden. Berlim: Oesterheld, 1918, p. 34.

11 Barnhouse, Donald Grey. In: Boice, James M. The Minor Prophets. Vol. 1. Grand Rapids: Baker, 2003, p. 25.

26

O SENHOR REINARÁ

Zacarias 14.1-11



O SENHOR será Rei sobre toda a terra; naquele dia, um só será o SENHOR, e um só será o seu nome (Zc 14.9).

Uma das principais palavras para representar a salvação é “paz”. Falamos de paz com Deus e paz com outras pessoas. Paulo fala a respeito de uma “paz que excede todo entendimento” (Fp 4.7). Paz representa o fim de toda contenda e ameaça, a chegada da verdadeira segurança e bênção. Por isso é que a saudação judaica tradicional é a expressão sh~l " m , isto é, “paz”. Jerusalém, capital de Israel, significa “Cidade da Paz”, e foi para ali que Zacarias e outros que voltavam do exílio foram para restaurar a cidade de Deus. Em 538 a.C., Ciro, o imperador persa, providenciou o retorno deles e, em 515 a.C., devido ao estímulo dos profetas Ageu e Zacarias, o templo foi finalmente reconstruído e consagrado ao Senhor. Contudo, sua grande esperança ainda era pela paz.

Esses exilados voltaram à cidade de Deus com grandes promessas e expectativas, contudo a cidade estava vulnerável e exposta. Levaria pelo menos outra geração após a morte de Zacarias antes que Neemias viesse reconstruir os muros em ruínas e fornecer segurança física. Nos dias de Zacarias, a probabilidade de outra invasão era real e a paz parecia ilusória. Foi diante desse cenário que o último capítulo da profecia de Zacarias tanto confirmou os temores das pessoas quanto afirmou sua mais afeiçoada esperança.

Questões sobre o cumprimento

O comentário de Martinho Lutero sobre o capítulo 14 de Zacarias começa com palavras pouco encorajadoras. “Aqui, neste capítulo, eu desisto”, escreve. “Pois não tenho certeza do que o profeta está falando”.[1] Este é um capítulo difícil e há diversos modos de interpretá-lo.

Zacarias 14 fala de uma grande batalha, quando todas as nações se reunirão contra Jerusalém, saqueando-a violentamente. Depois disso, o Senhor virá com todos os seus santos, acompanhado de imensos distúrbios cósmicos, para estabelecer o seu reino de paz. A principal questão envolve como entender o

sentido do cumprimento dessa profecia.

Há três opiniões principais. A primeira vê este capítulo como descrição figurada da era da igreja, em vez de uma referência a eventos literais que ocorreriam em um tempo e espaço específicos. Os adeptos desta opinião sugerem que se trate de literatura apocalíptica, isto é, uma forma de escrita que emprega cenário dramático e acontecimentos vívidos, a fim de revelar realidades espirituais que estão, normalmente, escondidas da vista. O tipo de declaração feita neste capítulo, dizem seus defensores, é usado em geral na literatura profética para falar da vinda de Deus para julgar ou salvar as pessoas (veja Jl 3.16; Am 1.2; Mq 1.3-4). Essas representações dramáticas de ação cataclísmica são, conforme Thomas McComiskey, "representações antropomórficas da entrada de Yahweh na arena da história humana... e não precisamos entendê-las literalmente". Elas constituem, ele diz, "uma representação pictórica vívida da ação do Deus invisível na história".[2]

Essa visão, geralmente associada à escatologia pós-milenarista, defende que Israel e Jerusalém no Antigo Testamento correspondem à igreja cristã no Novo Testamento, um aspecto que frequentemente destaco com respeito a esses estudos de Zacarias. Paulo chama os cristãos de "o Israel de Deus" (Gl 6.16). Hebreus 12.22-24 diz que os cristãos chegaram espiritualmente à Jerusalém espiritual, a cidade do Deus vivo, onde a igreja se reúne em assembleia. Tudo o que Jerusalém representou se manifesta, agora, na igreja. Em Zacarias, muitas das profecias relativas a Jerusalém parecem ser adequadamente cumpridas na igreja (veja 1.16-17; 2.4-5; 8.1-8). H. C. Leupold resume essa posição assim: "Estes versículos, portanto, não se aplicam a nenhuma situação particular. Eles não descrevem um cerco, captura e cativeiro que de fato ocorreram. Por meio de figuras, descreve uma situação que se estende continuamente através dos tempos do Novo Testamento".[3]

Há boas razões para rejeitar essa perspectiva, como o faz a segunda posição sobre Zacarias 14. Primeiro, há uma preocupação de que essas profecias específicas sejam "espiritualizadas" em princípios vagos. Segundo, muitos autores apontam para algumas inconsistências. Eles dizem que interpretamos outras profecias literalmente, como fiz com diversas profecias desses últimos capítulos de Zacarias. Defendi que Zacarias 9.1-8 se cumpriu literalmente pelas conquistas de Alexandre, o Grande. O Novo Testamento mostra que Zacarias 9.9 se cumpriu literalmente quando Jesus entrou em Jerusalém montado em um jumentinho. Os versículos anteriores a essa passagem, 13.7-9, são declarados

pelo próprio Jesus como cumpridos em sua morte: “Fere o pastor, e as ovelhas ficarão dispersas” (Zc 13.7). Então, com que base declararemos que essas profecias subsequentes devem ser entendidas como meramente figuradas?

De acordo com essa segunda posição, associada à escatologia pré-milenarista, Zacarias 14 prediz um ataque físico contra a cidade de Jerusalém no futuro, quando ela será subjugada e devastada. O Senhor Jesus Cristo, então, retornará literalmente ao monte das Oliveiras, de onde Atos 1.11 nos diz que ele subiu ao céu. Sua vinda causará uma divisão física àquela barreira a leste de Jerusalém, para que o povo escape, depois da qual, o Senhor estabelecerá seu governo sobre a terra a partir do trono naquela cidade.

Como podemos entender essas duas visões? A primeira visão está correta ao insistir no cuidado de se interpretar descrições apocalípticas como descrição literal de certos acontecimentos. Simplesmente não é assim que esse tipo de literatura funciona, como o livro de Apocalipse demonstra muito vividamente. Além disso, em todo o livro de Zacarias interpretamos as profecias sobre Jerusalém como concernentes, em última instância, à igreja do Novo Testamento, não a uma futura restauração da antiga cidade de Deus. Isso é coerente com a própria visão do Novo Testamento sobre sua relação com o Antigo. Tudo o que Jerusalém representava no Antigo Testamento – a cidade de Deus – agora se encontra na igreja do Novo Testamento, então, após a primeira vinda transformadora de Cristo, as profecias sobre Jerusalém se cumprem na vida e experiência da igreja. A Jerusalém do Novo Testamento não é uma cidade da Palestina, mas a igreja em todo o mundo.

A visão pré-milenarista está certamente correta, no entanto, ao insistir que este capítulo aponta para acontecimentos concretos que ocorrerão no futuro, por mais figurados que sejam. Zacarias 14 concorda, por exemplo, com as declarações de Paulo em 1 e 2Tessalonicenses e principalmente com as figuras do livro de Apocalipse. Os versículos 6 e 7 indicam uma transformação estarrecedora da ordem da natureza, à qual Apocalipse 21 também se refere. Os versículos 8-11 falam de bênçãos para a cidade de Deus, que se repetem em Apocalipse 22. Portanto, a visão pré-milenarista está correta em esperar algum tipo de cumprimento literal destas profecias, ainda que esteja equivocada em não reconhecer Jerusalém como um tipo da igreja do Novo Testamento.

Isso nos leva a uma terceira opinião, que representa um equilíbrio entre as duas primeiras, uma opinião associada à escatologia amilenista. Essa posição observa

que Zacarias 14 completa a progressão histórica que temos seguido por todos esses últimos oráculos desde o capítulo 9. Eles começam referindo-se aos séculos imediatamente seguintes à restauração de Jerusalém, incluindo as conquistas de Alexandre (9.1-8) e as guerras dos macabeus (9.13). O grosso dessas profecias, então, concentra-se na vinda do verdadeiro rei (9.9), sua rejeição pelo povo e o subsequente juízo de Deus contra Jerusalém (11.1-14), mas, depois, à purificação de muitos que olham para aquele a quem traspassaram e são salvos (12.10-13), o que acontece na era presente do evangelho. À medida que prosseguimos no desenrolar da história redentora, o próximo acontecimento importante, depois da primeira vinda de Cristo e a expansão do evangelho, é sua segunda vinda, para vindicar seu povo subjugado, julgar a terra e instalar seu reino eterno de bênção e paz. É isto o que o capítulo 14 nos mostra, não só princípios gerais sobre a vida neste mundo nem sobre o início do reino político de Cristo por mil anos a partir da cidade terrena de Jerusalém, mas de todas as coisas relacionadas à consumação da cidade eterna de Deus em pureza e paz. T. V. Moore resume este capítulo dizendo: “Este capítulo parece apontar para o último grande conflito de poderes do mal com a igreja, o qual terminará com a vinda de Cristo em grande poder e completar o estabelecimento de seu reino em glória.”[4]

A cidade saqueada

Zacarias 14.1-11 apresenta uma progressão em três etapas. Primeiro, há um ataque bem-sucedido das nações contra a cidade de Deus (Zc 14.1-2). Segundo, há a aparição do Senhor para lutar e defender o seu povo (Zc 14.3-5). Terceiro, os versículos 6 a 11 mostram o resultado disso no cataclismo do fim dos tempos, por meio do qual se estabelecerá o reino eterno de Deus.

O versículo 1 faz uma afirmação genérica que é desenvolvida no versículo 2: “Eis que vem o Dia do SENHOR, em que os teus despojos se repartirão no meio de ti. Porque eu ajuntarei todas as nações para a peleja contra Jerusalém; e a cidade será tomada, e as casas serão saqueadas, e as mulheres, forçadas; metade da cidade sairá para o cativeiro, mas o restante do povo não será expulso da cidade”.

É importante notarmos a ligação entre este versículo e o anterior, Zacarias 13.9, em que Deus diz a respeito do seu povo: “Farei passar a terceira parte pelo fogo,

e a purificarei como se purifica prata, e a provarei como se prova o ouro". É assim que Deus executa a verdadeira devoção com a qual esse versículo termina, purificando seu povo por meio de dura provação e afastando o mundanismo do nosso coração. A figura dos dois primeiros versículos é terrível, mas o fato é que Deus oferece bênçãos espirituais que às vezes vêm por meio de fortes provações terrenas. O que Paulo ensinou aos primeiros cristãos em Atos 14.22 era verdadeiro para os judeus e é verdadeiro para nós também: "Através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus". "No presente, por breve tempo, se necessários, sejais contristados por várias provações", explica Pedro, "para que, uma vez confirmado o valor da vossa fé... redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo" (1Pe 1.6-7).

Certamente a maioria dos cristãos subestima o preço de seguir a Cristo no mundo. Esperamos, no máximo, um pequeno incômodo social ou, talvez, alguns problemas no trabalho ou na família, mas dificilmente conseguimos imaginar o que estes versículos estão dizendo: o próprio Deus reúne as nações para dividir sua cidade. Mas isso aconteceu muitas vezes na história da igreja, como durante as perseguições do Império Romano. Em todos os casos, intensa perseguição glorificou a Cristo perante o mundo por meio do sofrimento fiel de seu povo e prefaciou uma nova vitória para o seu reino de graça. A perseguição também serviu para provar e purificar o povo de Cristo. Philip Schaff escreve sobre as perseguições contra a igreja primitiva: "À medida que a guerra manifesta as qualidades heroicas dos homens, assim também as perseguições desenvolvem a paciência, a bondade, a perseverança dos cristãos e provam o poder da fé que conquista o mundo".[5]

Isso deve nos levar a indagar se estamos dispostos a suportar intensa aflição por sermos cristãos. Estamos dispostos, homens e mulheres igualmente, a aceitar dor e humilhação por Jesus? Renunciaríamos à fé antes de sofrermos a destruição descrita por Zacarias?

Se não estamos dispostos a sofrer dessa maneira por nossa fé, então o fato é que não podemos ser cristãos. Nem todo cristão sofrerá formas intensas de perseguição, mas todos nós precisamos estar prontos e desejosos de fazê-lo, caso necessário. O livro de Hebreus registra o amor constante do povo de Deus sob provação: alguns deles

foram torturados, não aceitando seu resgate, para obterem superior ressurreição; outros, por sua vez, passaram pela prova de escárnios e açoites, sim, até de algemas e prisões. Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos a fio de espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e cabras, necessitados, afligidos, maltratados (homens dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra" (11.35-38).

Essas coisas aconteceram a cristãos em todas as épocas, estão acontecendo atualmente em lugares como Sudão e Indonésia e pode facilmente acontecer no Ocidente. Caso Deus faça sobrevir verdadeira perseguição, não há dúvida de que o número dos cristãos encolheria, mas seu propósito de purificar a igreja certamente seria realizado.

Zacarias retrata especificamente uma perseguição intensa do povo de Deus que acontecerá logo antes do fim. O dia do Senhor "não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus ou é objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus" (2Ts 2.3-4). Passagens como Daniel 9.24-27 falam em termos semelhantes a respeito de um cruel ataque contra a cidade de Deus. Ezequiel 38–39 profetiza esse tipo de ataque. Apocalipse, com as várias recapitulações da história da igreja, também fala de um tempo de intensa tribulação que a igreja deverá suportar antes da manifestação final da salvação. Portanto, os cristãos devem levar a sério Zacarias 14.1-2, como um ataque terrível e cruel que sobrevirá à igreja, Jerusalém de Deus, antes do fim da era presente.

O Senhor virá

A ênfase aqui, entretanto, não é sobre o sofrimento do povo de Deus, mas, antes, sobre o grande livramento que se seguirá. Deus não permite que seu povo pereça, mas entra em cena a tempo de salvar a cidade: "Então, sairá o SENHOR e pelejará contra essas nações, como pelejou no dia da batalha" (Zc 14.3).

Novamente, temos uma afirmação genérica que é preenchida pelos versículos

seguintes. “Como pelejou no dia da batalha” aponta para períodos anteriores, quando Deus se manifestou na história a fim de defender seu povo. O Antigo Testamento oferece inúmeros exemplos. Pense em Josué e sua conquista de Jericó; pelo poder sobrenatural de Deus, aquela poderosa cidade caiu por terra. Pense em Gideão, que saiu com um batalhão minúsculo contra os exércitos de Midiã, que o Senhor fez com que lutasse entre si e fugisse. Posteriormente, Josafá foi ameaçado por um imenso exército de Moabe e Amom. “Ficai parados”, lhe foi dito, “e vede o salvamento que o SENHOR vos dará” (2Cr 20.17). Enquanto o povo de Deus cantava hinos de louvor e ação de graças, dizem as Escrituras, “pôs o SENHOR emboscadas contra os filhos de Amom e de Moabe e os do monte Seir que vieram contra Judá, e foram desbaratados” (v. 22). Nos dias de Isaías, o Senhor feriu 185 mil homens sob o comando de Senaqueribe que sitiavam Jerusalém, depois de o rei Ezequias orar por livramento. O rei buscou a ajuda do Senhor orando em lágrimas, e “naquela mesma noite, saiu o Anjo do SENHOR e feriu, no arraial dos assírios, cento e oitenta e cinco mil” (2Rs 19.35). Semelhantemente, o Senhor agora promete vir lutar em favor de seu povo.

Um dos grandes exemplos do livramento de Deus foi a abertura do mar Vermelho durante o êxodo. Moisés e os israelitas foram encurralados contra aquele volume de água, mas Deus afastou as ondas e preparou a passagem para a fuga, destruindo Faraó e seus carros quando tentaram persegui-los. Semelhantemente, agora o Senhor dividirá o monte das Oliveiras para providenciar uma fuga ao leste:

Naquele dia, estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o oriente; o monte das Oliveiras será fendido pelo meio, para o oriente e para o ocidente, e haverá um vale muito grande; metade do monte se apartará para o norte, e a outra metade, para o sul. Fugireis pelo vale dos meus montes, porque o vale dos montes chegará até Azal; sim, fugireis como fugistes do terremoto nos dias de Uzias, rei de Judá (Zc 14.4-5).

Aparentemente, Azal era uma vila ao oriente adiante do monte das Oliveiras. Por meio desse repentino caminho aberto, o povo fugirá, assim como fugiu quando houve o terremoto devastador em tempos passados.

Isso se enquadra no modo pelo qual Deus muitas vezes resgata o seu povo. Os cristãos são assaltados por perigos, e muitos apostatam por medo. Mas aqueles que permanecem firmes no Senhor encontram o caminho de livramento que não teriam imaginado, uma vez que o Senhor vem surpreendentemente ao seu auxílio. Paulo fala disso com respeito às tentações pelas quais passamos. Ele escreve: “Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar” (1Co 10.13). É isso que os cristãos são chamados a fazer contra o pecado e as tribulações. Moisés disse às tribos de Israel voltadas contra o mar Vermelho: “Não temais; aquietai-vos e vede o livramento do SENHOR que, hoje, vos fará” (Êx 14.13). Precisamos nos lembrar disso quando a situação estiver ruim e a esperança se desvanecer, a saber, de como Deus livrou maravilhosamente seu povo em outros tempos e o fará novamente, por isso podemos ser fortalecidos em nossa fé.

Zacarias antevê o Senhor vindo para se colocar sobre o monte das Oliveiras, isto é, o monte ao oriente de Jerusalém que oferece a melhor vista, criando em sua presença um refúgio para todos os que olham para ele em fé. O salmo 46.1 diz: “Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações”. Isso se aplica a nós agora, mas será especialmente verdadeiro durante a grande tribulação, no fim dos tempos. “Então, virá o SENHOR, meu Deus, e todos os santos, com ele” (Zc 14.5).

Esta profecia se refere ao retorno à terra de nosso Senhor Jesus em poder e glória, conforme se prediz em Atos 1.11: “Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu virá do modo como o vistes subir”. Em Marcos 8.38, Jesus falou do Filho do Homem retornando “na glória de seu Pai com os santos anjos”. Estes são “os santos” de que o versículo 5 fala. Paulo acrescenta, em 1Tessalonicenses 4.14, “Cremos que... Deus... trará, em sua companhia, os que dormem”. Além disso, Paulo sugere que aqueles que fugirem da devastação pelo caminho que Deus preparou se unirão a esta multidão e entrarão com eles em seu triunfo: “O Senhor mesmo... descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares” (1Ts 4.16-17). O simbolismo varia um pouco entre Paulo e Zacarias, o que é outra razão para entender a profecia de Zacarias como um padrão e não como um retrato literal do retorno de Cristo. Mas tanto em Zacarias quanto em Paulo parece claro que, entre os santos que entram no cortejo de vitória do Senhor, estão inclusos os que foram libertos

da destruição e fugiram para sua presença. Em todas essas coisas, nosso Senhor é glorificado por salvar seu povo e derrotar seus inimigos.

O Senhor reinará

Esse livramento nos leva a uma maravilhosa descrição do reino eterno que o Senhor estabelecerá na consumação da história. Primeiro, fala-se de uma mudança cataclísmica na ordem da natureza: “Acontecerá, naquele dia, que não haverá luz, mas frio e gelo. Mas será um dia singular conhecido do SENHOR; não será nem dia nem noite, mas haverá luz à tarde” (Zc 14.6-7). Há um problema de tradução na segunda parte do versículo 6; o que a versão Revista e Atualizada traduz por “frio e gelo” é entendido pela maioria dos comentaristas como perda de luz das “estrelas e planetas”, uma tradução que se encaixa melhor com o sentido geral. Zacarias descreve um dia singular – um dia como nenhum outro. É um novo dia, uma entrada no âmbito eterno em que o dia e a noite, com suas respectivas luzes, sumirão. Como Apocalipse 21.23 diz: “A cidade não precisa do sol, nem da lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada”. Este é o dia “conhecido do SENHOR”, para o qual toda a história caminha.

Os versículos seguintes fornecem quatro descrições do que sucederá na consumação da nossa salvação final. O versículo 10 fala da exaltação de Jerusalém, que é situada entre altos montes em um território acidentado: “Toda a terra se tornará como a planície de Geba a Rimom, ao sul de Jerusalém; esta será exaltada e habitada no seu lugar, desde a Porta de Benjamim até ao lugar da primeira porta, até à Porta da Esquina e desde a Torre de Hananeel até aos lagares do rei”. O território em torno de Jerusalém é nivelado; o território de Judá, unido por Geba e Rimom, se tornará como o Arabá, que é a região de planície pela qual o rio Jordão corre. Os montes são nivelados para formar um muro de platô, enquanto Jerusalém é elevada para ser vista de todos os lados. O versículo 10 dá as dimensões da cidade em seus melhores dias; toda a cidade será protegida e será exaltada. Esta é a cena que Ezequiel descreve em termos semelhantes em sua visão do reino exaltado, com o templo glorificado em seu meio (Ez 40-48).

A ideia aqui é teológica, não topográfica; trata-se do ideal profético alcançado na glorificação do monte e da cidade de Deus. Isaías predisse: “Nos últimos dias,

acontecerá que o monte da Casa do SENHOR será estabelecido no cume dos montes e se elevará sobre os outeiros, e para ele afluirão todos os povos" (Is 2.2).

Jerusalém era uma cidade pequena e insignificante aos olhos do mundo. Babilônia, Susã, Mênfis – estas eram as cidades poderosas, os centros de ação e de primazia. Mas no fim será manifestado o que sempre foi verdade: é a cidade de Deus – sua igreja, seu povo – que tem significância primordial. Sempre ocorre que, apesar de despercebido pelo mundo, o que realmente importa é aquilo que Deus faz por meio de seu povo. É o simples ato de serviço procedente da fé em Cristo, o testemunho generoso do evangelho, a adoração que surge de um coração humilde – coisas com as quais o mundo não se importa e as quais nunca despertarão louvor por parte dos homens – que Deus mais valoriza e que ele exaltará naquele dia. Apocalipse 21.10-11 fala da cidade de Deus elevada em glória e resplandecendo com as santas obras de seu povo: "E me transportou, em espírito, até a uma grande e elevada montanha e me mostrou a santa cidade, Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, a qual tem a glória de Deus. O seu fulgor era semelhante a uma pedra preciosíssima, como pedra de jaspe cristalina".

Segundo, a passagem fala a respeito de um rio que corre perpetuamente a partir da cidade: "Naquele dia, também sucederá que correrão de Jerusalém águas vivas, metade delas para o mar oriental, e a outra metade, até ao mar ocidental; no verão e no inverno, sucederá isto" (Zc 14.8). Esta é uma maravilhosa representação das bênçãos da salvação. O jardim do Éden foi regado com a água que corria dos quatro rios (Gn 2.10). A visão de Ezequiel fala de um rio que corre de debaixo do limiar do templo. Quanto mais longe fluía, mais profundo se tornava, purificando e limpando tudo à sua frente e trazendo vida.

Estas águas... entram no mar Morto, cujas águas ficarão saudáveis. Toda criatura vivente que vive em enxames viverá por onde quer que passe este rio... Junto ao rio, às ribanceiras, de uma e de outra banda, nascerá toda sorte de árvore que dá fruto para se comer; não fenecerá a sua folha, nem faltará o seu fruto... porque as suas águas saem do santuário; o seu fruto servirá de alimento, e a sua folha, de remédio (Ez 47.8-12).

Podemos achar que esse rio se refira ao rio do evangelho ou ao Espírito Santo, que dá vida mediante a fé em Cristo. Lembramos que a Jerusalém terrena não possui um rio; toda a sua água vem de fontes subterrâneas. Contudo, um rio

corre na cidade de Deus, de onde os fiéis bebem há muito tempo. Apesar de sua topografia, o salmo 46.4 diz sobre a cidade de Deus: “Há um rio, cujas correntes alegram a cidade de Deus”. Este versículo está falando da água que bebemos por meio da fé em Jesus Cristo; Zacarias vê a igreja, no fim, como uma cidade glorificada, com esse rio correndo dentro dela. Então, quando Jesus se colocou no templo, no meio de Jerusalém, o qual Zacarias e sua geração reconstruíram, foi muito dramático ele clamar em alta voz: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva” (Jo 7.37-38). João explica isso no versículo seguinte: “Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem” (Jo 7.39). Assim como jorrou a água do lado de Jesus quando ele foi traspassado na cruz, assim também o Espírito Santo fluirá por meio de seu ministério redentor, cumprindo tudo o que os salmistas e os profetas sempre predisseram com respeito ao rio revigorador da graça de Deus.

Terceiro, e no centro desta importante declaração sobre o dia vindouro, está a vinda do Senhor como rei: “O SENHOR será Rei sobre toda a terra; naquele dia, um só será o SENHOR, e um só será o seu nome” (Zc 14.9). Aqui está a verdadeira consumação de toda a história, a coroação do Senhor Jesus Cristo como rei sobre todos. Isto é o que Paulo descreve como o fim de toda a obra redentora de Deus. Jesus foi obediente ao Pai em suportar nossa carne e morrer na cruz: “Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai” (Fp 2.9-11). Por isso, as vozes do céu clamam: “O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos” (Ap 11.15).

O Senhor, que é rei de jure, agora é rei de facto; aqui ele assume, de fato, a autoridade que em todo o tempo ele possuía por direito. Todos os seus adversários são colocados debaixo de seus pés; em todo o mundo haverá um só Senhor e nome para o qual todos olham em busca da salvação. H. C. Leupold escreve: “O fato de ele ser rei sobre todas as coisas sempre foi real. Agora ele será realmente reconhecido como ele é, pois os homens possuirão verdadeiro conhecimento dele”.[6]

Esta cena de um triunfo real é tão gloriosa que, para retratá-la, é melhor recorrermos a um trovador do que a um acadêmico. Uma das descrições épicas vem da pena de J. R. R. Tolkien, que faz uma analogia da vinda de Cristo à sua

cidade em seu famoso romance, O retorno do rei. O que ele escreve a respeito do herói, Aragorn, levantando-se com sua cabeça recém-coroada, realmente se aplica à manifestação de Jesus Cristo como rei diante do cosmos reunido:

Todos que o viram pasmaram em silêncio, pois lhes parecia que ele lhes foi revelado agora pela primeira vez. Alto... ele estava em pé acima de tudo o que estava próximo; parecia alguém dos tempos antigos, contudo, estava na flor da idade; seu rosto mostrava sabedoria e em suas mãos estavam poder e cura, e uma luz o rodeava. Então, clamaram em voz alta, "Eis o rei!"[7]

Assim será, na história épica que ainda está por acontecer sobre o monte da cidade de Deus.

Quarto, e finalmente, vemos os efeitos do bendito governo desse glorioso rei. Zacarias mostrou a cidade de Deus, a igreja, exaltada entre as nações, um rio de graça jorrando e, como peça central, a coroação de Jesus Cristo como Senhor de todas as coisas. Agora ele fala dessa bem-aventurada cidade: "Habitarão nela, e já não haverá maldição, e Jerusalém habitará segura" (Zc 14.11).

Todo cristão aguarda essa coroação no fim da história, no qual nos encontramos atualmente, com todos os seus perigos e ameaças. James Boice escreve: "As mudanças exteriores na terra são simbólicas do que também será espiritualmente verdadeiro. O mal será eliminado da cidade. Deus estará com o seu povo, e a salvação fluirá como um rio que sai de Sião".[8] Provavelmente, a maior expressão gráfica que une todos esses temas encontra-se em Apocalipse 22.1-5, que parece olhar deliberadamente de volta para a profecia de Zacarias:

Então, me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da sua praça, de uma e outra margem do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos. Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela, estará o trono de Deus e do Cordeiro. Os seus servos o servirão, contemplarão a sua face, e na sua fronte está o nome dele. Então, já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor

Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos.

O reino de paz de Cristo

É assim que a Bíblia termina, assim como terminará a história, e, com isso, vem o convite para entrar nas bênçãos vindouras. “Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras [no sangue do Cordeiro], para que lhes assista o direito à árvore da vida, e entrem na cidade pelas portas” (Ap 22.14). “Vem!”, ele diz, “Aquele que ouve, diga: Vem! Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça da água da vida” (Ap 22.17). A salvação que aguarda todo o povo de Deus – vivos e mortos – no fim da história só vem por meio da fé em Jesus Cristo. Ele convida todos nós a lavarmos nossas vestes no sangue que ele derramou, crendo em seu nome e sendo purificados, para encontrarmos vida eterna nele.

E o que dizer sobre agora? Alguns dirão, “Fico contente por saber que, em algum momento no futuro, entrarei no céu conquanto permaneça firme em Jesus. Mas como vou vencer os inimigos que me afligem agora: as tentações, o poder do pecado e as dificuldades e perigos desta vida?” Se você deseja paz agora, você é como o povo da época de Zacarias, o qual habitava em Jerusalém com toda a sua fraqueza, buscando segurança e bênção em meio às suas dificuldades.

Mas essa mensagem não é somente para o futuro distante. Ela nos diz que, aonde Jesus Cristo chega para reinar, há paz. Isso é verdadeiro agora, assim como será em toda a terra naquele dia futuro. Zacarias profetiza a volta de Cristo à sua cidade com poderosa salvação. Se você, por meio da fé, coroar Jesus rei de sua vida, ele virá a você agora com o mesmo poder para tirar o seu pecado, purificar seus muros, fortalecê-lo para unir-se a ele em triunfo. E como rei, ele será o seu Senhor e protetor, conduzindo sua vida até “aquele dia” em que consumará a sua salvação, e você, como essa cidade, habitará em segurança e paz para sempre.

1 Lutero, Martinho. Luther’s Works. St. Louis: Concordia, 1973, 20:337.

2 McComiskey, Thomas E. The Minor Prophets: An Exegetical and Expository Commentary. Vol. 3. Grand Rapids: Baker, 1998, p. 1230.

3 Leoupold, H.C. Exposition of Zechariah. Grand Rapids: Baker, 1981, p. 259.

4 Moore, T. V. Haggai, Zechariah & Malachi. Edimburgo: Banner of Truth, 1979, p. 293.

5 Schaff, Philip. History of the Christian Church. Vol. 2. Peabody, MA: Hendrickson, 1858, reimp., 2002, p. 33.

6 Leupold. Zechariah, p. 267.

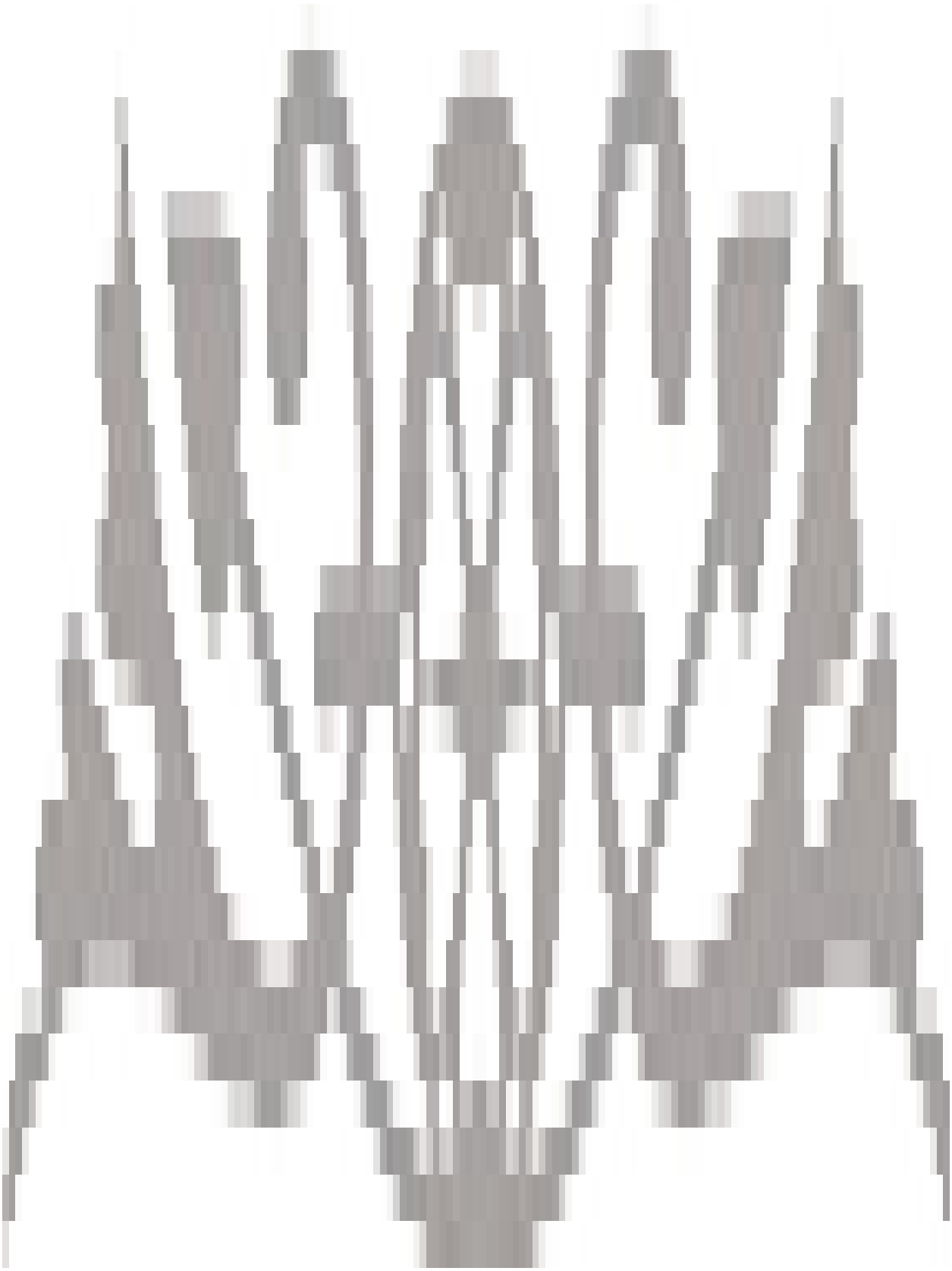
7 Tolkien, J. R. R. Return of the King. Boston: Houghton Mifflin, 1955, p. 947.

8 Boice, James Montgomery. The Minor Prophets. Vol. 2. Grand Rapids: Zondervan, p. 224.

27

SANTO AO SENHOR

Zacarias 14.12-21



Naquele dia, será gravado nas campainhas dos cavalos: Santo ao SENHOR; e as panelas da Casa do SENHOR serão como as bacias diante do altar; sim, todas as panelas em Jerusalém e Judá serão santas ao SENHOR dos Exércitos; todos os que oferecerem sacrifícios virão, lançarão mão delas e nelas cozerão a carne do sacrifício. Naquele dia, já não haverá mercador na Casa do SENHOR dos Exércitos (Zc 14.20-21).

No primeiro capítulo de Apocalipse, o apóstolo João nos mostra uma visão do Senhor Jesus Cristo exaltado. Dentre as características mais impressionantes que ele descreve, como cabelos reluzentes, olhos ardentes e um rosto que brilha como o sol, está: “Da boca saía-lhe uma afiada espada de dois gumes” (Ap 1.16). Os comentaristas geralmente concordam que este versículo retrata o caráter duplo do evangelho, o qual significa salvação para os que creem e juízo para os que não creem.

Há uma íntima relação entre Zacarias 14 e o livro de Apocalipse, ambos os quais contêm visões impressionantes do que está ainda por vir. Essa natureza dupla do evangelho é outro ponto de semelhança. A última profecia de Zacarias começa com uma visão da segunda vinda de Cristo para trazer salvação aos seus (Zc 14.1-11). Mas agora este capítulo acrescenta a severa realidade do juízo sobre os inimigos de Deus.

O julgamento das nações

Zacarias 14.1-5 mostrou o ataque das nações contra a cidade de Deus, o qual inicialmente foi bem-sucedido, mas, posteriormente, foi frustrado pela vinda do Senhor. Os versículos 6-11 continuam falando da salvação trazida ao seu povo pela vinda do Senhor. Agora, os versículos 12-15 contam o outro lado da história, o outro lado da espada. O profeta escreve: “Esta será a praga com que o SENHOR ferirá a todos os povos que guerrearem contra Jerusalém” (Zc 14.12). Em seguida, ele descreve o terrível juízo de Deus por meio de três cenas bem vívidas. Nos versículos 12-15, Zacarias usa termos que são naturais ao contexto do Antigo Testamento para comunicar a horrível realidade do juízo de Deus,

empregando o que parece ser uma colagem de exemplos e conceitos do Antigo Testamento. C. F. Keil escreve: “Para expressar a ideia de sua total destruição, unem-se todos os tipos diferentes de pragas e ataques pelos quais nações são destruídas”.[1]

O primeiro desses julgamentos envolve o apodrecimento do corpo dos que ainda estão vivos: “Sua carne se apodrecerá, estando eles de pé” (Zc 14.12). Este parece ser o tipo de praga descrita em Deuteronômio 28.22 e pode ser uma referência a Números 14.37, onde essa mesma palavra para praga é usada a respeito dos espias israelitas que trouxeram um relatório enganoso e foram afligidos perante o Senhor. Semelhantemente, o exército invasor de Senaqueribe foi exterminado por uma praga no lado de fora dos muros de Jerusalém (2Rs 19.35). Destacam-se, em especial, aqui os olhos que viram com cobiça a cidade de Deus – “Apodrecer-se-lhes-ão os olhos nas suas órbitas”. Também a língua com a qual blasfemaram contra o Senhor “lhes apodrecerá.. na boca” (Zc 14.12).

A segunda cena de juízo é a que tem inúmeros precedentes na história de Israel: “Naquele dia, também haverá da parte do SENHOR grande confusão entre eles; cada um agarrará a mão do seu próximo, cada um levantará a mão contra o seu próximo” (Zc 14.13). Foi assim que Deus derrotou os exércitos de Midiã por meio de Gideão e foi assim que Jônatas venceu os filisteus (Jz 7; 1Sm 14). Talvez mais notória tenha sido a vitória presenciada pelo o bom rei Josafá quando ele e o povo cantavam hinos de louvor a Deus: “Os filhos de Amom e de Moabe se levantaram contra os moradores do monte Seir, para os destruir e exterminar; e, tendo eles dado cabo dos moradores de Seir, ajudaram uns aos outros a destruir-se” (2Cr 20.23). Thomas V. Moore observa que essa figura de ímpios ferindo uns aos outros é um retrato apropriado do inferno. “No inferno haverá ódio”, ele diz, “em sua forma mais cruel e detestável. O pecado é agora a causa de todas as disputas na terra; deverá ser a causa de infindáveis disputas no inferno... Isto nada mais é do que o pecado em toda sua liberdade”.[2]

O foco destes versículos não é somente a realidade do juízo final de Deus, mas o terror disso para aqueles que foram condenados e sentenciados à eternidade no inferno. Hoje ouvimos bastante sobre o fato de o inferno não ser tão ruim como parece; frequentemente, parece ser precisamente o tipo de lugar para onde os pecadores gostariam de ser enviados. É verdade que o juízo de Deus envolve dar aos pecadores o que eles merecem, mas trata-se do pecado realizado ao seu objetivo final e absoluto, um lugar de tormento e amarga luta. “O inferno é simplesmente a ausência da presença de Deus”, muitos dizem. Sim, a graça e

misericórdia de Deus estarão ausentes, mas, como mostram essas figuras, o poder condenatório de Deus e sua santa justiça não se apartarão. O livro de Apocalipse usa outras figuras além dessas; ele fala de um “lago de fogo e enxofre, onde... serão atormentados de dia e de noite, pelos séculos dos séculos” (20.10). Diferentes livros usam imagens diferentes, então talvez devemos considerar estas cenas de Zacarias figuradamente. Porém, elas são figuras de algo que é bastante real e, de todo modo, muito piores do que meras palavras possam descrever.

A terceira cena do juízo de Deus parece moderada até que reflitamos sobre ela. Como boa parte de Zacarias 14, esta cena envolve um problema de tradução. A versão English Standard Version traduz “até os homens de Judá lutarão contra Jerusalém”. Mas, devido ao fato de o contexto descrever o livramento e bênção do povo de Deus, a ARA e a NIV provavelmente traduzem melhor: “Também Judá pelejará em Jerusalém” (Zc 14.14). Trata-se aqui não de discórdia, mas de unidade entre o povo de Deus. Zacarias frequentemente se expressou dessa maneira, com o povo das cidades vizinhas se unindo aos moradores da cidade para compor um só grupo, descrevendo a coesão do povo de Deus.

Mas o verdadeiro terror para o ímpio encontra-se na declaração seguinte: “E se ajuntarão as riquezas de todas as nações circunvizinhas, ouro, prata e vestes em grande abundância” (Zc 14.14). Isso ocorreu diversas vezes no Antigo Testamento. Para os inimigos de Deus, significa que tudo em que confiaram, tudo o que amaram, tudo sobre o que colocaram seu coração neste mundo será tirado deles no juízo. Eles serão despojados de todos os confortos e alegrias terrenas com os quais entorpeceram sua sensibilidade espiritual nesta vida. A terrível ironia para eles é que é a igreja, que nem sequer buscou esses tesouros, recebe as riquezas que eles amaram. H. C. Leupold diz acertadamente: “O princípio geral de toda a história é: as nações lutam, mas não alcançam o benefício último de seu esforço; a igreja se beneficia da herança adquirida”.[3]

O julgamento termina com Deus destruindo até mesmo o transporte utilizado por seus inimigos: “Como esta praga, assim será a praga dos cavalos, dos mulos, dos camelos, dos jumentos e de todos os animais que estiverem naqueles arraiais” (Zc 14.15). Isso provavelmente é uma alusão aos princípios da guerra santa do Antigo Testamento, em que Deus ordena a total destruição de tudo associado ao inimigo, incluindo o gado.

Antes de prosseguir para além dessas descrições claras, devemos observar as

expressões de um juízo universal. O versículo 12 diz que essa praga ferirá “todos os povos” que oprimem a igreja. O versículo 13 diz que “cada um” será pego em destruição mútua, e o versículo 14 diz que “as riquezas de todas as nações circunvizinhas” serão capturadas para recompensar o povo de Deus. Deve-se destacar a ideia central, a saber, que ninguém que se oponha a Deus, ninguém que no fim rejeite sua autoridade e despreze seu evangelho escapará do juízo final. Aqueles que odeiam e rejeitam a Deus agora terão de prestar contas a ele. Isto visa consolar o povo de Deus, afligido agora no mundo, de que Deus exigirá que todos os opressores de seu povo prestem contas. Podemos seguramente, então, deixar toda vingança para ele, gratos por sua salvação e ocupados na obra do evangelho.

O reino soberano de Cristo

Os versículos seguintes talvez sejam os mais difíceis de interpretar deste capítulo tão desafiador. Novamente, o profeta parece empregar figuras do Antigo Testamento para representar aos seus leitores uma realidade futura maravilhosa. Essa realidade descrita aqui é o reino soberano do Senhor quando ele vier para julgar a terra.

É difícil imaginar alguém sobrevivendo ao tipo de juízo divino já descrito, mas o versículo 16 diz: “Todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém subirão de ano em ano para adorar o Rei, o SENHOR dos Exércitos”. Esta é uma descrição figurada do reino de Cristo no final, na cidade na qual foram reunidos muitos das nações inimigas.

Os versículos 16 e 19 mencionam especificamente a festa dos tabernáculos no culto ao Senhor. Os comentaristas dão duas explicações principais. Primeiro, esta festa celebrava o livramento provido por Deus para o seu povo no êxodo. Agora, na verdadeira e final Terra Prometida celestial, o Senhor Jesus recebe louvor por conduzir como pastor o seu povo até a terra prometida final. Segundo, a festa dos tabernáculos (ou barracas) celebra “a reunião das nações ao Senhor e especialmente sua habitação entre elas”.[4] Somente esta festa durava oito dias, fato que muitos acreditavam indicar o estado eterno além da ressurreição, do qual Apocalipse 21.3 diz: “Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará [tabernaculará] com eles”.

Estes versículos mostram a soberania do reinado de Cristo como rei, à medida que recebe louvor universal. Novamente, Zacarias emprega figuras da história do Antigo Testamento para retratar o poder absoluto de seu governo. O versículo 17 diz: “Se alguma das famílias da terra não subir a Jerusalém para adorar o Rei, o SENHOR dos Exércitos, não virá sobre ela a chuva”. Isso lembra o juízo de Deus contra a nação rebelde dos dias de Elias (Dt 28.23-24). Durante três anos não houve nada de chuva por causa da apostasia da nação, contudo, o fato não provocou arrependimento e uma fé renovada. Agora, esse reino é plenamente bem-sucedido em promover submissão. O versículo 18 observa que uma retenção da chuva teria pouco efeito sobre o Egito, que se abastece com a água do rio Nilo, então o Senhor reforçará sua vontade sobre ele por meio das pragas: “Se a família dos egípcios não subir, nem vier, não cairá sobre eles a chuva; virá a praga com que o SENHOR ferirá as nações que não subirem a celebrar a Festa dos Tabernáculos”.

Essa ameaça tem especial pungência para a terra de Faraó, cuja resistência já havia sido quebrada uma vez pelas pragas de Deus (Êx 7–11). Dessa maneira, como resume o versículo 19, todas as nações que “não subirem para celebrar a Festa dos Tabernáculos” serão punidas. Estes versículos cumprem o que foi profetizado sobre o Filho de Deus no salmo 2.8-9: “Pede-me, e eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão. Com vara de ferro as regerás e as despedaçarás como um vaso de oleiro”.

Para aqueles que concordam com a visão dispensacionalista do milênio, esses versículos representam uma exposição clara e literal do que acontecerá após o retorno de Jesus Cristo. Depois de retornar à cidade de Jerusalém, que será fisicamente sitiada pelas nações da terra, Cristo as derrotará e estabelecerá o seu trono terreno a partir daquela cidade. Por mil anos ele supervisionará o que resultará no estabelecimento universal da religião do Antigo Testamento, literalmente empregando secas e pragas sobrenaturais para reforçar seu governo. Somente após mil anos do reino terreno de Cristo se iniciará a batalha final, seguida do dia do juízo e do estado eterno de glória.

Embora eu admire o esforço de interpretar o texto da Bíblia em sua expressão mais simples, ainda resisto a essa interpretação específica por vários motivos. Primeiro, e principalmente, ela vislumbra o retorno do Senhor Jesus Cristo no fim da era do evangelho para estabelecer a lei de Moisés, o que é uma regressão impensável da história da redenção. O livro de Hebreus torna claro que a lei foi uma sombra que passou com a vinda da realidade de Cristo (Hb 10.1). É

impossível imaginar Jesus, tendo derramado seu próprio sangue uma vez por todas, voltar a exigir o sangue de bois, cabritos e cordeiros para a remissão de pecados. Hebreus 9.28 diz: “Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação”. Essa é a falha inevitável no pensamento daqueles que aguardam a reconstrução do templo de Jerusalém e o restabelecimento da religião do Antigo Testamento como uma forma de avanço no programa redentor de Deus.

Segundo, como vimos no capítulo anterior, há plenas razões para ligar Zacarias 14 ao estado final e eterno do céu, descrito no final do livro de Apocalipse. Os versículos 6 e 7 falam de uma mudança na ordem da natureza, um novo dia que se enquadra muito proximamente nas cenas de Apocalipse 21 e 22. Ao falar de Jerusalém, o apóstolo João refere-se claramente à igreja, não a uma cidade terrena: “Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens” (Ap 21.2-3). Este capítulo descreve, portanto, não um hiato milenar da Jerusalém terrena, mas o fim em glória, a “cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador” (Hb 11.10).

Terceiro, apesar de admirarmos a devoção ao texto das Escrituras, esse tipo de literalismo compreende mal a mensagem comunicada por esse gênero da literatura bíblica. O profeta emprega as descrições dos versículos 16-19 não para oferecer detalhes do dia vindouro, mas para comunicar o poder absoluto do reino de Cristo e a adoração que ele recebe.

Mas há outro elemento envolvido nesta descrição. Malaquias, o último livro do Antigo Testamento, termina olhando adiante, para a vinda de João Batista, que iria adiante do Senhor, então, desse modo, todo o Antigo Testamento termina olhando adiante, para Cristo. O penúltimo livro é Zacarias e, de certo modo, ele faz uma retrospectiva e resume toda a era profética. Zacarias usa de forma consistente as expressões e símbolos dos profetas anteriores a ele. Ele foi o último profeta antes de Cristo a ser morto pelo povo de Jerusalém; Jesus nos diz que ele foi “morto entre o santuário e o altar” (Mt 23.35). Com ele, a sucessão profética do Antigo Testamento se resume, uma vez que olha para frente, para o dia do Senhor.

Agora, no fim de seus escritos, Zacarias olha de volta para Elias e diz, “Tu

fizeste cessar a chuva por três anos e, mesmo assim, o povo não se arrependeu, mas virá o dia em que tua esperança se cumprirá e o reinado do Senhor será bem-sucedido". Para Moisés, cujas pragas derrotaram a força de Faraó, mas nunca quebraram seu desejo idólatra, ele diz: "Virá o tempo em que todo joelho se dobrará e toda língua confessará que o Senhor é rei". Até quando! Foi o lamento de todos os profetas, quando olhavam para um mundo rebelde inimigo de Deus e recuavam diante da monstruosidade da incredulidade. A todos os seus companheiros profetas, Zacarias, no fim de sua era, proclama: "Vem o dia do Senhor, e o Senhor será adorado e obedecido em todo o seu poder!"

Zacarias nos diz que a esperança de todos os profetas se cumprirá na vinda e no reinado de Nosso Senhor Jesus Cristo. Começamos esses estudos em Zacarias observando que este é um dos livros do Antigo Testamento mais cristocêntricos. Nosso objetivo sempre é pregar Cristo a partir das Escrituras, mas Zacarias precisa ser especialmente interpretado em termos de seu foco em Cristo. Em todos os capítulos o encontramos. No capítulo 1, ele apareceu entre as murteiras, montado sobre um cavalo vermelho, proclamando o cuidado do Senhor pelo seu povo sitiado. No capítulo 2, ele veio com uma linha de medir, como arquiteto da obra restauradora de Deus. O capítulo 3 apresenta um dos principais retratos de Cristo no Antigo Testamento, retirando as vestes manchadas do imundo sumo sacerdote. "Eis", ele diz naquela ocasião como diz agora, "que tenho feito que passe de ti a tua iniquidade" (Zc 3.4). O capítulo 4 apresenta as duas oliveiras para falar da união da linhagem sacerdotal com a real, a qual, no capítulo 6, é retratada pela entronização do sumo sacerdote. Os capítulos 7 e 8 proclamam o dia de festa para encerrar o jejum. No capítulo 9, ele vem como humilde rei, "justo e salvador, humilde, montado em jumento" (Zc 9.9). No capítulo 10, ele é a pedra angular e a estaca onde se apoiam as esperanças de Judá. O capítulo 11 apresenta o Bom Pastor, rejeitado pelo rebanho. No capítulo 12, ele é traspassado, aquele para quem seu povo olha e pranteia por causa do pecado. O capítulo 13 fala da fonte que jorra dele, para purificar aqueles que pranteiam pelo pecado e impureza. Agora, no fim da obra de Cristo, tão plenamente relatada por esse importante profeta que resume todos os demais – no final de uma história que é centrada em Cristo e encontra seu fim em sua glória – nosso Salvador é estabelecido sem questionamento, sem negação, sem oposição, como Senhor de todos. Ele é o rei soberano que é não só digno, mas que, na verdade, recebe a honra de toda a criação subjugada. Esta é a mensagem de toda a Bíblia, e ela se cumpre no glorioso reinado de Cristo.

Santo ao Senhor

Todo rei precisa de um consorte e, como o livro de Ester mostra, somente a mais bela noiva o satisfará. Portanto, a conclusão de todo o desejo de Deus na história é coroada não só com o reinado eterno de Cristo como Senhor, mas também na apresentação de uma santa e perfeita noiva para o Filho de Deus. Paulo nos diz em Efésios que Cristo conquistou este mundo não apenas para estabelecer o seu trono – o que ele poderia ter feito sem ter de morrer pelo pecado – mas também para "apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito" (Ef 5.27). De acordo com Efésios 1.4, isso cumpre a intenção do plano de Deus desde o princípio: "[Deus] nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele" (1.4). O grande propósito de Deus é que toda a criação seja santa, lavada da culpa pelo sangue de Cristo e renovada pelo Espírito. Como é maravilhoso ler, então, como conclusão de todo o livro de Zacarias, um retrato desse mesmo cumprimento de forma abrangente e final. Zacarias se preocupou em todo o livro em expressar a glória da cidade redimida de Deus e, nessa esperança, seus olhos se voltam para o fim: "Naquele dia", escreve o profeta, "será gravado nas campainhas dos cavalos: Santo ao SENHOR; e as panelas da Casa do SENHOR serão como as bacias diante do altar" (Zc 14.20).

Esta declaração é paralela a muitas outras nas Escrituras que apresentam o reinado eterno de Cristo em glória. Isaías conclui com a cidade purificada em uma nova criação. Ezequiel conclui sua visão final da cidade celestial dizendo: "O nome da cidade desde aquele dia será: O SENHOR Está Ali" (48.35). O livro de Apocalipse apresenta a forma mais desenvolvida dessa profecia, dizendo sobre a cidade: "Nela, nunca jamais penetrará coisa alguma contaminada, nem o que pratica abominação e mentira, mas somente os inscritos no Livro da Vida do Cordeiro" (21.27).

Os últimos versículos do profeta Zacarias apresentam o mesmo fim triunfante – a total santidade da cidade de Deus na nova criação. Primeiro, ele se refere à inscrição que, no Antigo Testamento, era usada no adorno do sumo sacerdote, Santo ao Senhor, porém, agora, diz que ela será tão comum que será inscrita "nas campainhas dos cavalos" (Zc 14.20). Thomas McComiskey explica: "O governo de justiça será tão abrangente na nova ordem que até os objetos mais comuns serão santos a Deus. Nada pertencerá à esfera do comum ou profano. Até mesmo os arreios dos cavalos serão santos a Deus".[5] Com todo o pecado removido, tudo na cidade de Deus será santificado e consagrado para ele ao ponto alcançado

somente pelo turbante do sumo sacerdote.

Segundo, “as panelas da Casa do Senhor serão como as bacias diante do altar” (Zc 14.20). As vasilhas que derramavam o sangue do sacrifício eram especialmente sagradas, mas, a partir de então, as panelas do templo se tornarão igualmente consagradas. Todas as coisas do templo de Deus serão igual e perfeitamente santas. Terceiro, lemos: “Todas as panelas em Jerusalém e Judá serão santas ao SENHOR dos Exércitos; todos os que oferecerem sacrifícios virão, lançarão mão delas e nelas cozerão a carne do sacrifício” (Zc 14.21). O mais alto grau de santidade permeará toda casa, e até as vasilhas mais comuns alcançarão a medida mais alta de santificação.

Finalmente, o versículo 21 conclui: “Naquele dia, já não haverá mercador na Casa do SENHOR dos Exércitos”. O texto hebraico literalmente diz que nunca mais haverá “um cananeu” no templo de Deus. Esse termo se refere ao povo incrédulo que Deus condenou e destruiu quando Israel entrou na Terra Prometida. Nos tempos de Zacarias, o termo era normalmente usado para fazer referência a todos os incrédulos, mas principalmente aos comerciantes desonestos. Dentre aqueles que se identificam com Deus, naquele dia não haverá ninguém que seja cananeu de coração. O quadro é de uma santidade total e completa: na esfera da vida pública, retratada pelos sinetes dos cavalos nas ruas; na vida religiosa, mostrada pelas panelas no templo do Senhor; e, finalmente, na vida particular e doméstica, que será completamente santificada a Deus, até as vasilhas e panelas mais insignificantes.[6]

Zacarias está dizendo que o céu será completamente santo. Todo o propósito e plano redentor de Deus, desde a eternidade, perpassando todas as eras, tem como seu objetivo um povo perfeitamente santo em uma cidade perfeitamente santa. É isto que o reinado de Cristo alcança: santidade produzindo louvor a Deus e bênçãos para o seu povo.

Este é o maior encorajamento a todo o povo de Deus, mas também nosso maior desafio. O fluxo desses últimos capítulos de Zacarias nos diz por que isso é tão encorajador. Este último capítulo faz parte de um extenso oráculo iniciado no capítulo 12. Lembre-se de como começou: com Jerusalém enfraquecida e sitiada, cercada por exércitos buscando sua destruição. Deus não podia ter retratado um início mais desolador, nem mais apropriado para nossa própria condição nesta vida – fraca, cambaleante, tentada, corrupta. Mas veja como termina essa história, tudo por causa do sangue purificador de Cristo e por meio de seu

reinado de graça. Até o último centímetro quadrado daquela mesma cidade agora tem a inscrição SANTO AO SENHOR!

Um dia Deus conquistará a mesma vitória em nossa vida, por mais fracos e derrotados que possamos estar no início. “Aquele que começou boa obra em vós”, escreve Paulo, “há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus” (Fp 1.6). Em Romanos 8.30, ele declara: “Aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou”. Martyn Lloyd-Jones escreve eloquentemente sobre a certeza de nossa santificação quando estamos em Cristo:

Não somos escolhidos com a possibilidade de sermos santos, mas para a realização da santidade. Deus não nos escolheu antes da fundação do mundo a fim de criar para nós a possibilidade de santidade; ele nos escolheu para santidade. É o que ele planejou para nós; não possibilidade, mas realização... Deus o tornará santo, porque ele o escolheu para a santidade.[7]

Não há melhor notícia do que a que anuncia um futuro santo em perfeita glória! Mas este é também nosso maior chamado e dever nesta vida. Como Paulo declara em 1Tessalonicenses 4.3, “esta é a vontade de Deus, a vossa santificação”.

A santificação é progressiva nesta vida. É um processo que nunca se completa antes de nossa morte. Paulo disse sobre si mesmo:

Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus... uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus (Fp 3.12-14).

O apóstolo João escreve em sua epístola sobre a maravilha de saber que, se

temos confiado em Cristo, somos destinados à santidade. “Amados”, ele escreve, “agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é” (1Jo 3.2). João mostra como essa confiança produz uma determinação de trabalhar em favor do próprio fim desta vida. Ele acrescenta: “A si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro” (1Jo 3.3). Ter confiança na própria santidade perfeita na eternidade é inseparável da busca de santidade na vida. Jonathan Edwards estava certo quando disse: “O início das coisas futuras está neste mundo. A semente precisa ser semeada aqui; o fundamento deve ser lançado neste mundo... Se não começar aqui, nunca começará... A luz precisa brilhar neste mundo, do contrário o sol nunca surgirá no próximo”.[8] Portanto, todos aqueles que esperam o céu devem buscar uma vida celestial aqui na terra.

Na terra como no céu

Deixe-me concluir, então, com uma observação e uma pergunta. A observação diz respeito à necessidade de santidade. “Bem-aventurados os limpos de coração”, disse Jesus, “porque verão a Deus” (Mt 5.8). O autor de Hebreus fala de modo semelhante quando exorta: “Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (12.14). São afirmações claras e diretas dizendo que, a não ser que sejamos feitos santos, não poderemos nos aproximar de Deus. É verdade que nossa santidade é obra de Deus em nós e para nós, por intermédio da purificação do sangue de Cristo e pela habitação do Espírito Santo. Mas, em comparação à justificação, que recebemos de mãos vazias pela fé somente, a santificação é obra para a qual Deus nos chama como seus auxiliares. Foi isso que Paulo quis dizer quando escreveu: “Desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2.12-13).

Isso me leva a uma pergunta: “Do que você acha que gostará no céu se você não ama a santidade hoje?” O céu, entendemos, é totalmente santo. Os anjos são santos. A adoração lá é uma santidade infindável. O Deus três vezes santo reina ali, dando a santa luz para sua cidade. Portanto, se você acha difícil vir à igreja, permanecer no culto, ouvir sobre Deus e cultuá-lo, como acha que vai ser no céu? Não será lugar para você, a não ser que a semente da santidade seja semeada e cresça em você agora. A questão é que a santidade é necessária a todo

cristão e, sem ela, nunca poderemos contemplar o Senhor no céu. Robert Traille corretamente conclui:

Ó, senhores, não enganem sua própria alma; a santidade é absolutamente necessária... Não é absolutamente necessário que você seja famoso ou rico neste mundo, mas é absolutamente necessário que você seja santo; não é absolutamente necessário que você desfrute de saúde, força, amizades, liberdade, vida, mas é absolutamente necessário que você seja santo. Alguém pode ver o Senhor sem prosperidade terrena, mas ele nunca verá o Senhor a não ser que tenha santificação.[9]

Como nos tornamos santos? Pela renovação da nossa mente e do nosso coração por meio da Palavra de Deus e no poder do Espírito Santo. É disso que trata este último capítulo de Zacarias. O maior incentivo possível à santidade consiste daquilo que estes últimos versículos colocam diante de nossos olhos de fé: a glória de Deus na santidade de seu povo pelo reinado redentor do Senhor Jesus Cristo. Se este é o grupo a que você pertence – se este é o Senhor a quem você ama e serve – então você não pode simplesmente olhar para esta cena sem desejar mais daquela santidade no presente, a qual, algum dia, será perfeitamente sua; sem se esforçar por viver em santidade na esfera prática de sua vida; sem clamar a Deus: “Senhor, torna-me santo, para a glória de teu nome e por amor de Jesus Cristo!” Se você olhar para essa sua cidade, os sinetes e as panelas, os objetos mais comuns e insignificantes, todos os quais têm a inscrição SANTO AO SENHOR, poderá ter certeza de que Deus responderá à oração à medida que você confiar nele. E, naquele maravilhoso dia futuro, você estará lá. O Deus que lhe concede entrada nessa cidade pela fé somente em Cristo o capacitará para viver lá com ele para sempre. Ele o tornará perfeitamente santo em glória manifesta. A ele seja a glória, agora e para sempre.

1 Keil, C. F.; Delitzsch, F. Commentary on the Old Testament. Vol. 10. Peabody, MA: Hendrickson, reimp. 1996, p. 624.

2 Moore, T. V. Haggai, Zechariah & Malachi. Edimburgo: Banner of Truth, 1979, p. 310.

3 Leupold, H. C. Exposition of Zechariah. Grand Rapids: Baker, 1981, p. 272.

4 Feinberg, Charles. Zechariah: God Remembers. Portland, OR: Multnomah, 1965, p. 203.

5 McComiskey, Thomas E. The Minor Prophets: An Exegetical and Expository Commentary. Vol. 3. Grand Rapids: Baker, 1998, p. 1244.

6 Veja Baron, David. The Visions and Prophecies of Zechariah. Grand Rapids: Kregel, 1972, p. 531.

7 Lloyd-Jones, D. Martyn. An Exposition of Ephesians. Vol. 1. Grand Rapids: Baker, 1978, p. 103-104.

8 Edwards, Jonathan. Altogether Lovely. Morgan, PA: Soli Deo Gloria, 1999, p. 225-226.

9 Traille, Robert. In: Ryle, J.C. Holiness: Its Nature, Hindrances, Difficulties and Roots. Durham: Evangelical Press, 1979, p. 322-323.